



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (PPGJOR)

Magali Moser

O método da reportagem: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais

Florianópolis

2021

Magali Moser

O método da reportagem: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de doutora em Jornalismo.

Orientador: Prof. Eduardo Vianna Barreto Meditsch, Dr.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Moser, Magali

O método da reportagem : um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais / Magali Moser ; orientador, Eduardo Barreto Vianna Meditsch, 2021.
412 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Reportagem. 3. Metodologia do jornalismo. 4. Repórteres especiais. 5. Conhecimento tácito. I. Meditsch, Eduardo Barreto Vianna. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Jornalismo. III. Título.

Magali Moser

O método da reportagem: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Raúl Hernando Osorio Vargas, Dr.
Instituição Universidad de Antioquia, Colômbia

Profa. Valci Regina Mousquer Zuculoto, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Jorge Kanehide Ijuim, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Jornalismo.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2021

À minha mãe Marli e ao meu pai Leandro, incentivadores permanentes da minha busca por conhecimento.

À minha prima Amanda (*in memoriam*), a quem sou grata pelo convívio e aprendizado.

Ao povo brasileiro, que merece um jornalismo de qualidade, capaz de mostrar caminhos e possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Quando repórter, ouvi de um antigo chefe na redação que “estudar depois da graduação é bobagem.” Esse pensamento desarticulado entre teoria e prática se repete nos depoimentos de jornalistas. Na apresentação de *Repórteres*, uma coletânea com 11 relatos de profissionais consagrados no Brasil (dois deles entrevistados para esta tese), Audálio Dantas (1998, p. 9) resume: “‘repórteres, meu senhor, são pessoas que perguntam’ – esta é uma definição quase perfeita de repórter. Não está em nenhum manual de redação, nem em qualquer dessas alentadas teses de doutorado em jornalismo.” No mesmo livro, Ricardo Kotscho (1998, p. 187) elege a falta de prática como responsável por muitos jornalistas idolatrarem “os professores doutores, as teses, as teorias.” Em *Por trás da notícia: o processo de criação das grandes reportagens*, Edson Flosi (2012, p. 10), ao reviver as próprias memórias como repórter, lamenta em tom nostálgico: “a redação mudou muito e o jornalismo passou a ser praticado por acadêmicos.”

Apesar dos avanços dos últimos tempos, com a criação de cursos de pós-graduação focados em Jornalismo, parte desse imaginário ainda persiste entre o grupo profissional, acostumado a ver a atividade como *essencialmente prática*. Recupero essas passagens de ressalvas à academia, ainda mais forte nas gerações que me antecederam, como parte das vivências como jornalista na caminhada que me traz até aqui. Afinal, a escolha do objeto de estudo conta também dessa trajetória. Desde o ingresso no doutorado, em agosto de 2017, percorri uma estrada sinuosa, num vai e vem com muitas dúvidas e desvios. Em certos momentos, essa estrada pareceu um labirinto sem saída. Não só pelas angústias e conflitos próprios de quem faz uma tese, mas também pelas dores e traumas coletivos, num contexto mais amplo, com a estupidez ocupando o poder pelo voto, a celebração do obscurantismo e, ainda, todas as adversidades impostas pela pandemia de Covid-19 e suas consequências.

Nesse cenário de perdas e lutos - com mais de 600 mil mortes em decorrência da doença no Brasil até início de 2022, muitas das quais evitáveis se houvesse responsabilidade no enfrentamento dos casos -, cabe valorizar o essencial. Afinal, estar viva é um privilégio! Como sou grata por ter chegado até aqui viva e com saúde! Registro meus sentimentos e solidariedade a todas as pessoas que sofreram com a dor da perda de um ente querido e não tiveram chance de despedida. Entre muitas dificuldades, incertezas e inseguranças, a convivência com algumas pessoas se mostrou fundamental. Por isso, é necessário esse momento de parada para agradecer àquelas e àqueles que me ajudaram a compor essa trama de sentidos. A começar, ao universo, pelas oportunidades diárias.

Ao meu orientador, professor Eduardo Meditsch, pelos aprendizados e incentivos desde o nosso encontro no mestrado, na disciplina de Teorias do Jornalismo. Agradeço sua confiança, dedicação e ajuda fundamental, guiando todo o processo e tornando mais compreensível a apresentação de ideias e resultados. À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC), que sempre me atendeu prontamente nos seis anos onde lá permaneci.

Aos repórteres especiais que entrevistei, Adriana Carranca, Andrea Dip, Armando Antenore, Caco Barcellos, Chico Felitti, Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natalia Viana e Renan Antunes de Oliveira (*in memoriam*), por procurarem praticar um jornalismo que não se contenta com a zona de conforto e por aceitarem dividir suas experiências comigo, trazendo sempre novas questões.

À toda a equipe do programa *Profissão Repórter*, com quem conversei durante a pesquisa exploratória... Alexandre Grammont, Beatriz Almeida, Caio Cavechini, Danielle Zampollo, Eliane Scardovelli, Erik Von Poser, Gabriel Mitani, Guilherme Belarmino, Janaina Pirola, Júlio Inácio, Júlio Molica, Márcia Gonçalves, Mayara Teixeira, Natália Tavolieri, Rafael Laranjeira, Rogério Gottardi, Sara Pavani e, novamente, Caco Barcellos, pela atenção desde o primeiro contato. Agradeço ainda à Rede Globo por ter compreendido meu papel de pesquisadora e autorizado a minha permanência na redação para acompanhamento das rotinas produtivas.

A todos os colegas jornalistas que dedicaram seu tempo para responder ao questionário inicial, enviado por *e-mail*, com o apoio da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) na figura da gerente-executiva da entidade, Marina Atoji.

Aos professores Alberto Cupani, Cremilda Medina, Marialva Barbosa e Nilson Lage (*in memoriam*), por me possibilitarem o diálogo acerca de suas obras e a atualização de alguns de seus pensamentos e conceitos. Obrigada por me estimularem com suas contribuições. Ao professor Richard Perassi Luiz de Souza, por me apresentar os processos envolvidos na gestão do conhecimento, área sobre a qual me aproximei durante a realização desta pesquisa.

A Henrique Faerman, sobrinho de Marcos Faerman, por ceder gentilmente para esta pesquisa a cópia do livro inédito do tio.

Aos professores Daisi Vogel (esta também pelas partilhas no estágio de docência), Liriam Sponholz e Raúl Hernando Osorio Vargas, pelos apontamentos, críticas e sugestões enriquecedoras na banca de qualificação. E também a todo o corpo docente do PPGJOR/UFSC e aos servidores da UFSC pela excelência do trabalho e por honrar a universidade pública brasileira. Aos professores com quem tive aulas ao longo desse período... Rogério

Christofoletti, Samuel Lima (este também pelas trocas no estágio de docência), Valci Zuculoto, Jorge Kanehide Ijuim, Daiane Bertasso, Gislene Silva, Cárlica Emerim, Maria Cecília Guirado, Jeana dos Santos, Mauro Silveira e Carlos Locatelli.

À Vanessa Eskelsen e Julia Diêgoli, pelo auxílio com a transcrição das entrevistas. E à Daniele Rohr, pela leitura e revisão.

Ao professor Francisco José Castilhos Karam, pelas primeiras conversas originárias desta tese.

Aos estudantes e professores do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB), com quem pensei algumas das questões discutidas aqui.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC), por ter viabilizado, por meio de bolsa mensal, a oportunidade de dedicação integral ao doutorado e realização desta pesquisa.

Agradeço aos colegas do PPGJOR e amigos sempre presentes, com quem compartilhei inquietações, dramas e alegrias do percurso... Rafael Winch, Criseli Montipó, Nayane Britto, Janaíne Kronbauer, William Robson, Juliana Bezerra, Miriam Santini de Abreu, Maurício Frighetto, Kérley Winques, Janara Nicoletti, Vaniucha de Moraes, Dairan Paul, Leoní Serpa, Cândida Oliveira, Marisvaldo de Lima e Ana Cândido. Confidentes e parceiros para além desta jornada!

À amiga Elis Facchini, que me acompanha desde a graduação, e ao Paulo Zembruski, por me acolherem de forma tão generosa todas as vezes que precisei ir a São Paulo para o trabalho de campo.

A André Souza Martinello, principal entusiasta, companheiro e amante desta vida, pela entrega, suporte, paciência e cumplicidade nos momentos de fraqueza e de alegria compartilhados desde a seleção do doutorado até a entrega deste trabalho. Obrigada por incentivar meus sonhos e dividir comigo os teus! À minha estimada mãe Marli Graciola e ao meu querido pai Leandro Moser, por todo o amor, pelo estímulo, cuidado e apoio permanente. Obrigada por serem exemplo e terem me ensinado desde cedo o valor do conhecimento! À minha irmã Márcia, pelo companheirismo ilimitado e por despertar meu interesse pelo jornalismo. Também pela compreensão das minhas ausências. À Geni Mafra Souza, Rodrigo Souza e Lalo Paulino pelo apoio logístico e pelas partilhas de afeto.

“Não há conhecimento, sem conhecimento do conhecimento.”

(MORIN, 1999, p. 34)

RESUMO

A reportagem tem sido apontada por vários autores e em diferentes contextos como a “essência” da atividade jornalística. No entanto, a maior parte dos estudos sobre jornalismo foca, em vez dela, apenas na produção da notícia, restringindo e empobrecendo a compreensão do jornalismo como atividade intelectual. Esta pesquisa apresenta como objetivo central avançar na explicitação do método da reportagem em profundidade, aquela que transgride os limites, condicionamentos e restrições impostos pelas rotinas e padrões dominantes na indústria jornalística. Para tanto, busca: a) identificar modos de compreensão da reportagem na literatura sobre jornalismo; b) contextualizar historicamente o desenvolvimento da reportagem; c) conhecer como repórteres especiais percebem e interpretam o que realizam no campo; d) analisar e sistematizar as visões dos repórteres especiais sobre os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração acionados por eles na produção da reportagem em profundidade. O referencial teórico parte da concepção do jornalismo como forma social de conhecimento (PARK, 1940; GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992), dos conceitos de conhecimentos tácito e explícito (TAKEUCHI; NONAKA, 2008) e das competências jornalísticas (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987). Depoimentos coletados em pesquisa documental e entrevistas em profundidade com 12 *repórteres especiais* com atuação no Brasil servem como objeto empírico. O corpus se baseia nas respostas de Adriana Carranca, Andrea Dip, Armando Antenore, Caco Barcellos, Chico Felitti, Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natália Viana e Renan Antunes de Oliveira. Como guia para os procedimentos metodológicos, a análise de conteúdo tem como critérios os três saberes jornalísticos: de reconhecimento, de procedimento e de narração. Os resultados revelam dificuldades dos profissionais em explicitar suas metodologias de trabalho, com a tendência de reduzi-la a *insights* pessoais e percepções subjetivas e simplificadas como “faro jornalístico” ou “fazeres naturais”. Porém, a análise permite identificar semelhanças e regularidades no processo de produção, subjacentes aos fazeres individuais, demonstrando a existência de um método de reportagem profissional institucionalizado, embora pouco percebido e valorizado nos relatos, que costumam enfatizar apenas a idiosincrasia de seus autores.

Palavras-chave: reportagem; conhecimento tácito; metodologia do jornalismo; repórteres especiais.

ABSTRACT

The report has been pointed for many authors, and in different contexts, as the journalistic activity “essence”. However, most journalism studies focus only in a news production, restricting and impoverishing the understanding of journalism as an intellectual activity. This research presents as its central object advance in the clarification the methodology of depth reporting, the one who transgresses the limits and restrictions imposed by the dominant routines and standards in the journalistic industry. For that, searches: a) identify ways of understanding reporting in journalism literature; b) historically contextualize the development of the report; c) know how special reporters perceive and interpret what they do in the field; d) analyze and systematize the views of special reporters on the knowledge of recognition, procedure and narration used by them in the production of the reporting. The theoretical reference is based on the conception of journalism as a social form of knowledge (PARK, 1940; GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992), the concepts of tacit and explicit knowledge (TAKEUCHI; NONAKA, 2008) and journalistic skills (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987). Testimonies collected from documentary research and depth interviews with 12 *special reporters* working in Brazil serve as an empirical object. The corpus is based on the responses of Adriana Carranca, Andrea Dip, Armando Antenore, Caco Barcellos, Chico Felitti, Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natália Viana and Renan Antunes de Oliveira. As a guide for methodological procedures, content analysis is based in the three journalistic knowledge: recognition, procedure and narration. The results reveal the professionals difficulties in explaining their work methodologies, with a tendency to reduce it to personal insights and subjective and simplified perceptions such as “nose for news” or “natural practices”. Although, the analysis allows the identification of similarities and regularities in the production process, underlying the individual actions, demonstrating the existence of an institutionalized professional reporting method, however, little perceived and valued in the reports, which tend to emphasize only the idiosyncrasies of its authors.

Keywords: report; tacit knowledge; journalism methodology; special reporters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espiral do Conhecimento ou Modelo SECI.....	63
Figura 2 – Redação do Programa Profissão Repórter, na sede da Rede Globo, em São Paulo	390
Figura 3 – Editor de imagem do programa, Júlio Inácio, integrante da equipe desde o início, numa das ilhas de edição	390
Figura 4 – Repórter Mayara Teixeira durante apuração de uma reportagem para o programa, em novembro de 2018	391
Figura 5 – Caco Barcellos entre papeis, notas e anotações, na coordenação da equipe.....	391
Figura 6 – Anúncio de localização da sala do programa, nos corredores da sede da emissora	392
Figura 7 – Fachada de entrada do grupo reservada a visitantes (Rua Evandro Carlos de Andrade, Brooklin Novo).....	392
Figura 8 – Editor-executivo do programa, Caio Cavechini, durante palestra na UFSC, em 2019	393
Figura 9 – Vista panorâmica da redação dos telejornais da Globo	393
Figura 10 – Registro sobre o programa Profissão Repórter no Jornal do Brasil em 11 de novembro de 2007	410
Figura 11 – Registro sobre o programa Profissão Repórter no Jornal do Brasil em 11 de novembro de 2007	410
Figura 12 – Repercussão em torno da estreia do programa, em 2006, no Correio Braziliense	411
Figura 13 – Entrevista de Caco Barcellos para Mônica Bergamo em 29 de abril de 2018....	411

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características que definem a reportagem.....	73
Quadro 2 – Considerações sobre reportagem nos estudos de gêneros jornalísticos.....	76
Quadro 3 – Local, data e duração das entrevistas com repórteres especiais	158
Quadro 4 – Local, data e duração das conversas informais com teóricos	159
Quadro 5 – Formação educacional dos repórteres especiais selecionados para a pesquisa ...	192
Quadro 6 – Compreensões teóricas sobre o método da reportagem em profundidade	241
Quadro 7 – Sistematização de respostas sobre a pauta, ou saber de reconhecimento	246
Quadro 8 – Sistematização de respostas sobre a apuração, ou saber de procedimento.....	275
Quadro 9 – Sistematização de respostas sobre a narrativa, ou saber de narração	313
Quadro 10 – Sistematização de respostas sobre a pauta ou saber de reconhecimento	394
Quadro 11 – Sistematização de respostas sobre o processo de apuração ou saber de procedimento	397
Quadro 12 – Sistematização de respostas sobre o percurso de criação da narrativa	400

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABJL	Academia Brasileira de Jornalismo Literário
ABRAJI	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
AI-5	Ato Constitucional nº 5
ANDI	Agência de Notícias dos Direitos da Infância
CBN	Central Brasileira da Notícia
CEPHS	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
Coojornal	Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ENECOM	Encontro Nacional dos Estudantes da Comunicação
FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas
FNPI	Fundação Novo Jornalismo Iberoamericano
JN	Jornal Nacional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
REC	Repórteres em Construção
SBPJOR	Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
SJSC	Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	PONTOS DE PARTIDA E BASES TEÓRICAS.....	25
2.1	JORNALISMO COMO CONHECIMENTO	26
2.1.1	A potência da singularidade	39
2.1.2	A nova profissão do conhecimento.....	46
2.2	REPORTAGEM ENQUANTO INSTITUIÇÃO JORNALÍSTICA	52
2.3	SABERES JORNALÍSTICOS E CONHECIMENTOS TÁCITOS.....	57
2.4	A POLISSEMIA DA PALAVRA REPORTAGEM	65
2.5	REPÓRTERES ESPECIAIS E REPORTAGEM COMO TRANSGRESSÃO....	81
3	BREVE PANORAMA DA REPORTAGEM NO JORNALISMO.....	94
3.1	DAS RAÍZES E ANTECEDENTES HISTÓRICOS	95
3.1.1	Aproximações com a História.....	98
3.1.2	Estabelecendo fronteiras	102
3.1.3	O reportar como fenômeno da modernidade.....	105
3.1.4	Consolidação da reportagem no Brasil.....	110
3.2	INTERFACES ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA	121
3.2.1	Jornalismo como gênero literário.....	126
3.2.2	Pertinências e conflitos dessa perspectiva	131
3.2.3	Livros de repórteres como influência na formação	134
3.3	ARTE E CIÊNCIA: DIÁLOGOS ENTRE A EMOÇÃO E A RAZÃO	136
4	CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA	143
4.1	TRAJETÓRIA DE PESQUISA.....	143
4.1.1	Pesquisa documental preliminar	146
4.1.2	Construção do <i>corpus</i>	147
4.1.3	Um estudo exploratório a partir do programa <i>Profissão Repórter</i>	150
4.1.4	Repórteres especiais: uma amostra representativa	153

4.1.5	Implicações éticas.....	155
4.1.6	Uso de entrevistas	157
4.2	A ENTREVISTA NA PRÁTICA JORNALÍSTICA E NA PESQUISA	159
4.2.1	A entrevista como acesso aos saberes jornalísticos.....	163
4.2.2	O problema de entrevistar jornalistas	166
4.3	ETAPAS E PROCESSOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	167
5	PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS.....	170
5.1	ORIGEM SOCIAL	171
5.1.1	Contexto familiar e condições herdadas	173
5.1.2	Primeiros estímulos para o jornalismo	179
5.1.3	Relações entre o lugar social e a produção jornalística.....	185
5.2	FORMAÇÃO.....	191
5.2.1	Teoria e prática como indissociáveis.....	194
5.3	REFERÊNCIAS	201
5.3.1	Trocas com colegas de redação.....	202
5.3.2	Influências externas	206
5.4	TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	211
6	PERCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE REPORTAGEM	230
6.1	REPORTAGEM: UMA QUESTÃO DE MÉTODO?.....	231
6.2	AS TRÊS COMPETÊNCIAS JORNALÍSTICAS	237
6.3	A PAUTA OU O SABER DE RECONHECIMENTO	242
6.3.1	Dimensões Intuitivas.....	247
6.3.2	Entre a curiosidade e as vivências pessoais	250
6.3.3	Leitura da realidade	252
6.3.4	Retroalimentação jornalística.....	254
6.3.5	Trocas com jornalistas e o público em geral	256
6.3.6	Iniciativa própria em defesa do interesse público	258
6.3.7	Insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo	260

6.3.8	Análises dos depoimentos sobre a pauta, ou saber de reconhecimento	263
6.4	A APURAÇÃO OU O SABER DE PROCEDIMENTO	272
6.4.1	Pesquisa exploratória e planejamento preliminar	276
6.4.2	Levantamento de fontes e plano de ação	279
6.4.3	Busca por evidências e pelo contraditório	283
6.4.4	Imersão com todos os sentidos atentos e convivência com entrevistados	285
6.4.5	Disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível	289
6.4.6	Cruzamento de dados, verificação, análises e re Checagem	293
6.4.7	Conduta ética	295
6.4.8	Análises dos depoimentos sobre a apuração, ou saber de procedimento	299
6.5	O TEXTO E A EDIÇÃO, OU O SABER DE NARRAÇÃO	309
6.5.1	Planificação e roteiro	314
6.5.2	Valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária	316
6.5.3	Foco na clareza e na exatidão das palavras.....	320
6.5.4	Controle do auto protagonismo e ênfase nas personagens	322
6.5.5	Refinamento e revisão	325
6.5.6	Aprendizado com as críticas	328
6.5.7	Cuidado na edição final e reivindicação pela autoria.....	330
6.5.8	Análises dos depoimentos sobre texto e edição, ou saber de narração	333
6.6	A METODOLOGIA DA REPORTAGEM EM PROFUNDIDADE	342
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	347
	REFERÊNCIAS.....	355
	APÊNDICE A – Questionário utilizado como consulta prévia	380
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	381
	APÊNDICE C – Os primeiros contatos com repórteres especiais	384
	APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas.....	389
	APÊNDICE E – Fotos do trabalho de campo no Profissão Repórter.....	390

APÊNDICE F – Processo de produção da análise.....	394
ANEXO A – Autorização obtida junto à Rede Globo.....	403
ANEXO B – Parecer consubstanciado do CEP/UFSC.....	404
ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP/UFSC.....	407
ANEXO D – Registros de repercussões midiáticas sobre o programa “Profissão Repórter”	410

1 INTRODUÇÃO

A reportagem se associa historicamente à legitimação do campo jornalístico, ao inaugurar a figura do repórter nas redações, final do século XIX, e contribuir para mudar a maneira como a sociedade se vê. Apesar do pouco prestígio concedido a esse tipo particular de jornalista quando aparece como fenômeno da modernidade, sua produção narrativa baseada na observação e coleta de dados no local dos acontecimentos confere autonomia e uma identidade própria à atividade profissional. Esses fatores contribuem para consagrar a reportagem no nosso *métier*, sendo concebida no imaginário da profissão como “gênero nobre” ou “essência do jornalismo”. Apesar do *status* alcançado, torna-se complexo defini-la sem incorrer em reducionismos. A reportagem, afinal, seria um método, uma técnica ou uma teoria? Este trabalho toma como objeto a reportagem em profundidade, em especial seus processos próprios de elaboração.

Entendendo-a sobretudo como método de abordar a realidade, mas sem desprezar suas várias outras facetas, a perspectiva adotada aqui não cabe, portanto, dentro de um enfoque estritamente técnico ou normativo. Procurando dialogar com a compreensão da reportagem de modo mais amplo, a noção que a define como metodologia do jornalismo (OSORIO VARGAS, 2017) ampara a proposição apresentada por sugerir uma epistemologia do campo. Explicitar os processos em torno da reportagem como método se faz relevante à medida que o grupo profissional é conhecido pela internalização de suas competências e dificuldade de explicar os próprios fazeres. Como aponta Barbie Zelizer (2017), para jornalistas, é mais fácil identificar fatos com potencial para reportabilidade do que, propriamente, explicar o processo de produção jornalística, corroborando estudos anteriores (CHARRON; BONVILLE, 2016; PHILLIPS, 1999; BREED, 1999).

A presente pesquisa de tese se orienta no sentido de contribuir para transformar o conhecimento tácito, internalizado e procedente do aprendizado da experiência, em conhecimento explícito, sistematizado e mais facilmente transmitido (TAKEUCHI; NONAKA, 2008). Partimos da constatação de o estudo das Teorias do Jornalismo focar na produção de notícias, tornando a reportagem, enquanto processo, pouco abordada sob tal perspectiva. Torna-se oportuno dialogar com os saberes acumulados por repórteres especiais, notabilizados como “modelos” pela experiência, chave da aquisição do conhecimento tácito. Com amplo prestígio e reconhecimento entre os pares e o público, esses profissionais ocupam posição privilegiada nas redações, dispondo de mais liberdade de ação. Como grifes de referência, transformaram-

se em sinônimos de reportagem no Brasil, de maneira que o modo como concebem os próprios fazeres não pode ser ignorado quando se estuda as práticas do jornalismo.

Ao alcançarem esse estatuto e também por transgredirem com certa desenvoltura as políticas editoriais e os condicionantes do jornalismo industrial, repórteres especiais podem reforçar uma visão encantada e romantizada do jornalismo. Mesmo que sejam considerados uma pequena minoria no conjunto da comunidade, tendo em vista o perfil dominante, a intenção aqui não está numa justificativa numérica. A posição destacada parece indicar a também possibilidade de pensar acerca da metodologia da reportagem adotada pelo grupo, capaz de lhe proporcionar o alcance dessa condição diferenciada no campo profissional. A **hipótese** é de que há métodos comuns, consolidados na institucionalização da profissão, nas práticas de repórteres especiais, que podem ser melhor conhecidos, explicitados e sistematizados a partir da análise proposta.

Esta pesquisa busca respaldo numa abordagem multidisciplinar, tentando dialogar também com autores que podem ajudar a pensar o jornalismo numa perspectiva mais abrangente, como Pierre Bourdieu (1996; 2009). As noções do sociólogo permitem concluir que o domínio das regras próprias do campo profissional possibilita o destaque neste território com mais facilidade, assim, repórteres especiais só alcançariam este rótulo e condição porque conhecem muito bem os preceitos e leis específicas do ambiente jornalístico, podendo muitas vezes transgredi-las, mas sem romper com o campo. No sentido de exercerem seus *habitus*, com pensamentos incorporados às práticas, e receberem prestígio, gozando de poder simbólico. Repórteres especiais cristalizam crenças e produzem sentidos na constituição e conformação do campo profissional, exercendo certa baliza, tendo em vista o lugar de referência de onde falam e praticam a reportagem.

O **objetivo geral** desta tese é contribuir com a explicitação do método da reportagem em profundidade, a partir de relatos de repórteres especiais. Os **objetivos específicos** procuram: 1) identificar modos de compreensão da reportagem predominantes na literatura sobre jornalismo; 2) contextualizar a história e a consolidação da reportagem; 3) conhecer como repórteres especiais no Brasil percebem e representam suas trajetórias e o que realizam; 4) analisar e sistematizar as visões dos repórteres especiais sobre os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração acionados por eles na produção da reportagem em profundidade.

O *corpus* da pesquisa concentrou-se em depoimentos de 12 repórteres especiais amplamente reconhecidos e com passagem por diferentes plataformas: Armando Antenore, Adriana Carranca, Andrea Dip, Caco Barcellos, Chico Felitti, Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natália Viana e Renan Antunes de Oliveira.

Adotamos o termo reportagem em profundidade, reconhecendo que ela pode assumir outras terminologias, dependendo da vertente teórica. Alguns a definem como reportagem especial, reportagem ampliada, jornalismo literário, jornalismo interpretativo ou jornalismo investigativo. A escolha pelo termo reportagem em profundidade parece contemplar essas possibilidades sustentando uma abordagem mais ampla da reportagem como espaço potencial para a transgressão (MAROCCO, 2008).

A pergunta motivadora desta pesquisa nasceu da seguinte inquietação: seria possível pensar a existência de uma metodologia que oriente a prática da reportagem na epistemologia do jornalismo? Propor a existência de uma metodologia da reportagem pode, à primeira vista, parecer uma pretensão exagerada, como se houvesse uma categoria homogênea chamada “repórteres”, um método a ser reproduzido ou como se sugeríssemos uma “descoberta” definitiva no campo jornalístico. Definir um único ou geral processo capaz de traduzir o percurso de produção da reportagem não apenas soa como uma arriscada e perigosa tarefa, como se torna uma incumbência impossível diante do caráter dinâmico das práticas jornalísticas. Uma reportagem, afinal, tem como motivação fatores diversos e envolve processos marcados por subjetividades e infinitas variáveis. Seria possível a busca por uma metodologia abrangente, anterior ao ato de sua realização? Descartamos de antemão a existência de um caminho único, tal qual uma receita, fórmula pronta ou acabada. O êxito de uma investigação jornalística não conseguiria ser explicado de forma simplória.

Entretanto, também nos parecem inadequadas ideias abstratas e incapazes de explicar a especificidade do jornalismo, mas amplamente disseminadas. Numa espécie de senso comum, os próprios membros da comunidade jornalística restringem muitas vezes o fazer reportagem a representações vagas. Descrições genéricas e tautológicas, mas pretensamente esclarecedoras, como o que se convencionou chamar de *faro jornalístico*, a partir de uma percepção natural, quase canina, *feeling* ou *instinto de repórter*, sempre disposto a lançar-se às aventuras e perigos de uma *vocação nata* ou ainda uma *missão* derivada do *talento*: a capacidade mítica de desvendar segredos. Tais atribuições conferidas ao exercício da reportagem, quase como uma atividade desprovida de reflexão, regras e fundamentos, fragilizam o próprio jornalismo enquanto possibilidade de mediação crítica, sustentada em princípios básicos, assim como o seu reconhecimento como uma profissão intelectual.

Quais atributos, por exemplo, são indispensáveis, para que determinado conteúdo seja considerado, de fato, uma reportagem? Diante da tentativa de se forjar uma realidade falsificada, muitas vezes com o uso de uma linguagem com aparência “jornalística” para persuadir e manipular, essa questão precisa ser respondida na pesquisa em jornalismo. Ao

resumir o exercício profissional a um autodidatismo, o pensamento simplificador não explica a atividade e dificulta a compreensão sobre a sua necessidade. Assim, para exercer a profissão, bastaria uma *alma de aventura*, citando umas das habilidades mais mencionadas por profissionais. A reportagem recairia total e, exclusivamente, na “sorte” e na capacidade “heroica” do próprio repórter? Tal como o personagem em quadrinhos Tintin, que acompanhado do seu cachorro, tem o *faro de repórter* e a coragem ilimitada para exercer a reportagem não como profissão, mas como existência voluntariosa?

A crença na figura do repórter como uma *vocação nata*, pouco reconhece de seus processos e percursos, não valoriza a possibilidade de qualificação ou capacidade de refinamento. A metodologia da reportagem também nos serve se seus parâmetros puderem ser redefinidos ao longo do tempo (ao percebermos como foram construídos), inclusive de entendimento dos processos dos próprios repórteres em suas tensões com instituições. Essa tese propõe que avancemos na descrição e reflexão de etapas e procedimentos da reportagem, a partir do ponto de vista privilegiado de quem melhor a exerce na prática no país.

De todas as funções possíveis como jornalista, a representação de repórter se reveste de mais mitologia (TRAQUINA, 2013). Protagonistas clássicos do cinema, da literatura, dos quadrinhos e das redações fortalecem esse imaginário em torno da função, na ficção e na realidade. Clark Kent como arquétipo ideal do jornalista, o super herói com poderes sobrehumanos. Günter Wallraff disfarçado de turco para denunciar a discriminação contra imigrantes na Alemanha. Bob Woodward e Carl Bernstein na revelação do escândalo de Watergate dentro no governo estadunidense, no célebre caso que levou à renúncia do presidente Richard Nixon. Eliane Brum acompanhando os últimos 115 dias de vida de Ailce Oliveira Souza, com câncer terminal. Há uma diversidade de exemplos.

As sutilezas em torno da prática da reportagem a colocam num diálogo contínuo entre a arte e o método. Mesmo na arte, onde o espaço para a intuição criadora é aparentemente muito mais livre, também pode haver indícios de métodos. Constantin Stanislavski (2008), fundador do Teatro de Arte de Moscou e um dos nomes mais importantes do teatro contemporâneo, sistematizou conhecimentos antes considerados intuitivos de grandes atores e os reuniu em ensinamentos práticos. Embora relutante em estabelecer regras que pudessem parecer rígidas demais e criar uma espécie de receituário, perseguiu um método artístico, na tentativa de encontrar uma atitude lógica para treinar atores e elaborar papéis. Ainda que o trabalho de interpretar não esteja totalmente no âmbito na consciência humana, não podendo, portanto, ser totalmente racionalizado – na arte, quem criaria seria o sentimento, e não o cérebro – para Stanislavski (2008, p. 77), “a partitura pode mostrar o caminho.”

No jornalismo, a dicotomia entre teoria e prática persiste quando se considera apenas os saberes construídos pela experiência e, do mesmo modo, quando se defende a academia como única fonte de conhecimento, ignorando os saberes construídos na prática profissional. Apesar de constatada pelo menos desde os anos 1980, essa distância resulta num desencontro de posições binárias, como se o saber técnico e o saber crítico fossem necessariamente inconciliáveis (MEDITSCH, 1992; 2007). Entre repórteres, é possível observar a persistência dessa concepção quando consideram, por exemplo, que o legítimo aprendizado para tornar-se jornalista seria unicamente aquele que decorre das vivências na rua. Também na academia, quando se deslegitimam as posições de profissionais fora desse espaço entendendo-as desprovidas de capacidade crítica. Porém, compreendemos, como Paulo Freire, que toda a prática subentende uma determinada teoria, muitas vezes oculta. Pois

qualquer que seja, contudo, o nível em que se dá a ação do homem sobre o mundo, esta ação subentende uma teoria. (...) Sendo assim, impõe-se que tenhamos uma clara e lúcida compreensão de nossa ação, que envolve uma teoria, quer o saibamos ou não. [...] Ao fazê-lo, o que antes talvez não se apresentasse como teoria de nossa ação, se nos revela como tal. (FREIRE, 1979, p. 40-41).

Do mesmo modo, no jornalismo, não haveria uma prática sem respaldo teórico, ainda que este se encontre oculto em conhecimentos tácitos acumulados. Como resume a pesquisadora Liriam Sponholz (2009), a produção jornalística se dá pela utilização de escolhas racionais (método) e repetições inconscientes aprendidas e socializadas nas rotinas produtivas das redações. “[...] o que diferencia o jornalismo e a ciência do senso comum é a utilização de regras profissionais no conhecimento da realidade” (SPONHOLZ, 2009, p. 117). Os processos contemplados no fazer jornalístico “incluem uma série de decisões que não são tomadas de forma obrigatória ou automática [...]. As decisões tomadas também não são arbitrárias, pois levam a um determinado objetivo [...] Há condições, portanto, para afirmar que existe um método jornalístico” (SPONHOLZ, 2009, p. 123). Afinal, “um método não precisa ser necessariamente científico para ser denominado como tal” (SPONHOLZ, 2009, p. 118).

Optamos por trabalhar com a categoria de repórteres especiais, cuja expressão usaremos por entendê-la como parte da cultura profissional, dada sua influência. “As redações se encarregam de mitificar certos repórteres [...] e transformá-los em êmulos de todo o ambiente, verdadeiros modelos de ‘grande jornalista’. Faz parte de um esquema de ascensão e autoafirmação no mercado [...] afirmar ‘estrelas’”, aponta Cremilda Medina (1988, p. 76).

Na pesquisa exploratória, quando todas as possibilidades estavam em aberto e sendo testadas, fizemos uso de questionário dirigido a jornalistas em atuação no país para o

levantamento de dados iniciais que nos ajudaram no desdobramento dos passos seguintes. Cogitamos testemunhar o processo produtivo, por isso do acompanhamento das rotinas e das entrevistas junto à equipe do *Profissão Repórter*, na sede da Rede Globo, em São Paulo (SP). À medida que o caminho se descortinou, contudo, exigiu a decisão de focar nos relatos de repórteres especiais para atender aos objetivos da tese de maneira mais circunscrita, possibilitando uma delimitação, mas também diversidade do objeto empírico. A escolha pela inclusão do programa, considerado um laboratório da prática da reportagem, acarretaria em considerar as especificidades do audiovisual. Embora a previsão de abordar o programa como estudo de caso não tenha avançado, a incursão foi pertinente, não apenas por se tratar de projeto idealizado por um repórter especial e ter como marca a troca de saberes entre gerações, mas por se propor à reflexão do próprio fazer jornalístico, pouco comum no ambiente das redações. Também foi útil para amadurecer nossa percepção sobre as várias nuances do método.

Esta tese se estrutura em sete capítulos - incluindo a Introdução e as Considerações Finais. Após a Introdução, no segundo capítulo, apresentamos referenciais teóricos que guiam a discussão, como instituição jornalística, saberes jornalísticos e reportagem, problematizando a polissemia da palavra. Detalhamos as múltiplas possibilidades de compreensão da reportagem no campo jornalístico e discutimos a noção de repórter especial na profissão. Abordamos ainda a compreensão de jornalismo como uma forma de conhecimento, dialogando com contribuições brasileiras e estrangeiras.

No terceiro capítulo, contextualizamos historicamente a reportagem desde sua emergência no jornalismo, considerando suas imbricações e tensionamentos com a História e a Literatura nesse percurso. O panorama histórico traçado não tem a pretensão de ser exaustivo, mas revela-se importante para compreender como a reportagem se transformou de atividade com pouco reconhecimento a um símbolo emblemático do fazer jornalístico. A contextualização apresenta experiências na América Latina e Europa, mas tem como foco o Brasil. Fechamos o terceiro capítulo com uma discussão sobre relações entre a ciência e a arte, a razão e a emoção, voltada aos fazeres jornalísticos.

No quarto capítulo, discutimos a construção da metodologia que fundamenta o estudo. Mas esta não deve ser entendida como apartada dos demais capítulos. A combinação de técnicas busca responder da forma mais adequada possível os objetivos propostos. O percurso metodológico - a partir da pergunta e do referencial teórico - guiou a escolha pela entrevista em profundidade e pesquisa documental, procurando entender o que repórteres especiais dizem do que fazem ao produzir reportagem. As entrevistas em profundidade seriam assim uma forma de expressar saberes. Com base em Giddens, a pesquisadora Beatriz Marocco (2012a) entende que

a entrevista se constitui como dispositivo de revelação do saber jornalístico e defende a necessidade de deixar jornalistas falarem por si próprios para compreender melhor as suas práticas. A entrevista permite, no olhar de Marocco (2012b p. 241), o acesso à elaboração discursiva sobre sua prática: “Não haveria nada melhor para tentar entender as práticas do que deixar o jornalista falar por si próprio, elaborar discursivamente a sua prática.” Certamente essa escolha também implica em limitações, mas, da mesma maneira, elas existiriam se a opção fosse olhar para as narrativas finais.

No quinto capítulo apresentamos a identidade dos entrevistados, a partir de desdobramentos relacionados às suas próprias percepções acerca da origem social, formação, referências e trajetória profissional. Esses elementos se mostram relevantes à medida que também se relacionam com o método de reportagem praticado pelo grupo.

A análise dos depoimentos colhidos acerca da produção da reportagem aparece no sexto capítulo. Apresentamos trechos de depoimentos dos(as) repórteres entrevistados(as), buscando avançar, através de sua sistematização, na explicitação dos elementos de uma metodologia profissional da reportagem em profundidade minimamente consensuada entre elas e eles, sem desconsiderar suas individualidades e idiossincrasias. Com apoio nos processos descritos, procuramos pensar a possibilidade de identificar um método da reportagem em profundidade a partir de três competências: os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987). Nas Considerações Finais discutimos os achados, seus limites e as possibilidades de novos estudos que avancem a partir destes.

Num cenário de desinformação e disputa de narrativas, onde a verdade factual perde força frente a apelos que reforçam opiniões e crenças pessoais, tornar mais transparente o percurso adotado por repórteres torna-se um desafio fundamental não apenas para o jornalismo, como profissão ou campo de estudos e de conhecimento. Mas, também, num panorama mais abrangente, em defesa da própria democracia e do funcionamento da sociedade, em especial num contexto de rompimento do debate de ideias como ocorre no Brasil e em outros países nos últimos anos. Nesse sentido, não deixa de ser simbólica a entrega do Prêmio Nobel da Paz 2021 a dois jornalistas que atuam na resistência contra ditadores eleitos, a filipina Maria Ressa e o russo Dmitri Muratov.

2 PONTOS DE PARTIDA E BASES TEÓRICAS

A escolha por abrir as reflexões com a compreensão de jornalismo da qual se parte nesta pesquisa não é aleatória. Este capítulo esboça os eixos centrais e os marcadores teóricos que norteiam a discussão. Tratar do processo de reportagem requer necessariamente demarcar um posicionamento acerca da práxis jornalística, sobretudo num período caracterizado por profundas mudanças e incertezas. Por isso, não há como fugir de uma questão mais abrangente e estrutural sobre como se entende o jornalismo, a forma como se percebem as significações lhe atribuídas e os referenciais acionados para a sua abordagem. Em último caso, mesmo que se recuse uma concepção teórica, sob a alegação, recorrente nas redações, de que “jornalismo se aprende na prática”, o fazer jornalístico sempre é revelador de uma forma de conceber a atividade. Ainda que seja apenas uma percepção simplificadora ou tecnicista, na permanente dicotomia entre teoria e prática.

Estudos sobre a imprensa proliferam em variadas áreas do conhecimento, com ênfase para as Ciências Humanas, mas se limitam a enxergar o jornal apenas como fonte e suporte para análise de outros aspectos. Muitas dessas pesquisas discutem o conteúdo dos jornais, mas pouco se voltam para dilemas e processos da produção jornalística. Permitem a investigação dos periódicos sobre diferentes ângulos, igualmente importantes, no entanto, mostram-se insuficientes para compreender o jornalismo, pois rejeitam sua especificidade. Acusam-no de estar totalmente a serviço da manutenção das forças dominantes e, muitas vezes, rotulam a atividade como meramente panfletária, alienante e superficial pela efemeridade por natureza. Visões simplistas, que desconsideram particularidades e ambiguidades fundamentais, prejudicam o avanço do campo e difundem reducionismos, reforçando um preconceito histórico contra a área.

O estudo teórico do jornalismo pressupõe não ignorar aspectos peculiares em torno de seu fazer como local de produção simbólica que o distingue de outras atividades aparentemente semelhantes e por vezes confundidas como tal. O jornalismo se constitui no campo midiático como espaço específico de produção de conhecimentos singulares (GENRO FILHO, 2012). Por isso, essa pode parecer uma visão panorâmica, mas fundamental na tentativa de estabelecer limites, buscar sentidos diante das modificações na atividade. E, sobretudo, pensar o lugar do jornalismo numa sociedade com abismos sociais profundos como a brasileira, assentada em estruturas coloniais, racistas, sexistas e autoritárias, cujas feridas seguem abertas e impendem o jornalismo de exercer todas as suas potencialidades. Dentre tantas interpretações possíveis, escolhemos pensar o jornalismo pela perspectiva epistêmica de uma forma de conhecimento

(PARK, 2008a; GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992, 1997, 2012), constituída a partir de um campo específico (BOURDIEU, 1997, 2009) com saberes e conhecimentos tácitos (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, 1997), condutas e formatos configurados como instituição social (BERGER; LUCKMANN, 1978; FRANCISCATO, 2003). A reportagem como espaço potencial para transgressão (MAROCCO, 2008) e os repórteres especiais, reconhecidos como cânones, assumem um poder simbólico neste universo.

Ainda que modos de se fazer jornalismo – e reportagem – possam muitas vezes ser usados para outros interesses e finalidades, contrariando princípios deontológicos e expectativas sociais, reduzir a atividade a mero instrumento de doutrinação ou propaganda ideológica é negar sua complexidade. Se, muitas vezes, silencia determinadas vozes ou assume uma narrativa violenta e estereotipada como produtor de sentidos, o jornalismo também ocupa lugar de destaque na guerra de narrativas. Possibilita o fornecimento de elementos para desvelar a realidade e, posteriormente, transformá-la. À medida que pode denunciar irregularidades, combater visões reducionistas, pautar temas menosprezados, reconhecer grupos historicamente colocados à margem do poder, confrontar a naturalização de opressões e injustiças. Cabe pensar essas potencialidades num momento que sofre reiterados ataques, inclusive de forças institucionais.

2.1 JORNALISMO COMO CONHECIMENTO

As novas configurações midiáticas, a perda de protagonismo na disseminação da informação e a desconfiança depositada na mídia nos últimos anos tornaram as produções jornalísticas mais vulneráveis. O processo que conduziu autocratas ao poder por eleições tradicionais (apesar do desprezo demonstrado por eles pelo sistema democrático) revelou interesses e manobras para esconder e controlar informações públicas da população, agravando o contexto. Com a conectividade digital, o uso de tecnologias cibernéticas para manipular o eleitorado e intervir na política tornou jornalistas alvos frequentes de discursos de ódio, insultos, tentativas de censura e deslegitimação. Campanhas virtuais de difamação, ameaças, incitação à violência, ataques públicos à prática profissional e à liberdade de imprensa se espalharam. Frente ao clima de hostilidade propagado por governos com tendências abertamente autoritárias, posições extremistas de recusa absoluta ao jornalismo ganharam seguidores.

Esse panorama escancara o uso da desinformação como estratégia de um projeto político que ameaça não apenas a democracia, mas a existência coletiva, impossibilitando o debate público. Mas, paradoxalmente, se expõe dificuldades e desafios ao campo profissional, esse

ambiente de ofensiva obscurantista também revela o temor à potencialidade do discurso jornalístico, como forma de produção de conhecimento do tempo presente e possibilidade de emancipação humana. Por isso, essa compreensão é o ponto de partida e ancoramento desta tese, entendendo a tradição iluminista e a promessa de esclarecimento de cidadãos como justificativa histórica para a existência do jornalismo (MORETZSOHN, 2007, 2002). É também reconhecer: jornalismo é conflito, ao contrário das teses fatalistas disseminadas pelos principais teóricos da Escola de Frankfurt e sua lógica absoluta de manipulação, controle ideológico e perda de autonomia do indivíduo.

O jornalismo, afinal, resulta de dilemas, contradições, disputas e pressões de diversas ordens, envolvendo a linha editorial do veículo, as impressões pessoais de quem exerce a prática jornalística, os interesses de agentes envolvidos e que atuam tanto de modo interno (repórter, editor/a, chefe de redação) quanto externamente (fontes, anunciantes, cidadãos, etc...). Uma reportagem necessariamente nasce a partir de todas essas relações de poder e embates. Sem negar que há uma “essência” da atividade, especificar de que jornalismo estamos falando se faz necessário também defronte à ideia de enxergá-lo no plural, como *jornalisms*, sendo que há diferentes modos de exercer o jornalismo. “[...] A rigor, não há propriamente jornalismo, mas jornalisms, com formas, métodos e objetivos bem distintos entre si, de acordo com os propósitos de quem produz e do público a que se destina.” (MORETZSOHN, 2002, p. 13)

Diante da variedade de práticas, gêneros e formatos jornalísticos, torna-se imperativo fazer distinções. Feita essa ressalva, ratifico que trato aqui especialmente da reportagem entendida como de “transgressão”, nos preceitos sugeridos por Marocco (2008). Pensar o jornalismo como modalidade específica de conhecimento é reconhecer na informação jornalística semelhanças e disparidades de formas clássicas de conhecimento, como a ciência e o senso comum (PARK, 2008a; GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992, 1997; FONSECA, 2000; SPONHOLZ, 2009). Questões habituais nessas reflexões são o conceito de conhecimento adotado e o tipo de conhecimento produzido pela prática jornalística, o modo como ele se diferencia de outras formas de conhecer. Esses aspectos aparecem esboçados no texto inaugural sobre o tema (PARK, 2008a) e acompanham desdobramentos nos debates contemporâneos:

Ao responder à pergunta ‘que forma de conhecimento é a notícia?’ diversos aspectos devem ser levados em consideração. Dois aspectos são centrais: (a) O que caracteriza a realidade como é conhecida nas e por meio das notícias? (b) Como as notícias são integradas às atividades sociais; utilizadas,

compartilhadas e justificadas como forma particular de conhecimento sobre o mundo? (EKSTRÖM; WESTLUND, 2019, p. 7, tradução nossa)¹.

A epistemologia tradicional clássica concebe o conhecimento, como sendo *crença verdadeira e justificada*, compreensão comum nos estudos do jornalismo. Lisboa e Benetti (2015) aderem a esta perspectiva sem deixar de observar que a relação entre jornalismo e conhecimento tem sido repetida exaustivamente sem tratar sobre como esse conhecimento se constitui, como o jornalismo se torna conhecimento e como funciona esse processo. Essa maneira de contemplar o jornalismo requer ainda uma distinção entre conhecimento e informação, como adverte Tambosi (2005, p. 36), ao pontuar que nem toda a informação é conhecimento, mas o conhecimento depende da informação: “o objetivo que move a ação jornalística [...] é a informação, não o conhecimento”. Desta forma, a verdade e a justificação (a apresentação do método) seriam condições para que a informação se torne conhecimento: A informação pode ser falsa; o conhecimento, não.

Na impossibilidade de confirmar ou refutar versões apresentadas pelas fontes, o jornalismo declaratório – baseado apenas em declarações e depoimentos das fontes, muitas vezes oficiais² – limita-se a reproduzir informações, não conhecimentos (TAMBOSI, 2005). Sabendo de como essa prática jornalística se tornou prevaiente nas redações e do conseqüente abandono do jornalismo investigativo, Tambosi infere que nem todas as formas de se fazer jornalismo seriam capazes de produzir conhecimento. “O jornalismo pode constituir-se em forma de conhecimento autônoma – mas isto, [...] não se estende a todos os gêneros jornalísticos” (TAMBOSI, 2005, p. 38). Partindo desta compreensão, poderíamos concluir que a reportagem produzida por profissionais identificados como repórteres especiais teria mais condições de produzir conhecimento, considerada a capacidade de análise e observação, além do tempo alongado de produção. Nessas reportagens, o exercício de observação de quem reporta, aquilo que se vê, pode ser tão ou mais importante que a enunciação do entrevistado.

Há, contudo, entendimentos destoantes. O pensamento de Adelmo Genro Filho (2012) representa uma ruptura na forma de compreender o objeto teórico do jornalismo no Brasil não apenas por ser o primeiro autor a tratar o jornalismo como conhecimento, mas também por

¹ “In answering the question ‘what form of knowledge is news?’, different aspects must be taken into consideration. Two aspects are central: (a) What characterizes reality as it is known in and through the news? (b) How is news integrated in social activities; used, shared and justified as particular form of knowledge about the world?”

² Guirado (2004, p. 85) lembra que essa prática “também chamada nas redações de *jornalismo de gravador*, implica o risco de distorção.” No livro “Repórter – Memórias”, o repórter da *New Yorker* e do *New York Times* Seymour M. Hersh (2018, p. 9), prêmio Pulitzer, refere-se desta forma à prática: “Por falta de dinheiro, tempo ou de uma equipe habilidosa, estamos cercados por histórias com ‘ele disse, ela disse’ nas quais o repórter não passa de um papagaio. Sempre pensei que era a missão de um jornal buscar a verdade e não registrar a discordância.”

advertir que a produção de conhecimento pelo jornalismo exige admitir que o termo conhecimento pode suscitar a construção de significações diversas. Entre diferentes interpretações, ele circunscreve uma posição em relação a essas possibilidades: “O conceito de conhecimento não deve ser entendido na acepção vulgar do positivismo, e sim como momento da práxis, [...], como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade” (GENRO FILHO, 2012, p. 23-24). Essa maneira de contemplação abre caminho para o teórico reconhecer a potencialidade transformadora do jornalismo.

Inspirado por esta obra, Meditsch (1997, p. 10) pondera que “como toda outra forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo Jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção”. O autor distingue três principais abordagens no tratamento do jornalismo como conhecimento (MEDITSCH, 1997). A primeira, marcada pela herança positivista, exalta a ciência como método e única fonte legítima de conhecimento, desvaloriza o conhecimento produzido pelo jornalismo, entendendo-o como insuficiente. Não submetido ao rigor científico, contribuiria apenas para a degradação do saber. Apesar das críticas recebidas, é preciso observar que esta crença persiste em parte da produção acadêmica atual, com a exaltação da ciência como única estratégia legítima de conhecimento do mundo em relação a todos os saberes forjados noutros espaços e julgados inferiores. A segunda leitura o coloca ainda como uma “ciência menor”, mesmo reconhecendo que não é totalmente inútil. E a terceira forma de abordá-lo recai sobre aquilo que o jornalismo tem de único e específico, reconhecendo nesta dimensão suas potencialidades.

Em que pese as falhas e a dificuldade recorrente de o jornalismo dar respostas suficientes e no espaço de tempo esperado a mentiras propagadas com interesses definidos, negar o processo e os modos de apuração implicados no fazer jornalístico não significa apenas ignorar sua especificidade. É também negligenciar o saber que lhe é intrínseco. A atividade requer necessariamente habilidades e conhecimentos específicos sobre o mundo, assim como depende do conhecimento geral de quem o interpreta no processo de cognição social envolvido na transmissão de informações (VAN DIJK, 2005). Se assim não o fosse, implicaria na inviabilidade de comunicação. Por mais trivial que possa parecer, esta reflexão permite entender alguns dos aspectos fundamentais da produção e compreensão noticiosa, para Van Dijk (2005, p. 14), pois “sem conhecimento não haveria notícia alguma”.

Compreender o jornalismo como forma de conhecimento significa contemplar a função pedagógica a ele atribuída, de elucidar, orientar e educar, posição que confronta a ideia de que a atividade se limitaria a reproduzir o senso comum. Também requer admitir que, apesar da

impossibilidade de se alcançar uma versão imparcial e totalmente objetiva dos fatos, o jornalismo contemporâneo se estrutura pela busca de um discurso referencial, sua razão de ser (LABASSE, 2017). Afinal, conforme a concepção de Teun Van Dijk (2005, p. 16) a notícia é “uma complexa interação entre conhecimento conhecido e desconhecido”, assim, diferentes tipos de conhecimento estão incluídos nos processos jornalísticos. Cada informação nova é processada e associada a informações existentes numa rede de dados que compõe os modelos mentais, ou seja, como as pessoas constroem de modo subjetivo eventos específicos a partir de suas experiências.

Apesar de adotar uma perspectiva diferente, ligada à cognição, esta visão pode ser interpretada nas entrelinhas como contraposta a de Tambosi (2005), que contempla o jornalismo como conhecimento, mas não em todos os gêneros. Enquanto Van Dijk (2005) reivindica o conhecimento como pré-requisito para qualquer produção noticiosa, independentemente de gênero. Entre as duas posições, a visão de Genro Filho (2012) é elucidativa, com o foco para a natureza da atividade, impedindo o desvio para a aparência de formatos. Sem deixar de considerar o potencial emancipatório e “desalineador” em todos os formatos de se fazer jornalismo, inclusive no mais comum deles, a notícia. Embora esteja de acordo com a ressalva colocada por Tambosi (2005, p. 37) de que “quanto mais declaratório for o jornalismo, quanto mais depender exclusivamente de fontes, mais difícil será sustentar que seja uma forma de conhecimento autônoma.”

Mesmo que possa parecer recente, o estudo do jornalismo como objeto científico remete a uma trajetória histórica. Com o objetivo de estabelecer limites de um campo disciplinar, Otto Groth (2011) apresentou um sistema de *leis próprias gerais* que regem o fenômeno jornalístico, uma ciência particular dos jornais, a *Zeitungswissenschaft*. Para Groth (2011, p.110), a Ciência dos Jornais “tem que tentar esclarecer as correlações e interações entre os sistemas culturais e sociais, entre a sociedade moderna [...] e a imprensa periódica”. Não surpreende suas ideias estimularem o pensamento iniciante de uma Teoria do Jornalismo no Brasil, sendo citado diretamente por Genro Filho (2012, p. 14), para quem “seu método de análise [...] não era funcionalista, mas “tipicamente weberiano”. Retomar essas contribuições é pensar sobre a natureza da informação jornalística e a linha que a separa de outras narrativas em tempos de hibridismos, dinâmicas e mudanças.

Os estudos de Groth em torno do jornalismo iniciaram em 1910, com *Die Zeitung* (O jornal), uma enciclopédia de quatro volumes escrita em 15 anos. É também de sua autoria *Die unerkannte Kulturmacht* (O poder cultural desconhecido), um compilado de sete tomos escritos em 30 anos. Na terceira e última parte desse livro publicado nos anos 1960, Groth se volta

especificamente à prática de reportar, ao refletir sobre “a tarefa de relatar (reportagem)”. Influenciado por Max Weber, de quem fora aluno, não apenas reivindica o *status* de disciplina científica independente à jornalística, como apresenta um conjunto de princípios que o caracterizam. A “essência” do jornal estaria, portanto, em características fundamentais (Groth, 2011): *periodicidade*, a repetição regular no tempo das edições de um periódico, *universalidade*, a maior variedade possível de abordagem temática dos múltiplos campos da atividade humana, *publicidade*, como difusão coletiva, com a circulação dos periódicos de modo abrangente, por diversos públicos, camadas sociais e territórios, e *atualidade*, cobertura associada aos fatos do tempo presente. O foco da obra em jornais impressos reflete o fato de esses periódicos terem sido por muito tempo o único veículo de informação sobre acontecimentos da atualidade.

As reverberações desta configuração se expressam no processo de consolidação do campo jornalístico, tanto que se confundem as definições de jornalismo e jornal. A própria denominação jornalismo apropria-se do termo jornal, derivado de *journal* – palavra francesa originária do latim *diurnalis*, usada para definir aquilo que é diário. Assim, o jornal impresso se materializa como instrumento mais vinculado à manifestação do fenômeno jornalístico em seu percurso histórico. Embora a partir do final do século XX e começo do XXI esteja em declínio, durante pelo menos os dois séculos anteriores esta plataforma reinou absoluta como exclusivo canal de informação atual. Mesmo restrita aos impressos, a obra de Groth lança possibilidades para pensar a natureza do jornalismo além da plataforma, por isso atravessou o tempo e é recuperada aqui. Conforme Groth, o que permite uma ciência própria é a particularidade do olhar:

O ‘objeto próprio’ de uma ciência autônoma é primeiramente gerado pelo modo de contemplação. Nós temos que determinar a forma especial de contemplação do objeto e as formas da sua criação e limitação. Só esta forma de contemplação específica pode ser entendida como **método próprio**, unitário de qualquer ciência autônoma (GROTH, 2011, p. 75, grifo nosso).

Ao defender uma forma específica de contemplação, o autor confirma a necessidade de mapear características específicas para que o jornalismo alcance um estatuto próprio como objeto científico autônomo. O fenômeno jornalístico não é objeto de pesquisa exclusivo de pesquisadores deste campo, podendo ser tomado por diferentes áreas do saber, como qualquer objeto de estudo. No entanto, o que vai diferenciar a pesquisa em Jornalismo será essencialmente a forma como serão indagadas as perguntas para o objeto de estudo, ou seja, uma maneira distinta – e particular ao próprio campo – de olhar para este objeto capaz de

considerar as particularidades em questão. Mesmo utilizando jornais como objeto de pesquisa, historiadores, antropólogos, cientistas sociais terão sempre outras questões a serem respondidas, diferentemente daquilo que busca um pesquisador do campo jornalístico, interessado em questões internas sobre sua área.

Abordagens sociológicas são há muito tempo conhecidas nos estudos sobre a atividade. As pesquisas do alemão Max Weber (2006) talvez sejam o caso mais emblemático, ao reivindicarem uma análise sociológica da imprensa, no Primeiro Congresso dos Sociólogos Alemães, em 1910. Atento à influência dos jornais, ele enfatizou os efeitos da imprensa na maneira como a sociedade interpreta o mundo exterior e propôs uma investigação sobre o processo de produção jornalística e as relações de poder no interior das empresas de comunicação. Antes disso, em 1901, o francês Gabriel Tarde tratou da imprensa e outras formas de comunicação. Na esteira de uma sociologia da imprensa, os sociólogos norte-americanos Edward Ross e Robert Ezra Park ponderaram sobre a natureza das notícias, em 1910 e 1922, respectivamente – para citar apenas alguns exemplos.

Costuma-se atribuir a este último o título de primeiro estudioso a admitir o jornalismo como um tipo de conhecimento específico (PARK, 2008a), a partir de ensaio publicado em 1940. Liderança fundadora da Escola de Chicago, uma das principais difusoras do pensamento social norte-americano no período, o jornalista e sociólogo (ou na ordem oposta, dependendo do ângulo que se vê) ganhou notoriedade no campo jornalístico pelo ensaio “A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento”³, publicado nos Estados Unidos, em 1940. No texto, o autor toma as notícias como responsáveis por nortear a vida social, atribuindo a elas a função de “orientar” socialmente as pessoas na realidade diária e complexa de modo a lhes ajudar a interpretar o mundo ao redor e a se situar (PARK, 1940)⁴. Esta noção é reforçada mais tarde por outros teóricos, reconhecendo que, ao fornecer aos cidadãos informações para exercerem sua liberdade e autonomia (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003)⁵, o jornalismo lhes permitiria situar com mais propriedade no presente e tomar as melhores decisões cotidianas.

De uma simples escolha apenas com implicações individuais – o trajeto mais adequado para ir ao trabalho, por exemplo, no caso de uma alteração no trânsito, à definição por uma

³ Ensaio *News as form of knowledge: a chapter of sociology of knowledge* publicado originalmente no *American Journal of Sociology* (PARK, 1940).

⁴ “Uma curiosidade a respeito do universalismo da notícia é observada com a composição da palavra “notícia” em inglês, que é formada de quatro letras – NEWS – correspondentes às iniciais dos pontos cardeais – *North, East, Western e South*” (BELTRÃO, 2020).

⁵ De acordo com os autores, “[...] a finalidade do jornalismo é fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 22).

candidatura eleitoral, capaz de afetar diretamente a esfera pública. A capacidade jornalística estaria na possibilidade de permitir essa orientação voltada à inserção em dado contexto. “À medida que ela consegue isto, a notícia tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência da sociedade” (PARK, 2008a, p. 69). Ainda de forma precoce, a abordagem apontava para a atualidade e o acontecimento como aspectos definidores da prática jornalística: “Na sua forma mais elementar o relato da notícia é um simples *‘flash’*, anunciando que um evento aconteceu” (PARK, 2008a, p. 59). A existência de diferentes formas de conhecimento já se desenhava no pensamento parkiano, com a ressalva de que cada uma delas teria uma função, sendo complementares.

Park (2008a) investiu na distinção entre as duas categorias de conhecimento delimitadas inicialmente por seu tutor em Harvard, o psicólogo e filósofo pragmatista norte-americano William James: 1) “conhecimento de” ou “familiaridade com” (*acquaintance with*), para se referir ao conhecimento instintivo e intuitivo, não sistemático, resultante da experiência individual, do senso comum, do uso, do hábito e do costume no cotidiano; e 2) “conhecimento sobre” (*knowledge about*), ou “acerca de”, um conhecimento formal, racional, analítico e sistemático, próprio da ciência. Ambos estariam interligados: “O primeiro não é possível sem o segundo: não existe um método científico que seja completamente independente da intuição e da perspectiva que a familiaridade com as coisas proporciona.” (BERGANZA-CONDE, 2008, p. 24). A notícia não pode ser considerada uma forma de conhecimento sistemático, como a ciência, mas se localizaria entre essas duas formas, como um conhecimento intermediário.

No raciocínio lançado por Park, o jornalismo cumpriria a mesma função desenvolvida pelo sistema de percepção humana individual, auxiliando os indivíduos não apenas com informações, mas também com orientações referenciais sobre o mundo. A comparação, no entanto, é vista com ressalvas por teóricos como Genro Filho (2012), que ressalta distinções entre as realidades criadas pelo discurso jornalístico e a percepção individual, sobretudo quanto à imediatividade de cada uma. Meditsch (1997) também identifica restrições na abordagem sobre jornalismo, situando-a como exemplo de uma interpretação limitante, e propõe outra forma de contemplá-lo. Outro aspecto observado sobre o pensamento parkiano, motivo de ressalvas entre pesquisadores, é o conceito adotado por ele para conhecimento, enquadrado por alguns como funcionalista ou positivista e limitado apenas a um “saber sobre”.

Na visão de Genro Filho (2012, p. 54), incorporada por demais pesquisadores, Park “acaba definindo o conhecimento produzido pelo jornalismo como um mero reflexo empírico e necessariamente acrítico, cuja função é somente integrar os indivíduos no *‘status quo’*, situá-lo e adaptá-lo na organicidade social vigente.” Há, no entanto, quem questione e rejeite a

classificação (MACHADO, 2005; PONTES, 2015), alertando para a riqueza e complexidade do pensamento de um dos precursores dos estudos urbanos. Com a ênfase para os trabalhos empíricos, é atribuída a Park à mudança de perspectiva de abordagem da Sociologia norte-americana, pautando questões como a migração humana na condição de objetos de pesquisa nos estudos das cidades.

Park insere-se no grupo de pesquisadores que iniciaram uma investigação sobre fenômenos sociais no espaço urbano, também aqueles relacionados à esfera da imprensa. Tem sua obra marcada sob a influência pragmática dos professores que o conduziram ao longo da trajetória acadêmica, como John Dewey e Georg Simmel, este último o aproximou do interacionismo simbólico e desenvolveu, conforme aponta o próprio Park (2018, p. 30) “um ponto de vista fundamental para o estudo do jornal e da sociedade”. A partir desta relação, procurou formular uma abordagem que contemplasse o jornal não apenas como fonte de um fenômeno sociológico, mas como uma instituição. Mas seu interesse pela pesquisa se manifestava desde seus textos publicados em jornal, quando o editor, como conta Park (2018, p. 27), descobriu que ele “persistia em uma história mais tempo do que qualquer outra pessoa”, descortinando a curiosidade pela investigação.

Esse entendimento da função e do futuro do jornal não era novo para mim. Tínhamos um grupo que acreditava que o jornal, pelo simples fato de noticiar, com discernimento filosófico e acuidade científica, as tendências de eventos da atualidade, estava fadado a provocar mudanças profundas e imediatas. O que estávamos esperando nada mais era do que uma revolução silenciosa e contínua, uma vez que o jornal tinha atingido o ponto em que era capaz de noticiar eventos políticos e sociais com a mesma precisão que então noticiava a bolsa de valores e os esportes de maior prestígio. (PARK, 2018, p. 28).

Como o movimento identificado como “organização da inteligência” pelo líder, o jornalista e filósofo Franklin Ford, não avançou do modo como o grupo planejava, Park voltou para a universidade com a intenção de estudar o jornal, quando se descobriu estudante de filosofia. De William James, seu mentor durante o mestrado em Harvard, adotou a compreensão pragmática sobre conhecimento e o ponto de partida para sua principal reflexão no âmbito dos estudos do jornalismo. A experiência como repórter marcou sua obra, levando-o a introduzir na pesquisa metodologias próprias desenvolvidas por ele anteriormente, no trabalho de reportagem. Com Robert E. Park, a ida a campo passa a ter lugar central no estudo do meio urbano, com a observação direta e a descrição exaustiva dos ambientes, combinada a outras técnicas como fontes documentais, fontes estatísticas e entrevistas. A partir dos anos 1920, sob a influência de Park, sociólogos da Escola de Chicago passam a utilizar a observação direta no estudo dos fenômenos urbanos.

Na “História de vida” (PARK, 2018) escrita pelo autor, Park reconhece a importância da trajetória pessoal e vivências desde a infância na sua carreira docente em Chicago. Ele exerceu o jornalismo por três anos no *The Journal*, de Minneapolis. “Inicialmente fui repórter de judiciário e, em seguida, eventualmente, repórter policial, mas me dedicava principalmente a explorar e escrever sobre a vida da cidade” (PARK, 2018, p. 27). Ele conta ter percebido que sua concepção de “reportagem científica”, semelhante à pesquisa efetuada em levantamentos sociais sobre a comunidade, poderia transformar o jornal em uma “poderosa agência para a educação” (PARK, 2018, p. 28). No mesmo relato autobiográfico, ele conta ter obtido grande parte de seu conhecimento sobre a sociedade e a natureza humana a partir de próprias observações ao longo da vida, que teriam pouco uso sem o aprendizado em filosofia.

A proposta de Park se refletia no modo peculiar como enxergava a invenção da notícia e, em particular, a figura repórter: “Parece que a nossa é a época da notícia, e um dos acontecimentos mais importantes da civilização norte-americana foi o surgimento do repórter” (PARK, 2008a, p. 70). Este é um dos aspectos em sua obra que mereceria um estudo aprofundado para entender as razões do posicionamento. No contexto norte-americano, há uma convergência de versões que associam a invenção da figura repórter à Guerra Civil Americana (NEVEU, 2006) e, de certa forma, reforçam a leitura de Park. O conflito que teve início em 1861 é citado como um dos primeiros da história a ser amplamente reportado pela imprensa do país, levando ao aumento da circulação dos periódicos e à produção de edições extras. A movimentação provocada em torno do fenômeno será discutida e contextualizada historicamente, no Capítulo 3.

Ao reivindicar posição de destaque social para a imprensa na leitura do mundo, Park define a relevância desta invenção histórica numa interpretação que pode soar como mais um indício das influências da trajetória do jornalista na carreira do sociólogo. Park chegou a considerar a investigação sociológica uma forma superior de reportar, comparando o ofício sociológico ao trabalho do que chamou de “super-repórter”, numa aproximação entre os dois. Não se trata de estabelecer categorias hierárquicas de “melhores profissionais”, pois é indiscutível a necessidade da notícia. Mas a definição usada por ele parece se aproximar do *status* de repórteres especiais, nas redações contemporâneas, cuja prática se distingue da superficialidade do imediatismo e do transitório para assumir em geral uma postura complexa na abordagem e mediação social. Ambos os profissionais – jornalistas e sociólogos – seriam, na sua avaliação, intérpretes da realidade.

O sociólogo é um tipo de **super-repórter**, como os homens que escreviam no *Fortune*. O sociólogo conta as coisas de uma forma um pouco mais precisa, e

com um estilo um pouco mais imparcial que o homem médio: o que meu amigo Franklin Ford chamaria as grandes notícias (BERGANZA-CONDE, 2008, p. 19, grifo nosso)

Assim como a relação traçada entre fazeres de repórteres e sociólogos, o entendimento de “grandes notícias”, explicitado na menção ao colega, pode indicar uma proximidade com o que entendemos hoje como reportagem. Para Park, as “grandes notícias” se configurariam “[...] das tendências durante um longo período, referem-se ao que está acontecendo no presente, não relatam somente o que sucede na superfície das coisas e explicam aquilo que parece que está passando.” (BERGANZA-CONDE, 2008, p. 19). A descrição pode ser válida também para pensar a prática jornalística, especialmente aquela que busca alcançar, no amparo da contextualização, uma visão mais completa e panorâmica da realidade. Não deixa de ser curioso observar que, enquanto a palavra notícia aparece quase 70 vezes no ensaio de Park, o vocábulo jornalismo não chega a ser mencionado uma única vez.

A Teoria do Jornalismo no Brasil e nos países de língua espanhola pode ser tomada como sinônimo de Teoria da Notícia em Portugal e nos países de língua inglesa (*News Studies*) (MEDITSCH; SCHWAAB, 2014), revelando a centralidade assumida pela notícia nos estudos de jornalismo⁶. A constatação também confirma que desde as primeiras reflexões teóricas sobre o tema, as discussões em torno de possíveis teorias do jornalismo costumam considerar as notícias como objeto central (SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2012), conferindo a ela identidade dominante na cultura jornalística. O objeto de estudo do Jornalismo, no entanto, não está pronto, resulta de uma construção teórica, cujo enfoque está na concepção de notícia, mas a extravasa, contemplando a informação da atualidade nas suas diversas possibilidades. Ao contrário da lógica padrão, a prática de repórteres especiais demonstra que alguns dos trabalhos jornalísticos mais significativos são construídos a partir de assuntos já conhecidos, invisibilizados no noticiário ou esquecidos⁷, o que reforça em alguma medida a ideia de transgressão.

⁶ Talvez por assumirem uma perspectiva mais generalista, o que não quer dizer que não haja elementos de notícia numa reportagem. Alguns autores, como Cremilda Medina, têm recorrido à forma expressiva “narrativas da contemporaneidade” como forma de também ser mais abrangente.

⁷ Em entrevista ao Laboratório de Narrativa Hiperfídia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a repórter especial do Fantástico, da Rede Globo, Sônia Bridi, enfatizou: “Pautas inéditas são muito boas. Agora, as mais relevantes que a gente pode fazer não são as pautas inéditas. São as pautas que têm a ousadia, a coragem de botar o dedo naquilo que todo mundo tá careca de saber, mas não enxerga mais. Que a educação é uma porcaria nesse país. Que não tem água e esgoto pra todo mundo. Que ainda tem gente que passa fome. Que a desigualdade social é brutal e inaceitável nos níveis que tem nesse país. Que a violência policial não tem justificativa. [...] Você ter a coragem de colocar a mão naquelas pautas que são óbvias, históricas, sempre estiveram ali, pois são essas pautas que mais precisam da nossa atenção. Porque a gente não pode permitir a normalização do que é errado e do que é injusto.” (SONIA..., 2020).

Embora no texto Park delimite a discussão à notícia, o uso do termo tem um sentido mais abrangente. É possível tomá-lo como extensão do fazer jornalístico, considerado o contexto histórico de produção e o estudo ainda precoce dos gêneros jornalísticos – podendo a separação entre notícia e reportagem ser uma noção antecedente ao período, com raízes profundas na cultura ocidental. Um indicativo desta suspeita se verifica nos métodos de investigação e apuração observados ainda no século XIX, antes dessa formalização, como os adotados pela jornalista estadunidense Nellie Bly (QUEIROZ, 2013), uma precursora do jornalismo investigativo. Há indícios da estrutura do discurso jornalístico ainda anteriores. Karam (2009) postula que muitas das linguagens e técnicas das narrativas jornalísticas contemporâneas remontam à antiguidade clássica, inclusive padrões atribuídos exclusivamente à tradição inglesa e norte-americana, como o *lead*.

A maneira como Park concebe a prática jornalística pode abranger, portanto, outras modalidades, formatos e gêneros como a reportagem (BERGANZA-CONDE, 2008), pois se apropria das noções daquele momento, quando é compreensível a ausência da distinção. Um possível exemplo desta constatação é o uso da palavra reportagem, citada apenas duas vezes no artigo e tratada superficialmente, sintetizada como “algo que tenha interesse humano” (PARK, 2008a, p. 60). A noção genérica pode esconder, entretanto, a possibilidade de enxergar o jornalismo como interpretação da realidade de forma alargada e não limitada às amarras do caráter da urgência do inesperado e da imediatividade, como se caracteriza a notícia. A utilização da expressão “grandes notícias” em alguns de seus textos revela uma “concepção de notícia, que implica uma forma de fazer jornalismo em profundidade” (BERGANZA-CONDE, 2008, p. 19).

Pode, portanto, aproximá-la do que se entende hoje como “reportagem especial”. Estas palavras – grandes notícias – denotariam ainda “o progressivo desencanto de Park com a profissão jornalística, ao observar as dificuldades para exercer a profissão sem se fixar na superficialidade dos acontecimentos. [...] o desencanto [...] o conduz a uma perspectiva sociológica de estudo” (BERGANZA-CONDE, 2008, p. 19), com a abertura para o aprofundamento dos fenômenos sociais. Os interesses de pesquisa de Park se relacionam com sua trajetória pessoal, assim, seus estudos carregam as marcas da própria experiência acumulada nos anos de atuação como jornalista, fundamental para compreender seu pensamento teórico. No ensaio de 1940, buscava a resposta para questões centrais, como que tipo de conhecimento as notícias proporcionam e quais os elementos as caracterizam.

Se fosse possível definir um marco para o início da pesquisa acadêmica do campo, este momento simbólico se reportaria, na visão predominante, ao estudo *De Relationibus Novellis*

ou “Relatos Jornalísticos”, defendida por Tobias Peucer na Universidade de Leipzig, na Alemanha, em 1690. Elaborada quando o jornalismo florescia ainda pelo processo artesanal e buscava se consolidar como fenômeno de massas, a publicação é apresentada como instituidora do campo (SOUSA, 2004; MACHADO, 2004; ADGHIRNI, 2006; RÜDIGER, 2017). As reflexões teóricas de Peucer são iniciais, mas abrem caminho para a formulação de novas interrogações e levantam discussões ainda pertinentes, como os critérios de noticiabilidade, a singularidade como fundamento do discurso jornalístico, semelhanças e diferenças entre a narrativa histórica e o relato jornalístico⁸, como veremos mais profundamente no Capítulo 3.

No pensamento de Park (2008a, p. 59), há uma preocupação incisiva em delimitar o tempo associado à produção jornalística e seu risco de perecibilidade: “a notícia, como forma de conhecimento, primeiramente não está interessada no passado ou no futuro, mas no presente [...] Pode-se dizer que a notícia existe somente nesse presente”. A reflexão pode apontar limites se o foco for a reportagem, exigente de um olhar ampliado, para as dimensões temporais alargadas, incluindo passado e futuro, em busca de uma narrativa que possa, se não responder a questões mais abrangentes, ao menos permitir conhecer dado fenômeno sob multifacetados aspectos. Com tensionamentos e ressalvas, retomar as ideias do sociólogo se faz necessário, pois suas contribuições embrionárias demonstram a formação de um campo de estudos com desdobramentos até os dias atuais. Outro exemplo é sua definição sobre fato, um valor central no jornalismo e pouco discutido:

Fato é um novo conceito. Embora o significado lógico desta palavra não seja discutido aqui, seu significado psicossocial deve ser clarificado. (...) Quando existem grupos como um público, e quando os objetos têm diferentes significados para diferentes indivíduos, um novo método de comunicação é necessário. Ele consiste em decompor o objeto, o evento, ou o que quer que seja, em seus elementos. Estes elementos, por seu turno, podem ser também objetos, eventos ou elementos de percepção, mas precisam ter o mesmo significado para todos os membros do grupo. Os elementos que têm o mesmo significado para todos os membros do grupo podem então ser considerados como fatos. (PARK apud MEDITSCH, 2010a, p. 38).

Esta noção permite avançar na percepção de que fatos são uma construção social intersubjetiva, efetivada na relação entre sujeitos, com aspectos da realidade compartilhados e com significação reconhecida. Assim, a realidade cotidiana é o conhecimento que constitui esta rede de sentidos partilhados “sem o qual nenhuma sociedade pode existir” (BERGER;

⁸ Para Park, a notícia trata de eventos e tem qualidade “transitória e efêmera”. Por se referir a acontecimentos, assemelha-se à História, “Entretanto, a notícia não é história, e seus fatos não são fatos históricos. Não é a história porque, em primeiro lugar, se refere, em conjunto, a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los nem com sequências causais nem com sequências teleológicas. A história não só descreve os acontecimentos, mas também procura colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica”. (PARK, 2008a, p. 58)

LUCKMANN, 1978, p. 30). Vários autores no Brasil dialogam com as reflexões esboçadas por Park. Genro Filho (2012) e Meditsch (1992; 1997) aprofundam o pensamento que concebe a notícia como forma de conhecimento, sem deixar de criticá-lo nas suas limitações. Essa matriz teórica também encontra ressonância no Brasil com Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca (2000), Sylvia Moretzsohn (2007), Roseméri Laurindo (2008), Liriam Sponholz (2009) e Márcia Veiga da Silva (2014; 2015) entre muitos outros pesquisadores. Fonseca (2010) antecipa que a caracterização de Park das notícias como forma de conhecimento se associa a um tipo de jornalismo meramente informativo, excludente de formas mais contemporâneas, como o investigativo e modalidades interpretativas, como a própria reportagem.

2.1.1 A potência da singularidade

Genro Filho (2012) promove uma visão ousada comparada às teorias difundidas até então, ao conceber o jornalismo como forma social de conhecimento, diferente daquele produzido pela ciência (focada na universalidade), ou pela arte (com base na particularidade). Ele inova ao propor que, enquanto a ciência aspira o princípio da universalidade, a partir da generalização, o jornalismo se fundamenta no oposto, a singularidade, naquilo que não se repete, sua principal potência. Essa categoria seria o recorte epistemológico do fenômeno jornalístico⁹. A abordagem também é considerada original por superar a visão crítica condicionada pela Escola de Frankfurt e o determinismo de que o jornalismo estaria apenas a serviço do capital e da manutenção do *status quo*. O jornalismo informativo na sociedade capitalista resulta de uma necessidade social, permitindo-lhe defender que a profissão não serve apenas à ideologia dominante.

Embora a atividade tenha nascida vinculada à ascensão da burguesia e expansão do capitalismo, reúne condições que vão além. Para Genro Filho (2012, p. 32), o jornalismo “não é reconhecido em sua autonomia relativa e indiscutível grandeza”. É a partir de sua contribuição que se faz possível a incorporação nos anos 1980 da disciplina Teoria do Jornalismo, até então, ausente dos cursos de graduação, alinhados às diretrizes da Comunicação Social, sem considerar a especificidade jornalística. Uma das principais diferenças da proposta teórica adelmiana comparada a outras interpretações que também entendem o jornalismo como forma

⁹ Ele exemplifica esta dimensão: “ao invés de dizer que o sujeito era muito alto, diga que ele tinha 1,90m” ou, então, “ao invés de dizer que Sarney estava nervoso quando anunciou o último cruzado, digam em seu texto que suas mãos tremiam”. “A singularidade, aquilo que é menos generalizante, é o que tem mais força no jornalismo” (GENRO FILHO, 1986).

de conhecimento é a maneira de compreender esse conhecimento, diferente do concebido por Park, mas não só. Independentemente da plataforma de sua manifestação, o autor escolheu trabalhar com a notícia como “unidade básica de informação jornalística”, pela predominância do formato.

Sendo a notícia “por excelência, a matéria-prima do jornal diário”, a reportagem cumpre para o autor uma “função paralela no jornalismo”, mas “é uma forma de apanhar certas coisas que a notícia não consegue” (GENRO FILHO, 1987). Um exemplo clássico, no limite entre a literatura e o jornalismo é *À Sangue Frio*, de Truman Capote. As referências estão na sua palestra de abertura do Encontro Nacional dos Estudantes da Comunicação (ENECOM), em Porto Alegre, em 1987. A reportagem não estaria tão condicionada ao singular quanto a notícia, encontrando sua força na particularidade. Para Genro Filho (2012, p. 209): “A reportagem não nega a preponderância da singularidade no jornalismo em geral, mas implica num gênero no qual se eleva do singular uma particularidade relativamente autônoma, que coexiste com ele”. Para além dos gêneros jornalísticos, sua teoria contempla a prática da reportagem, enquanto metodologia.

Isso porque demonstra que o jornalismo não se resume meramente a uma técnica centrada na resposta das perguntas básicas do *lead* ou de uma estrutura textual possível de ser reproduzida pela fórmula da pirâmide invertida. O autor abre possibilidades para compreender a atividade como práxis complexa e com potencial libertador. “Somente o aparecimento histórico do jornalismo implica uma modalidade de conhecimento social que, a partir de um movimento lógico oposto ao movimento que anima a ciência, constrói-se deliberada e conscientemente na direção do singular” (GENRO FILHO, 2012, p. 168). A teoria criada por ele pode ser datada, como sugerem alguns críticos, no entanto, mostra-se ainda não superada e com muitos aspectos a serem aprofundados, pois aponta um caminho possível para a prática jornalística longe das esferas da ideologia e da manipulação, colocando o jornalismo como produção de conhecimento.

Fundamentando-se nas interpretações do autor, Fonseca (2000, p. 173) enfatiza: “Entre as formas de conhecimento reconhecidas como relevantes para a cultura contemporânea, com maior ou menor ênfase, dependendo do período histórico [...], podem-se citar: a ciência, a filosofia, a religião, a ideologia e o próprio senso comum”. A amplitude de possibilidades evoca mais uma vez a polissemia da palavra conhecimento: caberia questionar se a religião e a ideologia são, de fato, conhecimentos ou estariam mais próximos de saberes sociais ou até crenças individuais, numa visão mais ampla. A autora critica a disseminação do jornalismo declaratório, sem condições de estabelecer a relação entre os acontecimentos e a narrativa

pretensamente imparcial, neutra e objetiva. Ela reivindica a potencialidade da autoria, advogando a atuação do jornalista elevada à categoria de “intérprete da realidade”.

Essa comparação é notada como uma tendência antiga se olharmos para a trajetória profissional. Ao analisar as mudanças no modo como o jornalismo estadunidense tratou a presidência daquele país no início do século XX, Schudson (1999) observou que, com o passar do tempo, a prática jornalística ganha maior poder de interpretação da realidade. Para ele, o estabelecimento do *lead* como convenção jornalística fez com que jornalistas deixassem de apenas retransmitir mensagens e passassem a assumir a função de intérpretes das notícias. “Este novo papel, permite ao repórter escrever sobre o que ouve e vê e sobre o que não é visto nem ouvido ou é intencionalmente omitido” (SCHUDSON, 1999, p. 286). Além de intérprete do cotidiano, Fonseca acredita no trabalho jornalístico como “produtor de um conhecimento socialmente relevante” e argumenta:

A identificação do jornalismo como forma de conhecimento singular é que vai nos fornecer um conceito para esta atividade socialmente relevante e que, por conseguinte, vai determinar uma prática profissional em que o jornalista será, acima de tudo, um intérprete qualificado de uma realidade que precisa ser contextualizada, reproduzida e compreendida nas suas relações de causalidade e condicionamentos históricos. (FONSECA, 2000, p. 175).

Neste mesmo artigo, a pesquisadora apresenta dois pontos de vista sobre a contextualização no jornalismo que por muito tempo estiveram presentes no campo profissional, se não perdurarem até hoje. No primeiro prisma, abraçado por Sônia Aguiar Lopes, a possibilidade de contemplar a análise, interpretação e contextualização seria reservada apenas e exclusivamente à reportagem. Enquanto no segundo, levantado por Elias Machado, a contextualização também seria possível na notícia, conclusão ratificada recentemente por Ana Paula Lückman (2020), afinal, a pressão do tempo não autoriza uma postura irresponsável. O primeiro entendimento, oposicionista e binário, revela uma velha visão de que apenas a reportagem teria condições de promover uma leitura ampliada da realidade ou fazer jornalismo de qualidade. Esta parece uma compreensão limitada que precisa transcender em busca de um olhar epistemológico, como propõe Genro Filho (2012).

A discussão sobre reportagem na perspectiva de Genro Filho (2012) aparece de forma tímida no seu livro, limitando-se a alguns parágrafos finais do penúltimo capítulo (IX), mais dedicado à reflexão prática, ao “como fazer”, a partir do intertítulo *A reportagem e a velha questão do novo jornalismo*. Nele, o autor reflete a necessidade de busca por um conceito de reportagem que não seja apenas “operacional” para o editor, uma preocupação não só necessária como ainda atual. “Quase sempre ela é considerada como uma ‘notícia grande’ ou matéria que

exige investigação mais demorada, sem considerações de ordem epistemológica capazes de esclarecer sua essência como modalidade jornalística” (GENRO FILHO, 2012, p. 207-208). Na concepção adelmiana, a reportagem estaria mais associada à particularidade e cristalizaria no particular e não no singular, ao contrário da notícia.

“[...] O essencial na reportagem [...] é que a *particularidade* (enquanto categoria epistemológica) assume uma relativa autonomia ao invés de ser apenas um contexto de significação do singular”. (GENRO FILHO, 2012, p. 208). Assim, “ela própria busca sua significação na totalidade da matéria jornalística, concorrendo com a singularidade do fenômeno que aborda e dos fatos que o configuram” (GENRO FILHO, 2012, p. 208). Possivelmente, a proposta de Genro Filho centraliza a notícia pelo desafio de explorar nela a singularidade, ao contrário da reportagem. Ele entende a notícia como o epicentro do jornalismo e identifica o desafio de se fazer este movimento a partir dela. Apesar de sua obra ser um marco nas discussões em torno da necessidade de uma teoria do jornalismo, as reflexões antecedem a publicação, já estavam presentes em textos anteriores publicados por ele em jornais do Rio Grande do Sul, em 1975 e 1977.

A necessidade de uma teoria geral do jornalismo, que explique melhor o fenômeno historicamente, que o reconheça enquanto estrutura específica de comunicação, situando nessa totalidade uma série de conceitos que hoje são operacionalizados, parece uma proposição estritamente válida. Isto implicaria numa redefinição de conceitos como “notícia”, “reportagem”, “editorial”, etc. e no questionamento de seus aspectos estruturais e do próprio conteúdo. Desde os chamados “atributos da notícia”, como atualidade, veracidade, curiosidade, proximidade e outros, até as questões estruturais do “lead” precisariam ser rediscutidos em função de uma compreensão globalizante. (GENRO FILHO, 2004, p. 162).

Na palestra proferida durante o ENECOM, em 1987, ele resume em três abordagens as concepções teóricas sobre jornalismo. A primeira, difundida pelo senso comum, considera o jornalismo como “uma forma de comunicação”, de maneira genérica e sem contemplar sua especificidade. A segunda, ligada a uma perspectiva positivista/funcionalista, vê o jornalismo como “uma forma de comunicação para integração do ser humano ao seu papel social”, avança, mas ainda não contempla a particularidade da atividade. E a terceira, a partir de uma análise crítica, fundamenta-se na crítica ideológica que subestima e reduz o jornalismo a “uma forma de comunicação a serviço da reprodução da ideologia dominante”, ainda muito presente no Brasil entre setores dos movimentos sociais e intelectuais progressistas. Genro Filho identifica o impasse colocado ao jornalismo frente a uma concepção teórica insatisfatória.

A teoria é importante, é indispensável, porque só a teoria fornece um tipo de conhecimento profundo capaz de direcionar a prática. A visão que nós temos,

a visão comum, a visão vulgar que temos sobre a teoria é de que a teoria na prática é outra, mas isso é uma falácia. Na verdade, na prática é que a teoria comprova a sua efetividade e a sua realidade. Isso se for uma teoria correta, se for uma boa teoria, se for uma teoria que corresponda, efetivamente, à essência dos fenômenos. A única maneira de captar a essência das coisas é através de uma apreensão teórica, uma apreensão de universalidade do fenômeno, daquilo que ele tem de essencial e de genérico, que é subjacente ao fato observado (GENRO FILHO, 1987).

A partir daí, Genro Filho classifica o jornalismo como uma forma social de conhecimento, mas não de um conhecimento qualquer, pois esta concepção também seria genérica. O jornalismo, na sua compreensão, reúne características semelhantes a outras formas de conhecimento, mas também se diferencia, como uma forma de conhecimento cristalizado no singular. Assim, se a singularidade é a “essência” da notícia, a narrativa noticiosa deve se estruturar do singular para o particular, e não do mais importante para o menos, questionando as diretrizes dominantes das técnicas do *lead* ou pirâmide invertida, importada da prática jornalística norte-americana. “[...] sob o ângulo epistemológico – que é fundamental – a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra” (GENRO FILHO, 2012, p. 201).

Genro Filho (2012) alerta, no entanto, o risco de o jornalismo virar sensacionalismo, quando exagera no processo de singularização da apreensão da realidade, dando aos fatos noticiados um apelo popularesco e pitoresco, focado em provocar sensações. Sob forte influência da filosofia, ele trabalha com as três categorias emprestadas de Hegel, de modo simultâneo e conectado, como dimensões obrigatórias em cada fato jornalístico. A produção de informação jornalística dentro das premissas adelmianas exige necessariamente a articulação de três dimensões: singular, particular e universal – não por si mesmo, mas sempre numa relação entre si permanentemente – com base nas categorias definidas por Lukács. Nessa perspectiva, a produção noticiosa busca uma generalização crescente e contextualização dos nexos informativos, apontando para a universalidade dos fenômenos narrados.

Ele avança ainda ao reivindicar uma prática inclusiva que não se reduza a produzir jornais meramente opinativos, beirando ao discurso panfletário, afastado do jornalismo. Buscava formas de como produzir um jornalismo crítico-transformador que fosse competente, utilizando-se de recursos aparentemente objetivos, mas na perspectiva das classes populares, em contraponto aos fazeres hegemônicos. A perspectiva de classe presente na obra do autor se relaciona com a teoria marxista que propõe, inclusive no subtítulo do livro. Além deste elemento marxista, há outros aspectos que o diferenciam como produção de conhecimento, na visão de Elaine Tavares (A ATUALIDADE..., 2017a, 2017b). Ela considera a teoria de Adelmo

ainda mais relevante no atual contexto das novas mídias em comparação ao período de sua criação, nos anos 1980, dada a urgência de produção de conhecimento a partir das ferramentas técnicas disponíveis frente a um processo de desinformação.

Em curso ministrado na UFSC em 2017, Tavares defendeu a importância de avançar na apropriação da teoria adelmiana voltada para a produção noticiosa, e não apenas para a discussão teórica e acadêmica. Considera o conhecimento como práxis, com potencial para a intervenção e transformação da realidade, e a noção de totalidade para cada notícia, como chaves de leitura fundamentais da obra do autor.

Em seminário realizado em Portugal em 1997, Meditsch analisou se o jornalismo é “transmissão de conhecimentos ou degradação do saber” e criticou argumentos que comparam o jornalismo a uma “ciência menor”. Concluiu que “tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los, e é provável que muitas vezes faça essas duas coisas simultaneamente” (MEDITSCH, 1997, p. 2). Meditsch (1997, p. 3) defende que “o jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais”. Além de uma forma de comunicação, pensa o jornalismo como forma de conhecimento e denuncia a perda do objeto de estudo do campo, responsável pelo afastamento entre teoria e prática. Ele argumenta que, “se o jornalismo é atividade de conhecimento, é mais do que mera técnica, como tem sido pensado nas escolas e nos manuais que pretendem ensinar a profissão” (MEDITSCH, 1992, p. 20). Dessa maneira, tem uma importância social muito maior da que vem se atribuindo a ele.

É o fato de operar no campo lógico da realidade dominante que assegura ao modo de conhecimento do Jornalismo tanto a sua fragilidade quanto a sua força enquanto argumentação. É frágil, enquanto método analítico e demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que essas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação. Em consequência, o conhecimento do jornalismo será forçosamente menos rigoroso do que o de qualquer ciência formal mas, em compensação, será também menos artificial e esotérico (MEDITSCH, 1997, p. 9).

Desta forma, o jornalismo seria um modo de conhecimento diferente da ciência e do senso comum, com especificidades técnicas e teóricas. “[...] o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar” (MEDITSCH, 1997, p. 3). Diferentemente da ciência, que busca leis universais e abrangentes e se volta aos pares, o jornalismo se constitui na sua relação com o

senso comum e promoção do diálogo social, produzindo um tipo de informação e linguagem amplamente acessíveis aos mais diversos segmentos sociais.

[...] é na preservação deste auditório ideal que o Jornalismo encontra uma de suas principais justificações sociais: a de manter a comunicabilidade entre o físico, o advogado, o operário e o filósofo. Enquanto a ciência evolui reescrevendo o conhecimento do senso comum em linguagens formais e esotéricas, o Jornalismo trabalha em sentido oposto (MEDITSCH, 1997, p. 8).

As aproximações entre jornalismo e conhecimento também estão presentes na obra de Moretzsohn (2007). Ela recorre ao clássico ensaio de Kant, de 1748, para pensar o significado de esclarecer. Ao vincular o jornalismo ao ideal iluminista de esclarecimento, responsável por criar os princípios basilares do chamado “jornalismo de referência”, a autora lembra que suspeitas e críticas sobre o jornalismo acompanham a atividade desde sua concepção e atravessam os últimos séculos. Apesar de visto como sustentação da democracia na Constituição americana, “o jornalismo já então sofria a contestação de intelectuais que o rejeitavam por sua evanescência e superficialidade, que, em vez de contribuir para a educação do povo, produziria de fato uma degradação do saber, quando não degenerava para a manipulação [...]” (MORETZSOHN, 2007, p. 123). Ao propor um jornalismo que saia do senso comum e vá ao encontro do senso crítico, a professora defende um “pensar contra os fatos”, ou contra a sua naturalização.

Outra autora a se embasar na orientação do jornalismo como forma de conhecimento é Laurindo (2008). Ela parte da noção numa dialética entre as dimensões particular, singular e universal para propor os conceitos de *autor-jornalista* e *autor-marca*, pensando as narrativas jornalísticas contemporâneas. Assim, autor-jornalista, na sua ótica, é aquele que “produz e é produzido pelo objeto, que pode ultrapassar condições a ele impostas. [...]. Para isto, [...] precisa haver um mínimo de contextualização particular ao significante particular que vai fazer da notícia uma forma de conhecimento.” (LAURINDO, 2008, p. 67-68). Em contrapartida, o autor-marca seria “a expressão máxima do processo industrial na autoria. O espaço do autor-marca é o território de uma cultura jornalística que se explica pela lógica de mercado” (LAURINDO, 2008, p. 72). Laurindo sinaliza que somente a condição do fato e o imperativo de o repórter estar lá não bastam: há o risco de excesso de singularidade, conforme adverte Genro Filho (2012).

Com um olhar epistemológico pouco comum entre repórteres do campo, Marcelo Canellas recorre com frequência à concepção teórica adelmiana sobre jornalismo, evidenciando a influência na sua formação. Em entrevistas, palestras e textos, o repórter especial do programa *Fantástico*, da Rede Globo, cita de modo recorrente o teórico e sua defesa pela singularidade

no jornalismo. Não parece ser uma coincidência por ambos – Canellas e Genro Filho – terem cursado Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O repórter busca essa orientação na sua prática, destacada na cobertura brasileira de direitos humanos, em torno das desigualdades e contradições do país na construção de uma agenda social. Para Canellas (2009, p. 107), o que todas as pessoas fazem de maneira intuitiva, jornalistas fazem “de maneira sistemática por dever do ofício.” Ele enfatiza o esforço de tornar o jornalismo como objeto autônomo de investigação:

Felizmente, o empenho quase isolado de intelectuais que tomaram para si a necessária tarefa de engendrar uma teoria do jornalismo que elucidasse a prática da profissão tem quebrado essa monotonia conceitual. No Brasil, a partir do pioneirismo de Nilson Lage, vários outros especialistas se dedicaram a essa empreitada, com destaque para o corpo acadêmico ligado à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). E foi justamente um professor desta universidade, o jornalista Adelmo Genro Filho (1987), o autor de um achado teórico que, para mim, permanece insuperável: o de que o jornalismo não é simplesmente um conjunto de técnicas que podem ser aprendidas com a leitura de um manual ou com um pouco de experiência prática e tampouco se restringe a ser mero apêndice do processo de comunicação social. O jornalismo, para Genro Filho, é uma forma social de conhecimento que tem suas leis específicas (CANELLAS, 2009, p. 106).

Nas palavras de Canellas (2016, p. 334), esta “talvez seja a definição mais brilhante que alguém já deu sobre jornalismo”. Na sua visão, o jornalismo não aceita ser colocado em parâmetros direcionados, pois tem por si só uma natureza insubmissa e contestadora. Sendo o “primeiro rabisco da história”, a atividade requer o exercício de novos olhares. Ele defende uma ligação entre os fatos e o contexto, estabelecendo relações entre causa e consequência e ouvindo todas as pessoas envolvidas para fazer do jornalismo uma forma social de conhecimento. O repórter lembra que os princípios editoriais da Rede Globo definem jornalismo como conjunto de atividades que produzem um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas: “a própria Globo define o jornalismo não como um conjunto de regras que você aprende num manual, mas como uma forma específica de conhecimento” (CANELLAS, 2016, p. 334).

2.1.2 A nova profissão do conhecimento

No ecossistema midiático contemporâneo, com a crise dos modelos de negócio tradicionais e as mudanças nas práticas profissionais, o jornalismo se reorganiza no contexto pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Nesta rede complexa e fragmentada, a precarização e reorganização do trabalho jornalístico são algumas das tendências, assim como a emergente sociedade redacional e a onipresença das tecnologias de criação de mídia. Assim,

é preciso pensar o jornalismo como um conjunto complexo de atividades, percepções, valores, não um objeto estável. Uma noção mais dinâmica da profissão é postulada por Mark Deuze e Tamara Witschge (2020) como exigência diante da diversidade e complexidade do jornalismo. Ainda assim, no entanto, parece fundamental considerar a centralidade do jornalismo como atividade intelectual que busca produzir conhecimento.

A vertente teórica do jornalismo como forma de conhecimento se aproxima da concepção adotada pelo alemão Wolfgang Donsbach (2013), para quem o jornalismo profissional é “a nova profissão do conhecimento”. Atento aos desafios impostos num ambiente onde, cada vez menos o público diferencia o jornalismo profissional do jornalismo amador, o pesquisador alerta para as mudanças no padrão de consumo de notícias. A proliferação das fontes de internet, o desaparecimento ou declínio das grandes marcas de mídia e as aproximações entre jornalismo e entretenimento fazem com que o conteúdo que temos acesso passe menos pelos processos jornalísticos. Para Donsbach (2013), esse movimento indica transformações estruturais, como a diminuição do impacto do jornalismo na sociedade, o envelhecimento do público e a diminuição do interesse pela esfera pública entre a geração mais jovem, sendo os próprios jornais os responsáveis.

Com a emergência de uma visão de mundo mais hedonista e autocentrada, a mídia informativa se volta para uma audiência mais velha e cada vez menor, colocando em risco a possibilidade de a população informar-se sobre assuntos públicos. O afastamento do público se manifesta numa crise de credibilidade das instituições democráticas, com o distanciamento das pessoas dos processos políticos. Ainda assim, Donsbach (2013) constata com ênfase a permanência do jornalismo profissional, por acreditar que a sociedade sempre vai precisar da atividade, especialmente para diferenciar evidências de boatos e fofocas. Além disso, confirma o papel do jornalismo na promoção de uma realidade compartilhada, para impedir o perigo de fragmentação de uma sociedade que perde sua coesão (HABERMAS apud DONSBACH, 2013). Na sua compreensão, conceber o jornalismo como profissão do conhecimento requer a transmissão não apenas dos fatos, mas, sobretudo, as interconexões entre eles, capazes de permitir a orientação e o empoderamento de indivíduos.

Com base em uma pesquisa realizada na Alemanha, Donsbach (2013) mostra o fortalecimento do uso da web como principal instrumento de informação e lamenta a marginalização silenciosa do jornalismo profissional na comunicação pública. Como principais consequências, lista cognições menos validadas e menos aderidas. As pessoas compartilhariam, assim, menos percepções comuns da realidade, quadro que serve para descrever não só o cenário alemão.

A contradição está exposta: o acesso facilitado às redes permite a qualquer pessoa produzir e multiplicar conteúdos, democratizando a arena do debate público, mas também favorece a propagação de relatos falsos, de difícil controle e monitoramento. Promove o fluxo de notícias, mas também a desinformação. Frente à desordem gerada com o bombardeamento de versões, a importância do jornalismo profissional e sua capacidade de explicar o mundo se fortalece: a atividade só se justifica se colocar ideias em confronto que contribuam para a promoção do debate e a ampliação da democracia. Os novos tempos trazem consigo muitos paradoxos. Se, por um lado, podem, numa visão ideal, estimular a valorização do trabalho jornalístico, também desafiam a pensar outras formas de sustentabilidade financeira, dadas as dificuldades impostas à atividade. A relativização da verdade talvez seja a principal e mais grave preocupação diante desse panorama, já traçado não como pós-verdade, mas como “pós-jornalismo”¹⁰.

Mesmo que essa era não seja sinônimo de mentira, mas de um período em que “os *fatos objetivos* têm menos influência do que os apelos às emoções e às crenças pessoais” citando o verbete pós-verdade, incluído recentemente no dicionário de *Oxford* (POST-TRUTH, 2016). A existência da mentira no espaço público não é novidade. A diferença é que ganhou alcance muito maior com as redes sociais e escancara em larga escala os perigos da indiferença à verdade, com efeitos diretos em acontecimentos decisivos da vida social. Nesse sentido, a pesquisadora britânica Claire Wardle (2017) entende que a expressão *fake news* é imprecisa, incapaz de contemplar todas as possibilidades de desinformação e usada muitas vezes de forma estratégica por políticos para desqualificar conteúdos veiculados pela imprensa, que, de alguma forma, prejudicariam seus interesses. Além do paradoxo contido no próprio termo: se é notícia, como pode ser falsa? Ela chama esse universo de *ecossistemas de desinformação*¹¹.

Essa atmosfera de bombardeio de informação, distorções e conteúdos falsos reforça a necessidade de uma alfabetização midiática, permitindo a possibilidade de promover o estudo acerca do jornalismo e do universo da mídia nas escolas de educação básica, como já ocorre em países europeus. Nos novos contextos digitais, essa proposta torna-se ainda mais relevante podendo facilitar a promoção do discernimento entre o que é uma notícia e um comentário, para citar apenas um exemplo corriqueiro que ilustra a urgência da iniciativa. O letramento midiático

¹⁰ O fenômeno aparece descrito por Zarzalejos (2017, p. 11): “Ralph Keyes já o citava, em 2004, no livro *Dishonesty and Deception in Contemporary Life*, como relata Luis Meyer na revista *Ethic*, na edição de fevereiro deste ano (*Não a chame de pós-verdade, chame de pós-jornalismo*)”.

¹¹ A pesquisadora, junto com Derakhshan (2017, tradução nossa), classifica sete tipos de desinformação: sátira ou paródia; falsa conexão; conteúdo enganoso; falso contexto; conteúdo impostor; conteúdo manipulado; conteúdo fabricado.

e informacional, o chamado *media literacy* na sigla em inglês, consiste na capacidade de o cidadão comum entender o ambiente informativo, assegurando-lhe habilidades para reconhecer e combater discursos de ódio, informações manipuladas ou conteúdos fraudulentos. Deste modo, favorecendo a compreensão dos valores éticos e atributos em torno da informação jornalística.

As mudanças na atividade jornalística, na avaliação de Donsbach (2013), podem ser pensadas como oportunidade ou risco para a comunicação pública. Como oportunidades, sublinha a democratização da informação, com mais e diferentes pontos de vista e menos dependência das grandes corporações, além de posições não relacionadas com o poder. Como risco, um declínio da exposição das pessoas às notícias e assuntos públicos. Realça ainda a mudança de valores, com a proliferação de ofertas de novas e muitas vezes mais empolgantes atividades na internet em detrimento do dever de manter-se informado como obrigação pública (DONSBACH, 2013). A situação sugere, no entendimento do autor, a necessidade de repensar a função social do jornalismo na sociedade contemporânea e uma revisão de seu ensino, com foco em novas competências.

Mas não torna a atividade obsoleta por três razões: a sociedade necessita de informação validada, de uma realidade compartilhada e de instituições confiáveis (DONSBACH, 2013). As principais funções sociais do jornalismo seriam: a validação da informação – ou seja, a distinção entre a verdade e a fofoca, e a realidade compartilhada – um reservatório de conhecimentos, experiências e valores que permitem o funcionamento das sociedades. Os três elementos indicados pelo autor (validação, compartilhamento e confiança) impediriam a extinção da atividade ou sua transformação em algo ultrapassado. Somente o jornalismo tem a capacidade de validar informações? Na concepção de Donsbach, não. Mas a atividade desempenha papel relevante nesse sentido à medida que a propaga para diversos públicos, permitindo a circulação de conhecimentos.

Entusiasta e defensor da profissionalização da área, Donsbach (2013) aponta que o jornalismo exige competências que precisam ser ensinadas em programas acadêmicos para fornecer habilidades necessárias e tornar o jornalismo uma “profissão de fato”, defesa que lembra uma antiga discussão no campo. No ensaio *Por que o jornalismo precisa de doutores?*, Meyer (2009, p. 222), estabelece as diferenças entre um ofício e uma profissão. Enquanto o primeiro é passível de ser aprendido por imitação: “assistir à performance de um mestre e depois imitá-la, uma profissão é aprendida a partir de princípios fundamentais, de modo que quando as situações mudam, o profissional entende as mudanças e ajusta as técnicas para se adequar”. Na mesma linha, Kunczik (2002) esclarece as diferenças entre emprego, ocupação e ofício,

tendo em vista que profissão requer um conhecimento altamente especializado, com base teórica.

Veza ou outra alguém anuncia a morte do Jornalismo, como o faz Kucinski (2006) em “Jornalismo, profissão em extinção”. Donsbach (2013) recusa esta hipótese e adverte ainda sobre a necessidade de manter a proteção da atividade contra a influência de interesses puramente comerciais. Para ele, não é possível substituir o papel social de jornalista e sua competência profissional: O público sempre precisará contar com o trabalho de jornalistas profissionais. Ele pontua que um cidadão sozinho de se seu computador pode ter a capacidade de atingir um público tão grande quanto uma emissora de TV ou jornal, mas não exercerá o jornalismo se não puder extrair informações não desejadas. Na sua leitura, jornalistas precisam desenvolver competências que possam lhe fornecer um embasamento mais amplo e intelectual para a tomada de decisões nas práticas profissionais.

Se considerarmos o jornalismo como a nova profissão do conhecimento, teremos que definir suas competências específicas. Esta nova função requer definir cinco campos básicos de competência, todos os quais não são novos para a educação em jornalismo, mas raramente, talvez nunca, existiram em um único programa educacional: um jornalista deve 1) possuir uma consciência aguçada das histórias relevantes e de assuntos atualizados, assim como pensamento analítico, 2) ter experiência nos assuntos específicos sobre os quais se dedica ou reporta, 3) ter um conhecimento básico fundamentado cientificamente sobre o processo de comunicação, 4) dominar as habilidades jornalísticas, e 5) conduzir-se de acordo com as normas éticas profissionais. (DONSBACH, 2013, p. 15, tradução nossa).¹²

Alguns jornalistas chegam a recusar a existência de um conjunto de conhecimentos específicos para a prática profissional. Preferem associar suas atividades a algo tão esotérico que, muitas vezes sem reconhecer, negam a necessidade de uma formação para exercer a função. Traquina explana as competências profissionais particulares exigidas pela atividade ao longo do tempo. “[...] houve a afirmação de competências e saberes específicos por parte dos membros deste grupo de pessoas que trabalhavam nos jornais. Começavam a reivindicar um monopólio de saberes, indicativo da construção de uma ‘profissão’” (TRAQUINA, 2012, p. 91). Um fator central na definição da competência profissional, para o autor, é o domínio e controle do tempo frente ao tensionamento provocado pelas horas de fechamento. Assim, para

¹² *If we do regard journalism as the “new knowledge profession,” we have to define its specific competencies. This new role requires, in my view, five basic fields of competence all of which are not new to journalism education but rarely if ever exist in a single educational program: Journalist should (1) possess a keen awareness of relevant history, current affairs, and analytical thinking, (2) have expertise in the specific subjects about which he or she reports, (3) have a scientifically based knowledge about the communication process, (4) have mastered journalistic skills, and (5) conduct himself or herself within the norms of professional ethics. (DONSBACH, 2013, p. 15)*

Traquina, a ênfase na ação está no centro do profissionalismo. Ericson, Baranek e Chan (1987) lembram que as competências jornalísticas da identidade profissional passam pelo “saber de reconhecimento”, “saber de procedimento” e “saber de narração”.

Há uma percepção frequente de que a defesa do jornalismo como algo crucial para a sociedade soa como uma bandeira corporativista, pois costuma partir de jornalistas e não do público, que muitas vezes apresenta uma visão distorcida do trabalho jornalístico. Apesar das evidências de como o jornalismo profissional amplia a cidadania e tem caráter central na vida democrática, o caminho seria investir em boas práticas para o público as reconhecer como necessidade. Uma possibilidade também seria pensar em possibilidades de educação para a mídia, a chamada alfabetização midiática, considerada a dificuldade de distinções básicas entre uma informação e um comentário. Da criação da pauta à edição final, o exercício jornalístico requer a adoção de ações basilares, manifestadas por um método próprio.

Conceder ao jornalismo o *status* de produção de conhecimento não é auto evidente, como assinala Labasse (2017), para quem o campo do jornalismo escapa tradicionalmente às tentativas de demarcação de seus limites e fronteiras. As tentativas de definição formal da profissão ficaram muitas vezes restritas à esfera midiacêntrica, apegadas a um meio de informação ou a uma prática específica (jornalismo investigativo, jornalismo televisivo...) sem grandes avanços na sua epistemologia geral, ainda nebulosa. Sua natureza e os métodos particulares que o definem permaneceriam incertos e vagos, sem a especificação de sua ‘essência’. O esforço para pensar a epistemologia do próprio jornalismo se faz necessária para compreendê-la e praticá-la: “o estudo das modalidades de conhecimento do jornalismo pode, por um lado, contribuir para a compreensão geral do jornalismo, também pode, por outro, defini-lo” (LABASSE, 2017, p. 7). Assim,

se o jornalismo não pode ser contido numa fronteira rígida, delimitando de maneira binária a definição do que é ou não seu domínio, por outro lado, seu perímetro pode ser entendido de forma progressiva (estendendo-se do mais ao menos jornalístico) o que a evolução das doutrinas profissionais tende a consolidar (LABASSE, 2017, p. 8).

Ao longo do tempo, o jornalismo alcançou uma autoridade no fornecimento de formas exclusivas de conhecimento. Está entre as instituições mais influentes de produção de conhecimento na sociedade moderna (EKSTRÖM; WESTLUND, 2019). Normas e práticas foram institucionalizadas no processo de produção de um conhecimento que atenda às exigências de relevância, precisão e verificação diariamente. Como forma de conhecimento, a notícia se associa a expectativas e padrões de justificação particulares, distintos de como o conhecimento é produzido e justificado em outros discursos. Ainda assim, as notícias são um

conhecimento produzido metodicamente, mas também menos sistemático, analítico e estrutural do que o conhecimento científico, por exemplo. Com maneiras específicas de falar e perceber, demarcando uma função específica, o conhecimento produzido no jornalismo é distinto daquele produzido e compartilhado no âmbito de outras instituições sociais.

2.2 REPORTAGEM ENQUANTO INSTITUIÇÃO JORNALÍSTICA

A reportagem se constitui historicamente a partir de regras, leis e formas de agir próprias, visões, interpretações e narrações de mundo enraizadas em princípios normativos e responsabilidades sociais. Esses parâmetros construídos em instâncias internas e a partir de expectativas sociais se estabeleceram com base em um contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2013; BENETTI, 2013), um “acordo prévio” em torno de ações, intenções e funções esperadas entre quem produz e recebe a informação. Nesse contexto, caracterizar a reportagem como instituição social é aderir ao conceito sociológico com foco para Berger e Luckmann (1978), e fundamentos teóricos circunscritos ao campo (FRANCISCATO, 2003; GUERRA, 2005; GUERREIRO NETO, 2012). A noção contribui para pensar o processo que acompanha a atividade, suas limitações e potencialidades, enquanto forma de conhecimento e prática social.

Essa forma de entendimento remete, novamente, às ideias de Robert E. Park. A “história natural do jornal” pensada pelo autor já concebia a imprensa enquanto instituição. Park alerta que a luta pela circulação dos periódicos é uma questão de sobrevivência e considera o poder da imprensa mais expresso em espaços comandados pelo redator e editorialista do que propriamente na autonomia do trabalho de repórter. Os jornais são para ele resultado de um processo histórico, por isso, para serem compreendidos, precisam ser considerados dentro desta perspectiva. “O tipo de jornal que existe é o tipo que sobreviveu sob as condições da vida moderna” (PARK, 2008b, p. 33). Como define Machado (2005, p. 29), Park percebeu que “o que mais interessava naquele momento era identificar o jornal como uma instituição social, nascida para atender as demandas comunicativas de uma sociedade moderna cada vez mais complexa.”

Mas o que faz com que o jornalismo, e a reportagem, recebam o mesmo *status* de outras instituições tão diferentes, como a família, a escola, o casamento, o Estado e a igreja? Instituições sociais estruturam as sociedades ocidentais e se inter-relacionam, assumindo um caráter normativo e coercitivo, estabelecendo regras e costumes e controlando a conduta humana com padrões definidos. Berger e Berger (1977) identificam quatro características gerais

comuns nas instituições: exterioridade (situada fora do indivíduo); objetividade (consenso de sua existência entre a maioria); coercitividade (impõe represálias a quem viola o padrão institucional); autoridade moral (legitimidade para praticar as represálias) e historicidade (remete à existência anterior ao indivíduo e que permanecerá após sua morte). A orientação dessas categorias facilita a identificação do papel institucional exercido pela reportagem, não existente desde sempre, mas pilar indispensável e estruturante em sociedades democráticas que permanece nos últimos dois séculos. Não subordinado ao Estado, a razão do fazer jornalístico estaria na fiscalização e vigilância dos poderes, por isso se pauta em divulgar o que, embora seja de interesse público, outros preferem esconder pensando em benefícios próprios.

Berger e Berger (1977, p. 193) definem “[...] a instituição como um padrão de controle, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade.” Nesta visão, a primeira instituição com que se defronta o indivíduo é a linguagem; através dela, tomamos conhecimento das demais. Estaria, portanto, intrínseca ao próprio pensamento: “A linguagem é a instituição social que supera todas as outras. Representa o mais poderoso instrumento de controle da sociedade sobre todos nós” (BERGER; BERGER, 1977, p. 199). Esta noção ganha ainda mais evidência adaptada ao jornalismo pois seu exercício subordina-se à linguagem, sendo a palavra o centro das representações e produções de sentidos e significados.

A consolidação da linguagem jornalística – simplificada, objetiva, direta e precisa – marca a tentativa de torná-la autônoma, afastando-a da literatura. A reestruturação estilística dos jornais, com a implantação dos manuais de redação, buscou eliminar qualquer interferência literária, instituindo o “jornalês” (PHILLIPS, 1999) como linguagem própria. Experiências em jornais cariocas nos anos 1950 fortaleceram esse viés, com inspiração de técnicas norte-americanas (SOUZA, 2010).

Assim, podemos pensar não apenas o jornalismo como instituição, como também, suas práticas, suas técnicas e seus processos como institucionalizados, esse duplo caráter institucional se manifesta de várias formas. Nesse olhar, a própria noção de repórter especial pode ser compreendida como instituição. Ao adaptar o conceito de instituição social ao campo jornalístico, Guerreiro Neto (2012), adverte a necessidade de contemplar as várias instituições que o compõem em suas rotinas produtivas, a exemplo do *lead*, da notícia, da redação, do repórter, da reportagem... Saberes e modos de fazer consolidados e cristalizados nas práticas jornalísticas e que, por esta razão, seriam elevados à categoria de instituição, pois jornalistas seguem modos institucionalizados de produção do relato noticioso. “A institucionalização, no século XIX, do repórter, da reportagem e de outros papéis e padrões sociais que dão base ao jornalismo ajuda a fundar o que se pode chamar mais genericamente de instituição jornalística”

(GUERREIRO NETO, 2012, p. 11). Analisar as lógicas institucionais relacionadas ao fenômeno jornalístico seria, portanto, ainda mais relevante em meio aos atravessamentos e tensionamentos do campo social.

Enquanto campo específico (BOURDIEU, 1997, 2009), a autoridade do discurso jornalístico encontra respaldo numa narrativa com “efeitos de verdade” (CHARAUDEAU, 2013; MOTTA, 2013), capaz de gerar a sensação de relato isento, neutro e sem enquadramentos, que foge de adjetivos, espelha a realidade e oculta decisões editoriais. Não por acaso, a Teoria do Espelho inaugura em meados do século XIX as tentativas de explicar o processo noticioso, como se a produção jornalística apenas refletisse a realidade tal qual ela se apresenta, ocultando a seleção de determinados acontecimentos. Nesta ótica, as notícias são como são porque a realidade assim a determina, as notícias seriam assim um reflexo da realidade e a imprensa, espelho capaz de reproduzir o real. Numa herança forjada pela corrente de pensamento positivista (MEDINA, 2008a), essa noção coloca o jornalista como um “agente desinteressado” da realidade. Embora muito contestada, essa ideia ainda persiste, sobretudo entre o senso comum, o meio profissional e os próprios veículos de comunicação – quando argumentam, num esforço autolegitimador, que “apenas noticiam os fatos”, justificando a própria atividade.

A dissociação entre “fatos” e “opiniões”, tão comum nas discussões sobre jornalismo, também remete a esse período histórico, com consequências observadas até hoje na distribuição das editorias (pensando a separação do espaço reservado às cartas e ao editorial dos demais conteúdos, por exemplo). Mas, por que, afinal, jornalistas assumem legitimidade para tratar das questões decorrentes do imediatismo do tempo presente? O que os credencia a falar como *voz autorizada* sobre os acontecimentos do cotidiano? Barbie Zelizer (apud CARLSON, 2017, p. 4-5, tradução nossa) define a autoridade jornalística como “a habilidade dos jornalistas de se promoverem como porta-vozes autorizados e credíveis de eventos da ‘vida real’”¹³. A autoridade atribuída ao jornalismo tem se tornado um tema de preocupação em grande parte pelas transformações das mídias digitais.

A autoridade jornalística costuma ser tomada como intuitiva, ligada de modo excessivamente superficial e simplista à confiança ou credibilidade. Esse uso, no entanto, não é capaz de avançar muito nas explicações sobre autoridade e jornalismo, na visão de Carlson (2017). A ausência de um conceito é problemática para ele, que defende a autoridade como elemento central no funcionamento do jornalismo. Nesta proposição, a autoridade jornalística

¹³ “The ability of journalists to promote themselves as authoritative and credible spokespersons of ‘real-life’ events”.

não pode ser entendida sem ver a atividade como prática cultural, dentro de uma visão sistêmica, relacional e incorporando as interações entre um conjunto de diversos atores envolvidos. Sendo resultado, portanto, de complexas e interconectadas relações sociais numa teia de articulações. Neste modo de pensar a prática, as normas desempenham papel instrumental, não determinante. As normas não seriam assim naturais ou fixas, mas invenções, apresentando aberturas inclusive para a contestação.

Como instituição, o jornalismo produz parte do conhecimento que circula no cotidiano, mantém forte relação com a sociedade e é legitimado por ela num processo histórico. Franciscato (2003) utiliza a expressão *instituição jornalística* de forma simultânea para três casos: um corpo, uma forma social e uma estrutura operacional de produção. O termo se refere a “a um aspecto coletivo e organizacional do jornalismo, sob a perspectiva de uma instituição com certa carga de racionalidade, que aglutina, organiza e dá unidade a normas de ação e valores culturais institucionalizados” (FRANCISCATO, 2003, p. 22). O pesquisador concebe a instituição jornalística em dois âmbitos: 1) pelas relações sociais geradas no ambiente interno à organização, por meio de rotinização e burocratização, e externos a ela, com competências e finalidades reconhecidas e legitimadas socialmente; 2) por relações econômicas geridas pela instituição jornalística voltadas para atender demandas de mercado com a produção de um produto específico, a notícia. Deste modo, sublinha a função específica e única exercida pelo jornalismo em comparação a outras instituições.

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2003, p. 22, grifo nosso).

Na sociologia do conhecimento esboçada por Berger e Luckmann (1978), a repetição de uma mesma atividade tende a estabelecer um padrão, passível de reprodução por outros. Essa repetição possibilitaria a formação do hábito em ações rotineiras, considerando-o como um requisito do processo de institucionalização, seja de um único indivíduo ou de um grupo social. Assim, expectativas que recaem sobre determinado agente ou organização poderiam ser de certo modo “previstas”. Ou seja, tomando como exemplo o jornalismo, a audiência, por mais heterogênea que seja formada, espera de forma geral determinado comportamento ao assistir o noticiário televisivo do dia, assim como jornalistas buscam entregar ao público parâmetros consolidados pela cultura profissional interna. Nesse sentido, Berger e Luckmann chamam a atenção para o processo de institucionalização de uma atividade.

A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. O que deve ser acentuado é a reciprocidade das tipificações institucionais e o caráter típico não somente das ações, mas também dos atores nas instituições. As tipificações das ações habituais que constituem as instituições são sempre partilhadas. São acessíveis a todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 79).

Instituições, portanto, carregam valores próprios na busca por ordenar a interação entre indivíduos e suas organizações a partir de regras de funcionamento. Conforme aponta Guerra (2005), a definição implica contemplar diferentes aspectos do fenômeno jornalístico, delimitando parâmetros sobre os quais se torna possível identificar uma atividade considerada jornalística de outra que não o seja. “A instituição define, portanto, as características universalizáveis do que se pode reconhecer como sendo ‘jornalismo’” (GUERRA, 2005, p. 1-2). Desta maneira, não é suficiente apenas que os membros da instituição se reconheçam como tal, mas que demais atores sociais também reconheçam neles algum tipo de legitimidade para estabelecer o vínculo entre as partes.

Especialmente num momento de descrença no trabalho jornalístico que envolve também outras instituições, considerar o jornalismo e a reportagem como instituição social requer ainda diferenciar termos costumeiramente utilizados como se fossem sinônimos, mas com significados distintos, como mídia, imprensa e jornalismo. Embora com estreita relação entre si, cada um deles carrega uma matriz teórica própria a ser considerada. De modo geral, os dois primeiros (mídia e imprensa) representam as organizações, os instrumentos para manifestação do jornalismo, como canais de difusão, meios de comunicação de massa. Entretanto, os produtos de sua veiculação ultrapassam o Jornalismo. Envolvem o noticiário, mas também o entretenimento, anúncios comerciais, propaganda, arte e cultura, etc... E, no campo midiático ou no campo da comunicação, o jornalismo se manifesta como um campo específico.

Neste âmbito, tratar de repórteres especiais implica reconhecer correlações de forças e relações de poder na hierarquia das redações – ou mesmo fora delas, se a função for pensada a partir da prática de um profissional *free-lancer*, por exemplo. A começar pela denominação, que derruba a ideia de uma suposta “horizontalidade” nas redações e descortina mecanismos de distinção. Nas lógicas próprias de legitimação da instituição, essa classificação revela uma experiência e posição destacadas, mas não se limita a esses pressupostos, como será abordado adiante. Contudo, a categoria, embora possa carregar uma noção de exclusividade e revelar esforços de processos de distinção que precisam ser entendidos e problematizados, pode não se

referir – necessariamente – a uma relação de opressão com demais colegas profissionais. Parece muito mais se tratar de uma forma de celebrar trajetórias de reconhecimento e prestígio.

Outra noção teórica mobilizada nesta reflexão da reportagem como instituição é criada por Giddens (1991, p. 30), a de sistema perito: “sistemas de excelência técnica e competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social”. Miguel (1999) transpôs esse conceito ao jornalismo, concebendo-o como responsável por legitimar ou deslegitimar outros sistemas peritos na sociedade. Nessa lógica, atores sociais (sem o conhecimento especializado) recorrem às informações passadas pelos peritos, a quem confiam nas diversas áreas do conhecimento. Assim, o jornalismo seria um sistema perito, ou seja, um sistema de excelência técnica baseado na confiança depositada pelo público.

2.3 SABERES JORNALÍSTICOS E CONHECIMENTOS TÁCITOS

Há uma antiga divergência em torno do tipo de conhecimento considerado mais verdadeiro na história da epistemologia ocidental. De um lado, o racionalismo entende o verdadeiro conhecimento como resultado de um processo mental ideal e não da experiência sensorial, e de outro, o empirismo argumenta que a única fonte de conhecimento é a experiência sensorial. As constatações de Nonaka e Takeuchi (1997) observaram que, enquanto os ocidentais tendem a enfatizar o conhecimento explícito, a tradição intelectual japonesa destaca o conhecimento tácito e propuseram que ambos não são separados, mas complementares: “o conhecimento é tanto explícito quanto tácito. O conhecimento é inerentemente paradoxal, pois é formado do que aparenta ser dois opostos” (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 20). Ao integrarem visões na teoria da criação do conhecimento organizacional, criaram uma estrutura conceitual com duas dimensões – epistemológica e ontológica.

O jornalismo também reúne “saberes que circulam nas redações” (MAROCCO, 2016). Mas a visão da profissão como atividade “essencialmente prática” também remete a competências enquadradas como saberes tácitos incorporados no processo de socialização das redações (BARROS FILHO, 2002) e se desdobra em disputas até hoje sobre a formação profissional. Esse atrito não seria levado adiante se houvesse a compreensão de que “o conhecimento em si é formado por dois componentes dicotômicos e aparentemente opostos – isto é, o conhecimento explícito e o conhecimento tácito” (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 19). Enquanto o primeiro é facilmente visível, transmissível e explicável, aproximando-se da definição de Giddens de *consciência discursiva*, o segundo é mais difícil de formalizar, está

enraizado nas ações e na experiência dos indivíduos, por isso se torna mais difícil compartilhá-lo, equiparando-se à *consciência prática* (GIDDENS, 2003).

Jornalistas não costumam racionalizar ou verbalizar a existência de um método próprio incorporado nas ações e motivações ligadas à sua conduta profissional. As regras profissionais e a tomada de decisão geralmente são atribuídas a componentes derivados de uma competência essencialmente prática, como se não refletissem uma dimensão teórica, ou pelo menos uma noção, da atividade. Essa dificuldade de repórteres explanarem processos envolvidos nas suas práticas se expressa de maneira generalizada. A iniciação no jornalismo se dá pela imitação e interiorização das rotinas, compactuando as mesmas lógicas de colegas profissionais: “[...] ‘reflexos’, ‘automatismos’, que fazem com que um jornalista seja capaz de distinguir um ‘evento’ pontual onde um leigo vê apenas uma sequência ininterrupta de atividades, de selecionar, já num primeiro olhar, os elementos que são ‘pertinentes’” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 70).

Na socialização de novos jornalistas, a imitação de fazeres e condutas, o cumprimento de regras comuns, raramente explícitas, e a observação do comportamento de jornalistas experientes atuam como componentes na reprodução e perpetuação das práticas. O trabalho procedimental sobre modos de coleta e formatação da informação implica em seguir modelos. Durante o período de iniciação, “o jornalista novato busca mais imitar do que se distinguir: fazer-se notar pode não ser uma boa estratégia diante do secretariado de redação e dos colegas experientes” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 72). No entanto, com o passar do tempo, o esforço tende a ser o contrário, rompendo com lógicas iniciais e criando, dentro das condições encontradas, uma linguagem própria. Recém-formados tendem a se adaptar com mais facilidade às normas enquanto os mais velhos resistem e questionam convenções, embora essa não seja uma regra.

Se considerarmos a realidade do jornalismo contemporâneo, podemos constatar que, no curso de sua socialização profissional, o aprendiz de jornalista incorpora por mimetismo os modelos de comportamento profissional, e esquemas cognitivos que tenderá a reproduzir mais ou menos fielmente, quer dizer, adaptando-os eventualmente às condições concretas e particulares do exercício de seu ofício. Assim, podemos dizer, por analogia e esquematização, que **o jornalista aprende a conceber e a produzir uma reportagem** ou uma crônica a propósito de um referente qualquer **seguindo exemplos paradigmáticos**, mais ou menos como aprendemos a conjugar verbos, seguindo os exemplos dos modelos [...] (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 46, grifo nosso).

Tendo as relações no ambiente profissional como bússolas, jornalistas têm sua identidade forjada, procurando com o tempo, distinguir-se dos colegas pela forma como

apresentam a informação ou pelo modo como conduzem a apuração. Princípios, hábitos, normas simbólicas e valores internalizados compartilhados pelo grupo guiam suas ações e dificultam a explicação sobre as práticas, tomadas muitas vezes de forma naturalizada e mecanizada nas rotinas produtivas. Saberes e fazeres são indissociáveis do processo de socialização entre pares. Tanto que já se disse que o aprendizado das regras, a política do jornal e a inserção no sistema de trabalho são apreendidos por osmose: “Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores” (BREED, 1999, p. 155).

Nesse modelo, a aprendizagem se dá de forma tácita e por meio da imitação. Isso não se restringe apenas às práticas operacionais, mas contempla ainda noções mais complexas como questões e decisões ligadas à ética absorvidas por uma “imitação silenciosa” (BUCCI, 2000, p. 99). Assim, tentativa e erro, mimetismo e dimensão intuitiva consolidam então valores na prática. Um dos pontos problemáticos nesse sentido são os valores incorporados deste modo naturalizado e sem questionamento. Justamente por ser um conhecimento tácito, não algo conscientizado, esses conhecimentos acionam e reproduzem modelos de mundo condicionados pela cultura mais ampla da sociedade a qual o indivíduo está inserido. Muitos dos quais carregados de noções estereotipadas e preconceituosas reproduzidas de forma automatizada (VEIGA DA SILVA, 2015).

A dificuldade de explicar e descrever o processo do ato de reportar reforça a necessidade e o desafio de sistematizar essas vivências das práticas jornalísticas em fundamento teórico, tornando-as formalizáveis. Na visão de Barbara Phillips (1999), as notícias dependem de certos hábitos mentais de jornalistas relacionados à sua própria formação e orientação prática. A pesquisadora acompanhou a atuação de jornalistas por mais de um ano e observou que os profissionais “não conceptualizavam a sua própria experiência nem colocavam particularidades concretas numa estrutura teórica mais ampla” (PHILLIPS, 1999, p. 327). Essa cultura profissional se manifesta num estilo, formato de escrita e maneiras de agir próprios. “[...] O próprio trabalho jornalístico diário impede o desenvolvimento de processos cognitivos que levam ao conhecimento teórico e filosófico” (PHILLIPS, 1999, p. 327).

Os padrões de interação e as experiências pessoais de principiantes no âmbito das redações fornecem subsídios para modos de agir na atuação profissional, como uma espécie de “treinamento”. A predominância do aspecto pragmático do jornalismo é sempre um ponto ressaltado, sobretudo nas pesquisas etnográficas, que costumam constatar uma hipervalorização da prática. Esse senso prático mobilizado constantemente nas decisões jornalísticas se manifesta não só nas ações, também está presente em muitos discursos sobre a área. Meditsch (2012)

identifica essas falas como *Jornalismo do Jornalismo* ou *Jornalismo que se autoexplica*, citando os livros de Clóvis Rossi (1986) e de Ricardo Kotscho (1989), entre muitas outras obras. Essa racionalidade centrada no “saber-fazer” compromete uma relação efetiva teórico-prática pois ocorre de forma apartada de uma reflexão profunda sobre o que é o jornalismo.

Como exemplo mais recente deste fenômeno, podemos citar a trilogia *Mestres da Reportagem*, organizada por Patrícia Paixão (2012, 2018a, 2018b), que reúne entrevistas com repórteres reconhecidos pela atuação no campo profissional em âmbito nacional. A obra traz informações sobre os bastidores da atuação, mas tem as limitações do que Meditsch (2012, p. 75) alerta: “Se não há dúvida sobre o conhecimento que este tipo de obra propicia, há também um limite para a utilidade deste conhecimento: ele apenas permite a reprodução de bons padrões existentes de Jornalismo.” (MEDITSCH, 2012, p. 75).

A produção e reprodução das práticas sociais foi estudada pelo sociólogo Anthony Giddens (2003) que apresenta uma abordagem crítica da Teoria da Estruturação, sobre a qual procura compreender como se dão essas lógicas. Algumas dessas interpretações não se expressam de forma discursiva: agentes sabem como fazer, mas não sabem como dizer o que estão fazendo. É designado como *consciência prática*¹⁴ o que diz respeito aos saberes implícitos na produção e reprodução de práticas sociais. Difícil de formalizar e não facilmente visível ou expressável, o conhecimento tácito se compara à esta consciência, enquanto o conhecimento explícito, transmitido de modo formal e sistemático, à *consciência discursiva*¹⁵, pois capaz de expressá-lo pela palavra. Há, no entanto, uma racionalização expressa na *consciência prática* no conhecimento das regras profissionais, mobilizado e reproduzido para assegurar resultados intencionais.

A maioria das regras envolvidas na produção e reprodução de práticas sociais são apenas tacitamente apreendidas pelos atores: eles sabem como “prosseguir”. A formulação discursiva de uma regra já é uma interpretação dela e, [...], pode em si e de si mesma alterar a forma de sua aplicação. (GIDDENS, 2003, p. 26-27)

As regras são, portanto, fundamentais para a produção e reprodução das práticas sociais porque fazem a mediação entre agentes. O autor define regras como “técnicas ou procedimentos

¹⁴ “O que os atores sabem (creem) acerca das condições sociais, incluindo especialmente as de sua própria ação, mas não podem expressar discursivamente; nenhuma barreira repressiva, entretanto, protege a consciência crítica, como acontece com o inconsciente” (GIDDENS, 2003, p. 440).

¹⁵ “O que os atores são capazes de dizer, ou expressar verbalmente, acerca das condições sociais, incluindo especialmente as condições de sua própria ação; consciência que tem uma forma discursiva (GIDDENS, 2003, p. 440).

generalizáveis aplicados no desempenho/reprodução de práticas sociais” (GIDDENS, 2003, p. 25).

Nas rotinas profissionais desse sistema, a socialização junto a colegas de trabalho acaba sendo um depositário de trocas e conhecimentos de forma natural e espontânea nas redações. Por isso, talvez até de modo inconsciente, jornalistas têm dificuldade de reconhecer que sua prática profissional resulta de treinamento, preparação e formação, com base numa tradição cultural acumulada. Traquina (2013, p. 42) ressalta a prioridade dada à ação sobre a reflexão: “Os jornalistas são pragmáticos; o jornalismo é uma atividade prática, continuamente confrontada com ‘horas de fechamento’ e o imperativo de responder à importância atribuída ao valor do imediatismo. Não há tempo para pensar, porque é preciso agir.” A imposição da atualidade acompanha a constituição da imprensa (MORETZSOHN, 2002) talvez tanto quanto a valorização da intuição nos processos jornalísticos e saberes profissionais acumulados.

O facto de apenas estar disponível através da experiência e da transmissão oral, e não através de manuais, é a chave para percebermos porque os jornalistas enfatizam a componente mais intuitiva e menos analítica e sistemática do seu trabalho, algo que é notório no conceito de “faro para as notícias” (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987, p. 133-135 apud TRAQUINA, 2013, p. 40).

Os autores canadenses definiram o trabalho jornalístico a partir de três saberes: saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber de narração. O saber de reconhecimento constitui a capacidade de identificar ou localizar possíveis acontecimentos com apelo jornalístico, os fatos que merecem ser tratados como notícia de acordo com os valores consagrados na profissão. O conflito, a estruturação em polos opostos, a insistência no acontecimento em detrimento das problemáticas, o imediatismo e a instantaneidade estão entre esses valores. “Aqui, o jornalista mobiliza os critérios de noticiabilidade, um conjunto de valores-notícia [...], o seu ‘faro para a notícia’, a sua ‘perspicácia noticiosa” (TRAQUINA, 2013, p. 40).

É comum a atividade jornalística ser associada ao sentido que lembra a animalidade, o olfato¹⁶, com jargões como “jornalista tem que ter faro”, ou a ideia de *watchdog*, representação que vê o jornalismo como verdadeiro “cão de guarda” da sociedade”. Muitas vezes, a reportagem aparece descrita de forma redutora, como resultado de sentidos aguçados e da “vocação” para identificar o que é notícia, ocultando a existência de um método e colocando o

¹⁶ Entre tantas possibilidades da referência do faro no jornalismo, MacDougall (1972, p. 12, tradução nossa), ao tentar definir o que são notícias, considera que “repórter supostamente deveria ter um nariz”. No original: “[...] *repórter is supposed to have a nose*”. Outra referência é Drew Pearson, jornalista americano, citado como epígrafe por Fortes (2012): “Trabalho pelo olfato. Quando sinto algo fedendo, vou atrás.”

jornalismo como missão ou sacerdócio. A compreensão deste fazer precisa avançar, especialmente quando reconhecida nesta uma das práticas consideradas mais valorizadas nas convenções profissionais internalizadas. Como os processos envolvidos no exercício da reportagem geralmente são silenciados, o público habitualmente tem acesso apenas ao resultado final que lhe é entregue, desconhecendo o processo, o que contribui para visões deturpadas sobre a prática.

O termo “faro” para se referir à capacidade profissional reflete a influência da epistemologia praticada, “na ligação estabelecida na cultura profissional entre esse saber e o papel do instinto” (TRAQUINA, 2013, p. 43). A palavra aparece com frequência nos textos sobre jornalismo. Um significado atípico ligado ao chamado faro jornalístico e que explica a origem da expressão se encontra em Guirado (2004, p. 91), para quem “a expressão faro traduz o alemão *nase*, do latim ‘*nasus*’, que além de nariz, olfato e fato significa esperteza. Quando reduzida à animalidade, a noção é problemática porque esconde uma suposta ideia de fazer totalmente “natural e instintivo” atribuída às práticas jornalísticas, insuficiente para explicar os seus processos. Ainda assim, o sentido inato atravessa os tempos e sobrevive em livros de jornalistas, entrevistas, depoimentos de repórteres e inclusive em alguns trabalhos acadêmicos. Como diz Moretzsohn (2002, p. 64-65): “a referência ao ‘faro’ é importante porque, além da subjetividade que comporta, diz bem de uma profissão que construiu para si a própria imagem orgulhosa de ser essencialmente uma prática [...]”. Assim, a notícia seria da dimensão do intuitivo, de modo que somente bons repórteres, “naturalmente”, poderiam captar.

A associação da reportagem a ações instintivas é reveladora da naturalização do processo de reportar ao longo do tempo. Não é de se estranhar tal pensamento, no entanto, à medida que muitos dos discursos que enfatizam uma “vocação” são propagados por pesquisadores do campo, como Amoroso Lima (1990, p. 72), que faz uma simplificação extrema: “Nasce-se jornalista, como se nasce professor ou romancista”. Saberes singulares circunscritos ao âmbito da prática e da ambiência da redação, onde ocorrem os compartilhamentos das vivências e aprendizados, garantem o funcionamento do jornalismo. Não se pode negar, portanto, a função desempenhada nessas trocas. Mas reduzir os saberes profissionais apenas a esse universo também revela uma visão limitada.

Argumentando que a transformação do conhecimento se dá de maneira interativa e em espiral, Takeuchi e Nonaka (2008) postulam quatro modos de conversão do conhecimento: 1) **socialização**: na relação espontânea entre emissores e receptores, com o compartilhamento e criação de conhecimento na experiência direta (de tácito para tácito); 2) **externalização**: quando ocorre a experiência é externada por palavras, com a articulação de conhecimento tácito pelo

diálogo e reflexão (de tácito para explícito); 3) **combinação**: com a interação entre interlocutores por meio da linguagem, na aplicação do conhecimento explícito (de explícito para explícito); e 4) **internalização**: incorporação do conhecimento nas ações individuais e práticas coletivas (de explícito para tácito). Embora negligenciada da literatura especializada, os autores entendem que a chave da criação do conhecimento está na externalização. Nessa etapa, o conhecimento tácito, pessoal, específico ao contexto e de difícil formalização, passa a ser convertido em conhecimento articulável, com palavras e números.

Entre as formas de ilustrar essa fase de externalização, com a conversão do conhecimento tácito em explícito e articulável, está a própria escrita. “É um processo de criação do conhecimento perfeito, na medida em que o conhecimento tácito se torna explícito, expresso na forma de metáforas, analogias, conceitos, hipóteses ou modelos” (NONAKA; TAKEUCHI 1997, p. 71). Conhecido na literatura como modelo, espiral ou processo SECI, este ciclo, conforme ilustra a figura a seguir, parte do pressuposto de que o conhecimento humano é criado e expandido pela interação social entre conhecimento tácito e conhecimento explícito. Nesse processo interativo, há a inovação. Compreender esses quatro tipos de conversão, tratados de diferentes modos na teoria organizacional, torna-se importante ao jornalismo, especialmente à reportagem, também pela necessidade de aprofundar a maturidade teórica desse campo tão limitado ao pragmatismo.

Figura 1 – Espiral do Conhecimento ou Modelo SECI



Fonte: Adaptado de Takeuchi e Nonaka (2008)

A distinção estabelecida entre conhecimento tácito e conhecimento explícito foi proposta pelo filósofo e cientista húngaro Michael Polanyi, em 1966, encontrando ampla adesão na área do conhecimento. Takeuchi e Nonaka se difundiram como os autores que mais desenvolveram esta ideia, entendendo o conhecimento tácito em elementos cognitivos, como modelos mentais e esquemas, que contribuem para os seres humanos se perceberem no mundo, e técnicos, no plano das habilidades concretas. Polanyi afirmava que a aquisição de conhecimento se dá através da criação e organização das próprias experiências. Desta maneira, o conhecimento expresso em palavras e números representaria apenas um fragmento do conhecimento. Como constata o teórico: “podemos saber mais do que podemos dizer” (POLANYI, 1966 apud TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 4).

Portanto, não é apenas a prática jornalística que se encontra nesse lugar, “da oposição entre o racionalismo e o empirismo”, citando os termos recorridos pelos pesquisadores Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007), ao pensarem o ofício do sociólogo, em obra que procura ensinar os atos mais práticos da prática sociológica. Nesse ponto de vista, “toda a operação, por mais parcial que seja, implica sempre na dialética entre teoria e verificação” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007, p. 79). Requer, portanto, um rompimento com o senso comum ou com a sociologia espontânea. “Toda a prática científica, até mesmo e, sobretudo quando obcecadamente reivindica o empirismo cego, implica pressupostos teóricos” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007, p. 48). Por outro lado, a pesquisa científica exigiria, da mesma forma, um conhecimento tácito, a vivência prática, como explica Bourdieu:

O ensino de um ofício ou, para dizer como Durkheim, de uma “arte”, entendido como “prática pura sem teoria”, exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino dos saberes. Como se vê bem nas sociedades sem escrita e sem escola – mas também é verdadeiro quanto ao que se ensina na sociedade com escola e nas próprias escolas – numerosos modos de pensamento e de ação – e muitas vezes os mais vitais – transmitem-se de prática a prática, por modos de transmissão totais e práticos, firmados no contacto directo e duradouro entre aquele que ensina e aquele que aprende (“faz como eu”). Os historiadores e os filósofos das ciências – e os próprios cientistas, sobretudo – têm frequentemente observado que uma parte importante da profissão de cientista se obtém por modos de aquisição inteiramente práticos [...] (BOURDIEU, 2009, p. 22).

A ideia de seguirmos “treinamentos culturais não percebidos” se respalda no conceito de *habitus*, emprestado de Bourdieu (1996, 1997), compreendendo-o como um conjunto de disposições partilhadas pelos agentes do campo, traduzidas como uma “incorporação das práticas”, apropriadas de formas distintas e subjetivas, mas também coletivamente. O

pensamento bourdieusiano contribui no sentido de pensar “as *disposições* (ou os *habitus*) e as *tomadas de posição*, as ‘escolhas’ que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática” (BOURDIEU, 1996, p. 18). O *habitus* se configura como as predisposições adquiridas ao longo da vida para se pensar e agir de determinada forma. É descrito como estruturas mentais através das quais agentes apreendem o mundo social, princípios geradores de práticas distintas e distintivas, princípios de classificação e de divisão.

Essa interiorização de normas e valores seria responsável por orientar nossa forma de olhar para a realidade e se posicionar diante dela, permitindo o reconhecimento de certas regras e valores compartilhados em determinados espaços. Segundo Bourdieu (1996, p. 22), podemos entender que “[...] os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções”. Repórteres especiais, nesse caso, só existem e podem ser compreendidos nesse ambiente em relação a outras funções. Assim, como em outros campos, na tradição jornalística, “[...] só se torna uma diferença visível, perceptível, não indiferente, socialmente pertinente, se ela é percebida por alguém capaz de estabelecer a diferença” (BOURDIEU, 1996, p. 23). Por estar nesse microcosmo específico, esse alguém não seria indiferente, mas “dotado de categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um gosto, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir” (BOURDIEU, 1996, p. 23).

2.4 A POLISSEMIA DA PALAVRA REPORTAGEM

Reportagem é um termo de difícil definição no campo jornalístico, carrega ambiguidades e significados polissêmicos, com diferentes atribuições: como processo de investigação, método de trabalho, departamento de redações e prática narrativa. A ação de checagem, entrevista e apuração recebe tal denominação, por isso, equipes de emissoras de televisão e rádio, por exemplo, são chamadas de “equipe de reportagem”. A palavra teria origem latina, *reportare* (transmitir, descobrir), como menciona Gargurevich (2004, p. 247), sendo utilizada no decorrer dos tempos com acepções distintas. No jornalismo, adquire caráter de aprofundamento e liberdade expressiva – o que dificultaria sua conceituação – em contraponto à estrutura noticiosa convencional. O movimento de pesquisa e coleta de dados acompanham o processo de reportagem, cuja qualidade narrativa se relaciona diretamente a processos anteriores à construção textual, com a apuração.

A falta de consenso sobre o que é reportagem foi observada também por Hoyos (2009 p. 11), ao lembrar que o termo é usado com muitos significados e muitas vezes de maneira

imprecisa, desde o início do século XX: “Alguns consideram a reportagem uma informação ampliada. Outros dizem que é um gênero desligado da atualidade diária. Uns quantos autores sustentam que, antes de tudo, é um relato fundado na exposição pessoal dos fatos, escrito em estilo literário.” Há quem considere a reportagem como informe relativamente extenso capaz de explorar um fato noticioso a partir de diferentes pontos de vista, segundo o autor. No entanto, “nem sequer entre os jornalistas existe um consenso estabelecido sobre o assunto. Para alguns, a reportagem é uma grande entrevista a uma personalidade da atualidade. Para outros é uma narração que se empregam os mesmos recursos e estilo da crônica” (HOYOS, 2009, p. 11, tradução nossa)¹⁷.

Na ótica do pesquisador, uma das causas da existência de tantas definições em torno de reportagem nos países de língua hispânica pode estar ligada aos critérios utilizados para classificar os relatos jornalísticos no jornalismo de tradição anglo-saxônica e de tradição latino-americana. Como as reportagens estariam entre as histórias e as opiniões, no jornalismo anglo-saxão, toda a escrita jornalística que não fosse um comentário, seria enquadrada como informação, diretamente ligada à emergência da reportagem (NEVEU, 2006).

É possível identificar tendências diversas no tratamento da reportagem na literatura jornalística, com o enquadramento predominante dos estudos de gêneros jornalísticos. Em obra sobre jornalismo interpretativo (*Interpretative Reporting*), o estadunidense Curt Curtis MacDougall (1972) antecipava, em 1960, a crescente necessidade por esse tipo de noticiário. Para ele, o jornalista que almeja subir na escada de sucesso deve ser capaz de mais do que uma cobertura de rotina: interpretar o que está acontecendo para compreender as notícias. Isso requer reconhecer um evento como uma série de causas e efeitos: a notícia não é um incidente isolado, está sempre ligada a outros eventos. Serão capazes de retratar tendências aqueles profissionais que estiverem bem informados por meio de leituras dos mais diversos assuntos. “[...] Não pode ter sucesso se for prejudicado por preconceitos e atitudes estereotipadas que distorcem sua percepção de assuntos humanos” (MACDOUGALL, 1972, p. 13, tradução nossa)¹⁸.

Naquele que é o primeiro livro brasileiro sobre o gênero interpretativo, Medina e Leandro em *A Arte de Tecer o Presente* (1973) citam o autor, questionam o que é interpretação

¹⁷“Algunos consideran el reportaje una información ampliada. Otros dicen que es un género desligado de la actualidad diaria. Unos cuantos autores sostienen que, ante todo, es un relato fundado en la exposición personal de los hechos, escrito con estilo literario. Otros aseguran que es un informe más o menos extenso en el que se explora un hecho noticioso desde diversos puntos de vista. Ni siquiera entre los periodistas existe un consenso establecido sobre el asunto. Para algunos, el reportaje es una gran entrevista a un personaje de actualidad. Para otros, es una narración en la que se emplean los mismos recursos y es mismo estilo que en la crónica” (HOYOS, 2009, p. 11).

¹⁸“He cannot succeed if he is hampered by prejudices and stereotyped attitudes which would bias his perception of human affairs”.

e afirmam que a bibliografia especializada norte-americana não responde com um conceito amplo, limitando-se a “termos muito práticos”. Buscando amparo em Freud, Nietzsche e Marx, concluem que jornalismo interpretativo é “não se contentar com o relato mais ou menos perceptivo do que está acontecendo, mas buscar o aprofundamento” (MEDINA; LEANDRO 1973, p. 15). Os autores entendem que o jornalismo interpretativo está no esforço de buscar os sentidos: “o esforço de determinar o sentido de um fato através da rede de forças que atuam nele – e não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo” (MEDINA; LEANDRO, 1973, p. 16). Em entrevista posterior, Medina concluiu:

A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea [...]. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia (MEDINA apud LIMA, 2004, p. 23-24).

Com ênfase para a reportagem autoral, Medina e Leandro (1973, p. 8) sistematizaram seus quatro eixos epistemológicos: “o protagonismo social, a consequente contextualização que, por sua vez, apresenta-se no âmbito de raízes histórico-culturais e passa pela análise dos especialistas em diagnósticos-prognósticos sobre a circunstância em pauta”. Os elementos valorizavam a experiência do sujeito-sujeito e a ida à rua na construção de uma narrativa que se abra ao incerto e às múltiplas possibilidades de cifração do mundo, fugindo de verdades definitivas e ideias prontas na *arte de tecer o presente*. Ao lembrar a obra mais tarde, Medina (2003, p. 127) considerou que “a utopia da época era propor teoricamente e concretizar na prática profissional a narrativa polifônica e polissêmica não só nos veículos periódicos ou no livro-reportagem, mas também no jornalismo diário.” Afirmou ainda que o que os guiava era “a racionalidade decifradora” (MEDINA, 2020, p. 82) e atualizou as quatro vertentes de interpretação lançadas por ela e Leandro, nos anos 1970:

o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o factual imediato), a humanização do fato jornalístico (tratamento de perfis, histórias de vida ou protagonismo), as raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas (MEDINA, 2020, p. 83).

Na primeira reflexão, Medina e Leandro (1973) expressavam o jornalismo interpretativo como a busca pelo “sentido de um fato”, com base “na rede de forças que atuam nele – não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo” (MEDINA; LEANDRO, 1973, p. 15-16). Entre os anos 1970 e 1980, outros autores como Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari e Nilson Lage também se destacaram por pensar

teoricamente a reportagem. Em entrevista à pesquisadora, concedida em 2021 para a elaboração desta tese, Lage considerou que a reportagem em profundidade se divide em três maneiras: reportagem narrativa, reportagem ensaística e reportagem investigativa (ligada ao Jornalismo de Dados). Estudos iniciais abriram caminho para tornar a reportagem um objeto consolidado sob diferentes perspectivas teóricas, não somente uma técnica, gênero textual ou formato, podendo ser entendida como *metodologia do jornalismo* (OSORIO VARGAS, 2017).

Nas pistas dialógicas e polifônicas deixadas por Medina, Osorio Vargas (2017) compreende a reportagem enquanto polifonia de saberes. O trabalho do autor representa uma nova perspectiva sobre este objeto de estudo, um reposicionamento conceitual, ou, como ele próprio define, “um giro epistemológico” ao considerar os processos envolvidos neste fazer específico, para além da técnica e dos gêneros. Osorio Vargas lembra que a reportagem tem contribuído historicamente para o desenvolvimento da investigação, com semelhanças e diferenças, apropriações e contribuições às demais formas de investigar das ciências sociais e humanas, num diálogo transdisciplinar. Mas assume relevância central no fazer jornalístico. Portanto, para além de um gênero, modalidade textual ou técnica “[...] a reportagem é o motor de uma epistemologia do jornalismo” (OSORIO VARGAS, 2017, p. XV, tradução nossa)¹⁹.

Ao lançar esta visão, Osorio Vargas (2017) abre novas perspectivas de estudo na compreensão da reportagem enquanto processo, com enfoque para todos os métodos envolvidos. Para avançar, no entanto, ele adverte a necessidade de a reportagem encontrar novos métodos e caminhos. Na leitura do autor, a reportagem tem uma tradição latino-americana baseada na narração da vivência das cidades. “O repórter tem como eixo fundamental a observação, como método de abordagem inicial que lhe permite apreender a complexidade social que se manifesta pela experiência” (OSORIO VARGAS, 2017, p. 9, tradução nossa). Osorio Vargas chama a atenção para nossas formas de ler o mundo como chave na descoberta de suas múltiplas dimensões e complexidades. Ele tem na reportagem uma narrativa de produção de sentidos incorporados pela linguagem:

[...] a reportagem, que sendo a alma da profissão, incorpora todos os outros gêneros e nos permite pensar em sua epistemologia, pois envolve caminhos – métodos – construídos na realização de sua narrativa sobre o mundo como simples observação, observação participante, a entrevista como diálogo e encontro e a experiência–vivência a fim de compreender a jornada eterna do ser humano, [...] a compreensão é o critério fundamental para elucidar as

¹⁹ “[...] *el reportaje es el eje motor de una epistemologia del periodismo*”.

diferentes concepções de mundo e a transmissão de construção de memória (OSORIO VARGAS, 2017, p. 118, tradução nossa).²⁰

Com um olhar voltado para a técnica já no título, em *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, Sodré e Ferrari (1986, p. 18) definiram a reportagem como uma extensão da notícia, com a possibilidade de ampliação da cobertura de um dado assunto: gênero jornalístico privilegiado para o aprimoramento da narração, conteúdo que oferece “detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado”. Os autores fixaram quatro características para uma reportagem que se aproximam, exceto pelo último item, da relação criada por Medina e Leandro (1973): predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.

Focado nas mudanças no jornalismo brasileiro entre os anos 1960 e 1970 com ênfase para o *Jornal do Brasil*, onde era editor, Dines em *O papel do jornal* (1974), referia-se à categoria jornalismo interpretativo para defender um jornalismo mais analítico e menos superficial. Juntamente com o jornalismo investigativo, a busca pelas causas e circunstâncias, com foco na explicação dos fatos e antecipação de possíveis desdobramentos, apresentava-se como alternativa à crise dos jornais. Diferenciando o “jornalismo de campo” do “jornalismo de gabinete”, Dines reivindicava a retomada da qualidade, com a revalorização do repórter, o “engrandecimento da informação”, com “a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro” (DINES, 1986, p. 90).

Nos mesmos anos 1970, Lage reconheceu a dificuldade de conceituar a reportagem:

Como estilo de texto (não como departamento das redações), a reportagem é difícil de definir. Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente, como acontece com o relato da campanha de Canudos por Euclides da Cunha (LAGE, 2001, p. 83).

Lage (1987, p. 30) considera que a reportagem “é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque”, ao contrário da notícia. Na sua visão, a reportagem “[...] não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um *assunto* conforme

²⁰ “[...] el reportaje, que siendo el alma de la profesión, incorpora todos los otros géneros y nos permite pensar em su epistemología, ya que comporta caminos – métodos – que se cosntruyen em la realización de sua narrativa sobre el mundo, como la observación simple, la observación participante, la entrevista como diálogo y encuentro com el otro, y la experiencia-vivencia, a fin de comprender el eterno viaje del Humano Ser; [...] la comprensión es el criterio fundamental para dilucidar las diferentes concepciones del mundo, y la transmisión y la construcción de las memorias.”

ângulo preestabelecido” (LAGE, 1987, p. 46). Na percepção de Medina (1988, p. 115), a reportagem é uma *narração noticiosa* e o que a distinguiria da notícia é “[...] o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar.” Os dois autores concordam que a reportagem promoveria um quadro interpretativo do fato, permitindo antecedentes e correlações com o passado na busca pela melhor compreensão do tema em pauta. Ambos também convergem na importância da entrevista “face a face” e na autoria na reportagem como elemento diferencial, no entanto, ele a considera relato em oposição à narrativa.

No entendimento de Lage (2017, p. 138), a reportagem, sobretudo aquela que se distingue das práticas habituais, está associada ao *jornalismo investigativo*, “geralmente definido como forma extremada de reportagem”. O autor lembra que muitas reportagens decorrem de observação ou inferências e o resultado de coberturas jornalísticas de fôlego eventualmente não cabem nos veículos convencionais, costumando-se ser publicados em forma de livro ou documentário. Lage (2017, p. 139) propõe um esquema a partir das etapas da produção desse tipo de reportagem, da concepção da pauta à edição final e publicação. Um estudo de viabilidade, consulta a fontes secundárias, desenvolvimento de um plano de ação, com os métodos de cruzamento de informações, consulta a documentos, reavaliação do material e preenchimento dos vazios informativos seriam alguns dos processos envolvidos.

A prática da reportagem é composta por um percurso que envolve apreensão, investigação e construção do texto narrativo. Essa é a premissa de Maria Cecília Guirado (2004), para quem repórter é responsável por fazer a tradução de determinada realidade, quem mais exercita a consciência para captar fenômenos (por mais que os assuntos não se deixem apreender em sua totalidade). Sob a influência filosófica, semiótica e jornalística, a autora defende, no livro *Reportagem: A arte da investigação*, a instauração da dúvida como princípio fundamental. “[...] A maneira de ver e de descrever o mundo é diversa para cada jornalista, como também é diverso o método estabelecido para o processo de reportar. Porém, a pauta estabelece metas a alcançar. Ela tende a direcionar o propósito da reportagem, dando um fio condutor [...]” (GUIRADO, 2004, p. 77-78), servindo como guia do processo de investigação.

Ainda que cada reportagem seja única, a pesquisadora acredita que há linhas condutoras das etapas de produção de reportagem, começando pela coleta de material (podendo incluir observações, depoimentos...), o planejamento da escritura (roteiro e organização dos dados, com o estudo do enfoque) e a edição do autor, considerando o repórter o primeiro a editar o próprio texto. A investigação em profundidade, em busca das causas e consequências de um dado fenômeno, entretanto, em geral, não é cumprida: “Na maioria dos casos, o repórter *caça-aspas* acredita que cumpre seu papel apenas mostrando como esse algo realmente é,

coleccionando o maior número de declarações” (GUIRADO, 2004, p. 94). Esse é um pressuposto equivocado porque a qualidade da produção jornalística não é resultado da quantidade de depoimentos, mas da perspicácia de percepção do fato, no processo de desvelamento que possa contribuir de forma mais segura para o esclarecimento do tema proposto.

Medina se destaca como uma das principais autoras em torno dos estudos da reportagem no Brasil e procurou pensá-la para além dos gêneros. Crítica do paradigma cientificista e das técnicas positivistas, criadas no final do século XIX e expressas nos manuais, conduz suas reflexões a partir de referenciais como Edgar Morin, e Luis Carlos Restrepo, em contraposição à impessoalidade e na defesa da valorização dos sentidos, de instâncias afetivas e de complexidade. Entusiasta da pesquisa de campo, da observação participante, da etnografia e das artes como inspiração no reportar, Medina (1996; 2014; 2018) procurou acentuar a autoria como potência na mediação jornalística. Desde suas primeiras obras (1973; 1988), a autora demonstra preocupação com o estudo teórico da reportagem, especialmente aquela que extrapola os condicionamentos da cobertura imediata.

As concepções de Lage e Medina sobre reportagem se encontram quanto à possibilidade de alargamento da compreensão sobre um fato e amplitude temporal. Medina (1988, p. 115) acredita que “as linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande-reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal [...]”. A complementação do fato nuclear, com a pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a reportagem leva a um quadro interpretativo para Medina. A leitura é semelhante para Lage (2001, p. 31), que atribui à reportagem a capacidade de “produzir versões da realidade”. O autor considera que a reportagem interpretativa é mais frequente no jornalismo europeu, a julgar pela tradição humanística.

Em comum, parece existir um consenso do potencial da reportagem em torno do aprofundamento na abordagem. Lima (2004, p. 18) considera que a reportagem em profundidade surge da necessidade de ampliar os fatos: “é a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto.” Na interpretação de Bahia (2009, p. 61-62), a reportagem só se esgota na pormenorização, ampliação do relato e multiplicidade de versões de um acontecimento, alertando que toda a reportagem é notícia mas nem toda notícia é reportagem: “O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que

a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto.”

Dentre as principais características da reportagem, apontadas por autores que se dedicaram ao seu estudo, destacam-se a forma narrativa, o aprofundamento da contextualização, a multiplicidade de ângulos, a busca pelas circunstâncias, humanização e a vivência nas ruas. É consenso entre os autores que a reportagem fornece mais possibilidades de interpretação da realidade. O quadro 1, a seguir, apresenta algumas dessas características a partir do pensamento de diferentes autores do campo jornalístico. Cabe registrar que esta primeira sistematização não reúne pesquisadores focados no estudo da reportagem pelo olhar dos gêneros jornalísticos, tratados de maneira separada posteriormente. Por esse motivo, a noção apresentada por Osorio Vargas (2017), entendendo a reportagem como metodologia do jornalismo e fundamento de sua epistemologia, torna-se central aqui.

Quadro 1 – Características que definem a reportagem

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto (1973)	SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena (1986)	KÜNSCH, Dimas Antônio (2000)	LIMA, Edvaldo Pereira (2004)	BAHIA, Juarez, (2009)	GUIRADO, Maria Cecília (2004)	LAGE, Nilson (2017)	OSORIO VARGAS, Raúl Hernando (2017)
<p>a forma de maior aprofundamento possível da informação social</p> <p>aprofunda o contexto</p> <p>humanização do fato jornalístico</p> <p>raízes históricas do acontecimento</p> <p>diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas</p> <p>Atualizado por MEDINA (2003)</p>	<p>dominância da forma narrativa</p> <p>humanização do relato</p> <p>texto de natureza impressionista</p> <p>objetividade dos fatos narrados</p>	<p>informação jornalística plenamente humanizada</p> <p>não cabe em visões estreitas ou fixadas em esquemas e fórmulas empobrecedoras do real</p>	<p>ampliação do relato simples, raso para uma dimensão contextual</p> <p>o instrumento do jornalismo para escapar à ditadura da atualidade</p> <p>abordagem multiangular</p> <p>possibilidade de preencher vazios deixados pela cobertura factual</p>	<p>apresenta versões do mesmo fato</p> <p>só se realiza com a multiplicidade de ângulos</p> <p>expõe as circunstâncias sem tomar partido</p> <p>ocupa o primeiro lugar como cobertura jornalística</p> <p>só se esgota na pormenorização</p>	<p>originalidade e elegância estética são atributos necessários</p> <p>tem na incitação da dúvida seu ponto fundamental</p> <p>compõe-se de três fases: apreensão, investigação e construção do texto narrativo</p> <p>busca de uma verdade possível dentro do ângulo tratado</p> <p>Sua excelência na escolha perfeita da linguagem</p>	<p>exige a busca por um ângulo ou perspectiva</p> <p>descobre aspectos que poderiam passar despercebidos</p> <p>explora implicações de um fato</p> <p>levanta antecedentes</p> <p>investiga e interpreta</p> <p>resulta muitas vezes da observação</p>	<p>contextualização do fato social</p> <p>humanização e diagnóstico de especialistas</p> <p>metodologia do jornalismo</p> <p>voltada ao olhar das ruas e a vivência das cidades</p> <p>lugar de memória coletiva</p> <p>composta da observação-participante e do processo de experiência-vivência</p>

Fonte: organizado pela autora.

A busca por um conceito do que seja reportagem se manifesta também na tendência de estudá-la no âmbito dos estudos de gêneros jornalísticos, com a preponderância dos sistemas classificatórios. Essa inclinação se revela, sobretudo, na bibliografia europeia, especialmente espanhola, mas também com tradição no Brasil, pelo menos desde o final dos anos 1960, focada na modalidade textual e com Luiz Beltrão, primeiro pesquisador a se dedicar ao fenômeno no Brasil. Gêneros jornalísticos podem ser compreendidos como enunciação relativamente estável e seu estudo se dedica às formas de expressão do jornalismo (MARQUES DE MELO, 2020). Com a predominância da teoria funcionalista e a influência morfológica, essas pesquisas iniciaram na primeira metade do século XX, a partir dos anos 1950, desdobrando-se como heranças dos gêneros literários. Estudos sobre gêneros jornalísticos se guiam pela busca de sua natureza, características, composições e especialmente sua classificação, que perpassa a mensagem jornalística independentemente do suporte midiático. Seixas (2009) observa que, enquanto nos Estados Unidos prevalece a preocupação com o trabalho de apuração e reportagem com pesquisas empíricas, na Europa as noções de gêneros discursivos foram moldadas pela linguística, dividindo os gêneros pelos critérios de função e forma.

Para um formato como a reportagem se tornar um gênero, ele precisa de estabilidade institucional em dada formação discursiva, como indica Seixas (2009). Na tradição dos estudos do jornalismo, ela identificou que a finalidade é o principal critério de classificação de gêneros jornalísticos e propôs novos parâmetros, com base na lógica enunciativa das unidades discursivas, a relação operada entre discurso e realidade²¹. A partir de estudos empíricos com foco no texto jornalístico, Seixas (2009, p. 205) observou que o objeto da realidade resulta “do saber jornalístico produzido por checagem de dados, contraposição de declarações de testemunhas e fontes oficiais, além de, possivelmente, documentos oficiais”. O grau de verossimilhança estaria ligado ao conhecimento de uma ação passível de observação intersubjetiva. Primeiro professor da disciplina Gêneros Jornalísticos na Universidade de Navarra, Martínez Albertos assume protagonismo entre as referências, e separa a reportagem em dois níveis: objetiva e interpretativa.

A maneira como a reportagem é estudada nas pesquisas sobre gêneros jornalísticos mostra que, sob essa ótica, em geral ela se divide em duas: como *reportagem* [tradicional], comum nos processos produtivos e ligada ao gênero informativo, e como *reportagem interpretativa*, ao atingir um grau de aprofundamento, análise e estrutura narrativa alargado, mais rara nas rotinas jornalísticas, quando conquista o gênero interpretativo junto com outros

²¹ Lógica enunciativa, força argumentativa, identidade discursiva e potencialidades do médium (SEIXAS, 2009).

formatos. Pode alcançar ainda o *status* de gênero autônomo, como ocorre para alguns autores (BELTRÃO, 1976; KINDERMANN, 2003). As duas referências mais citadas nos estudos de gêneros jornalísticos no Brasil, José Marques de Melo (2020) e Manuel Carlos Chaparro (1998) divergem nas posições sobre gêneros jornalísticos, mas também dividem a reportagem em tipos, conforme critérios definidos.

A classificação da tipologia em torno da reportagem varia conforme critérios adotados por cada autor, podendo ser alterada pela temática ou complexidade da reportagem em questão. Nos estudos sobre gêneros, é importante perceber o que significam esses rótulos: *gêneros*, *formatos*, *tipos*, pois podem assumir conotações diferentes. Marques de Melo (2020), por exemplo, trata como *formatos* o que Chaparro (1998) denomina como *espécies narrativas*, embora ambos se referiram à reportagem. Por isso, dedicar-se aos estudos de gêneros jornalísticos exige o desafio de procurar coerência interna dentro de uma obra, compreendendo sua lógica, sistemática e classificação própria. É fundamental entender os critérios usados na classificação de cada autor para evitar comparações equivocadas. Na classificação de Marques de Melo (2020), são três níveis: *gênero*, no topo, abaixo dele está o *formato*, seguido pelo *tipo*.

Elaborado com base nas pesquisas de cada pesquisador(a) e tendo como ênfase as concepções brasileiras, exploradas posteriormente, o quadro 2, a seguir, apresenta de forma resumida as compreensões sobre reportagem a partir de algumas das principais perspectivas teóricas de estudos de gêneros jornalísticos no país. A definição dos autores considerou a relevância e aderência da classificação proposta. Assim, o comparativo se concentrou em cinco pesquisadores, um espanhol e os demais brasileiros, todos reconhecidos pela influência nos estudos em jornalismo. Desta maneira, a compilação apresentada reúne uma visão panorâmica sobre como a reportagem é percebida nessas pesquisas. Cabe adiantar que a comparação corre o risco de simplificação em função dos diferentes critérios utilizados pelos autores e da heterogeneidade de cada corrente, entretanto, o quadro se apresenta como uma síntese limitada aos fins deste estudo.²²

²² Esse cuidado busca evitar comparações inadequadas, a partir de parâmetros diferenciados, não correndo o risco de contrastar propostas muito díspares. Quando colocados em contraste, torna-se mais fácil identificar semelhanças e diferenças, por isso da representação gráfica a seguir.

Quadro 2 – Considerações sobre reportagem nos estudos de gêneros jornalísticos

Continua...

Autor(a)	MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luís (1974)	BELTRÃO, Luiz (1969, 1976)	CHAPARRO, Manuel Carlos (1998)	MARQUES DE MELO, José (1994, 2020)	KINDERMANN, Conceição Aparecida (2003)	SEIXAS, Lia (2009)
Classificação da reportagem:	1. Informativo (1º nível) 1.1 Notícia 1.2 Reportagem Objectiva 2. Informativo (2º nível) 2.1 Reportagem interpretativa 2.2 Crônica	1. Jornalismo informativo 1.1 Notícia 1.2 Reportagem 1.3 História de interesse humano 1.4 Informação pela imagem 2. Jornalismo interpretativo 2.1 Reportagem em profundidade	1. Relato (espécies narrativas) 1.1 Reportagem 1.2 Notícia 1.3 Entrevista 1.4 Coluna	1. Gênero informativo 1.1 Nota 1.2 Notícia 1.3 Reportagem 1.4 Entrevista 2. Gênero interpretativo 2.1. Análise 2.2. Perfil 2.3. Enquete 2.4. Cronologia 2.5. Dossiê	Reportagem: 1.1 Notícia ampliada 1.2 Gênero autônomo	Gênero discursivo jornalístico: Notícia Nota Reportagem Entrevista Infográfico Editorial Coluna Comentário Análise (francesa) Crônica (espanhola) Síntese (francesa) Perfil (francês) Revista (francesa) Chat
Tipos de reportagem:	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagem de acontecimento - Report. de ação - Report. de citação - Report. de seguimento - Report. interpretativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagem de setor - História de interesse humano - Grande reportagem 	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagem de acontecimento - Report. de ação - Report. de – citações - Report. de seguimento 	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagem-padrão - Grande reportagem - Reportagem investigativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagem de aprofundamento - Report. a partir de entrevista - Report. de pesquisa - Reportagem retrospectiva 	

Autor(a)	MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luís (1974)	BELTRÃO, Luiz (1969, 1976)	CHAPARRO, Manuel Carlos (1998; 2020)	MARQUES DE MELO, José (1994; 2020)	KINDERMANN, Conceição Aparecida (2003)	SEIXAS, Lia (2009)
Conceito de reportagem:	“[...] é a explicação de eventos atuais que não é estritamente notícia – embora às vezes possa ser. Tenta explicar a causa dos fatos e suas circunstâncias explicativas. Estilo literário muito narrativo e criativo [...]” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1974, p. 76) “a reportagem interpretativa deve forçar continuamente a linha entre os dados objetivos e a avaliação subjetiva do jornalista desses dados” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1974, p. 79).	“Reportagem é o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos” (BELTRÃO, 1969, p. 195)	“A partir do entendimento do que seja notícia, podemos então definir <i>reportagem como o relato de acontecimentos com maior ou menor grau de complexidade, para cuja significação e elucidação sejam necessário saberes não contidos na materialidade e nos limites dos fatos.</i> ” (CHAPARRO, 2020, p. 245, grifos do autor)	“Relato ampliado de acontecimento que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o ‘modo’, o ‘lugar’ e o ‘tempo’, além da captação das ‘versões’ dos ‘agentes’. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe” (MARQUES DE MELO, 2020, p. 215)	“A reportagem, embora os teóricos acadêmicos que tratam do gênero jornalístico não o estabeleçam explicitamente, pode ser caracterizada em duas linhas gerais: a) como notícia ampliada e b) como um gênero autônomo.” (KINDERMANN, 2003, p. 38)	“A relevância de uma determinada informação para uma notícia ou reportagem está diretamente ligada à necessidade de verificação (NV). Nas notícias inesperadas, <i>hardnews</i> , existe uma grande NV, mas regularmente o objeto de realidade não é passível de verificação naquele momento ou não tem qualidade de verificação (QV)” (SEIXAS, 2009, p. 222).

Fonte: organizado pela autora.

Nota: Por dar ênfase à concepção sobre reportagem, não inclui todos os gêneros das classificações de cada autor/a.

Os estudos de gêneros jornalísticos ajudaram a consolidar saberes sobre o que é a reportagem, também aquela que destoa do padrão vigente, e como ela se manifesta na imprensa, constituindo-se como objeto de estudo. Na comparação da compreensão de reportagem nas principais perspectivas dos estudos de gêneros jornalísticos pesquisados no Brasil, o quadro apresentado permite algumas inferências. Com exceção de Chaparro (1998), que não faz tal distinção, Beltrão (1969; 1976) e Marques de Melo (2020) colocam a reportagem como gênero informativo e a classificam como gênero interpretativo quando apresenta características fora do padrão convencional. Com base no estudo dos autores, podemos afirmar que a diferença da reportagem para outros formatos reside, sobretudo, no grau de interpretação, portanto, de subjetividade, e autoria explicitado.

Um comparativo específico sobre o modo como a reportagem é definido teoricamente foi traçado por Begoña Echevarría Llombart no livro *El reportaje periodístico*. Na busca por responder o que é a reportagem, Llombart (2011, p. 28-29) apresenta a concepção de diferentes teóricos, incluindo Emil Dovifat, Martín Vivaldi, José Luis Martínez Albertos entre outros, e sugere uma definição própria do gênero: “[...] fruto de uma investigação aprofundada, através da qual o jornalista descreve, explica, informa, relata, analisa, compara e interpreta. A reportagem vai além do clássico o que aconteceu e quem protagonizou e se concentra fundamentalmente no como e por que um evento ocorreu”²³. Ela ressalta que antecedentes, contextualização, análise, reações e interpretações são essenciais neste gênero, concluindo que “se o leitor encontra na notícia uma fotografia da realidade, a reportagem fornece uma radiografia dela, uma possibilidade de diagnóstico sobre a origem e as causas do que acontece e suas possíveis repercussões futuras”²⁴ (LLOMBART, 2011, p. 29, tradução nossa).

A autora espanhola apresenta ainda autores como José Francisco Sánchez Sánchez e Fernando López Pan, que não fazem a distinção entre reportagem informativa e interpretativa, ressaltando que a interpretação está presente na notícia e na reportagem. Além de reportagem interpretativa, a grande narrativa autoral é também nomeada como *reportagem investigativa* ou literária no Brasil, dependendo da corrente seguida (MEDINA, 2020). Há ainda quem se refira a ela como *grande reportagem*, ou *reportagem especial*. É considerada como uma possibilidade de conhecer a complexidade de temas atuais de uma maneira ampliada, aprofundada e mais

²³ “Reportaje es el texto periodístico fruto de una investigación profunda mediante la cual el periodista describe, explica informa, relata, analiza, compara e interpreta. El reportaje va más allá del clásico Que ha sucedido y Quién lo ha protagonizado y se fija fundamentalmente em el Cómo y Por Qué se ha producido un acontecimiento.”

²⁴ “Si el lector encuentra em la noticia una fotografía de la realidad, el reportaje le aporta una radiografía de la misma, una posibilidad de diagnóstico sobre el origen y las causas de lo que ocurre y sus posibles repercusiones futuras”.

detalhada, de modo diferenciado, portanto, do jornalismo noticioso convencional. Esse tipo de prática no país assume muitas vezes a condição de um estatuto, como pontua Seixas (2009, p. 278): “No Brasil, apenas um repórter especial ou jornalista-sênior, colunista e editorialista, tem autoridade para produzir matérias com tão alto nível interpretativo, inclusive com opinativos, embora “marginais””.

Nessas pesquisas, é comum a definição de reportagem em oposição à notícia: com maior possibilidade de explicação, análise da informação e estruturação das narrativas, além da presença de múltiplas vozes e exploração de díspares ângulos. Como faz Chaparro (1998, p. 125), para quem “a partir do entendimento do que seja notícia, podemos então definir Reportagem como o relato jornalístico que expande a Notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla a atribuição de significados [...]”.

Este viés de amplitude já se mostrava presente nas abordagens iniciais do estudo teórico da reportagem no Brasil, atravessando a obra de Luiz Beltrão, especialmente *Imprensa informativa* (1969) e *Jornalismo interpretativo* (1976), a quem se atribui as primeiras contribuições. Beltrão considerava que a reportagem em profundidade estava dentro do que entendia como gênero interpretativo, enquanto a reportagem se encontraria no gênero informativo. No primeiro caso, elementos como antecedentes, projeção de futuro, prognóstico, informação íntegra e análise seriam fundamentais para garantir o grau de profundidade buscado. Assim, a reportagem em profundidade não se limitaria apenas a informar o fato, mas buscaria as raízes e desdobramentos do fenômeno. Beltrão distingue um jornalismo sem a preocupação de análise, produzido sob a pressão do tempo, de um jornalismo intensivo.

Reconhecendo a interpretação como característica básica do jornalismo, “atributo do exercício profissional consciente”, ele acentua: “Na sua essência, a reportagem é uma notícia; o que [as] distingue [...] é a dinâmica da fonte de informação. Enquanto a notícia vem ao jornalista, o jornalista vai à procura da reportagem para testemunhá-la ou colhê-la na fonte” (BELTRÃO, 1969, p. 195). No livro *Jornalismo Interpretativo* (1976), Beltrão define interpretação jornalística como a submissão dos dados recolhidos a uma seleção crítica, capaz de apreender toda a significação do fato, a fim de levar ao público os que são realmente significativos. Ele difere esse tipo de interpretação da histórica ou da filosófica, argumentando que se refere ao presente, “aptidão de **tirar o essencial do acidental, o permanente do corrente**” (BELTRÃO, 1976, p. 13, grifo do autor). Enfatiza a fisionomia própria da reportagem e a divide em diferentes tipos, sendo a grande reportagem um relato de temas originais, criando aspectos extraordinários, situações complexas ou prismas novos.

Principal difusor de suas ideias, seu orientando e discípulo Marques de Melo deu continuidade aos estudos, avançando nos conceitos e criando a classificação mais estudada e tensionada no país. Em seu primeiro estudo com aprofundamento sobre o tema, publicado em *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, de 1985, considerou apenas dois gêneros jornalísticos: informativo e opinativo²⁵. Na última proposição, acrescentou outros três: interpretativo, diversional e utilitário (MARQUES DE MELO, 2020), cada um dos cinco desdobrando-se em formatos. Nesta categorização, reportagem seria um dos formatos do gênero informativo e se diferenciaria dos demais pela progressão dos acontecimentos, incluindo aprofundamento, desdobramentos e antecedentes do fato. No gênero interpretativo, ele considerou uma modalidade específica de reportagem, a reportagem interpretativa, que, no seu entendimento, apresentaria a análise objetiva do fato, sem expressar comentários.

Para ele, reportagem é “o relato ampliado de um acontecimento que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público [...]” (MARQUES DE MELO, 2020, p. 215). À luz das teorias do jornalismo, Beltrão e Marques de Melo se amparam na divisão entre informação e opinião, usada como baliza para distinguir o chamado “jornalismo de referência”. Resultado de uma lógica operada desde o século XVIII, o paradigma que divide o jornalismo entre as categorias de opinião e informação (ou comentário e notícia) resulta do modelo anglo-saxão, dominante na cultura jornalística para qualificar as boas práticas. Nos anos 1920, a *American Society of Newspaper Editors* (Sociedade Americana de Editores de Jornais) forneceu uma indicação do que é reconhecido como boas condutas, com a aprovação de seus Cânones do Jornalismo, onde consta como um dos itens a distinção entre opiniões e reportagens.

No Brasil, esta divisão encontra críticas e fronteiras contaminadas, agravadas por uma mídia que se comporta muitas vezes como partido, usando de seu lugar para fazer proselitismo político (MIGUEL; BIROLI, 2015). Talvez isso explique as discordâncias sobre o modo como esse paradigma é compreendido entre teóricos. Chaparro (1998, p. 100), por exemplo, considera que a divisão é um “falso paradigma, porque o jornalismo não se divide, mas constrói-se com informações e opiniões”, enquanto Seixas (2009, p. 325) o compreende como verdadeiro: “porque a instituição jornalística tem finalidades reconhecidas intersubjetivamente e os compromissos dos atos de linguagem incidem sobre a relação entre discurso e realidade.” Na oscilação entre a recusa e a adesão a tal divisão, é necessário cuidado para evitar generalizações

²⁵ Considerava à época que os demais gêneros “não encontravam ancoragem na práxis jornalística observada no país” (MARQUES DE MELO, 1994, p. 63).

grosseiras e o risco do relativismo radical, que inclusive suspende a própria razão de ser da existência do jornalismo.

Chaparro (1998) atribui o início da separação das instâncias informativa *versus* opinativa ao jornal inglês *The Daily Courant*, numa inovação de seu diretor Samuel Buckley, que, preocupado com a precisão, teria diferenciado as notícias de comentários no início do século XVIII. No modo de entender de Chaparro, não é possível separar opinião da informação: tanto a apuração quanto a depuração de dados são intervenções valorativas, intencionadas por pressupostos e interesses estabelecidos. As diferenças observáveis nas formas e tipologias do discurso jornalístico são, para ele, diferenças de estrutura: da narração, para relatar fatos e conflitos; e da argumentação, na análise e tratamento de ideias. Ele propõe a existência de apenas dois gêneros jornalísticos: relato e comentário, construídos com informação e opinião, em maior ou menor medida, dependendo do caso, e agregando grupos de “espécies”²⁶. A reportagem estaria no gênero relato, como espécie narrativa.

2.5 REPÓRTERES ESPECIAIS E REPORTAGEM COMO TRANSGRESSÃO

Apesar do uso frequente no campo profissional, os estudos de jornalismo não apresentam uma definição específica sobre o termo repórteres especiais. Nem mesmo o manual do principal jornal de referência do país apresenta o verbete, talvez um indicativo de como o termo é naturalizado nas lógicas internas de hierarquização²⁷. Ainda assim, é possível encontrar pistas bibliográficas sobre o prisma relacional desta categoria, alertando o equívoco de considerá-la de forma isolada. Numa das referências mais explícitas – em alusão à corrente do *New Journalism*, que gerou mudanças profundas no modo de fazer reportagem, final dos anos 1950 e início dos anos 1960, nos Estados Unidos – Wolfe (2005) assinala que a redação se dividia em duas tipificações: *Repórteres de furos* e *repórteres especiais*. Como indica o jargão profissional, em busca da informação exclusiva, o primeiro grupo competia para sair à frente na apuração e escrever mais depressa as “notícias quentes”; “quanto mais importante a matéria – isto é, quanto mais ela tivesse a ver com o poder ou com catástrofes -, melhor” (WOLFE, 2005, p. 13).

²⁶ A proposta de Chaparro (1998) estabelece uma divisão de *espécies argumentativas*, quando se trata do comentário (artigo, crônica, cartas e coluna) e *espécies gráfico-artísticas* (caricatura e charge) para o gênero comentário. No caso do gênero relato, seriam *espécies narrativas*, quando se trata do relato (reportagem, notícia, entrevista e coluna) e *espécies práticas* (roteiros, indicadores, agendamentos, previsão de tempo, cartas-consulta e orientações úteis).

²⁷ No *Manual da Redação da Folha de São Paulo* (2018), não há o verbete específico “Repórter especial”. No capítulo “Atuação Jornalística – Prática”, há menção ao verbete “Enviado especial” (jornalista destacado para cobrir acontecimentos fora da cidade ou do país, onde trabalha habitualmente), caracterizando outra função.

A atuação desses profissionais seguia o modelo tradicional de jornalista, remetendo ao imperativo da velocidade, que marca o jornalismo com a promessa de “dar a verdade em primeira mão”, sugerida por Moretzsohn (2002) como “fetiche da velocidade”. Segundo a autora, na racionalidade do capital financeiro e das grandes corporações de mídia, a submissão ao espetáculo do tempo real prevalece e a instantaneidade passa a ser o principal valor da notícia em detrimento de outros, como a credibilidade. Na contramão desse modo de fazer, Wolfe caracteriza ironicamente os demais profissionais como *repórteres especiais*, pelo desejo de se tornarem romancistas, buscando uma posição de elite junto aos escritores, como forma de ascensão social. Esses se envolviam com apurações mais profundas, que lhes possibilitavam “certo espaço para escrever” (WOLFE, 2005, p. 14).

Embora a função de repórter especial não se restrinja à plataforma impressa – com projeções em outros meios, a influência do jornal em papel marca a sua personalização, até pela tradição do suporte. De acordo com pressupostos internos, a prática de repórteres especiais exigiria envolvimento em todas as etapas da produção, desde a criação da pauta. Passar muito tempo em companhia das personagens também seria uma condição, e assim, presenciar as cenas para descrevê-las. Este elemento poderia assegurar ao público a sensação de vivenciar a situação narrada como se estivesse junto no local dos acontecimentos, acompanhando os relatos em lugar privilegiado. A qualidade narrativa não poderia, no entanto, se afastar do rigor da captação precisa na apuração.

Repórteres especiais ocupam um dos lugares mais prestigiados no campo profissional, talvez equiparado apenas ao posto de correspondente internacional. Referem-se a uma elite profissional que, em geral, reúne diferentes atributos e habilidades, maior autonomia e tempo na proposição e execução de suas pautas. Menos previsíveis e contrapondo-se às amarras da padronização da narrativa jornalística, suas obras costumam ser reconhecidas como canônicas para a profissão, exercendo uma influência particular e sendo usadas como referência²⁸.

A temporalidade diferenciada, possibilidade de investir com mais cuidado nas narrativas e a liberdade para abordagens fora do comum, com a complexificação da pauta, costumam ser acionadas como sentidos para justificar esta categoria no meio profissional. Esses indicadores são identificados nas falas de quem ocupa o cargo, como o repórter especial da Rede Globo desde os anos 1990, Marcelo Canellas, em entrevista ao jornalista Sidney Souza para livro

²⁸ De acordo com Bourdieu, o campo jornalístico é marcado por duas lógicas e dois princípios de legitimação: “o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os ‘valores’ ou os princípios internos”, ao se referir à linha editorial. E “o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou de espectadores [...], sendo a sanção do plebiscito, nesse caso, inseparavelmente um veredito do mercado”. (BOURDIEU, 1997, p. 105).

biográfico: “Eu me afastei da cobertura do dia a dia. A chefia foi percebendo a minha propensão por pautas mais complexas e, com o tempo, acabei promovido à repórter especial” (CANELLAS, 2015, p. 82). Ao contrário dos colegas, repórteres especiais tendem a estar mais livres da pressão da atualidade sobre a qual são submetidos os novatos e se ater a detalhes muitas vezes ignorados. “Tem gente que é ligado em adrenalina, gosta da pressão do *deadline*. Eu não sou assim. Gosto de estudar bem a pauta”, resume Canellas (2015, p. 82).

Por esse motivo, são associados a reportagens voltadas para questões estruturais e não necessariamente vinculadas ao padrão predominante no jornalismo, refêm do imediatismo e do acontecimento extraordinário, que rompe com a normalidade. Além disso, diferentemente de jornalistas responsáveis pela cobertura diária, teriam possibilidade de desenvolver uma vertente mais autoral nos seus trabalhos. Assim, apesar das tentativas de apagamento da subjetividade, perseguidas pelo discurso noticioso, a marca autoral negocia com o estilo jornalístico predominante na constituição das narrativas assinadas por esses cânones profissionais. O nome do autor “se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo *status*” (FOUCAULT apud CHRISTOFOLETTI, 2004, p. 153).

Christofoletti (2004) constata que a presença da assinatura no texto constitui um atestado de reconhecimento da relevância e qualidade da produção ou da experiência do jornalista, além de uma prova incontestável da atuação do repórter como autor. “A evidência mais clara da subjetividade no Jornalismo é a assinatura do profissional sobre o fruto de seu trabalho” (CHRISTOFOLETTI, 2004, p. 132). No entanto, funcionaria mais como um “dispositivo retroalimentador da credibilidade profissional” pois, “jornalistas famosos têm seus *textos* assinados mais frequentemente do que os demais porque, além de seus próprios méritos, essa prática confere prestígio à publicação onde veiculam suas produções” (CHRISTOFOLETTI, 2004, p. 135). Aspecto que, no caso de repórteres especiais, é ainda mais sensível, por assumirem estilo próprio, embora a autoria também seja possível no jornalismo diário (RODRIGUES, 2003).

Pela condição que desfrutam, estes profissionais teriam mais chances de transgredir limites e condicionantes do campo jornalístico, possibilitando-lhes a construção de uma reputação notabilizada, próxima de jornalistas-intelectuais (PEREIRA, 2011). Ao analisar biografias, livros de memórias, depoimentos, entidades de classe, instituições de documentação, pesquisa e preservação da memória coletiva, Moraes (2017) constatou que são considerados membros da elite jornalística aqueles que obtiveram êxito em quatro esferas de atuação em particular, responsáveis por espaços de consagração: *a modernização da imprensa, a política,*

a literatura e a universidade. A ascensão a posições de liderança e a conquista de uma coluna em um jornal de alcance nacional são representações dos efeitos de consagração. Entendemos que a chegada ao posto de repórter especial seria outra forma de perceber esta instância.

A promoção é reservada a profissionais com perspicácia reconhecida e trajetória consolidada, incluindo anos de dedicação ao ofício, prêmios recebidos, entre outras distinções, ocupando uma posição hierárquica de superioridade em relação aos demais. Às vezes, esses profissionais são lembrados pela relação próxima com o poder: “[...] um cargo também de confiança da direção. Penso que desfruta de uma boa dose de autonomia, relacionada à sua capacidade de produzir a notícia” (LAGO, 1995, p. 123). Noutros momentos, de maneira genérica: “esse é o nome que usualmente se dá aos ‘curingas’, sujeitos que abordam qualquer assunto” (VILAS BOAS, 2006, p. 12). No caso de atuarem em empresas afiliadas da TV Globo, por exemplo, seriam “os únicos a fazerem matéria para a rede nacional” (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 88). Mas, nessas situações, são tratados de forma abreviada ou em nota de rodapé, sem o aprofundamento proposto aqui.

Cada vez mais escasso, diante da alta rotatividade, juvenilização e precarização das redações (NICOLETTI, 2019), este *jornalista sênior*²⁹ passou a ser raro, sendo visto com fascínio e admiração e moldando a formação de jovens repórteres. Na ausência de um conjunto de referências consolidadas e explícitas que legitime a tradição da atividade jornalística, esses cânones funcionam como paradigma do “bom jornalismo”. Por acumular uma ampla vivência, com muitas coberturas na bagagem, têm nas próprias experiências um aliado na resolução de conflitos, dilemas e dificuldades, gerenciando de modo eficaz momentos de crise, partilhando conhecimentos com a equipe e atuando como guia, uma mentoria. Talvez, justamente por isso, sejam mantidos por algumas empresas de maneira estratégica para fortalecer seu próprio poder simbólico. Assumir certas funções, ainda que não se concorde totalmente com a política editorial e organizacional das empresas, pode contribuir para o reconhecimento profissional.

Observada no ambiente escolar, essa lógica é descrita pelo educador estadunidense Ira Shor em conversas com Paulo Freire como “créditos de divergência”: ou seja, posso assumir dada tarefa inofensiva para alcançar reconhecimento como “parte legítima do ambiente”. “Vistos em conjunto, a sociedade e seus subsistemas, como a educação, são autoritários. Mas, nem todas as partes são dominadas pela autoridade ou estão fechadas à oposição democrática” (FREIRE; SHOR, 1987, p. 83). Embora o pensamento se volte às práticas escolares, cabe perfeitamente às rotinas profissionais jornalísticas. Ao assumirem determinadas atividades,

²⁹ Gumersindo Lafuente (apud MAROCCO, 2012a, p. 151) define este profissional como aquele “que não é chefe, está perto dos jornalistas jovens, dando pistas para eles, principalmente do modo de exercer o ofício”.

jornalistas possibilitam a abertura de outros caminhos na busca por espaços possíveis de autonomia, ainda que relativa e negociada, conquistando legitimidade para confrontos e transgressões, no trânsito entre a política institucional e a sua confrontação.

[...] Encontrar as brechas na parede ajuda, assim como localizar as partes menos ofensivas da escola nas quais participar para acumular “créditos de divergência”. Se você participa de inúmeras pequenas tarefas você começa, aos poucos, a enraizar-se na vida da instituição. O reconhecimento que você obtém por fazer isso é como uma conta de crédito que lhe permite mais espaço para divergir. [...] Se você acumula 'créditos de divergência' você ganha mais legitimidade para fazer críticas radicais, para experiências libertadoras, para programas de oposição. (FREIRE; SHOR, 1987, p. 83).

Na mesma linha, Genro Filho (1987) defendia que é perfeitamente possível contrariar interesses dominantes mesmo trabalhando num grande veículo de comunicação, alinhado à visão de mundo hegemônica. Destacava, no entanto, que, quanto mais competente fosse o jornalista na redação de suas narrativas, mais chances elas teriam de passar pelo editor.

Repórteres especiais criam brechas, questionam métodos de apuração, fontes, valores ditos “incontestáveis” como a objetividade e outras noções consolidadas que parecem imposições. Sugerem também novos caminhos, traçando “contrarregras” a concepções consagradas no campo. Procuram ultrapassar o limite da superficialidade dos fatos, buscando significado nas miudezas e transformando assuntos ordinários em experiências estéticas e de reflexão, afastando-se do condicionamento da cobertura instantânea. Pelo reconhecimento derivado do poder simbólico que acumulam, pertencem a um seletivo e específico grupo, como se estivessem “autorizados a falar” em nome da instituição jornalística. Este grupo social ocupa uma posição de prestígio e influência, sobretudo pela experiência adquirida, constituindo-se referência na socialização de conhecimentos sobre o ato de reportar em instâncias internas e externas.

A existência de escadas profissionais dentro da organização jornalística é tida como evidente para Soloski (1999). Um sistema de recompensa para jornalistas é relatado por ele apoiado em Kornhauser (1963 apud SOLOSKI, 1999), para quem as organizações têm sido obrigadas a criar dois tipos de escadas na carreira, a da direção e a profissional. A primeira se apresenta como a tradicional medida do sucesso, com a promoção de trabalhadores à estrutura hierárquica da direção. A segunda seria uma forma de recompensar profissionais bem sucedidos, elevando sua remuneração e categoria sem aumentar suas responsabilidades de supervisão diretorial, sem assumir, portanto, obrigações administrativas. Nesse caso, no lugar de uma autoridade de gestão, a recompensa seria uma maior liberdade no exercício da função jornalística, pois estes não teriam acesso à tomada de decisões nas esferas de poder da estrutura.

A estrutura do departamento de informação permite à direção promover os jornalistas bem sucedidos sem ter de os integrar, no processo de tomadas de decisões da organização. À medida que os jornalistas bem sucedidos sobem na escada profissional no departamento de informação, eles têm mais liberdade individual de ir atrás de <<estórias>> sem terem mais responsabilidades por decisões relativas à distribuição dos escassos recursos da organização. Ao dar oportunidades de subida, a organização jornalística consegue manter a lealdade de importantes profissionais sem permitir o acesso à efectiva hierarquia de poder da organização. Embora alguns jornalistas se movimentam na escada da direcção, e em posições-chave da direcção, a maioria dos jornalistas utilizam a escada profissional como seu indicador de sucesso, e o movimento nessa escada será determinado pelas normas profissionais. A viabilidade da escada profissional como medida de sucesso é o resultado da aprendizagem profissional dos jornalistas, e faz parte das tradições românticas da profissão. As escolas de jornalismo, as “estórias” acerca de cruzadas de jornalistas e os próprios jornalistas têm contribuído para a transformação da escada profissional num meio de sucesso (SOLOSKI, 1999, p. 98-99).

A longa citação se faz necessária por se relacionar diretamente com repórteres especiais, considerando que a observação das duas escadas se torna uma metáfora adequada para pensar a carreira desses profissionais. No mesmo sentido, Kunczick (2002, p. 17) lembra que “frequentemente, há uma espécie de fuga de cérebros jornalísticos entre os meios de comunicação, porque neles a maioria dos postos mais bem remunerados implicam tarefas de administração e controle”. Segundo ele, “não raro os jornalistas, graças ao seu bom desempenho, são promovidos a postos onde já não podem utilizar suas habilidades jornalísticas” (KUNCZIK, 2002, p. 17). Com isso, bons jornalistas acabam por debandar para as assessorias de comunicação privadas, públicas e até para assessoria política.

O termo repórter especial geralmente é usado como uma distinção corporativa, uma rubrica funcional das empresas, e não como um conceito no jornalismo, podendo receber diferentes significações. Talvez uma maneira de inclui-los nos planos de carreiras das organizações, justificando um tratamento diferenciado, por exemplo³⁰. Nesta pesquisa, no entanto, pretendemos pensá-lo como algo além de uma forma de distinguir profissionais mais experientes para remunerá-los melhor. Afinal, o *know how* adquirido e acumulado por esse grupo merece ser valorizado e estimulado, em favor da própria sociedade, já que se refletirá na qualidade da informação entregue ao público. Levando em conta principalmente o aspecto da experiência acumulada por esses veteranos (independentemente da questão geracional, como confirma nossa análise empírica), há uma *expertise* e um conhecimento especializado reconhecido pelo próprio campo que não pode ser ignorado.

³⁰ As suspeitas, levantadas pelo professor Rogério Christofolletti em troca de *e-mail* com a autora, são incorporadas na pesquisa por reforçarem indícios apontados na revisão bibliográfica e análise empírica da pesquisa.

No dicionário, o significado da palavra *especial* é descrito de várias maneiras, incluindo acepções como exclusivo, extraordinário, consagrado, exímio, distinto. O emprego do adjetivo adicionado ao termo repórter se apresenta para qualificar este grupo específico cujas condições e práticas realmente destoam das usuais. Ao mesmo tempo que as práticas desses repórteres não são homogêneas – especialmente quando comparadas com outros fazeres jornalísticos, carecendo de distinção – o uso do termo repórteres especiais precisa ser ponderado sob múltiplos aspectos. Se, para Bourdieu (2009, p. 115), as classificações “apoiam-se em características que nada têm de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária”, neste caso parece também funcionar como reconhecimento.

Embora remeta a uma categoria que Bourdieu (2009) chamaria de “pré-construída”, pois diretamente tirada do mundo social e própria da corporação, o termo repórter especial é adotado nesta pesquisa de forma consciente desta limitação. Como avisa o sociólogo, “a linguagem levanta um problema particularmente dramático [...]: ela é, com efeito, um enorme depósito de pré-construções naturalizadas, portanto, ignoradas como tal, que funcionam como instrumentos inconscientes de construção” (BOURDIEU, 2009, p. 39). Sabendo se tratar de uma construção socialmente produzida e antecipadamente determinada no grupo social, o uso da expressão é mobilizado por se reportar ao próprio modo como se costuma referir a esses profissionais no campo, sendo, portanto, uma categoria entre agentes da instituição. Mas a escolha requer também questionar essa construção automatizada entre a comunidade profissional.

Ainda que, para o público em geral, a denominação possa passar despercebida e ser realmente notada entre a comunidade jornalística, estes profissionais costumam ser celebrados pelas audiências como “balizas” para a categoria. Operam uma forte influência sobre o campo, como referência na socialização das práticas. Por isso, o conceito de poder simbólico de Bourdieu (2009) é acionado aqui para compreender melhor esse lugar, considerando este “poder invisível”, usufruído por eles e distinto dos poderes econômico e político. Conforme Bourdieu, o poder simbólico se refere a um poder sutil e de difícil percepção, só se efetiva se for reconhecido entre os que exercem o poder e os que estão sujeitos a ele. Logo, a categorização de repórter especial só é possível porque consegue fazer-se reconhecer entre o grupo social, sendo exercida por uma autoridade reconhecida como tal.

é necessário saber descobri-lo [o poder simbólico] onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2009, p. 7-8)

Nesse sentido, o poder de fala atribuído aos atores compreendidos como repórteres especiais contribui para a forma como está estruturado o campo jornalístico, especialmente no que diz respeito à construção de autoridade e ao arbitramento das disputas envolvidas na categoria. A fala desses profissionais se constitui como uma certificação do que se entenderia como qualidade jornalística a partir das lógicas internas construídas. De acordo com Bourdieu (2009, p. 15): “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. Assim, o poder simbólico – fluido e invisível, não expresso na escrita, mas oculto – perpassa cada hierarquização na dinâmica das redações, sendo os repórteres especiais ocupantes do posto máximo a ser alcançado como profissional da reportagem.

O termo repórteres especiais estabelece relação ainda com outros pontos da obra de Bourdieu (1996, p. 18): “o que comumente chamamos de *distinção*, uma certa qualidade, mais frequentemente considerada como inata (fala-se de ‘distinção natural’), de porte e de maneiras, é de fato diferença, separação, traço distintivo”. Ele a resume como “propriedade relacional que só existe em relação a outras propriedades” (BOURDIEU, 1996, p. 18). As noções de Bourdieu permitem concluir que quem domina as regras, critérios e os valores próprios partilhados por integrantes do campo profissional se destaca neste território com mais facilidade. No jornalismo, não é diferente, como indicam Charron e Bonville (2016, p. 72): “um jornalista que domina as convenções por conhecê-las muito pode se permitir alguma familiaridade com elas. Mas nem todos podem se distanciar assim: afastar-se da regra supõe que se tenha uma alternativa aceitável.”

Alguém, poderia perguntar: se esses repórteres contestam e transgridem normas profissionais, como podem ser cânones da profissão ou “modelo” de jornalista? A resposta para essa pergunta expõe uma contradição: ao mesmo tempo que aderem à transgressão, por desafiar padrões internos, também promovem a afirmação do próprio campo profissional, servindo como “exemplos”. Por utilizarem de recursos e estratégias diferentes das usuais, seja pela definição da pauta, no trabalho de campo, durante a apuração, ou na construção de suas narrativas, alcançam projeção e notoriedade justamente pelas “desobediências” a regras reproduzidas. Mas não transgridem a determinados valores, como a informação verdadeira, não inventam outros dados. As transgressões que praticam, portanto, requerem conhecer muito bem o campo profissional a ponto de saber os limites até onde podem ir, ou avançar as fronteiras quando as condições permitirem, sem perder o prestígio alcançado.

Há, portanto, diversas lógicas escondidas atrás do termo repórteres especiais que carecem de interpretação. Em resumo, estes só poderiam alcançar tal rótulo e condição porque conhecem muito bem os preceitos e leis específicas e regras do ambiente em questão, podendo muitas vezes transgredi-las, sem romper com o campo, mas não deixando de tensioná-lo. Apesar de o início da carreira profissional de jornalistas se dar em geral pelo ingresso como repórter, no decorrer da trajetória, é comum esses profissionais ocuparem outros postos, alcançarem posições de chefia e assumirem muitas vezes funções burocráticas, reforçando o espaço restrito dos repórteres especiais e o lugar de consagração de seus fazeres.

Nas palavras de Wolfe, “‘reportagens especiais’ era a expressão jornalística para uma matéria que escapava à categoria da notícia pura e simples.” (WOLFE, 2005, p. 13). A definição denota explicitamente o sentido de transbordamento do formato mais comum e preponderante no jornalismo. Entravam nessa categoria, “pequenos fatos ‘divertidos’, engraçados, geralmente do movimento policial” (WOLFE, 2005, p. 13), as chamadas “matérias de interesse humano”, “relatos longos e quase sempre hediondamente sentimentais”. Ora mais ou menos presente, mas nunca totalmente ausente, essas reportagens de maior fôlego na produção e cuidado estético acompanham o fazer jornalístico e abarcam uma infinita multiplicidade temática. A despeito da utilização frequente como sinônimo para reportagem, o termo “matéria” soa inadequado para definir esse tipo de prática da qual tratamos aqui. Mesmo a expressão reportagem constitui limites para envolver o caráter específico destas produções, tendo em vista seu uso também para contemplar trabalhos habituais nas rotinas profissionais.

Por isso, partimos do termo reportagem em profundidade, entendendo-o como o mais adequado para definir a prática dos chamados repórteres especiais, com a ressalva de que este tipo de reportagem não necessariamente se apresenta como longa. Esta noção permite compreender a reportagem como potencial espaço para a *transgressão* (MAROCCO, 2008) seja pelo tensionamento às práticas jornalísticas dominantes, considerando a própria concepção da pauta, seja pelas resistências aos condicionantes impostos pelas rotinas industriais, tendo em vista a criação de alternativas para subverter a lógica imperativa das redações. São, portanto, desviantes daquilo que se convencionou como norma, escapando muitas vezes à imposição das regras, técnicas e padrões vigentes do jornalismo industrial.

Kunczik (2002) acredita que a escravidão à atualidade prejudica o cumprimento das normas jornalísticas, como a investigação cuidadosa, além de aumentar a possibilidade da crítica. Como resultado, grande parte das reportagens envolvendo notícias de atualidade se baseia em pseudo-eventos. Por isso, para ele, “o passo mais importante para se melhorar qualitativamente o jornalismo seria livrá-lo da pressão da atualidade” (KUNCZIK, 2002, p. 52).

A dimensão temporal constitui característica central do jornalismo e contribui para a notícia se manifestar como formato mais comum, haja visto o valor do imediatismo para a cultura profissional. Mas a reportagem cumpre relevante papel de aprofundamento da informação, sendo considerada também *metodologia do jornalismo* (OSORIO VARGAS, 2017), dada sua importância. Se pensarmos naquela reportagem marcada por outra temporalidade, veremos que ela oscila entre diferentes designações, conforme a perspectiva adotada.

Historicamente, a reportagem assume um formato empregado como padrão de legitimação no jornalismo. Na definição profissional de jornalista, há múltiplas possibilidades de atribuições, que variam de acordo com o trabalho realizado. Mas “ainda que nem todos os jornalistas se definam como repórteres, a atividade é considerada ‘formadora’ no exercício da profissão” (BERGAMO, 2011, p. 234). Nas práticas atuais, é possível observar diferenças consideráveis entre repórteres e repórteres especiais: além de o segundo grupo dispor geralmente de um período mais alongado para a apuração aprofundada, o reconhecimento externo lhe permite a conquista de um espaço mais livre e autônomo. Podem alcançar ainda a publicação da reportagem em formato de livro ou coleção especial, após divulgação em periódicos e emissoras, ofuscando assim o aspecto efêmero da mensagem e assumindo um caráter de perenidade.

Independentemente da plataforma midiática adotada, esta pesquisa compreende a reportagem como espaço potencial para a transgressão, que tensiona certezas da prática jornalística e questiona noções disseminadas na cultura profissional. Cunhada por Marocco (2008) e também seguida por Boff (2011), a noção de reportagem de transgressão não compreende a transgressão de forma negativa como costuma ser, mas no sentido de transcendência do limite, tal como concebido filosoficamente por Michel Foucault (2009) no *Prefácio à Transgressão*. Inspirado por Georges Bataille, Foucault interpreta transgressão e limite como indissociáveis, complementares, fazendo sentido apenas se estiverem em conjunto. O atravessamento da fronteira não existe, portanto, fora deste lugar. Nem o limite, nem a transgressão são definitivos, mas provisórios. “A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia ser todo o seu espaço” (FOUCAULT, 2009, p. 32). Pode ser compreendida como uma forma de resistência, tentando escapar a uma força de normatização que busca alcançá-la.

A transgressão não se opõe a nada, não faz nada deslizar no jogo da ironia, não procura abalar a solidez dos fundamentos: não faz resplandecer o outro lado do espelho para além da linha invisível e intransponível. Porque ela, justamente, não é violência em um mundo partilhado (em um mundo ético)

nem triunfa sobre limites que ela apaga (em um mundo dialético ou revolucionário), ela toma, no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que nela se abre e desenha o traço fulgurante que a faz ser. Nada é negativo na transgressão. Ela afirma o ser limitado, afirma o ilimitado no qual ela se lança, abrindo-o pela primeira vez à existência. (FOUCAULT, 2009, p.33)

Assim, a transgressão se manifesta “na linha que cruza” o que é visto como normativo e estabelecido. Essa noção se aproxima de hooks³¹ (2013, p. 24), ao definir transgressão como “um movimento contra as fronteiras e para além delas”. Por isso, as reportagens de repórteres especiais comportariam elementos de transgressão, uma obstinação para romper e violar tais limites fixados pelas práticas tradicionais da indústria jornalística, ultrapassando fronteiras previamente definidas. A transposição de limites mostraria assim outras possibilidades e caminhos:

Não há reportagem, em nosso entendimento, que não se torne um fragmento de jornalismo, um pedaço que só existe porque existe em torno dele, antes e depois dele, algo como a continuidade do jornalismo, mas que, em suas margens e/ou com ele, pode formar duas figuras estranhas. Uma delas é a figura da transgressão, do modo transgressivo de reconhecimento da época em que se vive, na palavra ou na imagem transgressiva [...] (MAROCCO, 2008, p. 34).

Reportagem de transgressão pressupõe necessariamente o esforço por ouvir fontes que se afastam dos atributos de autoridade, produtividade e credibilidade do jornalismo dominante. Marocco (2008) defende um “giro no tratamento da fonte jornalística”, forjando a escuta de certas fontes normalmente silenciadas da cobertura. Se a dependência das chamadas fontes oficiais é um dos principais motivos de críticas às práticas jornalísticas, Marocco (2008) propõe a valorização de uma mudança de perspectiva. Reivindica que *sujeitos de seu próprio discurso* ganhem a condição de fontes, para além da autoridade formal insistentemente consultada e cristalizada no discurso jornalístico, valorizando as informações das ruas em contraponto aos não-ditos dos jornais³².

Na perspectiva foucaultiana, a fonte “não corresponde à autoridade, não tem o ônus da prova, nem da verdade e nem terá uma forma jornalística prescrita nos livros de estilo” (MAROCCO, 2008, p. 41). Esta não é apenas uma diferença de ângulo, pois contraria rotinas consolidadas e rompe com o modo de fazer jornalismo tradicional, pautado na posição e no

³¹ A autora defende que seu nome seja escrito em letras minúsculas para dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

³² Assunção (2014) também assume esta mesma linha ao tratar da transgressão no jornalismo, tendo como centro a obra de João Antônio. Conceitua como “jornalismo de beiradas” práticas que colocam marginalizados como protagonistas da narrativa.

título do indivíduo. Traquina (2012, p. 193) elenca três fatores que influenciam na escolha das fontes jornalísticas: “autoridade, produtividade e credibilidade”. Assim, as fontes oficiais ou que ocupam posições institucionais de autoridade seriam vistas como “mais confiáveis” por teoricamente terem certo compromisso público, presumindo-se não poderem mentir abertamente. Esse modelo engessado se manifesta nas práticas jornalísticas até hoje implementadas muitas vezes com pouco questionamento:

O jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que é do que pelo que sabe. A maioria das pessoas acredita na autoridade da posição. Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na sua autoridade. Chama-se a isso a hierarquia da credibilidade. (TRAQUINA, 2012, p. 193).

A supremacia das fontes oficiais não tem lugar na reportagem de transgressão. Isto não quer dizer que elas deixam de ser consultadas, mas perdem a centralidade diante das vozes geralmente silenciadas, ignoradas e apagadas. As pessoas que não ocupam posições de destaque ou cargos importantes não costumam ser ouvidas nas práticas jornalísticas predominantes, exceto quando são enquadradas como “cases”, no jargão jornalístico, para “ilustrar” determinada situação. Sua presença na cena midiática aparece sob as representações arquetípicas de duas figuras: “a do cidadão *vítima* ou *reivindicador*, ou o do *cidadão testemunha*” (CHARAUDEAU, 2013, p. 194). No primeiro caso, o cidadão “comum” só rompe com o anonimato se for vítima de uma injustiça social ou “desgraça do destino”, podendo ser exibido em espetáculo. Na segunda situação, toda a identidade do indivíduo é desfeita em nome da condição de testemunha, autenticando fatos ou comentários, como um “álibi” para as mídias.

Neste segundo capítulo, apresentamos a base teórica que sustenta e conduz nosso percurso investigativo. Buscamos discutir as principais noções que amparam o trabalho afim de facilitar a compreensão dos nossos pontos de partida: os conceitos de jornalismo como conhecimento, reportagem enquanto instituição jornalística, saberes jornalísticos e conhecimentos tácitos, as noções de *consciência discursiva* e *consciência prática*, *habitus* e *conhecimento explícito* e *conhecimento tácito* além da reportagem como espaço potencial para a transgressão.

Procuramos relacionar o quadro teórico de referência à discussão sobre repórteres especiais e reportagem em profundidade. Essa articulação entre as noções apresentadas permitiu alcançar uma melhor compreensão sobre como cada uma delas se relacionam entre si, com a intenção de alcançar o objetivo central e os objetivos específicos traçados nesta tese. Desta maneira, procuramos uma delimitação para as questões que queremos responder, construindo a

abordagem da tese sobre o objeto de estudo escolhido que fundamentará a análise dos depoimentos de repórteres especiais.

A seguir, no capítulo 3, nosso esforço será o de compor um panorama sobre a reportagem no campo jornalístico a partir de uma contextualização histórica, com um breve diálogo com a Literatura e a História, desde a sua emergência como fenômeno do Jornalismo no século XIX.

3 BREVE PANORAMA DA REPORTAGEM NO JORNALISMO

A reportagem, tal qual a conhecemos hoje, deriva de processos, dinâmicas e métodos de trabalho incorporados historicamente pela cultura profissional. Aproximações e distanciamentos entre Jornalismo, Literatura e História acompanham esse percurso, num antigo diálogo entre repórteres, escritores e historiadores. Não é objetivo aqui discutir o tema de forma exaustiva (o que impõe o risco de tratá-lo superficialmente), mas não se pode ignorar essas relações enraizadas e com impacto na atualidade. No Brasil, tal simbiose se remete ao envio de repórteres para a cobertura da Guerra de Canudos, no interior da Bahia, em 1897, e produziu reverberações que permitiram, para alguns estudiosos, a criação de um gênero textual típico no jornalismo do país: a crônica³³. Na virada do século XIX para o XX, o jornalismo investiu na sua independência, adquirindo autonomia e legitimidade com uma identidade própria.

Tratar da reportagem como objeto de estudo requer o reconhecimento de sua trajetória histórica, como gênero discursivo, prática profissional e método de abordar a realidade. Não há como deixar de localizar e contextualizar esse debate de modo histórico, especialmente se consideradas as transformações profundas que perpassam e imprimem novas identidades ao fenômeno ao longo dos tempos, absorvendo práticas e valores diferenciados. Basta ver que a objetividade, por exemplo, não era uma premissa para os jornais norte-americanos até 1830, quando a expectativa por um ponto de vista partidário dá lugar a uma posição neutra como valor dominante (SCHUDSON, 2010). Na contemporaneidade, talvez as mudanças sejam tão intensas que indiquem a transição para um novo paradigma jornalístico para além dos identificados por Charron e Bonville (2016) como jornalismo de transmissão, opinião, informação e comunicação.

É, portanto, a partir desta perspectiva, a proposta de compreender como e por que a reportagem, nem sempre presente na prática profissional, marca seu processo de autonomização da literatura e do relato histórico. Além do movimento de transformação, olhar para o caminho percorrido pela função de repórter e o estatuto adquirido por ela exige observar a manutenção de permanências e continuidades, e não apenas rupturas. Com isso, não se busca traçar uma linha do tempo cronológica e linear sobre o desenvolvimento da reportagem, mas recriar e reinventar possibilidades de leitura. Na contramão de um apego a um ideal de passado, a digressão histórica proposta não pretende exaltar saudosismo a uma determinada maneira de

³³ Marques de Melo (1994, p. 147) considerava a crônica “embrião da reportagem”. Entre os autores que a enxergam como fenômeno típico do jornalismo brasileiro está Olinto (2008, p. 11), para quem “nosso estilo de feita jornalística havia [...] criado jeitos especiais de escrever em jornal”.

fazer jornalismo, comum em relatos de profissionais que acreditam ter vivido “os tempos áureos” da reportagem, mas uma tentativa de entender como se criaram os cânones em torno da atividade.

Além de colocar a reportagem e a figura repórter em panorama histórico, relacionando contextos que permitiram a promoção de repórteres especiais, neste capítulo também esboçamos, ainda que brevemente, as relações entre jornalismo, literatura e história. Se assume centralidade no exercício jornalístico, na criação de uma identidade profissional própria da categoria, alcançando o *status* de modalidade discursiva mais associada ao jornalismo (CHALABY, 2003), nem sempre foi assim. Do ponto de vista histórico, a reportagem - ou o trabalho desenvolvido pela personagem que viria a ser repórter - só pode ser pensada, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX. Foi praticamente inexistente nos primeiros séculos de história da imprensa, em sociedades pré-industriais, com técnicas de produção rudimentares de jornais, quando quem os elaborava era mais um artesão que um intelectual (CHARRON; BONVILLE, 2016).

3.1 DAS RAÍZES E ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O que chamamos de reportagem e repórter especial deriva de circunstâncias históricas. Estudos sobre o tema se desenvolveram em diferentes contextos, perspectivas e ênfases (HOYOS, 2009; OLINTO, 2008; CHARRON; BONVILLE, 2016; GODINHO, 2021; CHALABY, 2003; SCHUDSON, 2010). Responder a pergunta sobre como se deram as circunstâncias que permitiram a emergência da reportagem parece simples, mas não é. Isso porque “a prática da reportagem já se fazia muito antes de estes conceitos ganharem forma e estatuto discursivo ocupando espaço no campo jornalístico”, conforme pontua o pesquisador português Jacinto Godinho (2021, p. 34).

A busca por compreender como a reportagem se conformou e sedimentou historicamente, formando as bases do que conhecemos hoje como jornalismo implica o risco de uma regressão sem fim em direção ao passado, na procura pelos primórdios da imprensa. Como adverte o pesquisador francês Erik Neveu (2006, p. 21), “estudar a história social do jornalismo é uma necessidade”, embora ele próprio admita que seus riscos sejam evidentes, com o “afundamento numa cronologia de aparições de títulos e de fórmulas editoriais; o de balanço de tiragens”. Mais do que recorrer à cronologia de uma origem, a investigação histórica apresentada procura perceber embates e convergências que permitiram determinada prática - no caso, o processo de reportagem, em detrimento de outras. Esse olhar pode inclusive

possibilita a identificação de traços de como o passado remoto se manifesta na contemporaneidade.

Pelo menos três visões prevalecem sobre a emergência dos fenômenos jornalísticos na avaliação do historiador Alejandro Pizarro Quintero (1996). A primeira, e mais controversa, situa o embrião das práticas jornalísticas na antiguidade clássica greco-romana, tomando a troca de informações como característica essencialmente humana; a segunda estabelece o jornalismo como uma invenção da modernidade, tendo como marco definidor a criação da imprensa e sua relação com a periodicidade na Europa; e a última demarca a emergência do jornalismo nos Estados Unidos durante o século XIX, em função da criação de instrumentos técnicos que promoveram a difusão dos jornais e facilitaram a transmissão da informação à distância. Quintero entende que o princípio histórico do fenômeno jornalístico é um problema central ao historiador da comunicação.

Obras tradicionais concebem o jornalismo noticioso como fenômeno ocidental por excelência, sendo uma invenção europeia, como classificam Jorge Pedro Sousa (2008) e Michael Kunczik (2002), ou anglo-americana, tendo em vista o pensamento de Jean K. Chalaby (1998) e Michael Schudson (2010). As duas correntes também divergem na localização histórica da atividade: enquanto a primeira a vê como invenção do século XVI e XVII, a segunda está atrelada ao século XIX. Este trabalho alinha-se mais à essa compreensão, em contraponto à perspectiva mais remota, tendo como foco a reportagem. Sem descartar experimentos anteriores, a emergência desse fenômeno resulta da junção de diferentes fatores que permitiram o seu delineamento. Isso não quer dizer, entretanto, que elementos e contextos prévios não contribuíram e influenciaram o processo de construção dessa narrativa particular no jornalismo.

Mesmo compreendendo a reportagem como invenção do século XIX, é possível não rejeitar experiências de reportar o mundo antes da oficialização da imprensa quando observada a arte de narrar e a necessidade social da informação. Olhar além dos limites dos suportes midiáticos é também contemplar noções de um pré- ou proto-jornalismo, antecedente a esta fase. A observação de seu próprio percurso possibilita afirmar que a reportagem se origina de um relato que, com o tempo, divide-se entre campos definidos, o Jornalismo, a Literatura e a História (como exemplo desse processo, é possível citar o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha), embora muitas vezes produzam narrativas que possam se misturar ou confundir. Contudo, a condição de repórter atrelada a campo profissional só pode ser pensada a partir do final do século XIX, com a expansão, desenvolvimento e consolidação da imprensa.

As questões decorrentes das relações entre História e Jornalismo não estão circunscritas apenas às semelhanças entre os modos desses fazeres, levam a pensar ainda sobre a forma como cada campo construiu as próprias narrativas historicamente. O jornalismo se institucionalizou como prática social nas sociedades ocidentais, mas a escassez de referências disponíveis desafia a necessidade de evitar o apagamento daquilo que se encontra fora deste território e é silenciado ou sequer admitido.

O mundo greco romano é uma referência frequente nos estudos sobre a gênese da reportagem. Sendo impossível alcançar o todo da história universal e demarcar um ponto inaugural, é preciso destacar: não há como estabelecer uma trajetória fixa e ordenada da reportagem, nem abarcar o fenômeno na sua integralidade³⁴. Comum nos estudos iniciais de história da imprensa, mas ainda presente em pesquisas do campo, esta opção é descartada de antemão pela simples impossibilidade de “recuperar” ou “resgatar” fatos históricos de maneira harmônica, de ir ao passado averiguar e ali apaziguar uma versão com aparente consonância.

Feita a ressalva, frente às mudanças estruturais do campo, os autores canadenses Charron e Bonville (2016) estabeleceram uma tipologia histórica dos paradigmas jornalísticos, tomados aqui como referência. Na abordagem, os primeiros jornalistas seriam os gazeteiros do século XVII, responsáveis pela produção dos primeiros jornais. Mas “são os redatores políticos os primeiros a serem reconhecidos como jornalistas profissionais, e só mais tarde se associará a palavra jornalistas aos ‘repórteres’” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 32). Os pesquisadores lançaram as bases de uma teoria entendendo o jornalismo como conjunto de regras que permite a reprodução de uma prática discursiva específica e marcada por transformações, mas também por permanências. Esta compreensão separa em pelo menos quatro grandes períodos as mudanças na história do jornalismo, cada um deles caracterizado por formas específicas de conceber e de praticar o jornalismo.

Com base na noção de paradigma de Thomas Kuhn, os autores classificaram então as idades do jornalismo do seguinte modo: *jornalismo de transmissão*, quando comerciantes passam a atuar como impressores e distribuidores de gazetas, no século XVII; *jornalismo de opinião*, com a emergência da figura do redator no século XVIII e a sua disposição em colocar o veículo a serviço de lutas políticas; *jornalismo de informação*, a partir da década de 1920 e caracterizado principalmente pelo trabalho de repórter e a valorização da coleta de notícias

³⁴ Frente às disputas e relações de poder, a problematização da emergência da reportagem e, sobretudo, de seus métodos, importa mais que a narrativa supostamente coerente do passado. Este posicionamento se opõe à visão positivista da ciência e, também, à noção de “origem por si só” sugerido pelo viés historicista e procura tensionar interesses, conflitos, contradições e silenciamentos na emergência do fenômeno conhecido como reportagem na história do jornalismo

sobre a atualidade; e, por último, o *jornalismo de comunicação*, marcado pela superabundância de oferta dos suportes midiáticos e hiperconcorrência na disputa pela atenção do público, desde as décadas de 1970 e 1980. Cada uma dessas fases seriam dimensões presentes em graus diversos em todas as formas de jornalismo, sendo a a sua importância relativa variável.

Esta compreensão teórica permite o entendimento do jornalismo como processo de reinvenção permanente. Charron e Bonville (2016, p. 106) admitem: “pode-se postular que houve uma metamorfose quando um grupo de jornalistas não reconhece mais suas regras naquelas do grupo seguinte ou do grupo anterior e julga as regras dos outros grupos incongruentes com sua própria produção.” Logo, as regras de produção e o próprio discurso jornalístico não seriam mais reconhecidos como tais. Por isso, pode ser difícil para as pessoas envolvidas com essa prática fazerem o diagnóstico dessa metamorfose, mas, mesmo assim, elas não deixam de perceber alterações. Não é raro encontrar testemunhos de jornalistas que expressam o mal-estar com as mudanças pelas quais a profissão passa e um apego excessivo a um determinado momento histórico, como sinônimo de “bom jornalismo”. Na reportagem, essa dimensão talvez seja ainda mais visível pela potência lhe conferida.

Visões cristalizadas num passado estático e remoto ou excessivamente romantizadas impedem a percepção do jornalismo com fenômeno mais amplo e não condicionado a dado suporte midiático, mas em permanente transformação, como propõem Charron e Bonville (2016). Eles sugerem um modelo com base universal, sendo a história do jornalismo norteadas por mutações paradigmáticas. Nesta proposição, repórter é um termo congruente ao chamado *jornalismo de informação*, marcado pela ideia de separação dos “fatos” de “valores”, da “opinião”. Antes disso, no *jornalismo de opinião*, firma-se uma identidade discursiva para o jornalismo, enquanto na fase posterior, no *jornalismo de comunicação*, não se procura mais, como no jornalismo de informação, “mostrar o mundo”, mas “projetar um certo olhar sobre o mundo”: a informação jornalística é excessiva e disputa a atenção com várias outras formas de comunicação.

3.1.1 Aproximações com a História

O parentesco da reportagem com a escrita da história recebe diferentes interpretações entre investigadores do tema. Especialmente entranhadas nos primórdios das atividades, as relações entre jornalismo e história apresentam semelhanças, mas também distinções pela especificidade de seus objetos. É comum certas vertentes relacionarem raízes remotas e antecedentes da reportagem aos relatos de viagens, especialmente ligados à Grécia Antiga.

Como o faz Olinto (2008, p. 29), ao identificar que “Homero é o primeiro repórter de que temos notícia”. Tucídides, autor de *História da Guerra do Peloponeso*, aparece por vezes descrito como o “primeiro repórter” (SOUSA, 2008, p. 23) ou, ainda, responsável por “métodos de reportagem” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 112). Há também quem considere a forma dos relatos de Heródoto e de Tucídides “mais próxima da prática actual do jornalista repórter que do trabalho do historiador moderno” (GODINHO, 2021, p. 36).

Na busca por um texto mais preciso, Tucídides procurou expor sua forma de trabalho na introdução do relato histórico. Argumentava não ter se deixado guiar pelas primeiras impressões, priorizando versões de “testemunhas oculares” quando não estava presente. Para Kovach e Rosenstiel (2003), o relato de Tucídides ganha relevância quase 2,5 mil anos depois de ter sido escrito por tocar no centro da tarefa de escrever textos não ficcionais. Os dilemas de como tornar o processo de apuração mais transparente possível apoiam-se num método de teste da informação, na avaliação dos autores, para quem esses modos de fazer estão necessariamente ligados à subjetividade de quem os executa. “Essa disciplina consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão. Esses métodos podem ser muito pessoais e idiossincráticos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 112).

Há ainda quem atribua a Heródoto, com *História*, o nascimento da reportagem. No Brasil, essa versão foi disseminada pelo jornalista Marcos Faerman. Em texto escrito provavelmente em 1981, para um curso de dois dias em uma Faculdade de Jornalismo de Minas Gerais e que Marcão, como era conhecido, pretendia que se tornasse livro, ele defende essa ideia³⁵. Associa a Heródoto não o *status* de “pai da História”, como tradicionalmente lhe é conferido, mas de “pai da reportagem”. Na visão do jornalista brasileiro, Heródoto “tem o espírito universal e se interessa pela etnografia, pela geografia humana e física, pela história; ele se apaixona pelos grandes trabalhos, pela arquitetura, calcula o preço das pirâmides do Egito; analisa os métodos de irrigação, tenta se iniciar nas técnicas e nas economias” (FAERMAN, 1981, p. 20).

Ryszard Kapuściński (2006a) considera a obra de Heródoto como a primeira grande reportagem da literatura mundial. Consagrado correspondente de guerra do século XX, tendo testemunhado profundas transformações mundiais de seu tempo, Kapuściński tinha Heródoto como “repórter nato: viaja, olha, conversa, escuta – para depois tomar nota daquilo que

³⁵ O texto foi gentilmente disponibilizado à pesquisadora pelo sobrinho do autor, Henrique Faerman.

descobriu e viu” (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 118)³⁶. O posicionamento demonstra paralelismos entre Jornalismo e História que precisam ser repensados, tendo em vista as intenções diversas, delineadas com o passar do tempo, entre ambas as atividades. No seu último livro, Kapuściński (2006) narra a sua relação com Heródoto depois de ter ganhado um exemplar de *História* de presente de sua primeira redatora-chefe antes de partir para a Índia, em sua primeira viagem internacional.

No mundo de Heródoto, o único depositário da memória é o próprio ser humano. Para ter acesso a algo que ficou nela guardado, é preciso chegar a um homem e, quando esse homem vive longe de nós, temos que ir ao seu encontro, partir em viagem. Quando o encontrarmos, sentaremos ao seu lado e escutaremos o que ele tem para contar – **ouvir, conservar na memória e, se possível, anotar. É assim que começa uma reportagem – é de uma situação como essa que ela nasce** (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 90, grifo nosso).

Se podemos fazer objeção ao título de inaugurador da reportagem concedido a Heródoto por Kapuściński ou Marcão, a defesa pelo contato direto com as pessoas como exercício etnográfico e base da reportagem parece inquestionável. Em conversas informais, o polonês valorizava relatos de “pessoas comuns”, ponto alto de seu trabalho. Nas viagens a outros países, procurava conviver com nativos, fugir dos caminhos oficiais, viajar de carona em caminhões, acompanhar nômades pelo deserto e se hospedar com os camponeses. Dividindo parte do aprendizado acumulado no exercício profissional, preconizou cinco sentidos dos quais depende o trabalho jornalístico: estar, ver, ouvir, compartilhar e pensar (KAPUŚCIŃSKI, 2003). O jornalista tentou assegurar a reportagem à categoria de literatura, com romances de não ficção. Várias vezes indicado ao Prêmio Nobel de Literatura, deixou uma coleção de obras sobre suas experiências.

Como método de reportar, Kapuściński buscava se perder em meio à multidão, passando a ser confundido com alguém do lugar (BERGER, 2007). No exercício do diálogo e da escuta, procurava descobrir assuntos que não costumavam ser divulgados na imprensa. Essa intenção de salvaguardar experiências vividas tinha como inspiração Heródoto, o escritor cujas vivências 2,5 mil anos antes assumiram um caráter particular para o repórter. Ao pesquisar e ler livros sobre o autor, Kapuściński observou que estudiosos se concentraram exclusivamente no texto do grego, na sua exatidão e solidez. Não se dava importância ao modo como ele colhia sua matéria-prima e como, depois, tecia a sua narrativa. Entre a tradição oral dos acontecimentos e

³⁶ Kapuściński atuou como correspondente de guerra de 1958 a 1981, sendo um dos poucos correspondentes estrangeiros no continente africano naquele período e tendo acompanhado mudanças de ordem social e política, como o processo de descolonização de diferentes países, assim como epidemias e lutas civis.

o início da escrita, o modo de trabalho - portanto, o método utilizado por ele - era justamente o aspecto que mais lhe interessava, despertando sua principal curiosidade.

Heródoto carregaria consigo anotações ou guardava tudo na memória? Como ele trabalha, o que o interessa, como ele se comunica com as pessoas, o que lhes pergunta, como ouve aquilo que lhe contam? Isso tudo era muito importante para mim, pois **eu estava me esforçando pra entender a arte de fazer reportagens**, e Heródoto me parece ser um mestre útil e valioso. O que mais excitava a minha curiosidade era a relação dele com as pessoas, já que aquilo que escrevemos nas nossas reportagens provém de pessoas; a qualidade do nosso texto é tributária da relação com os outros, da sua natureza e da intensidade que assume. Dependemos das pessoas, e uma **reportagem talvez seja o mais coletivo dos gêneros de escrita** (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 197, grifo nosso).

Aos olhos do jornalista, ao atravessar fronteiras, Heródoto viaja por diferentes territórios, interpreta realidades, dá-se conta da diversidade do mundo e do tempo, encontra pessoas, faz perguntas e ouve o que elas têm a dizer. Logo, Kapuściński questiona se viajar não seria a primeira ação de todos os repórteres: sendo o primeiro pensamento, antes de tudo, uma viagem. Para ele, Heródoto se concentra na pergunta sobre as origens que levaram os povos a fazer guerra uns contra os outros, os motivos dos combates entre Oriente e Ocidente. Por que vivem em permanente estado de oposição e confronto? Lança-se à descoberta de muitos mundos e os descobre diferentes entre si, mas cada um importante à sua maneira. A necessidade de conhecê-los advém de uma constatação: “Graças a eles, entendemos melhor a nós mesmos, já que não podemos definir a nossa singularidade se não a confrontarmos com outras” (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 292).

A principal descoberta de Heródoto, seria, portanto, a de que “outras culturas são espelhos nos quais podemos nos olhar para compreender melhor quem somos” (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 293). Estar em movimento, exercitando o assombro diante da realidade e permitindo se espantar com o ordinário se tornaria uma condição para o exercício da reportagem. As percepções levantadas por quem localiza o ato de reportar em tempos longínquos, atribuindo um sentido mais abrangente à figura que se dedica à atividade de reportar, não são ignoradas pois refletem outro caminho possível. Kapuściński (2006, p. 287) não apenas identifica no livro de Heródoto “a primeira grande reportagem da literatura mundial”, como afirma que “seu autor tem instinto, o olho e os ouvidos típicos de um repórter” (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 288), reforçando a problemática ideia de instinto, como discutido no Capítulo 2.

3.1.2 Estabelecendo fronteiras

É curioso notar como as tentativas de definição das fronteiras entre os campos imbricados nos seus primórdios e que se constituíram de modo independente com o passar dos anos estão presentes desde os primeiros jornais em circulação de que se tem registro. Apesar de haver uma inevitável influência da Revolução Francesa, com o postulado iluminista de esclarecimento, e a gênese do modelo de jornalismo contemporâneo, antes disso já circulavam veículos que apresentavam características de meio de comunicação. Dirigida pelo médico Théophraste Renaudot e publicada na França, *La Gazette*, é celebrada como o primeiro periódico em língua francesa, a partir de maio de 1631, quando o editor já procurava fazer separações entre campos. Embora possam ser vistos hoje como simplificações extremas, esses pensamentos demonstram o esforço de uma caminhada histórica de busca por pensar o objeto próprio de cada área:

Poucas pessoas notam a diferença entre a História e a *Gazeta*. Isso obriga-me a dizer-lhes que a História é o relato das coisas ocorridas; a *Gazeta* é apenas o ruído que delas emanou. A História tem a obrigação de dizer a verdade. A *Gazeta* fá-lo até que a mentira ganhe. E não mente, mesmo se divulga alguma falsa notícia que lhe foi dada como verdadeira. Assim, só poderá ser condenável a mentira que publique intencionalmente. (RENAUDOT apud PONTE, 2005, p. 37).

Evitando o risco de um olhar anacrônico, os escritos editoriais deixados por Renaudot servem de objeto para investigar o jornalismo desde os tempos mais distantes, como constata Labasse (2017) que os utiliza para análise do desenvolvimento conceitual do discurso jornalístico. Na ponderação sobre as fronteiras entre os campos, ele afirma que, “embora a literatura ou a pesquisa científica há muito busquem - com diferentes graus de sucesso – definir o que acreditam ser sua esfera legítima, o jornalismo sempre preferiu dispensar um exercício tão incerto” (LABASSE, 2017, p. 6). Citando o editor francês que séculos antes já lamentava como um boato atrai mais atenção que um texto preciso, Renaudot (1632, p. 3 apud LABASSE, 2017, p. 6) acredita que o jornalismo “contenta-se, essencialmente, em se vincular, desde sua origem, a um projeto fundador facilmente resumível: garantir ‘a coleção (...) de notícias tanto nacionais quanto estrangeiras”.

A busca pelas distinções entre os dois fazeres (Jornalismo e História) aparece contemplada em reflexões teóricas iniciais, como na primeira tese sobre jornalismo de que se tem registro, no século XVII, quando o fenômeno jornalístico ainda era recente. Esta constatação soa como uma demonstração do quanto essa é uma temática crucial para o campo

e o perpassa desde antes de o jornalismo florescer na sociedade industrial. Além de identificar elementos que sustentam a discussão teórica sobre jornalismo, a tese de Tobias Peucer merece atenção ao ponderar relações e distinções entre Jornalismo e História, numa época em que os dois campos ainda estavam entranhados. O texto permite estabelecer distinções entre os métodos adotados por historiadores e jornalistas, numa comparação incipiente entre a narrativa histórica e o relato jornalístico, estabelecendo reflexões sobre o paralelismo entre as duas áreas.

Esse paralelo se dá inclusive na frase de abertura da reflexão, ao defender que não há nada que satisfaça a alma humana tanto como a História, independentemente da forma como tenha sido escrita. E segue no texto, estabelecendo similaridades e diferenças entre as duas narrativas, a histórica e a jornalística, tratada pelo autor como “relatos jornalísticos”. Entre as várias questões que levanta a partir de seu trabalho, há algumas a serem enfatizadas aqui. Na tese de 29 parágrafos publicada em 1690, Peucer pensa sobre “as várias formas de fazer história.” Ainda que de modo precoce, é possível perceber uma preocupação pela procura do que há de específico na composição desta área de saber.

Entre as diversas formas de história estabelecidas por Peucer (2004, p. 15), ele demarca distinções. A primeira, denominada universal, particular e singular, “se observa como um fio contínuo, conservando a sucessão precisa dos fatos históricos”. Ou a forma como se “discorre e resenha em uma determinada ordem os fatos ou as palavras escolhidas e dignas de serem contadas que se extraiu separadamente da narração contínua dos fatos históricos”, a forma das “coisas esparsas”. E, por fim, a que ele chama de “confusa”, que os gregos se referiam como miscelânea, por não ter nenhum critério de ordem. Essa última categoria é classificada por ele como o tipo relatos periodísticos (*relationes novellae*) e “contêm a notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer lugar que seja”, numa tentativa inicial de separar História e Jornalismo. Apesar de embrionário, o critério parece um esforço inicial na procura por definições.

Há inquestionáveis pontos de encontro entre História e Jornalismo, como o uso das mesmas fontes e recursos, além de uma narrativa provisória e seletiva, tentativa de aproximação da verdade, predomínio da linguagem referencial na produção textual. Embora seja caracterizado muitas vezes como “história do presente” ou “história imediata”, o trabalho jornalístico guarda especificidades, assim como o do historiador, mesmo quando o “passado” é o presente. A partir do uso de todas as possibilidades metodológicas da área, a História almeja alcançar as estruturas, produzindo uma versão do presente que passa, sobretudo, por uma consciência histórica. Enquanto o jornalismo parece não ter essa pretensão, mesmo nas publicações não condicionadas pela pressão do tempo de fechamento ou caracterizadas por uma

periodicidade mais elástica. Eventualmente, livros-reportagem ou reportagens de maior fôlego podem alcançar essa exigência, em que pese não seja uma condição indispensável do fazer jornalístico.

Este ponto também reflete uma diferenciação com relação aos métodos de trabalho. Pela própria formação que carregam mesmo sem se darem conta de forma consciente, jornalistas são treinados a trabalhar de acordo com o que entendemos como critérios fundamentados basicamente naquilo que rompe com a rotina. Pensando sobre quais deveriam ser os atributos dos acontecimentos a serem conhecidos pelo público, Peucer, ainda no século XVII, já dizia que o que é comum tem pouco valor noticioso. O autor considera os fatos desta natureza, primeiramente: “[...] os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente [...]”. Pela lógica, o que caracterizaria o jornalismo seria justamente a ruptura, o rompimento com a normalidade das coisas.

As comparações entre os campos atravessam estudos de diferentes autores. O jornalista e sociólogo Robert Park se soma ao grupo de teóricos que procurou identificar o que distingue a prática jornalística da produção histórica: Para ele, “[...] um repórter, diferente do historiador, busca somente registrar cada evento quando ele acontece e está interessado no passado e no futuro apenas na medida em que esses projetam luz sobre o que é real e presente.” (PARK, 2008a, p. 58). Esse argumento, no entanto, é questionado por Fonseca (2013) ao considerar as possibilidades e exigências por um jornalismo que busque a contextualização do presente. De todo modo, é preciso também lembrar que o texto de Park foi escrito em 1940 e resulta de uma conjuntura distanciada da realidade atual. No momento em que foi escrito, portanto, a distinção nesses termos talvez fizesse mais sentido.

A dificuldade de estabelecer limites parece muitas vezes confundir noções sobre essas atividades na contemporaneidade. Novas dimensões tornaram possíveis campos voltados para uma história do tempo presente, entre historiadores, ampliando formas de lidar com o objeto de estudo desses profissionais. Do mesmo modo, a proliferação de narrativas jornalísticas rotuladas como “romance histórico”, com o interesse do público pela história nacional, e tentativas de relatos além do factual, alcançando as relações contextuais, aproximou esses fazeres. Se não há dúvidas das aproximações entre Jornalismo e História desde os tempos mais remotos, a diferença entre ambos reside, sobretudo, no objeto estabelecido de cada um desses campos limítrofes, que se retroalimentam, tal qual ocorre com a Literatura, como veremos no item 3.2. Antes, no entanto, apresentamos um breve panorama da reportagem na modernidade.

3.1.3 O reportar como fenômeno da modernidade

No exercício jornalístico, a reportagem é reconhecida pela centralidade alcançada, contribuindo de modo definitivo na formação de uma identidade profissional própria da categoria, com impacto direto na configuração do campo jornalístico. A concepção adotada aqui se alinha à compreensão que localiza a atividade no século XIX, tendo em vista a formação do campo profissional específico. Entre 1830 e 1920, a criação de um campo autônomo de normas próprias de produção discursiva permite a emergência da figura repórter e da reportagem. Mutações profundas metamorfoseiam o discurso jornalístico, cujas estruturas, funções, características, regras de produção e intenções variam no decorrer do tempo, podendo não serem mais reconhecidas como tais, conforme advertem Charron e Bonville (2016). Os autores localizam a reportagem como associada a determinado momento histórico, ligado a uma sociedade urbanizada e industrial.

A reportagem é pensada, sobretudo, com a formação de uma sociedade urbana burguesa na expansão do sistema capitalista e transição do jornalismo artesanal para o jornalismo industrial, com alterações no próprio perfil identitário profissional. O advento da informação como produto comercial a ser vendido levou repórteres ao local dos acontecimentos para registrar observações colhidas e permitiu a emergência de outros modos de escrita nas páginas dos jornais. No fim do século XIX, a figura dos correspondentes de guerra firmou a profissão. Pesquisas consolidadas localizam na Guerra Civil dos Estados Unidos, ou Guerra de Secessão, início dos anos 1860, um marco das práticas jornalísticas que constituem padrão de referência (SCHUDSON, 2010; CHALABY, 1998; NEVEU, 2006). A invenção de estratégias que caracterizam o jornalismo, como a importância dada à coleta e garimpagem de informações, seria ponto central para explicar o modelo.

Ao analisar tal tendência, Neveu (2006) justificou o modelo anglo-americano tendo como base a orientação para os fatos, predominância da objetividade e centralidade do factual. Estaria também neste viés a influência de rituais elementares como “a ida à prefeitura” e “à delegacia” no recolhimento de informações. “O jornalista americano se definiu antes de qualquer coisa como um profissional da busca por notícia. As encarnações heroicas dessa figura são as do grande repórter, do *muckracker* que desencava os escândalos ” (NEVEU, 2006, p. 22). Esse modelo teria permitido o jornalismo ser pensado como profissão à parte, com possibilidade de abertura de carreira para seus adeptos. Neveu (2006) defende que gêneros jornalísticos hoje tidos como evidentes, a exemplo da reportagem, nasceram nos Estados Unidos e são resultado dessa busca pela informação.

O pesquisador argumenta que o modelo anglo-americano do jornalismo é responsável por institucionalizar de modo gradativo um conjunto de regras de escrita, interiorizada pelos profissionais. Entre essas normas estão a objetividade, a pirâmide invertida e a regra dos cinco W (*Who? What? When? Where? Why?* – Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê?) como reivindicações obrigatórias de um texto “neutro”, baseado na separação do “fato” do “comentário” e com ênfase naquilo que é considerado o essencial pela lógica predominante. A simples exposição a esses conteúdos pode levar à absorção de modo intuitivo pela maior parte dos usuários das mídias: Apoiado nos estudos de Jean K. Chalaby e de Gaye Tuchman, o autor entende que a escrita jornalística se constrói no século XIX enquanto um discurso específico, sustentado, sobretudo, na submissão aos fatos.

É nesse período, no século XIX, que o jornalismo passa a ser uma profissão em tempo integral, quando oferece a possibilidade a quem se dedica à atividade sobreviver econômica e exclusivamente dela em países europeus e nos Estados Unidos. Não seria mais necessário dividir a ocupação com outras profissões de escritores e advogados, como antes. Passam a surgir então pessoas dedicadas exclusivamente ao fazer jornalístico. A produção de reportagens inaugura um novo perfil profissional e um tipo inédito de texto, a partir de informações sobre acontecimentos do cotidiano. A professora Candice Vidal e Souza (2010, p. 13) descreve esse processo no Brasil como “uma nova era dos jornais”. É inegável: a chegada deste novo tipo de profissional – centrado na observação direta dos acontecimentos e coleta de informações no local dos fatos, que escreve o registro do que testemunhou – transforma substancialmente o ambiente das redações.

A invenção do telégrafo elétrico é vista por pesquisadores de história do jornalismo como acontecimento crucial. Antes dele, era preciso um meio de transporte para enviar a mensagem de um ponto a outro, depois do equipamento, pela primeira vez foi rompida a tradicional ligação física entre transporte e comunicação das mensagens (BURKE, 2016; BARBOSA, 2013). Dadas as possibilidades geradas, há estudiosos que o comparam à internet. A técnica possibilitou a transmissão de dados e informações de maneira instantânea à velocidade da luz e conduziu o desenvolvimento de práticas que serviram de modelo no fazer jornalístico. Este olhar para o passado é fundamental para evitar visões extremistas e ingênuas – sejam elas catastróficas ou entusiasmadas com mutações tecnológicas dos novos ecossistemas midiáticos. Sem um recuo histórico, pode-se levar a crer que as transformações no ambiente do

jornalismo são recentes ou apocalípticas.³⁷

No estudo da institucionalização do jornalismo moderno e suas relações em diferentes esferas sociais, o historiador Michael Schudson (2010) atribui à invenção do telégrafo uma contribuição para explicar o ideal de objetividade impregnado no fazer jornalístico. Embora não tenha sido só isso – o telégrafo também possibilitou aos repórteres a ida ao local dos acontecimentos para transmissões em tempo real, é válido ressaltar que até 1830, a exigência e a expectativa do público eram por um posicionamento partidário em vez da neutralidade. Ponto de reviravolta foi a criação da agência *Associated Press*, organizada por um grupo de jornais de Nova York, em 1948, que buscava notícias para publicação em uma variedade de jornais com alianças políticas amplamente diversas. Schudson argumenta que elas só obteriam êxito se aceitas por todos os membros e clientes. Residiria daí a objetividade como um ideal do jornalismo em geral.

Até final dos anos 1820, a cobertura de Nova York na política de Washington se sustentava em relatos escritos por membros do Congresso para os jornais de sua cidade e a contratação de repórteres era mal afamada, como registra Schudson (2010), em estudo clássico sobre a história da imprensa dos Estados Unidos. Os primeiros jornais eram “equipes de um homem só: um único indivíduo atuava como impressor, agente de publicidade, editor e repórter” (SCHUDSON, 2010, p. 81). A ascensão da condição de repórter permitiu uma ocupação mais estável. No entanto, antes disso, a invenção do telégrafo elétrico, entre os anos de 1830 e 1840, na Europa e Estados Unidos, possibilitou a transmissão de dados de forma revolucionária para a época e, em consequência, a criação de agências de notícias. Entre elas, a *Reuters*, na Inglaterra, a *Havas*, na França e a *Associated Press*, nos Estados Unidos.

Os conflitos armados assumiram importância imprescindível na expansão do jornalismo e emergência da profissão de repórter. Nos primeiros anos da década de 1860 nos Estados Unidos, com batalhas que envolviam diretamente a população, o jornalismo começava a interessar um número maior de leitores. Até então, os jornais estadunidenses não relatavam a vida das pessoas comuns, consideravam apenas o comércio, a política e os interesses da elite de uma pequena sociedade mercantil, ignorando a vida social. Com a guerra civil, o jornalismo passou a se mostrar mais interessante e expressivo para outros públicos, especialmente para quem procurava por informações sobre como as batalhas envolviam diretamente seus familiares

³⁷ Afinal, desde a Antiguidade ou Idade Média, como adverte o historiador Peter Burke, a comunicação, embora não imediata, já alcançava todo o mundo conhecido. Pois, “alguns fenômenos da mídia são mais antigos do que em geral se imagina” (BURKE, 2016, p. 14). A mídia é um meio que possibilita a prática jornalística e “precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, inclusive de ordem tecnológica, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque” (BURKE, 2016, p. 16-17).

(maridos, filhos, irmãos...) A vida cotidiana emprestou os contornos para a invenção de um novo gênero nos periódicos, antes restritos a uma elite econômica.

Neste período de transição, entre final do século XIX e início do século XX, a demanda permitiu o fortalecimento de jornais populares nos Estados Unidos, os *penny papers*, que apostaram nas chamadas narrativas de interesse humano e conteúdos classificados como “exóticos” para atrair o interesse de leitores comuns da classe média. O mais importante desses jornais vendidos a um *penny*, ou um centavo, e consolidados por meio da ampla circulação, foi o *New York Herald*, que teve certo protagonismo no desenvolvimento da reportagem. Assim, passou a dar prioridade para “a notícia”, e “os fatos”, em detrimento da “opinião”. Mas “foi somente nas décadas após a Guerra Civil que a reportagem se tornou uma atividade bem mais considerada e recompensada. O crescente apelo mercadológico de um diploma universitário em jornalismo era um indicador do novo *status* do repórter” (SCHUDSON, 2010, p. 85).

Chalaby (2003) se soma aos autores para quem o conflito é um dos primeiros da história a ser amplamente reportado pela imprensa do país, levando ao aumento da circulação dos periódicos e à produção de edições extras. Ao desenvolver um estudo comparativo entre o jornalismo francês e o anglo-americano no período de 1830 e 1920, o autor defendeu que as práticas com aderência nos Estados Unidos e, em menor grau, na Inglaterra são responsáveis pela invenção do conceito moderno de notícia. A guerra civil acelerou o desenvolvimento do jornalismo: Apenas o *New York Herald* registrou o envio de mais de 60 correspondentes na cobertura, o *New York Times* e o *Tribune* de pelo menos 20 correspondentes cada. Assim, no século XIX, os *penny papers* iniciaram a contratação de repórteres para as notícias locais. O primeiro jornal do tipo foi o *New York Sun*, lançado em 1833, e em pouco tempo seguido por outros periódicos.

Essas publicações tornaram-se famosas junto ao público devido ao seu baixo preço e levaram à expansão e à industrialização dos jornais. As empresas começaram a demandar profissionais qualificados, o que gerou a criação de várias novas funções jornalísticas. Jornalistas passaram a recorrer a novas técnicas de trabalho, como a descrição das testemunhas e dos cenários, o recurso a fontes múltiplas, representando um novo paradigma quanto à prática jornalística. “Repórteres, pela primeira vez, passavam a ser atores no drama do mundo dos jornais” (SCHUDSON, 2010, p. 80). Data ainda dessa época a mudança de estereótipos do perfil profissional. Nas palavras de Schudson, enquanto o “velho repórter” era como um “escritor inferior”, sem educação formal, escrevia pelo que recebia e era ligado a uma imagem

de alcoolismo, o “novo repórter” se associava a um perfil mais jovem, disposto, apaixonado pela profissão e ambicioso³⁸.

Nos anos seguidos ao confronto bélico, a profissionalização do jornalismo ganhou reforço e os correspondentes se disseminaram em diferentes frentes de batalha pelo mundo. Chalaby (2003) explorou as diferenças entre práticas que levaram, na sua compreensão, a dois modelos opostos de jornalismo: o anglo-americano e o francês. O primeiro, caracterizado pela centralidade nos fatos e busca por notícias no paradigma da objetividade, e o segundo, ligado à inclinação literária, política e de opinião, cujos profissionais são vistos como escritores e o exercício profissional não requer competência específica, numa nítida diferença quanto ao espaço reservado à função repórter. Em trabalho anterior, concebeu práticas discursivas próprias do jornalismo como invenções americanas, a exemplo da reportagem: “diferente de práticas discursivas empregadas por publicitários ou literatos”³⁹ (CHALABY, 1998, p. 128, tradução nossa).

Apesar da posição de reconhecimento social alcançada entre a comunidade profissional, servindo como espaço de legitimação do grupo, a reportagem tinha inicialmente pouco prestígio. Repórteres carregavam uma conotação negativa associada ao seu fazer. “Durante muitos anos eles formaram a classe mais baixa do campo jornalístico e a profissão era referida com desdém” (CHALABY, 2003, p. 34). A aparição de repórteres só ganha ênfase com a emergência dos correspondentes de guerra e a cobertura de conflitos, até hoje responsáveis por alimentar certo “espírito de aventura” que cerca a atividade. Apesar de ser quase inexistente em parte considerável da história da imprensa, a reportagem passou a ser compreendida como principal símbolo do fazer jornalístico, sendo classificada por muitos autores como “essência da profissão”⁴⁰.

O relato de estreia do escritor Lima Barreto com a publicação em 1909 do romance *Recordações de Isaías Caminha*, um marco das representações do jornalismo na literatura brasileira, talvez seja um dos primeiros registros dessas configurações da hierarquia das redações no país. Com sarcasmo e ironia, a obra se desenrola em torno da trajetória de um jovem negro e pobre do interior cuja ambição era se tornar doutor no Rio de Janeiro, que esbarra em preconceitos e obstáculos em função de sua cor e condição social. Por acaso, um homem

³⁸ Ao citar a reflexão baseada nesta mudança, Neveu (2006, p. 23) concorda: “Personagem usualmente caricaturado sob os traços do jornalista superficial de cidade pequena, negligente, alcóolatra, pouco culto, o jornalista americano adquire a partir de 1850 uma respeitabilidade que atesta a valorização do repórter”.

³⁹ “*Reporting is a purely journalistic practice diferente in character to discursive practices employed by publicists and literary authors*”.

⁴⁰ Expressão usada de forma recorrente entre pesquisadores do campo: Traquina, (2013), Bergam, (2011), Bahia (2009), Travancas (2011).

que conheceu na sua chegada à cidade o leva para trabalhar num grande jornal, *O Globo*, numa referência fictícia ao *Correio da Manhã*, o mais representativo da época. A vivência na redação desenvolve no personagem um acúmulo de frustrações, testemunhando hipocrisias, jogos de poder e mediocridades. A narrativa sinaliza ainda distinções entre repórteres e redatores no que diz respeito à importância e prestígio, tornando-se fotografia de um tempo.

3.1.4 Consolidação da reportagem no Brasil

A transição do século XIX para o XX esboça a sedimentação da narrativa jornalística no Brasil, quando a reportagem ensaia seus primeiros passos em busca da própria emancipação e afastamento da Literatura (LIMA, 2004; SOUZA, 2010). Dois escritores-jornalistas cristalizam esse período como marco, tornando-se símbolos do momento: Euclides da Cunha e João do Rio. Cunha foi enviado como correspondente pelo *O Estado de S. Paulo* ao sertão baiano em agosto de 1897 para a cobertura da Guerra de Canudos, publicada em três partes (A Terra, O Homem e A Luta) no livro *Os Sertões*, lançado originalmente em 1902. O envio de repórteres pelos jornais brasileiros ao local do conflito entre o exército brasileiro e sertanejos liderados por Antônio Conselheiro promoveu a ida a campo, inaugurando nova função.

A série de reportagem sobre Canudos tem um sentido fundador, segundo registros variados da memória do jornalismo local, no surgimento da figura do repórter na imprensa brasileira e no aparecimento da reportagem como narrativa da observação direta realizada pelo autor presente. Surge um tipo de texto (que conta o que aconteceu, com quem, em que local, em que dia; introduz personagens e suas falas, descreve o cenário dos eventos e permite análises sobre o ocorrido) e um tipo de narrador que escreve para o jornal as impressões daquilo que viu ou tomou conhecimento. Esse modo de intervenção propiciada pelos jornais ao explorar as realidades internas da nação era ainda um acontecimento novo [...] (SOUZA, 2010, p. 10).

Esse movimento abriu caminho para mudanças no conteúdo dos jornais, com a oferta não só de opinião de articulistas ligados ao ambiente político, mas de registros com amplo interesse para a população urbana que se formava. Assim como nos Estados Unidos, em princípio, no Brasil, a circulação de gazetas tinha caráter elitista e reduzido. Mas a introdução da reportagem impulsionou a popularização dos jornais e a mudança no seu conteúdo: com isso, as publicações “passaram a falar dos acontecimentos do dia a dia da cidade em crescimento, tornando-se presentes na vida de um número crescente de leitores que já não buscavam mais apenas a crônica política ou a opinião de eloquentes articulistas sobre a vida cultural e literária” (SOUZA, 2010, p. 11). Desta forma, os jornais deixam de se limitar à literatice e começam a

ser cada vez mais povoados por repórteres, que traçam retratos da realidade em movimento, alcançando interesse relativo.

Adotando a ida a campo para apuração, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto ou simplesmente Paulo Barreto, captou essa atmosfera, como descobridor da cidade. Destacou-se pela observação detalhada da realidade e recolha de informações com base em entrevistas nas suas andanças pelos mais diversos territórios⁴¹. O jornalista e escritor é visto como responsável por transformar a crônica em reportagem no Brasil, com o movimento de saída do jornalista da redação, deslocando-se ao palco dos acontecimentos. É atribuído a ele o desenvolvimento de uma característica primária do jornalismo moderno brasileiro: a busca por informações na rua, imprimindo um novo jeito de fazer jornalismo no país. Afonso Lopes de Almeida, citado por Cremilda Medina (1988, p. 58), sublinha que esta foi uma das principais inovações que ele trouxe para a imprensa brasileira: “Aos literatos – jamais lhes passaria pela cabeça ir à cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele. Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe [...], a de repórter [...]”

Nelson Werneck Sodré, também citado por Medina (1988, p. 59), refere-se ao uso de métodos aprimorados – a reportagem, em particular – como a maior contribuição de João do Rio, característica apontada quase de forma unânime por diferentes pesquisadores. Entre apontamentos do conteúdo informativo e da captação de dados, Medina sintetiza suas principais contribuições, sem esquecer de tecer críticas a deslizes retóricos e à narrativa do consagrado cronista carioca, considerada por ela excessivamente centralizada no interlocutor e egocêntrica. Quanto ao universo da informação jornalística, indica a observação da realidade, a coleta de informações por meio de entrevistas a fontes específicas e anônimas como conquista técnica do jornal, além do aprofundamento do contexto e da humanização. No tratamento estilístico, aponta a descrição de ambientes e fatos, o diálogo repórter-entrevistado(a), o ritmo narrativo e os recursos literários.

Protagonista de um momento de transição, João do Rio é tomado por vários autores como referência para pensar a prática da reportagem no contexto nacional, especialmente quando os jornais não pretendiam ser mais totalmente literários. No Brasil do início do século XX, o Rio de Janeiro passava por um processo de transformação da cidade colonial, no embalo das intervenções e obras urbanísticas do prefeito Pereira Passos, tendo como inspiração a Paris da *Belle Époque*. A habilidade de adaptação de João do Rio nesse período de fortes mudanças

⁴¹ *As Religiões do Rio* (1905), *Alma Encantadora das Ruas* (1908), *Cinematógrafo* (1909), *Vida Vertiginosa* (1911) e *Os Dias Passam* (1912) são algumas das obras que reúnem reportagens assinadas pelo autor. O primeiro, classificado como um “ensaio de psicologia urbana” resulta de publicação de 1904 em *Gazeta*.

deixa marcas: “os homens das letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (SODRÉ, 1977, p. 334). No livro *História da Imprensa no Brasil*, o historiador Nelson Werneck Sodré atribui as mudanças nos jornais às novas relações capitalistas⁴².

No mapeamento da trajetória da reportagem no jornalismo brasileiro, os jornais das primeiras décadas da imprensa no país são considerados espaço privilegiado para a expressão literária, quando jornalista e escritor se encontravam numa só figura social. Neste contexto, a prática adotada por João do Rio ganha repercussão e a faz ser visto como um antecessor da figura de repórter na imprensa brasileira⁴³, propositadamente há tempos ganhou o interesse de pesquisadores sob diferentes vieses. No trânsito entre a reportagem, a crônica e o conto, levanta, na avaliação de Medina (1988, p. 54), “a questão até hoje controvertida – onde termina o jornalismo e começa a literatura”. Testemunha de alterações profundas, com o início do jornalismo de caráter comercial, João do Rio personifica o repórter-*flâneur*. Bulhões (2007, p. 104) elege sua obra como “uma das mais importantes realizações estéticas da conexão entre jornal e letras no Brasil.”

É num cenário de mudança de paradigmas, efervescência de ideias e impulso com a produção industrial que esta obra se tornou possível. Na então capital da República, o telégrafo chegou em meados dos anos 1800, permitindo um novo modo de produção de publicações diárias, com as atualizações das notícias e a incipiente modernidade. O telégrafo é somente um dos novos artefatos tecnológicos e inventos técnicos que se disseminam no país nesse período, juntamente com o cinematógrafo, fonógrafo, daguerreótipo, linotipo... Nesse estímulo à rapidez, o tempo construído pelos jornais é cada vez mais acelerado e os espaços mais próximos, com impacto direto no trabalho jornalístico. Edições de jornais da época registram esse novo ambiente, como lembra a professora Marialva Barbosa, ao citar trecho de edição do *Jornal do Brasil*, de 1 de fevereiro de 1901:

⁴² “O que fizera desaparecer a boemia, entretanto, não fora a obra de Pereira Passos, mas a generalização de relações capitalistas com as quais ela era incompatível; é essa mesma causa que começa a exigir alterações na imprensa. Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a **tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colonismo e, pouco a pouco, pela reportagem**; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. Aos homens das letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias. É a alteração a que se adapta flexivelmente, habilidosamente, Paulo Barreto, por exemplo [...] (SODRÉ, 1977, p. 339, grifo nosso).

⁴³ “Observação direta e palpante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes” (MEDINA, 1988, p. 58).

“A função de repórter cresceu de importância: tudo então concentrou-se nele. Uma notícia abala mais o governo do que 30 artigos e 20 artigos não dão ao jornal a tiragem que uma notícia proporciona.” (JORNAL DO BRASIL, 1 de janeiro de 1901, p. 1, apud BARBOSA, 2007, p. 23). O fragmento publicado à época é um indício das mudanças que estavam por vir com a consolidação da figura repórter. Compreender esse movimento a partir de uma perspectiva histórica torna-se necessário porque permite também a identificação do pensamento sobre o qual se instituiu o jornalismo brasileiro no século XX. Tal qual se apresentou no contexto da América do Norte, no estudo de Charron e Bonville, aqui o jornalismo atravessou diferentes fases e a emergência da reportagem requer o reconhecimento de uma trajetória particularizada, fundamental no processo de constituição do campo profissional no país.

Souza (2010) acredita que reportagem e repórter mudam não só os objetos jornalísticos, mas o perfil do sujeito narrador e o estilo de escrita, com isso surge uma nova ordem temática, um ponto de vista diferenciado sobre os fatos e uma modalidade de expressão artística. “Na percepção dos jornalistas, a reportagem estabelece a diferenciação do jornalismo como linguagem e estilo e pode ser invocada como um marco da autonomização do jornalista no campo das outras profissões intelectuais” (SOUZA, 2010, p. 26). Este aspecto da atividade de repórter já levou a disputas internas. Um dos exemplos mais alegóricos de tal fenômeno no país pode ser ilustrado com o movimento de criação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 1908, quando o fundador da entidade, Gustavo de Lacerda, identifica o que Marques de Melo (2004) chama de “luta de classes” no interior das redações cariocas, tendo repórteres como segmento subalterno.

Sua plataforma para a criação de uma entidade capaz de fortalecer e preservar os interesses dos profissionais da imprensa contempla particularmente as agruras enfrentadas pelos catadores de notícias nas ruas – os repórteres – contingente a que ele próprio pertencia (MARQUES DE MELO, 2004, p. 79).

Para combater desigualdades contra repórteres, o jornalista catarinense criou a Casa do Jornalista, com a intenção de oferecer oportunidades de aperfeiçoamento e crescimento intelectual. “Ele pretendia solucionar o descompasso entre as duas equipes – a do gabinete e a das ruas – assegurando aos repórteres um lugar onde pudessem crescer educacionalmente” (MARQUES DE MELO, 2004, p. 80). Pelas reivindicações e lutas profissionais, a institucionalização de uma identidade profissional de repórteres no Brasil também levou a dispositivos legais. É de 1938 a primeira lei de regulamentação da profissão de jornalista no

Brasil⁴⁴. A medida definiu jornalista, a empresa jornalística e a duração normal do trabalho; reconheceu a atividade como intelectual e determinou a criação das escolas de preparação ao jornalismo, destinadas à formação dos profissionais da imprensa, sem especificar, porém, se as escolas seriam de nível médio ou superior.

A proposta de aprimoramento do estilo e das novas dimensões da notícia - com seus antecedentes e sua rede de relações contextuais, na esteira pós Primeira Guerra Mundial - leva à proliferação das revistas ilustradas. No embalo da criação da *Time*, em 1923 e da *The New Yorker*, dois anos depois, nos Estados Unidos, com repercussões mundiais, surge em 1929 *O Cruzeiro*, mais um entre tantos veículos ligados ao grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Com circulação nacional e dedicada às reportagens, chegou a atingir nas décadas seguintes uma tiragem inesperada para a época, cerca de 300 mil exemplares. Atuou no fortalecimento da dupla repórter-fotógrafo, tendo David Nasser e Jean Manzon como parceria mais famosa, entre os anos 1940 e 1950. Souza (2010) percorre essas mudanças no ambiente das redações, a crença de repórteres como aventureiros na promoção da “descoberta da realidade brasileira” e a consagração da reportagem.

Nesse processo, o Prêmio Esso de Reportagem – transformado em Prêmio Esso de Jornalismo – teve participação importante na elevação do *status* sustentado pela personagem repórter, com referência, estímulo e reconhecimento ao trabalho jornalístico. Inspirado no Prêmio Pulitzer, lançado em 1917 nos Estados Unidos, firmou-se como a principal premiação de jornalismo do Brasil, instituindo uma tradição entre a comunidade profissional. A primeira edição, em 1955, centralizou o prêmio na reportagem e concedeu vitória a Ubiratan de Lemos e Mário de Moraes, autores respectivamente de texto e fotos da reportagem “Uma tragédia brasileira: os paus de arara”, publicada na revista *O Cruzeiro*, em 22 de outubro de 1955. Com o passar dos anos, o Prêmio Esso passou a incluir novas categorias, mas a reportagem permaneceu com destaque, atrás apenas do Prêmio Esso de Jornalismo, escolhido entre todos os finalistas das demais categorias.

Os interesses em torno de uma empresa multinacional distribuidora de petróleo patrocinar um concurso de jornalistas brasileiros são ponderados por diversos autores, como

⁴⁴ Embora o decreto-lei nº 910 não cite a palavra repórter, a função desempenhada pela atividade aparece descrita logo no início do texto. De acordo com o Capítulo I Art. 1º § 1º: “Entende-se como jornalista o trabalhador intelectual cuja função se estende desde a busca de informação até a redação de notícias e artigos e a organização e direção desse trabalho” (BRASIL, 1938). Em 1969, o decreto-lei nº 972 cita repórter entre as funções desempenhadas pelos profissionais. De acordo com a legislação, a função de repórter é caracterizada como “aquele que cumpre a determinação de colher notícias ou informações, preparando-a para divulgação” (BRASIL, 1969). Outras possibilidades de repórter, estabelecidas pela lei àquele momento, estão definidas nas seguintes ocupações: *repórter de setor, rádio repórter, repórter fotográfico e repórter cinematográfico*.

Souza (2010), para quem a ideia de se aproximar (e se fazer “íntima”) de jornalistas brasileiros visava enfrentar as resistências nacionalistas. Tal qual um “selo de qualidade”, o prêmio servia como parâmetro para o que foi tido como de excelência jornalística, contribuindo para reconhecer experiências e trajetórias profissionais. Após 60 edições ininterruptas, o Prêmio Esso foi extinto em 2016. Mas o trabalho jornalístico não deixou de ser abalizado por outras distinções como o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos e o Prêmio Jabuti, que homenageia o trabalho de reportagem com uma categoria específica⁴⁵. Nessa dinâmica, a atividade do jornalista-repórter exerce função central na consolidação da reportagem como expressão máxima do trabalho jornalístico.

Com particularidade no modo de apurar informação e de reportar os dados colhidos, esta figura profissional fica em evidência. Isso porque a reportagem se torna “a modalidade do trabalho jornalístico preferida para simbolizar a identidade do jornalismo, que possui alianças ocasionais com a literatura, mas que também precisa lutar contra ela” (SOUZA, 2010, p. 12). Nos anos 1960, a reportagem ganhou impulso com novas possibilidades e incentivos, num momento de efervescência cultural. Decorrem deste período, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, ambos nascidos em 1966 e lembrados como laboratórios de experimentação da reportagem em profundidade no país. A publicação mensal cuja edição piloto data de novembro de 1965 passou a circular em abril de 1966, sendo extinta dez anos depois. Foi a primeira aposta da Editora Abril em revistas de atualidades e ficou conhecida pela ousadia e pelo caráter transgressor e libertário.

Produzida por dez anos consecutivos, *Realidade* é um marco revolucionário na história do jornalismo brasileiro, uma das experiências mais inovadoras em termos de linguagem e abordagem temática (MORAES, V., 2010). Com uma narrativa não convencional, originalidade na angulação de temas tidos como “tabus” e uso de recursos estilísticos literários que buscavam garantir lirismo e emoção, a publicação é referenciada pela expansão e fortalecimento da reportagem. Atingiu números recordes de circulação à época, mais de 500 mil exemplares apenas um ano após seu lançamento, confirmando a demanda por informação em profundidade. Ganhou ênfase sobretudo na primeira fase, de abril de 1966 a dezembro de 1968 (FARO, 1999), quando sofreu o impacto direto da decisão do então general Artur da Costa e Silva com o fechamento do Congresso e o decreto do Ato Institucional número 5 (AI-5), legitimando a ditadura no país.

⁴⁵ O nome da categoria é *Biografia, Documentário e Reportagem*. Em 2020 reuniu jornalistas consagrados entre os indicados, como Laurentino Gomes, Chico Felitti, Jotabê Medeiros e Luiz Maklouf Carvalho.

Vista como resultado de um clima peculiar àquele momento histórico – com a agitação das classes intelectual, política e artística, enquanto rescaldo do período de intervalo da liberdade democrática – *Realidade* é reconhecida por subverter regras. Propõe sair da ocorrência factual, isolada e imediata para alcançar a situação e o contexto dos fatos narrados. O mérito da revista é atribuído a uma junção de fatores. São citados aspectos como reportagens científicas, traduzindo temas complexos para uma linguagem acessível, enquetes e pesquisas de opinião, mapeando tendências do comportamento público, além de edições especiais. Uma delas, em janeiro de 1967, intitulada “A mulher brasileira hoje” foi uma afronta à moral conservadora da época e resultou em sanções judiciais, proibições e apreensões ainda à gráfica, tendo uma foto de um parto como centro da polêmica. Desse período, remontam reportagens que expuseram os escândalos de tortura e corrupção contribuindo para o fim do regime militar (BUCCI, 2000).

Osorio Vargas (2017, p. 16, tradução nossa) ressalta que “foi na década de sessenta que a reportagem alcançou grande ressonância, ao passar do simples noticiário diário à ampliação por meio da humanização, posicionamento do fato imediato em seu contexto de reconstituição histórica”⁴⁶. Esta época favoreceu, segundo o autor, a experimentação de uma forma ampliada e diversas maneiras de se fazer reportagem, quando iniciaram as buscas pelas bases teóricas do jornalismo interpretativo. Um dos símbolos do estabelecimento desse jornalismo no Brasil foi a fundação do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, seguindo modelo adotado no *The New York Times* (MEDINA; LEANDRO, 1973, 2020). Implementado pelo jornalista Alberto Dines, então editor-chefe do periódico, em 1964, acenava um novo modelo de jornalismo no país frente ao contexto de fortalecimento da televisão como canal informativo.

Essas mudanças observadas inicialmente no jornalismo carioca, de acordo com Medina e Leandro (2020) logo passam a ser adotadas também em São Paulo, com o *Jornal da Tarde* – que, desde os primeiros exemplares, se preocupava em informar menos, mas com melhor qualidade – e na própria revista *Realidade*. No entanto, os autores apontam que, em função de dificuldades técnicas, entre outros fatores, como o analfabetismo, os primeiros sinais de uma transformação no jornalismo brasileiro são bem mais tardios que em outros países. Com a imprensa consolidada, Medina e Leandro (2020) apontam o confronto com o rádio e o telejornalismo como a fixação de novas formas no tratamento da informação, a partir da interpretação. É da década seguinte, especialmente do ano de 1973, a estreia na televisão

⁴⁶ “[...] fue en la década del sessenta que el reportaje alcanzó gran resonancia al pasar de la simple noticia diaria a la ampliación por medio de la humanización, al posicionamiento del hecho inmediato em su contexto y la reconstitución histórica”.

brasileira de dois de seus programas com vida mais longa e ênfase em reportagens especiais: *Globo Repórter e Fantástico*.

Um capítulo importante em torno da reportagem no país foi construído com os manuais de redação ou normas de redação e estilo adotados pelos jornais, na busca por uma padronização da linguagem jornalística e, por consequência, na rejeição de tudo aquilo que se configuraria como “antijornalístico”. Desde o lançamento do primeiro periódico, em 1808, com *A Gazeta do Rio de Janeiro*, pelo próprio governo imperial, vindo de Lisboa para a Colônia, as marcas das influências estrangeiras acompanham este fazer por aqui. Das normas às técnicas textuais, como *lead* e pirâmide invertida, as práticas e técnicas de reportagens adotadas no país se vinculam principalmente ao modelo norte-americano de jornalismo, conforme assinalado por diferentes autores (MEDINA, 2008a; TAVARES, 2011; LIMA, 2004; KÜNSCH, 2000). A tomada deste padrão como referencial de legitimação profissional remete à década de 1950, com a importação dos modelos de manuais.

Essas alterações nos costumes estilísticos de jornais brasileiros iniciaram por Gilberto Freyre, que, na direção de *A Província*, no Recife, teria sugerido normas de simplificação da linguagem ainda no final da década de 1920. Pompeu de Souza, chefe de redação do Diário Carioca, encarregou-se das mudanças no periódico, um dos mais citados na difusão deste padrão (RODRIGUES, 2003; SOUZA, 2010) e que circulou até 1965. Freyre e Souza adotaram as tentativas de manualização após permanecerem por um período nos Estados Unidos, numa evidente influência do modelo encontrado lá. Outro exemplo a ser citado quando se trata da introdução dos manuais na imprensa brasileira é Carlos Lacerda, incendiário jornalista dos anos 1950, que conduziu mudanças semelhantes à frente da Tribuna da Imprensa.

Surgidos numa época em que os cursos de Jornalismo ainda engatinhavam no país – o primeiro deles foi inaugurado em 1947 na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo (SP) – os manuais guiaram o processo de construção textual como livros de consulta técnica. Tinham como impulso a sistematização das práticas a partir de padrões de qualidade, numa perspectiva profissional jornalística. Mas também foram usados de modo repressivo. Um exemplo emblemático disso é o lançamento do primeiro Manual de Redação da *Folha de S.Paulo*, em 1984, servindo de modelo para a escrita jornalística. O *Projeto Folha* significou a implantação de um modelo padrão de texto jornalístico, em meio a uma série de críticas e resistências, quando os manuais se espalharam no Brasil. Muitos atribuem à adoção do manual um novo momento, com o predomínio da técnica em detrimento da autoria nos textos jornalísticos.

Com a imposição das regras que racionalizaram o processo de produção noticiosa, a reportagem em profundidade consolidou-se como oportunidade para o desenvolvimento de um

estilo próprio e autoral de texto. Com ênfase na análise e interpretação, assumiu a possibilidade de ser um espaço com mais criatividade e aprimoramento das etapas de processos e estilos jornalísticos, um diferencial diante da tendência de padronização. Os manuais enfrentaram resistências, sobretudo na fase inicial e alguns dos pilares que o sustentam, como isenção e neutralidade, permanecem sob crítica, questionamento e tensão⁴⁷.

Se encontram entusiastas como Lins da Silva (1988), cuja participação na implantação do *Projeto Folha* foi narrada em tese de livre docência⁴⁸ posteriormente transformada em livro, os manuais de redação recebem ataques permanentes por outros jornalistas. Esses documentos são vistos como “camisa-de-força” na imposição de amarras de um certo modo de apresentação textual e condicionamento de regras, restringindo, portanto, a liberdade e autoria. Não há dúvidas das limitações à criação textual, mas é preciso também reconhecer neles esforços na busca por tornar mais explícitos valores e princípios da linha editorial que orientam as práticas. Ao facilitar o acesso de profissionais e do público às normas seguidas, tornaram mais transparente a cultura da organização. Em geral, um ponto em comum observado nos manuais de redação é o de que repórter não deve emitir emoção.

A matriz teórica do jornalismo é sustentada por uma herança fundada no afastamento entre sujeito e objeto, na precisão da linguagem e na forma padrão de conceber o que é noticiado, na avaliação de Medina (2008a). Para ela, a ciência cartesiana do século XIX deixou encrustada marcas profundas desta racionalização nas técnicas e métodos jornalísticos. Entre outros sinais, o princípio de objetividade se manifesta na imposição do uso da terceira pessoa e na tentativa de apagamento de quem narra. Assim, a narrativa jornalística construiu-se historicamente em torno da neutralidade e da racionalidade, com o esquecimento e desprezo das dimensões afetiva e emotiva. A ideia do jornalista, sobretudo do repórter, como um observador passivo, isento, desinteressado e não autorizado a emitir opiniões pessoais se consagrou como dominante no campo jornalístico ocidental (TRAQUINA, 1993; 2012)⁴⁹.

⁴⁷ O então repórter especial Ricardo Kotscho é descrito por Carlos Eduardo Lins da Silva no livro *Mil Dias: Os bastidores da revolução de um grande jornal* (1988) como um dos que resistiu às mudanças com a implantação do Manual de Redação da *Folha de S.Paulo*. Lins da Silva recupera trecho de depoimento concedido pelo jornalista: “[...] Eu acho que no jornalismo não dá para você ter fórmulas, regras, normas muito rígidas. Aí, é uma discussão sobre se o jornalismo se aproxima mais de uma técnica do que de uma arte. Eu sou de um tempo, já tenho mais de vinte anos de profissão, e acho que é muito mais para o lado da arte que da técnica. É preciso tomar muito cuidado para não uniformizar demais, porque se você encontra uma fórmula perfeita, todos os jornais vão ficar iguais e muitos jornalistas vão ficar sem emprego”. (KOTSCHO apud LINS DA SILVA, 1988, p. 124)

⁴⁸ O trabalho foi apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

⁴⁹ Este modo de enxergar o trabalho jornalístico se manifesta nos relatos e depoimentos de jornalistas e remonta aos tempos mais distantes, muito antes da instituição dos manuais de redação: “O meu trabalho é comunicar fatos: as minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentários sobre os fatos, sejam eles quais forem”,

A definição de regras fixas e procedimentos moldaram uma técnica em torno do processo de criação jornalística e as marcas desta construção histórica são perceptíveis nos manuais e livros didáticos, na avaliação de Medina (2008a, p. 25): “lá estarão fixados os cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista”. A reportagem se constituiu como espaço para o aprofundamento da informação, com ênfase para perguntas muitas vezes não respondidas no texto jornalístico tradicional. Podendo ser gerada a partir de um acontecimento factual, mas extrapolando os limites da instantaneidade, a reportagem pressupõe planejamento e requer uma diversidade de vozes que não corrobore uma mesma versão, criando possibilidades para uma narrativa polifônica, valorizando a expressão autoral, a observação-experiência e o contato dialógico (MEDINA, 2016).

Os caminhos da reportagem no Brasil dos anos 1950 aos anos 1990 foram estudados também por Elaine Tavares (2011), cuja pesquisa centra-se em revistas de informação. A análise se volta para reportagens publicadas em *O Cruzeiro*, *Realidade*, *Veja* e *Época* – cada qual sendo a mais representativa de sua época em termos de tiragem. Tavares investiga sob quais influências se constrói o pensamento teórico sobre jornalismo e reportagem no Brasil e se é possível encontrar marcas de utopia – desde o conceito de Thomas More - nas narrativas de reportagens dos últimos 50 anos do século XX. “A utopia não é um conceito em extinção e podemos ver suas marcas nas reportagens, seja como eutopia (lugar bom) ou como distopia (lugar mau)” (TAVARES, 2011, p. 177). A partir daí, ela lista algumas dessas manifestações, como a ingênua ideia do progresso nos anos 1950, a proposta de transformação do mundo, nos anos 1960, e assim por diante.

Percorrendo diferentes momentos da trajetória do jornalismo brasileiro, Tavares (2011) reflete sobre a constituição do pensamento em torno desta atividade no Brasil e o predomínio das influências externas, sobretudo norte-americanas, no fazer jornalístico nacional. Na sua interpretação, o jornalismo brasileiro debateu-se entre as visões liberal e crítica, mas garantiu uma hegemonia da primeira, exposta principalmente na visão funcionalista e sistêmica. Com explícita influência marxista, conclui que há uma potencialidade não esgotada da reportagem quanto à capacidade de estimular a imaginação utópica e o desejo de mudança social, especialmente das classes trabalhadoras e oprimidas. Outra característica que chama a atenção na obra é o tensionamento em torno das influências externas e a reivindicação sobre a necessidade de se pensar teoricamente o jornalismo e, por consequência a reportagem, com base na realidade própria brasileira.

afirmava o correspondente da agência noticiosa *Associated Press* em 1856 (READ, 1976, p. 108, apud TRAQUINA, 2012, p. 149).

O período entre os anos 1960 e 1980 costuma ser associado à “época de ouro” da grande reportagem no Brasil, quando se investiu em uma narrativa descritiva e com recursos literários, com contexto e reforçando o potencial de emancipação e transformação do jornalismo. Depois disso, a perda de espaço da reportagem de fôlego frente à supervalorização de notas e notícias, com o encurtamento das narrativas e redução da análise, passa a ser um fenômeno observado por diferentes autores (FUSER, 1996; MEDINA, 2003; TAVARES, 2011; FLOSI, 2012). Na apresentação de *A arte da reportagem*, Fuser (1996) diagnostica “a doença” que no seu ponto de vista atinge a imprensa brasileira: “Em nome de um jornalismo moderno e objetivo, desprezou-se a reportagem – em especial a reportagem em profundidade – para dar lugar a um enfoque que privilegia as estatísticas como medida suprema da verdade” (FUSER, 1996, p. XV).

Sem desconsiderar a pertinência da crítica, é possível ponderar sobre o perceptível excesso de romantização do passado quanto aos discursos em torno da reportagem. O tom nostálgico predomina em certos relatos, como se a reportagem, como narrativa aprofundada e contextualizada, pertencesse a um tempo distanciado e não mais viável ou alcançável⁵⁰. Um discurso muito frequente nesse sentido é o de que leitores não têm mais tempo para textos longos, como se a reportagem - enquanto lugar desta narrativa que dialoga com o passado, presente e futuro de forma alargada – tivesse chegado ao fim ou não lhe houvesse mais espaço. O auge de um determinado estilo de escrever pode ter sido nos anos 1960, como propõem alguns (FARO, 1999). No entanto, a reportagem, como “lugar da narração interpretativa, pode ser o espaço perfeito para o desvelamento” (TAVARES, 2011, p. 51), independentemente do momento histórico.

O estudo do percurso histórico da figura repórter no jornalismo permite compreender algumas das mudanças e transformações centrais pelas quais a atividade está submetida desde o século XIX, quando deixa de ter uma estrutura artesanal. Inicialmente sem qualquer notoriedade, a reportagem assumiu importância central na prática profissional, fortalecendo a profissão e garantindo nova dinâmica à atividade, ao reunir etapas de todo o processo produtivo jornalístico (da apuração, entrevista, coleta de dados, redação...). No âmbito desta pesquisa, compreender a posição ocupada pela reportagem no campo jornalístico se faz ainda mais relevante na percepção do estatuto assumido por jornalistas na condição de repórteres especiais.

⁵⁰ Um exemplo aparece na Apresentação da obra *Por trás da Notícia: o processo de criação das grandes reportagens*, de Edson Flosi (2012, p. 10), que ao refletir sobre sua trajetória como repórter de 1960 a 1990, afirma que “depois veio o jornalismo ‘empresarial’, pragmático, que acabou com a grande reportagem”. Outro exemplo aparece em Kotscho (1989, p. 106): “[...] a chamada grande reportagem está desaparecendo”.

Se a reportagem é o lugar mais caracterizado da profissão, a atuação dos profissionais que alcançam esse *status* passa a ser ainda mais simbólica nas representações que envolvem a categoria.

3.2 INTERFACES ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

Jornalismo e literatura têm suas interfaces e confrontos expostos de diversas maneiras, com manifestações mais aparentes pelo menos desde o final do século XIX. Um dos pontos marcantes dessa imbricação são os textos do inglês Charles Dickens publicados em jornal a partir de 1835, no esforço de transformar em protagonistas indivíduos à margem da sociedade, que não tinham espaço nas páginas dos jornais. Um século antes, Daniel Defoe, seguido de James Boswell e, mais tarde, Stephen Crane, levaram para seus romances traços do realismo social, construindo cruzamentos em obras que mesclam o universo jornalístico e o literário. Essa ênfase também aparece em *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações*, escrito pelo russo Anton Tchékhov, em 1809. Ponte (2005) considera que a referência ao real poderia ser o ponto de separação entre Literatura e Jornalismo, pois trata de parâmetro estruturante da narrativa jornalística, mas também é encontrada em várias obras literárias.

Portanto, na sua visão, “a diferença está em grande parte no estilo e na forma com que apresentam essa referência ao real” (PONTE, 2005, p. 330). A relação estabelecida pela narrativa com o leitor também contribuiria para essas diferenças, com uma identidade própria reconhecida pelo público, um contrato de comunicação estabelecido entre os interlocutores a partir de intenções definidas nesta relação. A pressão de constrangimentos externos, com as tensões mobilizadas pelos anunciantes, a pretensão de comunicar de modo a atingir o maior alcance entre o grande público e os compromissos intrínsecos aos valores assumidos pela narrativa limitariam a capacidade de autonomia criativa. Assim, no jornalismo, a inventividade estaria sempre condicionada ao cumprimento inicial de certos atributos essenciais que ancoram o campo, podendo se aventurar na utilização de outros recursos e mecanismos se atender a essas exigências.

Ponte (2005, p. 43-44) assinala que “é do realismo a proposta de descrever a vida tal como ela é, estimulando a percepção do mundo real, das crises privadas escondidas nos segredos dos confortáveis lares burgueses às crises públicas que abalavam as cidades e os poderes [...]”. Assim, o jornalismo emergente do século XIX encontra no realismo “algumas de suas metáforas fundadoras como a de ‘espelho da vida’, proposta por Stendhal, ou a sua matéria-prima, os acontecimentos, como mimesis dos seres e das coisas, avançada por Balzac.”

(PONTE, 2005, p. 45). A aproximação da escrita jornalística do realismo como forma de expressão literária é para a autora aspecto instigante dos processos de construção da realidade que se fixaram como marcas do discurso do jornalismo. Nesta interface com o realismo literário, o jornalismo, especialmente a reportagem, estrutura-se na sua capacidade de descrição.

A inclusão de um minúsculo detalhe não é uma questão de rotina ou mera obrigação. Em primeiro lugar, porque repórter sabe que não pode escrever tudo. Depois, porque está consciente de estar a fazer uma peça que se aproxima de um trabalho literário, escolhe aspectos que ajudem a conseguir o efeito de produzir uma imagem clara e realista. A reportagem não deve ser apenas fotográfica. Deve ter aquelas pinceladas coloridas que tornam vivas as pessoas... deve dar uma percepção clara e um retrato artístico [...]. Ou seja, o repórter olha para a história como um todo e seleciona os elementos a destacar, de modo a evitar digressões ou distrações (HUGHES, 1940, p. 86 apud PONTE, 2005, p. 48-49)

A reportagem estaria na metade do caminho entre o jornalismo e a literatura na compreensão de diferentes autores. Um deles é Hoyos (2009) que descreve evidências históricas de um trabalho jornalístico na América Latina entendido como raízes da reportagem moderna ainda no século XVII. A inferência partiu de pesquisa com base na imprensa colombiana e levou o pesquisador a perceber um novo estilo narrativo, iniciado com a crônica, desenvolvido com a entrevista e cristalizado com a reportagem. Segundo o autor, este processo decorrente da introdução de formas narrativas transformou os periódicos e criou um novo relato, um novo gênero narrativo do jornalismo moderno na Colômbia, a exemplo de outros países. Para Hoyos (2009, p. 3, tradução nossa) “a obra de cronistas e repórteres entre 1638 e 1930 sentou as bases do novo estilo narrativo da imprensa nacional que deu lugar à aparição da reportagem”⁵¹.

Esses saberes e movimentos permitiram a emergência de determinadas maneiras de se fazer reportagens, sedimentadas nas práticas contemporâneas com apropriações de técnicas de observação do real e construção de narrativas num lugar de entremeio dos dois campos. A essência narrativa da reportagem se confunde desde suas origens com os gêneros literários como o conto e a novela, conformando deste modo uma história que procura representar a vida com todos os antecedentes e detalhes em profundidade, na análise de Hoyos (2009). Para o colombiano, cada vez mais é comum encontrar trabalhos de autores que exploram essas fronteiras, escrevendo reportagens que parecem novelas e novelas que se assemelham a

⁵¹ “[...] los cronistas e reporteros que entre 1638 y 1930, en Colombia sentaron las bases del nuevo estilo narrativo em la prensa nacional que dio lugar a la aparición del reportaje moderno, um género a mitad de camino entre el periodismo y la literatura”.

reportagens. Não há como negar que jornalismo e literatura se auto influenciaram e auto beneficiaram permanentemente, com a abertura de novos caminhos para ambos os campos.

Uma geração de escritores iniciou a carreira como jornalista no final do século XIX, quando produção literária e imprensa se confundiam. Há uma lista considerável de autores com essa trajetória no Brasil, na América Latina e no mundo. O convívio entre literatura e jornalismo ajudou a moldar muitos dos recursos, estratégias e possibilidades narrativas que conhecemos. Um equívoco muito comum quando se fala nas aproximações entre jornalismo e literatura é o de atribuir ao movimento do final do século XX conhecido pelo nome de Novo Jornalismo (ou ainda jornalismo literário!) o ponto de partida dessa relação. Embora a tendência tenha se configurado como marco final dos anos 1950 e início dos anos 1960 no território estadunidense, este não é um fenômeno contemporâneo e nem emergiu naquele país. Experiências anteriores demonstram que a prática já vinha sendo desenvolvida muito antes, com a inserção do realismo na literatura inglesa do século XVIII.

Um exemplo está na própria expressão “Novo Jornalismo”. Nesse sentido, o termo é usado pelo menos um século antes desse período (HOYOS, 2009), para se referir a relatos baseados no uso de recursos literários com a revolução de estilo introduzida por repórteres, muitos deles escritores, que recorriam aos jornais da época como forma de sobrevivência. A narração cena a cena, a reprodução de diálogos e a adoção da descrição detalhada dos modos de vida, sensações e pensamentos se faziam indispensáveis para atestar a imersão do leitor.

Hoyos (2009) vê a reportagem como resultado de uma fusão entre a crônica e a entrevista. Ele menciona o romance *Um diário do ano da peste*, do inglês Daniel Defoe, escrito em 1722, sobre a peste bubônica em Londres entre os anos 1665 e 1666, para ilustrar como o texto pode ser lido hoje como uma novela ou uma reportagem. Este é um dos casos da apropriação de estratégias literárias para narrar fatos verídicos antes do século XX fora dos Estados Unidos. Embora o contexto norte-americano tenha consolidado uma tradição ligada ao investigativo com o movimento de jornalistas *muckrakers*, aqueles “cavadores de informação” conhecidos por rastream “a lama”, compreendidos por Silvio Waisbord (2000) como “cães de guarda”. Para ele, a prática ainda não é tão disseminada na América do Sul como no caso das experiências norte-americanas e europeias por fatores como de ordem econômica, política e social.

Com experiências tão antigas quanto a própria circulação de jornais, as relações entre literatura e jornalismo ganharam notoriedade com o *New Journalism*, tendência que revelou a

insatisfação com o texto e desafiou padrões do fazer jornalístico convencional⁵². Nesse período, o jornalismo com traços da literatura “começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais”, como define Wolfe (2005, p. 19). Essas reportagens, assinadas por autores como Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, ganharam inicialmente as páginas de publicações como *Esquire* e *Herald Tribune* até se configurarem em livros de Norman Mailer e Hunter Thompson. A característica principal desse tipo de texto era que mesmo seguindo os compromissos jornalísticos, poderia ser “lido como um romance”, como resume Wolfe (2005, p. 19). Portanto, tomava emprestadas técnicas usadas pelos romancistas do realismo.

O resultado ia além da forma apresentada pelo romance. Uma das obras mais conhecidas dessa fase é *A sangue Frio*, assinada por Truman Capote e publicada em 1966 nos Estados Unidos, mesmo ano de tradução e lançamento no Brasil, que investiga o assassinato de uma família no Kansas, em 1959. O jornalista apurou o caso policial para a revista *The New Yorker* e depois o publicou em livro. Com maior riqueza de detalhes na construção do discurso, a busca por novas formas de se fazer jornalismo representava não apenas uma contestação à estrutura do modelo tradicional da pirâmide invertida, baseado nas informações mais importantes no primeiro parágrafo. Estudioso das relações entre Literatura e Jornalismo, Bulhões (2007, p. 145), acredita que o *New Journalism* revela consonância com o espírito transgressor dos anos 1960, por isso desperta num período de questionamento dos valores e comportamentos vigentes.

As transgressões se davam tanto nas técnicas de apuração quanto na expressão verbal. Bulhões (2007, p. 147) pontua “a presença extravagante de travessões, pontos de exclamação, reticências, uso multiplicado de letras para produzir um efeito gráfico e fônico e mudanças constantes de foco narrativo, em que o narrador ‘entra na cabeça’ de seus personagens”. O autor observa o quão revelador é o fato de o *New Journalism* ter despontado nos Estados Unidos - onde mais se propagou o texto pré-moldado similar à linha de produção industrial - adquirindo sentido libertário, como reação ao padrão. Ele reconhece vários jornalistas-escritores no Brasil, incluindo nomes como Caco Barcellos, Zuenir Ventura, Lima Barreto e João Antônio. No seu entendimento, as marcas do eu que reporta permite circunscrever a reportagem a um estilo, “uma forma verbal que comporta a marca da individualidade” (BULHÕES, 2007, p. 45).

Convergências e intercâmbios entre literatura e jornalismo perpassam a trajetória desses campos de modo mais ou menos explícito. Na dimensão teórica, algumas das abordagens mais

⁵² É preciso advertir que o uso de tal expressão tem acepções diferentes entre autores. Schudson (2010), por exemplo, a cita como referência à busca pela objetividade predominante nas práticas da imprensa popular norte-americana entre 1880 e 1890. Mas o uso do termo aqui se refere ao chamado “jornalismo literário” norte-americano, nas décadas de 1960 e 1970.

conhecidas sobre essas articulações no país remontam aos anos 1950, com o lançamento do ensaio *Jornalismo e Literatura*, por Antônio Olinto, em 1955, abrindo caminho para *O jornalismo como gênero literário*, por Alceu Amoroso Lima, publicado três anos depois. Sustentada no entendimento de que a palavra é a ferramenta de trabalho de ambas as atividades, essa concepção sobrevive entre jornalistas, escritores e pesquisadores⁵³. A abordagem histórica da reportagem permite perceber seu processo de profissionalização na busca pela autonomização do jornalismo em oposição à narrativa literária. Entre disputas de sentidos nesta zona fronteira e de entrecruzamentos, modos de produção, condicionantes e lógicas próprias procuram delimitar cada atividade, atribuindo-lhes certo papel social, o que implica também em expectativas em torno da função exercida e das necessidades sociais cumpridas por cada uma.

Enquanto no jornalismo há uma busca pela verdade factual e pretensão de se aproximar do real, na literatura não existe uma preocupação em ser fiel aos fatos ou à realidade, apesar de o cuidado de assegurar verossimilhança para permitir credibilidade à narrativa. De modo geral e com o uso de outras estratégias, recursos e regras internas, na literatura um dos focos costuma ser a experiência estética. Mas este é um critério frágil pois não se limita a esse caráter, além disso, nada impede que o texto jornalístico também possa alcançar esta dimensão. No jornalismo, prepondera o compromisso com o verdadeiro, valor utilizado de modo recorrente na definição do fenômeno. Deste modo, o jornalismo teria como finalidade principal: Informar e orientar com base no interesse público, compromisso social e defesa de valores e direitos às vezes violados, a fim de contribuir para o fortalecimento da democracia e da cidadania, como apontou Reginato (2019)⁵⁴.

Regido por balizas próprias e mesmo disputando atenção com outras linguagens e produtores de informação nas sociedades contemporâneas, o jornalismo tem se consolidado como um campo de produção discursiva autônomo. Seu percurso, no entanto, resulta de articulações com outras áreas. Tom Wolfe (2005) alertava que o tipo de reportagem que ganhou visibilidade com o *New Journalism* inicia, provavelmente, com a literatura de viagem do final do século XVIII e começo do século XIX. No olhar de Wolfe, no século XIX, romancistas

⁵³ Há muitos exemplos que poderiam ilustrar essa afirmação, mas escolhemos três deles: Para Faerman (1998, p. 151), “o jornalismo pode ser, e muitas vezes é, literatura do prazer”. Na mesma linha, o escritor russo Anton Tchêkhov (2007, p. 129) entendia que a missão de um escritor, assim como de um repórter, é retratar a vida “tal como ela é na realidade” (TCHÉKHOV, 2007, p. 129). Na análise de Bulhões (2007, p. 9), essa relação remete a uma trajetória de convivência histórica, que não se refere a uma separação definitiva a partir dos anos 1950 no Brasil, com a disseminação dos manuais de redação, como se poderia pensar.

⁵⁴ Essa função habitual mapeada por Reginato (2019) no cotejamento entre diferentes vozes, acadêmicas e profissionais, nem sempre é cumprida, criando um distanciamento entre o *dever-ser* e o *ser*. Mas, precisa ser observada, pois define a natureza da atividade.

produziram mais esse tipo de reportagem (com mergulho na vida social e emocional) que jornalistas. Esta percepção também é observada no Brasil, entre repórteres como Marcos Faerman, para quem a história da reportagem é anterior ao próprio desenvolvimento dos jornais, no século XIX. Ele descobriu aos poucos as referências para o que passou a chamar de “história da reportagem”.

Ninguém imagina um contista que não conhece Checov, Maupassant ou Edgar Allan Poe. Ninguém supõe um poeta brasileiro sem a leitura de Drummond – mas também de Homero. Quem poderia imaginar um romancista, aqui, ignorando Joyce, Guimarães Rosa ou Flaubert? Gilberto Gil poderia fazer a música que faz sem a informação que tem da música brasileira toda, da música africana, da música das Antilhas, da música americana? Entretanto, é raríssimo o estudante de jornalismo e o jornalista organizarem a sua informação específica, que passa pela construção de uma história do jornalismo – da palavra no jornalismo. Confunde-se história do jornalismo com a história dos jornais. Mas poucos vão ler textos – que, deve-se repetir – nem sempre estão publicados nos jornais (FAERMAN, 1981, p. 19).

O pensamento do autor chama a atenção para os clássicos da literatura mundial e o jornalismo não convencional, materializado no formato de livro. Nas palavras dele: “outras viagens literárias que vão nos ensinar alguma coisa fundamental no jornalismo, que nada tem a ver com os manuais de redação, esses mais ligados a uma visão castradora da imaginação e do texto jornalístico” (FAERMAN, 1998, p. 150). Entusiasta de obras como *A sangue frio*, de Truman Capote, *Os dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed e *Aos olhos da multidão*, de Gay Talese, entendia que o encontro entre jornalismo e literatura no Brasil remete às práticas de Joel Silveira e Rubem Braga. Para Faerman (1998, p. 162), “a reportagem é um método de investigação da realidade. Um método [...] que tem como centro a arte de investigar os fatos e saber descrevê-los. Isso se faz com melhor ou pior qualidade – e tem muito a ver com a formação cultural de quem escreve”.

3.2.1 Jornalismo como gênero literário

Entre tantos olhares possíveis de onde se parte para pensar o jornalismo, a literatura é mais um deles. Mas, mesmo quem coloca o jornalismo como um gênero literário reivindica certas características intrínsecas da narrativa que almeja condição jornalística. Amoroso Lima (1990, p. 67) considera a precisão, concisão e clareza como algumas dessas premissas e alerta a necessidade de um estilo jornalístico como condição preliminar do estilo do jornalista: “O jornalista, como aliás todo escritor ou artista, tem de atender a essa dupla exigência estilística: ter o seu estilo próprio, como esplendor do estilo comum ao gênero que adota ou ao tema que

trata”. Há assim o compromisso primordial do texto jornalístico, com suas obrigações sociais esperadas, predecessoras de um estilo próprio. Não observar essa condição pode levar à sedução pelo conto, pela poesia, pela ficção conduzindo, portanto, à renúncia ao jornalismo, sendo a veracidade um dos aspectos na distinção entre jornalismo e literatura.

Desde sua emergência, o jornalismo está ligado a uma prática discursiva ancorada no real e reproduzida por atos de enunciação, como lembram Charron e Bonville:

O jornalismo é, por definição, uma prática discursiva realista sobre um referente real em oposição a outras formas de expressão, como a literatura ou a pintura, cujos referentes são ou podem ser fictícios ou imaginários. Diferentemente dessas formas de expressão, que estão livres da obrigação de representar fielmente o real, **o jornalismo não pode, sem deixar de existir, escapar dessa imposição essencial: representar o real** de uma maneira que dê a todos os agentes sociais engajados em sua produção, jornalistas, fontes de informação, anunciantes – e leitores – a convicção do real (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 188, grifo nosso).

Embora possamos questionar esse limite, à medida que, um texto jornalístico pode se utilizar de mecanismos como o uso de nomes fictícios para preservar o sigilo da fonte, em uma reportagem envolvendo uma denúncia, por exemplo. Ou, o contrário, um texto literário que dialoga fortemente com a realidade dos fatos, conseguindo expor às vezes verdades que o jornalismo não alcança. Há limites, às vezes tênues e difusos. Motta (2013) considera que o que diferencia as narrativas fictícias das narrativas realistas é a vontade de sentido, a intencionalidade dos interlocutores. As narrativas jornalísticas reivindicam assim uma fidelidade ao real, entendido como o efeito produzido pelo discurso: “Se o desejo é traduzir fielmente o real, o narrador organiza natural e espontaneamente sua narrativa de maneira *dessubjetivada*, aproxima seu discurso do referente com a finalidade de convencer o destinatário que está relatando a verdade” (MOTTA, 2013, p. 39).

Sem correr o risco de negar a existência do real, esta perspectiva reconhece na linguagem a base das mediações da experiência e do conhecimento humano. A produção do efeito de real manifestada em toda a narrativa que se pretende fática revelaria estratégias para realizar certas intenções e objetivos de quem narra, como o uso de recursos argumentativos para produzir determinados sentidos. Para o autor, uma narrativa baseada em uma história verdadeira, uma reportagem sobre um crime, por exemplo, é da mesma maneira uma construção discursiva, uma versão entre tantas possíveis. Motta (2013, p. 40) ressalta que toda a versão sobre o real é uma interpretação: “As fronteiras entre uma narrativa realista e outra imaginária nunca são claras nem definitivas: ora uma narrativa que se pretende fática remete a outros

efeitos de sentido, ora a narrativa que se pretende fictícia tem um forte grau de verossimilhança”, associando-se ao fático.

Na literatura ou no cinema, contar ficcionalmente uma estória requer um certo grau de verossimilhança para alcançar confiabilidade e dar sentido à trama. Por isso, torna-se interessante observar o argumento recorrente usado por escritores-jornalistas de que a realidade é mais fantástica, complexa e absurda que a ficção.

Mesmo na literatura fantástica latino-americana, conhecida pelo grau de absurdo, essa relação também é observável. Um exemplo são os textos do realismo mágico do jornalista e Prêmio Nobel de Literatura (1982) Gabriel García Márquez (1993, p. 34) para quem: “a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade. Mas a fonte de criação, afinal de contas, é sempre a realidade. E a fantasia, ou seja, a invenção pura e simples [...] sem nenhum pé na realidade, é a coisa mais detestável que pode haver”. Apesar de ser reconhecido pela produção literária, Gabo se descobriu autor em redação de jornal. Ele trabalhou como repórter de 1948 a 1955⁵⁵, quando escreveu reportagens publicadas em livros que podem ser convertidas em romances. O jornalista fez um pronunciamento em que argumentava a inexistência de um “jornalismo investigativo”, por entender a investigação como inerente à atividade jornalística. Ele declarou em 7 de outubro de 1966, na 52ª Assembleia da Sociedade Interamericana de Imprensa, em Los Angeles, Califórnia, que “a investigação não é uma especialidade do jornalismo, sendo que todo o jornalismo precisa ser investigativo por definição” (GARCÍA MARQUEZ, 2007, p. 30, tradução nossa).

Na interpretação do colombiano, a reportagem era um *gênero literário*⁵⁶. Idealizador da Fundação Novo Jornalismo Iberoamericano (FNPI) - um dos principais centros de

⁵⁵ Registros do período que atuou como repórter estão presentes em alguns de seus livros e no famoso discurso *El mejor oficio del mundo*, proferido antes da 52ª Assembleia da Associação Interamericana de Imprensa (SIP), em Los Angeles, Estados Unidos, em 7 de outubro de 1996: “O jornal cabia então em três grandes seções: notícias, crônicas e reportagens, e notas editoriais. A seção mais delicada e de grande prestígio era a editorial. O cargo mais desvalido era o de repórter, que tinha ao mesmo tempo a conotação de aprendiz e de ajudante de pedreiro. O tempo e a profissão mesma demonstraram que o sistema nervoso do jornalismo circula na realidade em sentido contrário. Dou fé: aos 19 anos, sendo o pior dos estudantes de Direito, comecei minha carreira como redator de notas editoriais e fui subindo pouco a pouco e com muito trabalho pelos degraus das diferentes seções, até o nível máximo de repórter raso” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p. 26-27, tradução nossa). No original: “*El periódico cabía entonces en tres grandes secciones: noticias, crónicas y reportajes, y notas editoriales. La sección más delicada y de gran prestigio era la editorial. El cargo más desvalido era el de reportero, que tenía al mismo tiempo la connotación de aprendiz y cargaladrillos. El tiempo y el mismo oficio han demostrado que el sistema nervioso del periodismo circula en realidad en sentido contrario. Doy fe: a los diecinueve años - siendo el peor estudiante de derecho - empecé mi carrera como redactor de notas editoriales, y fui subiendo poco a poco y con mucho trabajo por las escaleras de las diferentes secciones, hasta el máximo nivel de reportero raso*”.

⁵⁶ “[...] Me fez pensar pela primeira vez sobre as possibilidades de reportar, não como um meio estelar de informação, mas muito mais, como um gênero literário. Não demoraria muitos anos sem verificar, até que eu acreditei, hoje em dia, mais do que nunca, que romances e reportagens são filhos da mesma mãe” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 315, tradução nossa). No original: “[...] *me puso a pensar por primera vez en las*

qualificação de jornalistas na América Latina - García Márquez (apud HOYOS, 2009, p. 17-18, tradução nossa) afirmava que “toda a narração que conte uma história completa, coerente, e sustentada em fatos reais e verificáveis é uma reportagem”⁵⁷. Ele não escondia que sua experiência na reportagem influenciou de modo definitivo a carreira como escritor: “O jornalismo me ensinou recursos para dar validade às minhas histórias” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 36). A posição permite reforçar que, cada um à sua maneira, jornalismo e literatura possuem suas próprias condições e convenções. Por mais que se aproxime da literatura, com a incorporação de uma linguagem que valoriza recursos narrativos, como o fizeram os representantes do *New Journalism*, o jornalismo busca na linguagem referencial uma tentativa de aproximação da veracidade.

O jornalismo já foi chamado de “literatura sob pressão”. Pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado. As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa. Contudo, por maior que seja essa pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte (OLINTO, 2008, p. 13).

Na avaliação de Olinto, a pressão está presente sempre, no poema, ou no romance, no ensaio ou no conto. A principal diferença no seu modo de entender é que, no caso do escritor, com mais liberdade no ato da criação, a pressão resulta da própria necessidade de pôr fim à obra. Ele defende que é na prática da reportagem que se dá o exercício da função específica de jornalista dentro do jornal: “Crônicas, artigos, editoriais, tudo isto faz parte do jornal, mas não é essencialmente jornalismo. O repórter de rua faz muito mais jornalismo do que o autor de seguríssimo artigo de fundo” (OLINTO, 2008, p. 29). Refletindo ainda sobre reportagem, Olinto (2008, p. 35) observa que, assim como na literatura, só permanecerão as reportagens capazes de transcender o aspecto imediatista do jornalismo “e plasmarem os acontecimentos com o golpe de verdade próprio das coisas universais.”

Embora reconheça a efemeridade do corpo do jornal, o autor enxerga no jornalismo a potencialidade de alcançar uma obra dotada de permanência. Esse potencial estaria na captação dos acontecimentos cotidianos e capacidade de superar o imediatismo. Para Olinto (2008), o jornalismo desperta o preconceito do cotidiano, do efêmero. Mas essa transitoriedade se limita à parte material que serve de veículo à notícia. O autor observa “uma nítida separação entre o

posibilidades del reportaje, no como medio estelar de información, sino mucho más: como género literario. No iban a pasar muchos años sin que lo comprobara en carne propia, hasta llegar a creer como creo hoy más que nunca que novela y reportaje son hijos de una misma madre.”

⁵⁷ “Toda narración que cuente una historia completa, coherente, y sustentada en hechos reales y verificables, es un reportaje.”

corpo e o espírito de um jornal” (OLINTO, 2008, p. 16), ressaltando que o conteúdo do periódico independe do veículo, podendo alcançar permanência. Sem deixar de criticar as práticas jornalísticas que se aproximam do panfleto e podem levar a uma distorção da realidade, Olinto (2008, p. 21) ressalta o “jornalismo como obra de arte”: mas considera que “há uma nítida separação entre o jornalismo comum e a obra de arte – ou entre o jornalismo comum e o jornalismo como obra de arte”.

No mesmo ensaio escrito em 1952 e publicado originalmente três anos depois, Olinto, que atuou como professor de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), adverte a necessidade de o repórter não perder a capacidade de espanto na contemplação dos pormenores do acontecimento, um risco muito frequente da rotina e prejudicial ao trabalho. Sua motivação para a escrita da obra fica explícita na introdução do livro, quando ele explica que o ponto de partida foi o impulso por responder as críticas de um colega de redação para quem o jornalismo não era, nem jamais seria literatura. No pensamento de Olinto (2008) essa identidade implica em semelhanças de recursos, de estilo, de instrumento, método organizacional e de estrutura. O autor faz comparações, pontua semelhanças e diferenças, possibilidades entre a atividade jornalística comum e a obra de arte, sem deixar de apontar também as limitações de cada uma.

Premido pela rapidez com que as notícias têm, em geral, de ser publicadas, o jornalismo é mais facilmente atingido pelo lugar-comum, pela forma convencional. O serviço diário obriga o homem de jornal a se utilizar de uma linguagem mais fácil, mas o que acontece é que, no caso, o fácil acaba sendo linguagem morta, que imobiliza a notícia em palavras sem repercussão nos que as lêem. Por outro lado, no entanto, a literatura propriamente dita, que não está sujeita a essa pressão do tempo, corre o mesmo perigo. Aí também, a facilidade pode encher uma obra de recursos literários que o tempo matará facilmente. O lugar-comum vence todo e qualquer esforço feito pelo escritor ainda não realizado, afastando-o da possibilidade de uma obra original [...] (OLINTO, 2008, p. 30)

O fragmento acima demonstra uma percepção não idealizada sobre a literatura, tampouco do jornalismo, pois expõe limites e condicionantes de ambas as linguagens. Ele menciona a necessidade de se evitar o que chama de elementos mortos do pensamento para captar “a palavra em espírito de virgindade e poder sentir suas possibilidades como meio de expressão” (OLINTO, 2008, p. 31). Para Olinto (2008, p. 19) “[...] o movimento criador é absolutamente imprevisível. Não se sujeita às leis externas da organização. Surge do lastro de humanidade que o artista tenha acumulado em si, em anos de alegria e de angústia”. O autor contesta os argumentos do escritor francês e Nobel de Literatura de 1947, André Gide (apud OLINTO, 2008, p. 52), que entendia o jornalismo como a *morte da palavra*, negando o caráter

literário do jornalismo: considerava que “jornalismo é uma penetração no dia-a-dia, em busca do que ele possa ter de significativo, de permanente.”

A aparência de efemeridade não impediria deste modo o jornalismo alcançar a condição de criação, quando se propõe a ir além da rotina. Olinto (2008, p. 31) não estabelece diferenças realçadas entre o jornalismo e a literatura. Na sua opinião, as diferenças são “frágeis e acidentais” e “dissipam-se ao primeiro exame”. O mais importante seria o repórter conquistar uma linguagem pessoal e livre da imitação “porque a obra de arte – seja conto, romance ou reportagem – tem de ser uma mensagem individual, extraída de uma realidade comum a todos” (OLINTO, 2008, p. 43). O pensamento do autor é corroborado por Amoroso Lima (1990, p. 72, grifo nosso) no seu ensaio de 1958, para quem o estilo próprio admite a liberdade, sendo, a afirmação da personalidade do jornalista: A “exigência máxima do *verdadeiro jornalista*”, uma maneira de se distinguir dos demais.

3.2.2 Pertinências e conflitos dessa perspectiva

Amoroso Lima (1990) concebe o jornalismo como um gênero literário, mas alerta que isso é possível somente quando empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de produção. Quando reduzir a palavra a um instrumento de transmissão, deixa de fazer jornalismo para “ser apenas publicidade, ou propaganda, ou noticiário ou anúncio” (AMOROSO LIMA, 1990, p. 38). Neste raciocínio, da mesma forma, se considerarmos a literatura do ponto de vista estrito, como estética pura ou como ficção, também teremos de recusar sua admissão como gênero literário. A defesa feita pelo autor recebeu críticas ácidas⁵⁸. No entanto, a comparação traçada pelo autor e especialmente sua defesa da especificidade do jornalismo em relação a outras narrativas se aproxima do pensamento de um outro teórico consagrado do jornalismo no Brasil. Olhando com mais atenção, é possível identificar semelhanças que talvez não sejam apenas coincidências.

Amoroso Lima (1990) provavelmente tenha sido o primeiro teórico no Brasil a abordar a singularidade como uma especificidade do jornalismo, influenciando Genro Filho (1987) décadas depois. Ao tratar da atualidade como uma característica natural do fenômeno jornalístico, Amoroso Lima (1990, p. 62) afirma que o profissional do jornalismo se caracteriza como ser ligado ao seu tempo: “Por mais que a sua arte esteja em tirar do tempo a eternidade –

⁵⁸ Uma delas é inclusive feita por Alice Mitika Koshiyama, que apresenta a edição da obra publicada em 1990 e ressalta limitações e insuficiências na concepção assumida, além de ausência de fundamentação teórica coerente no esquema apresentado.

pois é da natureza da arte aplicar-se ao singular para nele encontrar o universal, concentrar-se no momento para nele descobrir o intemporal [...]”. Em sua proposta teórica, Genro Filho (2012, p. 161) contempla a singularidade como objeto do jornalismo, por isso da preocupação jornalística com “o desprezo pelas generalidades e adjetivos”. Embora Genro Filho não cite explicitamente o autor em sua obra, Amoroso Lima aparece entre as referências de *O Segredo da Pirâmide*.

Apesar de apresentarem um olhar inovador à época, os objetivos de Olinto e Amoroso Lima eram outros, não estavam centrados na especificidade ou “essência” do jornalismo. Este aspecto talvez justifique algumas das críticas recebidas pelos autores nas aproximações entre jornalismo e literatura. Para Bianchin (1997, p. 52), “qualquer relação que se queira demonstrar entre jornalismo e literatura passa antes por, pelo menos, uma tentativa de esclarecimento sobre o que é e o que representa este fenômeno discursivo que denominamos jornalismo”. Mesmo reconhecendo que os fatos só existem depois de construídos pela linguagem, a autora frisa que o jornalismo não tem a liberdade de ficcionalizar a realidade, toda a sua imaginação está condicionada e presa ao universo dos fenômenos concretos. Enquanto a especificidade do literário está na não submissão a controles externos ao mundo da narrativa.

A narrativa jornalística pode e deve fazer uso de recursos literários, mas isso não fará com que passe à condição de literária. Entre os resultados de sua análise de romances-reportagem publicados no Brasil entre final dos anos 1970 e 1980, a autora pontua que a categoria foi classificada como uma literatura “menor” e “popularesca”, frente aos preconceitos da crítica quando emergiu no país, àquele momento. Ela conclui que jornalismo e literatura são dois gêneros semelhantes e distintos (o jornalístico e o literário), mas não devem ser vistos como discursos totalmente opostos, o primeiro como discurso da verdade e o outro, da falsidade.

[...] se fomos analisar com cuidado o relato jornalístico e o discurso de ficção vamos constatar que a grande diferença entre eles é que o relato jornalístico não pode criar, não pode inventar o fato memorável, o acontecimento sobre o qual vai construir seu discurso, enquanto que na ficção esta restrição não existe. Isso nos leva a dizer que as fronteiras entre ambos não são bem definidas e limitadas, mesmo porque o discurso jornalístico não deixa de ser um relato de aparências (BIANCHIN, 1997, p. 94).

A autora aponta componentes obrigatórios para a existência do discurso jornalístico: o estético, materializado na forma de construção da narrativa jornalística, e o ético, simbólico dos compromissos do jornalismo com a fidelidade dos acontecimentos reais e concretos. Sem deixar de reconhecer que o jornalismo não reproduzirá os acontecimentos tal qual eles ocorreram, já que, entre os acontecimentos e a sua reconstituição linguística, há fatores culturais e históricos,

a autora lembra os aspectos que funcionam como pré-condição para esse discurso existir. Assim, para ela, afirmar que jornalismo é literatura porque é linguagem, porque é narrativa ou porque a fonte de ambos busca subsídios para seu discurso, “é uma forma muito inconsistente de analisar a questão e é também, entender que só o carimbo aurático da literatura pode conferir qualidade e dignidade a um texto (BIANCHIN, 1997, p. 64).

Ela entende que o jornalismo não precisa do aval da literatura para apresentar qualidade, embora tenham afinidades íntimas, constituem gêneros distintos e independentes. Apoiando-se em Genro Filho, Bianchin (1997, p. 55-56) conclui que “o que vai diferenciar mesmo o discurso jornalístico da arte, da ciência ou da história, é essa ligação indissociável com a singularidade dos fenômenos que são reconstituídos simbolicamente.” Genro Filho constatava que o jornal impresso está ligado historicamente à expansão da literatura, o que favorece uma interpenetração entre um e outro, abrindo brechas para uma confusão persistente. O teórico observava que as relações entre o jornalismo e a literatura sempre gerou divergências: “O problema não é saber se o jornalismo envolve ou pode envolver a literatura e a arte – o que parece ser consenso – mas se ele é ou não um *gênero artístico* ou *literário*”. (GENRO FILHO, 2012, p. 209).

Pela própria forma como se constitui, o exercício do jornalismo em geral se associa a práticas ligadas à limitação da efemeridade e construídas sobre a ideia da pressa, com a tirania do fator tempo, o que dificulta a sedimentação do conjunto de uma obra reconhecida como tal. Reportagens que alcançam publicação em formato de livro e que, pelas próprias condições peculiares, teriam mais chances de estabelecer articulações com a linguagem literária, representariam um tensionamento sobre a lógica predominante nas práticas profissionais. O jornalismo publicado em livros recebe diferentes denominações entre estudiosos do campo. Lima (E., 2004) define *livro-reportagem*, tendo-o como obra não periódica que explora a reportagem com tempo de produção estendido, desempenhando a função de informar e orientar em profundidade.

Com investigação exhaustiva, o livro-reportagem oferece mais liberdade ao autor, através do uso de recursos literários e um estilo de escrita mais solto, sendo a reportagem biográfica também chamada perfil um dos tipos mais comuns. Fixando uma diferença com relação a esta definição, Marocco (2016) prefere *livros de repórteres*, considerando obras escritas por repórteres, mas que não restringiram o livro ao suporte da reportagem. A pesquisadora enxerga nos livros de repórteres ações de resistência ao jornalismo hegemônico e investiga quem é o sujeito que produz fora da mídia jornalística e como esses livros ocupam a condição de intérpretes dos discursos fundadores do jornalismo, como abordamos adiante. Há ainda quem

rotule essas obras escritas por jornalistas e com a forma da narrativa romanesca de “romance de não ficção”, expressão criada por Truman Capote, ou “romance-reportagem”, como faz Bianchin (1997). Uma denominação recente e recorrente é ainda “livro jornalístico”, escrito por jornalistas sobre um grande tema e que aborda vários aspectos sobre este assunto.

Não é de hoje que a produção literária é mestre em apresentar os conflitos da relação entre jornalismo e literatura. *Ilusões perdidas*, de Balzac, talvez seja o exemplo mais distante. Mas também temos caso simbólico no Brasil de Lima Barreto, com o já citado *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. A partir da disseminação do livro como suporte jornalístico há inclusive quem levante a ideia de uma “eventual virada autoral na prática jornalística”, como um indicador de mudanças na atividade jornalística, a exemplo de Bastin e Ringoot (2015, p. 195). A partir da constatação de que os jornalistas publicam cada vez mais livros na França, os pesquisadores tratam da autoridade simbólica desses profissionais, reforçada pelos prêmios concedidos aos livros, contribuindo para a criação de uma elite autoral. Bastin e Ringoot interrogam se o fenômeno não se manifestaria numa redefinição das fronteiras do jornalismo.

Nessa perspectiva, os livros de reportagens investigativas seriam o último reduto do jornalismo de investigação frente à recusa das redações ao risco de ações judiciais, no caso de temas espinhosos. Pela autonomia que confere e a projeção que induz, com a emergência de prêmios especializados, os livros jornalísticos tendem a institucionalizar uma prática editorial em princípio periférica no jornalismo, na hipótese levantada pelos autores. Frente à fugacidade do jornalismo, próprio de sua narratividade, a valorização das experiências de repórteres especiais legitimados em diferentes esferas – muitos deles autores de livros-reportagem - parece se fazer necessária para entender melhor o próprio campo.

3.2.3 Livros de repórteres como influência na formação

Ocupando um espaço deixado pela cobertura tradicional, os livros de jornalistas ganham cada vez mais visibilidade e importância entre a comunidade profissional e além dela. Jornalistas que alcançam notoriedade no campo interferem nas práticas jornalísticas e influenciam na formação de novos profissionais também com os seus “livros de repórteres”, como identificou Beatriz Marocco (2012a; 2012b; 2016). Enquanto no texto de jornal a autoridade é diluída no coletivo da redação, ou mesmo no nome do jornal, nos “livros de repórteres”, Marocco (2016, p. 18) percebe uma autoria distanciada do *ethos* profissional e da autoria coletiva própria do tempo e do espaço jornalístico: “A prática, nesse quadro, apoiada em novas bases espaço-temporais, não rompe com o jornalismo, embora o ‘repórter autor’

construa com o seu trabalho um lugar de contrajornalismo, voltado ao exercício da crítica como reconhecimento do presente”.

Esse perfil critica a prática dos jornais e cria um poder de produção autoral, com os livros. A pesquisadora identificou marcas de resistência de repórteres às práticas de pasteurização na autoria coletiva, com a utilização de “táticas” para driblar a censura política e a censura econômica da empresa em entrevistas com jornalistas (MAROCCO, 2012b). Em estudo focado numa crítica das práticas jornalísticas a partir de oito livros de repórteres, Marocco (2016) apontou neles cinco características fundamentais: os empréstimos da linguagem literária; a crítica das práticas jornalísticas; o exercício do reconhecimento do presente; a humanização das fontes e a disponibilidade nas bibliotecas universitárias. Ela observa que esses livros ocupam a condição de intérpretes dos discursos fundadores do jornalismo, sendo utilizados como ferramenta de aprendizagem, nos cursos de jornalismo e na prática, difundindo saberes acumulados pelos profissionais.

Se olharmos com cuidado a trajetória de jornalistas consagrados, essa manifestação aparece como evidente. Kapuściński (2003, p. 38), por exemplo, confessa ter assumido uma “dupla jornada simultânea”, para não se sentir frustrado como correspondente de agência internacional de notícia. Mesmo esse sendo um trabalho descrito por ele como “o mais duro e difícil que um jornalista pode ter a sorte de conseguir, porque se trabalha durante as vinte e quatro horas do dia”, durante anos, viu-se dividido: entre as rotinas e exigências da redação (àquilo que lhe “pediam para cobrir”) e a dedicação a um canal independente para escrever o que aguçava a própria ambição. A entrega às duas atividades seria uma forma de buscar alcançar um espaço de autonomia e libertação de regras no jornalismo, possibilitando viabilizar a produção de livros e conciliar com a função que lhe garantia a sobrevivência financeira.

“Em um, escrevia as páginas que me permitiam ganhar o pão, um trabalho que em várias ocasiões pode ficar pouco criativo, muito mecânico; no outro, me dediquei àquilo que, no meu ponto de vista, realmente merecia” relata Kapuściński (2006, p. 39). Assim, as andanças e a vida do jornalista pela África, Ásia e América Latina, tão destoante da realidade europeia, encontraram ressonância em escritos publicados por ele posteriormente em formato de livros. Uma precaução fundamental para tornar esse trabalho possível foi guardar materiais, informações, testemunhos, ideias, conservar detalhes. O jornalista alerta, entretanto, que não pode haver diferença em termos de dedicação. Independentemente do formato da publicação – se em jornal ou livros – o critério de entrega deve ser o mesmo: oferecer o resultado do máximo esforço e habilidade possível.

Na pesquisa “O controle discursivo que toma forma e circula nas práticas jornalísticas”, Marocco (2012) ouviu 17 jornalistas em entrevistas em profundidade entre 2010 e 2011 que forneceram noções amplas de jornalismo e da forma como esses profissionais se articulam nas redações⁵⁹. Na escuta da “consciência discursiva” dos agentes, foi possível perceber uma noção preponderante entre a mentalidade profissional: a ideia de que jornalista se faz na prática do “chão de fábrica”. A pesquisadora verificou que jornalistas ocupam posição estratégica na produção e reprodução dos saberes jornalísticos: “o jornalista vive um processo ininterrupto de transmissão de conhecimento em que primeiro aprende a se virar naturalmente neste novo ambiente, quando chega à redação, e depois ensina, repete o mesmo que aprendeu e pôs em circulação para iniciantes” (MAROCCO, 2012b, p. 7).

A análise dos livros de repórteres brasileiros também permite a autora delinear uma arqueologia da prática jornalística, com aproximações da fonte policial, ou justiceiro da sociedade e investigador. Um discurso convergente observado nos livros de repórteres também é a valorização da insubordinação e o contraponto ao oficialismo do jornalismo brasileiro como fundamentais à prática da atividade. O argumento se repete nos enunciados adotados por profissionais em discursos para além dos analisados por Marocco. Dantas (1998, p. 11) demarca a diferença da atividade em relação a outras ocupações: “Os jornalistas podem, em algumas funções, ser burocratas. Nunca, porém, quando escolhem o caminho da reportagem”. Fuser (1996, p. 16) afirma que reportagem “é por excelência o espaço dos humildes, dos anônimos, dos que só aparecem no jornal uma vez na vida”.

3.3 ARTE E CIÊNCIA: DIÁLOGOS ENTRE A EMOÇÃO E A RAZÃO

Cientistas e jornalistas são guiados por pressupostos e métodos diferentes, mas compartilham de um referencial inspirado no ideal de objetividade e desejo de busca por uma verdade possível. No caso do jornalismo, a importância da experiência se faz fundamental, mas leva ao risco do descarte da dúvida, constituindo um paradoxo no campo profissional. Tal qual ocorre com a arte, a reportagem se aproxima dos conceitos de obra aberta, suscetível a diferentes possibilidades de interpretação. Se o jornalismo, de forma genérica, não pode ser literatura, o processo de criação da reportagem se aproxima do processo de criação literária. A opinião é de Maria Cecília (Ciça) Guirado (2004, p. 103) para quem “ambos lidam essencialmente com a palavra. Enquanto a Literatura vai criar um mundo fictício, com esse elemento básico da

⁵⁹ Pesquisa realizada em 2010 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, com apoio do CNPq, sob coordenação de Beatriz Marocco e publicada em livro dois anos depois.

linguagem verbal, a reportagem ideal tenta recriar o mundo numa suposta relação de proximidade com a realidade.”

Em estudo sobre o processo de elaboração da reportagem a partir da perspectiva semiótica de Charles S. Peirce, a professora percorre a apreensão, investigação e construção transcriativa da realidade, concluindo que não há possibilidade de existir uma boa reportagem sem que o repórter recorra à imaginação no processo de criação. Constata ainda uma dose de emoção como obrigatória, já que a pretensão de anular a intervenção do sujeito se revela fantasiosa. Guirado (2004) destaca a necessidade de buscar o equilíbrio entre a informação e a emoção, compreendendo a atuação de repórter como de mediação, num trabalho de apuração não condicionado a versões oficiosas. O número de fontes não assegura uma reportagem de qualidade, mas pode levar a cruzamentos de múltiplas versões. A maneira de ver e de descrever o mundo é diversa e própria de cada jornalista, como também é o método escolhido para o reportar.

Essa capacidade também é assinalada por Olinto (2008, p. 36), para quem o exercício da reportagem exige um olhar permanente de assombro perante as coisas cotidianas: “pode acontecer – e acontece muito comumente – que o repórter perca a capacidade de espanto. Pode ficar frio, alheio às dores, estranho a tudo. De tanto contemplar os pormenores dos acontecimentos, pode erguer uma muralha entre si e a vida [...]”. No seu olhar, “**é o espírito [...] falsamente profissional, que elimina a emoção.** Neste caso, de nada lhe servirão as experiências de cada dia. Tudo o que lhe penetrar no pensamento, ficará afastado da realidade” (OLINTO, 2008, p. 36, grifo nosso). Esta reflexão é retomada aqui, por ser reveladora da constituição de um certo modo de reportar, com as modificações trazidas pela chamada modernidade, a prevalência de uma racionalidade tecno-científica e a transformação da notícia em mercadoria.

Experiências que se aproximam da ciência, com a observação participante e o jornalismo de precisão, e da literatura, com o *New Journalism* e a ênfase da emoção, tendem a se encontrar na reportagem em profundidade. Numa releitura da obra de Genro Filho, há quem proponha caminhos de alargamento do texto jornalístico (OLIVEIRA, 2020): com novas singularidades, a partir de outros fatos que se entrelaçam; com a universalidade, conectando-se a elementos científicos; e particularidades, ampliando os elementos da arte. Assim, aproximações entre o trabalho do cientista e do jornalista por elementos como rigor metodológico, como sugere Philip Meyer, senso de provisoriedade da verdade, parcimônia e ceticismo são inevitáveis. A incorporação da perspectiva artística dos fenômenos, pela

literatura, com relatos de ambiência e percepção particular do autor, também são possibilidades, como a conexão de diversos fatos uns aos outros.

[...] É possível fazer uma ampliação da captação pelos métodos tradicionais, assim como pelo jornalismo de precisão ou novo jornalismo – ou ainda uma combinação entre eles. Tudo dependerá do compromisso do jornalista com a relevância pública de buscar sempre a veracidade das informações a serem publicadas e possibilitar a seu público a compreensão mais aprofundada dos fatos (OLIVEIRA, 2020, p. 210).

Essas percepções reforçam como as fronteiras entre arte, sensibilização e ciência acompanham as discussões teóricas sobre reportagem. Assim como ocorre na ciência, a validade do conhecimento produzido pelo jornalismo também depende de um processo de investigação. Se o conhecimento científico deve ser consequência de procedimentos que possam ser checados e repetidos (CUPANI, 2018), no caso do jornalismo, a situação não é diferente, sobretudo num cenário de desinformação. Em se tratando de metodologia adotada na produção do conhecimento científico, dois entendimentos opostos se destacam entre o campo teórico: Mário Bunge e o que ele batiza como “estratégia geral da ciência”, e, no outro extremo, Paul Feyerabend, com sua radicalização sobre os fundamentos da ciência, interpretando-a como metodologicamente anárquica. Mas há também compreensões que levam a um caminho intermediário.

Frente à impossibilidade de definir um único método para todas as pesquisas científicas, Cupani (2018, p. 28) acredita que “mesmo diante dos justificados motivos de dúvida quanto a uma metodologia científica geral”, é “importante a vinculação da validade com alguma forma de metodologia, no sentido de um procedimento compartilhado e repetível”. Sem descartar as diferenças entre os dois saberes, talvez seja possível transpor esse pensamento à reportagem. Afinal, não haver uma maneira de afirmar que tipo de conhecimento é válido, ou verdadeiro, como indica Cupani, - além de representar uma ameaça socialmente, ao passo que tudo se torna motivo de crença – significa o mesmo que dizer que todos os repórteres são ideólogos, e que, portanto, não se pode confiar na reportagem. Seria, deste modo, o fim do próprio jornalismo. Com todas as suas limitações, condicionantes e peculiaridades, a produção jornalística representa uma possibilidade confiável de conhecer a atualidade do mundo.

Mas, como tudo o que é humano, não está imune a erros, falhas, ideologias, abusos e distorções, muitos dos quais sem necessariamente significar uma manipulação deliberada. Não é possível traçar um método único e universal, uma “receita” pronta para a reportagem. No entanto, não se pode afirmar também que tudo resulta de escolhas arbitrárias e totalmente subjetivas. A prática da reportagem parece demonstrar um entremeio: coincidências de um

modus operandi, mesmo quando não se reconheça - consciente ou inconscientemente - a existência dessas semelhanças e o inevitável elemento da subjetividade, presente em todo o percurso de modo mais ou menos explícito. Sendo repórteres especiais profissionais de referência nesse âmbito, as interpretações individuais sobre suas práticas podem contribuir de modo relevante para avançar na compreensão desta que é considerada uma atividade essencial ao jornalismo.

Como a ciência, o jornalismo não produz verdades inquestionáveis, mas temporárias, a partir de critérios próprios e tendo como reflexo o momento histórico. O processo de produção adotado na reportagem talvez seja algo de tal complexidade que não possa ser ensinado se não também pela prática. Possivelmente, assim como ocorre na arte, a partir da trajetória de pintores famosos (como Pablo Picasso revolucionou o mundo das artes plásticas), ou ainda escritores consagrados (a exemplo do brasileiro Raduan Nassar, que escreveu um *Copo de Cólera* em alguns dias, mas reconheceu ser esta obra resultado de uma vida inteira de leituras), nenhum repórter chega à condição de especial por seguir uma cartilha. Independentemente da área, os grandes renovadores são pessoas em geral que dominam a forma tradicional. Para reagir contra e transgredir às normas e convenções, é preciso, afinal, conhecer muito bem as regras internamente.

Se há uma aproximação entre os fazeres científico e jornalístico, também não se pode negar a influência da arte, como inspiração, na prática da reportagem. Entusiasta da observação-experiência, Medina (1996, p. 211) propõe “aos mediadores sociais a exposição permanente à arte. Não num ato cego de devoção, mas a par do deslumbramento, a dinâmica osmose dos dois universos simbólicos”. Tendo o jornalismo como “narrativas da contemporaneidade”, a autora entende que, se na literatura é indiscutível a competência do escritor na manipulação da língua escrita, não é menos indiscutível que o jornalista constrói essa mesma competência. Medina (1996, p. 31) acredita que “tanto no ato jornalístico (reportagem), quanto no ato analítico (pesquisa, encaminhamento da pauta, formulação de linhas de trabalho) e no ato expressivo (redação e edição) a literatura é fonte de sensibilização e refinamento da mundivivência”.

Uma certa tradição em torno da narrativa jornalística foi construída baseada na lógica que pensa a emoção como oposto da razão, supondo que as emoções comprometam a precisão. Mas esta é uma visão equivocada e que empobrece o próprio jornalismo. Há limites, claro: A informação precisa ser prioritária com relação à emoção, sob o risco de um grave deslize ético, abrindo margem para o sensacionalismo. Mas não se faz jornalismo de qualidade com indiferença ou neutralidade, negando os sentimentos que possa despertar. As reportagens que marcaram a história costumam partir da indignação e se comprometer visceralmente com

questões ligadas aos direitos humanos: não ignoram o componente da emoção, presente em tudo o que diz respeito à ação humana. Há tempos, a ciência mostrou que emoção e razão não são o oposto uma da outra, mas complementares, como sugerem os estudos do cientista português Antônio Damásio desde os anos 1990.

Afinal, a emoção e os sentimentos estão juntos com a racionalidade na tomada de decisões. O padrão normativo em torno da prática profissional estabeleceu uma narrativa no jornalismo que nega a emoção e se ampara na suposta isenção ou neutralidade como “escudos”. Repórteres que procuram de alguma forma transgredir a essa regra historicamente associada ao fazer jornalístico mostram a necessidade de levar para as narrativas todos os sentidos dos quais tratava Kapuściński (2003). Somente assim, portanto, seria possível fazer com que o público sinta todas as dimensões envolvidas na narrativa.

O psiquiatra e filósofo colombiano Luis Carlos Restrepo (1998) alerta a atrofia de sentidos imposta pela racionalidade ocidental contemporânea, sobretudo do tato, paladar e olfato, no que chama de “analfabetismo afetivo”. Esta dissociação entre afetividade e conhecimento intelectual nem sempre se apresentou na história dos povos, segundo o autor, ao referenciar a experiência de muitos povos chamados “primitivos”. Para Restrepo (1998, p. 32), “o interdito que separa a inteligência da afetividade parece ter sua origem em que, frente a uma percepção mediada pelo tato, gosto ou olfato, o Ocidente preferiu o conhecimento dos exteroceptores, ou receptores à distância, como a vista e o ouvido”. De modo que, na sua avaliação, nossa cultura se definiu como audiovisual. Restrepo reivindica a ternura, não compreendida como sentimentalismo ou negação da razão, nas relações humanas, mas o reconhecimento da afetividade como instância epistemológica.

Trata-se muito mais de compreender que há sempre na emoção algo de razão e na razão um tanto de emoção, embora se tente, a partir de diferentes óticas, afirmar o contrário. Os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas. A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares (RESTREPO, 1998, p. 36).

No diálogo com esse pensamento e questionando a percepção limitada à busca por declarações entre aspas, Medina (1996, p. 14) sublinha o reconhecimento afetivo como condição para tornar o diálogo possível e lança a expressão “jornalismo de autor”, ao se referir à mediação baseada numa interpretação eficiente, com marcas autorais. Ela mostra como o *ethos* profissional jornalístico se construiu em torno de uma rejeição das subjetividades e dimensões afetivas (MEDINA, 2008). Embora possa parecer ultrapassada, tal visão se revela

ainda operante⁶⁰. A defesa do conhecimento produzido pelo jornalismo, tal qual a ciência, como algo diferente da subjetividade da crença, inegavelmente é necessária para evitar o total relativismo e a arbitrariedade. Sem deixar de contrapor, entretanto, que fatos não falam por si mesmos, como disseminou a mentalidade funcionalista, sem que alguém os interprete, com suas emoções intrínsecas.

Baseadas numa racionalidade simplificadora e numa lógica binária, as noções de neutralidade e de um sujeito universal (capitalista, masculinista, racista, heterossexista e ocidentalista) estão impregnadas por valores sociais dominantes (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019). A subjetividade é indicada como estratégia capaz de desestabilizar práticas estruturadas em uma lógica predominante e promover a descolonização dos conhecimentos do jornalismo: “[...] a subjetividade (e todos os elementos que estariam relacionados a ela, tais como a emoção, o corpo, as visões de mundo dos sujeitos-profissionais), atributo convencionalizado como feminino, ocupa as bases da hierarquia no jornalismo” (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13). A racionalidade constituída em torno do paradigma da objetividade contribuiu historicamente para empurrar para as margens grupos significativos das populações, cuja condição de humanidade é negada.

A proposição das autoras é por uma subversão dos modos de objetivização jornalística que parece ir ao encontro da reportagem de transgressão (MAROCCO, 2008), no sentido de desviar de um padrão. Nesta perspectiva, subjetivo e objetivo não se apresentam como excludentes, mas, complementares. Assim, a subjetividade no jornalismo se localizaria em questões “presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante” (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13-14). Para as autoras, também na procura de um olhar capaz de fissurar ‘representações previamente dadas’ ou ‘fatos previamente dados’; além de um esforço de autocrítica do próprio campo, erguido em bases positivistas que privilegiam narrações a partir de enquadramentos focados muitas vezes no espetacular ou no exótico.

Na leitura das pesquisadoras, a racionalidade dominante e excludente assentada em valores sociais hegemônicos suprimiu a subjetividade não apenas da linguagem, com a imposição da impessoalidade textual, como também das reflexões críticas sobre as práticas. Moraes e Veiga da Silva (2019, p. 18) defendem ainda “o entendimento de que a ‘contaminação’ da emoção é um ganho, e não algo a ser negado na construção das reportagens”.

⁶⁰ Como Chalaby (1998, p. 129), para quem “o formato da reportagem jornalística implica uma dissociação entre fatos e emoções. No original: “[...] *the news report format implies the dissociation between facts and emotions*”.

Como a historicização da categoria reportagem acena, as fronteiras que separam o jornalismo de outras narrativas foram tensionadas desde o século XVIII pelo paradigma de dissociação entre fatos (acontecimentos), e opiniões (valores). Essa divisão, conforme lembra Marocco (2016), baliza a concepção que separa o jornalismo entre repórter, identificado enquanto “contador de histórias” e comentarista/analista, visto como um “explicador do mundo”. Para Marocco (2016, p. 100), “este sentido restrito congela a dimensão hermenêutica a um certo descolamento entre as categorias de jornalismo informativo e interpretativo”. Ao estudar os “livros de repórteres”, usados como ferramenta de aprendizagem, nos currículos dos cursos de jornalismo e na prática, a autora mostrou a autoria como deslocamento do individual para o jornal ou para “jornalistas que têm mais autoridade”.

Desde que a reportagem surge enquanto fenômeno do jornalismo, no século XIX, adquire diferentes características ao longo do tempo. A contextualização histórica tratada neste terceiro capítulo fornece subsídios para compreender melhor valores e práticas que ajudaram a constituir o que ficou conhecido como reportagem no jornalismo. Como procuramos mostrar, uma das marcas principais adquiridas pela narrativa jornalística, a objetividade, não surge com ela, sendo também resultante de um processo histórico. Entre semelhanças e diferenças com a História e a Literatura, a reportagem desenvolveu um percurso próprio, diretamente relacionado à profissionalização do jornalismo. Embora emerja enquanto função desprestigiada, como um trabalho extra, assume aos poucos um lugar de protagonismo na atividade jornalística, e os repórteres, ganham centralidade nesse fazer, tornando-se símbolo máximo da profissão. Num permanente diálogo entre a emoção e a razão, a reportagem constrói suas bases.

No próximo capítulo, esmiuçamos o percurso metodológico que levou a algumas das escolhas centrais da trajetória de pesquisa, como a definição do *corpus* e o conjunto de métodos adotados para a análise dos depoimentos de repórteres especiais.

4 CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA

Os passos metodológicos adotados na pesquisa seguem o caminho traçado nos seus propósitos, por isso cabe aqui retomá-los: O objetivo geral é avançar na explicitação do método da reportagem em profundidade, a partir de relatos de repórteres especiais. Como objetivos específicos, procuramos: 1) identificar modos de compreensão predominantes da reportagem na literatura sobre jornalismo; 2) contextualizar a história e a consolidação da reportagem; 3) conhecer como repórteres especiais no Brasil percebem e representam suas trajetórias e o que realizam; 4) analisar e sistematizar as visões dos repórteres especiais sobre os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração, acionados por eles na produção da reportagem em profundidade.

As etapas começaram pela pesquisa exploratória, com o estudo da história e das noções de reportagem, seguidas de um levantamento inicial dirigido a jornalistas em atuação no país, numa primeira tentativa de aproximação do *corpus*. Como segundo momento desta trajetória, na busca por responder da forma mais adequada possível os objetivos propostos, a observação das rotinas produtivas e imersão junto à equipe do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, contribuiu para a delimitação do objeto. Enquanto laboratório de experimentação da reportagem idealizado por um repórter especial e por valorizar a troca entre a experiência e a inovação nas interações de Caco Barcellos e repórteres iniciantes, *Profissão Repórter* constituiu análise preliminar. Esses movimentos permitiram direcionar a atenção aos depoimentos de repórteres especiais consagrados e atuantes em diferentes plataformas, com a decisão pela entrevista em profundidade, somando-se à pesquisa documental preliminar.

As análises do material coletado incluíram mais de 33 horas de gravação em áudio (envolvendo as entrevistas realizadas com a equipe do *Profissão Repórter*). Todo o processo de investigação foi desenvolvido em torno de uma pergunta central: Como os depoimentos de repórteres especiais expressam seus saberes de reconhecimento, procedimento e narração e até que ponto se explicita neles o método da reportagem?

4.1 TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Diferentes técnicas de pesquisa qualitativa foram utilizadas no processo de captação de dados para a análise. De forma sintética, a coleta de dados envolveu: questionário *online* (ainda na pesquisa exploratória), pesquisa documental complementar, observação - também denominada por Wolf (1999) como *newsmaking* - e realização de entrevistas em profundidade

(semiestruturada) com 12 repórteres especiais. A observação se restringiu à imersão das rotinas junto ao *Profissão Repórter* e procurou levantar informações para o problema de pesquisa. O principal inconveniente desse tipo de observação é que a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados, tirando a espontaneidade.

Tentando evitar distorções em função desse risco, a pesquisa mesclou fontes de captação de dados. A combinação entre métodos e técnicas procurou oferecer um panorama mais abrangente do objeto, permitindo o aprofundamento das análises. Essa pesquisa aglutina abordagens de investigação na busca pela melhor maneira de enfrentar o objeto de estudo. A primeira etapa, ainda durante a abordagem exploratória, incluiu uma fase prévia, com a utilização de questionário fechado, na sondagem inicial resultante de consulta a profissionais do jornalismo para o processo de definição do *corpus*. Nessa primeira abordagem, um levantamento direcionado a jornalistas em atuação no Brasil procurou mapear percepções genéricas sobre a reportagem e repórteres de referência, entre a comunidade profissional.

A base da pesquisa se estrutura na perspectiva da pesquisa qualitativa, adequada por contemplar experiências e práticas das pessoas entrevistadas, concentrando-se em aspectos que não podem ser quantificados ou representados estatisticamente. O esforço investigativo procura aprofundar a compreensão tanto deste grupo profissional específico, identificado como repórteres especiais, quanto de suas interpretações da reportagem como potencial espaço de transgressão nas rotinas jornalísticas (MAROCCO, 2008), contemplando seus tensionamentos em torno do jornalismo industrial e indicadores da existência de um método da reportagem em profundidade.

A pesquisa qualitativa busca interpretações das realidades sociais, em contraponto aos números. O interesse está “na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam suas ações e as dos outros”, conforme definem Bauer e Gaskell (2017, p. 23). Os princípios epistemológicos da pesquisa classificada como qualitativa se amparam na natureza interpretativa da investigação e buscam responder questões muito particulares. Com ela, abre-se o mundo de significações não perceptíveis na realidade social, sem, no entanto, abrir mão do cuidado com o método científico. A transição do quantitativo para o qualitativo não suspende exigências, reforça Santaella (2001, p. 150): “Significa apenas que as prescrições passam a adquirir feições mais imprecisas de modo a abraçar o universo complexo e ambíguo de tudo aquilo que não pode ser mensurado”.

A metodologia qualitativa presume uma análise e interpretação de temas relativos à complexidade do comportamento humano, possibilitando o estudo de objetos de difícil apreensão. Enquanto alguns pesquisadores convergem no entendimento de que o uso da

entrevista como método é o mais adequado para revelar informações sobre aspectos de difícil acesso; outros argumentam que este instrumento reduz a possibilidade de generalização, se comparada à pesquisa quantitativa. Esse risco se relaciona ao fato de a entrevista procurar entender uma dada situação em contexto específico. A diferença de abordagem quantitativa e qualitativa, pois, diz respeito à natureza, não à escala hierárquica, como resume Minayo (2007, p. 21), para quem a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” Minayo tem na entrevista uma forma privilegiada de interação social, que permite representações da realidade.

Na busca pela compreensão da reportagem pelo olhar deste grupo profissional específico formado por repórteres especiais, a pesquisa qualitativa se mostrou o caminho mais apropriado haja visto o fundamento orientador do estudo. As entrevistas foram guiadas por um roteiro (disponível nos Apêndices) e privilegiaram aspectos relacionados à compreensão de cada jornalista sobre o processo de reportagem e suas vivências na atuação deste fazer, sem ignorar elementos relativos à sua identidade pessoal. A pesquisa adotou a entrevista em profundidade (DUARTE, 2011), também conhecida como semiestruturada, valorizando as subjetividades na produção dos relatos, como aprofundado adiante.

As experiências acumuladas nas trajetórias de cada repórter indicam significações pertinentes ao objeto de estudo investigado, reforçando a centralidade das duas dimensões indissociáveis do conhecimento. Pelo lugar privilegiado que ocupam, com carreiras consolidadas de dedicação à prática da reportagem, esses agentes individuais acumulam amplo conhecimento tácito sobre o ambiente jornalístico, possuem um *know-how* manifestado na internalização desses fazeres. A perspectiva metodológica adotada buscou captar as vivências deste grupo profissional com relação ao exercício da reportagem em profundidade e às implicações envolvidas nesse fazer. Procurou entender como os sujeitos compreendem o processo envolvido na prática jornalística e lidam com os tensionamentos e jogos de interesse decorrentes das rotinas produtivas industriais.

As entrevistas foram centrais para compreender como os agentes articulam os próprios fazeres. A partir dos dados levantados, foram aplicadas técnicas inspiradas na análise de conteúdo (BARDIN, 2016; HERSCOVITZ, 2007), para a interpretação do material reunido. Na metodologia de pesquisa, costuma-se recomendar a escolha pela entrevista individual em profundidade como uma forma de conhecer a perspectiva adotada por um sujeito a partir de

dentro de seus modos de compreensão⁶¹. Duarte (2011, p. 62) a define como “um recurso metodológico que busca, alicerçado em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva [...]”. O autor considera como uma das principais qualidades da entrevista individual em profundidade a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as questões, situações recorrentes na captação de dados para esta pesquisa.

4.1.1 Pesquisa documental preliminar

Um dos primeiros passos da pesquisa de campo propriamente dita abrangeu a pesquisa documental. Esta tarefa inicial reuniu análise de entrevistas, livros produzidos sobre e por esses sujeitos e reportagens assinadas pelos repórteres analisados. Para isso, foram consultados os arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da Hemeroteca Digital Catarinense e das bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Regional de Blumenau (FURB), além de outras bases de dados e fontes de informação. Um acervo fundamental para a pesquisa também foi o arquivo do Jornal Laboratório *Zero*, do curso de Jornalismo da UFSC, já que alguns dos repórteres especiais analisados participaram de eventos realizados pelo curso, como as Semanas Acadêmicas, repercutidas na publicação. Dois deles receberam amplo destaque, com direito a longas entrevistas, como as edições de novembro de 2003, com Caco Barcellos na capa, e de outubro de 2006, com Renan Antunes de Oliveira.

Outras fontes de pesquisa foram entrevistas e palestras concedidas pelos jornalistas e disponibilizadas em vídeos na plataforma *YouTube* e aplicativos de podcasts. Essa consulta, recorrendo a acervos e documentos e dispersos e priorizando sempre as fontes primárias, resultou em amplo e rico material que permitiu contextualizar as carreiras desses profissionais, identificar concepções sobre o fazer profissional, além de perceber elementos que se repetiam nas suas falas - ponto muito comum observado na exploração deste material. Às vezes, relatos de uma entrevista concedida pelo sujeito há décadas se repetiam nas entrevistas que fizemos, sugerindo um mesmo modo de pensar ou narrar. Ainda que não utilizados integralmente nas análises da pesquisa, esses dados proporcionaram um entendimento mais aprofundado dos percursos profissionais e carreiras empreendidas pelo grupo, assim como as especificidades de

⁶¹ “Uma conversa aberta sobre a visão de mundo ou algum aspecto dela, de um indivíduo. Diferentemente de um questionário de pesquisa, a entrevista de profundidade não tem uma estrutura rigidamente predefinida – contudo, o entrevistado pode utilizar uma lista de tópicos ou perguntas como guia. Por essa razão, essas entrevistas são, às vezes, chamadas de entrevistas ‘semi-estruturadas’” (PRIEST, 2011, p. 33).

cada uma. Contribuíram na complementação do material bibliográfico e constituição das trajetórias profissionais.

4.1.2 Construção do *corpus*

A composição do *corpus* da pesquisa se concentra em depoimentos de repórteres especiais, mas resulta de um longo percurso na busca por uma amostra representativa, com a intenção inicial de valorizar experiências não tão conhecidas. O processo de seleção do *corpus* para esta pesquisa se dividiu em etapas, iniciando com uma fase prévia, numa primeira tentativa de aproximação do *corpus*. Nesse momento de teste, recorremos à aplicação de questionário *online* dirigido a jornalistas do país. Essa coleta possibilitou um levantamento de possíveis nomes para entrevistas e o rastreamento de noções sobre reportagem entre a comunidade profissional. Desenvolvido mediante preenchimento via *Google Drive*, o questionário inicial foi enviado por endereço eletrônico. Além de endereços colhidos em *mailing* próprio da pesquisadora, esta sondagem contou com o auxílio da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), que encaminhou a mensagem para sua lista de associados.

O questionário ficou aberto para respostas de setembro de 2018 ao mesmo período do ano seguinte. Jornalistas brasileiros atuantes como contratados ou *free-lancers* em redações de jornais impressos, emissoras de rádio, televisão e portais, ligados a grupos alternativos ou a mídias tradicionais, além de profissionais vinculados à assessoria de imprensa participaram desta primeira recolha, responsável por delinear os próximos passos da pesquisa. Ao todo, 77 jornalistas de oito estados (incluindo Pará, Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) das cinco regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) responderam ao questionário formado por seis questões abertas sobre reportagem. Além de indagar sobre a forma como concebiam a reportagem e seus modos de exercitá-la, esse levantamento preliminar também procurou mapear possíveis influências de reportagens para cada jornalista respondente.

No quesito “repórteres de referência”, as respostas obtidas confirmaram o resultado atestado por outras pesquisas: Caco Barcellos e Eliane Brum apareceram entre os nomes mais citados. A coleta de informações serviu de base para a escolha dos nomes selecionados e permitiu a criação de um banco de dados inicial.

A pesquisa transcorreu, com um segundo momento, junto ao programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, onde acompanhamos as rotinas profissionais e entrevistamos a equipe, como parte da pesquisa exploratória. As ações para o trabalho de campo iniciaram com

tentativas de contatar o jornalista Caco Barcellos. Um *e-mail* foi lhe enviado em 18 de agosto de 2018, apresentando a ideia e o interesse em acompanhar a produção do programa. Barcellos enviou resposta quatro dias depois do primeiro contato, em princípio por *e-mail*, seguido por contato telefônico. O jornalista foi receptivo à proposta desde então, mas, sabendo da intenção de acompanhamento junto à equipe, antecipou a necessidade de conversar com os colegas. Assegurou a possibilidade do trabalho de campo em todas as fases, com uma ressalva: a Rede Globo proíbe a entrada de visitantes no carro da reportagem. O acompanhamento do trabalho de reportagem à rua poderia ser feito, desde que se cumprisse essa regra.

A primeira etapa do trabalho de campo no programa foi realizada durante uma semana, de 12 a 16 de novembro de 2018 na sede da emissora, na Vila Cordeiro, em São Paulo (SP). Voltamos à redação por dois dias, em 1 e 2 de agosto de 2019, quando aproveitamos para conversar com demais membros da equipe, ausentes na primeira visita. Essas imersões resultaram em diversas anotações em caderno de campo, com o detalhamento de informações e impressões surgidas no decorrer da pesquisa. Nesta etapa, as entrevistas ocorreram sem sobressaltos, conforme a disponibilidade de cada pessoa, e priorizaram o modo presencial, com exceção da conversa com a repórter Danielle Zampollo, pela sua ausência da redação quando estivemos no programa. Pelo caráter incomum assumido por *Profissão Repórter* na televisão aberta brasileira, a valorização dos bastidores e a reflexividade sobre os processos jornalísticos, a incursão foi uma etapa importante, com o acolhimento de Barcellos à proposta.

O foco em repórteres especiais se mostrou necessário para melhor delimitação do objeto, além de trazer mais diversidade, evitando centralizar a pesquisa em uma única plataforma e contribuindo para enriquecer o *corpus*. A seleção a partir desse critério permitiu designar profissionais com passagens por diferentes suportes midiáticos e amplo reconhecimento nacional entre o campo e o público em geral. Esse direcionamento procurou contemplar nomes que alcançam reconhecimento em diferentes instâncias.

A seleção teve como principal parâmetro a representatividade, focando em jornalistas que exercem ou exerceram a função de repórter especial, na hierarquia das redações. Por ser definido pelas lógicas internas do próprio campo e entendido como um dos rituais de consagração entre a comunidade jornalística, acreditamos que esse critério atende à nossa proposta de trabalho, de valorizar os conhecimentos tácitos acumulados pela experiência. Além dele, entretanto, procuramos nos guiar por outros aspectos, com o objetivo de alcançar maior diversidade ao grupo, abrangendo diferentes perfis, a partir de noções como: plataforma de atuação, estrutura midiática, aspecto geracional, abrangência territorial, raça e gênero. Foram selecionados 12 repórteres com atuação em mídias tradicionais ou espaços alternativos, em

diferentes plataformas, todos profissionais amplamente reconhecidos com alguns dos prêmios mais significativos da categoria: Adriana Carranca, Andrea Dip, Armando Antenore, Caco Barcellos, Chico Felitti Daniela Arbex, Fabiana Moraes, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro, Mauri König, Natália Viana e Renan Antunes de Oliveira. O acolhimento à proposta também favoreceu a escolha, pois houve consulta a repórteres cujas agendas foram incompatíveis com o tempo exigido pela pesquisa, como ocorreu com Eliane Brum e Ângela Bastos⁶².

De maneira complementar, a escolha também se amparou no critério da notoriedade, tendo o livro como “canal obrigatório de consagração intelectual, pois abre ao jornalista a possibilidade de publicar algo mais duradouro e legítimo do que a produção cotidiana e passageira na imprensa” (PEREIRA, 2011, p. 40). Dentre os 12 selecionados, 11 têm pelo menos um livro publicado, em geral um livro-reportagem e/ou uma coletânea de reportagens, reforçando sua identificação com a atividade⁶³.

Um dos desafios na sua composição foi reunir um universo que desse conta de problematizar a prática da reportagem em profundidade no Brasil, abarcando a multiplicidade de perfis profissionais dedicados à atividade. Esse cuidado se mostrou necessário para evitar falsas inferências a partir da seleção. Embora delimitadas a um perfil específico, condicionado à atuação de repórteres especiais, a definição do *corpus* mesclou experiências do *mainstream* (TV Globo, por exemplo) com iniciativas ligadas ao jornalismo independente (como a Agência Pública). Reuniu repórteres especiais com atuação em grandes centros (São Paulo e Rio de Janeiro) e municípios menores (Juiz de Fora e Florianópolis), procurando contemplar a diversidade de práticas possíveis dentro deste quesito. Embora a condição de repórter especial seja por si só restrita e o *corpus* sempre represente uma limitação à medida que parte de uma inevitável seleção.

Sob o viés da identidade do grupo, torna-se relevante reconhecer as desigualdades históricas entre os integrantes. Cinco são mulheres, sendo uma negra. Apesar de as mulheres

⁶² As tentativas de entrevistar Eliane Brum iniciaram em maio de 2019. Ela não respondeu inicialmente. Depois de insistir, por mensagens de e-mail e em aplicativo de mensagem no celular, obtive resposta semanas depois a partir de Luciana, identificada como assistente da jornalista. Luciana me adiantou que Eliane optou desde 2019 a ser mais seletiva na concessão de entrevistas por notar que as perguntas, de modo geral, insistiam em questionar tópicos já desenvolvidos por ela. Só tive a resposta de Eliane ao e-mail (nos apêndices) final de 2019 e não foi possível entrevistá-la, por incompatibilidade de agenda, mesmo me dispondo a ir até Altamira (PA), onde ela reside. Além dela, a repórter especial do *Diário Catarinense*, Ângela Bastos alegou entrar em férias quando do nosso contato, em 29 de setembro de 2019.

⁶³ Fábio Bispo é o único dos repórteres especiais ouvidos para a pesquisa sem um livro publicado. A inclusão dele no estudo, no entanto, mostrou-se relevante com a finalidade de alcançar também uma representatividade regional, considerando seu vínculo com Santa Catarina. Armando Antenore, por sua vez, assina três livros infantis. A lista completa de obras publicadas por cada repórter especial pode ser conferida nos apêndices deste trabalho.

serem a maioria no jornalismo (MICK; LIMA, 2013), há desequilíbrios e assimetrias de gênero no mercado de trabalho⁶⁴. Historicamente, as representações de jornalista associam-se a uma identidade branca e masculina, a imagem de detetive destemido, caçador de escândalos e “herói”. Não só quanto ao perfil profissional que alcança *status*, mas também ao que é entendido como valor dominante no ambiente das redações (VEIGA DA SILVA, 2010), descortinando desigualdades. Em 2012, apenas 5% dos jornalistas brasileiros se autodeclarava negra contra 72% branca (MICK; LIMA, 2013). Esta constatação reforça a relevância da escolha de uma repórter especial negra na amostragem, sobretudo num país onde a maioria da população se identifica como não branca e essa representatividade não se reflete nos espaços de poder.

Procuramos, assim, atender a um conjunto de critérios na operacionalização da escolha dos repórteres especiais como grupo aqui analisado. Cada um dos(as) entrevistados(as) têm ampla experiência como repórter, assumindo notoriedade, reputação reconhecida e representação deste grupo social. Acumulam um conhecimento especializado sobre o processo de reportagem em diálogo com a tradição do campo. A partir daí, há o reconhecimento desses atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos acerca da prática da reportagem.

Entendendo a necessidade de que além da captação da fala, as entrevistas, quando analisadas, também precisam registrar o contexto de sua produção (MINAYO, 2007), a conversa estabelecida com repórteres foi transcrita na íntegra e pode ser consultada nos apêndices deste trabalho.

Deste modo, a pesquisa parte de um *corpus* formado por depoimentos colhidos nessas entrevistas em profundidade, reveladoras de narrativas de vida. Posteriormente, no item trajetória profissional, apresentamos a carreira profissional de cada repórter especial ouvido na pesquisa.

4.1.3 Um estudo exploratório a partir do programa *Profissão Repórter*

Dirigido e apresentado pelo jornalista Caco Barcellos e produzido pela Rede Globo de Televisão, *Profissão Repórter* reúne atributos e inovações que o permitem ser visto como laboratório da reportagem. Após a exibição de seu episódio piloto, em 28 de abril de 2006, no *Globo Repórter*, ganhou espaço como quadro do *Fantástico* meses depois, e o sucesso lhe garantiu lugar fixo na grade da emissora, a partir de 3 de junho de 2008. Com a proposta de expor também a movimentação atrás das câmeras, recorre a recursos da autorreferencialidade

⁶⁴ Como mostram diferentes estudos. Dentre eles, um intitulado “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”, produzido pela ABRAJI ([2018]).

e da metalinguagem, ou do *metajornalismo* (OLIVEIRA, 2010). Deste modo, procura “apreender seus próprios processos de produção, remetendo a um jornalismo que pensa a própria consciência e coloca em questão os problemas do conhecimento jornalístico” (SOARES; GOMES, 2013, p. 14). Tem ainda como característica a construção de três eixos temáticos a cada edição, tentando mostrar diferentes olhares sobre o mesmo assunto.

A escolha pelo programa como parte da pesquisa inicial se justifica por vários motivos, como resultado de projeto de um repórter especial. Profissionais que lá trabalharam costumam classificá-lo como “uma verdadeira escola de reportagem”, servindo de treinamento para jornalistas. A expressão aparece entre depoimentos de profissionais e na própria apresentação do *Memória Globo* (CACO BARCELLOS, c2020). O termo também é mencionado em entrevistas da jornalista e ex-editora-chefe do programa, Ana Escalada e da ex-repórter Thais Itaqui a Bruno Teixeira Chiarioni (2012, p. 193; p. 208) e se repete nas entrevistas feitas por mim com a equipe. Embora recuse o papel de professor, dizendo não ensinar ninguém, e manifestando entusiasmo com uma relação horizontal entre toda a equipe, Caco Barcellos é reconhecido por assumir a função de alguém que *tem algo a ser ensinado* junto aos repórteres: como um tutor, esclarece dúvidas, sugere caminhos e orienta decisões.

Após contato direto com Barcellos, estivemos na redação do programa em ocasiões diferentes, em novembro de 2018 e agosto de 2019, testemunhando processos produtivos, conversando com toda a equipe envolvida e acompanhando momentos do trabalho de campo. Sendo a reportagem em profundidade muitas vezes relacionada a um nicho elitista, especialmente ligado à tradição do texto escrito, a experiência no programa de televisão aberta no canal líder de audiência no país mostrou-se ainda mais relevante. Procuramos, assim, evitar um olhar exclusivista para esse tipo de prática jornalística. Também nos acompanha a preocupação de atribuir-lhe o *status* de um lugar inalcançável ou acessível apenas a poucas trajetórias consolidadas, como as de repórteres especiais. Mesmo com uma estrutura diferenciada, acreditamos que o programa não possa ser ignorado, como marco de inovações técnicas e narrativas, e também por promover a troca de saberes entre gerações.

No trabalho de campo junto à equipe de *Profissão Repórter*, as primeiras conversas foram realizadas na própria redação, na presença de outros colegas que cumpriam suas atividades profissionais de rotina. Depois do segundo dia de abordagens, esta não se mostrou a melhor opção. A mudança se deu com a chegada de Caco Barcellos à redação, ausente num primeiro momento por estar envolvido com as gravações para uma reportagem sobre a passagem da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) pelo Rio de Janeiro. Depois de cumprir exigências profissionais, Barcellos nos fez o convite para “um café na

cantina”. Desde então, os contatos que estabelecemos com a equipe passaram a ser fora do ambiente da redação. Em geral, as conversas aconteceram no restaurante ou na lanchonete da própria Globo, onde os depoentes se mostravam mais desenvoltos para emitirem suas respostas, longe da avaliação e escuta dos colegas.

Um caderno de anotações, uma espécie de diário de campo, acompanhou todo o processo de pesquisa. Comum nas pesquisas etnográficas, este recurso se mostrou apropriado para reunir impressões pessoais, sensações e momentos específicos das entrevistas individuais não captadas nas gravações das entrevistas, especialmente no acompanhamento da equipe de *Profissão Repórter*, com o registro detalhado de informações e observações.

No *newsmaking*, a técnica da observação, como lembra Wolf (1999, p. 192), é comum nos estudos sobre os processos produtivos, com abordagem etnográfica: O importante é que “a fase de observação, isto é, da presença do investigador no local, esteja sempre ligada a hipóteses de pesquisa, seja orientada segundo pressupostos teóricos precisos e não indiferenciada e casual”. A observação sistemática e as conversas mais ou menos informais com as pessoas envolvidas nas práticas permitiram o recolhimento de dados. Wolf alerta para dois riscos de comprometimento da observação: a ausência de um plano de pesquisa e a imposição de uma seleção rígida do material observável. Além disso, o modo como o observador se comporta na cena analisada pode, da mesma forma, resultar em variações, “desde uma atitude de observador passivo, que reduz ao mínimo as interações com os indivíduos analisados, até uma atitude mais participativa e integrada” (WOLF, 1999, p. 167).

No compartilhamento da experiência, o programa combina elementos diferenciais numa redação, embora cada vez mais incomuns. Em 2018, foi anunciada na imprensa a participação da jornalista de 81 anos Cecília Thompson como *free-lancer* no programa. Imaginava-se saídas da repórter de *O Estado de S. Paulo* a campo com a então mais jovem jornalista do grupo, Mayara Teixeira, a fim de possibilitar uma abordagem mais complexa e olhar original. Mas a veterana teve complicações de saúde e faleceu em 2019, inviabilizando o projeto. Em 2021, a estreia da temporada, em 23 de fevereiro, foi marcada com uma primeira *live* conduzida por Barcellos com a repórter Clara Velasco no Instagram do programa. Nesse encontro, Barcellos destacou: “O *Profissão Repórter* talvez seja o programa que mais defende e pratica a dinâmica que passa para nossa equipe incorporar realmente a sua reportagem na atuação mais plena possível, sugerindo pauta, produzindo, participando do roteiro, se quiser, da edição.”

Como o percurso para se chegar à reportagem na emissora costumava ser demorado, Barcellos pensou em contemplar os jovens do programa de estágio da empresa. O didatismo na promessa acompanha o *Profissão Repórter* desde o anúncio de estreia, ainda como quadro do

Fantástico, pelo então apresentador Pedro Bial: “Jornalismo à flor da pele. O repórter Caco Barcellos entra em campo com uma equipe de jovens jornalistas para mostrar com quantas informações, com quantas imagens, com quantas emoções se faz uma reportagem.” Quando do lançamento, Barcellos dizia querer mostrar “as dúvidas, conflitos, conquistas e decepções” da equipe. Por isso, não apresentaria o programa de uma bancada, mas da rua, queria “estar no cenário real, o mais próximo possível da notícia” (OUTRO LADO, 2006, p. 8). Em entrevista para a pesquisa, o diretor-executivo, Caio Cavechini, destacou a fronteira tênue entre reportagem e documentário, enfatizando que, em geral, o processo de produção não se difere.

Em comemoração aos 40 anos do curso de Jornalismo da UFSC, uma equipe do *Profissão Repórter* esteve na universidade em 22 de março de 2019. A atividade, no Auditório Henrique Fontes, Bloco B do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), resultou de uma parceria com o Globo Universidade, responsável pelo GloboLab Profissão Repórter. Fez parte de uma série de viagens feitas pela equipe para aproximar o *Profissão Repórter* de estudantes universitários e jovens integrantes de coletivos. O auditório lotado em plena sexta-feira de uma noite chuvosa confirmava o fascínio exercido pelo programa entre estudantes. Por cerca de três horas, Caio Cavechini e Eliane Scardovelli conduziram a conversa com estudantes e professores e mostraram reportagens produzidas por eles e por estudantes selecionados para o projeto e exibidas no programa. Apresentaram ainda os pontos centrais que sustentam a prática jornalística da equipe, destacando a força da edição no processo.

A dupla resumiu a estrutura jornalística do programa em torno de seis eixos centrais, exibidos em uma apresentação de slides: 1. Situação (contar/mostrar); 2. Observação (acompanhamento/imersão); 3. Intervenção (estratégia/necessidade/subjetividade); 4. Personagem (exemplo/complexidade/transformação); 5. Contexto (recorte/informação/detalhe) e 6. Expectativa (organização/construção/surpresa ou frustração). Embora não mencionados como tal, esses indicadores podem nos sugerir a existência de um método de reportagem, pois norteadores do trabalho e presentes também como guias da produção de repórteres especiais, como veremos adiante, nas análises.

4.1.4 Repórteres especiais: uma amostra representativa

Ainda que repórteres especiais representem um fragmento muito específico da comunidade profissional, a singularidade da forma como concebem a prática pode fornecer pistas relevantes para atender aos objetivos aqui propostos. Portanto, mesmo sendo uma parcela restrita, assumem inegável relevância sobretudo pela *representatividade*. Essa característica é

um contraponto a possíveis questionamentos quanto a uma eventual distorção por representarem um possível “desvio” do perfil padrão (BAUER; AARTS, 2017). Além disso, a estratégia de seleção adotada parece ser eficaz para o problema em questão: ampliar nossa compreensão sobre o jornalismo das reportagens em profundidade pelo olhar de quem a faz como uma espécie de “modelo”, permitindo conhecer possibilidades e limitações dessa prática na realidade brasileira.

Um dos critérios fundamentais adotados na definição do *corpus* de pesquisa foi a relevância assumida pelos profissionais no campo jornalístico, buscando por uma amostra que fosse significativa. Nesse sentido, o foco para repórteres especiais se mostrou uma decisão acertada por ser uma seleção simbólica do grupo profissional, mesclando atuações com passagens por plataformas diversas como jornal, rádio, revista, televisão, internet... Houve a preocupação em atender a diferentes aspectos contemplados na seleção da amostra, conforme detalhado no item 4.1.2, sobre a construção do corpus. Os prêmios concedidos a jornalistas brasileiros (incluindo Prêmio Esso, Jabuti, Líbero Badaró, entre outros) constituíram um dos referenciais para esta seleção, tendo em vista o reconhecimento dos pares. Sem deixar de reconhecer, entretanto, seus aspectos limitadores, como já apontado no tópico 3.1.4, sobre o Esso, por durante anos a mais respeitada das distinções.

As próprias referências de jornalistas citadas pelo grupo profissional assumiram relevância na busca por trajetórias legitimadas pelo campo. A justificativa para o *corpus* escolhido na pesquisa se relaciona não apenas à necessidade de compreender como tais trajetórias se tornaram possíveis no contexto brasileiro, mas, sobretudo, entender o modo como expressam o conhecimento tácito acumulado envolvido no exercício da reportagem em profundidade. Ainda que as condições de trabalho, remuneração e visibilidade da ampla maioria dos jornalistas em atuação no Brasil destoem profundamente da realidade vivida por repórteres a quem se atribui o título de “especiais”, é necessário compreender seus percursos e experiências. A conquista por esse espaço diferenciado, resultado de negociações e disputas internas, pode favorecer o entendimento do método da reportagem em profundidade e das estratégias de transgressão ao jornalismo industrial.

Como são jornalistas que não compartilham a mesma redação, seria complicada a realização de uma pesquisa etnográfica nos moldes tradicionais, também pela dificuldade de identificar num primeiro momento, pela observação, suas concepções acerca da atividade e os tensionamentos em torno dela, questões centrais nesse estudo. Apesar de os casos aqui apresentados comporem um fragmento raro da profissão, o que pode dificultar a generalização das possíveis descobertas e resultados levantados pelo estudo, a escolha se mostrou eficaz: pois,

“quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha”, como indicou Eco (1995, p. 10).

Ainda que não escape do inevitável grau de arbitrariedade da seleção do *corpus* em certa medida, a pesquisa procura no foco desses profissionais destacados a compreensão de como a reportagem em profundidade se manifesta para seus autores tendo em vista a maneira significativa como influenciam seus colegas, futuros profissionais, o campo jornalístico como um todo. Depoimentos de repórteres especiais sobre suas práticas interessam pela maneira como interpretam seus fazeres, considerando o lugar simbólico que ocupam. Mas, não só. À medida que procuram transgredir contra padrões vigentes, criam brechas e caminhos, mostrando outras formas possíveis de se fazer jornalismo, indicam limitações e possibilidades do fazer jornalístico brasileiro. A expressão “repórter especial” significa neste estudo o próprio modo como esses profissionais são identificados entre a categoria, como tratado no Capítulo 2 (seção 2.5).

Na identificação desses profissionais, podemos observar características comuns: 1) Acumulam experiência reconhecida, servindo de referência; 2) Alcançam um trabalho mais autônomo e com estatuto autoral, focado em fontes não oficiais; 3) Têm seu prestígio social apropriado por veículos que divulgam seus trabalhos como aliados na credibilidade; 4) Suas narrativas costumam se pautar nas complexidades da realidade, transcendendo os limites do acontecimento imediato; 5) São vistos como símbolos da profissão e, portanto, consolidam-se como vozes autorizadas a falar em nome da instituição; 6) Pressionam dinâmicas e padrões das redações, participando ativamente de todo o processo da reportagem, da pauta à edição final; 7) Têm uma relação de confiança estabelecida com as chefias, sem deixar de transgredir limites e pressões das rotinas produtivas industriais; 8) Resistem à possibilidade de saída da atividade da reportagem mesmo quando assumem cargos de comando de equipes.

4.1.5 Implicações éticas

A preocupação com questões éticas acompanhou o percurso de produção em cada uma das etapas da pesquisa, desde o planejamento (com a busca de aprovação da empresa responsável pela redação escolhida como estudo exploratório) até a publicação final dos resultados e descobertas alcançadas. No início da condução da pesquisa, os objetivos do estudo foram expostos a cada um dos entrevistados consultados ainda na abordagem inicial dos indivíduos. Essas questões surgiram especialmente durante a fase de coleta de dados, no contato direto com cada uma das pessoas entrevistadas, procurando não deixar dúvidas sobre o processo

de produção da pesquisa. Seguindo parâmetros da ética em pesquisa, houve o cuidado de evitar divulgar informações que potencialmente possam prejudicar ou comprometer de forma negativa os participantes, incluindo não invadir suas privacidades, nem enganá-los quanto aos propósitos da pesquisa.

A realização da pesquisa seguiu a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sobre pesquisas com seres humanos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, tendo como pressuposto a proteção devida aos participantes. Deste modo, foi submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), com a adoção de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que tramitou no CEPSH da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde obteve aprovação. Este documento formaliza as diretrizes do estudo, estabelecendo um “contrato” entre pesquisador e participante, com a definição de regras gerais e possíveis riscos e benefícios oferecidos, ressarcimento e indenização, além de explicar objetivos e procedimentos da pesquisa. Esses documentos constam nos Apêndices para consulta, sendo que estamos de posse dos originais, com as devidas autorizações.

As entrevistas foram realizadas de modo individual, com questões formuladas de acordo com o perfil e a experiência de cada entrevistado(a). As questões se concentraram no seu método de trabalho na prática como repórter, modos de fazer e compreender a atividade. O formato da entrevista adotado foi semiestruturada, quando as perguntas não são pré-determinadas, tendo como apoio questões amplas. Os participantes expressaram o seu livre consentimento em participar de forma voluntária, sem qualquer vantagem adicional, podendo desistir a qualquer momento. Foi lhes garantido o anonimato, se assim desejassem. Os informantes foram avisados de que não eram obrigados a assinar o termo de consentimento, que reforça o fato de a participação no estudo ser voluntária e não coloca os participantes ao risco indevido. Nenhum deles recusou assinatura, evitando a necessidade de criar nomes fictícios ou pseudônimos na preservação de identidades.

Ficou condicionada a divulgação das respostas apenas para fins científicos e acadêmicos, como prevê o TCLE. No caso da observação, foi solicitada ainda uma autorização à instância institucional da empresa Rede Globo, responsável pelo programa *Profissão Repórter*. O documento, assinado pela editora-chefe do programa, Janaina Pirola, também se encontra nos Apêndices. Quase todas as entrevistas realizadas para a pesquisa ocorreram de modo presencial, respeitando as sugestões de local e o tempo de cada um dos repórteres ouvidos.

4.1.6 Uso de entrevistas

A escolha pelas entrevistas como técnica de investigação principal justifica pelo próprio problema de pesquisa, ou “eixo da investigação”, nas palavras de Braga (2011 p. 11). No jornalismo ou nas Ciências Sociais, guardadas as suas próprias particularidades, um argumento que costuma sempre aparecer como ressalva à prática da entrevista é a veracidade das informações coletadas. Como define Goldenberg (2004, p. 85-86): “Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer proteger de si mesmo e de outros.” É preciso, pois, compreender tal limitação inerente a essa escolha, como detalhado adiante. No entanto, a entrevista se constitui uma tentativa de aproximação do grupo pesquisado. Outra forma de compreendê-la é como faz Marocco (2012a), entendimento que se tem nesta pesquisa.

A maior parte dos depoimentos de repórteres especiais usados na análise foi colhida na entrevista em profundidade. Além da pesquisa documental, em alguns casos se fizeram necessárias ainda consultas adicionais aos entrevistados, por telefone ou aplicativo de mensagem, buscando o esclarecimento de algum ponto tratado superficialmente na conversa. Esses relatos também constam nas transcrições das entrevistas, nos Apêndices. As conversas foram gravadas para facilitar a captação exata da expressão dos depoentes.

A presença do gravador pode representar um fator de inibição aos entrevistados. Em *Arte de pesquisar*, Miriam Goldenberg (2004), ressalta que a personalidade e as atitudes do pesquisador também interferem nas respostas obtidas: a criação de uma relação de confiança e atmosfera amistosa estabelecida entre pesquisadores-entrevistados pode levar ao surgimento de outros dados. Durante todo o processo de realização das entrevistas, a postura assumida pela pesquisadora procurou deixar os informantes à vontade para que falassem sem constrangimentos. Numa das situações, com Daniela Arbex, a entrevista foi na casa da depoente, atendendo a uma sugestão dela na busca por uma atmosfera de maior proximidade. Noutros casos, como no contato com José Hamilton Ribeiro, a entrevista foi dividida em diversas etapas, a fim de contemplar ao máximo a riqueza de experiências acumuladas pelo repórter, respeitando suas limitações de tempo.

Além das entrevistas em profundidade com os 12 repórteres especiais, a pesquisa envolveu ainda a realização de entrevistas com 17 integrantes da equipe de *Profissão Repórter*, como parte da pesquisa exploratória. As entrevistas com repórteres especiais e com integrantes da equipe de *Profissão Repórter* procuraram valorizar o conhecimento tácito, derivado do aprendizado adquirido pela experimentação. Nessas abordagens, a indagação central foi: *Como*

se dá seu método de trabalho adotado na reportagem? (critérios de definição de uma pauta, escolha de fontes, etapas envolvidas no processo...). A intenção foi orientar os sujeitos a exporem o que julgavam importante desse processo, tendo como norte este eixo central, de modo a deixá-los o mais à vontade possível para comentarem de maneira espontânea. O compartilhamento desse conhecimento internalizado e de difícil verbalização constitui a primeira etapa do processo de criação de conhecimento, no modelo sugerido por Takeuchi e Nonaka (2008, p. 248): “O diálogo enfim traz o desconhecido para a superfície.”

Paralelamente, foram realizadas conversas informais complementares às análises com quatro teóricos - dos estudos da reportagem e da Filosofia da Ciência - não utilizadas nas análises, mas decisivas na melhor compreensão teórica, a partir da perspectiva de cada autor. Cremilda Medina e Nilson Lage trataram do modo como compreendem reportagem a partir de revisitas e atualizações às suas obras e Marialva Barbosa falou sobre sua forma de ensinar reportagem como professora de redação jornalística há mais de 40 anos. Alberto Cupani discorreu sobre características do método científico, numa possível aproximação com o método jornalístico. Fragmentos dessas conversas não integram o *corpus*, mas embasam pressupostos teóricos, apresentados no segundo capítulo da tese.

Quadro 3 – Local, data e duração das entrevistas com repórteres especiais

Repórter especial entrevistado(a)	Data da entrevista	Local da realização da entrevista	Tempo de gravação
Adriana Carranca	02/08/2019	Num café, em Indianópolis (SP)	1h10min
Andrea Dip	05/08/2019	Num café, nos Campos Elíseos (SP)	54min
Armando Antenore	03/04/2021	Por webchamada em função da pandemia	2h02min
Caco Barcellos	14,15 e 16/11/2018 01/08/2019	Restaurante, TV Globo SP e Redação do <i>Profissão Repórter</i>	4h30min
Daniela Arbex	26/03/2018 e 04/08/2019	Em coletiva de imprensa na passagem pela UFSC e na sua residência em Juiz de Fora (MG)	57min + 1h30min
Fabiana Moraes	06/11/2019 e 12 e 21/08/2020	Na sede da Universidade Federal	38min + 35min

		de Goiás (UFG), em Goiânia, durante a SBPJOR 2019 e por aplicativo de áudio	
Fábio Bispo	24/03/2021	Por webchamada em função da pandemia	1h35min
José Hamilton Ribeiro	12/09/2019, 28/11/2019, 27/05/2021 e 24/06/2021	Em coletiva de imprensa na sua passagem pela UFSC e por ligação telefônica.	20min +35min + 5min+ 23min
Mauri König	24/04/2020, 21/04/2021 e 17/06/2021	Por webchamada em função da pandemia	1h35min + 10min + 10min
Natália Viana	01/08/2019	Em um restaurante em São Paulo.	1h25min
Renan A. de Oliveira	10/10/2018	Na cantina do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC	1h53min
Tempo total de gravação			20h27min

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 4 – Local, data e duração das conversas informais com teóricos

Entrevistado(a)	Data da entrevista	Local da realização da entrevista	Tempo de gravação
Alberto Cupani (UFSC)	13/11/2019	Em sua sala, no Depto de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis	34min
Cremilda Medina (USP)	19/11/2018	Em sua casa, no Bairro Higienópolis, em São Paulo	51min
Marialva Barbosa (UFRJ)	22/10/2019	No pátio da ECO/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro	10min
Nilson Lage (UFSC)	22/03/2021	Por webchamada em função da pandemia de Covid-19	1h30min
Tempo total de gravação			3h05min

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2 A ENTREVISTA NA PRÁTICA JORNALÍSTICA E NA PESQUISA

Na atividade jornalística, a entrevista é uma prática comum, podendo ser compreendida de diversos modos. Em diferentes áreas do conhecimento e disciplinas, sobretudo nas Ciências Sociais, a entrevista configura-se como um dos principais métodos de pesquisa e técnica para coleta de dados. Dependendo da perspectiva, pode ser entendida como um espaço privilegiado de reflexão envolvido em relações de poder (VOGEL, 2012), um diálogo (MEDINA, 2008b; TRAVANCAS, 2012), uma interação simbólica (PEREIRA, 2012). Foi também considerada como “a mais pública das conversas privadas” (HALPERÍN, 2008, p. 14, tradução nossa) e denunciada pelo “fascismo da pergunta”, como o fez o escritor Milan Kundera⁶⁵. Aqui, a escolha é pelo uso não da entrevista jornalística, mas da entrevista de pesquisa em jornalismo, guiada suas características intrínsecas e pela vigilância epistemológica.

É preciso enfatizar essas diferenças para evitar possíveis equívocos de interpretação, pois na prática jornalística há certo consenso quanto à admissão da entrevista como “procedimento clássico” (LAGE, 2017, p. 73) na apuração. Nesse sentido, há possibilidade de contemplar a entrevista nos estudos de gêneros jornalísticos. Marques de Melo (2020, p. 215) a classifica como um formato dentro do gênero informativo, ao lado da nota, notícia e reportagem: Nesta classificação, a entrevista seria “relato que privilegia a visão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos”. Medina (2008b, p. 18) é uma das autoras com protagonismo ao pensar a concepção de entrevista jornalística, propondo a seguinte definição: “em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”.

A ambiguidade da palavra entrevista é apontada por Lage (2017) ao lembrar que esta pode significar qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte, uma conversa de duração variável com detentor de informações de interesse público e matéria publicada com as informações recolhidas. Lage (2017) classifica a entrevista do ponto de vista dos objetivos, podendo ser ritual, temática, testemunha, e em profundidade, e quanto às circunstâncias, sendo ocasional, confronto, coletiva e dialogal. A conduta profissional esperada de quem entrevista no jornalismo é um ponto assinalado por diferentes autores como fundamental, pois interfere nas respostas obtidas dos entrevistados. Por isso, o recomendado é estabelecer um clima

⁶⁵ “[...] *la más pública de las conversaciones privadas*” (HALPERÍN, 2008, p. 14). “*Fascismo de la pregunta*” (HALPERÍN, 2008, p. 19). No livro *Imortalidade*, Kundera provoca: “o poder do jornalista não se fundamenta sobre o direito de fazer uma pergunta, mas sobre o direito de exigir uma resposta”. Em compreensão semelhante e com forte influência da psicanálise, a repórter Eliane Brum se define como “uma escutadeira” ou uma “repórter que não pergunta” (MAROCCO, 2012b, p. 71) por entender que a primeira pergunta é violenta, pois já direciona.

amistoso, de confiança e empatia. Lage (2017) observa que a postura de profissional do jornalismo deve ser de descrição, como um coadjuvante, sem deixar, no entanto, de manter o comando da conversa. Na prática jornalística, Medina (2008b) alerta que a entrevista pode ser apenas uma técnica, quando se limita a buscar respostas por um questionário, na fria relação entre entrevistado-entrevistador, ou um diálogo interativo, tendo como ênfase a vivência na comunicação humana. Ela reconhece o potencial democrático, plural e dialógico da entrevista sendo a escuta qualificada e empática uma exigência do trabalho jornalístico.

É necessário considerar que a entrevista jornalística se difere da entrevista na pesquisa científica, pelos próprios objetivos peculiares de cada uma das atividades. Desenvolvida pelas Ciências Sociais, a entrevista em profundidade constitui uma das técnicas mais utilizadas no levantamento de dados da pesquisa qualitativa, amplamente utilizada em áreas como Sociologia, Comunicação, Antropologia e História. É empregada de acordo com diferentes perspectivas teóricas e tipos específicos, conforme a problemática do objeto em questão, procurando acessar informações que a pesquisa bibliográfica e a observação não alcançam. Sabendo que nenhum método é capaz de esgotar o objeto ou apreendê-lo em todas as suas dimensões, e que não há neutralidade nas técnicas, é necessário reconhecer também as limitações, controvérsias e ambiguidades da entrevista em profundidade. Ao mesmo tempo que pode levar à possibilidade de conhecer aspectos da realidade social que não se revelariam de outra forma, também traz consigo a dificuldade de captar certas situações que não se permitem apreender, dificultando uma generalização analítica.

Entre as justificativas frequentemente alegadas para a escolha da entrevista em profundidade, há diversas motivações. Poupart (2012) alega três principais: a primeira, de ordem epistemológica (tendo em vista a exploração em profundidade dos atores como indispensável na compreensão das condutas sociais); a segunda, de ordem ética e política (abrindo a possibilidade de conhecer internamente dilemas e questões enfrentadas pelos agentes sociais) e, a última, de caráter metodológico (como instrumento privilegiado de acesso às experiências dos atores sociais). O autor reputa às entrevistas, salvo seus limites, um dos melhores meios para apreender os pontos de vista e sentidos que os autores dão às suas condutas. Deste modo, entrevistados são aqueles em melhor posição para falar o que pensam, sentem e fazem, para, em síntese, descreverem suas experiências. Poupart, no entanto, alerta sobre o cuidado no tratamento dos dados coletados nas entrevistas, pelos pesquisadores.

Embora sejam uma forma de acessar visões de mundo e as interpretações dos atores para suas próprias experiências sociais e do universo que os cerca, as entrevistas não representam a garantia de exatidão ou correspondência à realidade. Poupart (2012, p. 219)

difere o conhecimento científico das explicações originárias dos atores: “ainda que [...] continue sendo uma construção da realidade, ele é, todavia, o resultado de um esforço sistemático da parte do pesquisador para romper com os pressupostos do senso comum e com aqueles da ciência estabelecida”. Esse conhecimento se distingue por resultar do esforço em elaborar interpretações baseadas em construções teóricas submetidas à verificação empírica. No campo jornalístico, Pereira (2012, p. 41) considera que “uma entrevista é uma narrativa construída por ocasião de uma situação de interação simbólica”. Não deve ser vista como transmissão de dados objetivos, mas como espaço de produção de sentido, com a presença de um interlocutor.

O presente estudo se orienta pelas significações existentes nas falas de repórteres sobre a prática da reportagem, ou seja, a forma como esses sujeitos organizam seus conhecimentos tácitos e vivências nos relatos construídos acerca da atividade profissional. Depoimentos em primeira pessoa constituem fontes privilegiadas de consulta na pesquisa qualitativa, pois os sentidos elaborados narrativamente trazem consigo potencialidades como a (re)elaboração de questões internas. A construção textual do narrador permite alcançar representações cognitivas, modelos mentais e subjetividades do seu modo de compreender determinados fenômenos que se expressam em significados negociados intersubjetivamente (BERGER; LUCKMANN, 1976). Deste modo, esta pesquisa quer evitar o reforço da projeção do repórter especial como jornalista ‘fora do padrão’ do grupo, mas entender como esses profissionais chegaram a esta condição e autorrepresentam os processos envolvidos em suas práticas.

Em geral, a modalidade entrevista aparece de forma naturalizada nas pesquisas da área, sendo tratada de maneira superficial pela literatura jornalística com o reforço de uma leitura técnica e normativa (PEREIRA, 2017). Se o uso da entrevista semiestruturada como recurso metodológico tem o desafio de apresentar dados de difícil sistematização, esta técnica de pesquisa qualitativa permite ganhos como a profundidade na coleta de dados, fundamental para a pesquisa em questão. Assim, a compilação das narrativas possibilita a identificação do modo de pensar de um determinado grupo, além de permitir o recolhimento de testemunhos e interpretações individuais, a compreensão de crenças, representações e valores (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Essa pesquisa quer se afastar, no entanto, de uma *concepção representacionista* do discurso, que concebe a entrevista como um instrumento neutro e transparente de informações cuja prioridade seria transmissão de informação (MONDADA, 1997; PEREIRA, 2012). Tal dimensão problematizadora da entrevista como recurso metodológico raramente é levantada, seja em manuais sobre o tema ou nas práticas, frente à naturalização do instrumento como

escolha na pesquisa. Mas a entrevista não é uma ferramenta metodológica transparente ou imparcial de seleção de dados.

É comum que um pesquisador da área utilize transcrições das falas dos sujeitos entrevistados como dados objetivos, desconsiderando o processo de coconstrução desse tipo de narrativa, ou seja, as condições de produção do discurso gerado por meio de uma entrevista. Os trechos transcritos são selecionados e inseridos nos relatos de pesquisa como forma de reforçar a linha de argumentação do pesquisador, como se fossem as “aspas” de uma matéria jornalística, como se o relato de um informante fosse suficiente para que uma situação narrada possa atingir o *status* de realidade objetiva (PEREIRA, 2012, p. 33)

Outras questões controversas rondam a entrevista. Bauer e Gaskell (2017, p. 23-24) advertem que: “o problema surge quando os entrevistados dizem o que o entrevistador gostaria de ouvir”. Nesta pesquisa, a entrevista é assumida como resultado de uma interação simbólica entre pesquisadora-entrevistado(a). Em outras palavras, um “acontecimento comunicativo, no qual interlocutores, incluído o pesquisador, constroem coletivamente uma versão sobre o mundo” (MONDADA, 1997, p. 59). Sendo a enunciação uma elaboração conjunta, não pode ser descrita pelo valor de verdade. Esta concepção intersubjetiva da linguagem propõe que a pesquisadora não procura nas interpretações dos entrevistados uma versão oficial ou única sobre o objeto em questão. As palavras pronunciadas nas entrevistas não são tomadas como verdade, numa visão simplista, acrítica e ingênua, mas tensionadas. A análise busca identificar incoerências e possíveis contradições que talvez não apareçam num primeiro momento de escuta.

4.2.1 A entrevista como acesso aos saberes jornalísticos

Além de se configurar como fundamento da prática profissional nas rotinas de produção jornalística, a entrevista também assume sua potência nos estudos teóricos em jornalismo como possibilidade de alcançar conhecimentos tácitos. Adepta deste recurso como amparo metodológico, Marocco defende a entrevista como um modo de acesso aos saberes jornalísticos. Para ela, a entrevista constitui um “dispositivo de revelação do saber jornalístico” (MAROCCO, 2012a, p. 145). Na concepção da autora, “a entrevista dá acesso ao fluxo contínuo de conduta e as formas materiais de expressão da atividade através de uma descrição familiar ou de um entendimento teórico” (MAROCCO, 2012a, p. 152). Apoiada em Giddens (2009) e sua teoria da estruturação, a pesquisadora acredita que não há maneira melhor para entender as práticas do que deixar jornalistas falarem por si próprios.

Indicada como modo de acesso à consciência discursiva (GIDDENS, 2009), a entrevista constitui uma estratégia de enfrentamento do objeto de estudo, com potencial de revelar aspectos da subjetividade e das escolhas de participantes, não limitadas ao questionário fechado. Focada nas formas como profissionais do jornalismo reconstróem suas práticas e vivências, nesta pesquisa a entrevista busca captar valores, referências e representações de cada repórter. Sustenta-se na necessidade de deixar jornalistas falarem por si próprios para avançar na compreensão de suas práticas (MAROCCO, 2012a; 2012b, 2016), sabendo que dessas narrativas se fazem suas identidades sociais.

Autora do projeto de pesquisa intitulado “O controle discursivo que toma forma e circula nas práticas jornalísticas”, cujo resultado foi publicado no livro *O jornalista e a prática: entrevistas*, Marocco (2012b) realizou 16 entrevistas em busca do saber que circula nas redações. Reconhecendo jornalistas como vozes autorizadas a falar sobre seus fazeres, procurou desenvolver uma teoria da prática jornalística. Ao descrever sobre o processo das entrevistas, ela comenta que “as entrevistas foram se demonstrando, em sua maioria, mais um exercício de escuta e de vigilância epistemológica, que fazia eco frequentemente na memória da pesquisadora, do que uma entrevista estruturada ou semiestruturada” (MAROCCO, 2012b, p. 234). Como também aponta a pesquisadora, para os entrevistados, especialmente os de maior visibilidade midiática, falar da prática é algo frequente, em entrevistas e falas públicas.

Marocco (2012b, p. 235) observa que, “no caso específico dos jornalistas, como a entrevista é parte de sua rotina diária, mesmo em posição de inferioridade, em relação ao entrevistador, os entrevistados, exercitaram uma capacidade de reação extremamente diversificada”. Ainda assim, a entrevista daria acesso a possibilidades de compreensão de suas práticas. Ela lembra que Foucault, com as ações do Grupo de Informações sobre as Prisões (GIP), fez uso da entrevista inicialmente para garantir visibilidade e presença às vozes silenciadas pelos jornais, ao acessar o depoimento de presidiários. A autora entende que examinar a prática dando palavra aos jornalistas, em longas entrevistas, revelou-se como o caminho “para construir uma teoria sobre suas práticas, entre elas, a de entrevistar fontes, tendo como ferramenta de trabalho a mesma metodologia que foi empregada para ouvi-los, em busca de informações de pesquisa” (MAROCCO, 2016, p. 29).

A escolha pela entrevista como suporte metodológico costuma ser questionada frente ao risco de o entrevistado mentir ou dissimular nas respostas. Marocco (2012a) não esconde esta preocupação e busca amparo em Giddens (2009) para contrapor este argumento: Ela lembra que, para o autor, o conteúdo transmitido na entrevista é mais importante do que a desconfiança sobre a sua fiabilidade. Deste modo, ela defende que “a ferramenta central, mais próxima das

práticas (em seu desdobramento de gênero jornalístico) e mais apropriada para operar nos níveis epistemológico, metodológico e de tratamento de dados, é a entrevista” (MAROCCO, 2012b, p. 240). Isso se explica, sobretudo, pela sua potência de ‘dispositivo de revelação da consciência discursiva’ de jornalistas, permitindo o desenho de um entendimento teórico das bases de sua própria atividade jornalística.

Em geral, um dos pontos também questionados na escolha pela entrevista é a possibilidade de o entrevistado não responder com detalhamento e confiabilidade esperada ou escolher fragmentos que lhe favoreçam. Embasada em Bourdieu e sua ideia de ilusão biográfica, Marocco (2012a) pondera sobre o risco de o jornalista selecionar acontecimentos que lhe forem convenientes. Indaga como poderemos ter certeza de que jornalistas entrevistados não dissimularam sobre as suas atividades. Mas, frente aos conhecimentos adquiridos pelos atores sociais, a pesquisadora defende a elaboração discursiva sobre a prática como um possível potencial para avanços na compreensão do jornalismo, daí a necessidade de conceder a palavra a jornalistas. Como não existem métodos perfeitos, cada escolha implicará inevitavelmente em vantagens e limitações.

Em sua potência de dispositivo de revelação da consciência discursiva dos jornalistas, a entrevista engendra um espaço autônomo, em que se desenha, de entrada, um entendimento teórico das bases de sua própria atividade (GIDDENS, 2009 apud MAROCCO, 2012b, p. 240). Antes disso, já no início dos anos 1980, Cremilda Medina reivindicava a necessidade de jornalistas serem ouvidos na análise sobre o papel social da imprensa de estabelecer o diálogo com todos os segmentos da população. Para ela, isso se dava ainda pelo jornalismo ser uma profissão nem sempre reconhecida e respeitada, expondo as batalhas em torno de sua regulamentação e a rejeição da especificação profissional que descarta a preparação formal. Assim, geralmente sociólogos, cientistas políticos, juristas e literatos eram convocados para tratar do assunto ou ainda aqueles que fizeram do jornalismo um trampolim para a atividade política. O “[...] verdadeiro operário da informação, raras vezes é ouvido. Passa despercebido, sob várias alegações, a mais nítida delas, um certo preconceito da ‘elite intelectual’ quanto às limitações do ponto de vista teórico” (MEDINA, 1982, p. 21).

A autora chama a atenção para o risco do desprezo ao conhecimento acumulado por jornalistas que vivenciam o cotidiano da profissão, e que reúnem, portanto, experiências proporcionadas muitas vezes somente pela prática profissional. E conclui: “Com isso, as reflexões críticas e teorizações sobre seu papel carecem sempre de informações vivas, de situações reais e de compreensão do que se passa, efetivamente, no processo de trabalho do jornalista em seu dia-a-dia.” (MEDINA, 1982, p. 21). Ainda que o alerta remeta a um livro

escrito há praticamente 40 anos, esta perigosa postura de indiferença aos jornalistas ‘da prática’ ainda se manifesta no campo, o que torna o movimento de escuta desses profissionais ainda mais relevante para ultrapassar as dicotomias entre teoria e prática tão impregnadas na área. Afinal, como pensar uma teoria do jornalismo sem considerar a vivência de quem está no exercício profissional?

4.2.2 O problema de entrevistar jornalistas

Os sujeitos ouvidos para esta pesquisa exercitam a entrevista nas suas rotinas profissionais. Mas, embora tenham pleno domínio da entrevista na prática jornalística, alimentam uma expectativa associada ao próprio fazer, portanto, não à entrevista na pesquisa. Ainda assim, entrevistar quem tem a entrevista como ferramenta de trabalho e, portanto, dispõe controle sobre ela, impõe um desafio a quem tem nesses sujeitos o centro do objeto de pesquisa. Aqueles que ocupam ou já estiveram na função de repórter especial geralmente concedem falas públicas ou palestras dirigidas, em permanente contato com estudantes ou profissionais do jornalismo. Por esse motivo, embora a fala na entrevista induza um discurso solto e não preparado, poderia haver impedimentos na busca por interpretações mais espontâneas. Afinal: “entrevistar jornalistas envolve, antes de tudo, uma situação bastante peculiar de interação: conversamos com pessoas que também conhecem e se utilizam da entrevista como forma de produzir conhecimento sobre o mundo” (PEREIRA, 2012, p. 37). Por isso, foram necessárias algumas precauções durante a pesquisa empírica.

Na realização das entrevistas, foi priorizado o encontro presencial, valorizando a interação entre entrevistadora-entrevistados(as), a observação não apenas do *que* é dito, mas de *como* o discurso é dito e a possibilidade de mudar o rumo da conversa. O contato pessoal olho no olho se mostrou fundamental. Nesse sentido, o comportamento do entrevistado assumiu um grau de relevância. Um roteiro prévio com questões centrais amparou as conversas, mas as interações não se limitaram a um questionário convencional, dando espaço para a entrevista em profundidade, ou semiestruturada. Na fase final da coleta de dados, no entanto, foram necessárias entrevistas por telefone, em função da pandemia de Covid-19, casos dos contatos com os repórteres especiais Armando Antenore, Fábio Bispo, José Hamilton Ribeiro e Mauri König. Chico Felitti aceitou conceder a entrevista desde que fosse por *e-mail*.

O pesquisador Fábio Pereira (2011) utilizou a entrevista como recurso metodológico na sua pesquisa de tese publicada no livro *Jornalistas-intelectuais no Brasil*. Ele lembra que uma das técnicas usadas é a de transformar a entrevista em uma conversa, tentando romper com o

formato clássico de uma entrevista. Pereira (2012, p. 33) enfatiza ainda o risco de a entrevista ser vista apenas “como processo de transmissão de dados objetivos”, quando o pesquisador se utiliza das transcrições das falas dos sujeitos desconsiderando a produção de sentido envolvida nesse tipo de narrativa criada com vista num interlocutor. Tendo investigado a trajetória e a identidade de dez jornalistas-intelectuais brasileiros, ele analisa os desafios enfrentados nas entrevistas com profissionais de amplo prestígio e notoriedade. Mas, o conhecimento do papel de fontes de informação por todos nem sempre refletia em resultados positivos.

Pereira (2012, p. 38) conta que durante a pesquisa frequentemente teve de “ouvir belas respostas dadas no piloto automático, que agregavam muito pouco em termos de compreensão sobre questões identitárias”, seu objeto de estudo. Algumas delas se aproximariam de depoimentos desses interlocutores coletados em outras ocasiões, como entrevistas concedidas a jornalistas ou textos autobiográficos. Pereira remete os episódios ao que o sociólogo Howard S. Becker chama de “linha oficial” de um depoimento: “narrativas idealizadas, que se cristalizam no imaginário de entrevistados e podem ser repetidas em diferentes ocasiões” (PEREIRA, 2012, p. 38). O autor pondera ainda sobre o problema da objetivação dos dados gerados a partir de entrevistas qualitativas, com a dificuldade de trazer o sentido coletivo de um fenômeno social como o jornalismo a partir de narrativas ‘microsociológicas’ na interpretação dos dados.

Mas valoriza o potencial da entrevista como ferramenta de pesquisa, seja pela sua versatilidade adaptável a diferentes contextos ou pela dimensão qualitativa agregada aos fenômenos analisados. Desdobrando especificidades desse recurso de pesquisa com jornalistas como estratégia metodológica, Pereira e Neves (2013) consideram a entrevista como uma interação simbólica, de negociação de pontos de vista, interpretações sobre o mundo em geral e das próprias identidades sociais. Numa perspectiva interacionista e etnográfica, argumentam que o uso desta técnica aplicada aos profissionais do jornalismo na pesquisa empírica exige cuidados e precauções na “constituição de um corpus de pesquisa representativo, na realização de entrevistas mais longas e flexíveis e no desenvolvimento de mecanismos de resgate da memória de minimização da linha oficial no discurso dos informantes” (PEREIRA; NEVES, 2013, p. 48).

4.3 ETAPAS E PROCESSOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

As inferências a partir dos depoimentos concedidos por repórteres especiais foram norteadas por princípios estabelecidos na análise de conteúdo (BARDIN, 2016;

HERSCOVITZ, 2007). Este recurso de interpretação dos dados se mostrou útil sobretudo para lidar com a quantidade de material reunido, entre depoimentos colhidos nas entrevistas e repercussões diversas com a pesquisa documental complementar, e também buscar compreensões “além dos seus significados imediatos”, como resume Bardin (2016, p. 34). A organização da análise cumpriu as três etapas sugeridas pela autora: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Todo o processo de organização dos dados levantados foi guiado pela busca por unidades comparáveis de categorização, baseadas em princípios de classificação e pertinência conforme o quadro teórico para a análise temática.

O tratamento do rico e complexo material obtido com as entrevistas buscou atender às necessidades específicas do objeto empírico e dos objetivos da pesquisa, guiando-se pelo empírico, com a descrição sistemática do conteúdo levantado. Assim, um conjunto de categorias serviu de base à análise, divididas em grandes grupos a partir de conceitos-chave: Identidade dos sujeitos, contemplando origem social, formação, referências e trajetória profissional (expostas no capítulo seguinte, como parte da apresentação dos sujeitos pesquisados); e, por fim, Percepções sobre o processo de reportagem. Neste último caso, a separação do material empírico coletado teve como base as três principais competências jornalísticas, os saberes de reconhecimento, procedimento e de narração, atribuídas por Ericson, Baranek e Chan (1987), apresentados no próximo capítulo na busca por responder à pergunta principal da pesquisa.

Na tradição deste tipo de pesquisa, com ênfase para os depoimentos dos atores selecionados, a memória se configura um elemento basilar, capaz de revelar a reconstrução e ressignificação das vivências. Sendo a memória “uma dimensão fundamental dos processos identitários” (LOPES, 2013, p. 25), o alinhamento da organização narrativa desses pedaços de histórias de vida desvela potencial interesse de estudo na compreensão desses sujeitos, como instrumento de análise. Pois, “a autonarrativa e, por consequência, a identidade são apoiadas por essas informações e – mais do que isso – pelo uso que o indivíduo ou grupo faz dessa informação” (LOPES, 2013, p. 26). Na leitura das trajetórias de vida pessoal e profissional dos sujeitos desta pesquisa e no modo como mobilizam as próprias experiências para tratar da profissão, é possível apreender formas de conceber práticas profissionais e de construção identitária.

Neste quarto capítulo, apresentamos as principais escolhas que moldaram a construção metodológica do trabalho. O processo iniciou com a pesquisa exploratória, incluindo questionário com levantamento de informações iniciais, passando pela imersão junto às rotinas do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, para chegar à delimitação do objeto, com a

definição por depoimentos de repórteres especiais. A maior parte da coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas em profundidade com o grupo selecionado, mas também contou com pesquisa documental complementar. Sublinhamos aqui as potencialidades e limitações do uso de entrevistas em profundidade na pesquisa, ressaltando que cada escolha metodológica implica inevitavelmente em vantagens e desvantagens.

No próximo capítulo, adentramos na análise empírica, com a abordagem das percepções dos sujeitos sobre suas trajetórias, procurando melhor conhecer suas trajetórias individuais e como elas se relacionam com o campo jornalístico e o método da reportagem.

5 PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS

Quem são e como narram a própria história constitui aspecto inaugural analisado. Sendo a produção da reportagem também atravessada pela identidade dos sujeitos, os lugares sociais onde circulam e as experiências individuais interferem no próprio modo como enxergam o mundo e articulam seus fazeres. Essas subjetividades se misturam a um estilo de vida partilhado em termos de valores: Um sistema de referências comuns, um modo particular de ver certas coisas e não outras da realidade social, na leitura de Bourdieu (1997), ou uma “cultura compartilhada”, conforme define Neveu (2006, p. 37). Jornalistas desenvolvem uma relação peculiar com a profissão: para muitos, ser jornalista significa uma maneira de estar no mundo, além de um pertencimento social. Como apontava um dos primeiros estudos sobre a identidade social profissional no Brasil, início dos anos 1990, repórteres representam a imagem “paradigmática da carreira jornalística” (TRAVANCAS, 2011, p. 16), onde o ofício se define.

Entendendo que ser repórter está na essência e na base da profissão, Isabel Travancas (2011) desenvolveu um acompanhamento etnográfico com profissionais nesta função, pois a atividade de repórter reuniria diferentes ocupações do jornalismo, também por ser a maneira como a sociedade define o jornalista. No ato de narrar as suas histórias, repórteres especiais revelam modos de conceber a própria prática profissional, apontando para vestígios sobre sua construção identitária. Por isso, torna-se um aspecto importante perceber sua autoimagem, como autodeclaram suas origens, influências e percursos, pois a identidade do jornalista não resulta apenas de uma prática: “também engloba os valores, as crenças, os mitos, os saberes, as representações sociais, a história, a memória, as relações de poder, além de outros elementos que são fonte de fortes ligações para os indivíduos que compõem um grupo” (LOPES, 2013, p. 29-30).

Nesta proposição, entender quem são os jornalistas também contribui na compreensão do que fazem e como fazem, além do significado social atribuído a esse fazer. Assim, identidade é entendida aqui como processo contínuo de negociação e construção de sentidos em diferentes esferas. Por reunir múltiplas possibilidades de desdobramentos, esse tópico se desmembra em quatro subitens: origem social, formação, referências e trajetória profissional. Tratar da identidade de jornalistas no processo produtivo vai ao encontro do reconhecimento e valorização da influência de percursos individuais e subjetividades na reportagem, sem negar, entretanto, a existência de um método jornalístico (SPONHOLZ, 2009; GANDOUR, 2020), com critérios e valores disseminados pela cultura profissional. Essas dimensões se

complementam, compondo elementos a serem observados, portanto, no processo de mediação jornalística.

5.1 ORIGEM SOCIAL

Por mais individual que possa parecer, a identidade não dispensa um lugar social. Essa premissa, manifestada nos estudos sociológicos, entende que a identidade de um sujeito individual requer conhecer a sua colocação social para ser compreendida. Tal aspecto se associa ainda ao trânsito por outros campos sociais, na construção de uma rede de relações pessoais. O estudo sobre a identidade dos indivíduos, pelo viés da inserção escolar e do ambiente familiar de onde provêm, como propõe Bourdieu (1996, p. 26), não é o objetivo central aqui e exigiria uma investigação pormenorizada: Entretanto, negar essa dimensão “é, em última análise, negar a existência de diferenças e de princípios de diferenciação”. Por isso, os fragmentos reunidos a seguir indicam pistas para não menosprezar nuances da origem social dos sujeitos por trás das reportagens, também porque pouco se sabe sobre o histórico de muitos deles antes de alcançarem projeção.

Sendo a identidade dos sujeitos resultado de processos internalizados e também externalizações, na relação com outras pessoas (LOPES, 2013), as percepções próprias sobre histórias individuais permite estabelecer conexões com suas práticas profissionais. Por este motivo, as tramas dessa constituição identitária se apresentam de forma ampla, intercalando as dimensões social e individual de tal contexto. O lugar social não se apresentava como uma questão dentre os objetivos traçados na pesquisa, mas, mostrou-se tangencial ao debate: a subjetividade por uma perspectiva sócio-histórica. Apenas dois dos entrevistados trataram espontaneamente deste ponto nas entrevistas - Armando Antenore e Fabiana Moraes. As falas dos demais acerca do tópico foi colhida posteriormente, em novos contatos com os entrevistados ou em depoimentos dos sujeitos coletados em materiais complementares, entrevistas, publicações e livros escritos por esses jornalistas e sobre eles.

A abordagem acerca da origem social causou estranhamento a alguns entrevistados. Num desses contatos posteriores, Andrea Dip retornou dizendo não saber direito como responder, pediu para que exemplificasse e não enviou resposta após a explanação. A mesma estranheza demonstrou Mauri König, ao indagar sobre qual viés o tema se compreendia. Chico Felitti, por sua vez, perguntou se o termo se referia à classe ou ao local de nascimento. Talvez as reações sejam um indicativo de que as entrevistas concedidas pelo grupo versam principalmente sobre a atuação profissional, não adentram suas visões sobre si mesmos. Pode

ser ainda uma demonstração de que a questão não estivesse formulada de modo suficientemente claro. De todo modo, ao buscarem no passado elementos para justificar escolhas no jornalismo, os repórteres ouvidos deixam rastros, conscientemente ou não, sobre seus primeiros interesses e motivações.

Também ajudam a explicar a permanência na reportagem. Como mostrou a pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* (MICK; LIMA, 2013), a alta rotatividade de quem atua na mídia é uma característica do perfil profissional no Brasil. Das 2.731 pessoas entrevistadas de todas as regiões do país, quase 54% estavam no cargo atual há no máximo três anos e 40% trabalhavam fora da mídia. Desde então, jornalistas brasileiros sofreram transformações estruturais agravadas pela crise econômica e política, o que pode ter tornado a situação ainda mais delicada (MICK; ESTAYNO, 2018). Portanto, a lógica bourdieusiana de que as competências adquiridas se relacionam a condições de aquisição segue válida como regra geral na compreensão das performances individuais. Embora a procedência social não seja determinante para se destacar no campo de atuação, quem apresenta rendimentos de excelência escolar, dependente invariavelmente da origem social, costuma vir de ambientes culturalmente favorecidos.

Como é pelo prisma do lugar ocupado no sistema de posições sociais que Bourdieu (1996; 2007) explica as representações e ações dos agentes, a origem de classe ou grupo social condicionaria assim essa localização. No domínio das práticas, o esquema de percepção e ação dos indivíduos é acionado, resultado da história social de cada um e de aprendizados tanto da esfera formal quanto informal. O mérito escolar e o conseqüente êxito profissional resultariam, portanto, da origem social do estudante. Esse raciocínio se transpõe de certa forma ao universo jornalístico por Bucci (2009, p. 126), para quem “não pode ser desprezada a origem social dos jornalistas”, pois tem interferências também na produção jornalística. O autor não está sozinho. Moretzsohn (2007, p. 135), citando Gans, aponta como a rotina jornalística reproduz diferenças de classe, sobretudo porque repórteres tendem “a selecionar fontes de *status social* equivalente”.

Não apagar a origem social dos(as) entrevistados(as) do processo jornalístico é também reconhecer que, quando narram, repórteres o fazem a partir de suas perspectivas e experiências, entre diferentes marcadores sociais da diferença. Apesar da busca muitas vezes pelo apagamento autoral, essas facetas sempre estão presentes. Daí a relevância de se promover a diversidade das redações em diferentes níveis, com a promoção de grupos sociais minoritários nos espaços de poder, e também com o que Kovach e Rosenstiel (2003, p. 165) classificam como *diversidade intelectual*, através da abertura para diferentes posições: “Juntas, as várias

experiências se fundem na criação de um método de reportagem mais pleno, muito mais do que se as coisas fossem feitas em nível individual.” Assim, as produções jornalísticas alcançarão um grau maior de aproximação da pluralidade social, fortalecendo a reportagem e sua legitimação junto ao público.

5.1.1 Contexto familiar e condições herdadas

Sobre os sujeitos, impõem-se condições muito distintas. Na análise de Bourdieu (1996; 2007), existem condicionantes para o desempenho escolar, o gosto e outras diferenças socialmente produzidas. Atores sociais estão inseridos em determinados campos e detêm um *habitus* que tende a gerar internalizações e reproduções, moldando posturas de acordo com a posição ocupada na estrutura social. Na constituição de subjetividades diferenciadas, os impulsionadores mais eficientes de distinção seriam as posses de capital econômico e capital cultural, além do capital social, responsável por uma rede de relações. Nesta racionalidade, jornalistas provenientes de camadas populares teriam mais dificuldade para ascender profissionalmente, chegando à condição de ‘especiais’, na organização hierárquica das redações, comparados aos de classes sociais privilegiadas, ainda que o jornalismo tenha suas próprias regras e esferas de legitimação. A pesquisa não confirmou esta suposta tendência.

Abaixo listamos alguns trechos dos relatos colhidos acerca dessa temática, para, na sequência, apresentar um movimento de análise. O rótulo ‘repórter especial’ pode sugerir homogeneidade, mas o perfil do grupo assinala múltiplas procedências sociais. Dentre as respostas, há pelo menos três perfis, ou ‘núcleos de sentido’ predominantes: um lugar social mencionado como derivado da periferia; uma origem de escassez de recursos financeiros mesmo em outra realidade social, vinculada à vida no campo ou no interior; e um lugar reconhecido como de privilégio social. Neste último caso, aproximando-se do que se entende como ‘classe média’, com um poder aquisitivo e um padrão de consumo razoáveis. Em meio aos relatos, há ainda um último caso em que esse lugar social se manifesta de forma difusa, mas é apresentado por ser revelador do processo de constituição identitária e com influências inclusive no processo de produção jornalística.

“Eu nasci num bairro pobre, de periferia”

“Eu nasci em Santos [SP], em uma família de imigrantes italianos e portugueses. Sempre fui ligada à história, curiosa pra saber sobre a história da família, principalmente essa questão da migração, de culturas diferentes, vivendo numa cidade de porto. Meu avô trabalhava no

porto. Ele costumava voltar do trabalho e me contar histórias que ele tinha ouvido do mundo inteiro, de pessoas que ele tinha conhecido [...]. Ele também era muito curioso. E costumava, no fim de semana, pegar um ônibus circular de transporte público, e fazer a volta toda, e assim ele trazia também histórias da cidade [...]. Tem também uma influência da infância, eu nasci num bairro pobre, de periferia, fui a primeira geração da família a chegar à universidade, então, as questões sociais sempre foram parte de minha preocupação, dos meus questionamentos.” (Adriana Carranca em NASCI ASSIM, 2020).

“Minha mãe mal sabia ler e escrever, mas me ensinou”

“Meus pais [...] são pessoas muito simples. Ambos estudaram muito pouco na vida. E eu também, comecei a estudar muito tarde porque não tinha escola no bairro onde eu morava [na periferia de Porto Alegre (RS)]. Mas eu tive uma infância muito feliz. Comecei a estudar com quase nove anos de idade, mas eu já sabia ler e escrever porque os meus pais me ensinaram, a minha mãe, principalmente. Minha mãe mal sabia ler e escrever, mas me ensinou [...]. Eu sempre estudei nas escolas que o Brizola fazia, ele era muito preocupado com educação, concentrava o dinheiro público na criação de vagas. Porto Alegre talvez tenha sido a primeira cidade brasileira com analfabetismo zero, graças à essa rede [...] Eu me achava, quando cheguei no vestibular, despreparado em relação aos outros, porque não tinha passado por cursinho, não tinha passado pelas melhores escolas, eu sempre me achei assim, inferior em relação aos outros.” (Caco Barcellos em BARCELLOS, 2017).

“Meu pai até hoje mora num morro”

“Esse olhar, eu fico pensando, assim..., eu não sei se é um olhar, ou se vem dentro de uma condição mesmo, de uma condição corporificada. Porque eu sempre fui narrada desse jeito [estereotipado]. [...] Meu pai até hoje mora num morro, no Alto Seu Bonifácio, em Recife [PE]. Eu via como o morro saía no jornal. E eu olhava e dizia: ‘gente, esse pessoal não entende nada... não sabe porra nenhuma do morro’. Nunca subiu e tem uma imagem assim, aí sobe de vez em quando, quando tem inauguração de um posto de saúde, sobe quando tem alguém assassinado, sobe quando tem campanha política, atrás do prefeito, que vai fazer campanha política lá... e aí morreu, acabou. Para mim, é um exemplo interessante: Dentro de um lugar como o morro, existiam pobrezas de várias ordens. Eu nunca passei fome. Eu vivi num ambiente, não vou dizer todo momento, mas em grande parte, quase toda a minha infância foi uma infância cercada por afeto.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Minha origem social é de uma família simples”

“A minha origem social é de uma família simples, da classe trabalhadora. Meus pais são filhos de pessoas humildes, gente que sempre se dedicou muito mais ao trabalho do que aos estudos. Meu pai estudou até a 4ª série e minha mãe fez o magistério, sendo a única na casa com emprego fixo, professora da educação infantil. Cresci na periferia de São José (SC) e sempre estudei em escola pública. Apesar da origem simples, meus pais sempre destacaram a educação com uma importância muito grande para o meu futuro. [...] Meu pai, quando jovem, fazia entrega de jornal de bicicleta. Nas décadas de 1980 e 1990, foi motorista de redação, do jornal ‘O Estado’ e da ‘RBS TV’. [...] Era saudosista, gostava de contar as histórias, situações que passou, a engenharia para montar os jornais e tudo mais, e aquilo tudo soava muito fantástico pra mim [...]. Quando entrei na faculdade parecia tão familiarizado com o que os professores falavam.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“A nossa vida era muito restrita”

“O lugar onde a gente nasceu às vezes é só um registro no cartório, né? Não tem uma ligação muito grande. Mas, no meu caso, teve uma ligação grande porque eu era de uma família de oito irmãos. E eu fui o primeiro a sair de lá em busca de trabalho. E os outros ficaram por lá, então a família funcionou muito tempo por lá e até hoje tenho uma ligação muito grande com a cidade, que me deu certas lembranças, certas memórias e que, de certa forma, plasmaram a minha vida. Minha família é uma família de agricultores. O meu pessoal tinha uma fazenda pequena e no tempo que fazenda não dava lucro. Hoje, fazenda vale muito. Naquela época, não, até valia, mas não tinha renda. Então, a nossa vida era muito restrita, nunca tivemos carência, assim, de alimentos, mas era muito restrita [...] Foi uma infância pobre. Mas, animada, divertida.” (José Hamilton Ribeiro em JOSÉ..., 2017).

“Eu vim de uma família muito humilde”

“Eu vim de uma família muito humilde. Uma família... eu não sei se poderia dizer pobre. Mas, de uma família que não tinha muitas condições financeiras. [...]. Meus pais viviam da agricultura. Meu pai era sanfoneiro, ele tocava em bailes também, quando muito jovem, lá pelos seus 18, 20 e poucos anos, ele tocava em bailes nessa região de interiorzão, tudo roça. A gente nunca chegou a passar fome, mas tivemos muitas restrições ao longo da vida [...] Minha mãe foi à escola acho que durante um mês, só no primeiro ano do primário, mas teve que parar para ajudar a família na roça. Então, ela nunca estudou. O pouco que ela aprendeu a ler na

vida foi na fase adulta, com a bíblia, quando ela passou a frequentar a igreja. Mas nunca teve nenhuma instrução escolar. O pai chegou até a quarta série primária, mas não concluiu. Também por causa do trabalho na roça.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“A minha casa não era uma casa de intelectuais”

“Eu não vim de uma família rica, mas também não é pobre. Eu era de uma classe média. Meu pai tinha uma origem muito pobre, mas eu não tive problemas com a pobreza. Então, eu realmente fui ter contato com a pobreza - essa pobreza brasileira - a partir do jornalismo [...] Na minha casa, não tinha jornal. A minha casa não era uma casa de intelectuais. Meu pai é um comerciante, que começou a vida como artesão. Minha mãe era uma dona de casa. Não era uma casa onde tinha essa natureza e também não tinha jornal. De vez em quando, aparecia alguma coisa, uma ‘Folha da Tarde’, que era um jornal popular. Era isso! O meu avô era assinante do ‘Estadão’, então eu me lembro de ver aquele jornalão no domingo na casa dele. Mas eu não tinha muito interesse por aquilo.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Meus pais eram a primeira geração a ir para a faculdade”

“Vim de uma família de classe média, bem média, do interior. Meus pais eram a primeira geração a ir para a faculdade, trabalhavam, os dois, 14 horas por dia e a gente tinha condição de pagar algumas coisas, tipo colégio particular, mas estávamos longe de sermos ricos. Tínhamos, por exemplo, um carro só, uma Belina velha, para a família toda. Aos 17 anos, passei em uma faculdade pública e em uma particular. Quis fazer as duas, meus pais me ajudaram a pagar a PUC, no começo do curso [de jornalismo], mas ainda no primeiro ano eu comecei a trabalhar e conseguia bancar a mensalidade, reduzida por uma bolsa parcial [...]” (Chico Felitti em entrevista à autora).

“O lugar de onde venho é um lugar de privilégio social”

“O lugar de onde venho é um lugar de privilégio social. Não só por ser uma mulher branca, mas por ter nascido em uma família com condições econômicas. Sou filha de uma dona de restaurante e de um representante comercial. Meus pais tiveram uma infância modesta, mas puderam proporcionar aos filhos educação de qualidade.” (Daniela Arbex em entrevista à autora). “Brinco que nasci em berço de ouro porque a gente tinha uma situação financeira muito boa, mas não esbanjava. Até eu me casar, só tomava refrigerante aos domingos. Sempre respeitei isso. Almoçar fora era um acontecimento. Nunca tive roupas de marca. Minha mãe nunca me criou com esses valores.” (Daniela Arbex em ARBEX, 2017).

“Eu me criei na colônia italiana Guaporé”

“Nasci em Nova Prata, cresci em Porto Alegre. A minha mãe é italiana 100%. Mais branca do que tu, com os olhos mais claros do que os teus. O meu pai que é brasileiro, e eu saí dessa forma. Eu me criei na colônia italiana Guaporé, no interior do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, aquela região [...] Não existe coisa mais reacionária, mais fascista do que essa nossa italianada do interior de Santa Catarina e também do Rio Grande do Sul [...] Minha mãe, italiana, crítica, pra minha mãe nada serve em tempo nenhum, em época nenhuma, em lugar nenhum. Quando eu tenho uma briga ou alguma coisa... todo mundo diz: ‘tu é igual a tua mãe’, é um clássico, né? Você vai escapar como da sua mãe? Me diz como é que tu consegue escapar se tu foi criado por ela? [...] Nos bons tempos eu tinha dinheiro. Agora, ganho mil reais de aposentadoria do INSS, só. Por isso, eu não posso dar lição de moral para ninguém, diz a minha mãe: ‘Eu que pago as suas contas, não é, meu filho?’”. Eu: ‘É, mãezinha!’” (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

Alguns dos indicadores da localização e das condições sociais no perfil dos entrevistados aparecem nas escolas onde estudaram (se públicas ou privadas), no apoio inclusive financeiro recebido para dar continuidade aos estudos e nos níveis de instrução dos pais (relacionados ao período de permanência na escola e à obtenção do diploma). Descortinam-se nas práticas culturais recebidas como influências do ambiente familiar e nas esferas onde e como se inseriram e se desenvolveram. Dos 12 jornalistas, duas não costumam se referir ao contexto da família ou às condições herdadas neste âmbito: Andrea e Natalia não mencionaram o tema na entrevista. Também não foi possível localizar menções a respeito, dentre os materiais consultados, em entrevistas concedidas por elas noutras situações. No entanto, os demais se referem à temática, às vezes com memórias pormenorizadas, conforme evidenciam alguns dos trechos apresentados.

Em geral, há uma ênfase das condições econômicas limitadas, com menções à escassez de recursos financeiros, seja para viagens na infância (Adriana), para investir em mais um carro da família (Chico), até mesmo sobreviver (Renan), ou restrições diversas (Mauri e José Hamilton). Alguns discursos ressaltam a vulnerabilidade social e as relações estabelecidas com a periferia como uma das razões para o desenvolvimento do olhar crítico sobre a realidade social (Caco, Adriana, Fabiana e Fábio). Há também quem enfatize ser a primeira geração da família a chegar à universidade, dando a dimensão do simbolismo e relevância do diploma de jornalista (Adriana e Fábio), ou atribui o feito aos pais (Chico). Há ainda o reconhecimento da própria

origem como espaço de privilégio social pela situação familiar proporcionada (Daniela) ou por não ter tido problemas com a pobreza, de modo geral (Armando e Chico).

À medida que apontam para o pertencimento de diferentes grupos sociais, os testemunhos tornam a discussão em torno dessa temática com mais nuances e complexidades, mostrando a insuficiência da origem social para explicar esses percursos. Dentre as respostas fornecidas pelo conjunto analisado, há casos de pessoas à margem que se deslocaram das bordas para o centro, revelando que a formação educacional - no caso, o jornalismo - pode desempenhar a função de ascensão social em percursos particulares (Adriana, Caco, Fábio, Fabiana, José Hamilton e Mauri). A influência dos pais ajuda, mas não é uma "reprodução" automática. Também é possível notar o contrário, por uma questão de geração: pais com hábitos de leitura e filhos que não acompanham. O universo analisado mostra que, apesar de a tendência apontar para uma pré-disposição de reprodução, há possibilidade de não se repetir o *habitus* adotado pela família, nas relações sociais construídas. Alguns relatos indicam que os pais não tinham, por exemplo, a leitura como prática social e os filhos passaram a desenvolvê-la (Armando, Caco, Fabiana, Fábio e Mauri), tornando-se referência na escrita – item aprofundado a seguir (4.5.1.2).

De todo modo, quem não provém de lugares culturalmente favorecidos tende a se sentir inferiorizado em situações de concorrência (Caco), reforçando a teoria de Bourdieu sobre a apropriação legítima da cultura favorecer quem dispõe de uma condição forjada para acessá-la. Por isso, apesar de nem todos os repórteres que alcançaram esse *status* de especial virem de uma condição privilegiada, faz-se necessário reparar que os profissionais ouvidos na pesquisa - não por acaso identificados com o rótulo ‘especial’, nas lógicas internas profissionais - representam pontos fora da curva ou exceções à regra. Especialmente quando observadas as tendências de rotatividade das equipes de repórteres no universo profissional e a falta de incentivos muitas vezes para permanecerem na reportagem. Por construírem carreiras sólidas, com amplo reconhecimento, não têm a necessidade de rompimentos, como mudança de área ou abandono do jornalismo.

Se alcançar o título de repórter especial exige um longo caminho, o percurso para as mulheres negras foi ainda mais impeditivo, consideradas as intersecções entre raça, classe e gênero nas opressões (DAVIS, 2016). Tal constatação se verifica na fala de uma das jornalistas, a única repórter que se identifica como negra do grupo atribui seu modo de reportar não propriamente a uma ‘forma de olhar’, mas a uma ‘condição corporificada’ (Fabiana). Tal corporificação pode ser apreendida como a situação do ser humano no mundo pelo seu corpo, a forma como cada sujeito vive e percebe o mundo. Torna-se importante ressaltar esta

percepção, sobretudo por ter sido a única fala a chamar a atenção para esta condição (corpórea), vindo justamente da única pessoa negra ouvida como repórter especial. Este pode ser lido como um indicativo de como o movimento do corpo e a sua interação com o ambiente se configuram enquanto fonte permanente de experiências para os indivíduos.

Ou seja, o processo de experimentações também passa pela dimensão corporal, envolvendo subjetividades, imaginários e significações dos protagonistas sociais na produção de sentidos. Em outro caso, as memórias afetivas narradas pelo pai, ex-entregador de jornal e motorista de redação, contribuíram para alimentar o imaginário em torno da profissão e facilitar a imersão no mundo dos jornalistas (Fábio). Para além do capital cultural herdado na família, há também quem atribua o próprio temperamento adquirido à herança maternal (Renan), tecendo considerações sobre si mesmo na elaboração da autoimagem, algo inclusive que se repete em outros momentos da trajetória deste repórter⁶⁶. Em suma, as condições sociais encontradas na família se configuram espaço de acionamento de estalos do que se pode entender como um primeiro patrimônio cognitivo, aperfeiçoado por outras estruturas posteriormente, a exemplo da escola e de outras instâncias, como abordado no próximo tópico.

5.1.2 Primeiros estímulos para o jornalismo

Na visão de Bourdieu (2007), todas as sociedades produzem hierarquias assentadas nas diferenças naturais (gênero, idade, etnia etc.) e, por outro lado, naturalizam diferenças socialmente produzidas (o desempenho escolar, as classes sociais, o gosto...) a fim de legitimá-las. O gosto estético, para Bourdieu, não se trata de um dom da natureza, como se pode pensar, mas deriva de condicionantes sociais e culturais, o chamado *capital cultural*, um conjunto de competências e recursos reunidos ao longo de sua formação. Nessa lógica, apesar de ser mais provável adquirir reconhecimento quando se tem um capital cultural acumulado desde cedo, com estímulos incentivados, sobretudo, em uma família culta, há outros fatores envolvidos. Dentre o grupo analisado, a instituição escolar, tal qual reivindica Bourdieu, tem papel central nessas relações, além das influências pessoais, os grupos de referência, como ilustram fragmentos dos depoimentos abaixo.

⁶⁶ Em 2004, quando ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo com a reportagem sobre o suicídio de Felipe Klein, publicada no jornal Já, de Porto Alegre (RS), Renan Antunes de Oliveira cogitou devolver a distinção depois de ser vaiado pela plateia, na cerimônia de entrega do prêmio, num hotel, no Rio de Janeiro (RJ). Dias depois de empresas jornalísticas questionarem publicamente a credibilidade da condecoração, o repórter decidiu ficar com o prêmio em função da mãe, conforme divulgado à época pela Revista Imprensa (NALDONI; PIZA, 2004).

“Eu vou ser escritor”

“No primário, uma professora... ela olhava os meus textos, e me falou: ‘O que você vai querer ser? Você poderia aproveitar a sua escrita’. Eu disse: ‘eu vou ser escritor’. Ela: ‘Escritor, não dá. Você não consegue ser escritor’. E perguntei: ‘Qual [profissão] dá para viver de escrever?’. Ela: ‘Talvez, jornalista’. E aquilo ficou na minha cabeça. A única coisa que eu sabia era que existia um suplemento infantil na ‘Folha de S.Paulo’, chamado ‘Folhinha’ [...], onde publicavam textos de crianças. Cismei que eu queria publicar um texto lá. Aí, eu ficava esperando, porque eu achava que o carteiro viria avisar se o texto fosse publicado. [...] O primeiro texto que eu publiquei, com dez anos, foi justamente lá. [...]. Essa era a minha ligação com o jornal. Para prestar vestibular, eu pedi para o meu pai assinar a revista ‘Veja’, aí eu comecei a ler e tal. Eu caí de paraquedas na faculdade de jornalismo.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Eu sempre disse que queria ser jornalista, escritora primeiro”

“Acho que eu decidi ser jornalista quando estava terminando o terceiro colegial. Desde criança, eu queria ser escritora. (Natalia Viana em JOSÉ, 2012, grifos nossos). “Eu sempre disse que queria ser jornalista, escritora primeiro, e, depois, jornalista. Sempre gostei muito de escrever. Acho que é a coisa que eu mais gosto na vida. E eu sempre fui muito curiosa. [...]. Mas, até eu entrar na faculdade, eu jamais tinha conhecido um jornalista. Eu conheci um, que aliás é o fundador do ‘Le Monde Diplomatique’ e do ‘Outras Palavras’, o Antônio Martins, quando eu estava no colégio. A gente fundou um jornalzinho, a gente foi lá e capitaneou. Eu capitaneei sem eu nunca ter conhecido um jornalista. Eu já era apaixonada. Não pelo jornalismo em si, porque eu nunca fui dessas coisas de ver filme... Mas por ter um veículo. Sei lá, por escrever e comunicar. Viver de escrever sempre foi uma paixão. E descobrir coisas.” (Natalia Viana em VIANA, 2021).

“Eu caí no jornalismo assim... sei lá, por um acaso muito grande”

“Do ponto de vista cultural, eu caí no jornalismo assim... sei lá, por um acaso muito grande... porque eu nunca tive um exemplo de leitura dentro de casa. [...] Não lembro, ao longo de toda a minha vida em que estive com minha família, de ver meu pai, minha mãe, abrir um livro pra ler, nunca. Não tive esse modelo, esse exemplo dentro de casa. Mas eu sempre fui muito bem na escola. Sempre tirei notas boas. Eu só reprovei no ensino técnico, que seria o Ensino Médio.

Eu fui estudar no ensino técnico lá em Pato Branco [PR], onde eu morava, num curso de engenharia de construção civil, e eu não me dei muito bem e reprovei. Acabei indo para outro colégio, num outro curso técnico de contabilidade, estou falando da década de 1980! Isso dá uma ideia do contexto cultural e social da minha história.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Não tinha ninguém na família com relação com atividade intelectual”

“Gostava muito de escrever, desde criança, mas não sabia que isso tinha a ver com reportagem, com jornalismo. Não tinha ninguém na família com relação com atividade intelectual. Mas tinha grandes contadores de história. Trovadores. No Sul, isso é muito comum. O trovador é um contador de história acompanhado de um violão. Meu avô era carroceiro, e eu era o auxiliar dele, a gente vendia frutas pelo bairro. Meu avô e todos os filhos eram trovadores. Acho que foi a primeira noção de reportagem que eu tive, sem saber que era reportagem, essa atividade dos trovadores. Eles saíam pelo bairro, observando as cenas que aconteciam, e eu observava junto, como auxiliar que era [...]. Fui muito influenciado por eles, eu gostava de contar histórias [...] Um dia, talvez a primeira influência, um colega do colégio, na hora do intervalo, quando eu voltei, ele estava com o meu texto que tinha esquecido ali: ‘como é que você não conta que você escreve, cara?! [...] Você tem que ser escritor!’” (Caco Barcellos em BARCELLOS, 2017).

“Vi naquilo uma possibilidade de poder navegar por vários assuntos”

“O começo foi quase por acaso. Tinha interesses difusos, gostava de muitas coisas. Na época de decidir o vestibular, conheci uma jornalista e percebi que ela tinha conhecimento muito amplo de várias áreas, conversava sobre economia, gastronomia, política e arte. Vi naquilo uma possibilidade de poder navegar por vários assuntos que me interessavam e adiar a escolha da área que me interessava. Gostava de escrever desde pequena, escrevia cartas indignadas ao Paulo Maluf (então governador de São Paulo) cobrando-o sobre corrupção e superfaturamento de obras. Quando criança, testemunhei episódios de violência, como a prisão de um adolescente quando eu tinha seis, sete anos e de uma mulher que aparentemente tinha problemas mentais. Lembro muito disso. Quando comecei a fazer coberturas, na faculdade, me voltei para esses assuntos.” (Adriana Carranca em CARRANCA, 2015).

“Eu tinha uma tia que gostava muito de ler [...] Ela me influenciou muito”

“Eu tinha uma tia que gostava muito de ler e ela tinha uma livraria, a primeira livraria da cidade, e foi também a primeira pianista da igreja da cidade. E ela me influenciou muito. Então, me dava livros para ler de Monteiro Lobato, próprios para a idade, e me incentiva muito a ler e a escrever também. Havia um jornal mineiro que se chamava ‘O Lutador’, e esse jornal tinha um concurso de redação para os leitores publicarem. E uma redação que eu mandei pra lá eles publicaram. Então, minha tia festejou muito aquilo. [...] Acho que vem daí a vocação.” (José Hamilton Ribeiro em JOSÉ, 2017, grifos nossos) *“Quando eu vi [meu texto] publicado, as pessoas comentando, eu falei: ‘ah, o meu negócio vai ser esse!’.* A partir daí, eu comecei a me informar sobre como se fazia para ser jornalista. E, então, soube que tinha uma escola de jornalismo em São Paulo, que era a primeira do Brasil. Me inscrevi, depois de terminar o curso médio, entrei na escola.” (JOSÉ..., 2012).

“Eu sempre quis ouvir as histórias e contar as histórias”

“Eu tinha uma namorada que foi fazer jornalismo. Eu alego que foi um irmão, um amigo, um primo, um tio, mas, não. A Jandira, minha primeira namorada, começou a trabalhar na ‘RBS’ lá em Porto Alegre, fazendo cobertura política. [...] Eu tinha feito vestibular para Direito e parei nas dificuldades de ser um estudante imaturo. [...] A Jandira foi fazer jornalismo na Famecos, ela era mais velha do que eu uns dois anos [...]. Aí eu fui também [...]. É só o que eu sei fazer, eu não sei fazer mais nada na vida, eu sei contar algumas pequenas histórias. Já tentei várias profissões. Aqui mesmo nessa faculdade [UFSC] eu entrei em 1976. Fiz o vestibular e passei. E fracassei. Não sabia matemática o suficiente pra passar do básico.” (Renan A. de Oliveira em entrevista à autora, grifos nossos) *“Eu sempre quis ouvir as histórias e contar as histórias. Eu lia muito. Buscava informação. Gostava de saber das coisas. Sempre fui muito curioso. E daí, de uma pra outra, eu entrei nessa.”* (Renan A. de Oliveira em BRIO, 2018).

“Escrevi meu primeiro livro aos oito”

“Escrevi meu primeiro livro aos oito. Eu illustrei ele todo. Era uma história sobre um menino que construiu um balão para conhecer o mundo. Fui na biblioteca e pedi informação sobre como eu publicava um livro, mas a bibliotecária ignorou.” (Daniela Arbex em ARBEX, 2017, grifo nosso). *“Escolhi o jornalismo como profissão aos 14 anos [...] Sempre quis contribuir com a sociedade e fazer a diferença.”* (ARBEX, 2020, grifo nosso). *“Quando eu falo que a minha formação humana me ajudou, eu não tô falando da religião, não, eu tô falando da formação mesmo, porque eu comecei a ver os meninos que chegavam no Lar do Caminho*

[entidade espírita da qual participa], *toda a questão da desigualdade, isso foi forjando o meu olhar. 'Nossa, que Brasil é esse?' É diferente do Brasil que eu conheço, tenho uma vida confortável e tal, mas olha esse menino que veio, viu o pai matar a mãe, entendeu? Aí que eu fui vendo essa questão da pobreza, essa questão do silenciamento, de quanto eles são poucos representados, não têm voz...*" (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Minha educação tem mais a ver com a música”

“Eu não tive tanto acesso a livros, a livros-reportagem ou à leitura de reportagens. Estudei em escolas bem ‘mais ou menos’, digamos assim, enfim, meu pai não era uma pessoa que comprava livros. Minha educação tem mais a ver com a música, de ouvir música, eu falo muito que a literatura que eu tive mais acesso foi a literatura da letra da música, que eu gosto muito. E que me ensina muito. [...]” (Fabiana Moraes em entrevista à autora, grifo nosso). *“Eu lembro quando eu tinha uns nove anos e meu pai comprava o ‘Diário de Pernambuco’. Eu ficava lendo o Caderno de Economia, não entendia nada. Mas eu dizia, ‘ah, que legal escrever! Quero ser jornalista’ [...]. Eu acho que a escrita, de uma maneira geral, sempre me emocionou demais! Talvez a música tenha mais influência no meu trabalho do que jornalistas. Eu acho que é um privilégio muito grande poder escrever sobre o mundo.”* (FABIANA, 2013).

“Acho que eu sempre tive esse anseio por esse senso mais crítico”

“Na adolescência, vivendo na periferia, onde, sabemos, rola de tudo... drogas, armas e pessoas má intencionadas, a paixão pela música me levou a romper as barreiras do bairro e me proporcionou outro contato importante, com culturas e pessoas de fora do círculo geográfico de onde morava, o contato com a crítica social e com outras formas de narrativas da vida. [...] Acho que eu sempre tive esse anseio por ter esse senso mais crítico, mesmo antes de pensar em ser jornalista, sempre gostei das leituras mais críticas, da Filosofia, da Sociologia. Na música, eu sempre gostei da música de protesto. Quando era adolescente, eu tinha uma banda punk, antissistema. Eu acho que vem um pouco da formação da minha cabeça, eu sempre tive esse conceito formado de que o sistema é opressor. Então, eu vou me colocar, nesse sentido, para dentro do jornalismo. Acho que passa um pouco pela formação do ser, do crivo do senso crítico.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Não só um se relaciona com o outro, como também um complementa o outro”

“Quando eu tinha uns 12 anos, veio parar na minha mão uma fita com os primórdios do Green Day, Bad Religion, Jane’s Addiction, Pixies. Aí eu preiei nisso e aos 13 ou 14 anos, fui

conhecendo as coisas da Riot Grrrl [movimento cultural feminista, que abrange fanzines, festivais e bandas punk rock e hardcore], e conheci a minha banda favorita de todos os tempos, a Bikini Kill [...] Não só um se relaciona com o outro [o jornalismo e o punk], como também um complementa o outro. A minha maior conexão com o feminismo e com as lutas vem através do jornalismo, já que eu denuncie violações dos direitos das mulheres e é a partir disso que a minha militância se constrói. Muitas das coisas que eu grito na [banda da qual participa] Charlotte, como eu disse, eu vivencio e denuncie no jornalismo.” (Andrea Dip em DIP, 2017).

Com suporte na discussão sobre origem social a partir de Bourdieu (2007; 1996), para quem as variações da competência se relacionam estreitamente à educação escolar, associada às condições sociais do sujeito, os relatos adquirem importância pois ajudam a compor o percurso empreendido por esses profissionais. Quando narra sua origem social, alguns membros do grupo selecionado enfatizam a inexistência de um familiar ou pessoa próxima, como jornalista, durante a própria infância ou adolescência (Caco e Natália). Talvez a lembrança desta ausência ajude a fortalecer a conquista pelo lugar de destaque construído, pela falta de uma referência familiarizada, numa sociedade de competição. Mas também há a menção à presença profissional de jornalista como parâmetro para a escolha (Adriana), além de parente a quem se atribui os primeiros estímulos recebidos para a escrita (Caco e José Hamilton), reforçando o capital cultural adquirido na família, mesmo numa condição com limitações.

Em geral, a experiência escolar corrobora esses estalos iniciais (Natalia), podendo os professores ter um papel importante nesta construção (Armando). Quando não se manifesta uma interferência direta da família ou da escola, a rede de relações orquestrada pelos sujeitos pode desempenhar algum impulso nesse sentido (Renan). Quase todos os depoimentos também convergem para os primeiros sinais de uma possível escolha pelo jornalismo entre a infância e adolescência (Adriana, Andrea, Armando, Caco, Daniela, Fabiana, Fábio, José Hamilton, Natalia e Renan). Essas manifestações se deram das formas mais diversas. Mas, é possível encontrar algumas semelhanças entre elas. O gosto por contar histórias pode ser entendido como um ponto em comum para justificar o interesse inicial pelo jornalismo como profissão, ainda quando se tem uma visão bastante distante da realidade diária da atividade.

Vários relatos convergem para a apreciação do hábito de ler e de escrever desde cedo (Adriana, Armando, Caco, Daniela, Natalia, Renan e José Hamilton). Assim, a publicação dos primeiros textos em jornal pode ter ocorrido para alguns ainda na infância, (Armando), com o estímulo de parentes para participar de concursos de redação (José Hamilton), por exemplo, incluindo até a produção de livro próprio (Daniela) ou mobilização para criação de um jornal

na escola (Natalia). Há também quem destaque a ausência de uma tradição de leitura no ambiente familiar, seja de jornais (Armando), ou de livros (Fabiana e Mauri). Nos trechos reunidos, há também a possibilidade de reconhecer o trânsito dos repórteres por outros campos sociais, como detonador de vivências que facilitaram o trabalho jornalístico, como a interferência religiosa (Andrea e Daniela) e a música (Andrea, Fábio e Fabiana), ambas formas de contato com a crítica social e outras realidades para além das próprias vivências.

Quando se reconhece que o ambiente familiar não foi favorável para práticas sociais de leitura, por exemplo, é inegável a participação da escola no processo, com o alcance do bom desempenho nesse ambiente (Mauri). A dedicação à escrita aparece nos relatos em diferentes situações, desde textos destinados à publicação em suplemento infantil (Armando), a cartas ao governador do Estado (Adriana). Em alguns casos, poderia não haver identificação com os jornais acessados àquela altura, mas a dimensão da entrega à escrita se manifestava de diferentes maneiras, ainda na infância (Armando e Fabiana). O gosto por escrever assume uma importância tão grande na existência desses profissionais que pode ser classificado como a principal satisfação da vida (Natalia), reforçando o caráter central da escolha profissional na constituição identitária dos sujeitos.

Em síntese, as respostas fornecidas pelo grupo mostram que a escolha profissional se associa a uma combinação de razões, sendo impossível selecionar apenas uma causa para esta inclinação. As motivações mencionadas reiteram sentidos comuns como curiosidade (Natalia e Renan); paixão pela escrita (Armando, Adriana, Caco, Fabiana, José Hamilton e Natalia) ou desejo de contar histórias (Armando, Adriana, Caco e Natalia) e sentimento de indignação frente às desigualdades e injustiças sociais (Daniela e Fábio). Isso acontece mesmo quando se desconhecia mais detalhadamente a profissão (Armando). Também há situações em que se reconhece uma escolha pelo jornalismo “por acaso”, sem a tentativa de justificá-la (Mauri). Deste modo, o jornalismo é visto como uma forma também de canalização de identificações individuais. Um dos jornalistas se refere à escolha profissional como uma *vocação* (José Hamilton), o que será problematizado adiante.

5.1.3 Relações entre o lugar social e a produção jornalística

Os sujeitos obrigatoriamente se situam em uma posição não apenas quando enunciam seus percursos individuais, mas também quando interpretam o mundo nas leituras que fazem da realidade, na elaboração do trabalho jornalístico. Essa localização social de onde falam, agem e observam o mundo foi construída por circunstâncias históricas específicas, demarcadas

por diferentes vieses, incluindo desigualdades de raça, gênero, classe, entre outras especificidades. Conhecer a posição social dos jornalistas – seja em qual esfera for - implica o reconhecimento das subjetividades que atravessam o processo de produção da reportagem. Assentindo assim, que a narrativa jornalística resulta inevitavelmente de uma construção, apesar de muitas vezes a comunidade profissional resistir a esta perspectiva. Não é incomum repórteres remeterem-se à infância na tentativa de explicar escolhas e fazeres profissionais.

“É muito difícil você desassociar a sua vida como repórter da experiência de vida”

“Quando eu era criança, não tínhamos dinheiro para viajar. Sentávamos, eu e meu avô, na pequena escada que dava acesso ao chalé de madeira onde ele vivia [...]. Meu avô se sentava no primeiro degrau, eu no terceiro. ‘Para onde a senhora deseja viajar, madame?’, ele perguntava. Eu respondia um destino qualquer e lá íamos nós, montados em nosso ônibus imaginário. [...]. Aquela era a sua maneira de viajar. Meu pai tinha outra: os livros. Nos fins de semana, percorríamos o mundo juntos pelas páginas de uma enciclopédia que ele havia colecionado [...]. Quando eu cresci, quis conhecer os lugares que visitara na infância com meu pai e meu avô, e, como eles, quis contar histórias reais sobre o mundo. Por isso eu resolvi ser jornalista.” (Adriana Carranca em CARRANCA, 2015, p. 93). *“É muito difícil você desassociar a sua vida como repórter da experiência que teve de vida. Porque no jornalismo você o tempo todo faz escolhas.”* (Adriana Carranca em entrevista à autora).

“Daí veio muito do meu interesse em investigar os evangélicos”

“Minha família é evangélica. Quer dizer, agora não é mais. Mas por muito tempo a maior parte dos meus parentes foi. Inclusive meus pais. Então, até minha adolescência, frequentei a igreja evangélica com eles. Por isso, nada daquilo pra mim era estranho. Os termos, o jeito de pensar as coisas, eu conhecia. Daí já veio muito do meu interesse em investigar os evangélicos na política.” (Andrea Dip em DIP, 2018).

“A minha decisão pelo jornalismo foi pela narrativa”

“Eu fui para o jornalismo – te confesso – sem saber direito o que era jornalismo. A minha questão sempre foi com a narrativa. Desde muito criança, eu escrevia histórias e dava para o meu pai ler, poesias. Isso quase junto com a minha alfabetização. [...] A minha decisão pelo jornalismo foi pela narrativa. Eu queria narrar, contar história. Apesar eu ter uma veia ficcional quando criança, ela se perdeu com o tempo, principalmente depois que eu enveredei para o jornalismo. Então eu nunca tive a opção de ser um escritor, mas eu percebi que eu

poderia contar histórias reais [...] Eu sou só repórter porque eu preciso escrever. A questão da informação é secundária para mim, embora absolutamente importante porque eu resolvi escrever textos não ficcionais, então eu preciso lidar com informações que estão na realidade.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Eu acho que estava sabe onde? Na minha infância!”

“Eu acho que eu estava sabe onde [quando começou o livro Rota 66]? Na minha infância! Quando eu corria da polícia para evitar castigos. Alguns amigos honestos, como era também a minha família, mas tinha também, evidentemente, meninos ladrões, que eram muito surrados, torturados, dependendo da gravidade da situação. E, naquele tempo, eu corria pra fugir, sobretudo de algum castigo. Eles deixavam a gente dentro da viatura, debaixo do sol pra passar calor, sabe? Ou pra passar a noite de castigo mesmo. Não exatamente dentro de um xadrez, mas ali em frente do delegado, sendo todo o tempo humilhado. E sabia, por amigos de infância, o quanto podia ser grave aquela situação [...] Quando virei repórter, eu me dei conta do seguinte, a garotada corria para evitar o castigo, a surra, a tortura, e hoje, correm para evitar os tiros, pelas costas, na nuca.” (Caco Barcellos em BARCELLOS, 2017).

“Fui criado dentro de um centro de umbanda”

“Eu venho de uma família que tem uma veia pulsante de espiritualidade. Fui criado dentro de um centro de umbanda. Minha avó chama de centro espírita, mas tinha entidade, psicografia, era meio que um armazém de secos e molhados, porque tinha tudo, o Brasil, de sincretismo intenso. Mas eu não tenho fé nenhuma, o que eu acho que talvez possa ser saudável porque tudo o que foi escrito até agora sobre João de Deus eram de pessoas que viam através da lente da fé. E eu vou ver através da lente do ceticismo.” (Chico Felitti em FELITTI, 2019).

“Eu tinha muita indignação e achava que eu tinha que transformá-la em ação”

“Eu tinha muita indignação e achava que eu tinha que transformá-la em ação, o jornalismo me deu essa possibilidade. [...] A própria morte da Marielle [Franco], e eu escrevi uma crônica sobre essa morte, falando sobre ‘aqueles que merecem morrer’. Porque a sociedade ainda defende que há pessoas que merecem morrer. E aí meu pai leu e ele me disse: ‘Dani, você é bem simpatizante do comunismo’ [risos]. Eu morri de rir dele falar isso [risos]. Eu falei, ‘pai, pelo amor de Deus!!!’. Ele tem 90 anos, então você tem que dar um desconto. É isso. De como você tem uma sociedade que ainda acha que há os que merecem morrer, que ainda acha que a

intervenção militar é fantástica, necessária, e que a gente precisa de ordem, que a gente precisa de violência pra acabar com a violência.” (Daniela Arbex em entrevista à autora).

“Têm questões familiares, minhas”

“O que escrevo é muito influenciado por todas as outras coisas que me cercam. [...]” (Fabiana Moraes em FABIANA..., 2012). *“Então eu queria falar sobre a questão da transexualidade desde que eu tinha feito o ‘Fale com elas’ que foi essa reportagem sobre travestis de Recife, que saiu no caderno de cultura, o Caderno C... Eu tava pensando muito como era a questão de estar no corpo, como era habitar esse corpo, ter esse corpo, ele é um corpo continuamente refutado socialmente, é o tempo todo questionado socialmente sabe? É... eu queria escrever sobre isso. Claro que isso aí tem um monte de coisa minha, que tá aí, né, que isso não tava claro... mas tá, tá sim, têm questões várias aí que depois eu vou... quando eu vou falar sobre Joicy eu penso né, por que esse interesse, por que travestis, transexuais, por que...? Isso tudo vai aparecer. Têm questões familiares, minhas.”* (Fabiana Moraes em entrevista à autora).

“Essas atividades me colocaram em contato muito cedo com a coisa formal do Estado”

“Aos 14 anos, comecei a trabalhar como menor aprendiz e tinha o dia cheio em praticamente três turnos. Pela manhã, fazia o estágio, à tarde ajudava meu pai e, à noite, ia para a aula. Como menor aprendiz, passei pela Fundação Catarinense de Educação Especial e pela biblioteca do departamento jurídico da Celesc (onde fiquei três anos), passava os dias recortando diários oficiais sobre ações judiciais da empresa pública e colando em um caderno que era distribuído para as chefias. Também auxiliava a bibliotecária no empréstimo de livros, momento que aproveitei para folhear algumas obras ligadas ao Direito (a biblioteca era essencialmente formada por títulos jurídicos). Essas atividades me colocaram em contato muito cedo com a coisa formal do Estado, ainda que de forma bastante involuntária naquele momento, captei muitas coisas que no futuro acabaram ajudando a criar certos entendimentos e até mesmo me convencer daquilo que queria: ser jornalista.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Eu tive a sorte de ter tido uma infância ligada ao mundo rural”

“Então, eu trago da minha infância, de um lado, uma informação rural, porque meu pai tinha uma fazenda, uma área. Na verdade, era uma área de terra. Não tinha uma instalação de fazenda. Era uma terra com uma casinha lá pra fazer um almoço ou dormir numa eventualidade. Não tinha uma sede. Por acaso, eu tive a sorte de ter tido uma infância ligada

ao mundo rural e, de repente, estou agora trabalhando, depois de uma experiência em jornal e revista, na televisão, num programa rural, então eu me sinto em casa, eu me sinto à vontade.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Nós somos fruto daquilo que vivemos”

“Tem uma questão que talvez seja interessante pontuar, já que você está falando do meu contexto social. Eu sofri abuso sexual quando criança. Eu demorei muito, muito para conseguir falar disso. [...] Isso também de alguma maneira me canalizou no jornalismo depois, quando eu fiz algumas opções por trabalhar na área de Direitos Humanos [...]. Cada um... sei lá... trabalha suas questões e traumas de infância de alguma maneira e eu acho que eu tive uma grande sorte, de o meu inconsciente trabalhar a meu favor pra que eu usasse de uma maneira positiva e produtiva essa violência que sofri na infância. De trabalhar para que outras crianças não sejam abusadas, como eu fui [...]. Nós somos fruto daquilo que vivemos e fazemos.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Eu decidi fazer jornalismo porque eu gostava de escrever”

“Eu decidi fazer o curso de Jornalismo e eu fui fazer Jornalismo e História. Mas eu decidi fazer Jornalismo pelos motivos errados. Eu descobri isso quando eu fui entrar no mercado. E isso tem a ver com todo o meu percurso até hoje, até a criação da ‘Agência Pública’. Eu decidi fazer jornalismo porque eu gostava de escrever. E porque eu sou muito curiosa. Mas quando você começa a trabalhar no mercado, você percebe que você nem vai poder escrever, pelo menos exercitar o prazer de escrever, e nem vai poder satisfazer a sua curiosidade”. (Natalia Viana em JOSÉ, 2012).

Este tópico merece reflexão à parte pois configura uma das instâncias e pulsões primárias que podem caracterizar de forma decisiva o trabalho posterior, como explicitam certos depoimentos. Natalia associa o percurso como repórter até a criação da Agência Pública à curiosidade e à paixão pela escrita, despertadas na adolescência. Andrea relaciona a experiência dentro de uma família evangélica à melhor compreensão para a investigação que resultou no livro *Em nome de Quem* (2018), escrito por ela sobre a ascensão deste grupo religioso ao poder. Chico acredita que ter crescido dentro de uma família com uma ‘espiritualidade pulsante’ lhe forneceu embasamento para o ceticismo necessário na apuração

para o livro sobre João de Deus. Mesmo quando não se estabelece uma correlação direta, as falas dos próprios lugares sociais, nos tópicos anteriores, fornecem dados para entender como se engendram essas identidades.

Nas enunciações, Caco Barcellos atribui o primeiro estalo do processo que resultou no livro *Rota 66* (1992), cujo relato denuncia o assassinato de mais de quatro mil jovens pobres pela Polícia Militar de São Paulo, às vivências como criança na periferia de Porto Alegre (RS). Naquela época, precisou correr da polícia ao sofrer violências e abusos policiais junto com outros colegas. Mauri König se remete aos traumas de infância, como vítima de abuso sexual, estabelecendo conexões entre o episódio e a carreira, sendo ele autor de longa investigação sobre violências sexuais, em especial contra crianças, nas fronteiras brasileiras, publicada no livro *O Brasil Oculto* (2013). José Hamilton se reporta aos primeiros anos de vida no campo para justificar a sensação de estar ‘em casa’ na cobertura rural a qual se dedica há pelo menos 30 anos. Armando Antenore conta a busca desde criança por impressionar o pai com os próprios versos, fundamentando a obsessão pela escrita.

Noutra situação, Fábio Bispo recorre às vivências no estágio como menor aprendiz em órgãos do Estado, com seus contatos iniciais com documentos públicos, como complemento do interesse profissional pela fiscalização da coisa pública. Fabiana Moraes encontra explicações para o próprio fazer ao revisitar a convivência familiar. Daniela Arbex costuma dizer que a imensa indignação que a acompanha desde a adolescência e o desejo de transformá-la em ação a empurraram para o jornalismo, estimulando-a a escrever, ainda que sob possíveis estranhamentos do pai. A carreira como correspondente internacional construída por Adriana Carranca tem na infância as primeiras motivações, na curiosidade pelas histórias do mundo contadas pelo avô, trabalhador do porto de Santos. Se não explicam a trajetória traçada pelos jornalistas, tais experiências deixam sinais a serem considerados.

Essas facetas podem ser traduzidas por aquilo que Cremilda Medina denomina como “observação-experiência”. Osorio Vargas (2017) chama de *experiência-vivência*, ao enfatizar a atenção aos processos perceptivos inconscientes na investigação jornalística. Na sua avaliação, “a narrativa da reportagem é uma produção de sentidos da atualidade que parte da leitura de fatos sociais vividos pelo ser humano e sua cotidianidade e são incorporados pela linguagem, entendida como elaboração simbólica de uma forma expressiva da cultura” (OSORIO VARGAS, 2017, p. 54, tradução nossa)⁶⁷. A experiência-vivência se soma a outros

⁶⁷ “La narrativa del reportaje es una producción de sentidos de la actualidad que parte de la lectura de hechos sociales vividos por el Humano Ser em su cotidianidad y son incorporados al lenguaje, entendido como la elaboración simbólica de una forma expresiva de cultura”.

dois componentes indispensáveis no processo de produção de uma reportagem: a observação atenta, que permite um primeiro contato com a realidade, e o encontro com o Outro, numa relação dialógica com os sujeitos de investigação (MEDINA, 2008b; 2016). Tal dificuldade de separar a vivência como repórter da experiência de vida é reconhecida de forma explícita em uma das falas (Adriana).

Além disso, destacar esta discussão no âmbito da identidade dos sujeitos busca superar a ideia de que, embora muitas vezes possam parecer, jornalistas não significam um grupo fechado em si mesmo. Estudá-los, portanto, requer a necessidade de perceber esta rede de relações tecidas a partir de panoramas diversos. Um olhar detalhado acerca do tema sempre precisa lançar mão, portanto, de uma perspectiva contextual, nas interações sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas. Esta relação dialogal em geral se faz presente em qualquer produção jornalística, com a diferença de que, na produção de uma reportagem em profundidade, pelas suas condições próprias específicas, tal manifestação pode ser ainda mais intensa, numa tênue ligação com o percurso vivenciado por cada sujeito. A *experiência-vivência* dos sujeitos repórteres se faz, afinal, fundamental nos modos de sentir e perceber o mundo.

5.2 FORMAÇÃO

A identidade profissional de jornalistas decorre de um processo histórico e sofreu impacto com a decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2009, pela suspensão da exigência do ensino superior específico para o exercício do jornalismo. O decreto-lei que determinou a obrigatoriedade do diploma de jornalismo remonta ao contexto da ditadura militar, em 1969. Durante 40 anos no Brasil, até 2009, o estatuto profissional esteve condicionado à necessidade do diploma superior em Jornalismo, estabelecendo quem podia ser reconhecido como tal. As discussões e tensões em torno da exigência de formação remetem a um debate antigo, ainda na década de 1940, numa disputa entre sindicatos e associações de jornalistas, com a resistência de proprietários de empresas jornalísticas (LOPES, 2013). Esses tensionamentos de certo modo se manifestam no quadro abaixo, com as principais informações sobre a formação educacional dos sujeitos.

Quadro 5 – Formação educacional dos repórteres especiais selecionados para a pesquisa

Entrevistado(a)	Formação em Jornalismo?	Tem pós graduação?	Detalhes da formação
Adriana Carranca	Sim	Sim	Formada em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Católica de Santos (UniSantos/SP). É mestra em Políticas Sociais e Desenvolvimento pela London School of Economics and Political Science (Escola de Economia e Ciência Política), especializada em Ciências Sociais Aplicadas, de Londres, e em Jornalismo pela Columbia University, em Nova York. Em 2012 atuou como pesquisadora convidada do Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo, na Universidade de Oxford. Em 2013 integrou o Projeto de Reportagem Internacional, da Universidade Johns Hopkins, de Washington.
Andrea Dip	Sim	Sim	Graduada em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo (SP), 2004. Fez um curso de extensão na pós-graduação da PUC São Paulo intitulado “O Estado e o Corpo”, concluído em 2016. Foi bolsista Cosecha Roja em Narrativa, Género, Violencia y Juventud 2018 e Independent Journalism Program de Open Society Foundation 2018.
Armando Antenore	Sim	Sim	Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), em 1991. Tem pós-graduação em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL/SP), concluído em 2008. Como bolsista do CNPq, participou do projeto “São Paulo de Perfil”.
Caco Barcellos	Sim	Não	Cursou Matemática inicialmente, buscando ser engenheiro civil. Dois anos e meio depois mudou para Comunicação Social – Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), em Porto Alegre, formando-se, em 1975.
Chico Felitti	Sim	Não concluído	Formado em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Além de escrita de ficção, fez mestrado em escrita criativa na Columbia University, em Nova York (não concluído).
Daniela Arbex	Sim	Não	Formada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, em 1995.

Fabiana Moraes	Sim	Sim	Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, em 1997. Possui doutorado em Sociologia pela UFPE (2011) e mestrado em Comunicação pela UFPE (2005).
Fábio Bispo	Sim	Sim	Graduado em Comunicação Social - Jornalismo na Estácio de Sá, em Florianópolis, em 2008, é pós-graduado em Ciências de Dados pelo SENAI/SC (2020).
José Hamilton Ribeiro	Não concluído	Não	Cursou graduação na Cásper Líbero, a primeira escola de Jornalismo do Brasil, fundada em São Paulo (SP), em 1947. Mas não chegou a concluir o curso. Foi expulso da faculdade por liderar um movimento grevista como presidente do Centro Acadêmico de Jornalismo, que exigia substituição de todos os professores. Já como jornalista, graduou-se em Direito, em Uberaba (MG), em 1964, mas nunca exerceu a atividade.
Mauri König	Sim	Sim	Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/PR), em 1991, e em Comunicação Social - Jornalismo pela União Dinâmica de Faculdades Cataratas (UDC/PR), em 2004, com pós-graduação em Jornalismo Literário pelas Faculdades Vicentinas (Favi/PR) e Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL/SP), em 2008. É mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/PR.
Natalia Viana	Sim	Sim	Formou-se em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) em 2001, iniciou também o curso de História na USP, sem concluir. Tem mestrado em Radiojornalismo pela University of London, na Inglaterra.
Renan Antunes de Oliveira	Não	Não	Ingressou no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Famecos - PUC/RS, mas não concluiu o curso. Antes disso, cursou Direito e Ciências Sociais, também sem concluir.

Fonte: Elaborado pela autora para fins desta tese com base em entrevistas e consultas a materiais diversos, incluindo livros, podcasts, vídeos, jornais e revistas

5.2.1 Teoria e prática como indissociáveis

No campo profissional, ainda predomina uma certa forma de compreender o exercício do jornalismo associado fortemente à sobrevalorização de uma dimensão empírica. Como ensinam Takeuchi e Nonaka (2008, p. 226), “o conhecimento tácito está profundamente enraizado na ação e nas experiências corporais dos indivíduos, o que está alinhado com o ‘aprender fazendo’.” De fato, uma consciência ética também se desenvolve no “aprender fazendo”, conforme sintetizam Charron e Bonville (2016, p. 71), ao pensar o campo profissional jornalístico, “há componentes da competência jornalística que se adquirem somente pela prática”. Os autores se referem a habilidades como: “acuidade visual, tomada correta de decisão, rapidez de execução, domínio de procedimentos estilísticos” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 71). Nos depoimentos de repórteres especiais reunidos para a realização desta pesquisa, é possível observar uma diversidade de opiniões sobre a relação estabelecida entre teoria e prática, como vemos a seguir.

“A faculdade de Jornalismo não vai conseguir cobrir todas as áreas”

“Acho legal que existam cursos de Jornalismo porque a gente precisa dessas ferramentas. Mas elas são quase como um curso mais técnico, de ferramentas mesmo de trabalho, então, no Columbia [University] você tem Jornalismo de Dados, Técnicas de Investigação, Técnica de Escrita, Construção de Texto [...]. A faculdade de Jornalismo não vai conseguir cobrir todas as áreas... Ao mesmo tempo, é uma questão complicada, porque o jornalista não é um especialista, ele vai entrevistar especialistas.” (Adriana Carranca em entrevista à autora).

“Não acho que a graduação me ajudou”

“Não acho que a graduação me ajudou. O que me ajudou foi a minha experiência enquanto repórter. Eu tive a sorte de trabalhar na ‘Caros Amigos’, no segundo ano de faculdade.” (Andrea Dip em entrevista à autora, grifos nossos) *“Na formação dos jornalistas [...] falta um incentivo para quem quer fazer grandes reportagens, por exemplo, o trabalho do repórter, aquele que vai pra rua, põe o pé na lama, suja o sapato. Eu senti falta disso na minha formação.”* (Andrea Dip em ENTREVISTA..., 2016).

“Algum tipo de regulamentação que inclua uma formação acadêmica”

“Eu tive professores bons. Na faculdade, principalmente o Bernardo Kucinski e a Cremilda Medina, que me ajudaram muito nesse processo de aprendizado [...] eu fui assistente dela, tive

uma bolsa de CNPq. [...] No começo da carreira e no meu tempo de universidade, ela foi muito importante, porque me incentivou muito a persistir nessa trilha da autoria [...] As coisas mudaram tanto desde que eu me formei... Mas, para o exercício do jornalismo profissional, eu sou a favor de algum tipo de regulamentação que inclua uma formação acadêmica.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Não chegam apaixonados pela rua das universidades”

“Vim de uma geração que era muito diferente. Passou por escolas não tão boas como as que têm hoje” (Caco Barcellos em BARCELLOS, 2003, p. 18). “Faculdades produzem mais apresentadores. É difícil. Ali, na minha sala, recebo um monte de DVDs. Mais de 800! Talvez três ou quatro com reportagens. Só se oferecem como apresentadores! Falam muito bem. Bonitos, corretos. Mas, repórter mesmo, muito raro [...]. Eu acho que algumas faculdades ajudam muito na formação geral. Eles chegam prontos: ‘Agora, vamos pra rua’, pra completar o processo. Aí eles se apaixonam, quando vão pra rua. Não chegam apaixonados das universidades. É muito difícil.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Eu sou muito dessa escola intuitiva”

“Eu fui fazer jornalismo porque tinha que fazer alguma coisa. Não sabia o que eu queria.” Chico Felitti em (ESTANTE..., 2020) “Eu sou muito dessa escola intuitiva [...]. Falando de personagens e matérias mais etéreas, acredito muito em ‘feeling’, e isso não se aprende muito na escola, acho. Queria muito que um professor meu tivesse me dito ‘se você está muito obcecado com uma história, vá atrás’. Isso aconteceu muito na minha vida, não só nessa matéria.⁶⁸” (Chico Felitti em FELITTI, 2019).

“A formação ajuda muito”

“Li no ‘Notícias do Dia’: ‘Precisamos de jornalistas’. Fui atrás daquela vaga [...] Como estudante, topava tudo, inclusive trabalhar sem carteira assinada. Quando me deram essa oportunidade, nossa! Eu estava louco para trabalhar em uma redação, então eu a agarrei com as duas mãos, tanto que eu me dedicava exclusivamente ao jornal. Cheguei a deixar de lado os estudos nesse período. [...] Jornalismo é uma atividade não apenas intelectual, mas também técnica, nesse ponto a formação ajuda muito.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

⁶⁸ Trata-se da reportagem ‘Fofão da Augusta, quem me chama assim não me conhece’, publicada no *Buzzfeed* em 27 de outubro de 2017 e transformada no livro *Ricardo e Vânia*.

“Essa divisão de pensar e fazer é arbitrária”

“Fazer o mestrado e o doutorado e também estar na redação me mostrou muito claramente como essa divisão de pensar e fazer é arbitrária e causou tanto mal, principalmente à prática jornalística. [...] Uma pegada muito antiacadêmica dentro da redação. Uma ojeriza, às vezes quase ao fato de você pesquisar. E, ao mesmo tempo, dentro da academia, no curso de Sociologia, eu observava muito isso: ‘Ah, se você trabalha, não faz pesquisa séria’. [...] A gente precisa superar essa distinção que é falsa.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Formação é a base, é o começo de tudo”

“O que eu não aprendi como uma teoria, aprendi fazendo [...] A formação é fundamental. Embora, a formação acadêmica não seja a única, porque a gente, o jornalista é um ser construído por muitas coisas, pela vivência pessoal, pelo olhar, pelos valores, pelas crenças. Essa formação é a base, é o começo de tudo. É necessária, e mesmo assim, a gente estuda pouco, quatro anos é muito pouco! [...] Só fui começar a escrever no sétimo período, isso é inconcebível. Jornalista tem que ir a campo desde o primeiro período.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Parece que a teoria no jornalismo está mais na prática mesmo”

“Jornalismo é uma área que é enjoada de teorizar [...] parece que a teoria no jornalismo está mais na prática mesmo. É ler (ver, ouvir) os bons e correr atrás” (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 2012a, p. 15). *“O repórter deve conquistar um conhecimento que lhe permita saber um pouco sobre a angústia do ser humano. Para isso, precisa ler bons livros, sobretudo, os de poesia. Os poetas são a ‘antena da raça’. Eles captam coisas que nós, pessoas comuns, não conseguimos perceber”* (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 2012b, p. 278).

“Fui percebendo como eu tive um incremento no meu trabalho a partir dessa pós”

“Tinha nove anos de prática diária em jornalismo quando entrei no curso [...] Eu pensava isso [desprezo pela teoria] também [...] Só mudei a opinião quando fiz uma especialização [...] Na pós-graduação em Jornalismo Literário, tive aula com Edvaldo Pereira Lima. Sérgio Villas-Boas e o Celso Falaschi. [...] já fazia intuitivamente reportagens com um quê de jornalismo literário. [...] A pós-graduação me fez ver como era possível, aqueles mapas mentais, por exemplo, que o Edvaldo nos ensinava. Estratégias narrativas que se diferenciavam do factual Fui percebendo como eu tive um incremento no meu trabalho, na minha escrita. Aquilo me

abriu os olhos e ajudou a qualificar a minha prática a partir das teorias. [...] É parte integrante da cultura de jornalistas achar que a vida acontece na redação, na rua. [...] A gente tem só muito recentemente formações ‘scripto senso’ no jornalismo.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Eu não aprendi na universidade”

“A grande maioria do que eu aprendi, eu não aprendi na universidade [...]. A grande maioria você aprende na rua [...] Se o cara vai no congresso da ABRAJI, se interessa pelo assunto, estuda duas ou três coisas, e faz na prática, o mais importante é fazer na prática, ele aprende. [...] Claro, tem treinamentos técnicos: jornalismo de dados. Mas você faz um curso” (Natalia Viana em entrevista à autora). “Fui para a faculdade de jornalismo acreditando que aprenderia jornalismo na faculdade. E não é bem assim.” (Natalia Viana em VIANA, 2021).

“O jornalismo só começa na faculdade, pois é na prática que se aprende”

“Carrego junto, quando escrevo, toda a minha formação, todas as coisas que vi, vivi. O jornalista é tudo, em movimento. [...] Nunca me formei, mas tenho registro profissional [...]. Apesar de se aprender pouquíssimo do jornalismo na universidade, o fundamental é que o sujeito passe por ela. O mundo inteiro consagrou o estudo; quanto mais, melhor: se possível, PhD. Para ensinar e melhorar a profissão, tem que haver um curso. Porém, o jornalismo só começa na faculdade, pois é na prática que se aprende’.” (Renan Antunes de Oliveira em Oliveira, 2006, p. 10-11).

A formação é encarada de maneira distinta entre os entrevistados. Alguns atribuem à experiência profissional um peso incomparável na própria constituição como repórter (Andrea, Chico, José Hamilton, Natália e Renan), enquanto outros enaltecem a teoria e a prática como aliadas (Adriana, Armando, Caco, Daniela e Fábio), e há ainda quem valorize a ruptura dessa distinção (Fabiana e Mauri). Entre o primeiro grupo, a formação superior pode ser vista inclusive como dispensável frente ao conhecimento adquirido na prática profissional. Dos 12 profissionais consultados, dois não têm graduação concluída na área, apesar de ingressarem no curso e acumularem vivências marcadas pela profissão, incluindo o reconhecimento de um dos

principais prêmios da categoria. São os entrevistados mais velhos (José Hamilton, de 85 anos, e Renan A. de Oliveira, falecido aos 71), o que pode sugerir uma questão geracional⁶⁹.

Mesmo diplomados em Jornalismo, dois dos repórteres desvalorizam a formação universitária específica (Chico e Natalia). Este dado, assim como o anterior, dos dois profissionais sem formação acadêmica (José H. e Renan), também reflete o espaço de disputas, confrontos e embates em torno da regulamentação da profissão e o recorrente conflito entre as dimensões teórica e prática do jornalismo. Independentemente do período ou do modo como ocorrem esses enfrentamentos, um componente parece estar sempre presente no debate: o não reconhecimento da indissociabilidade entre os conhecimentos tácitos e explícitos, não apenas complementares, como interpenetrantes. Pois “existe algum conhecimento explícito em cada conhecimento tácito e algum conhecimento tácito em todo o conhecimento explícito” (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 22), que a superestimação da prática ignora.

O caráter pragmático da atividade, associado à ideia de *aprendizagem na prática*, ajuda a explicar por que a graduação na área não foi a primeira opção para dois dos repórteres, apesar de trabalharem à época como tal. Mauri König formou-se jornalista depois de concluir Letras e Caco Barcellos migrou da Matemática para o Jornalismo, na metade do curso. Natalia Viana ingressou em História e Jornalismo, diz ter concluído o segundo apenas pela exigência do diploma à época. Se não fosse obrigatório, não teria feito o curso. Dos 12 profissionais, sete cursaram pós-graduação em jornalismo ou áreas correlatas no Brasil e exterior. Quatro têm mestrado, sendo dois deles, o curso profissional (Adriana e Natalia) e dois, mestrado acadêmico (Fabiana e Mauri), um com mestrado não concluído (Chico) e uma com doutorado (Fabiana).

Dados sobre a formação profissional no universo selecionado também mostram que pode haver uma aproximação de repórteres especiais com o chamado ‘jornalismo literário’. Dois dos entrevistados acumulam formação em cursos e especializações deste segmento, com ênfase na preocupação estética das narrativas (Armando e Mauri). Ou apresentam experiências voltadas ao ‘jornalismo investigativo’, focando especialmente nos processos diferenciados de apuração, às vezes com participação efetiva nas atividades desenvolvidas pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), como ocorrem com quatro delas (Adriana, Andrea, Daniela e Natalia). Há quem circule entre as duas esferas (Mauri), tenha especialização em dados, reforçando a proximidade com o jornalismo investigativo (Fábio), ou de algum

⁶⁹ Embora Caco tenha a mesma idade de Renan e seja graduado, ambos inclusive foram contemporâneos no curso da Famecos (PUC), em Porto Alegre (RS).

modo, questione tais categorias (Caco, José Hamilton e Renan), defendendo a não hierarquização do jornalismo (Fabiana).

O percurso adotado pelo grupo permite reconhecer mudanças estruturais de modo mais amplo. Se, no passado, tornar-se repórter especial sem formação específica foi possível para dois dos jornalistas consultados (José H. e Renan), hoje, mesmo com a suspensão da exigência do diploma em Jornalismo, esta parece uma situação pouco provável. Os veículos seguem critérios de recrutamento baseados na formação, que procura desenvolver competências próprias para o exercício da atividade, estabelecendo fronteiras de pertencimento profissional. Entretanto, ainda há um longo caminho para alcançar a profissionalização do jornalismo e, portanto, o seu reconhecimento como atividade regularizada. Para Neveu (2006, p. 39), “o jornalista não deve seu prestígio social a um curso longo ou seletivo, mas a outros recursos: qualidade de expressão, visibilidade social, proximidade dos poderosos, coragem do correspondente de guerra”.

Como o autodidatismo cerca a cultura profissional e sempre esteve enraizado, não estranham certas interlocuções, que superestimam a intuição no reportar (Chico) ou privilegiam a prática em detrimento da teoria (Andrea, Natália e Renan). Na história da imprensa brasileira, o diploma e o curso superior foram alvo de tensões permanentes (LOPES, 2013). Mesmo quando se colocam favoráveis à exigência de formação para o exercício profissional, pode haver relativizações. Um dos depoentes, por exemplo, apesar de se dizer favorável à formação, cita que “a teoria no jornalismo está mais na prática mesmo” (José Hamilton), bastando “ler, (ver, ouvir) os bons e correr atrás”. Enquanto outro, também posicionado favorável à educação superior na área, observa que “é na prática que se aprende” (Renan). Como sugere um dos repórteres (Mauri), o jornalismo como objeto de estudo científico no Brasil tem uma trajetória relativamente recente, a partir dos anos 1960⁷⁰.

Torna-se interessante perceber a mudança de postura de um dos depoentes a partir da capacitação profissional (Mauri). Quando apenas em redação, ignorava os saberes produzidos

⁷⁰ Enquanto objeto de estudo na sociedade brasileira, o jornalismo percorreu fases distintas. Há quem separe essa trajetória em pelo menos três grandes momentos (MARQUES DE MELO, 2008). A primeira fase contemplaria o período de emergência da Universidade como instituição social, na década de 1930, com a imprensa servindo de fonte para as ciências humanas. Remonta a este período o caso de Gilberto Freyre, que recorre aos anúncios de jornais para interpretações sociológicas com seu livro *Casa Grande & Senzala* (1933). A segunda fase corresponderia à conjuntura da inclusão do jornalismo como disciplina universitária, com a fundação dos primeiros cursos de formação informativa, no final dos anos 1940. Sendo a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, em 1947, em São Paulo, a primeira escola de Jornalismo criada no Brasil, seguida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A terceira fase estaria na conversão do jornalismo em objeto de estudo científico, a partir dos anos 1960. Deste período, Luiz Beltrão, fundador do Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco, é considerado responsável por noções preliminares em torno de teorias do jornalismo no país.

na universidade, no entanto, desde que deu sequência aos estudos viu o quanto pode ser produtivo o trânsito pelos dois espaços – da universidade e da redação. O retorno ao ambiente universitário para dar continuidade à formação permitiu uma autocrítica ao repórter e a percepção de que a rua é um laboratório para a produção jornalística, mas não deve ser encarada como o único ou o mais importante espaço de aprendizagem. Isso porque o ambiente de ensino proporciona uma reflexão que a prática profissional em geral não admite, seja pelas pressões de fechamento ou pela falta de uma cultura avaliativa nas redações. De modo que ambas atuam necessariamente juntas na construção de saberes, competências e habilidades profissionais.

Afinal, como sintetiza Paulo Freire (1979, p. 40), a ação humana, “qualquer que seja [...], o nível em que se dá”, “subtende uma teoria”. Esta máxima impõe a compreensão de que toda a ação se ampara em uma teoria, manifestada de forma consciente ou não, pois carrega consigo esquemas de pensamento e abstração. Da mesma forma que a prática científica implica pressupostos teóricos, demais ações humanas, incluindo a prática jornalística, se sustentam em problemáticas teóricas, que caberiam à reflexão filosófica, incidindo sobre a ação e desvelando-a: “Ao fazê-lo, o que antes talvez não se apresentasse a nós como teoria de nossa ação, se nos revela como tal. E, se a teoria e a prática são algo indicotomizável, a reflexão sobre a ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou a prática) não é verdadeira” (FREIRE, 1979, p. 41). Desta maneira, a prática receberia uma ressignificação.

Essa percepção também é observada por outra repórter especial (Fabiana), para quem a formação de qualidade começa entendendo teoria e prática como não excludentes, mas inseparáveis. Outro repórter também sugere a necessidade de superação dessa dicotomia (Mauri). Apesar de algumas concepções recusarem-se a entender essas duas dimensões no jornalismo necessariamente como complementares entre si, tais falas buscam explicações e manifestam incômodo diante da persistente e equívoca divisão (Fabiana e Mauri). É preciso pontuar, entretanto, que o desconforto com essa fragmentação, integrante da própria cultura profissional, como observa um dos jornalistas (Mauri) parte de quem atuou como repórter e, também, na pesquisa acadêmica, pois não é um ponto levantado pelos demais – o que pode reforçar a ideia de um abismo entre a universidade e a prática profissional quando se fala em Jornalismo.

Apesar de se mostrarem presentes desde as primeiras tentativas em torno de uma formação específica, num contexto mais amplo, parecem relativamente recentes as iniciativas que procuram uma aproximação mais efetiva entre o mundo acadêmico e o ambiente profissional. Entre elas está o REC (Repórteres em Construção), um projeto de formação continuada de jornalistas em Portugal. A proposta que busca aperfeiçoar habilidades de

repórteres nasceu em 2017, durante o 4º Congresso dos Jornalistas Portugueses, e reúne professores e estudantes de todo o país, além de jornalistas em atuação de diversos órgãos. O objetivo principal é a valorização da reportagem, entendendo-a como fundamental para garantir o futuro do jornalismo⁷¹. Em maio de 2021, o REC promoveu uma conferência virtual entre jornalistas, professores e pesquisadores com o sugestivo nome: “Ensino do Jornalismo: entre a escola e a redação”.

Talvez possa representar um possível caminho nesta necessária aproximação. Entre as opiniões dos entrevistados, há ênfase na necessidade de incentivar a prática da reportagem imersiva na graduação e a valorização das experiências à rua, no trabalho de campo (Andrea, Caco, Chico e Daniela). Um ponto destacado quanto à formação profissional é ainda a possibilidade de outras vivências (Daniela), para além do espaço acadêmico e das redações, através de experiências cotidianas pessoais (Natalia e Renan). Uma das falas capta as sutilezas contidas no processo formativo, ao frisar a leitura de livros, especialmente poesias (José Hamilton), numa aproximação das artes, como um componente fundamental. Todo o repertório cultural acumulado se expressa num processo de subjetivações e se soma inevitavelmente às especificidades éticas, técnicas, estéticas e teóricas exigidas na busca por soluções nas rotinas produtivas.

A formação para exercer a atividade jornalística, como se sabe, não se resume meramente a uma bagagem cultural ou habilidade para a escrita, mas encontra nelas estímulos promissores para o desenvolvimento da prática profissional. No grupo consultado, um dos depoimentos percebe o jornalista enquanto um generalista, o que dificultaria uma formação mais focada (Adriana). Contudo, as práticas e trajetórias profissionais de cada um, como veremos adiante, podem sugerir certa ‘especialização’, dependendo da maneira como se compreende essa palavra. Isso porque são carreiras geralmente associadas à cobertura de temas como direitos humanos, o que os leva a uma apropriação de tais discussões. Nos relatos acerca da própria formação que tiveram, o jornalismo é lembrado pelas suas dimensões técnicas (Fábio, Natália, Adriana), mas também intelectuais (Fábio, Fabiana e Mauri) na mediação da realidade social.

5.3 REFERÊNCIAS

⁷¹ Disponível em: <https://www.reportersemconstrucao.pt/>.

Identificar as influências e inspirações profissionais de cada jornalista corresponde a uma busca por compreender outra dimensão, neste caso atrelada à formação, na identidade por eles construída. Entendendo que tal parâmetro também acaba por moldar as identidades profissionais dos depoentes, Referências se apresenta estrategicamente neste espaço, entre os tópicos Formação e Trajetória profissional. Explorar as influências recebidas nas vozes dos repórteres especiais torna-se uma tentativa de contemplar o conjunto de aspectos que envolvem como se identificam e constituem esses agentes sociais. Nessa discussão, há possibilidade de observar possíveis relações, com o estabelecimento de vínculos e a projeção de “os modelos que podem servir de inspiração na prática de cada um” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 71), nas técnicas e métodos adquiridos na condução do trabalho jornalístico.

5.3.1 Trocas com colegas de redação

Nos pontos de vista dos próprios sujeitos, o aprendizado pode se dar muitas vezes pela observação do comportamento de jornalistas experientes, sem a necessidade de usar a linguagem nos processos de interação na redação. Assim, se aprende com momentos em que se ensina sem o objetivo explícito de ensinar ou apenas acompanhando o modo como outros colegas conduzem o trabalho jornalístico. Num segundo momento da espiral do conhecimento, a etapa de externalização corresponde ao processo de articulação do conhecimento tácito em explícito, conforme Takeuchi e Nonaka (2008). É quando o conhecimento individual passa a ser compartilhado com o grupo, com a transformação do tácito para o explícito. Então, as trocas e conversas com profissionais também ajudam a moldar um determinado comportamento profissional, com a forte influência, sobretudo, dos primeiros colegas profissionais, responsáveis pelas lições preliminares da prática.

O processo de compartilhamento de experiências, através da socialização, permite o desenvolvimento de conhecimento tácito, tendo como base a própria experiência dos sujeitos na relação estabelecida com outras pessoas, com as habilidades técnicas compartilhadas nessa interação. “O indivíduo pode adquirir conhecimento tácito diretamente dos outros sem usar a linguagem. Os aprendizes trabalham com seus mestres e aprendem sua arte não através da linguagem, mas **da observação, da imitação e da prática.**” (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 60-61, grifo nosso). Por isso, para os autores, a aquisição do conhecimento tácito está na experiência: “Sem alguma forma de experiência compartilhada, é extremamente difícil que uma pessoa projete-se no processo de raciocínio de outro indivíduo”, observam Takeuchi e Nonaka (2008, p. 61). Esta máxima torna-se facilmente perceptível nos relatos reunidos.

“Você aprende muito com a relação, a troca com os colegas”

“A redação é muito legal porque você aprende muito [...], tem a relação, a troca com os colegas. Como escritora, agora, é um trabalho completamente solitário, eu sinto essa falta... de conversar, contar com a experiência de outros colegas, tenho vários... o Bruno Paes Manso, por exemplo, que é da minha geração e trabalhou muitos anos comigo, é o cara que mais entende de violência no Brasil, de violência urbana, de criminalidade, de homicídios, é um grande especialista de homicídios, eu aprendi muito com ele. O Bruno foi o cara que me falou: ‘a gente tem sempre que fazer as perguntas que a gente quer aprender’. Você não precisa pensar em pergunta, vai ser sempre a tua própria dúvida” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Me aproximei de grandes jornalistas que me ensinaram”

“Eu me aproximei de grandes jornalistas que me ensinaram muitas coisas. Me ensinam ainda. Marina Amaral, por exemplo, diretora da ‘Caros Amigos’ e hoje diretora da ‘Pública’ [...]. sempre editou minhas matérias, e falava: ‘Chega, tá bom já! Quantas entrevistas você fez?’, sei lá, 35, ‘Chega, já tá bom! Não é uma tese, é uma reportagem!’ [...] O Sérgio de Souza [ex-editor da Realidade e fundador da Caros Amigos] que era nosso editor, muito sensível e tinha muito esse faro também para os repórteres. Ele me incentivou nisso, percebeu que eu tinha essa propensão e me ajudou a desenvolver.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Quem me influenciou mais foram os colegas”

“Quem me influenciou mais foram os colegas, pessoas próximas. Trabalhei com um repórter na ‘Folha’, o Mário Cesar Carvalho [...] aprendi muito com ele. Aprendi, de ver, de conversar, de trocar ideias... Mário Magalhães, autor da biografia do Marighella [...] colegas com quem eu troquei textos, conversei sobre a lida do trabalho, no dia-a-dia. Aprendi muito lendo os textos do João Moreira Salles, conversando com ele, também com o Fernando de Barros [e Silva], ou vendo a Malu Gaspar trabalhar, conversando com ela e vendo como ela fazia; o Alcino Leite, hoje editor da ‘piauí’, mas durante anos um editor importantíssimo da Folha, que me ensinou muito. Ensina sem ensinar, né?! Você vai vendo o cara fazer.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Colegas que trabalham mais ou menos como eu...”

“Marcos [Faerman] foi fundamental na minha vida [...] Nós fundamos juntos a ‘Versus’. [...] [Sempre tive] colegas que também trabalhavam mais ou menos como eu... o [Marcelo] Canellas, Carlos Dornelles, posso citar vários... Alguns também da imprensa não televisiva. Ricardo Kotscho, Eliane Brum, Carlos Wagner... tem um elenco bom aí, [...] Eu tive lições na vida... [o chefe de reportagem] Carlos Alberto Kolecza, do Rio Grande do Sul. Eu era como os meninos que estão chegando. Ele me deu uma tarefa. Eu era taxista e escondia isso dos colegas. Tinha um sequestro na cidade, de um estudante, que estavam torturando no DOPS. A missão era descobrir algo [...]. O delegado não me recebeu [...]. Ele disse: ‘Bateu então em 15 portas? Pelo que sei são 5 andares com 25 portas. Faltam quantas portas pra você bater? Pode voltar!’. Passei uns dois dias fazendo isso. [...] Ficou para mim aquela lição.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Mônica Bergamo, minha verdadeira faculdade de jornalismo”

“Os anos em que trabalhei com a Mônica Bergamo foram minha verdadeira faculdade de jornalismo. Ela ensina na prática a ter paixão pela apuração, mas, ao mesmo tempo, ser responsável com o que vai ser publicado. Como ela mesma diz: ‘A gente tem que apurar que nem um vulcão, mas escrever como um iceberg’. (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“Com minhas chefes, aprendi a precisão”

“Com a Marise [Baesso] e a Denise [Gonçalves], minhas chefes que eu gosto muito, aprendi a precisão, a questão da importância de estar documentada, mas o estilo de texto foi sempre muito meu. Elas, sem dúvida, descobriram o ouro em mim. Foram me lapidando. A Denise me ensinou a trabalhar com o dicionário aberto no computador. Porque é muito chato um texto embolado, eu detesto. Tento fazer um texto simples, mas com mais opção, repertório, ela me ensinou isso, a questão da repetição de palavras, a enxugar um texto, isso ela me ensinou muito bem. Mas quando eu falo de reportagem, eu não aprendi a fazer com elas. Eu aprendi a melhorar o meu texto, a melhorar a minha apuração com elas, assim, pela cobrança [...] E a Marise, como minha chefe direta, é uma grande editora. Então eu sempre tive muita confiança no que ela dizia. [...] Elas foram me direcionando, me ajudaram muito.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Colegas aqui de Recife, sempre cuidadosas”

“Tem colegas daqui de Recife que sempre foram bastante cuidadosas. E com excelente material produzido, como Verônica Almeida, Siara Carvalho, Silvia Bessa, Marcionila Teixeira. Tô

falando de repórteres do ‘Jornal do Comércio’, do ‘Diário’ [de Pernambuco]. [...] tem muita gente boa, incrível, acho que a equipe de repórteres especiais do Jornal ‘O Povo’, no começo dos 2000 até metade ali. Um time de repórteres especiais sensacional, jornal ‘O Povo’, do Ceará.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“O espaço da redação é quase como uma escola complementar”

“No jornalismo investigativo, eu aprendi muito com o Lúcio [Lambranhão]. Ele me trouxe toda uma expertise [...]. Ele me ensinou todo esse trâmite burocrático, essencial para qualquer repórter, mas, principalmente, para um repórter que vai investigar política ou trabalhar com documento do judiciário. [...] O grande cara na redação, no ‘Notícias do Dia’, para mim, foi o Édson Rosa [...], um jornalista prático, não tem formação jornalística, mas tem uma sensibilidade e um olhar. Ele me ensinou a fazer jornalismo, desde a apuração, me acompanhou em praticamente todos os processos da redação. Foi o meu primeiro editor, quando eu comecei na sucursal de Palhoça, depois eu vim para a redação central, para a editoria de Polícia, e ele era o editor. [...] Foi com quem eu mais aprendi porque foi com quem eu convivi mais. Mas com todo mundo eu aprendi muito. [...] O espaço da redação é quase como uma escola complementar.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Tive sorte de pegar chefes de reportagem amigos e cordatos”

“Fico brincando que toda a carreira de repórter tem uma coisa que muitos sentem e poucos verbalizam. É que todo repórter tem um chefe de reportagem atrás. E eu tive sorte de pegar chefes de reportagem amigos e cordatos Mas eu sei de repórteres que foram perseguidos pelos chefes de reportagem, sabe? Que passavam pra eles as piores pautas. Não davam prazo, se ele não viesse com a informação do jeito que ele queria, fazia uma cobrança pública, execrava na redação, mas, enfim... [...] Outro grande repórter é o Nelson Araújo, que também trabalha no Globo Rural, mesmo local onde eu trabalho.” (José Hamilton Ribeiro, entrevista à autora).

“Eu não seria o jornalista que sou hoje sem ter tido os meus exemplos”

“Em maio de 1994, tive contato diário com aquele que seria o meu grande professor de Jornalismo, o Montezuma Cruz, meu chefe na sucursal da Folha de Londrina [...]. Eu percebia como ele fazia. A gente conversava bastante e ele me falava como fazer, as estratégias [...] Tive outro professor que aparecia por lá, José Masquio, o Ganchão, repórter especial da ‘Folha de S. Paulo’ [...] Eu o acompanhei algumas vezes pra aprender como ele fazia, o traquejo em campo, como entrevistava. Foram os meus grandes professores da prática [...] eu não seria o

jornalista que sou hoje sem ter tido os meus exemplos, os meus modelos de trabalho. [...] Em Curitiba, [...] me deparei com um outro grande jornalista com quem eu aprendi muito, a gente sentava lado a lado e conversava sobre o trabalho jornalístico, o José Carlos Fernandes.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Me ensinou muito de texto, de olhar, de deixar o instinto de repórter falar”

“[Sérgio de Souza] foi meu primeiro mestre [...] me ensinou muito de texto, de olhar, de deixar o seu instinto de repórter falar. Eu nunca tinha ouvido alguém falar: ‘mas como tá o cheiro disso? Sabe essas coisas? [...] Ele era excelente editor [...], desde Realidade, aquela tradição do jornalismo literário [...] Ele tinha umas coisas muito humanas que não eram metodológicas, mas ajudavam. Por exemplo: propunha uma história, mas ela não tá boa ainda: ‘vai pra rua’. [...] Coisas muito legais e românticas também. Depois eu passei a andar muito com jornalistas investigativos, os hardcore. E o Serjão já não tinha esse perfil, mas sei lá, pessoal do Wikileaks, Giannina Segnini... um pessoal que tem uma coragem.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

5.3.2 Influências externas

Entendendo o conhecimento como relacionado essencialmente com a ação humana, Takeuchi e Nonaka (2008, p. 40) consideram que o conhecimento tácito tem uma importante dimensão cognitiva: deste modo, “consiste em modelos mentais, crenças e perspectivas tão inseridas em nós que as consideramos naturais, não podendo, portanto, articulá-las com facilidade. Por esse mesmo motivo, esses modelos implícitos moldam profundamente a percepção do mundo”. Além da convivência com jornalistas, nas vozes de repórteres especiais há a recorrência a outras influências como responsáveis por ‘moldar’ a própria constituição identitária profissionalmente. Essas outras influências, identificadas aqui como ‘externas’, pois não se referem à interação permanente em espaços como a redação, incluem impulsos variados, de esferas como da leitura em geral à música - também lembrada como estímulo inicial para o jornalismo (tópico 4.5.1.2).

“Eliane Brum é incrível”

“Eu gosto muito das reportagens da ‘The New Yorker’, da Rachel Aviv, que publica poucas matérias, mas são grandes reportagens, com aquela grande questão. [...] Eliane Brum, não posso deixar... É incrível, as matérias dela sempre foram maravilhosas!” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Admiro muito [Eliane Brum]”

“Admiro, claro, muito [Eliane Brum]. Ela muito na frente, [risos], mas acho que talvez a gente parta desse mesmo lugar, de gostar de ouvir as pessoas. Primeiro de tudo”. (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Me influencia mesmo o que lida bem com a palavra”

“Acho que a literatura influencia. Posso te falar os clássicos todos, os americanos, os básicos do Novo Jornalismo [...]. Me influencia mesmo o que lida bem com a palavra. Então, a música me influenciou (a música popular brasileira - muito, muito, muito). Aquela admiração pela narrativa! Me influenciam muito: a música popular brasileira, a literatura (dos escritores contemporâneos aos clássicos).” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Os melhores romancistas, os que eu mais admiro, são não-ficcionistas”

“Eu aprendi muito com o pessoal do New Journalism, principalmente o Gay Talese, que eu li muito, muito. Truman Capote... Eu li A Sangue Frio umas 30 vezes [...]. Eu estudava toda a parte técnica da escrita” (BARCELLOS, 2003, p. 16) *“Os melhores romancistas, os que eu mais admiro, são não-ficcionistas: foram jornalistas e repórteres [...]. E alguns, com elementos de ficção. Artur Hailey, por exemplo. Você lê os livros dele, parece que está dentro da história. [...] Mas tem elementos de ficção. Já Gay Talese, que tem um texto muito, muito melhor, e é de não-ficção.”* (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Me espelho nos grandes”

“Me espelho nos grandes: Daniela Arbex, Eliane Brum, Svetlana Alexijevich, Antonio Callado, Frank McCourt, Truman Capote e muita gente da ficção.” (Chico Felitti em ENTREVISTA, 2020).

“Eliane Brum, Marcelo Canelas...”

“A Eliane Brum é muito incrível. Ela tem uma bagagem intelectual muito grande [...]. O Marcelo Canelas é um jornalista de uma sensibilidade que eu tiro o chapéu! Ele é incrível, ainda mais que lida com tevê e sabe escrever texto, né?” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Um dos clássicos dos clássicos é a própria Eliane Brum”

“Tem jornalistas que, óbvio, eu admiro, não que tenham sido responsáveis por minha formação. Mas que eu admiro por conta de seus componentes éticos. [...] pessoas que eu sei que têm um compromisso muito grande com o que escrevem e sobre o mundo que escrevem... um clássico dos clássicos é a própria Eliane Brum. Eu tenho um respeito muito grande pelo trabalho dela, como ela se relaciona com o trabalho dela e com a figura dela como repórter, a responsabilidade dela como repórter [...] Eu acho que Dorrit Harazim também, é uma repórter, uma jornalista séria e que sabe do papel dela frente ao mundo que habita e narra.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Gosto muito daquele repórter polonês, o Kapuściński”

“Aquele galera do ‘The Intercept’, tem uns caras muito bons. A Nayara Felizardo tem reportagens muito boas. A Eliane Brum. Eu não tenho mais lido nada novo dela de fôlego, mas o que eu li ainda marca bastante. Eu gosto muito daquele repórter polonês, o Kapuściński. É fenomenal a forma como ele escreve os livros. [...] Tem coisas que ficam. Por exemplo, o Capote. Eu gosto dele, da leitura, mas não consigo incorporar tanto. O nosso dia a dia e nossa dinâmica já mudaram tanto. [...] Claro que muita coisa se repete, mas os nossos métodos hoje acabam evoluindo.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Os repórteres que eu mais admiro... era o Marcelo Rezende”

“Na minha formação, no começo da minha carreira, o que dominava no Brasil era a imprensa escrita [...] No ‘Cruzeiro’ tinha alguns repórteres que depois até foram criticados, mas que à época eram referências. O principal deles era o David Nasser, da Revista ‘O Cruzeiro’ [...] Os repórteres que eu mais admiro... era o Marcelo Rezende, antes da sua fase policial, quando ele era repórter. Ele foi repórter de Geral da Globo. Eu o admirava muito.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Um dos meus gurus era o Sérgio d’Ávila”

“Um dos meus gurus era o Sérgio d’Ávila [correspondente internacional da Folha de S. Paulo], muito bom! Eu disse pra ele: ‘como é que tu fez pra entrar em tal país?’ Ele: ‘eu disse que eu era vendedor de tapete. Ai me deixaram entrar na Argélia. E fiz a série’ [...] Quem cumpre ordens são o sargento, o soldado, o tenente [...], tu não precisa obedecer as ordens do teu manualzinho. Tu vai e derruba.” (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora) .

As interações profissionais se convertem em fonte de aprendizado para o exercício profissional, “uma vez que o comportamento dos jornalistas está enraizado – em grande parte – em normas profissionais partilhadas” (SOLOSKI, 1999, p. 95). Esta dinâmica não apenas estabelece padrões de conduta absorvidos enquanto guias na aprendizagem profissional, como permite o compartilhamento de ideias e experiências nesta socialização que transforma a redação em espaço de troca e criação de vínculos. Por isso, pode haver queixas pela falta de convivência neste ambiente (Adriana). É comum a referência a nomes de ex-colegas, repórteres, editores e chefes, com quem trabalharam e aprenderam lições importantes (Adriana, Andrea, Armando, Caco, Chico, Daniela, Fábio, José Hamilton, Mauri, Natalia e Renan). Ou, ainda, a menção a profissionais de veículos concorrentes (Mauri e Fabiana), que ensinaram fazeres informalmente.

Em geral, outros profissionais são lembrados por introduzirem noções práticas basilares. Os aprendizados resultantes dessa sociabilidade envolvem competências diversas, como aprender a escrever com o dicionário aberto, evitando a repetição de palavras (Daniela), conhecer trâmites burocráticos, acessando documentos oficiais (Fábio), orientar sobre o difícil momento de parar uma investigação (Andrea), além de trocas cotidianas sobre as práticas jornalísticas. Há também a orientação sobre não ter receio acerca do que perguntar (Adriana), o encorajamento para transgredir certas ‘regras’ e manuais (Renan), a possibilidade de aprender apenas vendo colegas se comportarem na redação (Armando) e conduzirem entrevistas no trabalho de campo (Mauri). Conhecer sutilezas da profissão, que, dependendo do modo como são vistas, podem ser até entendidas como românticas, mas eficazes no processo de produção jornalística (Natalia).

“Esses modelos não provêm de manuais, mas do próprio meio no qual o novato aprende: é um colega experiente que ‘cobre’ o mesmo setor, um jornalista conhecido de um meio de comunicação concorrente, o estilo ou o tom de um meio em voga” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 71). Em alguns casos, os conhecimentos tácitos adquiridos nas rotinas produtivas e convivências com profissionais de referência servem como parâmetros de toda a trajetória. Quando a principal lição considerada é a da não desistência, por exemplo, diante dos primeiros não recebidos numa apuração jornalística delicada (Caco). Neste caso, vale destacar que a menção e o reconhecimento ao profissional que motivou a inspiração costumam ser citados nas falas públicas e entrevistas concedidas pelo repórter, revelando como o episódio vivenciado na chegada à profissão foi decisivo na carreira profissional.

Em livro publicado, o jornalista já destacava: “Tive a sorte de cruzar com um chefe de reportagem muito talentoso. [...] Esta experiência me marcou muito, aprendi com o Kolecza a

criar o hábito de perseguir um objetivo. A persistência e a batalha são alguns dos segredos do sucesso no jornalismo investigativo” (BARCELLOS, 1994, p. 18). Movimento semelhante se verifica com a experiência de outra jornalista (Daniela), que agradece publicamente em seus livros as ex-colegas de trabalho mencionadas na entrevista para esta pesquisa. Os nomes das jornalistas Marise Baesso e Denise Gonçalves aparecem nos ‘Agradecimentos’ desde a sua primeira obra *Holocausto Brasileiro* (2013) assim como nos seguintes (*Cova 312 e Todo o Dia a Mesma Noite*). Nos textos introdutórios ou finais das obras, Arbex enfatiza a colaboração da dupla pela ‘parceira imprescindível’ e o compartilhamento da ‘paixão devastadora pelo jornalismo’.

Em geral, fica implícito um sentimento de gratidão aos jornalistas experientes que compartilharam vivências e processos profissionais, sobretudo no início da carreira dos entrevistados (Andrea, Caco, Chico, Daniela, Fábio, Mauri e Natalia). No convívio com colegas e chefes na redação, as falas valorizam competências que escapam às técnicas jornalísticas, embora elas também possam ser enfatizadas, sobretudo no tocante à produção da escrita (Armando, Natalia e Daniela) ou à investigação em si (Andrea, Daniela, Fábio e Mauri). Há um enaltecimento de características como “preocupações éticas” (Fábio), “faro para repórteres” (Andrea) ou “questões muito humanas” (Natalia). Também se valoriza a sutileza de aspectos naturalizados nas rotinas produtivas, a exemplo de quando parar uma investigação (Andrea). Por serem de difícil explanação e estarem condicionadas às práticas, pertencem aos conhecimentos tácitos adquiridos.

Portanto, é compreensível que um dos entrevistados equipare a redação a “uma escola complementar” (Fábio). Há ainda aprendizados no âmbito da internalização e que escapam à dimensão consciente, pois algumas das práticas podem ser reproduzidas de modo automatizado, sem a percepção do agente. Nesta premissa, apenas os indivíduos podem criar o conhecimento. Com respaldo na teoria de Takeuchi e Nonaka, os conhecimentos tácitos e explícitos aparentam ser opostos ou separados, mas na verdade não são: atuam sempre de maneira conjunta. Isso, porque o início do entendimento sobre o conhecimento tácito, incluindo intuições e percepções subjetivas, ocorre no momento em que se permite entender o conhecimento explícito, que pode ser transmitido facilmente e de forma sistemática aos indivíduos: “o exercício de uma forma de conhecimento exige a presença e a utilização da outra forma” (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 22).

Professores universitários também podem ser lembrados como apoiadores nos discursos dos entrevistados (Armando e Mauri). Entre as influências externas recebidas, há menções à Música Popular Brasileira, à literatura e a veículos (Armando Fábio e José Hamilton). Também

referências norte-americanas, com a revista *The New Yorker* (Adriana) - em circulação desde 1925 e um símbolo mundial de reportagens em profundidade - e livros clássicos do chamado *New Journalism* (Armando). A revista é uma exceção no campo jornalístico principalmente, pela qualidade do jornalismo, com reportagens marcantes. *A sangue frio*, de Truman Capote; *Hiroshima*, de John Hersey, ou *O Motel do Voyeur*, de Gay Talese foram publicadas originalmente nas páginas de *The New Yorker* antes de serem editadas em livros. Esta versão se aproxima das pesquisas que atribuem a Grã-Bretanha, e especialmente aos Estados Unidos, a proveniência de práticas jornalísticas consideradas referência na profissão (SCHUDSON, 2010; CHALABY, 1998; NEVEU, 2006).

Pode haver o reconhecimento de uma mudança no perfil das influências recebidas, ora mais ligada a um 'romantismo' na reportagem, ora atrelada ao jornalismo investigativo (Natalia), ou lamentar a transição de uma das inspirações profissionais da reportagem para o jornalismo policial (José Hamilton). Confirmam assim os entendimentos acerca do conceito de identidade, que não deve ser tomado como coisa fixa, imutável, mas em permanente transformação. Eliane Brum aparece como principal referência da prática jornalística. Foi citada por oito (Adriana, Andrea, Caco, Chico, Daniela, Fabiana, Fábio e Natalia) dos 12 jornalistas ouvidos para esta pesquisa quase de modo unânime (apenas Armando, José Hamilton e Mauri não a mencionaram durante a entrevista e Renan fez críticas ao seu primeiro livro, *O avesso da lenda*). Brum (2009) define o que é ser repórter como *uma forma de estar no mundo*⁷²

5.4 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

O último tópico concernente à identidade diz respeito à trajetória profissional dos indivíduos desde o ingresso na prática jornalística, procurando o melhor entendimento sobre a construção dessas carreiras de prestígio, legitimadas pelos pares. Como discutido no Capítulo 2, as estruturas jornalísticas se movimentam em geral a partir de uma escada profissional, usada como indicador de sucesso (SOLOSKI, 1999). À medida que sobem esses degraus, jornalistas passam a ter mais confiança das chefias e adquirem mais autonomia e liberdade para exercer suas atividades. As informações referentes à trajetória dos repórteres, principais premiações recebidas e livros publicados, são apresentadas a seguir, com uma breve recuperação dos

⁷² “Não sei muito sobre mim mesma. [...] Mas se tenho alguma certeza é a de que sou repórter. Ser repórter é algo profundo, definitivo do que sou. Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade. E pela capacidade de cada pessoa reinventar a si mesma, dar sentido a que não tem nenhum.” (BRUM, 2009, p. 13).

percursos profissionais individuais. Quando vistos em perspectiva, esses dados ajudam na compreensão dos fatores que contribuíram para o capital simbólico conquistado pelo grupo.

Adriana Carranca

Iniciou no jornalismo com passagens pelo *Jornal da Orla* e *TV Tribuna*, afiliada da Rede Globo de Televisão, como produtora e pauteira, no município onde nasceu, em Santos (SP). Depois de formada, morou por seis meses nos Estados Unidos, onde atuou como babá para pagar um curso de inglês, fundamental nas suas experiências posteriores. De volta ao Brasil, atuou como *free-lancer* de diversas revistas da Editora Abril, como *Exame*, *Capricho*, *Claudia*, *Nova* e *Viagem e Turismo*, até assumir como repórter de *Veja São Paulo*, onde ficou por dois anos. A chegada ao jornal *O Estado de S. Paulo* foi em 2002, inicialmente como repórter do *Caderno Metrópole*. Foi repórter especial e colunista de *Estadão* e *O Globo*. Especializou-se na cobertura de áreas de conflitos armados, tolerância religiosa, crises humanitárias e direitos humanos, concentrando-se na condição das mulheres.

Assinou reportagens em publicações internacionais, a exemplo das revistas *Foreign Policy*, e *Slate*, além de jornais como *The New York Times*. Foi correspondente na ONU em Nova York e enviada especial para vários países do Oriente Médio, África e Ásia, em especial Afeganistão e Paquistão. Atua como *free-lancer* para diversos periódicos e é comentarista da Rádio CBN (CBN pelo Mundo), cofundadora da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e codiretora do documentário *E se for menina?* Entre livros-reportagens e obras infantis, é autora e coautora das publicações: *Os endereços curiosos de Nova York* (Panda Books, 2003); *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo* (um capítulo) (Cortez, 2008); *O Irã sob o chador: Duas brasileiras no país dos aiatolás* (Editora Globo, 2010), em coautoria com Márcia Camargos; *O Afeganistão depois do Talibã* (Civilização Brasileira, 2011) e *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Companhia das Letrinhas, 2015).

Acumula diversos prêmios, entre eles o Troféu Mulher Imprensa, concedido a jornalistas mulheres que mais se destacaram naquele ano, na categoria Correspondente brasileira (2016). Recebeu o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como Melhor livro informativo e Escritora revelação (2016). Como repórter, recebeu os prêmios *O Globo*, por “Sexo forte no *front* contra o Estado Islâmico”, na categoria Especial 2015; Prêmio Líbero Badaró (2015), na categoria reportagem internacional com “Sudão do Sul: a guerra esquecida” e categoria Cobertura internacional (2014) e Grande Prêmio, com a “Coletânea da guerra no Afeganistão” (2013). Conquistou Menção honrosa do Prêmio Esso (2014), com

“Guerras da África” e foi finalista do Prêmio Jabuti de Livro Reportagem 2011 e 2016. Em 2002, recebeu o título de Jornalista Amiga da Criança, concedido pela Agência Nacional dos Direitos a Infância (ANDI).

Andrea Dip

Ainda no começo da faculdade, início dos anos 2000, ingressou na revista *Caros Amigos*. Depois desta primeira experiência na mídia alternativa, acumulou vivências em diversos âmbitos, como agências de comunicação e revistas. Desde seu ingresso no jornalismo, já escreveu para diferentes veículos, como *Revista do Brasil*, *Retrato do Brasil*, *Marie Claire*, *GQ*, *Nota de Rodapé*, *Trip*, *Fórum*, entre outros. Em 2011, passou a integrar a *Agência Pública*, identificada como primeira agência de jornalismo investigativo e independente do Brasil, sem fins lucrativos. Entrou na *Pública* pelo blog *Copa Pública*, cobrindo denúncias de violações de direitos humanos nos preparativos para a Copa do Mundo 2014. Hoje é repórter especial e editora da agência, especializando-se na cobertura de temas ligados a direitos humanos e questões relativas à religião, sistema carcerário e gênero.

Ao lado de Thiago Domenici, com quem também dividiu a redação da Revista *Caros Amigos*, apresenta o podcast *Pauta Pública*, da *Agência Pública*, que entrevista jornalistas sobre reportagens. Em maio de 2021 assumiu como colunista do *Universa*, plataforma do Uol. Em codireção com Guilherme Peters, lançou o documentário “Sob constante ameaça” (2018). É autora do livro-reportagem *Em nome de Quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder* (Civilização Brasileira, 2018), um desdobramento da reportagem investigativa “Os pastores do Congresso”, produzida para a *Agência Pública*. É coautora de *Brasil Direitos Humanos 2008 – A realidade do país aos 60 anos da Declaração Universal* (produzido pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2008).

Conduziu oficinas e cursos de curta duração sobre jornalismo investigativo. Recebeu 13 prêmios de jornalismo em direitos humanos. Com “Meninas em Jogo”, considerada a primeira reportagem investigativa feita em quadrinhos no Brasil, ganhou o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância, categoria especial e foi finalista do Prêmio Gabriel García Márquez para o Novo Jornalismo Ibero-Americano em 2015, junto com o quadrinista Alexandre de Maio. Ganhou o Troféu Mulher Imprensa, categoria Repórter de site de notícias (2016), também recebeu o Prêmio Visibilidade (2013), com a reportagem “Na hora de fazer não gritou” e conquistou o 3º lugar no Prêmio da Biblioteca Nacional com o seu livro, em 2018.

Armando Antenore

Ainda estudante, entre 1986 e 1989, atuou como repórter e redator na *Agência USP de Notícias*, na *Agência Universitária de Notícias*, no *Jornal do Campus* e no *Jornal Paulista*. Também trabalhou no jornal semanal *Japão Agora*, da comunidade japonesa em São Paulo, antes de exercer as funções de redator, repórter e editor na Revista *Saúde*, publicação mensal da extinta Editora Azul, pertencente ao Grupo Abril, onde permaneceu até concluir a graduação. Entre 1991 e 2003 integrou a redação da *Folha de S.Paulo*, iniciando como coordenador da *Agência Folha*, e depois repórter da *Ilustrada*. Circulou por diversas funções no jornal, entre elas a de repórter especial. Em seguida, colecionou experiências em revistas segmentadas, como a *Jovem Pan*, da extinta Editora Dávila. Foi editor-sênior e redator-chefe da *Bravo*, extinta publicação mensal da Editora Abril, e editor da *VIP*, do mesmo grupo, e que parou de circular em 2018.

Na Editora Abril, também foi repórter especial e se dedicou à edição de projetos digitais. Chefiou a equipe que produziu a primeira edição 100% digital da revista *Bizz*. Por dez anos participou de ações voluntárias, como um dos coordenadores da Organização Não Governamental (ONG) Associação de Incentivo às Comunicações Papel Jornal, que oferecia oficinas para jovens do Jardim Ângela. Desde 2016, é editor e repórter da Revista *piauí*. Dirigiu, juntamente com Ricardo Calil, o documentário *Os Arrependidos*, vencedor da competição de longas brasileiros do *É Tudo Verdade*, Festival Internacional de Documentários 2021. Escreveu três livros infantis: *Rita Distraída* (2012), *Júlia e Coió* (2013) e *Sorri, Lia* (2014), todos lançados pelo grupo espanhol SM, sendo este último escolhido em 2014 pelo Ministério da Educação para integrar o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que distribui livros em escolas públicas.

Integra as antologias *Teatro da Vertigem: Trilogia Bíblica* (2002) e *Em Branco e Preto: Artes Brasileiras na Folha* (1990-2003) (2004), ambas publicadas pela *Folha*. É um dos autores do *Manual da Redação*, do Grupo Folha (2001), com normas e recomendações sobre o trabalho de jornalistas, uma versão revista e ampliada da anterior, de 1992. Participou como professor convidado do curso Abril de Jornalismo, entre outras atividades e eventos. Ficou entre os 10 indicados ao Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo na categoria texto, com “Meu Guri” (2018) e com “A vizinha” (2019), ambas reportagens publicadas em *piauí*. Em 2012, ficou entre os finalistas do Prêmio Esso de Jornalismo, na categoria criação gráfica – revista. Foi finalista do Prêmio Abril de Jornalismo em 1991 e 2005 e vencedor de quatro edições do Prêmio Abril de Jornalismo (2008, 2009, 2012 e 2013). Também venceu o Prêmio Folha de Jornalismo em 1997.

Caco Barcellos

Começou em 1973 como repórter da extinta *Folha da Manhã*, do grupo Caldas Júnior, em Porto Alegre (RS), onde trabalhou em paralelo à atividade de taxista nas horas vagas. Nesse período, uma de suas primeiras reportagens assinadas mostrava como taxistas enganavam passageiros. Entre 1975 e 1980, foi *free-lancer*, em veículos da imprensa alternativa, como a *Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre (Coojournal)*, que ajudou a fundar, e o jornal *Versus*. Quando concluiu a graduação, viajou para os Estados Unidos e países da América Latina, de onde contribuía para o *Jornal da Tarde* (SP). De volta ao Brasil, colaborou com as revistas *IstoÉ* e *Veja*. Ingressou na Globo em 1982, na equipe de *Globo Repórter*. Conduziu coberturas históricas como a descoberta de ossadas de desaparecidos políticos da ditadura militar, no Cemitério de Perus, em São Paulo, em 1995, e as investigações do atentado do Riocentro 15 anos depois, em 1996.

Foi enviado a Nova York, onde trabalhou no escritório da Globo, em 1992, após receber ameaças de morte por denunciar policiais de São Paulo. Em 2000, cobriu a guerra em Angola. Foi correspondente internacional em Londres e Paris, de 2002 a 2005. Apresentou por seis anos o programa *Espaço Aberto* na Globo News. Atuou ainda no *Jornal Nacional* e *Fantástico*. Tornou-se conhecido pelas denúncias de violência policial e tráfico de drogas. Desde 2006, comanda o *Profissão Repórter*, como apresentador e diretor. É autor de três livros-reportagem: *Nicarágua: a Revolução das Crianças* (Mercado Aberto, 1982); *Rota 66: A história da polícia que mata* (Globo, 1992) e *Abusado: O dono do Morro Dona Marta* (Record, 2003). Assina ainda, com a equipe, o livro *Profissão Repórter 10 anos* (Planeta, 2016) e artigos nos livros *Repórteres* (1998), *Correspondentes* (Globo, 2018) e *Jornalismo eletrônico ao vivo* (Vozes, 1994).

Soma mais de 20 prêmios de jornalismo. Recebeu três vezes o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos (2001), oferecido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. As reportagens premiadas tratavam da guerra em Angola, dos 20 anos do atentado militar deflagrado no Rio Centro durante as comemorações do Trabalhador e, com o livro-reportagem: *Abusado*, que revela o cotidiano do morro carioca comandado pelo traficante Marcinho VP, no final da década de 1990. Foi premiado com o Jabuti por duas vezes com *Rota 66* (1993), rigorosa investigação sobre o trabalho da polícia militar de São Paulo entre as décadas de 1970 e 1990, em especial a ação da Ronda Ostensiva Tobias de Aguiar, na categoria Reportagem, e com *Abusado* (2003), nas categorias Reportagem e Biografia e Livro do Ano Não-Ficção.

Chico Felitti

O primeiro emprego foi um estágio numa clipadora, em São Paulo, ainda durante a faculdade, em 2003. Trabalhou por dez anos na *Folha de S.Paulo*, onde foi *trainee*, redator, repórter, colunista e editor. É autor de roteiros para a *TV Globo* e para o cinema. Desde 2016 atua como *free-lancer*. Escreveu para revistas como *piauí*, *Galileu* e *Joyce Pascowitch*, onde foi repórter especial, também com atuação no site *Glamurama*. É autor do perfil de Ricardo Corrêa da Silva, um artista de rua conhecido por entregar panfletos na Rua Augusta em São Paulo, publicado pelo *Buzzfeed* em outubro de 2017 com o título “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”, e que deu origem ao seu primeiro livro, publicado em 2018. Escreveu roteiros para a *TV Globo* e para o cinema. Cobriu temas diversificados, da crise de refugiados sírios, no Sul da Turquia, a festas de milionários veganos. Dá aula de escrita na pós-graduação do Instituto Vera Cruz.

Atualmente, produz e apresenta os podcasts *Além do Meme* para o *Spotify*, em que conta as histórias de pessoas que ficaram famosas pela internet, e *Isto está acontecendo*, para a *TV Globo*, produzido em parceria com o *Fantástico*, sobre situações pouco conhecidas. Criou o podcast *Muitas vidas*, sobre pessoas que morreram em função de Covid-19 no Brasil. Assina a coluna *Nosso Estranho Amor*, publicada todo o domingo em Cotidiano na *Folha de S.Paulo* sobre histórias de paixões e desencontros, afetos e loucuras juntamente com outros três autores: Tati Bernardi, o escritor e jornalista Milly Lacombe e o poeta e romancista argentino Pedro Mairal.

Escreveu os livros *Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor* (Todavia, 2019); resultado de reportagem publicada inicialmente no *Buzzfeed*; *A Casa: A história da seita de João de Deus* (Todavia, 2020), sobre o médium acusado por mais de 500 mulheres por abuso e assédio sexual. Também produziu o audiobook *Mulher Maravilha* (2020), disponível na plataforma *Storytel*. Tinha acabado de terminar seu quarto livro *Na minha pele* (2021) quando conversamos, em abril de 2021. Este último foi escrito em coautoria com Mirella Santos e Beatriz Trevisan. Ganhou os prêmios *Comunique-se*, na categoria Melhor Repórter de Texto (2018), e Petrobrás de Jornalismo (2019). Foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti 2020 na categoria de Melhor Biografia, Documentário e Reportagem, com seu primeiro livro.

Daniela Arbex

O interesse pela reportagem investigativa se manifestou desde a graduação, com o primeiro trabalho de denúncia publicado ainda no jornal laboratório do curso. Iniciou a carreira no jornal *Tribuna de Minas*, em Juiz de Fora (MG), onde começou cobrindo férias, em dezembro de 1995. Um mês depois, foi contratada como repórter, atuando mais tarde também como repórter especial e colunista. Foi o único jornal para o qual trabalhou na sua trajetória como repórter, o que não a impediu de tornar a sua produção jornalística amplamente conhecida. Logo nos primeiros anos no jornal, teve seu trabalho marcado por denúncias de violações de direitos, conquistando prêmios internacionais. Seu primeiro livro *O Holocausto Brasileiro* (2013) resultou de uma série de sete reportagens, que revelaram a rotina dos pacientes do Hospital Colônia, em Barbacena (MG), onde mais de 60 mil pessoas perderam a vida.

O livro chegou a mais de 300 mil exemplares vendidos no Brasil e em Portugal e foi adaptado para as telas, em 2016, no documentário produzido com exclusividade para a HBO e exibido para mais de 40 países. Quando conversamos, em 2019, ela negociava a transformação em filme de seu terceiro livro, sobre o incêndio na boate Kiss. Entre 2014 e 2015 integrou a diretoria da ABRAJI. Além de *Holocausto brasileiro* (Geração, 2013); é autora de *Cova 212* (2015, Geração); *Todo o dia a mesma noite* (Intrínseca, 2018) e *Os Dois Mundos de Isabel* (Intrínseca, 2020), sua primeira biografia. Assina ainda um capítulo no livro *Reportagem, pesquisa e investigação* (Insular, 2012). No início de 2019, saiu do jornal onde trabalhou por 23 anos para dedicar-se com exclusividade à literatura. Desde então, tem sido ativa nas redes sociais, onde costuma compartilhar seus trabalhos e trajetória com seguidores.

Acumula mais de 20 prêmios nacionais e internacionais, entre eles três *Esso*, o americano *Knight International Journalism Award* (2010) e o *Natali Prize*, na Bélgica (2002). Venceu o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos por duas vezes, em 2002 e 2008. Em 2009, recebeu o Prêmio *IPYS* de Melhor Investigação Jornalística da América Latina e Caribe com a apuração do caso Koji, que denunciou irregularidades envolvendo o ex-presidente da Câmara de Vereadores de Juiz de Fora, o ‘Vicentão’. Venceu o mesmo prêmio em 2012, com a série *Holocausto Brasileiro*, cuja obra foi eleita Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor Livro Reportagem no prêmio *Jabuti* 2014. Em 2016, venceu o prêmio *Jabuti* na categoria livro-reportagem com *Cova 312*. Recebeu o Troféu Mulher Imprensa na categoria Repórter Investigativa (2020).

Fabiana Moraes

Atuou por mais de 20 anos na redação do *Jornal do Commercio (JC)*, onde iniciou em 1996, como estagiária. No *JC*, trabalhou como repórter, subeditora, colunista e repórter especial. Ganhou visibilidade nacional, principalmente depois de *O Nascimento de Joicy*, reportagem publicada em 2011, inicialmente nas páginas do jornal e depois transformada em livro (2015), sobre uma transsexual ex-trabalhadora rural que fez a sua cirurgia pelo sistema público de saúde, em Pernambuco. Atuou ainda como articulista da Revista *piauí*. É conselheira da *Agência Pública* e da *É Nós*, e colunista do *The Intercept Brasil*. Dirigiu o documentário *Dia de Pagamento*, selecionado para os festivais de Pirenópolis, Cachoeira e Janela Internacional de Cinema, do Recife, em 2016. Além de jornalista, também atua como pesquisadora.

É professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrando o Núcleo de Design e Comunicação, campus do Agreste. Suas pesquisas acadêmicas têm como eixo a pobreza e a celebrificação do cotidiano, estuda a relação entre jornalismo, colonialidade, ativismo e subjetividade. Publicou cinco livros: *Jormard Muniz de Britto: Professor em Transe* (Cepe, 2017); *Os Sertões: um livro reportagem* (Cepe, 2009), *Nabuco em Pretos e Brancos* (Editora Massangana, 2011), *No País do Racismo Institucional* (Ministério Público de Pernambuco, 2013) e *O Nascimento de Joicy: Transsexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (Editora Arquipélago, 2015). No primeiro semestre de 2021 preparava um sexto livro em torno da pauta jornalística, como potencial espaço de fissuras, numa abordagem teórico-prática.

Recebeu três vezes o Prêmio Esso, com *A Vida Mambembe* (2007), *Os Sertões* (2009), *O Nascimento de Joicy* (2011). Conquistou também o Prêmio Petrobras de Jornalismo (2014) e o Prêmio Embratel de Cultura, com *Quase Brancos, Quase Negros* (2011). Por três vezes venceu o Prêmio Cristina Tavares, do Sindicato dos Jornalistas de Pernambuco, com *Os Sertões, Quase Brancos Quase Negros e A História de Mim* (2015). Também foi finalista do prêmio Jabuti por três vezes, na categoria livro reportagem, com *Os Sertões* (2009), *Nabuco em Pretos e Brancos* (2011) e *O Nascimento de Joicy* (2011). Recebeu a Medalha Heroínas do Tejucupapo pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/PE).

Fábio Bispo

Antes de terminar a faculdade, ingressou no *Jornal Primeira Folha*, um semanário de Palhoça (SC), onde publicou os primeiros textos, em 2009. Depois migrou para a redação do *Notícias do Dia (ND)*, do Grupo Record, em Florianópolis, iniciando como *free-lancer*. No *ND*, trabalhou por dez anos, de 2009 a 2019, como repórter e editor, sendo também repórter especial, desde 2013. Uma de suas primeiras reportagens de impacto foi a série “Esquema 138”, uma

denúncia sobre o esquema de negociação ilegal de placas de táxis em Florianópolis, que resultou na abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 2011 na Câmara Municipal de Vereadores. Focado na cobertura política, jornalismo de dados e transparência pública, atua como *free-lancer* desde 2016, com textos publicados em diversos veículos, como *O Estado de S. Paulo*, *piauí*, *Congresso em Foco*, *Agência Pública*, *Infoamazônica*, *Mongabay*, *The Intercept Brasil* e *Valor Econômico*.

Voltado ao jornalismo investigativo e ao jornalismo de dados, também produz materiais especiais para jornais do interior de Santa Catarina. Em 2020, durante uma coletiva de imprensa, ganhou destaque ao pressionar a então governadora do Estado, Daniela Reinehr, a se posicionar sobre nazismo depois de o pai dela, que é professor de História, ter relativizado o regime publicamente. O caso teve repercussão nacional. Considera-se “um caçador de histórias extraordinárias”. É membro do *Brio Escavadores*, um dos fundadores do CatarinaLAB – Laboratório de Inovação em Jornalismo SC, e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina (SJSC) desde 2020. Esteve à frente da coleta e atualização dos números sobre a Covid-19 em Santa Catarina, no projeto do CatarinaLAB para o Portal ND.

Pelos serviços prestados como jornalista, recebeu a Medalha e o Diploma de Mérito Virgílio Várzea, concedidos pela Câmara de Vereadores de Florianópolis, em 2019. É autor, juntamente com o jornalista Hyury Potter, da série de reportagens sobre a compra fraudulenta de respiradores pelo Governo do Estado de Santa Catarina, publicada no *The Intercept Brasil*, em abril de 2020. Esta reportagem motivou a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Assembleia Legislativa, levando à prisão o ex-secretário da Casa Civil, Douglas Borba, e ao afastamento temporário do governador de Santa Catarina, Carlos Moisés.

José Hamilton Ribeiro

O ponto de partida da trajetória profissional ocorreu em 1954, quando iniciou no jornal *O Tempo*, criado por jornalistas que se demitiram da *Folha de S. Paulo*. O segundo emprego foi no mesmo ano, na *Rádio Bandeirantes*, em São Paulo. Um ano depois, ingressou na *Folha de S. Paulo*. Também atuou na redação do *Jornal da Tarde*, final dos anos 1950. Chegou à Editora Abril pela revista *Quatro Rodas*, passando por *Veja e IstoÉ*. Mas foi em *Realidade* que se notabilizou como repórter e redator-chefe entre 1966 e 1972, exercendo principalmente o jornalismo científico. Nesse período, assinou reportagens como *Uma vida por um Rim*, sobre o primeiro transplante do órgão no país, publicada em 1967. No ano seguinte, foi enviado ao Vietnã para cobrir a guerra, quando se feriu gravemente ao pisar numa mina. O episódio foi

contado na reportagem *Eu estive na Guerra*, capa da edição de maio de 1968, até hoje uma das mais famosas da publicação.

Com o AI-5 e o endurecimento da ditadura militar, trabalhou em pequenos jornais no interior de São Paulo. Na reabertura, começou na Globo início dos anos 1980, no *Globo Repórter*, seguido do *Globo Rural*, onde permaneceu como repórter e editor até fins de 2021, quando foi desligado. Foi vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo nos anos 1990. Atuou como professor de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e na Faculdade Objetivo (atual Unip), em São Paulo. Graduiu-se em Direito, em Uberaba (MG), em 1964. Escreveu 16 livros, dentre os quais se destacam: *O Gosto da Guerra* (Objetiva, 2005), *O Repórter do século* (Geração, 2006); *Jornalismo científico: teoria e prática* (INTERCOM, 2014) (em coautoria com José Marques de Melo), *Gota de Sol* (1992); *Jornalistas 1937/1997* (Imprensa oficial SP, 1998); *Música Caipira* (2006); *Os tropeiros* (2006), *Rio Paraguai - Das Nascentes à Foz* (2016) e *Realidade (re)vista* (2010), em co-autoria com José Carlos Marão.

É o repórter que mais ganhou Prêmios Esso de Jornalismo, sete ao todo (1963, 1964, 1967, 1968, 1972, 1973, 1977), em especial na categoria Informação Científica. Recebeu o Troféu Especial de Imprensa, da ONU (2008), o Prêmio Destaque do Ano pela Revista Imprensa (1997), o Prêmio Líbero Badaró (1998) e o Título de “notório saber” em jornalismo pela UFSC (1992). Entre tantas distinções, pelo menos duas internacionais: o prêmio comemorativo dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, conferido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e o Prêmio Internacional Maria Moors Cabot (2006), da Columbia University, na categoria *Outstanding on Latin America*, que homenageia profissionais comprometidos com a liberdade de imprensa. Também empresta o nome a premiações da categoria profissional, como o Prêmio José Hamilton Ribeiro, promovido por sindicatos de jornalistas em São Paulo.

Mauri König

Quando ainda estudava, em 1990, foi convidado a trabalhar na redação do *Jornal de Foz*, um semanário (extinto), em Foz d’Iguaçu (PR), em função da experiência na edição do jornal do Centro Acadêmico de Letras, da universidade. Naquele município, também foi diretor de imprensa da prefeitura entre 1997 e início de 1998 e secretário de Comunicação, um ano depois. Teve passagem pela *Folha de Londrina*, *O Estado do Paraná* e afiliada da *Rádio Bandeirantes* (SP), em Londrina. Foi correspondente do *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* e *Gazeta Mercantil*. Na *Gazeta do Povo*, em Curitiba (PR) permaneceu de 2002 a 2015,

com atuações como editor e subeditor da editoria Geral, em especial nos plantões de finais de semana, e repórter especial, especializando-se em jornalismo investigativo e cobertura de direitos humanos. Foi diretor da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI).

Em 2000, ao investigar a prestação de serviço irregular envolvendo adolescentes recrutados para o serviço militar paraguaio foi violentamente agredido, com repercussões internacionais. Esse processo de apuração foi abordado no documentário *The Thinnest Border* (2019). Por questões de segurança pessoal, exilou-se entre 2012 e 2013 com o apoio do *Committee to Protect Journalists* e do Instituto Prensa y Sociedad, ao receber ameaças após denunciar casos de corrupção policial. Em 2015, passou a lecionar no curso de Jornalismo da Uninter. Em 2020, estreou na literatura com *Corações Corruptos* (autopublicação pela Amazon, 2020). Publicou *Narrativas de um correspondente de rua* (Pós-escrito, 2008), finalista do Prêmio Jabuti, *O Brasil oculto – Crimes das Fronteiras Obscuras aos Países À Beira-Mar* (Compactos, 2013); *Nos bastidores do mundo invisível* (Cursiva, 2017) e *Processo de produção jornalística* (Intersaberes, 2018).

Ganhou diversos prêmios de jornalismo, entre eles, dois Esso, com “Mãos às Armas, meninos!” e “Devorados pela Miséria”, ambas receberam também o Prêmio Embratel de Jornalismo. Com “Polícia Fora da Lei”, foi finalista do Prêmio Esso (2012). Recebeu por três vezes o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos com as reportagens “A infância no limite” (2005), “Infância à deriva” (2011) e “Dossiê Paraguai” (2001). Também venceu por duas vezes o *Lorenzo Natali Prize*, concedido pela União Europeia. Conquistou ainda o Prêmio de Direitos Humanos da Sociedade Interamericana de Imprensa. Em 2012, recebeu o Prêmio Internacional de Liberdade de Imprensa do *Committee to Protect Journalists*, de Nova York e, em 2013, o Prêmio Maria Moors Cabot Prize, oferecido pela Columbia University.

Natália Viana

Seu primeiro trabalho na área foi em 2001, como editora de um site cultural ligado ao *Portal Terra*. Depois de um mês, cansada de passar o dia reescrevendo *releases*, bateu à porta da revista *Caros Amigos*, onde iniciou como estagiária. Lá, publicou sua primeira reportagem relevante, um perfil exclusivo sobre o futuro presidente Evo Morales. Na revista, permaneceu por quatro anos. Contribuiu com diferentes veículos, nacionais e internacionais, entre eles *Bandnews FM*, *Carta Capital* e *Opera Mundi*, além de colaborar com publicações como os jornais ingleses *The Guardian*, *The Sunday Times* e *The Independent*. Durante o mestrado, em Londres, aproximou-se de centros de jornalismo investigativo. De volta ao Brasil, em maio de

2011, criou, junto com as ex-colegas de *Caros Amigos* Marina Amaral e Tatiana Merlino, o próprio negócio, na tentativa de fazer jornalismo independente e focado em direitos humanos.

Desde então, é diretora e cofundadora da *Agência Pública*, a primeira agência de jornalismo investigativo do país. Em 2010, foi convidada pelo *WikiLeaks* para traduzir e publicar em primeira mão os documentos diplomáticos das embaixadas americanas no Brasil. Apresenta a edição brasileira da obra *Cypherpunks – Liberdade e o Futuro da Internet* (Boitempo, 2014), lançada por Julian Assange. Desde 2018, integra o Conselho Reitor da Fundação Gabriel García Márquez. Assina colunas de opinião no site *El Diario*, da Espanha. É autora e coautora de quatro livros sobre violações de direitos humanos: *Plantados no Chão: Assassinatos políticos no Brasil de hoje* (Conrad, 2007); *Habeas Corpus: Que Se Apresente o Corpo* (Secretaria de Direitos Humanos, 2010); e-book *O Bispo e Seus Tubarões* (Agência Pública, 2014) e *Dano Colateral: a intervenção dos militares na segurança pública* (Objetiva, 2021).

Venceu diversos prêmios de Jornalismo como repórter e editora. Entre eles, o Prêmio Ortega y Gasset (2020), Prêmio Comunique-se (2016/2017); Prêmio Troféu Mulher Imprensa (2011/2013). Recebeu o Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos por duas vezes, na categoria Produção Jornalística em Texto, com “O FBI e a Lava-Jato (série Vaza-Jato)”, da *Agência Pública*, em parceria com *The Intercept Brasil* (2020), e com “Especial 100” (2016). Também recebeu Menção Honrosa (2005), com “Os trabalhos e Os Dias”, publicada na Revista *Caros Amigos*, quando vivenciou por 30 dias o subemprego em São Paulo, sua primeira premiação sozinha. Conquistou o Prêmio Gabriel García Márquez (2016), com “São Gabriel e seus demônios” na categoria melhor texto. Foi finalista do prêmio *Global Shining Light Award* com a série “Efeito Colateral”, sobre a morte de civis pelo exército.

Renan Antunes de Oliveira

Gaúcho de Nova Prata (RS), começou como repórter nos *Diários Associados* (RS), em 1976. Em seguida foi para o jornal *Atlântico*. Trabalhou nas revistas *Veja* e *IstoÉ*. Foi correspondente em Nova York e em Pequim pelo *O Estado de S.Paulo*. Acumulou passagens por veículos grandes e nanicos, tradicionais e alternativos. Entre eles, *Jornal Já*, *Diarinho de Itajaí*, *Folha de S.Paulo*, *Globo*, *Jornal de Brasília*, *Gazeta do Povo*, *Diário Catarinense*, *Rádio do Partido Comunista Chinês*, *Correio do Povo*, *Coojornal*, *Brio Stories*, *Agência Pública*, *DCM (Diário do Centro do Mundo)*, *Diário de Notícias*, *BBC*, *UOL*, *Correio do Povo*, *O Estado SC*, *Jornal do Brasil*, *Jornal de Brasília*, *Senhor*, *TV Cultura SP*, *Versus* e *SBS Austrália*.

Chegou a ser preso em quatro países, como no Irã, em 2001, quando tentava atravessar a fronteira com o Afeganistão para cobrir a guerra na área controlada pelo Talibã.

Também atuou como assessor de imprensa de políticos de esquerda. Em 2004, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo com a reportagem “A tragédia de Felipe Klein”, publicada no *Jornal Já*, de Porto Alegre (RS), cuja tiragem mensal era de 2 mil exemplares. Num eterno confronto com patrões, teve embates com grandes empresários da comunicação, incluindo Civita (da Abril), Mesquita (do Estadão), Sirotsky (RBS) e Alzugaray (IstoÉ), conforme conta na sua coletânea de reportagens. Dedicou-se nos últimos anos à atividade como *free-lancer*. Renan é autor de reportagens publicadas pelo DCM, como o caso do triplex da Globo em Paraty, a entrevista com Marco Archer, o brasileiro executado na Indonésia, condenado por tráfico de drogas e o perfil de Luciano Hang e sua trajetória na Havan.

Foi diretor da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC) nos anos 1980 e 1990, liderando greves em três estados, no Distrito Federal, em São Paulo e em Santa Catarina. Publicou o primeiro e único livro um ano antes de falecer: *Reportagens em carne viva com calda de chocolate* (Já, 2019), uma coletânea de reportagens e artigos publicados ao longo de sua carreira profissional. Conquistou o título de Jornalista do ano no RS (2005) da Revista *Press* e o prêmio de *Best Features Writer* (2006) pela Arkansas Press Association. Renan faleceu em 19 de abril de 2020. O DCM promoveu uma *live* em memória do jornalista, quando toda a equipe prestou homenagens e manifestou carinho e admiração pelo jornalista. Até junho de 2021, o vídeo tinha mais de 11 mil acessos⁷³. Nos comentários da *live*, Renan costuma ser lembrado pela ironia, acidez e ousadia.

Uma diversidade de percursos e posturas frente ao jornalismo caracteriza as trajetórias profissionais do conjunto estudado. Em geral, os entrevistados resistem à tendência que leva jornalistas mais experientes a trocarem as ruas para ocupar cargos de promoção, na edição ou chefia. Quando assumem funções de direção, a permanência na produção de reportagem costuma ser um imperativo, na tentativa de conciliação das atividades burocráticas ou de comando de equipes com as tarefas de rua. Nos percursos empreendidos, a promoção ao título de repórter especial se confirma como uma forma de valorização profissional. A importância da manutenção da experiência em um cenário marcado pela escassez das redações, com pouco espaço para profissionais veteranos, se reflete nos prêmios e prestígio, auferido no reconhecimento, entre os pares e o público em geral.

⁷³ Disponível em: <https://youtu.be/weilpoJWCQc>.

Nas trajetórias dos jornalistas, o prestígio social costuma se vincular à ascensão hierárquica no âmbito da redação, além dos prêmios e homenagens públicas, produzindo diferentes maneiras de ser repórter especial. Há quem tenha ingressado na imprensa como estagiária (Natalia e Fabiana) e construído toda a carreira profissional no mesmo veículo onde iniciara no jornalismo, em mais de 20 anos de atividades na mesma redação (Fabiana). Ou quem tenha iniciado cobrindo férias e também acumulado mais de 20 anos de trabalho (Daniela). Outro jornalista alcançou o *status* depois de três anos dedicados à reportagem também no mesmo local onde obteve o primeiro emprego com carteira assinada (Fábio). Não há uma regra, mas a promoção ao cargo de repórter especial é uma forma de distinção para quem permanece na reportagem, ainda que tenham desenvolvido outras funções dentro dos veículos que os consagraram.

Há uma resistência por parte desses profissionais na busca por autonomia: evitam ficar refém dos acontecimentos imediatos ou de um pauteiro, procurando assuntos que transcendam os limites do fato e ultrapassem as versões oficiais. Em geral, esses repórteres que compartilham lugar de referência consolidaram suas carreiras após passagem por anos seguidos em redações de veículos tradicionais. Com isso, argumentam ter desenvolvido habilidades e competências para lidar com pressões, como o tempo escasso, exigências de editores e negociações com as chefias. A dedicação à reportagem em profundidade se dá em geral em paralelo à cobertura factual. Além da reportagem, alguns atuaram ainda como correspondentes internacionais (Adriana, Caco, Chico, José Hamilton e Renan), colunistas ou comentaristas (Adriana, Andrea, Daniela, Fabiana, Armando, Natalia e Renan) e editores (Armando, Chico, Fabiana, Fábio e Mauri).

Esse trânsito por diferentes seções da redação permitiu aos repórteres um domínio de várias atividades, muitos desenvolveram também a capacidade de edição dos próprios trabalhos, especialmente em se tratando de reportagens mais densas. Conhecer todo o processo jornalístico e suas particularidades possibilitou maior independência posterior, para sugerir e emplacar pautas em outros veículos, como *free-lancer* (Adriana e Fábio), explorar projetos correlatos (Armando, Caco e Daniela) ou dedicar-se à carreira independente (Renan). Com o domínio de todas as etapas envolvidas no processo da reportagem, há uma *expertise* adquirida que serve como diferencial no campo profissional, favorecendo a negociação de pautas de maior complexidade e a conquista por outros espaços. Este aspecto contribuiu para que tenham melhor compreensão dos percursos na integralidade, facilitando a autonomia alcançada pelo grupo.

É possível perceber tentativas de resistir a determinadas pressões e condicionantes impostos ao trabalho jornalístico. Em certas situações, há a mobilização de recursos próprios,

além do tempo livre em investigações específicas, o que também pode ser problematizado do ponto de vista da precarização das condições de trabalho. Quando não encontram condições adequadas para desenvolver as produções na redação podem sacrificar as férias ou a licença, compartilhando valores de uma cultura profissional. Como ponderou Travancas (2011), uma dedicação quase integral dos indivíduos à atividade caracteriza um *modo de ser* jornalista, imaginário que compara a profissão a um estado de espírito. Esta relação intensa e visceral de entrega total à atividade também ajudou a construir a identidade profissional, sugerindo condutas e cristalizando ideias como a de que o repórter é obcecado pelo seu trabalho.

Para além das redações, é importante registrar ainda o envolvimento desses profissionais em outras atividades que ajudaram a construir suas reputações. Dois acumulam experiência também como professores universitários de Jornalismo (Fabiana, e Mauri). Outros já trabalharam pontualmente como professores de cursos específicos (José Hamilton). Há quem tenha ministrado uma disciplina de jornalismo social na Universidade de São Paulo (USP) (Adriana), lecionado cursos independentes de jornalismo investigativo (Andrea), atuado como docente de escrita no Instituto Vera Cruz (Chico), dado aulas como professor convidado do curso Abril de Jornalismo (Armando) e desenvolvido oficinas pontuais em comunidades (Fábio). Um deles ocupou cargo público como diretor e secretário municipal de Comunicação (Mauri) e outro atuou em campanhas políticas de espectro político de esquerda (Renan).

No passado e no presente, também se pode perceber um envolvimento com as principais entidades e associações representativas da categoria profissional do país, como a ABRAJI, participando da fundação (Adriana) ou ocupando cargos de diretoria (Daniela e Mauri). Em atuações de corporações laborais, como os Sindicatos dos Jornalistas de São Paulo (José Hamilton) e de Santa Catarina (Fábio e Renan), além da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) (Renan). Cabe ressaltar que, pelos dados reunidos, o engajamento com entidades sindicais foi observado apenas nesses três casos, pelo menos em cargos de liderança, confirmando o que pesquisas em torno do perfil profissional têm levantado sobre o afastamento de jornalistas da esfera sindical (MICK; LIMA, 2013). Entretanto, cabe reconhecer que todos são guiados por valores e expectativas de transformações sociais a partir da prática jornalística.

Entrevistados em geral atribuem a condição de repórter especial a um processo lento, de dedicação, insistência e obstinação, resultado de uma longa caminhada e uma relação de confiança estabelecida com as chefias. Vale lembrar que a permanência como repórteres se tornou possível aos entrevistados depois de uma carreira consolidada, ao contrário do padrão no jornalismo. Mesmo para uma postura marginal, sem vínculo formal com o mercado de trabalho (Renan), o reconhecimento pelos pares e o prestígio se davam em esferas simbólicas,

como convites para palestras, entrevistas e prêmios. O movimento observado com a atuação de repórteres especiais como *free-lancers* pode ser uma evidência do crescimento da instabilidade e da precariedade nas condições de trabalho. Pelo menos três profissionais apresentam esta característica no seu percurso profissional (Renan), sendo dois deles dedicados à atividade mais recentemente (Chico e Fábio).

O grupo reúne trajetórias de jornalistas que iniciaram a carreira entre os anos 1950 e 2000, permitindo observar diferentes processos, como a profissionalização do campo sob o prisma das transformações e a necessidade de adaptação. Nas entrelinhas dos depoimentos colhidos, é possível ainda identificar a necessidade de criar as próprias oportunidades. Caberia assim ao repórter “cavar” estas circunstâncias, procurando brechas. Para três dos repórteres, a ascensão ao cargo de repórter especial se relaciona à conquista de espaço em editorias vistas como “menos importantes” ou não valorizadas pela tradição jornalística, como a editoria de Cultura (Fabiana) ou, ainda menos prestigiadas, como a cobertura de televisão (Armando) ou comportamento (Chico). Embora as trajetórias apontem para a inserção em diferentes esferas, os depoimentos mostram que a reportagem pode assumir uma identificação particular.

Em geral, a defesa dos direitos humanos se torna uma marca do caminho empreendido pelos profissionais, confirmando as expectativas e finalidades atribuídas ao jornalismo como discurso público (REGINATO, 2019). Denúncias de violações de direitos acompanham essas carreiras, seja nos trabalhos em redação ou em projetos paralelos, contemplando temas diversos e às vezes expondo esses profissionais a inseguranças e riscos. Alguns precisaram de proteção depois de receberem ameaças de morte por suas denúncias, em dois casos envolvendo corrupção policial (Caco e Mauri). Uma repórter foi orientada pela polícia a deixar sua própria casa quando gestante (Daniela), depois que uma de suas reportagens levou à prisão um grupo de advogados criminosos. Outro foi preso em quatro países e expulso de dois durante coberturas jornalísticas (Renan).

Uma característica que une jornalistas pesquisados é também a diversidade de facetas envolvidas, transitando entre editorias, produções e formatos, com livros-reportagem assinados, documentários produzidos ou mesmo obras infantis publicadas (Adriana e Armando). O prestígio social acumulado e o reconhecimento intelectual se reverberam em diferentes instâncias de legitimação, com a conquista de alguns dos prêmios mais importantes da área, como o Jabuti (Adriana, Caco, Chico, Daniela, Fabiana e Mauri), o mais tradicional prêmio literário do Brasil, e distinções no jornalismo brasileiro, como o Esso (Adriana, Armando, Caco, Daniela, Fabiana, José Hamilton, Mauri e Renan) e Vladimir Herzog (Caco, Daniela, Mauri, Natalia), entre outros. Também se expressa com títulos internacionais, como o Prêmio Gabriel

García Márquez (Andrea, Armando e Natalia), da Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI), e o Prêmio Maria Moors Cabot Prize, da Columbia University, pelo conjunto da obra (José e Mauri), o que torna a distinção ainda mais representativa.

Mesmo quando não há um acúmulo de prêmios, é possível verificar homenagens de instituições públicas ou desdobramentos a partir de suas reportagens, como repercussões (Fábio). A conquista de prêmios em Jornalismo se mostra legitimadora das carreiras, atribuindo reputação ao grupo profissional, notoriedade refletida ainda na academia, com diversos estudos sobre os perfis profissionais aqui estudados. Para ilustrar apenas três casos, tomamos como exemplos livros publicados sobre o trabalho de jornalistas e/ou de autoria deles: *Caco Barcellos: o repórter e o método* (2007), resultado da tese de doutorado de Sandra Moura, *Livro de repórter: autoralidade e crítica das práticas* (2019), organizado por Beatriz Marocco com Angela Zamin e Marcia Veiga da Silva que, entre outras discussões, analisa o trabalho de Fabiana Moraes e Daniela Arbex e ainda *Jornalismo Científico: Teoria e prática* (2014), de José Hamilton Ribeiro em coautoria com José Marques de Melo. Vários jornalistas também assinam artigos em coletâneas, um exemplo é *Repórteres* (1997), organizada por Audálio Dantas (Caco e José Hamilton).

Nos próprios livros publicados pelos entrevistados, é possível verificar seu grau de influência e notoriedade pelos autores dos prefácios, repetidamente assinados por nomes consagrados na reportagem, como mostram alguns exemplos selecionados⁷⁴. Embora sutis, a produção de sentido e as formas simbólicas nessas relações merecem reflexão pois se somam aos imaginários construídos em torno dessas trajetórias profissionais. São comuns as demonstrações de valorização do trabalho desses repórteres especiais justamente por colegas que também ocuparam a função. Com os sistemas de disposições (*habitus*), Bourdieu (1996, p. 23), diz que só é possível identificar uma diferença, se “ela é percebida por alguém capaz de estabelecer a diferença”. Nesse caso, outro repórter tal qual o(a) autor(a), pois “por estar inscrito

⁷⁴ Quem prefacia o livro *O repórter do Século*, com reportagens de José Hamilton premiadas pelo Esso, é Ricardo Kotscho (2006, p. 13): “Zé Hamilton é o melhor argumento para provar [...] que a reportagem é um gênero literário”. Caco assina o prefácio de *Os Dois Mundos de Isabel*, enaltecendo que “o método de imersão de Daniela Arbex funciona como ímã de histórias emblemáticas” (BARCELLOS, 2020, não paginado). Mauri é autor da apresentação de *O Bispo e Seus Tubarões*, de Natalia Viana, e registra que o “livro resulta de um esforço de investigação raramente visto por aí.” (KÖNIG, 2014, não paginado). Quem apresenta o primeiro livro de Mauri, *Narrativas de um Correspondente de rua* (2008) é Mário Magalhães (2008, p. 7) que sugere: “Se o Super-Homem existisse, bem que, em vez de Clark Kent, ele poderia se chamar Mauri König”. Marcelo Canellas introduz *Nos Bastidores do Mundo Invisível*, de Mauri König (CANELLAS, 2007, p. 10), afirmando que “mesmo quando erra [...], Mauri nos dá uma aula de jornalismo”. Em *Olho da Rua* (2008), de Eliane Brum, Caco Barcellos escreve o prefácio, com ênfase para a admiração pelo trabalho da colega. Eliane Brum (2013, p. 17), por sua vez, prefacia o primeiro livro de Arbex, *O Holocausto Brasileiro* (2013), argumentando que a repórter, “salvou do esquecimento um capítulo da história do Brasil.”

no espaço em questão, esse alguém não é indiferente e é dotado de categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um gosto, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir” (BOURDIEU, 1996, p. 23). Reforçando assim que o gosto desempenha uma função social de legitimação de diferenças sociais.

Apesar de não ser foco da pesquisa, essas relações estabelecidas entre profissionais vistos com legitimidade aos olhos dos colegas ajudam a explicar o capital simbólico carregado por repórteres especiais. Ao recorrerem aos pares, acionam uma competência cultural e um patrimônio cognitivo, trazendo um pouco do prestígio do outro para si mesmo, e talvez, interferindo na criação de um *modelo* de reportagem, haja vista a influência gerada sobre gerações futuras de jornalistas. No pressuposto bourdiesiano, a obra de arte só adquire sentido para quem é dotado de um código capaz de decodificá-la e decifrá-la, uma forma elementar de conhecimento traduzido com o movimento de reconhecimento de estilos. Nos esquemas de percepção e apreciação, quem não apresenta a disposição adequada com esse código específico, não consegue adentrar os sentidos mais profundos dos significados, limitando-se à experiência sensorial.

Essa é uma investigação a ser feita, mas cabe registrar algumas evidências da reportagem como padrão de legitimação no jornalismo e a recorrência estratégica da posição do outro em favor da própria trajetória profissional. Outra forma de identificar a ascensão desses profissionais se dá pela participação em eventos específicos como convidados, entrevistados ou palestrantes. Uma amostra é a série *Repórter*, produzida pelo Itaú Cultural em 2015 com a curadoria de Eliane Brum cujo objetivo foi documentar experiências de grandes repórteres brasileiros e que seleciona, profissionais do grupo aqui escolhido como entrevistados (José Hamilton e Natalia)⁷⁵. O programa *Provocações*, da TV Cultura, também entrevistou alguns jornalistas do conjunto selecionado (Caco e Daniela). Há quem tenha participado como entrevistada do *Roda Viva*, também da *TV Cultura* (Adriana).

Em geral, a chegada ao posto de repórter especial costuma ser resultado de uma soma de fatores, traduzido no reconhecimento externo, com os prêmios. Diferenças à parte quanto aos percursos individuais, é interessante observar que a identificação com *ser repórter* atravessa a carreira dos profissionais consultados, independentemente das experiências acumuladas ou dos veículos por onde têm passado. Seja em televisão, jornal impresso, rádio, revista, livro ou internet, esta forma de enxergar-se e articular o próprio fazer se constitui ponto elementar,

⁷⁵ Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/serie-reporter-2015?p=2>.

configurando a reportagem, com sua própria polifonia de saberes, como essencial no jornalismo.

Por isso, a noção de reportagem enquanto metodologia do jornalismo, conforme postula Osorio Vargas (2017, p. 13), torna-se fundamental neste trabalho: “a dicotomia teoria-prática não tem permitido refletir sobre como, a partir da reportagem, se constrói um corpus transdisciplinar que aspira e um conhecimento relacional, complexo, que nunca será completo, mas que transita pelo diálogo e a revisão permanentes”⁷⁶. As compreensões que vieram à tona reforçam ainda discussão levantada por Traquina (2013, p. 36), ao chamar a atenção para “a importância que os jornalistas dão à reportagem na sua cultura profissional”: a reportagem é concebida por ele “como a forma mais ‘verdadeira’ de ser jornalista”. Repórteres especiais ouvidos simbolizam plena satisfação profissional, sem deixar de reconhecer que a conquista do estatuto ‘especial’ retroalimenta essa dinâmica, ao permitir mais credibilidade aos veículos onde atuam, mas também mais autonomia e liberdade aos próprios fazeres jornalísticos.

Neste quinto capítulo, procuramos apresentar a identidade de cada um dos sujeitos selecionados para esta pesquisa, passando por quatro tópicos principais: origem social, formação, referências e trajetória profissional. Analisar seus relatos sobre como construíram seus próprios percursos e buscaram oportunidades de crescimento no campo jornalístico torna-se importante para compreender melhor suas carreiras e ascensão como repórter especial. Sobretudo, porque evidenciam como o próprio trabalho desenvolvido se relaciona, de modo consciente ou não, com esse percurso anterior. Mesmo que com limitações, trazer essas facetas de cada profissional contribui para compreender suas trajetórias individuais e como elas se articulam com o método de reportagem que praticam, de modo mais amplo, pois a subjetividade é variável fundamental nesta metodologia.

No próximo capítulo, concentramos a análise nas percepções de repórteres especiais acerca das etapas envolvidas no processo de produção da reportagem em profundidade, com a finalidade de alcançar o objetivo principal deste trabalho.

⁷⁶ “*Em el periodismo, la dicotomia teoria-práctica no há permitido reflexionar sobre como, a partir del reportaje como metodología, se construye un corpus transdisciplinario que aspira a un conocimiento relacional, complejo, que nunca será completo, pero que transita por el diálogo y la revisión permanentes*”.

6 PERCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE REPORTAGEM

As decisões tomadas por jornalistas não apenas moldam a compreensão do mundo e dos eventos, como da natureza da sociedade, por isso, precisam ser melhor entendidas, eixo central do que se pretende com essa tese. Ericson, Baranek e Chan (1987) defendem tal proposição a partir de uma análise da metodologia utilizada por profissionais do jornalismo, com base em pesquisa junto a equipes que atuam em redação. Sabendo que a primeira etapa de criação de conhecimento se fundamenta na socialização, com o processo de compartilhamento de experiências, o indivíduo adquire conhecimentos tácitos no contato com os outros, dispensando o uso da verbalização (TAKEUCHI; NONAKA, 2008). Como abordado no capítulo anterior, quando não há experiência compartilhada torna-se muito difícil a projeção no processo de raciocínio do outro, por isso, a experiência assume relevância no aprendizado de qualquer ofício.

As entrevistas com profissionais da área buscaram expor o conhecimento derivado da experiência nas trajetórias e vivências individuais, tentando deixar os jornalistas o mais à vontade possível para falarem de maneira espontânea e natural. Experiências acumuladas por repórteres especiais tornam-se peculiar objeto de análise numa tentativa de externalização, da dimensão do conhecimento tácito, incorporado ao hábito e ao costume, para o conhecimento explícito. O compartilhamento desse conhecimento internalizado e de difícil verbalização e codificação constitui a primeira etapa do processo de criação de conhecimento, no modelo sugerido por Takeuchi e Nonaka (2008, p. 248): “O diálogo enfim traz o desconhecido para a superfície”. Nesse sentido, a questão central proposta aos entrevistados se constituiu do seguinte modo: *Como se dá seu método de trabalho adotado no exercício da reportagem?*

Essa escolha na pesquisa se compreende como uma forma de interação, um diálogo entre sujeitos. A pergunta norteadora teve a pretensão de explorar amplamente os critérios, valores, fases e modos de produzir reportagem, adotados pelos indivíduos entrevistados e identificar as etapas envolvidas no processo, de acordo com a prática de cada profissional. O cruzamento das informações coletadas nas entrevistas procurou sugerir indicadores que possibilitem uma compreensão mais aprofundada sobre o exercício da reportagem. Para os autores da Gestão do Conhecimento, técnicas de interação social que auxiliam na expressão das ideias como diálogos fazem parte desta articulação. Por isso, ao convidar esses profissionais da reportagem a refletirem sobre seu exercício profissional acreditamos poder ali perceber traços do método e das escolhas envolvidas no processo de tomada de decisões, muitas vezes tratado como bastidores apagados do resultado final entregue ao público.

Os dados levantados nas entrevistas e nas consultas aos materiais pesquisados são apresentados a seguir, divididos em duas etapas: a começar pela abordagem acerca das concepções sobre uma possível metodologia da reportagem em profundidade até chegar nas percepções específicas sobre o seu processo de criação e produção.

6.1 REPORTAGEM: UMA QUESTÃO DE MÉTODO?

Na construção de uma autonomia epistemológica, o jornalismo historicamente desenvolveu sua própria metodologia, entendendo-a aqui como conjunto de métodos, as etapas envolvendo a produção jornalística. Entretanto, como pontua Christofolletti (2012, p. 13), “mesmo com uma história universal ligada ao desenvolvimento das sociedades e aos avanços da tecnologia, essa atividade carece da reunião de conhecimentos para a proposição de padrões de ação.” De todos os gêneros jornalísticos possíveis, a reportagem em profundidade reuniria mais condições de identificação desse método, uma vez que acarreta um esforço maior de produção, investigação e narração. Sendo um dos produtos mais representativos da profissão, permitiria desta forma conhecer os processos fundamentais envolvidos na atividade como repórter, algumas das mais determinantes ações do trabalho jornalístico.

Grajeda e Maldonado (2019) entendem que a discussão sobre método jornalístico na pesquisa foi prejudicada por ideias impregnadas na profissão, como a de que cada tema exige uma particularidade na abordagem ou implica uma série anárquica de passos. Ressaltam “a importância dos estudos sobre jornalismo do ponto de vista metodológico, pois só assim se pode aspirar a obter o reconhecimento como campo” (GRAJEDA; MALDONADO, 2019, p. 244). Por ser recente como campo de estudos, o jornalismo ainda enfrenta desafios nesse sentido. Método é definido pelo filósofo Nicola Abbagnano (2012, p. 780) como “procedimento de investigação organizado, repetível e auto corrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos”. Mesmo que não seja possível pensar essa lógica na reportagem, como algo repetível, serve como parâmetro, sobretudo frente à necessidade de diferenciar conteúdos falsos do que é, de fato, jornalismo.

Entre vários conceitos possíveis, método pode ser compreendido como “caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado” (HEGENBERG, 1976 apud LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 31). Como “a forma de proceder ao longo de um caminho” (TRUJILLO; FERRARI, 1974 apud LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 31). Ou, ainda, enquanto “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo

conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 33). Ao refletir sobre o percurso utilizado por repórteres nas suas práticas jornalísticas, Osorio Vargas (2017, p. 91) formula: “uma acertada definição de método é ‘caminho’, ‘não há caminhante sem caminho, o caminho se faz ao caminhar’, isso têm feito os jornalistas com sua invenção” (tradução nossa).⁷⁷

Se são essas competências e saberes que garantem credibilidade à informação jornalística, diferenciando tal conteúdo de produções não submetidas a critérios desenvolvidos historicamente, cabe compreender em profundidade as etapas que compõem tal processo. Há também quem possa enxergar como óbvia ou evidente a proposição defendida aqui, da existência de um método da reportagem em profundidade. No entanto, frente à ausência de consenso inclusive entre os próprios jornalistas, mesmo aqueles que ocupam lugar prestigiado no campo, discutir o método na prática jornalística torna-se ainda mais necessário e relevante. Entender as práticas institucionalizadas nesse modo de fazer é buscar respostas para as incertezas profissionais nas experiências consagradas e pensar as especificidades e dilemas da atividade enquanto profissão e campo de estudos.

Dentre os repórteres especiais selecionados para esta pesquisa, àqueles que foram perguntados sobre a possibilidade de pensar uma metodologia envolvida na prática da reportagem em profundidade responderam da seguinte forma:

“Um método do jornalismo investigativo”

“Eu acho que existe um método, que é um método do jornalismo investigativo. Assim, é um método dado mesmo. E acho que tem muito do processo, do meu processo, do que eu vi que funcionava melhor para mim. [...] Não tem modelo pronto. E isso é bom, na verdade.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Cada um tem o seu. É muito pessoal”

“Existe, mas cada um tem o seu. É muito pessoal. Claro que tem as regras básicas que a gente aprende na faculdade, mas, para essas reportagens mais autorais, cada pessoa tem o seu jeito. [...] O jornalismo é profissional. É uma profissão. Não é só expressão! O jornalismo tem um método, tem um compromisso, um papel político e social.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

⁷⁷ “Una acertada definición de método es ‘camino’, ‘caminante no hay camino, se hace camino al andar’, eso han hecho los periodistas con su inventiva.” (tradução nossa).

“Quando eu penso em metodologia, eu penso na narrativa que seja atraente”

“Se você seguir aquilo que todo o roteirista faz pra contar uma história de forma atraente, pensando no ritmo e, sobretudo, num começo, meio e fim, o ponto de emoção muito bem construído, a metodologia passa a ser fundamental. [...] Quando eu penso em metodologia, eu penso na narrativa que seja atraente [...] O meu método é sair por aí atrás de pessoas que têm histórias relevantes pra contar [...] O meu método é totalmente refém daquela descoberta. Como eu vou contar essa história para comover? Eu vou em busca de grandes emoções.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora). *“Não existe regra para produzir uma reportagem. A busca por uma história depende da experiência de cada um [...]”* (BARCELLOS, 2016, p. 31).

“O método que rege o jornalismo profissional”

“Sim. E acho que é o mesmo método que rege o jornalismo profissional há algumas décadas. É preciso apurar, é preciso ouvir todos os lados envolvidos, é preciso ser transparente quanto a interesses pessoais (ou empresariais) envolvidos na reportagem e, acima de tudo, é preciso achar temas relevantes.” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“Eu não tinha pensado na existência desse método”

“Eu não tinha pensado na existência desse método, por incrível que pareça, até dar uma palestra no Bapijor⁷⁸ em que me propuseram como tema: método de pesquisa jornalística. Foi a primeira vez que eu parei pra pensar na minha prática de investigação. [...] Entrei no jornal em 1995, [...] só repórteres do sexo masculino faziam essas grandes investigações. Era uma coisa tão distante, que eu nem sabia o que era jornalismo investigativo, ou se eu sabia fazer! Depois, pensando nessa prática, eu percebi que eu sempre [...] fui além da apuração do factual.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Não consigo fazer uma definição de meu método”

“Não consigo fazer uma definição de meu método. Eu adoto metodologias várias, clássicas de apuração, checagem. Mas, gosto de pensar que, se eu posso chamar de método, algo importante na condução do trabalho seria justamente pensar o desenho de cada pauta. Antes da reportagem em si, [...] Ela precisa me trazer novas respostas, novas configurações, não um

⁷⁸ 2º Seminário Brasil-Argentina de Pesquisa e Investigação em Jornalismo, ocorrido em abril de 2012 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Como resultado desse evento, Daniela Arbex compartilha suas reflexões sobre os métodos de pesquisa e investigação em um dos artigos publicados no livro *Reportagem, Pesquisa e Investigação* (CHRISTOFOLETTI; LIMA, 2012).

olhar reconfigurado [...] eu nunca tinha pensado nisso, a transgressão como método. [...] é quase um questionamento do jornalismo fazendo o tempo todo jornalismo.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“O método ideal passa pelos fundamentos da ética jornalística”

“O método ideal para toda reportagem passa pelos fundamentos da ética jornalística e ela já é bastante balizadora no sentido dos limites da apuração, tendo isso em vista ajuda muito também para saber até onde uma apuração pode ir e por onde ela obrigatoriamente tem que passar (relevância, interesse social, contraponto, questão da exposição das fontes, entre outros). Acho difícil delimitarmos um método específico para reportagem de profundidade que não sejam esses.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Uma formulação que não seja uma receita de bolo”

“A gente tá vendo a academia fazer isso, o que se espera dela, que é estudar esse fenômeno e que síntese pode tirar disso [...] eu acho que sim [existe método]. É o coração do trabalho de pesquisa na academia. É o que se espera, uma síntese. Uma formulação que não seja uma receita de bolo, mas que seja uma síntese. Acho possível chegar a isso em nível acadêmico. Não sei também se já não existe, né? Porque eu não sigo também a publicação acadêmica. Mas eu acho sim um objeto de pesquisa.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Assemelha muito com o método da investigação acadêmica”

“Depois da experiência do mestrado, o meu foco principal seria investir um tempo maior de dedicação sobre os métodos [...] Quando você faz uma pesquisa no ‘stricto sensu’ - para mim, pelo menos, aconteceu - abriu muito mais a percepção de como dar uma dimensão maior à tua pesquisa, quanto mais trazer elementos outros pra compor [...] O método da investigação jornalística se assemelha muito com o método da investigação acadêmica.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Pra você fazer uma reportagem, não tem um método”

“O ‘barato’ do jornalismo é não ter metodologia. Nossa, agora eu acabei com a sua pesquisa [risos]. É esse o maior barato do jornalismo: você pode até não ter chegado no final da história, mas se tem uma história, o seu dever é contá-la. [...] Então, não é assim: você faz A, B, C, ou E, chega aqui, acabou. Não! [...] Pra você fazer reportagem, não tem um método. [...] Mas, sabe que eu fui dar um ‘workshop’ de jornalismo investigativo [...], e falei: ‘nossa! Eu tenho

um método!’ Mas o meu método, assim como eu acredito que todos os métodos, é muito pessoal.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

A diversidade de respostas permite observar a existência de um método indefinido, sem, necessariamente, rigor como guia do processo de produção da reportagem em profundidade. Nas reflexões sobre as próprias experiências empíricas, o grupo às vezes expõe dificuldade de reconhecer o corpo epistemológico do jornalismo como campo de conhecimento. Para Grajeda (2017), um dos desafios para alcançar a independência do campo jornalístico estaria no fato da prática profissional valer-se dos métodos das demais disciplinas das ciências sociais e humanas, como a Comunicação, a História e a Antropologia, com entrevistas, observação, etnografia... “Nenhum dos produtos jornalísticos que partem da premissa da interpretação da realidade social podem ser concebidos sem o uso dessas técnicas de investigação. Mas o método jornalístico também é uma ferramenta de investigação nas ciências sociais” (GRAJEDA, 2017, tradução nossa)⁷⁹.

Quando não associado a uma postura ética (Fábio), ligada ao jornalismo profissional (Armando), as noções de método ou metodologia podem aparecer associadas a uma forma de narrar (Caco) ou a uma categoria específica, como o jornalismo investigativo (Andrea e Daniela). Ainda na comparação com a metodologia científica, sugerindo similaridades entre ambos os processos de investigação (Mauri). Frente à dificuldade de definir o próprio método de trabalho (Fabiana), sobressai a ressalva de considerar as especificidades de cada pauta, para evitar assim o risco de criar um “modelo pronto” (Andrea), traduzido na expressão “receita de bolo” (José Hamilton). De modo geral, quando se reconhece um método, há o apelo à noção de uma construção pessoal, sobretudo identificando as práticas que funcionaram bem em nível individual, a partir das vivências de cada jornalista (Andrea, Armando e Natalia), como é comum não só no jornalismo, mas também na pesquisa científica.

Há de se observar que uma das entrevistadas inicialmente descarta a possibilidade de entendimento da reportagem enquanto metodologia, ao ressaltar que “‘o barato’ do jornalismo é não ter metodologia”, apesar de, mais tarde, referir-se a seu trabalho como resultado de um “método muito pessoal” (Natalia). Quando levada ao distanciamento das rotinas de produção, a reflexão consciente acerca desse fazer, para palestrar a respeito, reconhece indícios de um possível método da reportagem em profundidade - embora carregado do que chama de

⁷⁹ “*Ninguno de los productos periodísticos, que parten de la premisa de la interpretación de la realidad social, puede concebirse sin el uso de algunas de estas técnicas de investigación. Pero además, el método periodístico es también una herramienta para la investigación en las ciencias sociales.*”

influências individuais, como ocorre em outros relatos. Uma ponderação é a palavra método ser interpretada como normas muito rígidas que podem sugerir sistematicidade extrema, tendo em vista que alguns repórteres, como abordado posteriormente, enfatizam o caráter caótico e não previsível de sua forma de trabalho. A suposta ausência de regras para o exercício da reportagem pode parecer como confirmação de não haver método.

Associada ao pensamento cartesiano, a palavra método carrega uma conotação invariavelmente negativa nas humanidades. No campo jornalístico não é diferente, sobretudo quando se reconhece as heranças das concepções positivas nos modelos mentais imperantes (MEDINA, 2008a). A recusa à existência de um método pode ser um resquício de como se confunde método com trabalho metódico, numa profissão que prevalece a equivocada imagem de ausência de rotinas e aventura permanente. Contudo, a influência de um método próprio, marcado por processos construídos historicamente na tradição institucionalizada, assegura a qualidade da informação jornalística. Embora por percursos nem sempre autorreflexivos, “é o método estruturado que dá corpo e trilha para que a atitude jornalística se transforme e resulte em algo de interesse público, e sobretudo palatável ao público.” (GANDOUR, 2020, não paginado).

Portanto, não deixa de ser curiosa a evitação da noção de método, mesmo quando a discussão se volta para os repórteres mais prestigiados no cenário brasileiro. Há quem possa aventar a falta de consenso profissional acerca de algo elementar, como os princípios fundamentais em torno da atividade e que impedem muitas vezes que ela seja considerada, de fato, uma profissão. Entretanto, o resultado final – o trabalho da reportagem concluído – é assumido e reconhecido entre os pares, o que reforça a existência tanto da comunidade como das práticas exercidas entre os repórteres (leia-se métodos). Enquanto uma das entrevistadas rejeita a ideia de uma metodologia da reportagem, insinuando ser este um caminho único e exclusivo, mas reconhecendo posteriormente um método pessoal (Natalia), outro repórter considera sua prática algo não estritamente previsível e descritível, como uma recusa da existência de um método universal: “existe, mas cada um tem o seu” (Armando Antenore).

Talvez, em alguns dos entrevistados, a recusa de um método *a priori* do que seja a reportagem não deixe de ser uma espécie de manifestação da autonomia, mas não uma fuga total de métodos. Outra repórter admite ter pensado pela primeira vez no assunto apenas quando convidada a tratar do tema, mesmo 17 anos depois de ingressar na prática profissional (Daniela). A situação demonstra saberes tão incorporados no hábito das rotinas profissionais e nas práticas intuitivas que se pode admitir reportar sem pensar muito sobre esses fazeres.

Se valermos da imagem das redações como uma linha de montagem, onde não há espaço para pensar, apenas para fazer (MORETZSOHN, 2002), então a reflexão metodológica ali não caberia. De todo modo, fica a responsabilidade da produção acadêmica investir nessa busca por respostas e, por consequência, qualificar o trabalho jornalístico, com o estabelecimento de possíveis parâmetros, ou balizas, nas palavras de um dos entrevistados (Fábio). Conforme pontua um dos jornalistas, espera-se da academia, no se papel de produtora de conhecimento, apresentar uma síntese do tema como objeto de estudo (José Hamilton). Diferenças entre o jornalismo e a ciência do senso comum residem na recorrência de regras profissionais no conhecimento da realidade. No jornalismo, as produções se guiam “tanto pela utilização de escolhas racionais (método) quanto pelas repetições inconscientes aprendidas e socializadas na redação, ou seja, nas rotinas produtivas” (SPONHOLZ, 2009, p. 123).

A reivindicação pelo reconhecimento da influência de uma tradição profissional nesse fazer não invalida as próprias técnicas e estratégias de cada profissional na elaboração da reportagem. São processos complementares e interconectados, afinal. O *background* pessoal constitui alicerce do modo de condução. No entanto, a reportagem pode agregar mais não ficando refém apenas de uma dimensão cognitiva. A negação da existência de uma metodologia enfraquece e fragiliza uma profissão muitas vezes não admitida como tal. Como resume Christofoletti (2012, p. 13), “muitas vezes, os saberes são lapidados a duras penas no dia a dia e ficam espalhados, ajudando a consolidar a sensação de que a área é frágil conceitualmente, não tem tradição de trabalho nem massa crítica.” Por isso, os próximos tópicos detalham os processos envolvendo o exercício da reportagem em profundidade, especialmente do ponto de vista das etapas contempladas nesse fazer.

6.2 AS TRÊS COMPETÊNCIAS JORNALÍSTICAS

O processo de reportar envolve um repertório de competências, ainda que jornalistas nem sempre assim reivindiquem ou pareçam conscientes disso ao percorrerem caminhos complexos para chegar a um determinado fim, no caso a reportagem. Ouvir os relatos de repórteres é tão importante porque o compartilhamento desses saberes tácitos acumulados pela experiência constitui a primeira etapa da produção de conhecimento, como propõem Takeuchi e Nonaka (2008). Os subtópicos seguintes abordam detalhadamente as etapas envolvidas na elaboração da reportagem em profundidade, procurando esmiuçar cada uma dessas fases e contribuir na epistemologia do jornalismo. Conhecer melhor os processos envolvidos nas práticas de repórteres referenciais pode também favorecer o acesso a conhecimentos empíricos

acumulados, especialmente se considerado que o jornalismo esbarra na carência da sistematização desses saberes.

Na sociedade que se diz do conhecimento, o jornalismo assume uma posição de relevância, o que torna o estudo de suas práticas e produtos um excelente veículo para compreender as propriedades sociais. Ericson, Baranek e Chan (1987) sustentam a necessidade de tornar visível o que está escondido aos olhos, o centro do método jornalístico. Com inspiração nos autores canadenses, este tópico dedicado às percepções sobre o reportar se desdobra nas principais competências profissionais jornalísticas propostas: o saber de reconhecimento, o saber de procedimento e o saber de narração. Um dos principais responsáveis por divulgar a obra dos pesquisadores em língua portuguesa, Traquina (2012, p. 208), enfatiza essas habilidades como “elementos constitutivos de toda uma cultura profissional” desenvolvida “num processo histórico e contínuo de profissionalização.”

Amparados pelo percurso de apuração, jornalistas têm a capacidade de selecionar e definir aquelas ocorrências que se tornarão públicas, através de suas leituras de mundo, percepções e parâmetros que guiam o fazer jornalístico. Entretanto, o conhecimento desse fio condutor que constrói a abordagem levada ao público costuma ser menosprezado, como se a discussão fosse desnecessária, ou reduzida ao ‘faro jornalístico’, seja nos livros de repórteres ou na prática profissional. Tal noção se relaciona à ideia do jornalista como uma espécie de ‘caçador’ da notícia, um cão farejador à espreita do acontecimento. Esse imaginário naturaliza uma dinâmica marcada por escolhas, pressupondo como papel do repórter apenas repassar ao público um fato dado, que não foi escolhido e nem passou por uma seleção para ganhar visibilidade. Esconde o processo de criação e elaboração da pauta, uma das grandes questões do complexo fenômeno jornalístico.

Como o que é feito por repórteres opera em geral longe do olhar do público, jornalistas tomam decisões que envolvem critérios muitas vezes desconhecidos de quem não compartilha as regras internas deste campo. Fala-se muito do impulso inicial das idiossincrasias dos fazeres jornalísticos (ZELIZER, 2017), como proposta macro desta tese tais particularidades ainda precisam ser mais discutidas na própria área. Por isso, desdobrar essas três competências (ligadas à pauta, apuração e narração) pode ser um primeiro passo no avanço desses estudos, sobretudo num momento de tantas ameaças à atividade. Até para diferenciar aquelas informações que passaram por um processo de verificação profissional e aumentar a qualidade das reportagens, assim como a confiança gerada pelos processos jornalísticos. Ou, pelo menos, evitar a naturalização de algo tão definidor do percurso jornalístico como a transformação de um tema em reportagem.

Nas reflexões teóricas sobre a prática profissional, as etapas do processo de produção de uma reportagem variam conforme a perspectiva adotada. Pereira Júnior (2006) trata da reportagem de modo mais abrangente, sem classificá-la numa categoria específica e divide a investigação jornalística em quatro fases: 1) elaboração da pauta, com as pistas e sondagens iniciais, seguida de 2) pré-produção, incluindo a análise das fontes e a sequência da abordagem, 3) produção, com a confrontação de informações e checagem e 4) pós-produção, envolvendo a redação e a produção visual da reportagem. Chaparro (2019) lista sete momentos: 1) planejar, 2) apurar e aferir, 3) depurar, 4) definir, 5) escrever, 6) reler, refinar e finalizar e 7) difundir. Lage (2017) e Sequeira (2005) concentram-se nos desdobramentos e fases envolvendo as particularidades da reportagem investigativa, elencando etapas obrigatórias desse percurso.

As etapas que compõem o processo de reportagem nem sempre recebem atenção aprofundada nas teorias do jornalismo, com exceção da reportagem investigativa, mais pesquisada. Lage (2017) estabelece cinco passos para essa tipologia. Segundo o autor, a concepção de uma reportagem investigativa pode decorrer de várias experiências. O segundo passo se constitui do estudo de viabilidade, se há fontes e documentos disponíveis para que se possa empreender aquela investigação. O terceiro passo é a familiarização do tema, com as consultas a fontes secundárias. O quarto passo inclui o desenvolvimento de um plano de ação, com os custos e métodos a serem adotados. O quinto passo consiste em colocar o plano em prática, entrevistando as fontes. E o sexto passo se fundamenta em reavaliar o material apurado, seguido das etapas posteriores: avaliação final, redação e revisão, publicação e possíveis desdobramentos.

Apesar de cada jornalista ter seu próprio modo de trabalho e cada reportagem ser única, Sequeira (2005) identificou sete etapas sempre presentes na rotina de repórteres que adotam o jornalismo investigativo: 1) A busca por um novo tema, 2) o estudo de viabilidade, 3) o estudo aprofundado do assunto em questão pelo repórter, 4) a criação de um projeto de trabalho, 5) a fase de apuração e o cruzamento de informações, 6) a redação e 7) edição/publicação, fortalecendo a visão de um método condicionado a esse fazer. Por mais que o trabalho de reportagem não se reduza apenas a seguir um modelo de apuração, um roteiro pronto e acabado, frente aos imprevistos do caminho, este esforço de sistematizar o percurso se configura como elementar. A necessidade de explicitação do método da reportagem em profundidade se relaciona à própria necessidade de demonstrar a relevância do jornalismo com a crise da democracia e as tentativas de descredibilização da imprensa.

Para Reynaga (1976), a reportagem interpretativa assume a condição de forma futura do jornalismo escrito, sobretudo diante da disseminação dos meios audiovisuais: significa uma

descoberta do passado e um diagnóstico do futuro. O mexicano defende um procedimento ordenado como indispensável para qualquer conhecimento que se pretende captar da realidade, entendendo a investigação jornalística como resultado de passos regidos pela lógica. Para fins de elaboração, haveria alguns passos imprescindíveis para lograr seu propósito. O autor sintetiza o método da reportagem em cinco etapas, desta maneira classificadas: 1) projeto de investigação, 2) recompilação dos dados, 3) classificação e ordenamento dos dados, 4) conclusão e 5) redação. Na avaliação do pesquisador, “as técnicas de repórteres obedecem mais à intuição do que a reflexão” (REYNAGA, 1976, p. 98, tradução nossa)⁸⁰.

No quadro a seguir, apresentamos a perspectiva adotada pelos autores, de forma comparativa, com o objetivo de facilitar a visualização e compreensão de cada pensamento, antes de aprofundar o primeiro saber, de reconhecimento.

⁸⁰ “*Las técnicas del reporteros obedecem mas a la intuición do que la reflexión*”.

Quadro 6 – Compreensões teóricas sobre o método da reportagem em profundidade

Reynaga, Julio del Río (1976)	Sequeira, Cleofe Monteiro de (2005)	Pereira Júnior, Luiz Costa (2006)	Lage, Nilson (2017)	Chaparro, Manuel Carlos (2019)
1) projeto de investigação; 2) recompilação dos dados; 3) classificação e ordenamento dos dados; 4) conclusão; e 5) redação	1) a busca de um novo tema; 2) o estudo de viabilidade do tema; 3) o estudo aprofundado do assunto por parte do repórter; 4) a criação de um projeto de trabalho; 5) a fase de apuração (pesquisa documental e entrevistas entre as fontes de informação) e cruzamento de informações; 6) a redação final; e 7) a edição e publicação	1) elaboração da pauta, com as pistas e sondagens iniciais; 2) pré-produção, incluindo a análise das fontes e a sequência da abordagem; 3) produção, com a confrontação de informações e checagem 4) pós-produção; envolvendo a redação e a produção visual da reportagem	1) definição da pauta; 2) estudo de viabilidade; 3) familiarização com o tema; 4) plano de ação; 5) realização do plano; 6) reavaliação do material e preenchimento dos vazios de informação; 7) avaliação final 8) redação e revisão 9) publicação e o seguinte ou suíte	1) planejar com criatividade; 2) apurar e aferir em boas fontes; 3) depurar com sensatez; 4) definir estruturas e marcas do texto; 5) escrever com técnica e arte; 6) reler, refinar e finalizar; 7) difundir estrategicamente

Fonte: organizado pela autora.

Entre tantas perspectivas teóricas possíveis, escolhemos como guia a sugerida por Ericson, Baranek e Chan (1987), por entendê-la como mais completa para a criação das categorias de análise, considerando a proposta aqui apresentada. A partir dos três saberes definidos – de reconhecimento, procedimento e narração -, buscamos contemplar as principais competências jornalísticas naturalizadas em torno de um conhecimento tácito ou muitas vezes sequer reconhecidas como tal. Sem, contudo, ignorar as sistematizações propostas por outros pesquisadores, pois também contributivas no sentido de pensar as etapas implicadas no processo da reportagem em profundidade.

6.3 A PAUTA OU O SABER DE RECONHECIMENTO

O processo de reportagem inicia com a pauta, onde começa também a diferença entre notícia e reportagem (LAGE, 2005). Mas de onde, afinal, emergem as pautas? A capacidade de identificar quais os fatos devem ser visibilizados é questão muitas vezes negligenciada nas discussões acerca da prática profissional. Mesmo que envolva necessariamente uma preparação para alcançar êxito, a pauta parece se impregnar a uma regra tácita da atividade, como atesta Lage (2017, p. 26), para quem “a natureza humana e inteligente do agente repórter manifesta-se por [um] traço difícil de reproduzir, [...] o *insight*”. Simplificado como ‘faro’ ou ‘palpite’, esse fazer “nada tem de mágico ou misterioso: é apenas uma competência humana que, como todas as outras, pode ser aprimorada pela educação e pelo exercício” (LAGE, 2017, p. 28), embora muitas vezes se passe a ideia de um talento natural ou vocação.

Entre as concepções teóricas, impera a ideia de pauta como planejamento. Silva considera a pauta “uma forma de raciocínio hipotético que orienta as ações do repórter” (SILVA, 2015, p. 115). Toda a reportagem - especialmente a em profundidade, por ser mais trabalhada - inicia a partir do processo de elaboração de uma pauta, a ideia embrionária do trabalho jornalístico. A interpretação da realidade para a produção da pauta se dá de diversas maneiras, mas é fundamental que se abra à descoberta e à multiplicidade de pontos de vista, a fim de evitar olhares enviesados e preconceitos de quem a concebeu. Pereira Júnior (2006 p. 78-79) argumenta: “Toda a reportagem tenta dar resposta a uma curiosidade ou lançar uma hipótese sobre a realidade. Pauta não é tema. Não é camisa-de-força. Não busca confirmar o que já se sabe. É uma dúvida sobre algum aspecto da realidade a ser respondido pelos fatos”.

Como guia e etapa inicial da reportagem, a pauta pode ser compreendida enquanto seleção que delinea o enfoque e direciona a maneira como determinados assuntos serão tratados e enquadrados na abordagem jornalística. Ocupa lugar definidor ao propor um recorte

da informação. Uma das primeiras tentativas de conceituar a pauta no Brasil concerne aos anos 1950 e 1960, com os manuais de redação. Amaral (1969 apud MARQUES DE MELO, 1994, p. 73), a definia como “uma previsão dos acontecimentos que se desenrolarão no dia seguinte”. Há quem veja ausências dessa discussão em termos teóricos no Brasil, como evidencia uma das pesquisas focadas no tema: Luz (2005, p. 6) acredita que “causa estranheza não encontrar reflexões a respeito do assunto, nem quando se reconhece sua existência instrumental, caso dos manuais de jornalismo e livros didáticos de formação universitária” e acredita que a pauta revela estruturas de poder.

Há acontecimentos instantaneamente pautados pela imprensa, com forte impacto social, mas, outros dependem do olhar e da percepção do jornalista para se tornarem noticiáveis, sobretudo quando se pensa nas reportagens em profundidade, não condicionadas pelo imediatismo da notícia. Com uma mirada semiótica em *Pauta e Notícia*, Ronaldo Henn (1996) também reconhece a abordagem acadêmica em torno do tema como escassa e enfatiza: “A pauta não se dirige apenas à orientação na cobertura dos acontecimentos. Muitas vezes ela aponta para acontecimentos ou fatos que se encontram como que ‘adormecidos’ na sociedade e encaminha-os para a notoriedade pública” (HENN, 1996, p. 85-86). Apoiado na maneira como a pauta é tratada nos manuais de redação, Henn (1996) destaca a potencialidade atribuída a ela pelos próprios jornais. Há, portanto, um processo de criação encravado na elaboração das pautas.

Deste modo, a pauta concentra em si força determinante na construção jornalística, embora as convenções as quais está submetida, incluindo regras e códigos da própria linguagem jornalística, condicionem e inibam muitas vezes seu caráter criativo. Apesar dessas restrições, a pauta tem potencial como lugar de criatividade onde a realidade ganha novas revelações: “como processo vivo e vago, pode ser a chave para que a linguagem jornalística tradicional conquiste novo frescor” (HENN, 1996, p. 113). Na sua análise, a pauta jamais pode ser tomada como uma certeza definitiva, mas indica caminhos. De modo geral, precisa ser o movimento inicial para abrir-se às possibilidades e novos estímulos que o repórter conseguir vislumbrar, atendendo assim ao dinamismo exigido pela construção da informação jornalística. Portanto, na sua concepção, o chamado ‘faro jornalístico’ só é legítimo quando orientado por esse processo.

No mesmo sentido, Fabiana Moraes (AULA...,2021) analisa a tendência de colocar as discussões em torno da pauta em um lugar secundário, como resultado de uma naturalização das rotinas profissionais: “É quase como se a pauta fosse algo natural, dado pelo próprio jornalismo [...] como se fosse algo menor, de uma dimensão técnica. A pauta não como algo

elaborado e também reflexivo. E me parece que o lugar é justamente esse: a pauta é esse lugar de elaboração”. Na aula magna do segundo semestre letivo de 2021 do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGCOM/UFMS), intitulada “Jornalismo, Reportagem e Subjetividade”, ela problematiza os valores-notícias na produção e delimitação das pautas. Pondera que, muitas vezes, da forma como tais valores são adotados nas redações, dão a sensação de que as pautas se impõem, escondendo um processo de seleção e ordenação a que são processadas.

Para Cremilda Medina (1988), toda reportagem parte de uma pauta que pode ser intencional, procurada ou ocasional, quando deriva de um acontecimento totalmente imprevisto, e essa pauta carrega em si toda a força do processo denominado por ela como angulação. Na angulação, haveria relações dos três níveis gerais de comunicação na sociedade contemporânea: “o nível massa, o grupal e o pessoal” (MEDINA, 1988, p. 73). O nível massa se manifestaria na angulação conforme o interesse do público no produto jornalístico em questão. O nível grupal estaria relacionado à angulação de acordo com o perfil da empresa jornalística e dos grupos econômicos e políticos aos quais se vincula. E o nível pessoal se referiria ao que chama de ‘astros das salas de redação’, que desfrutam de certa autonomia. Estes procuram instigar investigações e olhares na tentativa de dar visibilidade a aqueles assuntos que normalmente não são lembrados ou previstos.

Muito das noções em torno da pauta se difundiram com testemunhos e livros de repórteres. Clóvis Rossi (1990a, p. 14) aponta para possíveis distorções e limitações iniciais no ponto de partida do trabalho jornalístico: “a pauta, por ser elaborada principalmente em função do que os próprios jornais publicam, gera um círculo vicioso, pelo qual os jornais se autoalimentam.” Com isso, estaria menos sintonizada com os assuntos efetivamente de interesse geral, voltando-se aos conteúdos divulgados pela imprensa. Ricardo Kotscho (1989) vê a instituição da pauta como organização e planejamento e credita a ela certa acomodação entre repórteres. Em tom saudosista e romântico, pondera: “A melhor solução ainda é aquela que os antigos me ensinaram quando ainda não existia a tal da pauta: é garimpar bons assuntos, cultivando suas fontes, mantendo as antenas ligadas dia e noite, onde estiver” (KOTSCHO, 1989, p. 11).

Nos relatos de repórteres especiais coletados para esta tese, é possível perceber que são múltiplas as possibilidades de origens de uma pauta jornalística. Nas entrevistas concedidas, evidenciam-se parâmetros comuns que servem de guia para a inspiração e a formulação de pautas. A coleta de dados permitiu identificar pelo menos sete maneiras dentro daquilo que se pode classificar como saber de reconhecimento, ligado à procedência da pauta, categorizadas

da seguinte forma: 1) Dimensões intuitivas; 2) Entre a curiosidade e as vivências pessoais; 3) Leitura da realidade; 4) Retroalimentação jornalística; 5) Trocas com jornalistas e o público em geral; 6) Iniciativa própria em defesa do interesse público e 7) Insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo. As explicações para a nomeação de cada categoria estão reunidas no quadro 7, a seguir, com as características e atributos desse saber.

Cabe destacar que essas possibilidades identificadas como pontos de partida para a produção de pautas nem sempre se dão isoladamente ou de modo estanque, podendo se entrecruzar em determinadas situações e também não se limitar às listadas aqui. Como a intenção é descrever as motivações iniciais enunciadas pelos profissionais entrevistados para tornar mais compreensível o percurso adotado no exercício da reportagem, a opção foi por buscar esmiuçar as opções encontradas. O quadro a seguir tem como objetivo apresentar as categorias a partir de indicativos do saber de reconhecimento, propostas por esta tese. Serve como base para classificar os trechos de depoimentos concedidos por repórteres especiais para a pesquisa que tratam dos seus saberes de reconhecimento. Esta etapa tem como inspiração a proposta de análise de conteúdo, conforme explicado na discussão metodológica, abordada no capítulo anterior.

O quadro foi construído com o apoio da análise dos padrões discursivos mapeados nos relatos colhidos durante as entrevistas em profundidade. Na representação gráfica, a apresentação dos dados reúne, na primeira coluna, à esquerda, indicativos coletados nos depoimentos para definir as categorias, apresentadas na coluna ao lado, à direita. O detalhamento desta etapa do processo metodológico pode ser conferido nos três quadros expostos integralmente nos Apêndices deste trabalho, que apresentam de maneira pormenorizada o percurso para chegar até aqui⁸¹.

⁸¹ Nos Apêndices, as letras apresentadas entre parênteses, posteriores às frases e termos usados por eles, correspondem às iniciais dos nomes, em ordem alfabética: Adriana Carranca (AC), Andrea Dip (AD), Armando Antenore (AA), Caco Barcellos (CB), Chico Felitti (CF), Daniela Arbex (DA), Fabiana Moraes (FM), Fábio Bispo (FB), José Hamilton Ribeiro (JHR), Mauri König (MK), Natalia Viana (NV) e Renan Antunes de Oliveira (RAO).

Quadro 7 – Sistematização de respostas sobre a pauta, ou saber de reconhecimento

Saber de reconhecimento	
Indicativos e atributos desse saber	Categoria definida
<i>Insights</i> derivados de uma função não consciente, baseada em processos intuitivos, uma sabedoria interna e experiências acumuladas, com dificuldade de explicitação	Dimensões intuitivas
Escolhas que operam de modo subjetivo com base nas vivências individuais de cada repórter e nos conhecimentos acumulados a partir das experiências	Entre a curiosidade e as vivências pessoais
Ideias favorecidas pela leitura de relatórios, diários oficiais, documentos em geral, além da observação, vivências e imersão nas ruas, com a possibilidade de se espantar com o cotidiano	Leitura da realidade
Pautas que surgem a partir da prática da leitura de jornais, coberturas diárias e repercussões, notícias não abordadas no jornalismo tradicional, questões tratadas superficialmente ou pouco exploradas na cobertura tradicional	Retroalimentação jornalística
Ideias que chegam aos repórteres por terceiros, incluindo sugestões, reuniões de pautas, conversas informais e denúncias recebidas	Trocas com jornalistas e o público em geral
Resultado de uma motivação individual do repórter aliada a temas de forte interesse público, focadas em direitos humanos e envolvendo grupos sociais invisibilizados, marginalizados, ou com direitos violados	Iniciativa própria em defesa do interesse público
Esforços no sentido de mudar o ângulo do olhar e evitar a naturalização do cotidiano, além de recusa a modelos estabelecidos no jornalismo	Insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo

Fonte: Elaborado pela autora.

6.3.1 Dimensões Intuitivas

O ponto de partida para as pautas jornalísticas costuma ser atribuído a uma intuição, involuntária e inconsciente, traduzida invariavelmente na metáfora do ‘faro’ de repórter. Esses discursos também se manifestam nas reflexões teóricas, como ‘nariz para as notícias’, como caracterizam Ericson, Baranek e Chan (1987). O papel desempenhado pelas emoções na intuição durante a tomada de decisões foi estudado pelo português Antônio Damásio (2012). Embora recorrentes nas tentativas de explicitação do saber de reconhecimento, as dimensões intuitivas nem sempre são consideradas. Na educação, por exemplo, Rudolf Arnheim (2004) comenta uma noção comum que veria no intelecto a única forma de adquirir conhecimento digno, estando a intuição reservada às artes, e associada, portanto, a um ‘dom misterioso’ e hereditário. Ele desmistifica tal modo de compreensão, mostrando a intuição como elemento fundamental ao conhecimento.

“É um processo que resulta da experiência”

‘Intuição é simplesmente... é um processo que resulta da sua experiência. Você já passou por várias coisas, e aí o seu próprio cérebro cria aquela... com base em experiências anteriores que você viveu, te dá aquele alerta: ‘hummm, isso aqui’.. o que a gente chama de intuição [...] é muito mais baseada em experiência. Na verdade, é a sua experiência que, de alguma forma, volta e te informa sobre aquilo, e te diz ‘isso é notícia’ ou ‘isso não é’. (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Eu acho que é faro”

“A primeira coisa que a gente precisa é ter uma boa pauta, né? Precisa ter um bom sexto sentido... não sexto sentido, mas a gente precisa ter uma pauta, pra perseguir. Uma ideia para perseguir. [...] Acho que eu tenho... não é ‘feeling’, eu acho que é faro. A gente vai aos poucos adquirindo um certo faro. De que tem coisa aqui, vou insistir. Não vou largar tão rápido. Não vou desistir na primeira entrevista, sabe? Vou olhar isso com atenção, que deve ter ‘coisa’ aqui. É muito subjetivo. Mas, eu acho que todo jornalista investigativo talvez tenha, se pensar bem.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Não tenho tanto faro para a notícia”

“Eu não tenho tanto faro para a notícia, não tenho essa vontade louca pela novidade, entendeu? [...] De repente, eu esbarro com um assunto: ‘Opa! Aqui tem alguma coisa’. Não sei

te explicar. [...] Primeiro, vem o ‘insight’. Depois, eu tenho a primeira conversa com a pessoa. [...] Mas, às vezes, é... do nada! Às vezes, acontece. Teve uma história que eu contei na ‘piauí’, que era do casal que morava na porta da minha casa: ‘A vizinha’! Eu via eles lá sempre, mas teve um dia que eu falei: ‘Opa! Aqui tem uma história’. Por que teve esse dia? Eu não sei.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Intuição é tudo!”

“Eu acho que a intuição é tudo! Eu chego num lugar, um puta risco. Eu dou 20 passos, não sei porque, ou, não dou 20 passos. Dou 10 [passos]. Não, vou para a direita. Então acho que estão me esperando por aqui. Não, eu vou fazer isso aqui [acena outra direção]. [...] Um dia desses, eu tinha feito 200 metros para dentro do Complexo da Maré, tomado pelo tráfico e pelo BOPE. Eu entrei 200 metros. Às vezes, um quilômetro já é risco! Eu achava que dava para ir 200 metros. Eu vou cercando, cercando, cercando. Intuição.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Cada repórter tem uma intuição”

“O Homem-Aranha tem um super-poder [...], consegue sentir quando algo vai acontecer, antes de essa coisa acontecer. E acho que cada repórter tem uma intuição parecida. Uma boa história demora meses para ser descoberta, mas é preciso confiar na primeira fagulha que aparece. A primeira centelha de interesse por um assunto.” Chico Felitti em FELITTI, 2020.

“A gente sabe o que é o insólito quando se depara com ele. [...] Acho que é uma coisa que é pouco ensinada na reportagem e no jornalismo, um instinto.” (Chico Felitti em FELITTI, 2021).

“A gente cheira a notícia”

“Todo jornalista tem isso, tem que saber ouvir essa intuição. É um faro que a gente cheira a notícia, que a gente sente a notícia. Isso a gente tem, a gente traz dentro da gente. E em todos os momentos em que eu tive uma intuição, as coisas aconteceram.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Tenho uma espécie de radar”

“Eu tenho uma espécie de radar - vamos dizer assim - ligado. Eu estou procurando uma coisa, mas percebo: ‘Poxa! Aqui tem outra pauta, então eu vou voltar em algum momento aqui para fazer essa outra pauta’. Tem isso, de deixar mapeado os possíveis assuntos. Eu vou sempre

alimentando as fontes. Eu deixo vivas aquelas pontas para, em algum momento, eu puxar. Só que tem a primeira ideia do que a gente pode pensar que seja a pauta.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“O que é uma intuição ou uma percepção?”

“Eu não saberia dizer o que é uma intuição, ou uma percepção, sabe? Eu tenho um pouco de dificuldade pra fazer uma diferenciação entre essas coisas.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Nariz funcionando é boa arma do repórter”

“O nariz funcionando é boa arma do repórter, até mesmo em reportagens de política, de economia, de governo... ‘Isso não está cheirando bem...’” (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 1998, p. 114).

“Vai fazendo a partir da intuição”

“Quando você está numa redação [...] você vai fazendo na tentativa de erros e acertos. Você vai fazendo experimentos. Porque, no geral, pelo menos foi o que aconteceu comigo, eu imagino que aconteça com muitos jornalistas que fazem reportagens mais longas... Vai fazendo a partir da intuição, daquilo que intuiu.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Repórter é muito intuitivo”

“É tudo muita intuição! Repórter é muito intuitivo, né? E é muito louco, porque não dá pra você colocar um método nisso.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“Tem que ter sensibilidade para a coisa”

“Como escolho minhas pautas? Eu pego ao azar. Uma coisa pinta na minha frente, o faro diz que vale matéria, vou atrás. Sempre fiz assim. [...] Exige faro. É uma sensibilidade que os anos trazem.” Renan Antunes de Oliveira em OLIVEIRA, 2019, p. 320-314. *“Faro. Jornalista vê na hora quando uma história vale a pena.”* (OLIVEIRA, 2006, p. 11) *“Tem que ter sensibilidade para a coisa. Uma sensibilidade à flor da pele. [...] sei lá eu o que é isso. Não pergunte para o leão o que ele está fazendo quando fareja.”* (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.3.2 Entre a curiosidade e as vivências pessoais

Um conhecimento totalmente objetivo do mundo pressupõe a impossibilidade de apartar-se do âmbito dos sujeitos. Os processos de produção jornalística se constituem numa construção intersubjetiva. Questões ligadas à curiosidade pessoal, dúvidas de algum tema de relevância que dependa de uma solução e as próprias vivências de quem a executa também podem ser fontes de pergunta. Não há como negar que a perspectiva pessoal dos profissionais influi na pauta e no jornalismo praticado por eles. Daí a necessidade de abordar o lugar social de onde falam e vivenciam, conforme tratado no capítulo anterior. A valorização da experiência de vida acumulada por repórteres, sua *experiência-vivência* (OSORIO VARGAS, 2017), revela-se uma das fontes incontestáveis do processo de criação-produção, interferindo no trabalho jornalístico desde as ideias iniciais para possíveis reportagens.

“Sempre foram uma preocupação pessoal”

“É o que eu chamo de ‘a grande questão’. Então, você tem uma coisa que é a notícia, factual, do dia. [...] Mas, ela não discute - porque aí você precisa de muitas páginas mais - uma questão maior, onde entra uma reportagem especial.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora)
“[temas sociais] sempre foram uma preocupação pessoal”. (Adriana Carranca em CARRANCA, 2007, p. 19)

“Saber exercitar a curiosidade”

“Tem que ter inquietude intelectual, desejo, saber exercitar a curiosidade” (BARCELLOS, 2013)
“Tudo o que eu vira como garoto [de um bairro pobre em Porto Alegre], passei a ver como repórter”. (Caco Barcellos em BARCELLOS, 1997, p. 22)

“Elas vêm todas de uma curiosidade”

“Acho que existe uma coisa em comum no nascimento das grandes reportagens as quais me dedico: elas vêm todas de uma curiosidade. [...] O livro-reportagem que terminei nesta semana nasceu por causa de um nome. Uma travesti de 80 anos me perguntou se eu conhecia a Jacqueline Blábláblá, nome que eu nunca tinha ouvido falar, mas que souo tão curioso que decidi ir atrás, e, para além dele, havia uma história formidável.” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“Tem que ter curiosidade”

“A gente tem que ter curiosidade [...] Algumas áreas eu tenho muito interesse de cobertura. A questão da defesa dos direitos, da corrupção, da violência, da memória... mexem comigo. [...] O Holocausto [Brasileiro] nasceu no momento em que eu tive acesso àquelas fotos, de dentro do hospital, 50 anos depois que elas foram feitas! Isso parte muito do interesse do repórter também [...] Quando eu resolvi contar essa história, eu fui movida por uma indignação, ter visto aquelas fotos e perceber que a minha geração não sabia nada sobre aquela história, isso me moveu” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Por que as coisas são assim?”

“Primeiro vem aquele... Por que as coisas são assim? Por que isso é assim? [...] Eu gosto muito de desenhar pautas, eu penso bastante em pautas, eu fico... ‘isso daria uma bela reportagem desse jeito’. Isso aqui daria uma bela reportagem desse outro jeito, sabe? Eu gosto muito de elaborar pauta [...] Mas, se for pensar, retrospectivamente, porque você escolhe determinada maneira, [...] eu sou levada a pensar que tem muito a ver com perceber uma pobreza de representação [...] A gente se acostumou, como jornalista, a narrar desse lugar de universalidade.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Você puxa pela sua vivência”

“Como dizia aquele espanhol [José] Ortega y Gasset, ‘o homem é o homem e suas circunstâncias.’ A criação de uma pauta [...] tem muito de sua experiência pessoal, de sua vivência [...] Na reunião de pauta, o que você leva? Você leva a sua alma, o seu espírito, a sua forma de ver a vida. A sua experiência. E, sobretudo, a sua vivência. [...] A gente vê que as pautas, quanto mais ancoradas na vivência, na alma da pessoa, melhor. [...] A boa pauta é aquela que você vivenciou, seja pessoalmente, ou através de seus conhecimentos e até das suas leituras.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“É super subjetivo”

“É super subjetivo: quando é uma boa história? Qual é o momento em que aquela história é uma boa história?” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.3.3 Leitura da realidade

A capacidade perceptiva, através dos diferentes sentidos, identifica elementos da realidade social, interpreta e os transforma em possível pauta jornalística, valorizando muitas vezes elementos que podem passar despercebidos. A leitura de documentos e relatórios oficiais torna-se fundamental, estabelecendo pontes com a realidade social e levando a possíveis ideias de pauta. Na leitura não só de palavras, mas de sentidos, essa categoria vai ao encontro da afirmação de Paulo Freire (1989, não paginado) de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Nesse contexto, a imersão à rua, onde se convencionou ser o lugar onde repórter deve estar, serve como fonte de estímulos para a captação de novos ângulos, numa primeira aproximação com a realidade, conhecendo o ponto de vista das próprias pessoas. O processo perceptivo de criação de pautas é estimulado pelas vivências no espaço público, em paralelo às leituras acumuladas.

“Sempre surgiram da rua”

“Na minha experiência, as grandes reportagens sempre surgiram da rua. [...] Eu fiz, recentemente, uma no ‘New York Times’... ela veio da rua também, porque, por acaso, eu fui conversar com uma fonte, uma feminista muçulmana, só porque eu a achei interessante [...] Ela me falou sobre um abrigo recém-aberto, para imigrantes muçulmanas vítimas de violência doméstica [...] fiquei seis meses seguindo a menina [...] Essa história surgiu ali, pra mim, eu sabia que seria uma história longa, mais aprofundada.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Estou olhando sempre para algum lugar”

“Claro que eu estou olhando sempre para algum lugar. No Rio de Janeiro, eu estou olhando para a negritude, para a favela. [...] Primeiro, eu tenho que achar que tem uma história, mesmo que ela não tenha uma embocadura jornalística. Mas, quando eu percebo que tem, aí eu vou procurar a embocadura jornalística nela, antes de vender a história. Aí, também tem um pouco de confiança. Porque, às vezes, nem eu sei se vai dar muito certo.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Sou um observador permanente”

“Eu sou um observador permanente. Praticamente, todas [as pautas surgem] da observação e da leitura. Eu sou um leitor voraz. Leio até bula de remédio! Eu leio muito, muito, todo o tempo

[...] *E, quando eu vou pra rua, eu nem percebo, mas tenho aqui dentro da ‘caixa’ [referindo-se à própria cabeça] muita informação. A gente nem percebe que tem. Então, a observação da rua vai se encaixando nessas verdades do conhecimento alheio ou do conhecimento de especialistas, de outras vivências.*” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Muita coisa que nasce de observação”

“Faço muita coisa que nasce de observação. A primeira reportagem que eu publiquei na ‘Folha’, inclusive, foi um exercício de observação. Eu estava indo a pé para o jornal e notei que garis varriam a Praça da Sé com folhas de palmeiras, em vez de vassouras. Achei aquilo peculiar e fui perguntar para eles o porquê. [...] A subprefeitura tinha banido o uso de vassouras, para cortar gastos. É o tipo de coisa que eu não teria ficado sabendo de outro jeito, se não tivesse prestado atenção em algo que estava na rua, e isso vale para muitas das reportagens que escrevi.” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“De observações. E da vontade que eu tinha de saber mais”

“A maioria das grandes reportagens que eu fiz e que foram premiadas, tiveram muita relevância social e impacto, nasceram de observações. E da vontade que eu tinha de saber mais. Eu te falo que 99%. [...] Ir às ruas é fundamental. A tecnologia não substitui o contato, o olho no olho, estar no local, conversar com as pessoas.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora) *“Existe um grande engano: as pessoas acham que as coisas nascem prontas. [...] Primeiro que não existe ‘a’ pauta, né? [...] Às vezes, elas sequer existem, é só uma observação.”* (Daniela Arbex em ARBEX, 2018, p. 138).

“A observação é talvez o meu maior capital”

“A observação é talvez o meu maior capital, digamos assim, eu observo, de fato, bastante. Às vezes, eu fico, inclusive, me controlando, para, nessas observações, de fazer tanto isso, eu não pegar experiências anteriores e preencher com aquilo que estou observando naquele momento. Então, eu não sei, às vezes como... mecanizar essas observações, como utilizá-las, eu fico tentando... eu tenho muito medo do senso comum. É algo natural que a gente carregue, eu fico procurando na observação tentar ir além do meu próprio senso comum, [...] existe essa preocupação.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Eu vou descobrindo pautas”

“Eu fico lendo as correspondências que chegam para o governo do estado. [...] É uma espécie de técnica de sobrevivência. Eu preciso de pauta, [...] vou criando métodos para descobrir assuntos. Outra coisa que eu faço bastante é leitura do diário oficial e dos diários oficiais do Ministério Público. [...] Nessa vida de free-lancer, não dá para esperar a pauta chegar em mim. [...] A história dos respiradores surgiu de uma análise documental. Eu modelei os gastos da saúde em uma planilha, naquela minha rotina de jornalista de dados, e identifiquei a fraude.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“A partir da observação”

“Bom, eu acho que existem três maneiras [de pautar-se para uma reportagem em profundidade]. Pelo menos é o que consigo identificar. Talvez tenham outras formas. Mas essas são as quais eu sempre costumei trabalhar. Uma é a partir da observação, do repórter perceber algo diferente.” (Mauri König, em entrevista à autora).

6.3.4 Retroalimentação jornalística

Um registro sem a devida atenção publicado em jornal pode ser o princípio de uma reportagem em profundidade. Truman Capote talvez seja o caso mais famoso para ilustrar o que pode haver por trás de uma nota despreziosa, tomando conhecimento assim, no *The New York Times*, do assassinato de uma família inteira para escrever *A Sangue Frio*, símbolo máximo do ‘Novo Jornalismo’. Sendo a leitura de jornais em geral uma prática estimulada entre jornalistas, assim como o envolvimento em coberturas diárias e suas repercussões, essa interação contribui para detectar brechas e pautas não exploradas de forma satisfatória pela imprensa. Ambas as atividades se convertem em faróis dessa sondagem inicial na mediação da realidade social e proporcionam um *know-how* jornalístico no mapeamento de temáticas tratadas superficialmente na cobertura midiática e na identificação de abordagens sequer investidas diante do apelo ao factual.

“Acabo indo de uma matéria à outra”

“Por exemplo, uma matéria que eu estou escrevendo agora [...] O norte de Uganda teve uma guerrilha muito conhecida, o ‘Lord’s Resistance Army’, o Exército da Resistência do Senhor, como se fosse um estado islâmico cristão. Era um grupo rebelde que, durante três décadas, aterrorizou aquela região, [...] Eu acabo indo de uma matéria à outra (risos) - eu estava ali

pra fazer o factual da guerra, mas, eu aproveitei a viagem e fui conversar com essa fonte, e, no fim, essa fonte tinha sido um comandante dessa guerrilha.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Não estava vendo uma reportagem que abordasse a complexidade do assunto”

“Tem pautas que surgem de uma inquietação com alguma coisa que está acontecendo que não esteja recebendo um olhar mais profundo. [...] Por exemplo, a matéria que eu fiz sobre a redução da maioria penal, estava se discutindo o tema na época, mas eram pequenas matérias e notícias, eu não estava vendo uma reportagem que abordasse toda a complexidade desse assunto [...], uma coisa que o jornalismo investigativo nos permite fazer. [...] Vamos ouvir os meninos que foram para a Fundação Casa, entender o que isso significa na cabeça deles, sabe?” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Havia brechas muito grandes”

“Eu sempre achava que havia brechas muito grandes... [...] eu achava que... e sempre achei, que o problema não é aquilo que a gente faz, ou que se fazia, mas o que se deixa de fazer. Eu acho que a imprensa até erra relativamente pouco. Mas o problema é o que ela deixa de fazer. Aí eu acho muito grave.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Foi colhido no dia-a-dia mesmo, no factual”

“A própria cobertura da Covid - eu estou cobrindo diariamente - vai nos dando ‘insights’ e nos municiando para fechar uma especial. [...]. A gente tem um fio que monta uma especial, vamos dizer assim, mas que foi colhido no dia-a-dia mesmo, no factual. [...] Nesse processo, muitas coisas vão surgindo também. Ganchos e outras possibilidades aparecem, eu jogo para dentro da pauta ou deixo de ladinho para outras pautas, no futuro. É mais ou menos assim o meu processo criativo da elaboração da pauta. Não é muito complexo. Não é tão organizado também.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Eu li no meu jornal”

“O Cova [212] foi uma outra história, eu sempre quis fazer uma matéria sobre ditadura, e aí, num dia que cheguei pra trabalhar, o meu jornal deu uma matéria dizendo que a comissão estadual de indenização às vítimas de tortura tinha aberto o prazo pra vítimas do período requererem a indenização, eu fiquei enlouquecida. Eu li no meu jornal, era uma matéria. Eu falei: ‘gente, será que tem alguém em Juiz de Fora que mandou pedido pra lá?’. E, eu mesma,

sem perguntar se eu podia fazer, porque era um assunto de Política, eu trabalho em Geral, liguei pra comissão e perguntei [...] Começou assim.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Essa notícia tem uma história”

“É assim - e isso acontece muitas vezes comigo: você pega uma notícia e essa notícia tem uma história. [...] é tão comum comigo! E quando eu estou precisando de história, meu: pega um jornal, de cabo a rabo, você vai achar cinco histórias que rendem grandes reportagens ali. E sempre fica num cantinho. E eu bato o olho e falo: ‘nossa! Isso aqui é uma história!’. Ai eu começo a buscar tudo o que saiu sobre o assunto. Se saiu pouco, melhor ainda.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“É a pauta dentro da pauta”

“Outras pautas eu pego lendo jornais, quando vejo pontas soltas na matéria. Uma assim me aconteceu no Paraná. [...] em 2001. Vejo manchetes dadas por policiais para repórteres sonolentos: padre eleito prefeito mata o vice dias antes da posse. Veja: ‘Batina suja de sangue’. Globo: ‘o assassino estaria foragido’. Vários jornais deram a mesma coisa, mas tudo orelhada. [...] Farejei o ar. Snif... Nunca vi um padre prefeito matar alguém. [...] Definitivamente, tinha alguma coisa errada na versão oficial. [...] É a pauta dentro da pauta, uma iguaria.” (Renan Antunes de Oliveira em OLIVEIRA, 2019, p. 311-315).

6.3.5 Trocas com jornalistas e o público em geral

Prestar atenção nos boatos, dar ouvidos aos mexericos, não desprezar os rumores, conversar com quem se encontra na rua, ficar atento a pistas dadas por informantes e verificar se essas versões procedem são algumas das recomendações de Tchêkhov (2007) sobre como fazer uma reportagem. Kapuściński (2006, p. 209) também relaciona o contato com a população local à “oportunidade para conhecer muitas pessoas e descobrir coisas que não costumam ser divulgadas pela imprensa.” Seja como for, as experiências pelo diálogo são identificadas como uma estratégia potente no trabalho de reportagem. Como fugir das fontes óbvias e oficiais se torna um diferencial, um comentário ouvido acidentalmente na multidão, uma denúncia anônima ou uma informação recebida, assim como as trocas entre colegas nas reuniões de pauta podem se tornar uma ampla pesquisa. Reportagens de fôlego, afinal, às vezes nascem de uma fâisca pontual.

“Tem matérias que surgem em uma reunião de pauta”

“Na reportagem da bancada evangélica, quem sugeriu foi a Natalia, numa reunião de pauta. [...] A matéria sobre a exploração de meninas veio de uma denúncia feita por uma advogada que trabalhava com movimento social [...] Surgem de várias formas. Tem matérias que surgem em uma reunião de pauta, como foi essa, por exemplo, sugestão da Natalia, que depois acabou virando um campo pra mim dentro do jornalismo. [...] Tem ideias que surgem de pessoas que vêm fazer denúncias, como foi o caso da dos quadrinhos [Meninas em Jogo]...” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“É uma conversa informal”

“A coisa vai nascendo da conversa, sempre. É gravar, conversar, conversar, conversar. Então, o meu processo é: Como eu trabalho com pessoas específicas - aquela moça, [da reportagem ‘A Vizinha’] eu nunca tinha visto na minha vida -, o que eu faço? [...] É uma conversa informal. Eu não anoto nada; só ouço. Mas eu vejo se dá para levar isso para uma embocadura jornalística.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Desde que o dossiê seja todo checado”

“Todo mundo tá sempre atrás do release, pedindo clemência... informação exclusiva... que é o jornalismo de dossiê, na verdade, né? Que é feito por um promotor, é um promotor, é um policial, é um investigador independente... E o jornalista vai lá e reproduz aquilo e diz que é investigação. [...] É quase que de cópia, de um dossiê. Claro que evidentemente tem o seu valor também. Desde que o dossiê seja todo checado. Palavra por palavra dita ali. Não é o que se faz. [...] Eu acho muito pouco, acho irresponsável mesmo.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Você vai ter que me contar quem é essa pessoa”

“Uma vez eu estava tomando um café num SESC, aqui em São Paulo, e aí, na mesa do lado, duas pessoas estavam conversando: ‘você não vai acreditar: esse velho me contratou para [...] fazer um museu flutuante na represa de Guarapiranga’. Juro, eu bati na mesa e falei: ‘desculpa, eu não te conheço, mas você vai ter que me contar quem é essa pessoa [...]. Eu fui atrás. Esse sujeito existia [...] Entende o nível da loucura? [...]. Rendeu uma reportagem na capa da Ilustrada, mas sei que renderia muito mais. E eu encontrei a história por acaso.” (Chico Felitti em FELITTI, 2021).

“Foi uma insistência de um colega”

“O próprio caso da Boate Kiss, eu não escolhi contar essa história, eu fui escolhida pra contar essa história, eu me sinto assim. Porque foi uma insistência de um colega, né? [...] O Caso Kogi, nasceu de uma conversa com o taxista! [...] [O dossiê Santa Casa] foi um trabalho que nasceu assim... [...] A gente recebeu no jornal uma denúncia da Associação de Médicos da Santa Casa falando que existiam empresas suspeitas no hospital. [...] As peças estão todas espalhadas, desconectadas, no início, você não consegue ver exatamente do que se trata.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Na reunião de pauta, as ideias pipocavam ao azar”

“Uma informação em ‘off’ é o caminho que o jornalista deve trilhar para iniciar uma investigação.” (RIBEIRO, 2012, p. 280). *“Geralmente, nos veículos onde eu trabalhei [...] na reunião de pauta [...] as ideias pipocavam assim ao azar. Tanto minhas, quanto dos colegas, fazia aquele caldeirão, de ideias, de vivências, de pontos de vista. E ia afunilando, sabe, a conversa e resultava numa proposta de pauta. Normalmente, eram mais de uma, porque eram mais pessoas e tal, várias ideias.”* (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Recebendo aquele material já documentado”

“Outra maneira é recebendo aquele clássico material já documentado [...], um dossiê na redação, e, a partir daí, começa a investigar.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“A gente estava na redação e surgiu a pergunta”

“A [reportagem] Efeito Colateral começou também com um fato que foi a intervenção militar, a intervenção federal liderada por militares no Rio de Janeiro, em 2018. A gente estava na redação, comentando como cobriríamos aquilo, e surgiu a pergunta: ‘será que em todas essas operações GLO, de Garantia da Lei da Ordem, que os militares ocupam favelas (uma coisa quase rotineira no Brasil nos últimos dez anos), nunca houve uma morte de um civil?’” (Natália Viana em VIANA, 2021).

6.3.6 Iniciativa própria em defesa do interesse público

A iniciativa própria de quem reporta em defesa do interesse público e envolvendo sobretudo temas de forte interesse coletivo como os ligados a grupos sociais invisibilizados ou marginalizados pode relacionar-se ao jornalismo investigativo. Comparada a outras práticas

jornalísticas, a reportagem investigativa pressupõe processos profissionais, métodos de pesquisa e estratégias operacionais particulares. Como observa Lage (2017, p. 138), “o jornalismo investigativo é geralmente definido como forma extremada de reportagem.” O que não quer dizer que toda a reportagem em profundidade seja, necessariamente, jornalismo investigativo. Quando investigativa, a reportagem costuma ser caracterizada como uma informação que alguém buscava ocultar, associada ao forte interesse coletivo. Outro elemento definidor é ser resultado de um esforço do trabalho de repórter, um aspecto comum nas práticas de repórteres especiais.

“Violações de direitos humanos são interesse público, sempre”

“Por exemplo, violações de direitos humanos são interesse público, sempre. Medidas que um presidente da república toma, são de interesse público sempre. Coisas que afetam a vida das pessoas, direta ou indiretamente. E da sociedade. Seja inclusive na cultura, educação, é isso.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“É o interesse dessa gente, que representa 80% da população”

“No caso do Brasil, por essa desigualdade gigante, eu estou pensando sempre nos 160 milhões que ganham R\$ 2 mil reais por mês. [...] O que é interesse público para mim? É o interesse dessa gente, que representa 80% da população. O jornalismo que não contemplar essa gente está encastelado. [...] Considerando que a nossa profissão virou uma profissão das elites brasileiras, você tem que pensar o mundo muito longe de seu umbigo [...] A gente tem o dever de descobrir histórias dessas pessoas que normalmente não têm acesso ao microfone” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Informação que tem impacto social”

“Interesse público: Uma informação que tem impacto social, e logo deve vir à luz: uso da coisa pública, descobertas científicas e esquemas de poder que afetam a vida de muita gente.” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“Quem não se pauta, é pautado”

“As histórias são construídas, as pautas não nascem prontas. Se você ficar esperando na redação, ou onde for, nunca vai contar uma grande história. Porque as grandes histórias começam pequenininhas. E aí sim, a partir do seu trabalho, da investigação, da sua dedicação ao tema, você consegue transformar isso numa coisa maior. [...] O meu método é: é útil? É.”

Tem interesse público? Tem. Então, eu vou fazer! [...] Quem não se pauta é pautado. Eu sempre me pautei. [...] Então, como é que começa? Dizendo que as grandes histórias nunca nascem grandes” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Por minha conta mesmo e comecei a coletar”

“Eu comecei a sentir uma necessidade de sair um pouco de casa e fazer outra coisa que não fosse só pra ficar escrevendo aquele calhamaço de página, da tese, né? E aí eu comecei a ir pro Hospital das Clínicas por minha conta, por minha conta mesmo e comecei a coletar, né? Conheci Joicy desse jeito [...] Joicy só é possível, porque tinha uma confiança estabelecida [com a chefia do jornal] (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Todas, sem exceção, contêm denúncias de violação de direitos”

“O repórter identificar um padrão de cobertura e trabalhar em um planejamento, um projeto mesmo de reportagem, para ir mais a fundo num determinado tema [...] Todas, todas, sem exceção, [...] contêm denúncias de violação de direitos de pessoas ou de grupos sociais [...]. Essas reportagens que me renderam prêmios tinham em comum a denúncia de alguma injustiça [...]. Eu não consigo ficar indiferente [...]. Eu não me sentiria confortável [...] a gente só pode corrigir um problema quando o expõe.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Escolho as minhas histórias sem pauteiro”

“Durante décadas cumpri poucas pautas pautadas por pauteiros. Só pude fazer isso sendo frila. Quando era correspondente no estrangeiro, também decidia sozinho [...] Existe vida sem pauteiro. [...] escolho as minhas histórias sem pauteiro. Motivo: eles são pessoas muito ocupadas pra ter tempo de bolar pautas. [...] É raro que a boa matéria te procure, você tem que procurar por ela.” (Renan Antunes de Oliveira, em OLIVEIRA, 2019, p. 310-312).

6.3.7 Insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo

Deveria ser uma prática comum, mas, especialmente, entre repórteres especiais, é possível identificar uma inquietação que evita naturalizar o cotidiano. Esse movimento se manifesta na tentativa de insubordinação do olhar, procurando alcançar novos ângulos e abordagens para questões amplamente divulgadas e para aquelas desprezadas. Assim, lançar uma mirada crítica sobre o próprio fazer jornalístico passa a ser uma consequência da busca por ultrapassar padrões, negociando e tensionando rotinas profissionais. Tal categoria encontra

respaldo em provocações da jornalista Eliane Brum. Em *A vida que ninguém vê*, Prêmio Jabuti 2007 como Melhor Livro Reportagem, a repórter escreve o ensaio “O olhar insubordinado”, em que diz sempre gostar das “histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico” (BRUM, 2006, p. 187). O texto propõe aos repórteres uma fuga à domesticação do olhar.

“Treinando o olhar”

“A diversidade deve – e pode – estar associada a qualquer temática e dessa forma permear, por exemplo, todas as páginas do jornal – sejam elas de economia ou política, de cultura ou informática, de esportes ou geral, de meio ambiente ou internacional. Está nas mãos do repórter, embora não exclusivamente, garantir que isso ocorra. Como? Treinando o olhar.” (Adriana Carranca em CARRANCA, 2008, p. 307-308).

“É tudo um espanto!”

“O processo de descobrir, como eu não tenho uma área, é tudo um espanto! [...] Primeiro de tudo, eu preciso ter esse espanto.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Eu insisto com a crítica ao declaratório”

“Eu insisto com a crítica ao declaratório. [...] A programação aí 90% é estúdio, é blablabla. É conversa, é declaratório. Tv a cabo então, é declaratório. De cada dez programas, eu acho que 9,9 é declaração. Fica um sentado ao lado do outro falando. Mais fácil e risco zero. Uns trazem realidade pra dentro do estúdio, o cara faz pirueta ali, dança [...] que é o audiório.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Olhar para pessoas marginalizadas pela imprensa”

“Hoje vejo uma tendência de gostar de olhar para pessoas marginalizadas pela imprensa. Seja um artista de rua como o Ricardo Correa, seja uma prostituta como a Vania Munhoz, seja uma participante de concurso de Miss Garota da Laje, como a Alessandra Cariúcha ou sejam três travestis que chefiaram uma máfia em São Paulo, como no livro que acabo de escrever. São pessoas que dificilmente seriam retratadas com seriedade e profissionalismo pelo grosso dos grandes veículos e, na minha opinião, isso ocorre por puro preconceito.” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“O que é um assunto esgotado?”

“Começa assim, de você enxergar o que ninguém conseguiu, que pode ter uma história por trás daquele fato [...]. Eu tinha um desejo de falar sobre a ditadura porque eu acho que não é um tema esgotado. Ao contrário do que o meu próprio chefe pensava e falou. Não! Se todo mundo já tivesse contado essa história e fosse um tema esgotado, a gente não teria quase 500 pessoas desaparecidas ainda no Brasil [...] E o que é um assunto esgotado? A Kiss, em tese, seria. Mas, há sempre um jeito de olhar e de contar [...] É qualidade de informação, não é só o ineditismo.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“A pauta é o instrumento para desestabilizar os lugares comuns”

“Chamo a pauta de rainha, a pauta é o instrumento, a ferramenta para desestabilizar os lugares comuns. É como você desenha a pauta, como você vai executá-la. É ela que pra mim é o primeiro passo desestabilizante do senso comum e do lugar comum que o jornalismo construiu [...] A pauta já tem pra mim, nesse sentido, uma perspectiva, do que se chama ativista. A partir do momento em que consegue reconfigurar o olhar sobre um grupo, uma pessoa, um fenômeno [...] seria um método de trabalho. De maneira geral, procurei reportar a partir desse aspecto.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“O ineditismo daquela perspectiva”

“Um dos fatores primordiais que eu busco é o ineditismo, mas não é o único. Às vezes, não é exatamente o furo, mas o ineditismo daquela perspectiva. Eu acho que isso é um dos fatores primordiais para contar uma história. Por exemplo, eu estou pesquisando uma história sobre BR que o Governo Federal vai construir. Não é uma história nova, só que proponho um novo enfoque, de ligar esse assunto com o desmatamento da Amazônia. Eu acho que o ineditismo é um fator primordial, mas não é o único. O outro é o enfoque que a gente vai dar para a reportagem - o ângulo.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Têm uma visão mais de longo alcance”

“A grande massa dos jornalistas, assim como a grande massa de outros profissionais, seja qual for... vai ser daqueles profissionais que são mais acomodados, estão assim naquela mediana, compreendo as suas obrigações de fazer direitinho e tal. Mas sempre tem aqueles que põem a cabeça para cima da linha mediana e querem mais. E têm uma visão mais de longo alcance. E enquanto existirem essas pessoas, jornalismo, a grande reportagem, vai sobreviver.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“O assunto já estava esgotado, mas eu digo: ‘não está’”

“Meus temas preferidos? Crimes pequenos. Caço injustiças. Cenas engraçadas. Farejo causas fora do eixo.” (OLIVEIRA, 2019, p. 310). *“ [a tragédia de Felipe Klein] saiu na manchete no Zero Hora. Todo mundo deu, saiu em todos os jornais. O assunto já estava esgotado, mas eu digo: ‘não, mas não está’. [...] Eu disse: ‘eu vou investigar toda essa história de cabo a rabo, mas não é só isso. Eu vou investigar tudo isso e vou transformar isso numa matéria única’. Eu nunca imaginei que fosse ganhar o Prêmio Esso.”* (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.3.8 Análises dos depoimentos sobre a pauta, ou saber de reconhecimento

Os relatos dos entrevistados acerca da pauta remetem com frequência a noções classificadas numa primeira categoria como dimensões intuitivas, derivadas de instâncias correspondentes à cognição e a dados sensoriais, com dificuldade de explicitação. Em geral, sentidos associados ao ‘faro jornalístico’ se repetem em pelo menos cinco das respostas dos entrevistados - faro, cheiro ou nariz - (Andrea, Armando, Daniela, José Hamilton e Renan) ao tratar dos *insights* geradores da pauta jornalística. A recorrência da autopercepção de uma espécie de clarividência se revela tão intensa que há quem, frente ao peso atribuído à intuição (Caco), descarte o exercício da reportagem como método (Natalia). Entre os relatos, também se verifica a noção de ‘sexto sentido’, evocando uma aura mística e misteriosa, embora se tente evitar a ideia em seguida (Andrea), além da equiparação do labor jornalístico a um poder de super-heróis (Chico), portanto, sobre-humano e quase mágico, que escapa à razão.

Num dos casos, esse ‘instinto’ se assemelha a um impulso primitivo, aproximando o exercício de reconhecimento de uma pauta ao farejar de um leão em busca de sua presa (Renan). O uso de metáforas para explicitar o saber de reconhecimento também se manifesta no paralelo com um ‘radar ligado’, capaz de captar sistematicamente possíveis assuntos reportáveis (Fábio). Ou uma ‘sensibilidade à flor da pele’, trazida pelos anos de ofício, sugerindo uma habilidade somente possível para jornalistas experientes (Renan) e aproximando a reportabilidade de um valor adquirido por ‘osmose’ (BREED, 1999). A dificuldade de explicitar e definir o processo inicial da reportagem se mostra presente nos depoimentos, dando a entender que, em algumas situações, trata-se de um experimentar envolvendo tentativas, erros e acertos (Mauri). Pode haver uma dificuldade de diferenciar uma intuição de uma percepção (Fabiana) e a noção de uma ideia a perseguir (Andrea).

As limitações e imprecisão de termos como *feeling* ou ‘instinto de repórter’ para definir o movimento inicial da reportagem precisam ser ponderadas permanentemente à medida que aparecem de maneira constante, no intuito de explicar rotinas produtivas. A percepção instintiva compõe um elemento importante, e que merece, portanto, análise, mas não se pode correr o risco de reduzir esse complexo processo a algo tão indefinido, sob pena de invalidar o próprio conhecimento produzido pelo jornalismo.

A recorrência a jargões como *faro* e *feeling* se assenta na tradição de uma cultura profissional responsável por naturalizar e cristalizar certas crenças e expressões na tentativa de explicar lampejos de pautas, como uma capacidade adquirida. É assim que o ‘faro jornalístico’ aparece descrito por Wolf (1999, p. 249-250): “não uma capacidade ‘misteriosa’ para captar notícias, mas uma capacidade *standart* (adquirida a partir de parâmetros delimitáveis: os valores/notícia” A persistência do imaginário do repórter quase como um *self made man* entre o grupo profissional mostra um indicativo da necessidade de considerar a intuição como elemento de fundo e relevante na tal dinâmica de como concebem o que realizam. Afinal, muitas das decisões não programadas e não rotineiras feitas por repórteres buscam amparo e explicação no potencial intuitivo, tal como sugerem os depoimentos.

O conhecimento de eventos cotidianos depende da apreensão feita pelo conjunto de sentidos integrados, sendo a percepção resultado do processamento dessas informações sensoriais e designação do ato pelo qual o indivíduo toma conhecimento de dado fenômeno. Todo o trabalho da pauta relaciona-se à percepção (HENN, 1996), palavra que contempla significados distintos: como pensamento; sensoriedade e compreensão; ou interpretação de estímulos e construção de significados (JORGE, 2011, p. 13): “No ato perceptivo, distinguem-se dois componentes fundamentais: a captação sensorial e a integração significativa, a qual nos permite o conhecimento consciente do objeto captado.” Embora a tendência dualista separe uma coisa da outra, significa dizer que as percepções podem ser entendidas como subjetivas, pois ligadas à consciência, mas também objetivas, em razão da qualidade responsável por estimular as sensações.

A intuição não deve ser concebida como esfera contrária ao intelecto, mas complementar (ARNHEIM, 2004; DAMÁSIO, 2012). Essas duas dimensões coexistem, portanto, nos processos de tomadas de decisões jornalísticas, desde o saber de reconhecimento, associado ao modo de se obter informações para formular uma pauta. Por mais que se aponte um modo específico (e até particular ou individual) de se olhar para a realidade e buscar nela formas de interpretação de acordo com valores próprios, limitar esse fazer apenas a noções instintivas e intuitivas como ‘faro’ pode sugerir uma simplificação extrema, uma habilidade

‘inata’, quase exclusiva de cada profissional. Apelar unicamente para esse argumento também leva a imprecisões, pois toda a ação no mundo se fundamenta em sentidos. Além disso, dificulta a compreensão da reportagem enquanto método de abordar a realidade, resultado de um processo histórico de tradição e institucionalização da atividade jornalística.

O desafio talvez esteja na admissão de como o método para a reportagem também se fundamenta nas motivações instintivas e tonalidades pessoais, portanto, de difícil apreensão, assim como a arte (ARNHEIM, 2004). Considerar, assim, a ênfase concedida à intuição no processo de investigação jornalística, mas não restringi-lo a este âmbito, sob o risco de ignorar a potencialidade viável e possível existência de um metodologizar a reportagem, alicerçado em critérios desenvolvidos intersubjetivamente. Em contrapartida, não se pode correr o risco de cair naquele extremo, de achar que toda a prática jornalística, quando submetida a um método único e padrão, seja garantia de informação de qualidade, sem se ater às particularidades e liberdade autoral. Todavia, “é por força do método – por vezes decantado no hábito – que o jornalista intui e elabora o seu modo singular de trabalhar. É essencial pensar esse método como algo que requer a habilidade adquirida – pois aqui o talento não basta – para pressentir a notícia” (BUCCI, 2020, não paginado).

As ideias transformadas em reportagem originam-se de uma inquietação, uma dúvida ou curiosidade própria sobre um ponto específico, uma perplexidade, mas sempre se orientam por uma questão mais ampla, atendendo ao critério estrutural jornalístico do interesse público. Mesmo reconhecendo que possa haver um tom marcadamente subjetivo na definição da pauta jornalística (Natalia), pendendo para um interesse às vezes individual, há a busca por alcançar o que afeta de alguma maneira a sociedade de modo mais abrangente, sem, no entanto correr o risco de ficar refém do ‘interesse do público’. O entrelaçamento da subjetividade, despertada por uma curiosidade própria, e aquilo que é visto com relevância em termos de interesse público, pelo impacto social da pauta, pode levar a descobertas capazes de muitas vezes reverberar transformações. Para além dessas mudanças, colocam questões ignoradas no centro da agenda pública.

Um dos entrevistados destaca a força das experiências, ao enfatizar que, quando participa de uma reunião de pauta, como os colegas, vai sempre munido das vivências pessoais (José Hamilton). Nesta relação indissociável entre objetividades e subjetividades do processo jornalístico, colocam-se em evidência possíveis ângulos de assuntos transformados em pauta. As respostas indicam que os *insights* para a reportagem se guiam por curiosidades e vivências pessoais aliadas sobretudo ao interesse público, traduzido na ideia de “interesse da maioria da população”, ainda mais numa realidade atravessada por desigualdades sociais profundas

(Caco). Noções como “coisas que afetam a vida das pessoas direta ou indiretamente” (Andrea), “interesse dessa gente que representa 80% da população” (Caco), “uma informação com impacto social” (Chico) “aquilo que as pessoas têm o direito de saber” (Mauri) são algumas das ideias predominantes.

O conjunto de respostas concedidas por repórteres especiais convida a refletir ainda sobre as diferenças entre a pauta da notícia, mais condicionada ao factual e orientada pelo imediato do acontecimento, e da reportagem em profundidade, marcada por outra temporalidade. Há a necessidade de diferenciação dessas duas dinâmicas, enfatizando que a primeira, utilizada na cobertura diária, gera limitações para produções que exijam percursos mais trabalhados. Entretanto, o envolvimento na cobertura factual também pode gerar pautas especiais (Adriana e Fábio) e não deve ser desprezado como potencial no exercício de desenhar possibilidades que tensionem o senso comum (Fabiana). A pauta das especiais é definida como “a grande questão”, aquela que estaria acima de questões de alcance local, por ser universal, e não caberia na rotina diária (Adriana). Mas o envolvimento no factual permitiria avançar esse limite.

Assim, a retroalimentação jornalística também alimenta a criação de pautas, facilmente traduzível nas ideias ‘uma pauta leva à outra’ (Adriana) ou ‘a pauta dentro da pauta’ (Renan). Em alguns casos pode haver uma inquietação com a cobertura jornalística predominante sobre dado assunto e a pauta surgir desse desejo de buscar uma abordagem mais aprofundada (Andrea) ou possíveis desdobramentos de questões não tratadas adequadamente (Renan). Encontrar possibilidades de pauta nas lacunas deixadas pela cobertura jornalística diária acaba sendo um espaço a ser explorado. Para citar um exemplo, a reportagem *São Gabriel e Seus Demônios*, vencedora da categoria melhor texto do Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo 2016, de autoria de uma das repórteres entrevistadas, surgiu da leitura de uma nota publicada em jornal sobre o município mais indígena do Brasil e com o mais alto índice de suicídio em 2012 (Natalia).

Discussão que atravessa também a reportagem sobre conhecido suicídio em Porto Alegre, ganhadora do Prêmio Esso 2004 e produzida por outro repórter entrevistado, inicia após a insatisfação com o acompanhamento da repercussão midiática em torno do caso, focada no anúncio do acontecimento (Renan). Quando não há um incômodo com o tratamento jornalístico concedido a determinado fenômeno, o *insight* também pode derivar do conhecimento gerado com situações específicas. Afinal, pode-se “culpar a imprensa tanto ela amplitude quanto pela superficialidade do conhecimento que as pessoas têm, fora de suas áreas específicas de atuação” (LAGE, 2005, p. 82). Assim, a série de reportagens que resultou no livro *Holocausto Brasileiro*,

de outra repórter aqui pesquisada, começa a partir da indignação gerada pelo contato da jornalista com as fotos do antigo hospital produzidas 50 anos antes, em 1961, pelo fotógrafo Luiz Alfredo e publicadas na Revista *Cruzeiro* (Daniela).

As respostas colhidas identificam *insights* surgidos de observações no exercício diário e na imersão na rua, com o que chamamos aqui de ‘Leitura da realidade’, com base em Freire (1989). Esta forma de conceber a pauta pode ser traduzida pelo movimento de “ir ao encontro das vivências cotidianas”, como define Medina (2003, p. 57) e reforça o valor do testemunho oferecido pela reportagem. Para os entrevistados, muitas das reportagens que lhes projetaram tiveram como ponto de partida o exercício da observação, reconhecendo-a ainda como potencial de apuração jornalística. Ela pode ser involuntária, de modo que, quando se percebe, há a identificação de uma pauta, sem saber explicar direito de onde surgiu aquela motivação (Armando). Há também a opção por uma observação planejada, durante meses seguidos (Adriana). Ou ainda ligada a uma curiosidade de ver determinada pessoa na rua e averiguar quem era (Chico).

O repórter que circula pela cidade transitando por diferentes espaços e é capaz de assombrar-se com as realidades sociais encontradas pode descobrir temas que dificilmente chegariam à redação de outra maneira. É assim que um dos entrevistados produz sua primeira reportagem para a *Folha de S.Paulo* e estabelece o contato com o protagonista de uma das suas investigações mais conhecidas, o artista de rua Ricardo Corrêa da Silva, conhecido como Fofão da Augusta (Chico). A rua se torna experimento para o repórter que, entre o movimento de vai-e-vem das pessoas e automóveis, muitas vezes concentra-se, sobretudo, no rejeitado, no ordinário ou no ‘não percebido’. Investidas como essa lançam novos olhares sobre a cidade e seus personagens. Não por acaso se considera João do Rio inaugurador de um novo modelo de jornalismo no Brasil, ao trocar a redação pela rua. Embora originário do século XIX, esse imaginário ainda se faz muito presente.

A ida às ruas como recurso para identificar possíveis pautas dá sentido à atividade de repórter para o grupo consultado. Esse deslocamento pode ser evidenciado como estímulo próprio de cada jornalista e ganhar ênfase frente à exaltação tecnológica nos processos jornalísticos (Daniela). Mesmo sabendo que toda a forma de observar implica também em ignorar ou ocultar, tal prática consolida-se como fonte tão imprescindível de pautas jornalísticas a ponto de um dos repórteres considerar que todas as suas reportagens procedem desses movimentos (Caco). Essa constatação vai ao encontro do antigo jargão profissional ‘lugar de repórter é na rua’ e encontra respaldo em livros de repórteres, como no de Kotscho (1989, p. 12), para quem “é lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” e de onde não

se volta sem matéria. Não faltam exemplos de reportagens nascidas da observação, pelo próprio Kotscho⁸².

Os *insights* oriundos de práticas de observação às vezes podem levar a abordagens originais se o repórter se abrir ao assombro frente à realidade cotidiana encontrada. Isso porque tratam de detalhes tão sutis que poderiam passar despercebidos para a grande parcela das pessoas. A observação costuma ser enfatizada nos discursos em torno das pautas da reportagem desde os primeiros manuais de jornalismo no Brasil, lançados entre os anos 1960 e 1970. Caberia aos repórteres o desafio de levar a vida pulsante das ruas para dentro das redações, evitando o marasmo e a burocracia do previsível, na permanente busca pela originalidade e a surpresa. Pois, sabemos que “a reportagem incorpora-se às tradições jornalísticas ocidentais em finais do século XIX com a característica de ser o relato da observação e da experiência de um ou dois sujeitos que, juntos, vão até o local dos acontecimentos” (SOUZA, 2010, p. 81).

Como a pauta está sujeita a mutações, podendo sofrer novos rumos e transformações, a observação se faz necessária também no sentido de identificar a escolha por outros caminhos. “Nada mais haveria a descobrir no mundo além do que se imagina que ele seja – e, portanto, não se teria muito o que fazer em matéria de reportagem. A essência do jornalismo, pelo contrário, é a partir da observação da realidade (do que ela tem de singular)” (LAGE, 2017, p. 42). O autor chama a atenção para a necessidade de deixar margem à improvisação. Daí constatar as realidades na rua e evitar comprovar teses prontas de quem fica restrito à redação: “O jornalismo perde, então, o traço de novidade e se torna um discurso de divulgação das ideias prontas - que não nasceram da consideração dos fatos, mas de ideologias ou crenças que um editor ou pauteiro dissemina, sem sair da redação” (LAGE, 2017, p. 41).

Um dos repórteres menciona que a pauta pode resultar de um **espanto** (Armando). Esta percepção se assemelha a ponderações de outros repórteres especiais consagrados, como Geneton Moraes e Eliane Brum. Enquanto ele dizia que “sua luta interna era não perder a capacidade de se espantar com as coisas” (VALIM, 2016). Em *A vida que ninguém vê*, ela pondera: “Tudo o que somos de melhor é resultado de espanto. Como prescindir da possibilidade de espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter (é a graça maior de ser gente)” (BRUM, 2006, p. 109). A capacidade de **espanto** e **assombro** com a realidade está contemplada na

⁸² Ao cobrir a visita do presidente Costa e Silva a São Paulo nos anos 1960, Kotscho descobriu que a melhor história era a de um velho pipoqueiro. “Enquanto todo mundo corria para um lado, em cima dos protagonistas das matérias, eu caminhava para o lado oposto, pegando o lado dos coadjuvantes” (DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p, 68).

categoria Insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo. Esse quesito de estranhamento se manifesta ainda pela crítica ao jornalismo declaratório (Caco) ou pela possibilidade de conceber a pauta como instrumento para desestabilizar lugares comuns, construídos pelo próprio jornalismo (Fabiana). Olhar para pessoas marginalizadas pela imprensa (Chico) ou buscar ter uma visão de longo alcance, colocando ‘a cabeça para cima da linha mediana’ (Mauri).

Sobretudo porque é comum repórteres especiais encontrarem em assuntos supostamente ‘esgotados’ pela abordagem midiática a pauta para reportagens em profundidade de impacto, reconhecidas e premiadas (Daniela e Renan). Essa conduta os leva a contrariar máximas adotadas na redação, como a de que determinado tema, por ser amplamente midiaticizado, não caberia em novas abordagens jornalísticas, daí a reportagem de transgressão (MAROCCO, 2008). Para esses repórteres, na busca do extraordinário no ordinário da vida, não existem temas esgotados no jornalismo. Como pontuou Brum (2006, p. 107), “esse olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter.” Olhar, significa, assim, sentir os cheiros, perceber os gestos e hesitações, captar os detalhes, arriscar-se por não saber o que se vai encontrar⁸³.

A intuição ou algo que repórteres trariam dentro de si, usando as suas próprias palavras mencionadas, pode dar pistas para pensar a complexidade da elaboração da pauta, sabendo da tendência de internalização da cultura profissional. Como se tratam de repórteres especiais, a capacidade de intuir de maneira assertiva tende a ser maior, considerada a experiência e os conhecimentos acumulados, como indica Barbie Zelizer (2017). Para a autora, jornalistas fazem menção com frequência ao que chamam de ‘senso de notícia’, sugerindo um natural, aparentemente inato, talento ou habilidade ‘olfativa’ para localizar temas transformados em pauta “porque ‘notícia’ concerne tanto a um fenômeno que existe no mundo e também na sua reportagem. Embora se volte aqui exclusivamente para as notícias, o raciocínio pode ser alargado também para a prática da reportagem em profundidade, como sugerem os depoimentos coletados.

Nas respostas reunidas, repórteres enaltecem a experiência como balizadora na identificação de possíveis pautas, seja para definir aquilo que pode ou não vir a ser abordado pelo viés jornalístico (Adriana, Armando e José Hamilton), algo trazido pelos anos de dedicação ao ofício (Renan) ou para não desistir tão rapidamente de um determinado tema

⁸³ “Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma ideia de e para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma ideia aberta, suficiente apenas para partir” (BRUM, 2006, p. 108).

(Andrea). A ideia de que o aprendizado obtido através da vivência contribui na definição da pauta procura ser apreendido nas reflexões teóricas. O jornalista *expert* compara automaticamente, e com rapidez, uma nova ocorrência com várias outras semelhantes, o que faz sua atividade cognitiva parecer se desenvolver sem nenhum recurso a regras: “Eis o porquê da impressão subjetivamente sentida e frequentemente expressa de que o jornalista é dotado de um sentido inato do acontecimento, que ele detecta a notícia por instinto” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 87).

Seguindo tal lógica, Zelizer (2017) identificou sete metáforas predominantes nas discussões de jornalistas sobre sua prática, sendo o jornalismo como ‘sexto sentido’ uma delas⁸⁴, conforme pontua inicialmente e de forma espontânea uma das entrevistadas antes de corrigir a comparação (Andrea). Essa dimensão evoca interpretações decorrentes de uma sensação primária, portanto, difícil de ser ensinável por sugerir um talento não racional, uma habilidade natural. Não há dúvida de que a intuição está presente nos processos criativos, inclusive naqueles que derivam a pauta jornalística. Dependendo do modo como se observa, entretanto, pode fragilizar uma compreensão mais completa na medida em que reduz o processo inicial das pautas a um ‘instinto inato’⁸⁵. Todo o pensamento se sustenta numa base sensorial, sendo a percepção fundamental ao intelecto. “As duas são igualmente valiosas e indispensáveis. Nenhuma é exclusiva para as atividades humanas específicas, ambas são comum a todas” (ARNHEIM, 2004, p. 29).

Na linha sugerida pelo autor, uma das entrevistadas reforça a intuição como conjunto de conhecimentos proveniente das experiências individuais, capaz de gerar sinais de alerta para possível abordagem jornalística (Adriana). A intuição e o intelecto são processos cognitivos necessariamente complementares, participam de uma interação mútua e complexa entre percepção e pensamento, ambos, portanto, não podem operar separadamente. Arnheim (2004) define a intuição como uma das constituintes fundamentais do conhecimento, uma propriedade particular da percepção, do registro mais simples de sensações às experiências mais sofisticadas da natureza humana. Embora seja inseparável do trabalho jornalístico, a intuição por si só é insuficiente para explicar a totalidade dos processos jornalísticos, e muito menos a sua especificidade. Ainda assim, configura-se como potencial fundamental e que, por isso, não pode ser desprezada.

⁸⁴ Os outros sentidos são: um container, espelho, história, criança, serviço e engajamento (tradução nossa). “Seven metaphors are prominent in journalists’ discussions of their craft: a sixth sense, container, mirror, story, child, service and engagement” (ZELIZER, 2017, p. 13).

⁸⁵ Expressão que inclusive dá nome a um conhecido livro de reportagens no país. Trata-se do livro “Instinto de Repórter”, escrito por Elvira Lobato, em 2005, e publicado pela Publifolha.

Se a notícia resulta de um conjunto de escolhas, no caso da reportagem em profundidade quem reporta exerce um papel ainda mais central e determinante no saber de reconhecimento. Isso porque depende de sua percepção identificar aquilo que pode nem sequer ser visto como uma questão, sendo desprezado jornalisticamente (HENN, 1996). Por isso, é compreensível a ideia de que ‘quem não se pauta é pautado’ (Daniela), de escolher as próprias histórias ‘sem pauteiro’ (Renan) ou ter a iniciativa de investir num processo de reportagem por conta própria e risco (Fabiana). Essa tendência se manifesta de diversas formas, buscando evitar o jornalismo redutor, com múltiplas ações adotadas no sentido de tensionar imperativos e contornar a insatisfação com práticas profissionais condicionadas pelas rotinas industriais. Também no exercício de romper com o foco de visibilizar apenas o acontecimento imediato, extrapolando a cobertura factual.

As respostas também permitem observar que uma característica comum entre o grupo analisado é que a pauta quase sempre é levada adiante por iniciativa própria do profissional que a concebeu, não como resultado de um *release* ou uma orientação das chefias, por exemplo, reforçando um conhecimento tácito adquirido (TAKEUCHI; NONAKA, 2008). Mesmo se tratando de repórteres especiais, as redações podem não dar a estrutura necessária para todo o processo, de modo que muitos deles optem por iniciar as primeiras sondagens sem esperar por essa condição no trabalho, tornando os repórteres protagonistas do percurso, desde a concepção inicial da ideia (Fabiana). Há uma busca por evitar a naturalização do cotidiano, com pautas que fujam da rotina, podendo sugerir uma suspeita de que reportagens em profundidade resultem mais da iniciativa pessoal de jornalistas do que, propriamente, de uma política editorial dos veículos.

Num cenário de precarização das redações, com a extinção da função de pauteiro há tempos e a disseminação de *free-lancers*, a capacidade de identificação de pautas torna-se uma característica ainda mais valorizada do processo de reportagem. Desenhar pautas em busca de novos olhares (Fabiana), e encontrar possíveis assuntos para repercussão onde muitos enxergam apenas o óbvio torna-se uma habilidade da qual depende a reportagem em profundidade, às vezes, inclusive numa perspectiva crítica ao próprio jornalismo. Levando em consideração os relatos, a pesquisa identificou diferentes possibilidades de *insights* para pautas, o que não quer dizer que as categorias não possam se cruzar ou que outras sejam criadas. De todo modo, esse esforço em sistematizar o que muitas vezes é apresentado como natural pode ser importante para novos avanços em torno da discussão, tendo em vista a sua relevância nas rotinas de produção jornalística.

Ao tratarem da produção jornalística, a partir da observação e de entrevistas com editores, Ericson, Baranek e Chan (1987) investigaram detalhadamente o processo envolvendo o saber de reconhecimento e confirmaram a centralidade exercida por repórteres. Os autores examinaram como as ideias das histórias despertaram a atenção desses profissionais e porque foram levadas à cobertura jornalística. Sabendo que as origens das pautas podem ser múltiplas, como nossa pesquisa revela, os editores entrevistados, na pesquisa dos canadenses, não tiveram dificuldade para escolher uma delas: no caso dos impressos, a maioria disse originar internamente, entre repórteres e pessoas que trabalham na redação. Independentemente do suporte midiático, a reportagem em profundidade subordina-se necessariamente a uma investigação exaustiva, caracterizada por etapas, aspecto a ser detalhado no próximo tópico.

6.4 A APURAÇÃO OU O SABER DE PROCEDIMENTO

Não adianta a pauta ser original se a investigação não corresponder à proposta, assim como não se sustenta uma narrativa envolvente se não estiver amparada pelo domínio do ‘saber de procedimento’, como Ericson, Baranek e Chan (1987) classificam a apuração. No levantamento e coleta de dados com vistas a elaborar a reportagem, a pluralidade de fontes (referenciais, especializadas, testemunhais...) se impõe como um requisito obrigatório. Encontrar as fontes mais adequadas pode exigir tempo. Mas, na busca pela confirmação do que se divulga, a diversidade de fontes consultadas se mostra condição para garantir essa apuração, por permitir o confronto e o cruzamento entre as versões possíveis, de maneira a se chegar o mais próximo possível da verdade factual. Isso porque esse processo de verificação e checagem dos fatos, na confirmação de dados, concede diferencial à produção jornalística, quando comparada a outros fazeres.

O *background* pessoal e a formação cultural e humanística de quem produz a reportagem orientam um modo próprio de conduzir o trabalho jornalístico, logo, cada repórter terá uma forma particular de olhar para a realidade social e pensar questões a partir dela. Mesmo quando se voltam para uma mesma abordagem, as versões produzidas podem destoar profundamente em função de valores e inclinações, influências sociais e culturais do meio em que vivem – o que reforça a relevância de refletir sobre a identidade dos sujeitos, incluindo itens como origem social, formação, referências e trajetória profissional, conforme abordado detalhadamente no capítulo anterior. Entretanto, há certas premissas e procedimentos que costumam se repetir no processo de produção da reportagem, mesmo quando jornalistas não os reconhecem

conscientemente, sugerindo um método de trabalho marcado não só por princípios comuns mas por práticas similares.

A falta de consenso profissional em torno dos processos e critérios de investigação e checagem jornalística foi observada por Kovach e Rosenstiel (2003), para quem os métodos adotados em geral são informais. Essas estratégias refletiriam comportamentos pessoais, pois não são colocados dentro de regras-padrão universalizáveis, como existem em outras áreas do conhecimento, a exemplo do Direito. Assim, “embora a profissão tenha desenvolvido várias técnicas e convenções para determinar os fatos, pouco tem feito para desenvolver um sistema para testar a confiabilidade da interpretação jornalística” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 119). Para os autores, a ciência da reportagem se ancora em princípios fundamentais, denominados por eles de ‘disciplina da verificação’, pois, no fim, seria “o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 113).

Não é de se estranhar a evidência sobre a apuração como etapa fundamental da produção da reportagem, pois diretamente relacionada à credibilidade adquirida pela informação jornalística. Entre a diversidade de técnicas e métodos possíveis de utilização nesta fase, incluindo teste de hipóteses, levantamento de indícios, cruzamento dos dados e análise, um deles costuma ganhar protagonismo nos depoimentos de repórteres. A observação pessoal, direta, capaz de envolver o repórter com os fatos e personagens no local onde ocorreram é tida como um dos procedimentos mais importantes, o que explica a ênfase concedida por esses relatos à rua, como laboratório experimental. Na imersão propiciada pelo trabalho de campo, há chances de identificação de quem reporta com a ação, suas circunstâncias e consequências, o que não impede, entretanto, de buscar outros caminhos caso este mergulho seja impossibilitado.

A chegada da internet e a criação das leis de acesso à informação facilitaram o processo de apuração jornalística, tornando mais acessíveis documentos, relatórios e dados em geral. Se antes era indispensável um departamento de pesquisa em cada redação, responsável por manter acervos e arquivos para consulta, hoje essa pesquisa torna-se possível dos próprios dispositivos móveis, com apenas alguns cliques. Mas, se por um lado a disseminação de informações representou avanços, também trouxe desafios, à medida que favoreceu o compartilhamento de conteúdos enganosos para muitas pessoas ao mesmo tempo. Esse cenário fortalece o trabalho jornalístico de apuração, contribuindo para a disseminação de agências de checagem, por exemplo, além de valorizar o método jornalístico enquanto processo sistemático de investigação, sustentado em valores como compromisso e responsabilidade social.

A atividade de apuração é central para o jornalismo e contribui na caracterização da profissão. Diversos livros de repórteres compartilham os bastidores do processo de investigação. Porém, é possível notar uma ausência de conexão entre a pesquisa acadêmica e o conhecimento tácito acumulado nos métodos de cada passo da investigação na prática jornalística. Como observa Lima (2015, p. 72): “raramente essas reflexões empíricas, baseadas nas técnicas e relatos de jornalistas de renome, estão conectadas com fundamentos teóricos do jornalismo”. Para o autor, é possível afirmar que: “a investigação jornalística produz um tipo de conhecimento diferenciado, tanto pela técnica de apuração verticalizada, quanto pelo labor da pesquisa empírica que exige, através de um exercício de imersão, tempo, dinheiro e conhecimento prévio do objeto pautado” (LIMA, 2011, p. 72). Cabe à pesquisa em Jornalismo buscar essas respostas.

O cotejamento entre o referencial teórico e os relatos dos repórteres especiais proporcionou o estabelecimento de sete etapas concentradas no saber de procedimento (apuração): 1) Pesquisa exploratória e planejamento preliminar; 2) Levantamento de fontes e plano de ação; 3) Busca por evidências e pelo contraditório; 4) Imersão com todos os sentidos atentos e convivência com entrevistados; 5) Disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível; 6) Cruzamento de dados, verificação, análises e checagem e 7) Conduta ética. Tal qual ocorre no primeiro saber - associado à pauta - as etapas não seguem necessariamente essa ordem, podendo haver confluências e intercruzamentos das fases, assim como categorias contínuas, que atravessam todo o percurso, como a conduta ética. Entretanto, para fins analíticos, é necessário destrinchar cada uma delas, pois compõem o processo de produção. A apresentação dos dados segue o formato adotado no modelo anterior.

Quadro 8 – Sistematização de respostas sobre a apuração, ou saber de procedimento

Saber de procedimento	
Indicativos e atributos desse saber	Categoria definida
Compilação de materiais relacionados com o tema da reportagem em questão, capazes de dar um suporte inicial para o planejamento da produção, revelar o que já se sabe sobre aquela abordagem e o que se busca trazer como informação nova, além de indicar possíveis caminhos	Pesquisa exploratória e planejamento preliminar
Mapeamento de possíveis fontes, documentais e testemunhais, e que possam garantir melhor compreensão da temática. Esta etapa pode envolver também a elaboração de um plano detalhado de ação sobre os métodos de investigação a serem usados	Levantamento de fontes e plano de ação
Reunião de dados e documentos que servirão como embasamento e confirmação da história	Busca por evidências e pelo contraditório
Valorização da experiência, com a observação direta da realidade, a partir do que ela tem de singular, atentando-se também para o não dito	Imersão com todos os sentidos atentos e convivência com personagens
Coleta de interpretações num diálogo aberto, exercitando a capacidade de uma escuta empática e sincera além de abertura para possíveis imprevistos e mudanças de rumo	Disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível
Avaliação final de todo o material coletado, re Checagem de dados e busca por possíveis ausências de informações no processo de apuração	Cruzamento de dados, verificação, análises e re Checagem
Valores e atitudes que acompanham todo o processo de produção, desde a concepção inicial da ideia à publicação/veiculação do conteúdo final	Conduta ética

Fonte: Elaborado pela autora

6.4.1 Pesquisa exploratória e planejamento preliminar

Definida a pauta, começa a familiarização com o tema escolhido, através de pesquisa, leituras exploratórias ou entrevistas iniciais, aproximando-se do fenômeno em questão e delimitando a abordagem do problema. Esse movimento permite um primeiro contato mais aprofundado com a temática, além de um embasamento, municiando informações, relatórios, levantamentos, produções artísticas e jornalísticas. Para não se perder no emaranhado de dados reunidos, torna-se fundamental a seleção de um fio condutor. Conhecer estudos e abordagens anteriores sobre o objeto aumenta a possibilidade de novos olhares e desdobramentos, evitando tratar o assunto sobre vieses desgastados ou que não representem avanços. Essa fase recebe denominações diferentes, entre pesquisadores, como ‘listar o já sabido’ e definir o ‘não sabido’ (CHAPARRO; 2019), ‘pré-investigação’ (SPONHOLZ; 2009) ou ‘sondagem inicial’ (PEREIRA JUNIOR; 2006).

“Depois do insight, você tem um mergulho”

“O repórter é aquela pessoa que sempre vai buscar aprender mais... as perguntas são infinitas. [...] É difícil falar porque, acho que cada reportagem vai depender, isso depende de cada história [...] Depois do ‘insight’, você tem um mergulho, você mergulha naquela história, que geralmente traz mais perguntas do que respostas. Então, vai ter uma terceira etapa, que é do desespero, [...] quanto mais você mergulha, mais complexidade traz para a sua reportagem [...] Depende desse tempo. Você nunca vai conseguir entender aquilo ou mergulhar naquilo sem esse tempo.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Pesquisar tudo o que já saiu a respeito”

“O que eu costumo fazer geralmente é: pesquisar tudo que já saiu a respeito, às vezes já saiu muitas coisas; às vezes, não saiu nada. [...] É a primeira busca, a primeira olhada para esse assunto, que eu vou fazer do meu computador [...] ver tudo que já saiu e tem disponível. E aí eu estou falando tanto de reportagem quanto de pesquisa, dado oficial ou não [...] Fazer uma pesquisa [...] O jornalismo investigativo precisa de tempo. [...] porque é diferente de furo. Furo é sorte, às vezes.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Anoto no caderno todas as primeiras perguntas”

“Depois da primeira conversa, que me fez concluir que é possível tirar dali um produto jornalístico, eu faço o primeiro questionário sozinho e anoto no caderno todas as primeiras

perguntas. O que eu quero saber dessa pessoa. Se for o nome: esse nome veio de onde? O que você acha desse nome? Você se identifica ou não com esse nome? Quando você nasceu? Qual é a primeira lembrança que você tem da cidade?” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“A pesquisa pode envolver muitas entrevistas, mas visando a ter um roteiro”

“As primeiras informações da pesquisa são observações colhidas por acaso na Consolação, o bairro que eu escolhi para morar ao chegar em São Paulo, no final de 75. Aluguei um apartamento na rua Capote Valente, sem saber eu ficava a três quarteirões do Instituto Médico Legal. Impressionado com o número de pessoas que procuravam no IML o parente ou amigo morto pela polícia, faço anotações diárias num caderno.” (BARCELLOS, 2009, p. 88) *“Nossa premissa é começar o trabalho partindo do pressuposto de buscar coisas novas [...]. Tudo isso ajuda a tornar mais dinâmica nossa investigação.”* (BARCELLOS, 2011, p. 37). *“A pesquisa pode envolver muitas entrevistas, mas visando a ter um roteiro. Você pode ouvir 20 pessoas e só usar uma. As 20 te ajudaram a eliminar coisas desnecessárias.”* (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Fico obcecado pelo assunto”

“Vamos lá: para mim, uma investigação longa começa com uma febre. Eu fico absolutamente obcecado pelo assunto, e me devoto a ele por todo o tempo que tenho (e também que não tenho).” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“Tentei reunir o máximo de informações possíveis”

“Como seria a minha metodologia... eu tenho um fato, Caso Koji: O que eu fiz? Eu tentei reunir o máximo de informações possíveis sobre aquela empresa. Tô falando do Koji, mas posso falar de outros. Porque eu nem sabia como escrevia Koji! Tentei primeiro COGI, com C. [...] Já numa época com internet. Foi meu ponto de partida. [...] [no Cova 312] quando meu chefe falou: ‘faça uma coisa diferente’, eu comecei a pesquisar mais sobre o período, sobre Linhares e foi assim que eu descobri uma morte nesses 20 anos e que o corpo tinha desaparecido.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Tem uma busca meio obsessiva pra entender aquilo”

“A parte I é a obsessão. E quando eu fico obsessiva por algo, e sei que aquilo tem 300 bilhões de camadas que não se deu conta, eu também não vou dar conta, mas eu sei, é preciso que se arranque essa nuvem de gesso que se coloca sobre isso. [...] Então, eu fico obsessiva em

quebrar a nuvem de gesso. [...] Eu começo a cavoucar muito. Procuro por assuntos correlatos. [...] é caótico. Mas, esse é um primeiro momento. Que é quase de deslumbramento, acho que é isso: obsessão e deslumbramento. [...] tem uma busca meio obsessiva pra entender aquilo.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Estipular um mínimo de um calendário de execução da pauta”

“Eu percebo que a organização de qualquer reportagem é muito importante e vai ter influência no resultado final dos trabalhos. Eu gosto de organizar contatos, relações entre envolvidos na história e estipular um mínimo de um calendário de execução da pauta. Mas isso varia muito de uma história para outra, seja pelas exigências de mais ou menos tecnologias de apuração, deslocamento ou fluxo de como as informações vão chegando.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“O primeiro passo é a pesquisa”

“O primeiro passo é a pesquisa [...] procurar se informar bastante sobre aquele assunto. A maioria dos profissionais resolvem seu problema no Google. Mas, para uma grande reportagem, a informação que a internet fornece às vezes é superficial. Você precisa desprezá-la e buscar uma que seja menos enciclopédica, mais específica [...] O primeiro desafio da grande reportagem é o repórter usar o tempo [...] para entender aquele assunto [...] Se colocar diante do assunto como ignorante, [...] você vai lidar com gente que sabe muito mais que você sobre aquilo. E tem que chegar nessas pessoas pelo menos com humildade.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Levava semanas pensando no planejamento de uma reportagem”

“Não existe nenhuma possibilidade de uma reportagem ter algum sucesso, sem um planejamento. [...] Eu sempre procurei investir muito, às vezes levava semanas pensando no planejamento de uma reportagem, antes de ir a campo. É como um roteiro mesmo. Assim como no cinema, o roteirista tem um papel fundamental para utilizar bem os recursos, da mesma forma, o roteiro da reportagem vai ser fundamental para você não deixar vazios pelo caminho e para também utilizar o teu tempo e os custos previstos para este tipo de reportagem.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Adoro falar com as pessoas sem saber nada”

“Essa é uma metodologia minha: eu geralmente sei muito pouco sobre a história quando eu começo a falar com as pessoas. Adoro falar com as pessoas sem saber nada. Agora, eu estou ficando mais velha, infelizmente eu não posso mais fazer isso tanto, porque as pessoas esperam que você saiba coisas [...] Quando a matéria se abre pra você, não tem explicação.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“Precisará levantar a matéria, pra depois tentar vendê-la”

“Escolhida a pauta é que começa a vida dura de um ‘free-lancer’. Pra nós, só a pauta não basta. A gente primeiro precisará levantar a matéria, pra depois tentar vendê-la. É assim porque se você disser prum editor ‘tenho tchã tchã tchã’, ele vai querer saber tudo antes de comprá-la.” (Renan Antunes de Oliveira em OLIVEIRA, 2019, p. 312).

6.4.2 Levantamento de fontes e plano de ação

A busca pela pluralidade de versões, com o mapeamento de possíveis fontes e entrevistados que possam servir como base, é seguida da pesquisa inicial, priorizando fontes distantes do poder. Muitos dos repórteres se utilizam da consulta a investigações científicas para o enquadramento da pauta. Nessa etapa, iniciam-se os contatos com personagens, testemunhas, especialistas e documentos. Muitas vezes, há a criação de um banco de dados próprio, quando não há dados satisfatórios disponíveis. Caso contrário, o caminho pode ser pedido de acesso aos documentos via Lei de Acesso à Informação (LAI). Alguns desenvolvem o hábito de elaborar uma espécie de plano, indicando possíveis estratégias de enfrentamento da pauta, com métodos e técnicas previstas. Pereira Júnior (2006, p. 79) considera que “após a sondagem inicial, um bom apoio para a formulação da pauta é o plano de ação com o qual se espera obter informações [...] organizar o que a reportagem quer demonstrar.”

“Sempre penso nos maiores especialistas no caso”

“Procuro ouvir todo mundo que foi testemunha ocular. Aí eu penso que documentos isso gerou. [...] Sempre penso nos maiores especialistas no caso, o grande estudioso, procuro pegar, também, a organização local que atende as pessoas [...] eu procuro sempre ter fontes diferentes [...] mesmo que eu não use na reportagem, eu vou ter como referência a academia [...] entrevistas com especialistas, personagens [...] Numa reportagem de fôlego, é muito mais

difícil, você precisa conversar com muita gente para chegar o mais próximo possível da verdade.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Sempre gosto muito de incluir acadêmico nas minhas reportagens”

“Tem matérias que pedem uma viagem e, a partir dela, você descobre com quem falar [...] vou também buscando informações, junto aos órgãos, dependendo da matéria. Algumas, via Lei de Acesso à Informação, outras, ligando nas assessorias, começo a fazer esse trabalho desde cedo porque demora muito até conseguir dados oficiais [...] Sempre gosto muito de incluir acadêmico nas minhas reportagens. Mesmo que não entrem como fonte, com aspas, são entrevistas norteadoras [...] Ou com pessoas que [...] vivem isso, do movimento social, da militância.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Vou puxando para outras personagens”

“A partir das entrevistas com a personagem principal, vou puxando para outras personagens. Mas, não tenho mais essa preocupação de ouvir todo mundo do entorno para ver se tem contradição [...] Prefiro esgotar a protagonista e pegar personagens coadjuvantes, sem a pretensão de ‘tapar todos os buracos’. Vai ter buracos. Não tem jeito! [...] Nunca fui um cara que cultivava fontes. Fui percebendo que meu negócio é contar história, principalmente de gente comum, e começar sempre do zero. Quando você cobre uma área, tem a memória do que cobriu, as fontes todas, às vezes pessoas que acompanha por décadas [...] Eu não tenho isso.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“A gente trabalha com base num tripé”

“Tem muito de intuição, de apostas [...] O erro mais grave de todos é não tentar [...] Quem coloca o ‘não’ na frente de tentativas é potencialmente complicado [...] a verdade que a gente busca é a que seja coerente com o contexto [...] O ideal é você sempre contemplar aquele que não deseja que você feche a história. Nos roteiros de cinema, o antagonista. O sujeito que age contra o herói [...] A gente trabalha com base num tripé: uma perna é ciência (especialista, pesquisa), [...] segunda parte é entrar em ação, o ‘front’: vamos ver se o especialista tá em sintonia com a realidade [...] a terceira coisa, é, claro, a nossa reflexão” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Conceber um esqueleto para a reportagem”

“Depois de algumas semanas ou meses me inteirando desse universo novo [...], eu preciso tirar um dia para conceber um esqueleto para a reportagem. Listar as perguntas a que preciso responder, os personagens que parecem ter mais potencial [...]. Feita essa estrutura, ou outline, eu volto à apuração, mas de uma maneira mais organizada.” (Chico Felitti, em entrevista à autora, grifos nossos) *“O meu próximo livro não tem documentação. É uma história de pessoas que estavam tão à franja da sociedade, não têm certidão de nascimento [...] Existe a possibilidade de exploração da história oral. [...] Se você depender de vias oficiais, tem gente que não existe.”* (Chico Felitti em ATO..., 2020).

“Ter criatividade pra pensar, onde mais eu posso buscar?”

“Eu parto de uma informação solta e tento fechar o cerco [...] Uma coisa vai puxando a outra, tem que ter a paciência pra costurar uma colcha de retalhos. [...] No Caso Kogi, [...] o nome do presidente da câmara, nunca apareceu até hoje em nenhum movimento da empresa. [...] Aí eu precisei ampliar o leque, ligando primeiro o nome dele às pessoas que faziam parte da sociedade, trabalhavam no entorno dele [...]. Até que eu resolvi ir na Justiça do Trabalho, como não tinha nenhuma assinatura, ver se algum funcionário processou o Vicentão e não a Koji. [...] É ampliar ao máximo e ter criatividade pra pensar, onde mais eu posso buscar?” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Já ir naquilo que a gente pode chamar de fonte primária”

“Começar a procurar fontes e, muitas vezes, já ir naquilo que a gente pode chamar de fonte primária também, assim, direto, escutar, entender, saber mais, voltar pra literatura. Vão se sobrepondo e se mesclando, não é um processo tão organizado, sistematizado. [...] Depois eu começo a refinar a partir desse [material]: ‘Ah espera aí, essa pessoa aqui tá com uma perspectiva que eu não vi ninguém trazer’. [...] eu sempre gostei dessas vozes mais dissidentes também para estar comigo no momento de narrar. De me ajudar na narrativa, na verdade.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Encontrar as pessoas certas para falar”

“Eu também fui muito feliz em encontrar as pessoas certas para falar, como esse próprio jornalista que tinha uma parte da história⁸⁶. O Edson tinha outra parte da história. Eu

⁸⁶ Na reportagem “Ministro do STJ teve filho com doméstica e nunca o reconheceu. Seu nome é Tiago Silva”, assinada por Fábio juntamente com Edson Rosa, e publicada na Agência Pública em 16 de junho de 2020.

conversei com outras fontes que conheciam o desembargador e o Tiago. Com uma pessoa que teve uma relação amorosa com o desembargador e ela também conhecia o Tiago. Todas essas pessoas acabaram falando em ‘off’. A única pessoa que fala em ‘on’ é o Tiago. Mas isso tudo ajudou muito para compor esse quebra-cabeça e também nos cercar daquela confirmação que a gente faz na matéria de que ele era, realmente, um excluído.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Procurar a fonte certa”

“É impossível uma pessoa que conheça tudo. Isso não existe. Então o jornalista tem que saber pesquisar, procurar a fonte certa [...] porque o sujeito recebe hoje uma pauta sobre botânica, aí vai fazer uma matéria sobre o Baobá da praça. Amanhã tem que fazer uma sobre os pescadores do Mucuripe [...], às vezes, no mesmo dia tem que fazer uma reportagem que chegou o Ministro da Fazenda. O mesmo cara vai ter que enfrentar três coisas diferentes. É impossível um repórter que saiba tudo. Ele tem que ter bom senso, capacidade de esforço pra pesquisar, levantar informação.” (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 2008, p. 52).

“Um planejamento que implica em investir em quais métodos usar”

“Por exemplo, quando eu coordenei uma equipe, na ‘Gazeta do Povo’, investigando fraudes no comando das polícias civil e militar no Paraná: Você não consegue investigar um tema como este sem um rigor metodológico [...], um planejamento, que implica em investir em quais métodos usar para seguir essas pessoas, pegar os flagrantes das provas, sem nos expor ao risco. [...] A metodologia de uma pesquisa é tudo! Você conseguindo definir quais os métodos vai usar para dar as respostas que a tua reportagem precisa responder, eu acho que é tudo.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Um foi me falando de outro”

“Eu fui descobrindo, e foi acontecendo. Não é um método isso, isso aconteceu. Um foi me falando de outro. A matéria vai se abrindo para você. Essa coisa de uma pessoa indicar a outra funciona muito. [...] Pra mim, a primeira fonte é sempre gente! [...] E eu gosto de ouvir todo mundo. Pode ser a pessoa que só passou ali [...] Como não são matérias quentes, essa especial eu fiquei um ano fazendo. Acho que ninguém deixaria, se eu fosse funcionária [risos]. Porque aí você tem tempo de fechar a história [...], contrasta sempre fontes muito diferentes [...] Você busca tudo. [...] Fujo de fontes institucionais. Há não ser que seja essencial.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“Procurar por elas exige tenacidade”

“Voltando ao tema das fontes: procurar por elas exige tenacidade.” (Renan Antunes de Oliveira em OLIVEIRA, 2019, p. 314).

6.4.3 Busca por evidências e pelo contraditório

O registro e a confirmação dos fatos estimulam as buscas no processo de apuração da reportagem, na tentativa de fugir do jornalismo declaratório, e fortalecem o mito do jornalista como uma espécie de ‘detetive’ ou ‘caçador’. Na coleta de dados que servem para amparar o trabalho e trazer à tona as contradições, imperceptíveis num primeiro momento, a consulta a pontos de vista divergentes e versões em conflito se fazem indispensáveis no exercício de aproximação da verdade factual. Lima (2012) compara o conhecimento empírico de repórteres com o método indiciário, do historiador italiano Carlo Ginzburg (2002, p. 43 apud LIMA, 2012, p. 144): “é preciso ler os documentos às avessas, contra as intenções de quem os produziu”. A proposição sugere examinar os pormenores mais negligenciáveis, de modo a encontrar elementos que possam contribuir no desvelamento do tema para além das aparências.

“Tudo o que aquela história produziu de evidência”

“A reportagem exige muito ‘legwork’, trabalho de perna mesmo. [...] Você precisa pensar tudo o que aquela história produziu de evidência. Vai ter testemunhas, pessoas que observaram aquele caso, [...] é como se fosse um quebra-cabeça, todas essas pessoas vão te dar um pedacinho [...] No caso da [vítima de violência contra a mulher] eu tinha tudo: o passaporte dela, a certidão de casamento, pra checar os nomes e as datas, a passagem dela pros Estados Unidos, o B.O. que ela fez lá. Depois, ela foi atendida por uma organização de mulheres vítimas de violência e eu peguei o documento, sigiloso, eu não usei, mas peguei [...]. Em toda a história você tem que pensar... como um advogado constrói um caso.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Você sabe que está indo pelo caminho certo quando começa a se perder”

“A reportagem precisa de tempo porque ela precisa amadurecer. Eu vejo muito isso nos repórteres mais novos que pegam o assunto e logo querem largar: ‘Ah não, mas eu não consegui falar com essa pessoa, acho que essa pauta caiu’. Não, deixa amadurecer essa pauta! [...] ‘Você sabe que está indo pelo caminho certo da reportagem quando você começa a se

perder'. [...] Porque você está descobrindo coisas. Você passou do raso. Passou do óbvio.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Na dúvida, elimino”

“As aparências podem induzir a gente a cometer grandes erros. Preconceitos também [...] O fato contém uma verdade. Simples: o avião caiu. Quantas pessoas morreram? Não há dúvida nenhuma disso. São verdades que também fazem parte do nosso compromisso ao contar as histórias. Por isso buscamos tanto a ação, que, de alguma maneira, tem componente de comprovação. [...] O ato eu acho que se aproxima mais da verdade do que a fala. Mas é uma aproximação, sempre. [...] você vai enriquecendo aquela história com elementos de prova, [...] na dúvida, elimino. [...] O contraditório é tudo. [...] As pessoas acreditam mais ao acrescentar esses elementos [...] A vida é assim, as pessoas são complexas.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Anoto tudo o tempo inteiro”

“Eu anoto tudo o tempo inteiro, porque não confio na minha memória. Eu tiro muita foto, de tudo. Fotografo a casa da pessoa, o carpete. Na hora de escrever, eu fico olhando o meu álbum de fotos do celular.” (Chico Felitti em FELITTI, 2021)

“Gastar sola de sapato, não ter preguiça”

“No jornal onde eu trabalhava, [...] pra cada afirmação, tinha que ter uma documentação, eu tive que criar uma metodologia. Tinha que fazer uma pesquisa de campo que fosse muito além da entrevista, precisava estar documentada. [...] No Cova [312], com a mesma documentação que o Exército usou pra provar o suicídio dele, eu consegui provar o assassinato! [...] As pessoas queriam construir versões diferentes, mas um documento derrubava qualquer versão. Foi isso também que fez o jornal publicar 99,9% dessas matérias. [...] Tem de exercitar [...] esse faro, gastar sola de sapato, não ter preguiça. [...] Com uma apuração de qualidade, você pode narrar uma história em qualquer plataforma.” (Daniela Arbex, entrevista à autora).

“Qualquer nome que eu cito, vou na base de dados da Receita”

“Tem aquela questão do jornalismo de dados, dos filtros que eu uso [...] Eu desenvolvo a minha técnica, o meu jeito, o meu trejeito. Às vezes, é algo que eu não vi na faculdade, nem vi outro repórter fazer. [...] Eu pego um nome e eu tenho um ritual. Utilizo um método que fui eu quem desenvolvi. [...] Em toda reportagem que eu vou fazer, qualquer nome que eu cito, eu vou na

base da Receita Federal para ver quantas empresas ele tem ou que já foi sócio ou se as empresas receberam dinheiro público. Todos os nomes! Isso conta um pouco da história da pessoa [...] É ali que a gente consegue identificar quando uma pessoa é laranja.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Verificar o índice de verdade daquilo que as pessoas dizem na conversa”

“Só consigo escrever sobre algo a partir de um ponto de segurança e em função do que eu mesmo vi e apurei, sempre cuidando para verificar – de preferência com outras fontes – o índice de verdade daquilo que as pessoas me dizem na conversa. Enfim, não se pode acreditar em tudo que se ouve; muita gente usa as palavras mais para esconder do que para mostrar.” (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 2015, p. 20),

“Não é nem tanto conseguir provas daquilo, é conseguir tempo necessário”

“Não é só o tempo de apuração numa reportagem mais longa, são os custos inerentes... mesmo que não demande viagens, hospedagens, combustível, mas é o tempo que um repórter vai ficar recebendo o seu salário mensal sem fazer a cobertura diária [...] Então, as chefias têm algumas restrições a liberar repórteres para ficar muito tempo na apuração. Acho que esse é inclusive o maior desafio para os jornalistas. Não é nem tanto conseguir as provas daquilo que estão investigando, é conseguir o tempo necessário para obter essas provas.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Documentos, cruzamento de dados e entrevistas”

“Que documentos e dados podem me ajudar a entender essa história? E podem ser variados, dependendo muito da história. [...] Quando a gente fez o novo site da Agência Pública, já estava com a percepção de que as pessoas não sabem diferenciar o que é um artigo de uma reportagem [...] Pra facilitar, a gente deixou claro o que é isso: reportagem, entrevista... a gente separou: ‘Nossas investigações são baseadas em fatos, a primeira coisa’. Documentos, cruzamentos de dados e entrevistas. Isso é uma investigação.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.4.4 Imersão com todos os sentidos atentos e convivência com entrevistados

Com a experiência de quem fora repórter, Robert Park, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, estimulava seus alunos a irem a campo, contribuindo para os primeiros estudos urbanos da Escola de Chicago baseados no princípio da cidade como um

laboratório natural. Com dimensão etnográfica, a ‘ida a campo’ se qualifica como procedimento tradicional nas ciências sociais de modo geral, facilitando a compreensão da preferência de repórteres pela rua aos gabinetes. A observação passa por todos os sentidos, sendo os equipamentos como gravador, máquina fotográfica e câmera complementares desse processo. Mas a observação pura pode levar a uma percepção falsa, por isso a necessidade de orientações que a guiem: “O jornalista deve ser ele próprio um observador, pesquisar ou investigar por conta própria, assumindo uma postura ativa” (SPONHOLZ, 2009, p. 153).

“A reportagem não é só aspa, são todos os sentidos”

“Lá na Columbia defendiam muito isso, de [...] observar por muito tempo, com um caderninho, uma situação bem focada. A gente fez uns exercícios lá, do tipo ir para uma esquina e ficar um dia inteiro observando. É importante porque você acha tanta coisa ao observar, tantas perguntas e surgem tantas possibilidades de história, enriquece [...] A observação é tão importante como a fala, porque a reportagem, pra mim, não é só aspa, são todos os sentidos, o cheiro faz parte, como a observação visual, às vezes, a sua própria experiência faz parte da reportagem.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Você passar um tempo observando”

“O que é reportagem? É quando você aprofunda um assunto, olha para ele sem querer provar uma teoria que você já tem; sem preconceitos, nesse sentido de ‘vou fazer uma matéria sobre isso e vou chegar nisso’. Isso empobrece. Uma reportagem está aberta a descobrir o caminho, a entender sobre um assunto, de fato, a conseguir aprofundar o olhar sobre uma questão e trazer outras questões [...] Você passar um tempo observando aquilo de alguma maneira é essencial para uma boa reportagem.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“É quase uma terapia mesmo”

“O processo é sempre esse: uma conversa muito atenta, sem anotar, só gravando, estando ali o mais presente possível. É quase uma terapia mesmo, porque eu estou totalmente disponível para aquela pessoa [...] Fui vivendo esse processo intuitivamente, à medida que saí do ‘hard news’. Antes, era impossível. Sempre tive muito respeito pelas pessoas que entrevistava, sabendo que eram fundamentais - sem elas, não conseguiria nada, mas eu era muito pragmático: ‘Onde está a notícia?’ [...] Percebi que esses encontros, com pessoas mais simples, eram muito valiosos, porque ninguém se interessava pela vida dela, ela nunca tinha parado para contar.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Em média, a gente aproveita dois por cento, produz pra um livro ou filme”

“É um mergulho na vida dos outros. Na observação da alma humana. [...] Faz parte da boa reportagem essa convivência intensa, você descobre que cada pessoa guarda consigo sempre uma grande história. Cabe a você descobri-la. [...] A gente brinca, que quando vai pra rua, vai pra ‘acabar’ com o Facebook das pessoas. Porque elas se apresentam de uma maneira - todo o mundo é assim - e a gente entra num processo de imersão por isso. [...] Em média, a gente aproveita dois por cento, produz realmente para um livro ou filme. Mas é essencial essa imersão.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“O tempo é a maior diferença”

“O tempo é a maior diferença. Já fiz muita notícia de meia página de jornal em coisa de duas horas, porque esse era o prazo que existia. Então, além de comprometer a qualidade da apuração e do texto, acho que também compromete um pouco a liberdade, sabe? Se eu fico um ano fazendo uma reportagem, a chance de eu ficar mais íntimo da história, de conhecer seus aspectos menos óbvios e superficiais, é muito maior. E isso faz toda a diferença” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“Mergulhei tão fundo na dor daquelas mulheres, que comecei a viver aquele luto”

“O teu olhar, ninguém, nada substitui [...] mas é tanta preguiça [...] que virou jornalismo burocrático, de telefone, nós não somos de gabinete, somos jornalista de campo. Embora a internet esteja aí, porque o que eu também ouço muito, de colegas, é que tem expert em jornalismo de dados que não sabe fazer uma entrevista. [...] A construção do jornal diário conspira muito contra a construção de uma reportagem de qualidade, porque a gente tem um ‘deadline’ [...] Mergulhei tão fundo na dor daquelas mulheres, que eu comecei a viver aquele luto. Senti uma tristeza profunda. Eu não conseguia mais estar feliz em lugar nenhum.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Essa observação que se repete, uma etnografia mesmo”

“A observação é uma forma de apuração, eu acho muito, enfim, incrível. E, assim, essa observação que se repete, né? Uma etnografia mesmo: Você observar uma questão uma vez e de novo e de novo. [...] uma etnografia que eu passei a desenvolver melhor a partir do curso [de doutorado]. Eu já desenvolvia como repórter, mas [...] começa a ter um olhar mais científico, digamos assim [...] Eu também gosto muito de fotografar, eu fotografo. Faço

anotação [...] e, muitas vezes, eu me lembro que, eu escrevi reportagens assim, [...] a partir de uma observação e de uma conversa [...] A observação é uma forma de apuração muito potente.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Ver como ele se mexe com as mãos, se está nervoso”

“Eu observo bastante [...]. Eu gosto de observar bastante também o entrevistado. Quando eu tenho a oportunidade de entrevistar as pessoas pessoalmente, eu gosto de observar o seu estilo [...], de ver como ele se mexe com as mãos, se está nervoso, se está tranquilo. Isso é algo que influencia bastante na percepção do entrevistado. Passando para outras técnicas, eu uso muito investigação documental. [...] Hoje eu me valho bastante do Google Maps. Eu estou escrevendo, por exemplo, sobre a Amazônia. Eu nunca fui à Amazônia. Então, eu vivo viajando pela Amazônia pelo Google Maps, para tentar saber, no mínimo, um pouco mais sobre aquele ambiente do qual eu estou falando.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Ter os sentidos aguçados”

“Condição objetiva do repórter, e absoluta, é ter os sentidos aguçados [...] Melhor é confiar mesmo nos olhos, sem desprezar o que vem pela audição.” (RIBEIRO, 1998, p. 114). “Olha, principalmente o jornalismo diário está muito dependente de apenas um sentido, o ouvido. Se levar ao extremo, o trabalho do correspondente de guerra tá cada vez mais dependendo do ouvido. Porque, em função da tecnologia de guerra, ele não tem mais condição de chegar perto do teatro de guerra. Então ele está dependente de informação que ele recebe, de oficiais, de combatentes, de testemunhas, vai depender do ouvido, de ouvir gente.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Sentindo pelo olfato, pelo tato”

“A gente consegue captar informações não só vendo ou ouvindo, mas sentindo pelo olfato, pelo tato, tudo é informação.” (Mauri König em KÖNIG, 2012, p. 375).

“Eu observo menos do que eu gostaria”

“Você sabe que eu observo menos do que eu gostaria? Porque eu acho que a observação, precisa de tempo. E eu não tenho muito tempo. No caso dos militares, reportagem que eu passei o último ano fazendo... Eu observei duas ou três coisas, de fato, vendo. Claro, entrevistando as pessoas, eu via as pessoas, mas eu não passei uma semana na Maré, pra entender o que é a Maré. Eu passei cinco dias durante duas horas cada dia. Em São Gabriel da Cachoeira eu

observei muito mais [...], porque eu fiquei lá 20 dias. Mas, no caso dos militares, eu não tinha tempo [...]. Por outro lado, eu tive o tempo suficiente pra ler e entender muito bem cada um dos casos.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“Depende dos olhos de cada um”

“Esta é uma profissão que depende dos olhos de cada um. Depende da maneira como você vê o mundo.” (Renan A. de Oliveira em entrevista à autora) *“Como a gente conquista fontes? Bem, não as conquisto. Apenas procuro por elas pra conversas. Ela será fonte boa dependendo do papo. É um jogo. Será que ela tem alguma coisa pra me dizer? [...] Muitas se melindram. Muitas não gostam de ti e aí não falam p. nenhuma. Umas contam tudo.”* (OLIVEIRA, 2019, p. 312). *“Fonte é tudo igual, só troca de endereço. Quando procuro uma fonte, ainda hoje fico paralisado por segundos, sem saber começar ou por onde ir. As dúvidas galopam na minha cabeça. Quando as localizo, fico inseguro [...] Não sei se [...] vou direto ao ponto. Depende do feeling.”* (OLIVEIRA, 2019, p. 314).

6.4.5 Disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível

A partir desse encontro com o Outro, jornalistas enfatizam o desafio de estabelecer uma relação horizontal frente aos diferentes tipos de fontes, promovendo a dialogia possível. No trabalho de campo, tão importante quanto a disposição ao diálogo e à escuta, inclusive dos silêncios e não ditos, é a abertura para as mudanças de rumo e reconfigurações da rota previamente estabelecida, quando necessário. Nesse caso, da identificação do problema à decisão pela melhor escolha, diferentes estímulos para agir permeiam a tomada de decisões, mas o mais importante é abrir-se às possibilidades encontradas. Evitando assim apenas a confirmação de uma ideia pré-concebida ou o desprezo pela surpresa. Como no processo criativo da pauta, a chegada de uma solução durante a apuração pode se dar também de forma intuitiva, tendo em vista a emoção como presença obrigatória no raciocínio e seu desempenho no processo cognitivo rápido (DAMÁSIO, 2012).

“O melhor é que seja pessoalmente”

“Se o repórter tiver a chance de escolher a circunstância da entrevista, o melhor é que seja pessoalmente e, de preferência, na casa ou escritório da pessoa. A oportunidade de conhecer o ‘habitat’ de um entrevistado ajuda a entender sua realidade e perspectiva. Os detalhes falam: gestos, expressões de alegria, tristeza, dor, raiva ou arrependimentos, roupa, objetos sobre a

mesa, decoração, quadros na parede, sons, aromas, dificuldades aparentes, tudo vale a pena ser apreendido.” (Adriana Carranca em CARRANCA, 2008, p. 313).

“A parte que eu mais gosto na reportagem é ouvir histórias”

“Eu gosto muito, muito, muito de ouvir a história das pessoas. Eu não sei se isso acontece com todos os repórteres. Talvez, para alguns, a coisa mais importante seja o furo, a investigação, descobrir coisas. A parte que eu mais gosto na reportagem é ouvir histórias das pessoas. [...] Acho que é uma escola que vem desse jornalismo da ‘Caros Amigos’ [...] Sempre que eu vou fazer uma matéria, acho que o mínimo que eu posso fazer é tratar as pessoas com respeito. E que a experiência que elas tenham contando a história delas para mim seja uma experiência boa, que ela não saia dali pior do que chegou. Isso é uma coisa que eu consigo fazer como repórter.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Estou absolutamente disponível para a escuta”

“O repórter precisa ter uma abertura genuína e profunda para a escuta e a observação do outro [...] Hoje, eu também entendo como o momento da conversa já é um acontecimento. Porque antes, eu ia para a entrevista pensando muito no texto [...] Tive uma crise existencial, que era a seguinte: o que eles ganham com isso? O que um cara pobre, de favela ganha com a minha entrada em cena? Eu ganho sempre! No mínimo, o salário do mês. Ele, o que ganha? Para mim, ele não ganhava nada. Raramente alguma coisa mudava. Eu pensava: ‘Alguma coisa essa pessoa tem que ganhar, nem que seja o encontro, esse momento’ [...] Eu parei de anotar e comecei a gravar, o que dá um trabalho infernal depois. Mas aumenta muito a minha autoridade, porque eu estou absolutamente disponível para a escuta.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Eu já chego conversando”

“Usar as ferramentas mais importantes da profissão, as ferramentas naturais mesmo, da audição, da fala, do ouvido. Do olhar também. Então eu acho que essas pessoas [mais simples, nas palavras do repórter] que ensinam sobre a complexidade da vida [...] Eu não fico lá entrevistando; eu fico conversando. Eu já chego conversando. Ou melhor: as pessoas já chegam conversando comigo e eu dou continuidade [...] A existência da câmera altera sim a realidade. Mas você precisa dela pra contar as histórias. Dá pra você usá-la de um jeito que não altera tanto [...] Acho importante chegar com a câmera ligada porque, primeiro, você pode sofrer uma violência [...] O encanto maior do jornalismo é a incerteza de sair pra rua e

encontrar a contradição em relação ao que você pensa. Ou a felicidade extrema de ter confirmado ali aquilo que você deseja.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“É interesse real pela história do outro”

“Eu sempre quis saber, é uma mania que eu tenho: mas o que essa pessoa sentiu...? Como o bombeiro. Poxa, o que aquele homem sentiu quando abre o banheiro e vê ali aqueles corpos empilhados [na Kiss]? Eu escrevi exatamente como ele contou na entrevista, que ele perdeu a força nos braços. [...] Você não pode chegar pra um entrevistado e falar: ‘eu quero saber ‘daquela’ história’. Você não pode fazer isso! Tem que saber da vida da pessoa, da história dela, quem é aquela pessoa? Como é que ela chegou até aquele momento? Isso é interesse real pela história do outro! [...] No doc do Holocausto, o Fialho [que autorizava a venda de corpos]... Eu não cheguei: ‘o sr vendia corpos?’ Não, perguntei: ‘Como era o seu trabalho?’ Deixei ele falar... No final, eu vou perguntar: ‘mas os corpos eram vendidos?’” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Eu procuro estar desarmada, digamos assim”

“Sobre relações com fontes, não existe nenhuma relação única. As fontes também vão definir muito a relação que você vai estabelecer com elas. Então, é sempre a partir desse encontro, como essa relação vai ser estabelecida. De maneira geral, acho que isso é comum entre jornalistas... eu procuro estar desarmada, digamos assim, procuro estabelecer uma relação com uma certa horizontalidade. Claro, existem fontes diversas. Então, às vezes há aquelas que impõem já um certo poder sobre você. Pensando aqui, por exemplo, em altos magistrados, enfim [...]. E não tenho medo de fazer uma pergunta incômoda. Na verdade, eu tenho mais medo de fazer uma pergunta incômoda a uma pessoa em uma situação vulnerável, do que a uma pessoa que está numa situação de poder.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Todo um processo da conversa, da sinceridade”

“Sempre gosto de ouvir o máximo possível sobre o tema, até para poder me calçar dos contrapontos imediatos. Às vezes, você está focado na ideia e alguém fala algo que tem a ver com o nosso assunto, mas a gente está tão fechado, que não abre os nossos ouvidos. [...] Se eu fosse escolher um processo de reportagem seria a do Tiago Silva: fomos lá na casa do Tiago, para conversar com ele, de forma bastante informal, leve e bastante sincera - apesar de que era uma entrevista. [...] foi uma conversa de duas ou três horas - a gente percebeu a história que estava por trás, a dor que ele carregava. Foi todo um processo da conversa, da sinceridade

dele com a gente, e da gente com ele também. [...] A pauta não é hermética, não é fechada e ela pode mudar com a apuração.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Não adianta perguntar muito. É preciso deixar a pessoa bem à vontade”

“Eu diria que busco, nas entrevistas, mais afirmação do que informação. [...] Parto no sentido de que não sei nada daquilo que vou fazer, tenho primeiro que aprender.” (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 2015, p. 20) *“Ter paciência de escutar. Perguntar em cima do que eles contam, de uma maneira suave e discreta. Porque senão, no caso do caipira né, são pessoas muito armadas contra a presença de gente de fora. Então quando a gente quer saber algo não adianta perguntar muito. É preciso deixar a pessoa bem à vontade e captar o que sai dela [...] e tentar receber dos seus entrevistados e das suas fontes, informações que te ajudem a fazer um texto claro, se possível elegante, com humor, e, principalmente, de um jeito que as pessoas entendam.”* (RIBEIRO, 2021).

“Eu não sou uma repórter confrontativa”

“Para mim, a melhor coisa é parar e ouvir. Falar: ‘me explica’. Várias vezes eu sei, ainda mais quando você está no final da reportagem. Mas ouvir como as pessoas descrevem um fenômeno é tão revelador! O jeito que elas falam! O que elas priorizam! O meu sistema de entrevista é absolutamente aberto. Eu não sou uma repórter confrontativa. [...] E algumas das melhores matérias que eu já fiz, senão todas, foi só estando aberta [...] ouvir o que as pessoas têm a dizer é uma fonte maravilhosa! [...] Eu nunca vou armada para as entrevistas, eu vou realmente para ouvir as pessoas. [...] a coisa mais legal que existe em todo o universo é você sentar com uma pessoa e poder perguntar o que quiser!” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“O segredo dessa porra de profissão é ouvir!”

“Eu já ouvi tanta bobagem pra chegar onde eu quero! A própria entrevista sobre o Felipe Klein, foi uma arte da entrevista! [...] consegui tomar um café com a mãe dele [...] Ela disse que não queria falar sobre aquele assunto. E eu digo, ‘eu sei, senhora’. Aquele silêncio constrangedor e eu dei uma das maiores rasteiras que já dei em alguém na minha vida. Mas com base num fato que me aconteceu. Porque eu tenho um filho que [...] ficou tetraplégico e mudo [...]. Já tinha acontecido isso naquele momento e eu disse: ‘Dona Lili,’ (olho no olho). ‘Eu sei o que é isso. Porque aconteceu comigo.’ [...] E eu menti pra ela porque meu filho tava vivo. Mas tava morto. E ela disse: ‘é mesmo?’. E contou toda a história da vida do filho pra

mim [...] foi um pequeno truque que eu usei [...] O segredo dessa porra de profissão é ouvir!”
(Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.4.6 Cruzamento de dados, verificação, análises e checagem

Apurações para reportagens em profundidade exigem checagem e confronto de dados que permitam uma nova perspectiva para o assunto tratado, um processo que pode levar meses ou até anos, dependendo da situação. Um caso que ilustra tal constatação é a investigação jornalística transformada no livro *Rota 66*, de Caco Barcellos, que exigiu sete anos de pesquisa em busca de precisão já que se trata de uma denúncia contra a polícia. Os olhos críticos devem estar atentos durante todo o percurso, mas, especialmente antes de encerrar a apuração é necessária uma força-tarefa para evitar erros, falhas e incongruências. Esse cuidado não deve ser menosprezado, pois uma única informação equivocada ameaça todo o esforço anterior. Nesse momento, ganha ainda mais força a importância da desconfiança, do ceticismo e de uma verificação sistemática, o que pode levar ao desafio da identificação do momento de encerrar a apuração.

“Quando você começa a dar voltas e vai voltando às mesmas fontes”

“Os métodos de pesquisa acadêmica, de você confrontar... Você só fala assim: ‘ah, cheguei! Acabei minha pesquisa’ quando você começa a dar voltas e vai voltando às mesmas fontes. Então, isso é super importante, né? Só que, claro, isso só é possível numa reportagem de fôlego. [...] E muitas vezes você segue uma investigação que não necessariamente vai acabar confirmando as suas suspeitas.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Se perder faz parte, mas saber parar também”

“Eu acho que é legal, se perder faz parte do processo de reportagem. Mas saber parar, também. É muito difícil. Eu tenho grandes dificuldades com isso até hoje. Geralmente, é a pressão do editor e do prazo...” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Não fico naquela obsessão de checar tudo”

“Eu estou muito interessado nas histórias de vida. Eu não fico naquela obsessão de checar tudo o que a pessoa está falando. É claro que eu checo coisas fundamentais, mas as outras são as pessoas contando a história dela. Ninguém lembra ou conta da própria vida exatamente do jeito que ela se deu. Não tem como você reconstituir, de fato, a vida de alguém. Eu acho que

pode ir checando alguns fatos importantes, para ver se não tem contradições ou erros temporais, mas depois você está fazendo com que a pessoa se identifique com aquela narrativa, que ela não se sinta um personagem estranho a si mesmo.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Você apura 100% e às vezes vai usar na matéria 10%, mas precisa fechar o leque”

“Você não esgota um tema, é quase impossível, mas você tem que tentar fechar todos os caminhos. [...] A base pra todo o processo jornalístico, seja para uma matéria, uma série, uma notícia, um livro, ou um documentário é apuração de qualidade. [...] O que eu percebo é que pra boa apuração não tem matéria proibida. Ela derruba qualquer coisa [...] Você apura 100% e às vezes vai usar na matéria 10%! Mas você precisa fechar esse leque. Então, o que eu faço no meu trabalho de investigação é tentar fechar. É impossível você fechar um leque de uma história do tamanho da Kiss. Mas, as coisas principais precisam bater [...] É imprescindível checagem de dados, recheagem, dá muito trabalho. Você tem que ter muita paciência pra ser garimpeiro. Para achar o ouro, tem que garimpar muito.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Acaba aqui ou não acaba?”

“É um problema que surge em toda a reportagem. É muito difícil. A gente se faz essa pergunta: acaba aqui ou não acaba? Quando a gente se propõe a explicar um assunto com todas as suas faces ou explorá-lo ao máximo, é praticamente algo inesgotável. Dependendo do assunto e de onde se está pisando, pode se tornar algo infinito. Então, eu sempre me apego ao ‘briefing’ inicial e ao título que eu vou dar para a matéria. ‘Minha matéria conta isso’, vou me policiando. Quando percebo que eu estou abrindo uma perna que está muito longe do que eu estou querendo dizer... Ai, eu começo a me policiar [...] se eu estou na minha linha e ela está dando conta e eu estou conseguindo explicar aquilo, que é o meu objetivo, eu me prendo àquilo, para pode botar o ponto final.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Tem que aprender com a experiência dos outros”

“A diferença do homem pro burro, pro animal... só tem uma diferença, sabia? É que o homem aprende com a experiência dos outros. E o burro só aprende com a própria experiência. Ele não usa a experiência dos outros, por isso que ele é burro. O homem não, ele tem que aprender com a experiência dos outros [...] Porque o repórter não é um lobo solitário, né? O repórter que pensa que é um lobo solitário é só solitário, não é nem lobo. E ele depende de uma

estrutura, senão, não tem onde publicar, né? Não adianta você ter um repórter brilhante, fazer uma reportagem brilhante e não ter onde publicar.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Percebi alguns vazios de informação”

“A investigação sobre um recrutamento ilegal de adolescentes no Paraguai. [...] esse é um dos exemplos de como o meu método de investigação seria diferente. [...] Muitos anos depois, relendo aquela reportagem, eu percebi alguns vazios de informação. Porque não segui uma metodologia de pesquisa, de apuração. Eu percebi, por exemplo, a ausência de determinadas fontes de informação. A reportagem foi complexa. Abarcou vários movimentos, partiu de uma fonte anônima que forneceu os primeiros documentos [...] E eu não tenho a fala de alguém das forças armadas, por exemplo. Já com rigor metodológico, como no mestrado, eu jamais poderia ter publicado esse material sem ter uma explicação de uma fonte oficial ligada ao governo.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Tem um momento em que elas começam a falar as mesmas coisas”

“Geralmente, eu não faço aquela grande pesquisa fenomenal até a hora de escrever. E isso é um problema sério no meu jornalismo [risos]. Muitas vezes, um dia antes do fechamento eu descubro uma coisa muito essencial. Mas é assim que eu sou, só consigo organizar tudo... na hora de escrever! O que significa? Que eu também quase sempre volto às pessoas com quem eu já entrevistei [...] Tem um momento em que as elas começam a falar as mesmas coisas. Você já sabe o que elas vão falar. Por mais que sejam pessoas diferentes, porque você já entendeu a história. E é muito natural. Você super percebe. E aí, esse é um momento que não precisa mais falar com as pessoas. É quando você entendeu a história inteira. Tem uma vontade de continuar apurando, né? Mas também tem uma vontade de publicar. [...] é uma coisa muito difícil o ponto final da apuração” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.4.7 Conduta ética

A reportagem em profundidade se orienta a partir de uma ética de princípios, tendo como eixo norteador a tentativa de se aproximar da verdade factual. Esse deslocamento, contudo, não ocorre sem se defrontar com conflitos, dúvidas e dilemas éticos. Em que medida o repórter pode fazer uso de gravadores ou microcâmeras escondidas, adotar disfarces, assumir outra identidade ou dissimular posturas, por exemplo? No exercício da cobertura jornalística,

há necessidade de cumprir compromissos e valores estabelecidos em códigos deontológicos da profissão e preceitos compartilhados pela comunidade profissional (KARAM, 1997; CHRISTOFOLETTI, 2008; BUCCI, 2000). Apesar de a ética jornalística sugerir um discurso prescritivo e normativo, caracterizado pelo *dever ser*, ela não se esgota numa fórmula fechada e replicável, requer ponderação permanente para acompanhar as complexidades impostas à atividade.

“O papel do jornalista, é, apenas, de intermediário”

“O interesse genuíno do repórter pelo drama de vida desses personagens da realidade, o respeito aos limites dos entrevistados, o conhecimento dos riscos que, de fato, estes podem correr ao conceder uma entrevista são práticas e princípios éticos fundamentais. [...] O papel do jornalista é, apenas, de intermediário. Cabe a ele ouvir e tomar nota daquilo que a fonte tem a dizer sem prejulgamentos, ainda que a opinião dela possa até mesmo ser enormemente contrária à sua.” (Adriana Carranca em CARRANCA, 2008, p. 312-315).

“Esperar o tempo que as pessoas têm para confiar em você”

“Ouvir as pessoas com respeito. Realmente ouvir as pessoas, estar disposta a ficar lá ouvindo o que as pessoas têm a dizer. Não ficar querendo que ela dê logo a resposta que você quer, a manchete, o choro... Esperar o tempo que as pessoas têm para confiar em você e contar o que elas têm que contar. Depois contar na reportagem da maneira mais respeitosa possível e tomando todos os cuidados para que aquilo não piore a vida da pessoa.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“O método não define tudo. O que define é, antes de tudo, a postura”

“Esse movimento não pode se reduzir a uma técnica. É preciso que você tenha, de fato, a disposição, a intenção de chegar ao Outro. Porque mesmo que você use todas as técnicas relacionadas à objetividade, por exemplo, ouvir várias vozes para compreender uma personagem, ouvir o contraditório, consultar fontes documentais... isso não garante que você terá, de fato, compreendido ou retratado bem o Outro, se você não tiver uma intenção profunda de fazer isso. Porque você pode usar tudo isso a favor da sua visão pré-concebida [...]. É preciso uma postura, digamos, filosófica, antes de tudo. [...]. Cada repórter vai encontrar o seu método melhor. Mas o método não define tudo. O que define é, antes de tudo, a postura, o que move primordialmente um repórter.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“O caráter é fundamental. Eu acho o mais importante de tudo”

“O caráter é fundamental. Eu acho o mais importante de tudo. [...] Essa regra do bom caráter vale para qualquer profissão.[...] Tem um camarada chamado Guardiola, que é o treinador e considera uma arte o futebol. Ele disse - e por isso eu me identifico tanto com ele: ‘eu contrato... pela seriedade do profissional. Pelo caráter’. [...]. Então se eu contrato nove artistas da bola e têm gestores que acham que tem que ter ‘o destruidor’, cara egoísta, individualista, esse é bom pra destruir a jogada. E tem o outro grupo que cria o espetáculo. Para o Guardiola não, tem que ter criadores. [...] Eu não preciso ensinar esse cara a fazer as coisas. Ele mesmo. Por si só. [...]. Eu quero pessoas que pensem assim. Não espere de mim o que ele tem que fazer. Ele sabe o que tem de fazer.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Eu tenho direito a contar essa história?”

“Foi a maior dúvida ética que eu já encontrei na minha carreira e que possivelmente eu vá encontrar [...] minha questão era: ‘eu tenho direito a contar essa história’? Por várias questões: por ser uma pessoa fragilizada, uma pessoa que tinha uma doença mental – ele era esquizofrênico e às vezes se medicava, outras não... Em quem eu me escorei para resolver essa questão ética? Eu fui conversar com os jornalistas que eu mais respeito, ouvir a opinião deles; eu perguntava a cada encontro com ele (Ricardo), eu mostrava o gravador e falava: ‘nós estamos fazendo uma matéria, tudo bem fazer uma matéria da sua vida?’; eu pedia consentimento a ele a cada vez, lembrava a ele o tempo inteiro que a gente estava contando aquela história...” (Chico Felitti em FELITTI, 2019).

“Não tem técnica, não. Tem respeito.

“Me perguntam: ‘como conseguir fazer com que as pessoas falam, o que elas te falam? Principalmente com a pessoa que você vai denunciar? Qual sua técnica?’ Não tem técnica, não. Tem respeito. Nunca, nunca, uma pessoa que me deu entrevista disse: ‘eu não disse isso’. [...] E eu sempre deixei muito claro: eu tenho interesse, eu sou jornalista, [...] Acho que se a gente pegar isso tudo e falar uma palavra, talvez possa explicar com respeito. Respeito pela história do outro, por todas as pessoas que vão ser representadas e até pelo denunciado. [...] Eu não fiz tudo o que eu quis, mas jamais fiz o que eu não quis. [...] Lembrando Cláudio Abramo, o jornalismo é antes de tudo a prática diária da inteligência e o exercício cotidiano do caráter.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Outra preocupação é a das questões éticas”

“Outra preocupação, que sempre surge [...] é a das questões éticas. Citações a terceiros, denúncias na boca dos entrevistados que não encontram lastro na apuração, ilações e análises apressadas, entre outros dilemas, sempre acabam sendo foco da atenção.” (Fábio Bispo em entrevista à autora).

“O meu cuidado em relação às fontes tem essas características”

“Quando eu tava na casa da família de Joicy, ela ainda não tinha feito a cirurgia. Na primeira vez que eu encontrei a mãe dela, uma senhora de setenta e tantos anos, eu não conseguia verbalizar: ‘o que a senhora sente com a questão da transexualidade?’ Porque eu sabia que havia vários elementos ali que eu dominava e que não eram necessariamente compartilhados entre as outras pessoas, por questões várias [...] Nesse momento eu tive muito cuidado. [...] Lá pelas tantas, digo: ‘como a senhora se sente em relação à cirurgia de João?’ E eu chamo de João, porque Joicy era um nome que ela não conseguia pronunciar. Claro, eu sabia do nome social e chamava de Joicy, mas [...], eu entendia que ela poderia achar uma certa afronta. O meu cuidado em relação às fontes tem essas características. Mas obviamente não é um padrão.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Sempre com o cuidado de não ficar na falsidade ideológica”

“Fiz muita infiltração. Percorri 28 mil quilômetros pelas fronteiras do Brasil [...] entre idas e vindas [...] investigando como era a dinâmica do tráfico de crianças e adolescentes pra fins de exploração sexual comercial. Esse é um tipo de realidade que você não consegue investigar com o crachá à vista. A gente teve de se infiltrar muitas vezes para acessar esse mundo da exploração sexual [...] Sempre com o cuidado de não ficar na falsidade ideológica [...] Como jornalista, a gente não teria conseguido as informações, [...] provocaram mudanças concretas. [...] Isso se assemelha muito à investigação policial: Revelar o que alguém está querendo esconder. [...] Qual seria esse limite? O limite é a ilegalidade. Aí, se está em vias de transpor a legalidade, é o momento de parar.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“É uma questão que está em debate”

“Há questões que são éticas, mas que cada veículo vai resolver de um jeito ou que você vai ter que chegar num momento e decidir. Na Pública, a gente orienta todo mundo a dizer que é repórter, mas eu acho que em alguns momentos é justificável, sim [a omissão], principalmente se a história é muito grave, a pessoa está sendo acusada por coisas muito sérias [...] Isso é uma

questão que também você vai decidir, é uma questão que está em debate.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“Eu tenho dúvidas a cada momento, a cada matéria”

“Há um limite entre a ética e o possível. Quando dizem que, em nome da ética não se faz tal coisa, é mentira. É como num prostíbulo, tudo vale. E é no texto que você vai ver se o cara é independente, crítico, ético, se toma partido ou assume a posição de minorias. Truman Capote, por exemplo, manipulava as fontes. E era brilhante.” (Renan Antunes de Oliveira em OLIVEIRA, 2006, p. 11). *“Quer dizer, não existe ética no jornalismo. Eu sou a favor daquele livro, que você já deve ter lido, ‘A Regra do Jogo’. Eu tenho ele lá em casa. A ética do jornalismo é aquela. [...] Quando procuro uma fonte, ainda hoje fico [...] sem saber como começar. [...] Eu tenho dúvidas a cada momento, a cada matéria, a cada história [...] Eu até hoje não sei, quando eu vou para uma entrevista, como eu abordo a pessoa.”* (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.4.8 Análises dos depoimentos sobre a apuração, ou saber de procedimento

Em geral, repórteres especiais consideram o processo jornalístico envolvido na apuração da reportagem em profundidade como a etapa mais prazerosa de todo o trabalho, quando entram em contato com histórias e personagens. A maneira como detalham essa transformação da informação até chegar ao público aponta uma aparente recusa em seguir regras muito rígidas ou fixas, numa demonstração de como o processo é dinâmico, marcado por imprevistos e situações inesperadas. Tais contratempos podem exigir a qualquer momento uma reconfiguração da rota. Mas, ainda que a metodologia para captação de dados inclua muitas possibilidades diante da imensa margem de liberdade individual para decisão, de acordo com as especificidades da pauta, há necessidade de demonstrar a existência de uma tradição institucionalizada. É preciso tornar mais transparente esse caminho complexo, sem, entretanto, correr o risco de engessá-lo⁸⁷, pois na variedade de percursos possíveis, há uma unicidade quase

⁸⁷ Como prescrevem Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007, p. 14) ao refletirem sobre o ofício de sociólogo: “A tentação sempre renascente de transformar os preceitos do método em receitas de cozinha científica ou em engenhocas de laboratório, só podemos opor o treino constante na vigilância epistemológica que, subordinando a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática de procedimentos já experimentados e ensina que toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto em si mesma quanto em função do caso particular.”

anulada nos relatos pessoais. Ao mesmo tempo que cada reportagem pressupõe um processo de apuração específico, os depoimentos de repórteres especiais indicam uma similaridade de etapas e procedimentos, definidores de uma metodologia profissional. O processo de apuração da reportagem em profundidade inicia com uma pesquisa exploratória, dependente de uma condição temporal diferenciada no olhar de alguns deles (Adriana, Andrea, Caco e José Hamilton). Numa comparação com a academia, se não é possível fazer pesquisa sem o amparo de teorias, sendo elas explícitas ou não (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007), a prática da reportagem também não se sustenta sem um conhecimento convencionalizado na tradição profissional. Os relatos coletados para esta pesquisa certificam procedimentos sistemáticos, marcados por etapas fundamentais: Da familiarização com o tema ao cruzamento final dos dados, há um *modus operandi* comum.

Quando definem a abordagem da pauta, repórteres muitas vezes podem jamais ter ouvido falar a respeito daquela questão. O desconhecimento, entretanto, estimula o exercício de uma pesquisa bem fundamentada como ponto de partida, assumindo a própria ignorância diante de tal tema (José Hamilton). Um exemplo ilustrativo é a maneira como uma das entrevistadas narra a primeira fase de apuração da série Caso Koji, sobre famoso político local envolvido numa rede de corrupção cujo nome oficial da empresa ignorava àquele momento (Daniela)⁸⁸. Ou a forma como outro repórter expõe o processo inicial da reportagem transformada no seu segundo livro, *Rota 66*, quando ao chegar de mudança em São Paulo, passa a se interessar pelo número de pessoas que procuravam no IML parentes ou amigos assassinados pela polícia (Caco). O grau de entrega à pesquisa inicial trará mais complexidade à abordagem desenvolvida (Adriana e Fabiana).

Na preparação, a pesquisa torna-se um imperativo, buscando novas miradas e informações para qualificar o resultado e, por consequência, o senso comum. Esse processo pode ser intenso e se misturar de maneira tão visceral a cada jornalista a ponto de ser igualado a uma reação fisiológica, como ‘uma febre’ (Chico). Ainda que se recuse a concepção do saber de procedimento como método institucionalizado (Natalia), a pesquisa exploratória constitui movimento inicial fundamental no percurso de apuração, podendo exigir anos de dedicação. Chaparro (2019) atribui relevância a esta primeira etapa, pois “só depois de organizar aquilo que já sabemos poderemos definir o não sabido.” E a busca pelo que falta saber é a luta a ser

⁸⁸ O episódio reforça o entendimento da jornalista do reportar como garimpagem: A reportagem citada levou ao afastamento do cargo o então presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Juiz de Fora, Vicente de Paula Oliveira, há 20 anos no poder, e garantiu reconhecimentos como o Prêmio IPYS de Melhor Investigação da América Latina.

travada na reportagem. Por não apenas direcionar os próximos passos como identificar o foco, a pesquisa contribui no discernimento do que é prioritário daquilo que é secundário. Não estranha a pesquisa ser considerada “a base do melhor jornalismo” para Lage (2017, p. 134). Essa familiarização com o tema e planejamento preliminar se revelam imprescindíveis como primeira etapa porque, ao permitir conhecer o que já se sabe sobre aquele assunto determinado, procuram a originalidade para a perspectiva escolhida. É nesse momento que a reportagem será desenhada a partir de inquietações preliminares, favorecendo a delimitação do tema, além da identificação das forças e interesses que atuam sobre ele. Essa fase se mostra relevante ainda por ser capaz de evitar fragilidades, guiando as etapas seguintes. Se o delineamento for bem estruturado, direcionando da melhor maneira o fenômeno investigado, os resultados obtidos com a reportagem terão mais chances de produzir conhecimento. Isso porque tenderão a descartar abordagens conhecidas e superar a visão oficial das versões declaratórias (Caco, Daniela e Fabiana).

Pesquisas iniciais requerem consulta as mais variadas fontes, desde produções jornalísticas, artísticas, acadêmicas, entre outros, indicando o conhecimento pré-existente e um caminho a ser tomado na investigação. Exigem paciência equiparada à costura de uma colcha de retalhos (Daniela). Definido o recorte, uma etapa posterior buscará operacionalizar as estratégias de investigação, a depender do tipo de reportagem, com um planejamento. Convém ao repórter escolher as melhores estratégias de abordagem do fenômeno, métodos, ferramentas e técnicas de investigação. Como a pauta passa por diversas alterações no percurso, esta etapa pode não ficar restrita apenas à fase inicial. Mas, com um plano de ação estabelecido, cabe pensar a metodologia a ser empregada na reportagem em questão, as estratégias que podem facilitar o processo de descobertas a partir do que se quer desvelar (Mauri).

Entre os entrevistados, uma percepção destoante sobre esse primeiro momento da apuração é a recusa à pesquisa exploratória (Natalia), podendo nem sempre proceder a observação dos fenômenos. A preferência pela ida a campo para entender melhor o contexto, entretanto, às vezes não é possível antes desse levantamento inicial. Mesmo quando há poucas repercussões anteriores para embasá-la, a opção pelo deslocamento para aquela realidade pode se tornar bem sucedida na fase embrionária, contudo, sem desconsiderar uma pesquisa para fundamentar a viagem. Ainda que prefira não fazer uma pesquisa inicial ampliada sobre o assunto investigado, escolhendo ir a campo sem conhecimento prévio, esta etapa será obrigatoriamente cumprida em algum momento da apuração, sob pena de comprometer a viabilidade do trabalho. Portanto, mesmo sem uma ordem fixa, determinados fazeres são característicos desse processo, como a pesquisa.

É comum o grupo investir recursos pessoais no período posterior ao trabalho em redação para tornar viáveis projetos de apuração de maior fôlego. Caco dedicou o tempo livre depois de cumprir o compromisso profissional diário no *Jornal Nacional* para a investigação de *Rota 66*. Daniela por dois anos passou os finais de semana distante da família, em Barbacena (MG), no levantamento de informações para escrever *Holocausto Brasileiro*. Fabiana iniciou nas férias a busca pela personagem de *O nascimento de Joicy*. Mauri aprendeu desde a sua primeira grande reportagem que precisava dedicar-se à cobertura diária em paralelo à apuração aprofundada, o que o levou a iniciar essas pesquisas pós-expediente. Natalia pagou com recursos próprios a ida até São Gabriel da Cachoeira para se convencer de que ali existia mesmo uma história a ser contada. Não se tratam de exemplos aleatórios, mas de uma constatação.

Quando paramos para escutar os processos produtivos envolvidos em reportagens em profundidade de tais agentes, percebemos que o tempo e o trabalho investido nesses fazeres quase sempre extrapolaram as rotinas profissionais. Mesmo quando surgem como séries a serem publicadas pelo veículo (Daniela, Fabiana, Natalia e Mauri). Essa situação também precisa ser ponderada à medida que pode revelar indicadores de uma possível precarização das condições de trabalho, ainda que se trate de profissionais consagrados. O ideal seria que as condições para a produção dessas reportagens fossem garantidas pelo trabalho de cada repórter. No entanto, os depoimentos revelam que o processo de apuração muitas vezes envolve a vida desses profissionais de maneira profunda e particular: Para além das rotinas produtivas das redações, numa demonstração de dedicação integral à atividade, como apontam estudos anteriores (TRAVANCAS, 1992).

Embora a primeira etapa do processo de apuração seja uma pesquisa passível de ser feita de casa ou do trabalho, sem a necessidade inicial de um trabalho de campo, há ressalvas quanto ao modo de fazer esse levantamento preliminar de dados. O jornalista mais experiente enfatiza a insuficiência de uma pesquisa restrita à internet, que pode levar ao acesso apenas a versões oficiais, superficiais e enciclopédicas, distantes da realidade do fenômeno (José Hamilton). Embora a ferramenta também possa favorecer o acesso a documentos e informações capazes de conduzir a investigações de fôlego e revelações, como a possível consulta aos dados disponíveis (Fábio). Repórteres ressaltam a necessidade de romper a dependência das fontes oficiais e institucionais, desconfiando sempre da versão apresentada, sobretudo por autoridades, com o benefício da dúvida, e criando um banco de dados próprio, se for o caso e a situação permitir.

Um deles cita a abertura para outras possibilidades como a memória oral, ao mencionar sua última investigação jornalística, focada em pessoas desprovidas de documentação (Chico).

O rigor imposto à apuração no detalhamento de pormenores pode levar a uma busca exaustiva por evidências, a ponto de um mesmo documento usado para sustentar uma versão oficial – no caso do suicídio de Milton Soares, protagonista do livro *Cova 312* – ser fundamento do contraponto (Daniela). Este episódio mostra como o processo minucioso da investigação jornalística sistemática leva a novos olhares e revelações, comparando-se a um trabalho quase de ‘escavação’. O cuidado para não sustentar a reportagem apenas em declarações de entrevistados, amparando-se em subsídios documentais, preferencialmente fontes primárias, revela-se consensual entre o grupo estudado. Na procura por certificação, não se menospreza nenhuma pista.

No mar de informações levantadas, incluindo ampla diversidade de fontes, inclusive *off*, estatísticas, dados, depoimentos, versões oficiais, repórteres demonstram uma preferência por fontes acadêmicas como ponto de sustentação e guia da reportagem em profundidade (Adriana, Andrea e Caco). Mesmo quando não citadas na narrativa final, elas são vistas como fundamentais na aproximação com um tema novo e ajudam a definir o recorte a ser trabalhado. O amparo em fontes acadêmicas possibilita novas abordagens para o tema em questão, com o respaldo do conhecimento científico, que orienta a produção jornalística pois tem como validade a investigação metódica, marcada por condições diferenciadas, sem deixar de espelhar seu contexto social e momento histórico. O espaço ao contraditório, com a divergência, também é lembrado como estruturante no levantamento de fontes, por possibilitar um aumento da credibilidade.

Ao explicarem seus processos de apuração, repórteres em geral observam a tendência de que cada entrevistado leva a outro (Natalia), semelhante à técnica conhecida como ‘bola de neve’ na pesquisa científica. Predomina a ênfase em contrastar fontes muito distintas e a sensação de montar um ‘quebra-cabeça’, como se cada fonte consultada representasse um fragmento para compreender a complexidade daquela história (Adriana e Fábio). Há ainda a alusão ao modo como um advogado constrói um caso (Adriana) e o destaque de persistir frente a possíveis negativas (Daniela). A percepção do tempo como condicionante leva a um tensionamento com a velocidade e o imediatismo, muitas vezes entendidos como valores jornalísticos basilares. Nesse raciocínio, dizer a verdade perde espaço para chegar na frente, pois a lógica da estrutura industrial jornalística se organiza para atender esse propósito (MORETZSOHN, 2002).

A imersão se impõe como pré-requisito para a reportagem em profundidade. Um dos jornalistas argumenta que, na convivência, entrevistados realmente revelam ser quem são (Caco). Alguns repórteres do grupo deixam transparecer um cuidado para uma convivência

respeitosa, mantendo um certo distanciamento de personagens. (Armando, Caco, Daniela e Fabiana). Como pontua Barcellos (1994, p. 24) “em geral, essa convivência dura enquanto estivermos envolvidos no processo de produção da reportagem. Depois desaparece, ou volta a acontecer no futuro, mas sempre sem eu tomar a iniciativa”. Embora também prefira não cultivar fontes, outro repórter diz não abandonar seus personagens: “Acompanho à medida que eles permitem. Ligo, pergunto. Por exemplo, se eu vou cobrir uma situação de pobreza, [...] eu faço a reportagem, mas depois volto ali para tentar ajudar de algum jeito.” (Armando, em entrevista à autora)

Na relação com as fontes, deixar todos os sentidos vigilantes torna-se um ponto comum expresso pelos jornalistas, lembrando a reivindicação de Restrepo (1998, p. 12) de “abrir-se à linguagem da sensibilidade”. A experiência mediada pelos diferentes sentidos compreende um esforço de permitir ao público a mesma sensação (Adriana e Mauri). Entre as várias experiências sensoriais, a observação está entre as mais mencionadas, com exercícios de atenção à movimentação (Adriana), revelando pontos obscurecidos pelo olhar cotidiano (Daniela) ou como forma de apuração (Fabiana). Quando não se faz possível a observação no local, há a recorrência a mecanismos alternativos, como o uso de imagens de satélite, para explorar a região mesmo quando nunca se esteve lá (Fábio). Outro repórter reclama que o jornalismo diário estaria muito condicionado apenas ao ‘ouvido’, esquecendo dos outros recursos sensoriais (José Hamilton).

Uma das repórteres recomenda que o ideal sempre é entrevistar pessoalmente para captar as nuances e detalhes não percebidos numa interação à distância. O local da entrevista também pode ser revelador de circunstâncias e elementos informativos para a reportagem, por isso cabe escolhê-lo com atenção, se houver oportunidade (Adriana). Esse pensamento encontra ressonância acadêmica. Defensora da observação-experiência, Medina (2016, p. 25) recusa a entrevista por telefone ou internet, acreditando que nada substitui o contato humano, capaz de promover a realização das trocas afetivas e da emoção: “a experiência em campo da observação e do contato tornou central [...] a necessidade de escuta e sensibilização perante a aventura-desventura humana. [...] defendo o signo da relação impregnado de olfato, paladar, tato, palavra dita e ouvida e visão sutil.” Na ânsia de conseguir o que se quer, corre-se o risco de perder essas sutilezas.

O trabalho de campo se sustenta em pilares como a escuta sincera, a disposição ao diálogo e a observação intensa, com acompanhamento (Caco). O potencial do encontro com as personagens é assinalado por um dos entrevistados, ao contar que mudou sua relação com quem entrevista depois de sua saída da redação de jornal diário para o jornalismo de revista, quando

deixou de anotar e passou a gravar as conversas (Armando). Ainda que a mudança tenha representado mais trabalho posterior, com a necessidade das transcrições, observa como esse deslocamento lhe permitiu um ganho na relação com as pessoas, especialmente aquelas mais vulneráveis, muitas vezes sem ter com quem se abrir. Na abertura à compreensão do Outro, ele compara o encontro a quase como uma sessão terapêutica, de psicanálise, pois estaria totalmente disponível para a escuta daquela pessoa, destacando a relação estabelecida como diferencial no processo de reportagem.

A curiosidade leva sempre a novas perguntas (Adriana). Mas, para que as entrevistas alcancem o potencial dialógico esperado (MEDINA, 2000), um dos repórteres do grupo ensina, com propriedade: “não adianta perguntar muito. É preciso deixar a pessoa bem à vontade e captar o que sai dela” (José H). Há quem declare a entrevista de maneira ‘sincera’ e ‘leve’ (Fábio), ‘desarmada’, para uma relação de horizontalidade (Fabiana) ou ‘não confrontativa’ (Natalia). Evidentemente, tal recomendação se aplica a um determinado perfil de entrevistado, não acostumado a atender jornalistas, como adverte um repórter (José Hamilton). Quando se trata de fontes habituadas em lidar com a imprensa, como políticos e autoridades em geral, muitas vezes conhecidas por desviarem do tema sobre o qual são questionadas, ou pessoas acusadas de denúncias, por exemplo, o enfoque muda e a insistência pode ser adequada.

Sobressai a ideia da entrevista como conversa informal e momento de troca, inclusive para chegar a perguntas delicadas (Daniela e Fabiana), sabendo que jornalistas e fontes quase sempre têm objetivos distintos. Felipe Gutierrez (2016, p. 321), ex-integrante da equipe do *Profissão Repórter*, lembra de observar como o então colega Caco Barcellos aborda um potencial entrevistado, chegando de lado, não de frente, com o microfone discretamente, sem escondê-lo, mas sem ressaltá-lo: “A entrevista não precisa começar diretamente no ponto que ele quer, mas pode ir evoluindo devagar, deixando a pessoa mais confortável, até que faz perguntas que teriam o potencial de constranger, mas que soam singelas, e assim ele vai conseguindo abertura.” Não há como deixar de observar que, no caso citado, a estratégia de ‘chegar conversando’ (Caco) envolve o arsenal técnico de televisão, o que por si só pode intimidar e constranger.

“Conversar com quem se encontra na rua” também aparece entre as recomendações de Tchekhov (2007, p. 73) em *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações - Como fazer uma reportagem*, escrito no século XIX com base na viagem à ilha de Sacalina. O autor também sugere não economizar nas botas, ter sempre uma caderneta onde anotar dados, observações e declarações, além da disponibilidade para mudar de ideia. Nos livros de repórteres, é comum também encontrar esse tipo de referência. Como menciona Clóvis Rossi na apresentação do

livro *A aventura da reportagem*, de Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho (1990b, p. 9) “a história ocorre sempre na rua, nunca numa redação de jornal”. O valor concedido à rua pelos repórteres também aparece sintetizado no posfácio de *Fama e Anonimato*, de Gay Talese, com a afirmação de Humberto Werneck (2004, p. 523): “jornalismo é a arte de sujar os sapatos.”

Deixar se surpreender pela realidade encontrada é considerada uma premissa da reportagem (Andrea e Caco), para não confirmar aquilo que se pensou da redação, mas abrir-se ao inesperado da vida e às diferenças encontradas. Como a ética se manifesta enquanto postura permanente, a reportagem se faz de uma infinidade de escolhas, podendo incluir técnicas de infiltração (Mauri) se a pauta assim justificar, no questionamento se há o direito de se contar aquela história (Chico), evitando pré-julgamentos e na busca pela diversidade das fontes (Adriana). A abertura para o imprevisto frente às possibilidades encontradas à rua e não pensadas anteriormente da redação residiria na ausência de desejo por provar uma teoria (Andrea), pois o encanto do jornalismo estaria justamente em encontrar a contradição (Caco).

Como a reportagem quer descobrir o novo, o cruzamento de relatos se faz essencial. Declarações assumem pouca importância no jornalismo praticado por repórteres especiais. O rigor na apuração de informações se sustenta no pressuposto: cada afirmação, só se mantém se estiver respaldada, num confronto de versões divergentes, submetida a uma aplicação sistemática (Caco e Daniela). Sequeira (2005) conclui que, embora qualquer prática jornalística exija alguma investigação, há uma categoria diferenciada das outras - pelo processo de trabalho, métodos de pesquisa e estratégias operacionais -, definida como jornalismo investigativo. Alguns dos membros do grupo se identificam com essa categoria (Adriana, Andrea, Daniela, Fábio, Mauri e Natalia), outros, no entanto, não utilizam o termo nas entrevistas concedidas para esta tese, ao se referirem ao próprio trabalho (Armando, Caco, Fabiana, José Hamilton e Renan).

Ao perceber indícios que levam à caracterização de método, jornalistas entrevistados costumam interpretá-lo como uma descoberta individual, como se não sustentado numa tradição consolidada do campo profissional. Uma delas argumenta a necessidade de “*criar uma metodologia própria*” por trabalhar em jornal pequeno, onde as denúncias apuradas ameaçavam fechar o periódico, caso não tivessem fundamentadas (Daniela). Outro repórter enfatiza: “*desenvolvo a minha técnica, o meu jeito, o meu trejeito. Às vezes, é algo que eu não vi na faculdade, nem vi outro repórter fazer*” (Fábio).

A tendência de destacar a própria experiência também foi observada por Sequeira (2005) ao pesquisar a prática de jornalistas investigativos no Brasil a partir de entrevistas com eles. A autora constatou que esses profissionais enalteciam o caráter individual desse *modus operandi*,

como Antonio Carlos Fon, que nas duas primeiras reportagens de sua autoria para a capa da revista *Visão*, aplicou técnicas aprendidas na reportagem policial: “Foi aí que tomei consciência que *havia criado o meu próprio método* de trabalho” (FON apud SEQUEIRA, 2005, p. 127, grifo nosso). Na visão do jornalista, não existia um saber consolidado no Brasil sobre jornalismo investigativo, e por isso, cada profissional, especialmente de sua geração, precisou desenvolver as próprias técnicas e métodos de trabalho, frente aos desafios cotidianos.

Buscando uma reportagem que valorize igualmente a objetividade e a subjetividade, Moraes e Gouveia (2018) estabeleceram indicadores de uma metodologia do jornalismo, com proposições, também adequadas à reportagem em profundidade. Cada uma dessas premissas parece se manifestar de alguma forma, pelo menos quando olhamos de modo mais geral, nos depoimentos sobre as práticas de repórteres especiais. Não por acaso foi elaborada por uma profissional que ocupou essa função, também entrevistada para esta pesquisa.

Investimento na visibilidade de pessoas e grupos sociais cujas representações são diversas vezes realizadas com lentes opacas em enquadramentos repletos de reduções; - Busca pelas semelhanças e não diferenças; - Recusa a modelos de existência previamente estabelecidos; - Não espetacularização, recusa da exotificação; - Apuração e checagem intensas; - Observação densa e participante (inclusive com registros imagéticos); - Acatar a presença da repórter; - Ter um tempo estendido para realização da reportagem; - Trazer opinião e informação; - Ser necessariamente polifônica; - Convivência maior com as fontes – inclusive secundárias. (MORAES; GOUVEIA, 2018, p. 110)

A investigação jornalística não tem o mesmo rigor que a investigação científica, mas isso não significa que não tenha um método que a ampare. Pode-se estabelecer semelhanças e princípios comuns entre os métodos adotados por cientistas e jornalistas (Adriana, Fabiana e Mauri). Dois deles, hoje professores de Jornalismo, atribuem à vivência como pesquisadores um amadurecimento da própria atuação como repórter, capaz de permitir uma visão crítica de reportagens produzidas no passado. Tanto a ciência quanto o jornalismo se dedicam ao trabalho de campo na coleta de dados e partem de uma suspeita, uma dúvida ou pergunta como hipótese de investigação. Entre aproximações e distanciamentos, cientistas e jornalistas comungam de valores comuns, com a promessa de adequação à verdade (LAGE, 2005; SILVA, 2015). Na prática jornalística, o método é menos preciso e elaborado, pois executado sob a pressão do tempo.

No entanto, na reportagem em profundidade esta situação muda um pouco. No relato concedido para esta pesquisa, a experiência no mestrado levou o jornalista a ampliar o entendimento sobre a necessidade de investir no planejamento inicial da pauta, levantando os possíveis métodos a serem adotados na pesquisa (Mauri). Alguns dos jornalistas enfatizam o

rigor de um procedimento metodológico sistematizado (Daniela e Mauri). Kovach e Rosenstiel (2003, p. 112) observam que “mesmo não dispondo de nenhum código sobre o assunto, jornalistas funcionam apoiados em algum tipo de método”, baseado na verificação. Os autores pontuam que a noção de um método de reportagem está dissolvida em fragmentos, transmitidos de repórter a repórter, algo identificável nas análises dos depoimentos de jornalistas colhidos para esta pesquisa, quando priorizam como fundamento do trabalho o ‘aprendizado na prática’.

A última categoria de análise, identificada como conduta ética, reúne três depoimentos convergentes desta noção enquanto caráter (Caco, Daniela e Renan), com referências a um pensamento disseminado no Brasil pela obra de Cláudio Abramo (1988, p. 109): No livro *A regra do Jogo*, o autor difundiu que ‘o jornalista não tem ética própria. Isso é mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista.’ Contrapondo esta noção comum na área, Karam (1997) estabelece a diferença entre ética, moral e deontologia, ao defender uma ética própria para o jornalismo, sustentada em valores específicos da área, na busca por evitar simplificações que não esclarecem a natureza da atividade profissional. Na sua análise, a reflexão sobre o jornalismo não pode considerar somente a prática e seus limites, mas também a possibilidade de ruptura com esses limites para formular uma outra prática.

O reconhecimento da importância central do jornalismo nas sociedades contemporâneas implicaria necessariamente uma ética profissional amparada em princípios próprios da atividade de mediação da realidade. Christofolletti (2008) defende uma ética específica a jornalistas, baseada num perfil de conduta, um conjunto de parâmetros na busca pela informação precisa. Para ele, a ética se divide em duas dimensões: uma de cunho individual e a outra de âmbito social. “Na primeira, são mobilizados os valores pessoais, cultivados pelo indivíduo, suas convicções morais. Na segunda dimensão, operam os valores que absorvemos dos grupos sociais que frequentamos” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 17). Atribuir a ética apenas a uma dimensão individual, entendendo que cada um tem a sua própria ética e ponto final, seria um equívoco frente à complexidade destas relações e dinâmicas.

Um dos repórteres conta os bastidores da entrevista com a mãe de personagem para uma de suas reportagens premiadas, quando teria ‘arrancado informações’ da mulher emocionalmente abalada, e afirma que, em se tratando de ética no jornalismo, ‘tudo vale’ (Renan). Enquanto outro enfatiza que ‘o método não define tudo. O que define é, antes de tudo, a postura’, sugerindo a necessidade do que chama de ‘postura filosófica’ (Armando). Os dois casos ilustram posições extremadas, mostrando que, mesmo compartilhando do mesmo lugar privilegiado na profissão, como repórter especial, podem ter entendimentos profundamente

distintos sobre o exercício da reportagem. Essa diferença também revela a ausência de parâmetros profissionais para o que vem a ser entendido como ética jornalística, mesmo que não se tenha um manual a ser seguido e ainda que se prefira não chamar isso de método, por razões discutidas no início deste capítulo.

6.5 O TEXTO E A EDIÇÃO, OU O SABER DE NARRAÇÃO

O saber de narração corresponde à competência jornalística de reunir e organizar as informações mais pertinentes em tempo hábil e apresentá-las de forma atraente, contextualizada e interessante. Como prática discursiva abrangente, o jornalismo prima por uma linguagem que privilegia uma comunicação direta, procurando ser compreensível face às fronteiras sociais, entre públicos com repertórios tão diferentes. Traquina (2005, p. 46) lista algumas dessas marcas: “a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar palavras polissilábicas); d) uma sintaxe direta e econômica; e) a concisão; f) a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto.” Além disso, para o autor, a narrativa jornalística também se caracteriza pela voz ativa e a descrição detalhada de cenas, incluindo seus pormenores, capaz de transmitir ao público a sensação de estar ali, no local dos acontecimentos narrados.

A compreensão dos textos jornalísticos como histórias resulta de um acúmulo de contribuições de diferentes autores. Em nível internacional, uma referência basilar nesse debate é a terceira e última parte do livro organizado por Traquina (1999), dedicada às histórias, abrindo a discussão, com Schudson (1999); Bird e Dardenne (1999) e Tuchman (1999). Assumir a produção jornalística como narrativa por excelência requer reconhecer nela a circulação de sentidos envolvidos nesse processo comunicacional. Isso não significa, entretanto, negar a potencialidade do texto jornalístico corresponder a uma realidade exterior. Traquina (1999) acredita que o emprego do termo ‘contador de história’ entre jornalistas, para se referir ao próprio fazer, não reflete necessariamente o reconhecimento de todas as suas implicações. De todo modo, admite a produção jornalística como uma construção perpassada por fatores culturais.

No cenário brasileiro, Medina (2003) levanta o debate sob o viés teórico, com o livro *A arte de tecer o presente*, lançado inicialmente em 1973. Defendendo a concretização de uma narrativa polifônica e polissêmica também na prática profissional do jornalismo diário, e não apenas nos veículos periódicos e livros-reportagem, a autora reivindicava reportagens marcadas pela assinatura do autor e de seu estilo. Questionava paradigmas reducionistas e postulava uma

sensibilidade complexa para as narrativas da contemporaneidade, com a criação de uma linguagem de sutilezas, baseada em práticas dialógicas para alcançar uma autoria perdida da narrativa jornalística. Resende (2011) e Motta (2013) deram sequência a essas pesquisas no Brasil. Em comum, esses autores que estudam o jornalismo alinhado a tal perspectiva concebem a narrativa como uma resposta diante do caos, uma necessidade humana inevitável que dá sentido à vida.

Entendendo a produção narrativa guiada por estratégias, como a objetividade, Tuchman (1999, p. 262) sustenta: “dizer que uma notícia é uma ‘estória’ não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna”. Embora a reflexão se volte para a notícia, formato predominante no jornalismo, tal raciocínio não deixa de ser válido num alcance mais abrangente, sabendo que, na reportagem, o grau de subjetividade, autonomia e profundidade é maior. Seja qual for o formato ou plataforma adotados, a clareza e a simplicidade da narrativa são orientações básicas para atrair tanto quem tem menos hábito de leitura quanto estudiosos. A disputa cada vez mais acirrada pela atenção do público torna ainda maior o desafio de se fazer entender por todos, numa comunicação eficaz.

A cultura profissional valoriza a linguagem acessível a públicos diversificados e dispersos, aferidos em quantidades médias, “isso obriga o jornalismo a ser atraente, o que significa ser facilmente compreensível” (LAGE, 2005, p. 83). Mesmo quando produzido às pressas, com interpretações datadas e efêmeras, não se prescinde do saber de narração, uma exigência à comunidade jornalística, capaz de lhe diferenciar dos demais contadores de história. Pelas próprias condições de produção, a reportagem em profundidade dispõe da possibilidade de explorar esse potencial, tendo os repórteres especiais apostado num saber de narração focado num repertório mais amplo de construção textual. Como afirma Lage (2005, p. 37), “a palavra texto significa, em sua origem, ‘aquilo que foi tecido’ – supõe entrelaçamento, conjuntura. Organiza-se segundo uma lógica interna, equivalente aos pontos e laços das rendas e bordados”.

Dos mitos aos romances literários. Presentes nos contos, nas lendas, canções, fábulas, conversações: as narrativas atravessam nossas vidas. Envolvem todos os grupos humanos, sem distinção, configurando-se como modo de expressão universal. Desde cedo, o ser humano começa a contar e ouvir histórias e, através delas, conhece a realidade social. Exatamente por parecerem naturais como a própria linguagem, há necessidade de refletir sobre a narrativa de forma complexa, a fim de evitar o risco de entendê-la intuitivamente ou sem considerar o que há implícito na arte de contar histórias. Com a ascensão das tecnologias digitais de informação,

reportar requer inovações nas maneiras de narrar, buscando novos métodos (OSORIO VARGAS, 2017). Isso porque novos narradores passaram a dividir o território com jornalistas, mas não apagaram a noção de repórter como ‘contador de histórias’.

O uso de recursos literários e a busca por tratamento estilístico das narrativas podem levar a experiências como as de Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros, sendo a palavra a base das atividades literária e jornalística. Entre o grupo de repórteres especiais escolhido para esta pesquisa, essa interface também se revela, sendo vários deles autores de romances de não-ficção, por exemplo. Mesmo aqueles que não dispõem de obras desse caráter, enfatizam a preocupação com o tratamento do texto. A força concedida ao caráter narrativo da reportagem decorre também de uma discussão cada vez mais consolidada em âmbito acadêmico. Medina (2003, p. 53) concorda que “contar uma boa história, afinal, é o segredo da reportagem”. Nesse processo, a marca da assinatura do profissional é vista como principal evidência da subjetividade no Jornalismo, uma conquista reservada a jornalistas-autores (CHRISTOFOLETTI, 2006).

Ainda que o estilo, a linguagem e a própria pauta possam sofrer alterações, conforme a linha editorial do veículo, começar um projeto de escrita tende a ser um dos momentos mais desafiadores, intimidando até jornalistas com longa trajetória profissional. Os métodos e processos de escrita podem variar entre jornalistas, entretanto, há consenso em torno de algumas etapas fundamentais, além da unanimidade em torno do primeiro parágrafo, como responsável por atrair ou desinteressar o público de imediato. Torna-se compreensível a afirmação de que ‘jornalistas escrevem uns para os outros’. A frase expõe uma máxima no ambiente das redações⁸⁹ já que o texto do repórter se submete à aprovação de um editor, com a decisão de publicar ou não o material. Toda a redação envolve o aval de outro jornalista, daí a queixa de se produzir com o objetivo de submeter a produção a prêmios, especialmente no caso de repórteres especiais.

Num universo de informações padronizadas, a aposta por uma narrativa autoral e de imersão, como propõe a reportagem em profundidade, constitui um diferencial jornalístico, por isso tem sido identificada como ‘gênero nobre’ da atividade. A reportagem é o lugar por excelência da narração, com uma estrutura narrativa mais elaborada. Repórteres especiais conquistam reconhecimento também por seu estilo próprio. Em entrevista para esta tese, a professora de redação jornalística por mais de 40 anos Marialva Barbosa, da UFRJ, assegura que a escrita para a reportagem é uma técnica ensinada: “Até o fecho você ensina.

⁸⁹ Atribuída a Charles Frederick Hamilton (apud CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 311) também aparece associada a Joseph Klapper (1968) e citada por Alberto Dines (1986, p. 54).

Normalmente, o que se ensina em sala de aula é aquele argumento da abertura: você volta nele. Existe um método ensinado”. Para ela, a reportagem em profundidade tem suas especificidades: “do ponto de vista das textualidades, talvez seja o momento em que o jornalismo mais se aproxima da literatura. Por isso também dessa dificuldade de achar que tem aí um método, já que a literatura seria de base criativa.” Sponholz se refere ao trabalho de Parsigian, de 1988, ao concluir que jornalistas seguem um roteiro para escrever suas histórias, mas não refletem sobre isso, o que os impede de descrever tal procedimento detalhadamente. “Isto seria um indício de que eles utilizam tal roteiro de maneira inconsciente” (SPONHOLZ, 2009, p. 128).

O tensionamento da produção acadêmica sobre a reportagem com os relatos empíricos gerou sete categorias associadas ao saber de narração: 1) Planificação e roteiro; 2) Valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária; 3) Foco na clareza e na exatidão das palavras; 4) Controle do auto protagonismo e ênfase nas personagens; 5) Refinamento e revisão; 6) Aprendizado com as críticas e 7) Cuidado na edição final e reivindicação pela autoria. Tal qual ocorre no primeiro e segundo saberes - associados à pauta e à apuração - esta categoria não segue necessariamente uma ordem, podendo haver confluências e alterações das fases que atravessam todo o percurso. Entretanto, é necessário destrinchar cada uma delas para fins analíticos, pois compõem o processo de produção da reportagem. A apresentação dos dados se baseia no mesmo formato adotado anteriormente.

Quadro 9 – Sistematização de respostas sobre a narrativa, ou saber de narração

Saber de narração	
Indicativos e atributos desse saber	Categoria definida
O processo de elaboração da narrativa inicia com um plano, esqueleto ou roteiro, estabelecendo as etapas gerais e facilitando a construção da estrutura textual	Planificação e roteiro
Buscando tornar o texto atraente, a redação procura valorizar a estética e a emoção, incluindo uma expressão artístico-literária	Valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária
Redigir envolve ainda a procura pelas palavras mais adequadas, evitando o risco para dúvidas, ambiguidades ou uma dupla interpretação	Foco na clareza e na exatidão das palavras
Considerando o não apagamento de quem reporta, há uma preocupação para que o repórter não assuma um lugar de protagonismo, focando sempre na humanização das personagens	Controle do auto protagonismo e ênfase nas personagens
A revisão final envolve trabalho meticuloso, como evitar repetições de palavras, por exemplo. Em alguns casos, a última checagem antes da publicação/veiculação pode contemplar ainda a consulta da narrativa às personagens citadas	Refinamento e revisão
Disposição permanente para aprender e avaliação crítica, tanto de si com o próprio trabalho quanto do outro com suas produções	Aprendizado com as críticas
Finalização do processo de elaboração da reportagem, com a edição, e quando se assume a autoria do trabalho desenvolvido, com a assinatura daquela produção	Cuidado na edição final e reivindicação pela autoria

Fonte: Elaborado pela autora.

6.5.1 Planificação e roteiro

Como primeira etapa do processo de escrita, é comum repórteres especiais recorrerem à produção de um esboço, para organizar as informações levantadas na apuração e definir uma estrutura narrativa. Tratando-se de uma reportagem que requer mais tempo dedicado ao processo de investigação, esse roteiro ou ‘esqueleto’ tem a intenção de traçar ideias centrais sobre o modo como será contada aquela história. Tal plano inicial, com a previsão de apresentação do conteúdo, não é mencionado por todos os repórteres consultados, entretanto, há entre eles o consenso de que a elaboração da narrativa jornalística requer algum tipo de planejamento. Se não voltada para a maneira detalhada como será contado aquele caso, em termos estruturais, mas pensando em que tipos de estratégias narrativas poderão ser acionadas de acordo com a abordagem da pauta em questão, essa etapa torna-se indispensável na organização do trabalho.

“Monto um roteiro esquemático”

“Monto um roteiro esquemático. ‘Eu vou abrir assim e, para abrir assim, as informações estão aqui. Vou seguir assim’. Claro que, no caminho, vai mudando. [...]. Mas eu não começo uma reportagem dessas sem ter [...] domínio de todo o material de leitura. É um processo muito trabalhoso. São matérias muito grandes, com 40 mil, 50 mil caracteres. [...] isso eu não aprendi com ninguém. É uma técnica minha! Quando eu fiz a pós, o Edvaldo [Pereira Lima] e outros ensinavam algumas técnicas, tanto de organização de informação quanto de roteirizar reportagens, narrativas longas. Mas eu já tinha as minhas [...]. Cada um tem que encontrar o seu modo, mas você precisa ter um método.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Eu pensei num roteiro de cinema, um roteiro de documentário de tevê”

“Se você pegar ‘O Abusado’, é cinema ali, o primeiro capítulo. Eu pensei num roteiro de cinema, um roteiro de documentário de tevê. Aquela cena ali na cabeça. [...] Depois de escrever muito, fui estudar [roteiro]. A gente trouxe aqui [no Profissão Repórter, o roteirista Aleksei Abib] e ele disse: ‘caramba! Vocês inventaram espontaneamente e de maneira empírica coisas que são clássicas no cinema. Até mesmo o fato de serem três [ângulos], a minha necessidade de olhares cruzados. [...] Ele deu alguns exemplos, quase sempre têm essas três narrativas, sobretudo se tiver uma antagonista - a que eu mais gosto sempre. Ele falou: ‘pode pegar tudo o que é livro aí, vai encontrar as bases do que vocês fazem ali formalizadas’. Curioso né?” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Eu sei como eu vou começar e como eu vou terminar”

“Escrever é sofrimento [...], é um inferno. Porque é um momento que você se dá conta que a tua escrita, por melhor que seja, você não consegue pôr no papel a grandiosidade de tudo o que viu. [...] Todos os livros que eu escrevi, antes de começar, eu faço todo o esqueleto, eu nomeio os capítulos, raramente eu mudo o nome do capítulo. E eu sei como eu vou começar e como eu vou terminar, porque se eu não souber, eu não consigo começar a escrever. [...] Na reportagem também. Muitas vezes, eu vinha da rua escrevendo o texto na cabeça. Eu chegava e já ia digitando e tal, e me perguntavam: ‘como você conseguiu fazer tão rápido?’ Como o texto é construído? Volta: qualidade de apuração!” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Eu começo já a discutir como isso pode aparecer”

“Tem uma questão da apresentação desse material, eu começo já a discutir como isso pode aparecer. Como isso vai ser imageticamente tratado. Porque, para mim, as coisas não estão separadas. Não dá pra falar sobre Joicy, falar sobre Os Sertões, ou falar sobre Casa Grande & Senzala, que traz adolescentes explorados sexualmente, usuários de crack... Não dá pra fazer uma reportagem cuidadosa com elas e fotografá-las seminuas e com a tarja no rosto. O discurso é um só, né?!” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Sempre faço um *briefing* da pauta, tentando resumir a história”

“Eu sempre faço um ‘briefing’ tentando resumir a história em título e um parágrafo. Isso me ajuda tanto a convencer o editor sobre a pauta como para eu mesmo ter um norte da história que pretendo contar [...] Quando eu penso na matéria, eu penso no título que vou dar para ela, no ‘lead’ que eu vou fazer, com ele, sei se vai ser uma pauta especial ou factual. [...] Em muitos casos, escrevo a reportagem por partes, primeiro detalhando as histórias periféricas, para depois escrever um lead definitivo. [...] uma preocupação que tenho com o texto é de como ele vai compor uma história já prevendo a apresentação de dados e visualizações.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Faço um roteiro do texto”

“Eu faço um roteiro do texto. Um roteiro bem detalhado. Com as citações, para me ancorar nelas. Faço como se fosse uma planilha [...] Se você [...] vai escrever uma pauta do dia, número restrito de linhas, quase não dá tempo de fazer um roteiro. Porém, num texto para uma revista [...], tem que ter cuidado. É um trabalho seu, detalhado. Quando eu vou começar um texto, uso essa brincadeira: ‘lo que hay’, em espanhol: ‘o que se tem?’ Eu faço um painel mental do que

eu tenho daquele assunto, de informação, de citação, de personagem, de provérbio, de folclore. E eu faço uma ‘sacolinha’ dessas coisas e deixo ali de lado. E com chaves no texto. [...] O que você tem dentro dessa ‘sacola’ para usar ao longo do texto?” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Um trabalho de reflexão sobre qual é a melhor estratégia de texto pra contar”

“Eu procuro sempre refletir qual tipo de narrativa melhor se enquadra para aquele tipo de texto que eu quero transmitir. [...] Procuro pensar cada reportagem, faço um trabalho de reflexão sobre qual é a melhor estratégia de texto pra contar aquela história. [...] Eu não escrevo uma reportagem sem antes pensar muito bem e refletir até à exaustão sobre o tipo de texto que vai ser aplicado àquela cobertura, àquela história a ser contada. [...] Então eu acho que planejamento é a palavra-chave para obter algum sucesso. [...] O tempo da escrita, seja para você transmitir em forma de texto, falado ou associado com imagem, esse tempo de produção é o tempo para reflexão sobre como você quer transmitir a mensagem para o público. Porque é o texto que vai estabelecer esse diálogo né, ou a interação com o leitor.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Quando eu sento, eu faço uma primeira estrutura da história”

“Eu, geralmente, faço um esqueminha: acho que essa história pode começar por aqui, por aqui ou por ali [...] Quando eu sento, eu faço uma primeira estrutura da história [...]. A de São Gabriel tem 85 mil caracteres! É um negócio enorme, eu sou assim, uma jornalista prolixa que também apura muito. Daí eu faço mais ou menos um esquema no papel mesmo, começo aqui, e no que eu tô escrevendo, eu falo: ‘putz, eu não posso afirmar isso.’ Isso aí eu não tenho certeza, eu paro e volto a apurar, no meio da escrita. É provavelmente a melhor apuração que eu faço, porque é a hora que o cérebro funciona e você percebe como tem que dizer as coisas, que é super relevante no jornalismo.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.5.2 Valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária

A produção da narrativa jornalística quer seduzir o público, despertar o interesse do outro, prendendo a sua atenção do início ao fim. No processo de torná-la mais atraente possível, uma meta para quem reporta é a valorização da emoção nos relatos de conflitos, evitando pender para o sensacionalismo ou apelar para a dramaticidade. Entretanto, como pontua Amoroso Lima (1990, p. 71), “o estilo comum do jornalismo exige certas condições intrínsecas e rigorosas”.

No tensionamento entre estilos e fazeres, há a procura por alcançar um estilo próprio, com expressão artístico-literária, sem descaracterizar aquele texto do admitido no jornalismo, mas rompendo com modelos narrativos tidos como padrão nas rotinas industriais de produção. Pois, “se o repórter narrador olhar apenas as materialidades dos fatos, correrá o risco de fazer uma ata descritiva, não uma reportagem interpretativa de ações e emoções humanas.” (CHAPARRO, 2019, não paginado).

“A sua capacidade de contar uma boa história”

“Talvez, pra mim, seja a parte mais difícil: como você transmitir essa complexidade pro leitor? [...] a sua capacidade de contar uma boa história, porque, se você tem toda a pesquisa feita, mas não consegue transmitir aquilo... Vários estudos mostram como a nossa mente recebe e consegue compreender melhor quando a história é contada cronologicamente. Em Columbia, era quase uma obrigação: toda história tem que ser cronológica [...] a forma de apresentar. [...] sempre há motivos pra fazer de outras formas, mas funciona. Toda história tem começo, meio e fim.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Temia que jornalistas acabassem fazendo literatices”

“Fui chamando a atenção dentro do jornal, porque poucos trabalhavam o texto, justamente pela escola da linguagem de manual de redação da Folha. Poucos faziam isso, porque eram mais velhos ou inconformados com aquela linguagem tão burocrática e relatorial. [...] O Otávio Frias [diretor de redação] não gostava. Achava que a chance de o jornal passar vergonha era alta, se começasse a querer soltar o texto, romantizar, romancear. Ele tinha certa resistência porque temia que jornalistas acabassem fazendo ‘literatices’ ou pusessem o impressionismo acima dos fatos. [...] Mesmo nessa linguagem mais técnica, eu procurava ter algum estilo [...] Evitava a repetição de palavras [...] Isso tudo, no fim das contas, acabou me ajudando, apesar de ser absolutamente enlouquecedor.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Tem que usar com criatividade os seus limites”

“É uma coisa artesanal, sim, mas seguida pelos velhos românticos, da literatura ou da reportagem. [...]. As grandes coisas que eles mostram é que a realidade supera anos luz a ficção. [...] Tem que usar com criatividade os seus limites. A gente tende a gostar de uma história densa. Sabendo que a natureza da televisão é fugaz. [...]. Tem que ser bem roteirizado. Muitos pontos emocionantes. [...] Se a história for bem contada, com a complexidade que

sempre ela tem, se torna algo universal. [...] Isso tem a ver também com a produção literária, né? [...] Você vai contar essa história de que maneira? E aí entra muito o lado estético [...] tornar atraente aquela história que a gente vai contar. Porque, senão, a gente não conquista a atenção das pessoas. É como se fosse fazer um longa, em cinema. Claro, mas com a camisa de força da realidade.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Fazer dele uma coisa única e fluida”

“Uma reportagem nada mais é do que uma história. Eu estou contando a mesma história que meu antepassado contou ao redor de uma fogueira, só que através do papel. O jornalismo, para mim, é a arte de tornar paredes invisíveis. É levar os olhos e ouvidos do leitor e da leitora para lugares que ele ou ela não alcançariam. É mostrar o máximo possível do mundo. De novo, contar as histórias que estão por aí. [...] O processo de escrita, para mim, é o menos claro de todos. Enquanto eu apuro, já vou escrevendo pedaços do texto. Depois que terminei toda a investigação, só me resta juntar esses cacos de texto que já estão escritos, e fazer dele uma coisa única e fluida” (Chico Felitti, em entrevista à autora).

“É um texto cheio de emoção, sim, por que não?”

“Eu já ouvi muito de várias pessoas, até dos meus chefes: ‘ah! A matéria grande o leitor não lê.’ Mentira! Matéria ruim o leitor não lê. Porque se a matéria for boa, ele vai até a última linha e vai parar no ponto final. E amanhã ele vai querer ler de novo a suíte. O dossiê Santa Casa, minha primeira grande investigação, teve (fico até arrepiada!), cinco páginas de jornal, num dia de semana, terça-feira, 3 de fevereiro de 2000, nunca vou esquecer! [...] O jornal esgotou nas bancas às 10h. [...] Como é uma matéria boa? [...] É uma linguagem diferenciada, é a surpresa, não ser um texto quadrado, enjoado. É um um texto cheio de emoção, sim, por que não? [...] não adianta ter boa apuração e não ter um texto sedutor. [...] Você tem que ter essa preocupação com a estética também. É difícil porque tem que ser fiel à realidade dos fatos [...], mas tem que ter essa sedução, essa estética, é difícil, você casar tudo isso.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Emoção também é informação”

“Várias vezes, eu fui escrever sem olhar direito pro que eu tinha apurado. E aí, depois que eu escrevo esse primeiro texto, assim meio grosseirão, eu olho [para a foto], para o que eu escrevi, porque eu tinha anotado, e vai batendo um pouco. Porque eu gosto da impressão, também, gosto de escrever o que está em mim. E depois eu vou olhar [anotações/imagens]. Eu odeio

escutar as entrevistas depois, mas eu sei que é extremamente necessário. [...] Acho que a fotografia é algo importante, bem importante pra mim. E essa primeira escrita sem acessar as anotações. E eu volto para as anotações depois.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).
“Ao lado das exigências técnicas e vitais que formam o lastro do jornalismo, não podemos perder de perspectiva: emoção também é informação.” (Fabiana Moraes em MORAES, 2015, p. 27).

“Ficou com emoção, com vida, porque é uma história de vida mesmo”

“A reportagem [sobre Tiago Silva, publicada na Agência Pública] só foi bem-sucedida, porque eu trouxe o Edson Rosa para dentro desse processo. Ela não ficou fria. Ficou com emoção, com vida, porque é uma história de vida mesmo. É uma longa história de vida! Eu acredito que a gente só conseguiu colocar essa história de vida e trazer esse impacto para o papel por esse processo.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Uma reportagem não vai ser, se não tiver emoção”

“Se você faz uma peça técnica, que não tenha emoção, que não tenha valor humano, ela perde, como Jornalismo, a sua essência. Pode ser um relatório de fábrica, um relatório de fim de ano de uma empresa, mas uma reportagem não vai ser, se não tiver emoção, se não tiver esse lado humano. [...] na reportagem, seja qual for o assunto, no fundo, o espetáculo é o homem. Não existe nada melhor que o homem.” (José Hamilton Ribeiro em Ribeiro, 2008, p. 55). *“A matéria-prima básica é a notícia, né? Vem depois a reportagem, que é a notícia com o contexto. Vem depois, a grande reportagem, que é a notícia com o contexto e uma ambição literária, vamos dizer assim, é uma peça de boa leitura.”* (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“As estratégias narrativas dependem muito das histórias”

“Cada cobertura requer uma reflexão própria para o tipo de texto que vai ser apresentado [...] Mesmo nas minhas reportagens mais longas, que demandam mais tempo de pesquisa de campo, eu dedico para o processo de escrita tanto ou mais tempo do que o de produção. Porque eu acho que a escrita, o texto, numa reportagem é essencial. Não só pra reportagem escrita. Mas também pra rádio e televisão, para organização das ideias. [...] As estratégias narrativas dependem muito também das histórias que vão ser contadas. Por exemplo, fiquei cinco anos acompanhando a história de um personagem, o Alceu. Reportagem publicada na Gazeta do Povo, intitulada ‘Quando viver é um ato de rebeldia’. [...] Nesse caso, coube melhor, na minha avaliação, um texto mais literário” (Mauri König, em entrevista à autora).

“O texto tem que segurar”

“Por melhor que seja a história, por mais confiável a fonte, mesmo com uma baita apuração, o texto tem que segurar. Escrever é o nome do jogo.” (Renan Antunes de Oliveira, em OLIVEIRA, 2019, p. 314). *“Será que eu consigo ser ‘gripping’ o suficiente pra manter um leitor? A modéstia me impede de dizer que na matéria do Felipe Klein, eu consegui esse mix fundamental... porque não basta tu apurar bem uma história. Tu tem que contar bem a história. Contar bem o texto. O texto tem que segurar. [...] Trabalha em jornalismo quem precisa ou quem tem talento. Você precisa ou você tem talento [...], senta e as palavras fluem facilmente.”* (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.5.3 Foco na clareza e na exatidão das palavras

A reportagem em profundidade quer ser atraente, chamando a atenção de públicos heterogêneos, e ser compreendida pelo seu destinatário. Para isso, mesmo em assuntos complexos, a articulação das ideias que dão sentido ao conteúdo enunciado, deixando-o acessível a diferentes níveis de compreensão, torna a clareza uma característica essencial. É por isso que pesquisadores do texto jornalístico a defendem como mais importante qualidade da redação (LAGE, 2005; CHAPARRO, 2019). Entre a norma culta e a língua coloquial, o texto no jornalismo tem como princípio uma linguagem acessível, sem ambiguidade, para evitar possíveis erros de interpretação e garantir a interlocução. Recomendações como a escolha pela simplicidade das palavras e pelos termos mais adequados, além do uso da voz direta estão entre as mais comuns, fazendo da habilidade de tornar compreensível a mensagem uma aptidão técnica e intelectual.

“As palavras têm o poder de aumentar ou diminuir tensões sociais”

“É fundamental ter cuidado com palavras e expressões, especialmente com adjetivos que podem implicitamente trazer preconceitos [...] A forma de falar é especialmente significativa ao se fazer uma reflexão sobre diversidade [...] Todo cuidado com estereótipos é pouco. As palavras têm o poder de aumentar ou diminuir tensões sociais e étnicas, mesmo que essa não seja a sua intenção. [...] É perigoso utilizar expressões que muitas vezes caem no senso comum.” (Adriana Carranca em CARRANCA, 2008, p. 315).

“Qualquer pessoa que pegar meu texto tem que conseguir ler”

“Uma coisa que eu aprendi com Serjão [Sérgio de Souza, cofundador da revista Caros Amigos] e levo para a minha vida inteira é: qualquer pessoa que pegar o meu texto tem que conseguir ler. Entender o que eu quero dizer com isso. Ele tem que ser claro, usar palavras comuns e usuais da língua, não um monte de palavra rebuscada e construções mirabolantes. Quanto mais simples o texto for, mais limpo... e esse é um cuidado que eu tomo sempre. Eu leio minha matéria pensando que quem pegar, tem que conseguir ler. Meu filho tem que conseguir ler, a minha vó tem que conseguir ler! É isso: escrever de maneira simples, limpa, com palavras que a gente usa. Sem rebuscar o pensamento, sem rebuscar demais as ideias.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Eu tinha uma obsessão com a ideia da clareza”

“Escrever demora. Eu não escrevo rápido. Hoje eu já não consigo escrever muitas horas por dia. [...] Eu nunca passo para o parágrafo seguinte se eu acho que o anterior não está resolvido. Quando eu termino o texto, eu termino mesmo; eu não volto mais. Eu posso ir de novo, mas aí já é para fazer carpintaria. [...] Eu escrevia textos e lia para a empregada doméstica da minha mãe. Eu sentava e falava: ‘Vem aqui! Eu vou ler para você a matéria da Revista Saúde’. Eu também lia para a minha mãe, que não era leitora. [...] Eu tinha uma obsessão com a ideia da clareza. Eu precisava ser muito claro, para qualquer pessoa entender. Por isso, eu lia para a empregada ou para a minha mãe, que não eram pessoas que liam nem estavam acostumadas a ler. Eu fazia isso literalmente, na faculdade.” (Armando Antenore, entrevista à autora).

“A técnica é basicamente centrada na valorização do verbo e não do adjetivo”

“A técnica é basicamente centrada na procura e na valorização do verbo, e não do adjetivo na fala das pessoas. Então, se alguém me diz que o Juliano é um covarde, o mais importante é descobrir uma ação do Juliano com que eu possa provar que ele é realmente um covarde, sem precisar dizer que ele é um covarde.” (BARCELLOS, 2003, p. 16).

“A forma como você escreve ajuda a estigmatizar ou a combater o estigma”

“Nós não dominamos todos os assuntos, né? Então, às vezes numa matéria, você vai falar de alguma coisa, se você não der o nome correto, você detona toda a reportagem. Quem me chamou atenção pra isso, lá na década de 1990 foi um entrevistado quando eu disse pra ele: ‘por que o menor...’ E ele disse: ‘nunca use a palavra menor, é uma palavra estigmatizada, ele não é o menor, ele é o adolescente em conflito com a lei, é o autor de ato infracional.’ A forma

como você escreve ajuda a estigmatizar ou a combater o estigma. [...] Pra mim é importante descrever. As pessoas precisam ver o que você tá vendo. [...], aprendi fazendo. [...] Eu preciso saber, preciso ver foto, também. A imagem sempre tá presente no meu trabalho, porque é uma coisa que eu preciso [...] é importante, porque dá veracidade” (Daniela Arbex, entrevista à autora).

“É você entender o assunto suficiente para escrever sobre ele com clareza”

“Para escrever sobre um assunto tem que entender sobre ele. Se você não entendeu direito o assunto, imagine o seu leitor, como vai ficar. Se você não entendeu, vai explaná-lo de maneira relativa, reduzida e sem a clareza, e, sobretudo sem a segurança da informação sobre a qual escreve. Você escreve inseguro, o texto vai mostrar isso. Diante de um texto desse, o leitor lê até certo ponto e depois para. Pensando assim: ‘eu não vou entender nunca isso’. Na verdade, não é ele que é ruim para entender. Foi o mensageiro que explicou mal. [...] é você entender o assunto suficiente para escrever sobre ele com clareza, de modo que a pessoa que vai ler, e que possivelmente não entenda também deste assunto, seja capaz de entendê-lo.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Você percebe o significado só quando escrever”

“O jeito que você vai escrever, concretiza a coisa. Esse momento é muito importante porque... o jeito como você escreve as coisas, o jeito que a frase fica no final, é muito forte [...] você percebe o significado, só quando escreve. [...] Às vezes, as matérias são muito do processo, mas também acho que eu largo e só chego nas grandes conclusões depois que já passou a série inteira. Isso porque não era o melhor jeito de dizer aquelas coisas. No [caso] [...] de São Gabriel da Cachoeira, eu tava com a matéria metade escrita, no meio dela, percebi: ‘putz, essa história do diabo tem a ver com o tanto que eles falavam de diabo quando eram crianças!’ Eu falei, ‘caramba’, aí que veio o nome! [São Gabriel e seus demônios] [...] Quando a coisa se materializa em termos de texto, você repara partes essenciais da história.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.5.4 Controle do auto protagonismo e ênfase nas personagens

Os manuais de redação contribuíram para a uniformização de um estilo textual, um modo próprio concebido como narrativa jornalística, sobretudo a partir dos anos 1950 no Brasil, com o estabelecimento de normas e convenções. Entre as orientações estilísticas encontradas

nessas obras, sobressai a indicação da escolha pela narração impessoal, em terceira pessoa, quase como ‘criação anônima’. Na reportagem em profundidade, há condições do jornalista exercitar a expansão da criatividade, com uma narrativa autoral, e a humanização de personagens, acatando sua mediação como repórter e buscando no texto uma construção social de sentidos (MEDINA, 2003). Assumir as subjetividades no texto jornalístico pode representar avanços, contrapondo um estilo padronizado, mas, dependendo do modo como se apresenta, esse protagonismo também corre o risco de criar uma aura heroica do repórter - portanto, problemática.

“Era uma sensação muito esquisita me colocar numa reportagem”

“Não tem muito essa tradição aqui no Brasil. No ‘Malala’, um livro-reportagem infantil, quem me pediu pra fazer isso foi a editora, e eu resisti muito porque eu nem sabia escrever em primeira pessoa, achava a coisa mais esquisita do mundo. É a primeira vez que eu pus ‘eu’ numa reportagem, não existia a palavra ‘eu’ em nenhuma reportagem. Nunca... Era uma sensação muito esquisita me colocar numa reportagem, mas era um livro pra crianças... e acho que, nesses casos, também, de grandes reportagens, o olhar do repórter é parte da história, a experiência do repórter, porque você foi atrás daquela história, vira uma parte também dessa grande história complexa.” (Adriana Carranca, em entrevista à autora).

“Tem que tomar cuidado com o ego de repórter também”

“A matéria sobre a violência obstétrica [que narra ter sido vítima], eu não ia me expor. Até porque eu não sabia que tinha passado por violência obstétrica quando fui fazer a matéria. Foi uma coisa que eu descobri durante. Justamente por isso eu achei que era importante contar. Eu pensei muito, foram longas noites em claro pensando se eu deveria fazer isso, porque foi uma exposição muito difícil. Mas eu achei que isso traria uma honestidade [...]. Pode ser que sua amiga também esteja passando por isso e não saiba [...] tem que tomar cuidado com o ego de repórter também. Não é sempre que é preciso escrever em primeira pessoa. É muito gostoso, é muito legal. Mas nem sempre é necessário. Eu acho que o limite é você pensar se aquilo é essencial para a matéria.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Nunca é sobre o repórter, nunca é sobre o autor”

“No fim das contas, para mim, o jornalismo, a reportagem, é sempre sobre o Outro. Nunca é sobre o repórter, nunca é sobre o autor. Quando é sobre o autor, já não é mais propriamente uma reportagem, né?! Então, se a reportagem é sempre sobre o Outro, é sempre sobre a

alteridade. Eu tenho que usar todas as ferramentas possíveis para compreender, da melhor maneira possível, o Outro.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Tem situações em que a única testemunha é você”

“O protagonismo do repórter é zero! Bom, as regras existem também para não serem cumpridas com rigor absoluto. Às vezes, sim, é um protagonismo quase total: Você está numa guerra, por exemplo, viu algo e a câmera está em você [...] Eu acho ruim quando o repórter provoca. Perde o pé, aí vai ser a glória. Mas aí aconteceu, aí é protagonista. Mesmo que não seja assim, vou ser vítima, mas o testemunha. Tem situações em que a única testemunha é você. Digamos, vou imaginar uma cena, já que tem tanto isso no Brasil, um massacre, uma chacina. De 15, no escuro. Não tem nenhuma testemunha. A única testemunha é você. Não tem como. Você tem que dizer isso. ‘Eu vi, eu estava com câmera.’” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Tem que tomar um cuidado pra gente não virar notícia”

“Eu me coloquei em alguns momentos [na escrita do Cova 312], o que não é muito bom, tem que tomar um cuidado pra gente não virar a notícia, porque a gente não é. Eu tomei cuidado em me colocar em algumas situações, que eu achei necessárias para explicar o processo. Foi essa a minha intenção, ao me colocar na história. Mas, em geral, eu não gosto, porque eu acho que você rouba a cena e é um pouco, ai, sei lá... qual a palavra? Meio prepotente, meio arrogante, você se colocar na história do outro. E a gente não pode ocupar esse papel. A gente tem que se deixar habitar pelo outro. Enfim, mas nesse caso, eu achei necessário pra explicar todos os [...] caminhos eu percorri [...] ver quais caminhos por onde eu fui, eu não escondi nada.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Quando essa presença está alinhavando a própria história, não vejo problema”

“Existem reportagens que a jornalista/o jornalista são tão centrais, no sentido da própria narrativa da história! O desenvolvimento depende dessa presença [...] Inclusive, eu acho, que nos aspectos do que eu chamo da perspectiva subjetiva, a presença do repórter pode ser naturalmente acusada. Por outro lado, isso precisa ser feito a partir de uma demanda. Na própria pauta, das questões que se impõem. Não é um chamado natural todas as vezes. [...] A partir do momento em que ela solapa a própria visibilidade de grupos, pessoas que deviam estar sendo narrados. E não servindo de uma certa escada pra que esse ou essa repórter sejam elevados ao status de super-herói, super-heroína. Aí é um problema. Mas, quando essa

presença está alinhavando a própria história, eu não vejo um problema.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Quando não é natural, ela soa *fake*”

“Eu acho que um repórter tem que ser personagem da sua história, quando, por algum acaso, ele participa daquela história, de parte natural dela, como se fosse natural é um órgão do organismo. Quando é natural, a reportagem corre bem. Quando não é natural, ela soa ‘fake’.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“O personagem tem múltiplas funções”

“O personagem tem múltiplas funções dentro do texto jornalístico. Ele é capaz de provar para o leitor que nós estamos tratando de pessoas, assim como ele. Com isso, o leitor consegue se identificar com a história que estamos retratando.” (Mauri König em KÖNIG, 2012, p. 375).

“É muito raro o repórter ter que aparecer”

“Aquela minha primeira - que ganhou um prêmio - que se chamava ‘O Trabalho e Os Dias’... essa foi uma reportagem de imersão. Então, não tinha como eu não estar lá. Mas eu acho que o papel do repórter é tão pequeno, né? É muito raro o repórter ter que aparecer, há não ser que..., sabe? Às vezes você participou de uma coisa e tal, mas, geralmente... Inclusive, acho que nem em primeira pessoa, eu tiro, eu corto. Tem muito repórter que vem com a história e eu corto. ‘E daí, cara? Você não tava lá? Você não tá escrevendo? Escreve as coisas como elas são, não precisa falar: ‘eu vi uma lâmpada’, fala como era a lâmpada, entendeu? [...] Eu vejo o repórter como autor. Mas a subjetividade do repórter... o texto já é subjetividade. Você não precisa ficar reafirmando isso, há não ser quando faz sentido.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.5.5 Refinamento e revisão

A reavaliação do material apurado antes de sua veiculação permite o preenchimento de possíveis equívocos, lacunas e vazios de informação no processo de produção. Nesta etapa, também ganham espaço a revisão e o aprimoramento do texto, evitando repetições e tornando a narrativa mais fluida e dinâmica. Alguns dos repórteres especiais desenvolveram o hábito de compartilhar as narrativas jornalísticas construídas com as suas personagens antes de sua divulgação. Embora esse não seja um procedimento adotado por todos os jornalistas ouvidos,

chama a atenção o cultivo da prática por vários deles, como uma maneira de evitar possíveis equívocos de interpretação e erros de informação. Tratar sobre o método desenvolvido por jornalistas nas suas rotinas profissionais se faz tão necessário porque é também identificar essas sutilezas e conhecimentos empíricos, aperfeiçoados pela experiência e não sistematizados.

“Li muitas coisas para ela antes de publicar”

“Quando termino, vou fazer uma, duas leituras, que eu chamo de carpintaria. Eu vou fazer uma pesquisa para ver repetição de palavras [...] No caso da moradora de rua⁹⁰, eu li muitas coisas para ela antes de publicar. [...] Só para quem pede ou para quem eu sinto que é importante. Eu não tenho o menor pudor em fazer isso. É diferente se for uma matéria de investigação. Mas isso aí é a vida da pessoa, então é um trabalho em conjunto. Eu não posso trair a mim, não posso trair a ela e não posso trair ao leitor. Precisa ser um diálogo. Sim, eu leio; mudo, quando a pessoa não se sente à vontade com algumas coisas. Porque eu não reproduzo a fala literal da pessoa; eu construo a fala. Acredito que a linguagem escrita é própria e não tem nada a ver com a linguagem falada. [...] O jornalismo ajuda também, nesse sentido, porque você faz junto com a pessoa.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“Acho que seus amigos, no fim, são os melhores editores”

“Detesto revisar. Mas tive a sorte de me cercar de gente muito boa pra ler e opinar nas coisas mais importantes. Quando eu ainda trabalhava na ‘Folha’, eu e dois amigos, o Diogo Bercito e a Anna Virginia Balloussier, começamos a nos mandar os textos mais perigosos, por assim dizer, e um opinava no do outro. Ainda mantemos esse hábito. Por uns anos tive também um grupo de escrita de ficção com uns amigos [...]. A gente se encontrava uma vez por semana e criticava o texto de uma pessoa. Deu tão certo que todo mundo foi publicando. Acho que seus amigos, no fim, são os melhores editores do mundo.” (FELITTI, 2019)

“Eu vou ler pra você pra ver se tem erro de informação”

“No Holocausto, eu fiz isso, li para os personagens principais, não para os que eu ia denunciar... [...] No Cova [312], teve um advogado que eu entrevistei, eu li pra ele, ele disse: ‘Daniela, não tá correto.’ Aí eu tive que mudar, não é porque ele não gostou, é porque eu entendi errado algumas partes. Mas nunca mudei quando a pessoa disse algo sobre o estilo. Isso eu nunca permiti. Eu sempre deixei muito claro: ‘eu vou ler pra você, pra ver se tem erro

⁹⁰ O repórter se refere à protagonista do texto A Vizinha, reportagem escrita por ele e publicada na Revista piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-vizinha/>

de informação' [...] Eu sempre fiz isso, desde o meu primeiro livro [...] eu fui aprendendo a buscar a forma correta de me referir a determinados assuntos, isso faz toda a diferença." (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Eu colocava num modo onde só eu podia ver os textos”

“Tinha vários modos de colocar os textos [no sistema interno da redação], eu colocava num modo onde só eu podia ver os textos. Porque é o que eu falo, são as técnicas... são as sensibilidades hackers também, que têm que existir. Para que, enfim, a gente consiga gerar alguma fissura dentro desses discursos.” (Fabiana Moraes, em entrevista à autora).

“Normalmente, eu tiro muita coisa na edição”

“Normalmente, eu mantenho todas as informações no texto até conseguir recheicar e confirmar todas as informações da apuração. O que não pode ser checado ou confirmado por qualquer outro meio (assessorias, Justiça, documentos de provas, entre outros) eu risco do texto, mesmo na última hora. [...] Quando eu faço a leitura final do texto, normalmente, eu tiro muita coisa na edição. Eu vou cortando [...] Eu particularmente nunca mostrei [o texto para as fontes] e não sou muito inclinado a fazer isso. O que faço, muitas vezes, é tirar uma ou outra dúvida pontual quando necessário. Muita gente pede pra ver antes, e sempre tento ser educado para dizer que não.” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“Se tiver um erro técnico, aquele texto fica imprestável”

“Sempre fez parte da minha rotina de repórter, a vida toda, dar oportunidade para que minha fonte fizesse uma leitura prévia do que eu tinha escrito” (José Hamilton Ribeiro em RIBEIRO, 2012, p. 285). *“Essa é uma prática que eu sempre cultivei, porque é uma forma mais econômica, vamos dizer assim, de você evitar escrever uma bobagem. Um erro muito grosseiro, sabe? Então, se você entrevista um físico, entende mal o que ele falou e você transcreve do jeito que você entendeu, pode escorregar num terreno pantanoso. Cometer um erro técnico [...] Você faz um texto, capricha, mas se ele tiver um erro técnico, muito grave, aquele texto fica imprestável. [...] Quando você cita uma pessoa, você a responsabiliza com seu texto. Você tem que dar a leitura para ela. Isso não quer dizer absolutamente que a pessoa tenha o direito de mexer no seu texto [...] Isto não!”* (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Um editor faz os comentários de coisas que precisam ser melhoradas”

“Bom, aí eu termino, dou uma checada e um editor edita e faz comentários de coisas que precisam ser melhoradas.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

6.5.6 Aprendizado com as críticas

As críticas de colegas jornalistas e do público em geral, quando mediadas por um processo de reflexão sobre o seu significado, tendem a levar a um aprendizado peculiar. Assim, cada profissional procura na extração de significados positivos a consciência crítica para o desenvolvimento da capacidade de lidar com os próprios erros e experiências futuras em novas circunstâncias. Nas Teorias do Jornalismo, Pena (2013, p. 169) pondera sobre isso com a seguinte recomendação: “Sempre faça uma autocrítica antes e depois da reportagem. Questione sua interpretação dos fatos, seus conceitos preconcebidos, seus estereótipos, suas limitações.” Como estratégia, o autor argumenta a atualização do capital intelectual e emocional. Em todo o processo de produção – mas, principalmente, na etapa de construção da narrativa, por antecipar a divulgação -, a crítica de colegas pode enriquecer o trabalho com novos olhares e ângulos, até então ignorados.

“Quando você traz contradições a respeito de um assunto, você não agrada ninguém”

“A reportagem precisa só jogar luz sobre. Inclusive, sobre contradições de um assunto, o que é bem difícil de fazer. Parece bobo, mas não é. Porque quando você traz contradições a respeito de um assunto você não agrada todo mundo. Na verdade, você não agrada ninguém. Então, é bem complexo. Isso é bem difícil de fazer enquanto repórter. E eu acho que faz parte de uma boa reportagem... aprofundar o olhar, esperar ela amadurecer, ter paciência, ser insistente. Tem que insistir em um assunto, insistir, insistir, até você achar o rumo daquilo. A reportagem precisa disso. Precisa de tempo, paciência.” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“O que tinha que aguentar era piada: ‘atrasador de jornal’”

“A maior dificuldade que eu tive e tenho até hoje sou eu mesmo. É sempre muito difícil e sofrido. Tinha muito trabalho também. Tinha muito trabalho! Eu demorava muito! O que tinha que aguentar era piada: ‘atrasador de jornal’ ou ‘o texto dele vai demorar’. Era uma coisa obsessiva. Eu não largava enquanto eu não achava que estava razoável e acompanhava até o fim. Se o redator fosse olhar, [...] eu brigava pela autoria. Sempre! [...] Eu sou muito metódico, muito obsessivo, muito detalhista, com o texto, muito, muito, muito, de tal maneira que hoje eu

sinto um certo cansaço, porque é muito trabalhoso, muito trabalhoso. [...] Todo esse processo leva horas, mas o processo de escrita, que para mim, é o mais difícil, é uma energia concentrada.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“A gente é exigente com a gente mesmo”

“O processo de escrever, embora seja fascinante, é sofrido, é solitário, introspectivo. Você fica lá mergulhado com você próprio todo o tempo, viajando com seus personagens [...] Às vezes você tá emperrado, não avança, você desiste. ‘Putá, eu tô uma merda, tenho que desistir dessa porra de escrever. Isso é coisa pra outro tipo de profissional, que naturalmente senta e já vai embora’. Tudo pra mim é complicado, é na exaustão. Aí eu vou dormir, e quando eu tô lá sonhando vem a solução. Aí no dia seguinte, se acomoda, escreve e vai embora.” (Caco Barcellos em BARCELLOS, 2003, p. 16) *“A gente [no Profissão Repórter] tá discutindo sempre, todo o tempo, a gente não tem reunião, mas tá sempre em reunião. Isso é essencial, e, sobretudo, a gente é exigente com a gente mesmo.”* (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“Foi ótima essa crítica porque me ensinou”

“Tem um crítico que se chama Luiz Carlos Merten, que trabalha no Estadão. E é superácido. [...] Quando eu escrevi o Cova [312], ele foi superelogioso, mas criticou, achou que eu ficcionalizei demais algumas passagens. E foi ótima essa crítica, porque ele me ensinou. Embora eu ache que não tenha sido demais, são alguns momentos. Mas me ensinou que a gente tem que tomar cuidado, porque a ficcionalização pode tirar a credibilidade, mesmo que você queira só ambientar. Então, eu tomei muito cuidado pra não fazer isso, em nenhum momento no ‘Todo o dia, a mesma noite’. [...] entendi que eu precisava tomar cuidado. Porque quando você quer ficcionalizar, escreve ficção. E foi muito legal esse toque dele, essa crítica, porque me ajudou a pensar e não colocar em xeque a qualidade do meu trabalho. Por causa de coisas pequenas.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Você precisa fazer uma crítica do trabalho”

“Chega um momento da reportagem que você precisa fazer uma crítica do trabalho para ver o caminho que você está seguindo. É muito desejável a crítica de outras pessoas, interessadas e bem intencionadas [...], ela é sempre bem vinda e necessária. É aquela história: o repórter não é um lobo solitário. É, se ele for deixado muito solto, ele pode fazer bobagem, então é possível que tenha um sistema de crítica sobre o seu trabalho, dentro da formulação

corporativa que for possível, mas tem que ter gente que olhe e diga, ‘olha não é por ai, isto não tá claro, sabe?’ (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Pedi muitas opiniões, ou ajuda mesmo, de colegas”

“Eu já pedi muitas vezes opiniões ou ajuda mesmo, de colegas jornalistas sobre a percepção deles de como seria a melhor maneira de construir aquela história, fazia uma espécie de ‘brainstorm’, em que eu lançava todo o volume e os tipos de informações que eu tinha, e ouvia opiniões, sobre qual seria a melhor forma de contar aquela história para que as pessoas pudessem entender. Se era de uma maneira mais objetiva, se era de uma forma mais subjetiva, com jornalismo literário, ou com a estrutura tradicional do lead.” (Mauri König, em entrevista à autora).

“Gosto de ter alguém me apontando os problemas do texto”

“Eu gosto de ter uma editora, quando escrevo, eu tenho um ciúme do meu texto, eu não gosto que mexam muito no meu texto. Mas eu gosto de ter alguém me apontando os problemas do texto. Então, quando eu termino, eu gosto que alguém leia, e aponte isso. A Marina [Amaral] fez isso na [a reportagem sobre] São Gabriel da Cachoeira. Outra foi a [Andrea] Dip, que fez na matéria dos militares, é superbom. Mas, antes disso, eu mesma, já faço. Esse é um processo anterior, porque é isso, às vezes que você tá ali e fala assim: ‘poxa, isso aqui é muito importante!’ [...] só quando você tá olhando, escrevendo e concretizando a coisa, você se dá conta.” (Natalia Viana, em entrevista à autora).

“Tive que vencer um inimigo dentro de mim mesmo”

“Quando decidi contar estas histórias tive que vencer um inimigo dentro de mim mesmo: o senso crítico” (Renan Antunes de Oliveira em OLIVEIRA, 2019, p. 17). *“Tudo nesse mundo recebe críticas. [...] Isso tu não tem como escapar. Sempre terá alguém... [...] Imagina, se alguém não vai ser criticado? E tem que saber conviver com a crítica. Primeiro: você tem que saber ser criticado. Na profissão que você escreve, tem que aguentar a crítica. Porque senão, está liquidado.”* (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.5.7 Cuidado na edição final e reivindicação pela autoria

A última etapa do processo de produção jornalística da reportagem em profundidade se concentra no trabalho de edição, quando a assinatura de quem a concebeu se caracteriza como

marca. Assumir o caráter autoral da reportagem não significa apenas reconhecer a presença do repórter no processo, mas também admitir um estilo próprio, deixando marcas de subjetividade (CHRISTOFOLETTI, 2004; MEDINA, 2003). Diferentemente da produção literária, onde a liberdade de criação não encontra barreiras, o texto no jornalismo condiciona-se por limitações, normas e regras estabelecidas pelo próprio campo profissional, como definidoras de uma reportagem. Ao imprimir a autoria, o jornalista demarca graus de autonomia, numa área que se ergue como negócio, sendo objeto de propriedade empresarial, embora encontre legitimação como bem público, pelo interesse envolvido.

“Nunca mudou meu texto e publicou”

“A Marina [Amaral], por exemplo, é quem mais edita minhas matérias, mas nunca mudou meu texto e publicou. E eu nunca vou fazer isso também como editora. Eu vou sugerir [...] Já aconteceu de eu trabalhar em outros lugares como repórter que eu não quis assinar a matéria, porque, no final, ela estava tão desconfigurada com tantas coisas embutidas que não eram as coisas que eu vi: ‘então não vou assinar’. Não é minha matéria. [...] A gente não tem problema com textos longos [na Agência Pública], as pessoas costumam ler. Quem são essas pessoas? Se são todas as pessoas? Eu não sei, mas eu acho que a gente não deveria parar de fazer reportagem por conta disso. A gente tem que lutar pela educação, para que as pessoas tenham o costume de ler. Não parar de fazer reportagem porque as pessoas não vão ler!” (Andrea Dip, em entrevista à autora).

“Eu sempre quis ter uma marca autoral, para fazer sentido para mim”

“Eu sempre quis ser autoral no jornalismo. Até hoje eu não entendo por que vários jornalistas não se importam com o texto. Para eles, o que importa é a informação. Você pode mexer no que for. Às vezes, você reescreve o texto, ele assina e fica tudo bem mesmo. Eu, não! Eu sempre quis ser o autor. [...] Eu sempre quis ter uma marca autoral, para fazer sentido para mim - talvez por vaidade também. À medida que a vaidade vai diminuindo, esse desejo também diminui. É curioso! Já não é mais tão importante como foi. [...] A gente é mais um e não quer ser. Você é mais um e vai morrer. Você começa a vida tendo a ilusão de que você vai ser diferente, mas não vai. O destino é igual para todos. [...] Ninguém é absolutamente único, mas todo mundo é único. Então, eu já não tenho mais isso. Mas tinha, eu queria me diferenciar.” (Armando Antenore, em entrevista à autora).

“É muito detalhe de edição, para não perder a audiência por um segundo”

“A gente se mata aqui trabalhando, cada segundo é muita apuração, é muito detalhe de edição, para não perder a audiência por um segundo. E, de repente, vejo que o cara tá falando ali, paro e vejo que o cara tá vendendo salame num programa de entretenimento. E as pessoas ficam lá, assistindo. Eu não entendo isso. E dá audiência grande, às vezes. [...] Me espanta isso. Até a audiência. Uma passividade ali. As pessoas querem ver. Eu não consigo entender isso. [...] O nosso [programa] é muito mais autoral, porque você tem o controle de tudo! Você está contando a história que você quer [...] A gente quase exige: ‘Seja criativo. Não tente ir pelo caminho do Caio ou da Jana, porque é o caminho deles. A gente quer o seu caminho’ [...] Mas é isso o que eu acho importante: você está contando a sua versão, que você quer, e acha relevante e não a que o Caio ou não sei quem mandou.” (Caco Barcellos, em entrevista à autora).

“A gente já faz uma reportagem pré-editada”

“Hoje, como ‘free-lancer’, a gente já faz uma reportagem pré-editada, porque sabe que é isso o que eles procuram. Eles não querem que você entregue um texto que eles vão precisar arredondar e vão ficar me devolvendo o tempo todo, senão o processo se torna um pouco lento, principalmente porque não existe mais, hoje, na minha troca com os veículos onde publico, esse ambiente de redação” (Fábio Bispo, em entrevista à autora).

“O título equivocado derruba uma matéria”

“Eu só saía do jornal quando os computadores eram desligados. E eu via como a página estava. Eu nunca entreguei uma matéria e fui embora. Nunca, jamais. Sempre tive esse cuidado. Porque, às vezes, você escreve tudo lindo e o título equivocado derruba uma matéria. Um título errado, uma palavra que você põe aqui, ou às vezes, o editor põe, por uma infelicidade, tira toda a credibilidade da história inteira. Então, tem que estar tudo muito casado, a legenda com a foto, o título, com o texto, os títulos dentro das matérias das revistas. E isso quem sabe é o repórter, quem foi pra rua. [...] O jornalista é um contador de histórias.[...] Quando alguém pega um texto seu e chora, e fala assim: ‘não tá assinado, mas eu tenho certeza que esse texto era seu’. Isso é maravilhoso, né? Você criar uma identidade.” (Daniela Arbex, em entrevista à autora).

“Depende de vários fatores que fogem do controle do repórter”

“Olha, eu tenho muita saudade da imprensa escrita. Porque jornalismo escrito, você é mais dono dele, sabe? É mais autoral. E a televisão é uma criação coletiva sempre, sabe? Então, a reportagem depende do câmera, depende do editor, depende do editor de imagem, depende da trilha musical, depende de vários fatores que fogem do controle do repórter.” (José Hamilton Ribeiro, em entrevista à autora).

“Não vem mudar a essência do que eu escrevi”

“Podem mudar o estilo, mas não vem mudar a essência do que eu escrevi. As pessoas aceitam o inaceitável. Eu não aceitava. E o fato de eu fazer isso dentro da ‘Veja’, eu fui me marginalizando...” (Renan Antunes de Oliveira, em entrevista à autora).

6.5.8 Análises dos depoimentos sobre texto e edição, ou saber de narração

A capacidade de contar histórias de maneira envolvente, articulando ideias com coerência e escolhendo as palavras, recursos e estratégias mais adequadas entre os modos possíveis oferecidos pelo narrar, integra uma última etapa do método da reportagem. Mas, nem por isso, menos importante: saber contar compõe tarefa fundamental, pois a narrativa é o principal produto do trabalho jornalístico: requer, portanto, atenção especial. A planificação e roteiro, com a estruturação do relato, exige uma disciplina específica para garantir a plena potencialidade da reportagem. Considerados modelos para a profissão, repórteres especiais buscam outras formas de narrar o cotidiano, entendidas aqui como ‘de resistência’ (MAROCCO, 2008), pois transgressoras de padrões legitimados pelas rotinas produtivas industriais. Como ocorre com outras competências, o saber narrativo se aprimora com a experiência profissional.

Talvez seja mais comum o perfil de quem prefere fechar toda a apuração para iniciar o processo de escrita (Armando e Caco), embora tenha quem inicie a narrativa e faça paralelamente consultas pontuais e esclarecimentos de pontos nebulosos, quando necessário (Chico, Fábio e Natália). Essa constatação também contribui para reforçar que os processos não seguem necessariamente uma ordem estabelecida e conformada, mas obedecem a etapas imprescindíveis. A preocupação com a qualidade narrativa se impõe, pois dela depende a difusão da informação jornalística, por isso, repórteres chamam a atenção para a necessidade de produzir um texto atraente e com apelo estético. Não levar em consideração a atratividade da apresentação final pode gerar a produção de um relatório, mas não de uma reportagem, como

destacam alguns (Caco, Daniela e José Hamilton). Afinal, se não houver esse cuidado, a produção corre o risco de desinteressar a audiência.

E, sem público, o jornalismo perde a sua capacidade transformadora. Os saberes produzidos pela prática jornalística construíram pilares de qualidade responsáveis por garantir a eficácia social da linguagem jornalística, segundo Chaparro (2019): veracidade, clareza, precisão, concisão, lógica interativa, formas estilísticas eficazes e critérios éticos. Sem a pretensão acadêmica e em tom de brincadeira, mas tentando apreender o fenômeno da qualidade da reportagem, o repórter mais experiente do grupo, José Hamilton Ribeiro (1998, p. 115), criou uma ‘fórmula infalível’: “Grande Reportagem (GR) é igual a um Bom Começo (BC) mais um Bom Final (BF), em cima de Trabalho (T) vezes Talento (T’) elevados à enésima potência. Se alguém tiver dúvida, é só testar.” Acreditando que não teria como fugir disso e que segui-la seria um primeiro passo para uma narrativa jornalística de qualidade, ele expõe a complexidade da questão.

O entendimento do ato de narrar como um desafio imposto ao jornalismo implica em tensionar a atividade sob diferentes aspectos. O centro dessa problematização aponta para questões teóricas e estruturais, além das dimensões estéticas. Tomada historicamente como fenômeno da literatura, a narrativa passa a ser problema para o jornalismo a partir de diversos ângulos e contextos, corroborando percepções empíricas trazidas pelo grupo profissional. Entre os entrevistados, há um desejo por uma marca pessoal, ligada à autoria do texto e também a uma vaidade, que pode diminuir com o tempo (Armando). Antes de se alcançar esse *status*, no entanto, costuma haver um esforço por dominar a estrutura textual padrão - sintetizada como ‘atrofiamento das narrativas jornalísticas’ por Resende (2002, p. 35), pois reduzida à técnica - não sem a busca por imprimir um estilo pessoal (Armando).

Nos discursos de repórteres especiais, as concepções predominantes em torno da profissão reforçam o enquadramento do jornalista como *um contador de histórias da vida real* e, por consequência, da reportagem enquanto *arte de contar histórias*, como evocam as falas de vários deles (Armando, Caco, Chico, Daniela e Renan). Com a expectativa da narração seduzir e encantar, a recorrência à ideia da contação de histórias para definir o próprio fazer se dissemina também nos livros de repórteres. Para Rossi (1990b, p. 10, grifo nosso), por exemplo, a reportagem é paradoxal, por se tratar, ao mesmo tempo, “da mais fácil e da mais difícil maneira de viver a vida. Fácil porque, no fundo, *reportagem é apenas a técnica de contar boas histórias*. [...] Difícil porque o repórter persegue esse ser chamado verdade, quase sempre inatingível ou inexistente.” Ou seja, no jornalismo, não basta contar uma boa história se ela não atender a alguns preceitos.

A dimensão que qualifica o repórter como contador de histórias também está presente na chamada para a temporada 2021 de *Profissão Repórter*, não sem enfatizar o compromisso com a verdade factual, quando Caco Barcellos enfatiza: “Novas histórias serão contadas, vividas, compartilhadas. *Somos contadores de histórias reais*” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2021). A mesma definição - ‘*contadora de histórias reais*’ - abre o livro de Eliane Brum (2014, p. 7), *Meus desacontecimentos*. Muitas vezes, entretanto, essa comparação é feita sem aprofundar o debate, contribuindo para uma simplificação. Focar a narrativa não significa pensar apenas no texto, mas nas múltiplas possibilidades e formatos de se contar aquela história para alcançar o objetivo pretendido. A produção do grupo selecionado exemplifica essa máxima, transitando entre o livro-reportagem, o documentário, a reportagem em diferentes plataformas, inclusive em formato de quadrinhos (Andrea).

Essa pretensão de contar uma história da melhor maneira possível pode levar a uma rejeição pelo furo jornalístico, como resume Caco Barcellos (2018, p. 277): “não me interessa contá-la primeiro, mas contá-la melhor”. A valorização do plano de expressão, incluindo a função poética da linguagem no jornalismo, tem como condicionante o cumprimento de certas premissas na sua função de informar com clareza e de modo acessível. Rumo à meta de tornar o texto encantador ao público, duas das falas comparam as narrativas jornalística e cinematográfica, considerando a necessidade de um roteiro para a reportagem, tal qual ocorre no cinema (Caco e Mauri). Entretanto, uma delas destaca a distinção da ‘camisa de força da realidade’, usando as palavras escolhidas pelo repórter (Caco). A articulação entre ‘a fidelidade dos fatos’ e ‘a estética da narrativa’ também é citada como uma dificuldade do processo de escrita (Daniela).

A planificação e roteiro da estrutura narrativa mobiliza repórteres na busca por um melhor resultado final. Nesse processo, montar um *briefing* ou esquema antes de iniciar a escrita pode ser um recurso preliminar (Armando, Caco, Fábio, Daniela, José Hamilton e Natália), a ponto de que não se consiga iniciar a escrita sem antes saber exatamente o ponto de partida e o fechamento, incluindo a produção de um esqueleto com todos os títulos de cada capítulo, se for livro-reportagem (Daniela). Alinhado a esse pensamento, há quem defenda a necessidade de primeiro pensar e definir estratégias narrativas, de acordo com a situação (Mauri), como se trata de uma narrativa diferenciada. A preocupação com a apresentação se faz presente de diversas formas, inclusive com o cuidado na escolha das imagens que vão compor a edição (Fabiana) ou na criação de recursos visuais e infográficos que suspendem textos desnecessários (Fábio).

No processo de tessitura da produção da narrativa jornalística, unir pontos, relacionar situações, compor uma serialidade, ordenar antecedentes e encaixar sucessões temporais

constituem parte da busca por significações. Como descrevem Bird e Dardenne (1999, p. 271), “os dispositivos narrativos utilizados na redação de notícias são geralmente vistos como formas de organizar a informação de uma maneira clara e efetiva, com o ‘contar de histórias’”. Esse entendimento também se faz presente em Motta (2013), para quem a construção de um roteiro revelaria a intenção pragmática do narrador e o uso de recursos com a finalidade de produzir efeitos, como seduzir e sensibilizar, numa abordagem que privilegia o conflito. Dimensão que fica explícita quando se menciona a presença do antagonista, comum no roteiro clássico, como personagem mais importante na elaboração (Caco).

A construção da narrativa jornalística se mistura entre a técnica e a arte. Diferentes maneiras de relatar se utilizam da narrativa, ainda que com finalidades distintas – como a literatura, o cinema e o jornalismo, citando alguns exemplos – não apenas para fins estéticos, mas como forma de provocar efeitos. Sejam factuais, como textos jornalísticos, relatos, biografias, ou ficcionais, como romances, contos, filmes, as narrativas se estruturam em torno do princípio organizador do contar. Independentemente do suporte, o jornalismo se configura enquanto prática narrativa ao buscar encadeamento, coesão e coerência na produção de sentidos culturais, apelando para estratégias comunicacionais e procurando recompor sequências e reconfigurar acontecimentos. Nesse processo, é ponto consensual entre os profissionais a defesa da apuração intensa para garantir a qualidade da escrita, confirmando a interligação entre as etapas.

Como transmitir uma apuração detalhada ao público, sustentada em elementos da referencialidade, característicos do jornalismo, mas também com a preocupação estética próxima da arte e da literatura, com a estilização do texto? A questão acompanha o trabalho de repórteres especiais no desejo por uma redação que transcenda o factual. Há quem defenda que a melhor maneira seja contar a história de forma cronológica, tomando a narrativa como relato a uma pessoa próxima, tal qual ocorre na oralidade (Adriana). A procura incessante por uma versão com linguagem simples e compreensível motiva o que pode ser denominado pelos repórteres como obsessão (Armando). Tornar a narrativa atraente e entendível a qualquer pessoa faz da clareza uma noção primordial daquilo que se reconhece como qualidade atribuída ao texto jornalístico, priorizando sempre palavras simples e evitando rebuscamentos (Andrea).

Nessa obstinação, vale fazer leituras dos próprios textos para quem não é habituado à prática (Armando), ter como parâmetro de leitor pessoas da própria convivência, do filho à avó (Andrea) e também se colocar na condição de leitora no processo de escrita, procurando sanar possíveis dúvidas (Daniela). Sabendo que a linguagem guarda estruturas de poder e de violência, a escolha das palavras requer cuidado, podendo diminuir ou aumentar tensões

(Adriana), estigmatizar ou combater o estigma (Daniela). O esforço de procurar as palavras mais adequadas e entender o assunto o suficiente para escrever com segurança (José Hamilton) pode levar à ênfase no verbo e não no adjetivo (Caco). Diante da disputa cada vez maior pela atenção das pessoas, o exercício pelo texto mais atraente e não restrito a convenções se torna um desafio sobretudo em tempos de superabundância e concorrência no universo midiático.

A noção de escrita associada a talento também aparece, seja de modo explícito, reforçando que não adianta uma longa apuração se não houver capacidade de torná-la sedutora (Daniela e Renan Antunes de Oliveira) ou implícita, sugerindo a existência de um perfil profissional capaz de escrever de maneira espontânea e sem sacrifícios (Caco). As condições de trabalho nas rotinas industriais representam uma adversidade a mais para a produção textual. Lage (2005, p. 5) pondera sobre a utilização de recursos literários “para revelar aspectos menos visíveis da realidade.” Na sua análise, tais experiências, com escritores consagrados como Norman Mailer “resultaram em perfis magníficos e relatos realmente interessantes e engajados, porém fora da rotina jornalística. Além disso, foram longamente tecidos à custa da pesquisa de fatos e tratamento estilístico do texto, muito além, portanto, da possibilidade da indústria” (LAGE, 2005, p. 5-6).

Ainda assim, essa busca se faz presente, mesmo em rotinas pressionadas pelo tempo. Com a intenção de alcançar uma redação que seja encantadora ao público, repórteres utilizam diferentes técnicas. A consulta a fotografias constitui um dos recursos usados não apenas no processo de apuração, como também na construção narrativa, para descrever com mais fidelidade o ambiente tratado (Chico, Daniela e Fabiana). A valorização da abertura da narrativa assume a mesma importância que o seu fechamento, por isso alguns deles destacam o componente surpresa, gerando expectativa e suspense na ativação do interesse até o final (Daniela e José Hamilton). Por mais que toda a investigação esteja concluída, a história só assume sua real dimensão quando escrita, daí a atenção concedida às técnicas usadas para seduzir o público e transformá-lo em interlocutor. A narrativa, afinal, materializa a história (Natalia).

Dependendo de como são feitos, registros de sensações das personagens agregariam mais dinamicidade ao texto. A narrativa jornalística carrega heranças de certos pressupostos positivistas, tendo como matriz dados comprováveis e verificáveis, mesmo que se enfatize a impossibilidade de separar emoção e razão (MEDINA, 2008a). O grupo analisado também destaca a necessidade de valorizar a emoção, que por tanto tempo foi desprezada em detrimento da ideia de que os ‘fatos falariam por si só’, ignorando a mediação de quem produz a reportagem. Uma reportagem sem ‘o valor humano’ da emoção, perderia assim a sua essência (Caco, Daniela, Fabiana, Fábio e José Hamilton). No contexto atual de produção de informação

em massa, muitas vezes com a finalidade de confundir e manipular, talvez esse recurso mereça ainda mais relevância, considerando os apelos emocionais usados em favor da desinformação.

Como pontua Medina (1996, p. 230), o desafio se encontra em “transformar a descrição burocrática dos acontecimentos em uma narração viva, onde ação, emoção e reflexão se complementem.” Na mesma linha, Chaparro (2019) também observa: “se o repórter narrador olhar apenas as materialidades dos fatos, correrá o risco de fazer uma ata descritiva, não uma reportagem interpretativa de ações e emoções humanas.” Por permitir uma produção textual mais fluida, com liberdade maior para criar e não tão condicionada à imposição de técnicas padronizadas do *lead* e dos manuais de redação, como na notícia, a reportagem se consolida como espaço de experimentação do narrar. Também como espaço de legitimação e consagração do repórter, tem a possibilidade de se aproximar de uma linguagem quase literária (José Hamilton), alcançando perspectivas fora das regras do texto jornalístico convencional.

Dependendo do caso, há abertura inclusive para narrar em primeira pessoa, em contraponto ao padrão textual das chamadas *hard news*, formatadas em linguagem direta e estilo objetivo. O embate entre a linguagem jornalística e a linguagem literária também se verifica entre os depoimentos, com o receio de chefes a práticas classificadas como ‘literatices’ (Armando), a inspiração nos velhos românticos da literatura ou da reportagem (Caco) e na busca por um texto que ‘tenha vida’ (Fábio). No confronto entre tantas possibilidades e correntes, manifestadas historicamente na trajetória do campo profissional, constrói-se um “modo de contar específico do jornalismo” (SOUZA, 2010, p. 36). Como não é o objetivo aqui detalhar a tessitura do texto, mas demonstrar a existência de uma metodologia envolvendo também o saber de narração, que na reportagem assume um estatuto particular, não adentramos essa seara.

Ao procurar organizar o caos e tornar o mundo mais compreensível, a reportagem cria sentidos como narrativa. Entre os diferentes suportes, do audiovisual ao texto escrito, há uma infinidade de possibilidades de como construir uma narrativa, reconhecidas pelo grupo consultado. Elaborar uma narrativa que não seja burocratizante e limitadora, mas com marcas de um estilo pessoal no jornalismo acompanha repórteres sobretudo na busca por uma forma de contar a história mais aprofundada e igualmente atraente. O grupo analisado em geral tem ressalvas a formas narrativas da reportagem que colocam o repórter numa posição heroica ou aventureira, quando o autor interfere diretamente na história, há o cuidado para evitar excesso de protagonismo. Embora se reconheça que, eventualmente, o repórter possa ter o lugar de protagonista, em situações muito específicas e esporádicas (Adriana, Andrea, Caco, Daniela, Fabiana, José H e Natalia).

A cautela em assumir um lugar central no texto se manifesta em expressões como ‘cuidado com o ego de repórter’ (Andrea) ou ‘jornalista nunca é a notícia’ (Daniela). Caco Barcellos (2016, p. 39) também levanta essa ressalva no programa de televisão que comanda, apesar de destacar dilemas e conflitos vividos pela equipe: “os bastidores ajudam o público a entender as circunstâncias em que a apuração foi feita. Mas os repórteres não são personagens. São contadores de histórias e não podem perder nunca o foco principal: as pessoas comuns que fazem a notícia.” A ressalva confronta posição anterior do diretor do programa: “Quando a gente foi montando a primeira equipe falava claramente para eles: olha, **vocês são repórteres, mas também são personagens**. Vocês têm que estar dispostos a se expor.” (MAIOR, 2008, grifo nosso). Em entrevista para a pesquisa, Caco destacou: “o conteúdo deve se sobrepor aos bastidores”, como defendia anteriormente:

“Pensei no formato em 1995. Eu desejava uma dinâmica de reportagem que pudesse contar a história sob vários ângulos. Porque não existe verdade absoluta; a verdade é sempre relativa de acordo com o olhar que você tem sobre aquela história.” E continua: “O bastidor que mostramos é o relacionado ao conteúdo: a dúvida na hora de escolher uma pauta, a discussão sobre essa pauta, a escolha do processo que a gente vai seguir durante a captação de informação, a discussão de uma questão ética.” (MEMÓRIA GLOBO, depoimento de Caco Barcellos, 2008). Talvez os episódios que mais evidenciem protagonismo por parte do repórter, contrariando a compreensão de Caco, remetam ao início do programa, quando ainda se construía uma identidade para *Profissão Repórter*. Caso extremo é “Vida de circo”, exibido em 15 de outubro de 2006, quando o então repórter Caio Cavechini, hoje editor executivo do programa, é convidado a participar da apresentação do atirador de facas e narra a tensão vivida pela experiência de ser alvo das facas enferrujadas. O episódio consta no texto escrito por Cavechini para o livro em alusão aos dez anos do programa. Em contrapartida, um exemplo atribuído como positivo nesse sentido pela equipe é o programa sobre a festa religiosa Círio de Nazaré, em Belém (PA), em 14 de outubro de 2008. A repórter Gabriela Lian acompanhou desde a fabricação da corda usada na procissão até o fim da peregrinação de devotos.

A noção do repórter não apenas como quem observa, mas aquele que assume o papel de ator dos acontecimentos recebe tensionamentos. No passado, revistas como *Cruzeiro* consolidaram a reportagem e, por consequência, quem a executava, com o “heróico” compromisso de “descobrir o Brasil” e “revelar a identidade brasileira”. Percebendo-se como aventureiros, repórteres ganharam notoriedade percorrendo distâncias rumo às periferias do país e contribuindo para forjar um imaginário nacional. Esse tipo de viés, que cristaliza a imagem do repórter associada ao risco, ao destemor e à bravura nem sempre se mostra

totalmente superada, com respaldo na fala de um dos entrevistados, pelo estímulo à audácia (Renan). Contudo, sobressaem as ponderações ao repórter como protagonista, que se lança à aventura e ‘desbrava’, na defesa da reportagem sempre ser ‘sobre o Outro’ (Armando).

Em contraponto a esta perspectiva, um caso clássico na história da imprensa brasileira é o do repórter David Nasser, cujos críticos “acusam-no de ter criado uma escola nociva ao jornalismo” (SOUZA, 2010, p. 73). Essa mitificação da figura repórter como aquele que viaja e está sujeito a riscos decorre desde os primeiros tempos da reportagem no jornalismo brasileiro e se associa principalmente ao perfil de homens. Como observava Souza (2010, p. 87), até pouco tempo atrás, “raras são as mulheres que figuram na lista de autores de grandes reportagens, apesar da crescente presença feminina nas redações jornalísticas (acelerada a partir da década de 1980).” As mulheres demoraram a alcançar visibilidade e reconhecimento no campo jornalístico e por muito tempo ficaram apagadas dos relatos como repórteres especiais ou autoras de reportagens em profundidade. Não faltam exemplos para ilustrar essa constatação⁹¹.

O entendimento de que raras vezes o repórter precisa aparecer na narrativa (Natalia) leva ao foco nas personagens, encaradas como responsáveis por múltiplas funções (Mauri). Na tentativa de atrair a atenção, a narrativa se compõe de diversos ingredientes, não só de personagens e conflitos, como de ambientes, suspenses, expectativas e tempos, cabendo ao repórter encadeá-los para dar sentido à construção. “Ao longo dos tempos, o ato de narrar se tem nutrido de conversações, diálogo, declarações, testemunhos, relatos e entrevistas para criar formas inovadoras de contar” (OSORIO VARGAS, 2017, p. 102). No processo de refinamento e revisão do texto, há uma procura por um acabamento estilístico – evitando, por exemplo, repetições de palavras – tarefa que, mesmo feita com o auxílio do computador, é classificada como carpintaria, tamanha paciência e esforço exigidos (Armando).

No aprimoramento e revisão do texto, um dos pontos levantados pelos entrevistados é a leitura final das narrativas para as personagens envolvidas. Esse tipo de procedimento não é compartilhado por todos os jornalistas consultados - apenas três mencionaram adotá-lo (Armando, Daniela e José Hamilton). Um dos repórteres disse não fazer uso do recurso (Fábio). Quem recorre à prática afirma restringi-la a casos específicos, não envolvendo fontes denunciadas, por exemplo, mas como forma de reduzir a chance de um ‘erro técnico’, referente

⁹¹ O livro *A Arte da Reportagem*, organizado por Igor Fuser (1996), que seleciona 54 reportagens históricas, das quais apenas sete são assinadas por mulheres é um exemplo. *Repórteres*, organizado pelo jornalista Audálio Dantas (1998), reúne relatos de 11 repórteres consagrados, entre eles, nenhuma mulher. Em *Jornalistas-intelectuais no Brasil*, tese publicada em livro de Fábio Pereira (2011), dos dez jornalistas selecionados, uma única é mulher.

a uma informação especializada (José Hamilton). Outro cuidado seria mostrar para a personagem apenas o trecho onde ela aparece citada. A estratégia buscaria corrigir possíveis erros, na consulta à própria fonte, mas sempre evitando o risco de censura, já que os interesses de quem reporta e quem fornece informações geralmente são distintos, às vezes, totalmente opostos.

Como o jornalismo se faz entre diferentes conflitos e interesses, a rotina profissional de repórteres se caracteriza por muitas escolhas, do início ao fim do processo, da definição da pauta à construção narrativa. Por isso, a troca de ideias enriquece o trabalho. Aprender a lidar com as críticas ganha espaço nessa discussão à medida que pode estimular o trabalho jornalístico, contribuindo para o aperfeiçoamento da narrativa. Uma das repórteres menciona o aprendizado com a crítica recebida de um jornalista, servindo como alerta para produções futuras (Daniela). Diferentes relatos apontam para a dificuldade de vencer a autocrítica (Armando, Caco e Renan) e também para a necessidade de aprender com a crítica de colegas (José Hamilton), tentando diminuir a relação afetiva criada com o texto editado (Natalia). O olhar de um colega pode evitar deslizes e inclusive indicar novos rumos para o trabalho.

O exercício permanente da autocrítica e da reflexão, compreendendo as próprias limitações, requer uma postura de humildade (José Hamilton), e é necessário e bem-vindo para aprimorar o produto jornalístico entregue ao público. Abrindo-se à proposição de novas abordagens e incorporando posições contrárias, tem-se mais condições de criação, evitando a repetição dos mesmos erros, numa demonstração de compromisso e seriedade com o trabalho assumido. Mas, não pode servir como entrave ou paralisação, aspecto também levantado pelos depoentes. A disposição para o aprendizado permanente se concretiza no pensamento expresso pelo repórter José Hamilton Ribeiro: “O fato de eu ter mais de 50 anos de reportagem só prova que eu sou um repórter velho, e velhice não é algo para se gabar em profissão nenhuma. Para ser repórter, e continuar trabalhando como repórter, é preciso aprender todo dia” (RIBEIRO, 2012b, p. 277).

Por fim, uma das repórteres problematiza a reportagem difundida no Brasil, até pela formação histórica do país, como originária de uma tradição elitista e excludente (Natália), restrita a uma parcela da população instruída e acostumada a acessar produções literárias. Ela reivindica que o formato reportagem seja incorporado por plataformas mais acessíveis que necessariamente o texto, como o audiovisual. Não deixa de ser uma proposição interessante à medida que há ainda um longo caminho a percorrer para que a informação jornalística de qualidade seja, de fato, acessível a toda a população brasileira. E, por consequência, para que reportagens em profundidade não sejam consumidas apenas por públicos específicos ou

produzidas com fins de alcançar premiações entre os pares. Ou ainda, para que repórteres especiais não sejam vistos como intangíveis ou o supracumulo da atividade, mas como cumpridores de suas obrigações como jornalistas.

6.6 A METODOLOGIA DA REPORTAGEM EM PROFUNDIDADE

A análise dos depoimentos a partir das três competências jornalísticas – saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber de narração – permitiu constatar ações, condutas e procedimentos semelhantes nas práticas de repórteres especiais. Essas similaridades se manifestam num modo comum de fazer, sem desprezar as individualidades e idiossincrasias dos profissionais. Mesmo o saber de reconhecimento, tradicionalmente restrito apenas às dimensões intuitivas, como “faro de repórter” ou “aptidão natural”, revela-se muitas vezes guiado por uma metodologia, ainda que esta se manifeste tacitamente. Essas constatações nos levam a identificar um conhecimento ligado a um *know how* compartilhado pela cultura profissional, um conhecimento não formalizado e constituído por modelos mentais e aptidões técnicas, indissociáveis dos sujeitos que as carregam e de seu contexto (TAKEUCHI; NONAKA, 2008). A seguir, procuramos resumir esse *modus operandi*.

No caso da pauta, ou saber de reconhecimento, esse modo comum pode se apresentar de maneira mais sutil, mas costuma sempre resultar da combinação entre as próprias experiências e o contato com as práticas profissionais desenvolvidas historicamente no jornalismo. Em geral, entre repórteres especiais não há uma perseguição propriamente pelo furo jornalístico: entre as principais motivações da pauta costuma estar a procura por uma abordagem original, o que requer vivências e observação permanente para identificar o que pode ser explorado como “novo”, nesse caso. A tentativa de explorar com intensidade uma temática invisibilizada do noticiário se caracteriza como parte desse método de abordar a realidade, pois está presente praticamente de modo unânime nos relatos e acompanha a pauta desde a sua concepção. Nessa busca por permitir outras práticas jornalísticas além das tradicionais e explorar questões não abordadas de maneira adequada, há dinâmicas comuns.

O núcleo de criação dessa competência profissional desenvolvida com a criação de pautas reside também na interação entre os indivíduos e seus ambientes, por isso a redação, com a socialização entre colegas, constitui um espaço ímpar. Essa interação se revela fundamental não apenas no estabelecimento de parâmetros e critérios na ambientação de ingressantes no campo profissional, mas também no refinamento do trabalho, inclusive entre repórteres especiais. Como vimos, nesta etapa, a produção de conhecimento (de tácito para

tácito) pode se dar sem o uso da linguagem, pela observação, imitação e prática (TAKEUCHI; NONAKA, 2008). Essa fase, caracterizada como socialização, não se manifesta unicamente no processo de criação da pauta, mas também nas demais competências. Na narração, por exemplo, os relatos mostram uma intenção inicial de imitar a estrutura textual de nomes de referência, na busca por encontrar uma “fórmula” bem sucedida.

No saber de reconhecimento, a convivência firmada assume papel relevante na definição da pauta de várias maneiras: através da *retroalimentação jornalística*, das *trocas com jornalistas e o público*, da *iniciativa própria em defesa do interesse público* e da *leitura da realidade*. Todos esses modos de concepção da pauta reforçam tal interação, moldada pelo modo particular de jornalistas interpretarem a vida social. Essa relação, entretanto, também pode contribuir para uma naturalização do olhar, com a diminuição da capacidade de assombro com a realidade cotidiana. Por isso, a intuição e o conhecimento tácito também se fazem presentes para permitir condições de desenvolver uma *insubordinação do olhar* e pensar pautas onde muitos não a enxergam. A diferença no percurso da reportagem em profundidade tem na pauta um aspecto fundamental, não podendo ser ignorada na análise do processo de produção de repórteres especiais.

Na apuração, ou saber de procedimento, esse método comum de abordar a realidade se revela com nitidez no processo de produção da reportagem, a partir de critérios próprios desenvolvidos pelo grupo no aprendizado da experiência, mas também em conhecimentos já sistematizados em torno de valores e procedimentos profissionais. Um percurso consolidado se baseia em etapas imprescindíveis para o resultado final, com ampla *pesquisa, levantamento de fontes diversas*, preferencialmente as distanciadas dos espaços de poder, *busca por evidências e pelo contraditório, imersão com todos os sentidos atentos e convivência com entrevistados, disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível, cruzamento de dados, verificação, análises e checagem*. Com o objetivo de produzir uma informação primária e não apenas repercutir o que já se sabe, repórteres especiais não prescindem do trabalho de campo e da possibilidade de se surpreender com a realidade não pensada de dentro da redação.

De todo o processo se exige uma *conduta ética*, estabelecida em parâmetros, regras e valores conformados pela comunidade profissional. Como se tratam de repórteres com bagagem acumulada ao longo de anos de dedicação à prática profissional, a experiência leva à construção de saberes muito particulares e de difícil articulação. A partir dos relatos, podemos citar alguns exemplos, como a escolha do momento certo de se fazer uma pergunta constrangedora ou a preferência por não usar determinado termo aparentemente desconhecido pela interlocutora para evitar colocá-la em uma situação embaraçosa. A proposta da criação de conhecimento por

Nonaka e Takeuchi (1997) não deixa de contemplar essas sutilezas, considerando a visão coletiva e orgânica da tradição intelectual japonesa, com ênfase para o conhecimento subjetivo e a inteligência intuitiva, ao contrário da sociedade ocidental. Incorporado à experiência individual, o conhecimento tácito envolve fatores intangíveis, como crenças e valores pessoais.

Encerrando o ciclo, o texto e a edição, ou o saber de narração, também se reveste por processos comuns, sem apagar as particularidades e margem de criação de cada profissional. Essa metodologia passa por vários aspectos pensando como contar aquela história da melhor maneira, incluindo *valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária*, *o controle do auto protagonismo e a ênfase nas personagens*, *o refinamento e revisão*, com *o cuidado na edição final e reivindicação pela autoria*. Mas talvez o que seja mais predominante é *o foco na clareza e na exatidão das palavras*, buscando uma linguagem simples e acessível. Um aspecto observado também de maneira atravessada em todas as competências, tal qual a conduta ética do saber de procedimento, possivelmente mais presente no saber de narração é *o aprendizado com as críticas*, como caminho para qualificar o próprio trabalho. Considerando que se tratam de repórteres no auge da carreira profissional, este cuidado se mostra ainda mais revelador do resultado final de seus trabalhos e certamente ajuda a explicar a chegada e permanência neste lugar.

A intenção aqui não é aplicar na produção da reportagem em profundidade o modelo da espiral do conhecimento na integralidade, mas pensar os processos implicados na sua produção, especialmente as três competências jornalísticas, a partir daquela proposta. Como nosso principal interesse é para o campo jornalístico, atendendo aos objetivos desta tese, não vamos esmiuçar cada uma das etapas envolvidas. Cabe ressaltar alguns pontos que merecem destaque. Cada um dos saberes – de reconhecimento, procedimento e narração – passam pelo processo sistematizado pelos autores, impondo métodos e procedimentos para a operação do trabalho. Buscando encontrar “o melhor método” para a implementação de seus fazeres, repórteres especiais demonstram a existência de “regras gerais” para a produção da reportagem em profundidade, sob as quais não podem prescindir. Procuramos descrever a dinâmica desse processo, destacando os pontos comuns, identificados como repetidos nos discursos.

Mesmo assim, os relatos também possibilitaram identificar que, apesar de cumprir um mesmo percurso, há uma margem para criação individual. Enquanto alguns – a maioria, no caso -, preferem ir a campo desprovidos de um conhecimento mais amplo acerca daquela temática abordada, outros – apenas uma das repórteres – opta pela pesquisa posterior. O que não quer dizer que prescinda desta etapa fundamental, da pesquisa, pois esta ocorrerá necessariamente, mesmo que de forma posterior, mudando, portanto, apenas o momento em que ela acontece.

Destacamos que as etapas não cumprem obrigatoriamente uma ordem, podendo ter seu percurso alterado, conforme a pauta. Entretanto, se a intenção for a de busca por aquilo que realmente faz o jornalismo se diferenciar de outras narrativas, cabe assinalar as semelhanças entre os saberes acumulados por repórteres especiais, buscando identificar essas “regras básicas”. Não para padronizar uma visão cartesiana de conhecimento, mas para permitir enxergar o que, de fato, faz diferença nas práticas daqueles repórteres cujo qualitativo especiais diz muito sobre a simbologia de suas práticas para a comunidade profissional.

O processo de realização de uma reportagem em profundidade exige conhecimentos tácitos e explícitos, inseparáveis de todo o percurso, por isso da necessidade de transcendência de dicotomias discutidas aqui, como corpo *versus* mente, emoção *versus* razão ou tácito *versus* explícito. Desde o impulso inicial para a pauta, há conhecimentos singulares da experiência e do contexto de cada agente, mas também conhecimentos comuns compartilhados pelo grupo profissional e desenvolvidos na trajetória histórica da cultura profissional. Mesmo que o aprendizado mais poderoso decorra da experiência direta (NONAKA; TAKEUCHI 1997), há um conjunto de regras que orientam esse fazer, promovido pelo conhecimento explícito. Negar a existência de uma metodologia que conduz a reportagem ou deixá-la apenas restrita à dimensões intuitivas sugere implicitamente a sua negação como profissão. Reconhecê-la também como método de abordar a realidade, com etapas e procedimentos próprios, oferece uma perspectiva que busca superar as limitações das teorias existentes, que a desprezam ou limitam-se a tratá-la pelo binarismo cartesiano.

Como uma linguagem própria, o jornalismo se baseia em códigos, valores éticos, procedimentos e parâmetros particulares, e o seu domínio requer conhecimentos tácitos, internos aos indivíduos, e explícitos, com mais facilidade de exposição. Se a definição da pauta e a narração podem ser mais difíceis de explicitação - embora também sejam marcadas por processos que vão além das percepções cognitivas, conforme demonstramos -, o saber de apuração se fundamenta em um método constituído a partir da experiência institucionalizada da profissão. As respostas dos entrevistados mostram como o conhecimento tácito, construído pelas vivências de natureza pessoal que acumulam, embora muitas vezes desprezado, tem um valor significativo, envolvendo o corpo e todos os sentidos. Essa *expertise* adquirida pela experiência possibilita um *saber fazer* de uma maneira aperfeiçoada, evitando erros passados e buscando um melhor desempenho, com redução do tempo investido, ampliação de repertório e mais margem para a criação e a autoria, por exemplo. Por isso também é importante contribuir para avançar no conhecimento do método envolvido no exercício da reportagem.

Neste capítulo demonstramos a existência de processos comuns no modo de repórteres atuarem, revelando uma condução sistemática durante a produção da reportagem em profundidade, não apenas no saber de procedimento, como no de reconhecimento e de narração. É válido repetir, entretanto, que isso não apaga a criação de estratégias peculiares, conforme demanda a investigação ou a própria experiência profissional individual de cada jornalista. Ainda assim, é preciso destacar as semelhanças nesse percurso tendo em vista não apenas as incompreensões acerca da atividade jornalística, como a desatenção dos próprios profissionais à existência de um método institucionalizado subjacente a suas práticas individuais. Nas Considerações Finais, retomamos pontos centrais da investigação que nos trazem até aqui e discutimos os principais resultados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos sistematizar e explicitar nesta tese a metodologia envolvida na prática da reportagem em profundidade. Partimos da **hipótese** de que havia métodos comuns, consolidados com a institucionalização da profissão, nas práticas de repórteres especiais, que poderiam ser melhor conhecidos, a partir da análise proposta. O questionamento inicial, se seria possível pensar a existência dessa metodologia, mostrava-se pertinente com a tendência de internalização do saber fazer. Sem a consciência das escolhas decorrentes desse *modus operandi*, elas eram muitas vezes consideradas “óbvias”, “naturais” ou totalmente atribuídas a um comportamento instintivo nato ou individual. Após pesquisa exploratória, aplicação de questionário *online* e imersão junto à equipe do *Profissão Repórter*, da Rede Globo, tomamos como objeto empírico os relatos de repórteres especiais, sobretudo pela experiência acumulada por esses profissionais, e procuramos perceber como descreviam suas práticas.

Os procedimentos e as técnicas utilizadas no decorrer da investigação foram guiados pela articulação indissociável entre teoria e metodologia. A trajetória da pesquisa se construiu 1) tendo como apoio nosso quadro referencial teórico, compreendendo o jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008a; GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992, 1997, 2012), 2) a reportagem como instituição jornalística (BERGER; LUCKMANN, 1978; FRANCISCATO, 2003), 3) os saberes jornalísticos desenvolvidos na relação entre conhecimento explícito e conhecimento tácito (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, 1997) e 4) a reportagem como espaço potencial para a transgressão (MAROCCO, 2008). Esse aporte conceitual nos guiou na análise e permitiu chegar às inferências apresentadas. Cabe registrar aqui nossa preocupação, presente em todo o processo de investigação, de evitar uma visão reducionista e operacional de reportagem, e do próprio jornalismo, restrita a um receituário ou manual limitado a *como fazer*.

Sem a intenção de amarrar a reportagem a um ritual burocratizado, perseguimos os pontos de encontro entre as práticas narradas pelos entrevistados. Com o risco de simplificar a questão, mas ainda assim, parecendo-nos o caminho mais produtivo, frente à dificuldade de explicitação do método da reportagem em profundidade, listamos sete etapas/processos/conduas para cada um dos três saberes jornalísticos. Essas categorias se basearam nas competências do modelo proposto por Ericson, Baranek e Chan (1987) - saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber de narração -, entendendo-as como adequadas para descrever os processos envolvidos na prática da reportagem. A tese procurou assim atender ao seu objetivo central, de avançar na explicitação do método da reportagem em profundidade,

aquela que transgride os limites, condicionamentos e restrições impostos pelas rotinas e padrões dominantes na indústria jornalística.

No primeiro momento, no saber de reconhecimento, propomos as seguintes categorias ligadas ao surgimento da pauta: dimensões intuitivas, entre a curiosidade e as vivências pessoais, leitura da realidade, retroalimentação jornalística, trocas com jornalistas e o público em geral, iniciativa própria em defesa do interesse público, insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo. No saber de procedimento, associado à apuração, sugerimos as categorias: pesquisa exploratória e planejamento preliminar, levantamento de fontes e plano de ação, busca por evidências e pelo contraditório, imersão com todos os sentidos atentos e convivência com entrevistados, disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível e cruzamento de dados, verificação, análises e re Checagem. Por fim, no saber de narração, ligado ao texto e à edição, estabelecemos as categorias: planificação e roteiro, valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária, foco na clareza e na exatidão das palavras, controle do auto protagonismo e ênfase nas personagens, refinamento e revisão, aprendizado com as críticas além de cuidado na edição final e reivindicação pela autoria.

Sublinhamos que as etapas listadas em cada saber não se comportam de maneira estática, nem cumprem necessariamente uma ordem ou um ciclo fechado, mostrando-se dinâmicas e podendo ser atravessadas por outras fases e categorias, numa permanente interação. Do mesmo modo que há essa abertura para a criação e a inventividade, características da arte, também há um rigor a ser cumprido, com a busca pela exatidão e a precisão com os fatos, próprios do jornalismo. A procura pelos pontos de conexão entre os relatos nos permitiram identificar que o processo de produção da reportagem em profundidade costuma ser guiado pelo desejo de produção de uma abordagem inédita, aquela que ainda não foi apresentada midiaticamente. Além desse olhar original da realidade social, não restrito à noção de furo jornalístico, pudemos constatar neste método também a preferência por fontes distanciadas do poder, capazes de revelar outras visões, pouco conhecidas ou ignoradas na cobertura tradicional.

A principal conclusão levantada pela tese mostra a existência de saberes compartilhados por estes repórteres, demonstrando que a metodologia não é uma criação individual, mas tem base institucional. O esforço demonstrado aqui por tornar mais explícito o método da reportagem em profundidade vai ao encontro não apenas da necessidade de se identificar a natureza do jornalismo, como também de listar as categorias que possibilitam estudar a reportagem em profundidade, como procuramos fazer na análise. Sabendo que o processo de criação de conhecimento (NONAKA; TAKEUCHI, 1997; 2008) não se dá apenas pelo racionalismo, dos conceitos, leis e teorias, ou pelo empirismo, da experiência sensorial, torna-

se importante compreender a prática da reportagem em profundidade a partir dessa perspectiva. Pois, como demonstramos, esse tipo de método de abordar a realidade depende igualmente da interação social entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito.

Dentre os resultados alcançados, a pesquisa apontou uma maneira de enxergar o exercício jornalístico simplificada a um *saber fazer* ou atividade *quase mística*, dependente principalmente de uma relação intuitiva ou passional, estabelecida por repórteres com o que produzem (e o resultado, a reportagem, entendida como uma espécie de exercício totalmente livre e espontâneo, em um processo quase anárquico). O pressuposto do modelo de criação de conhecimento adotado, proposto por Nonaka e Takeuchi (1997; 2008), parte de uma compreensão alinhada à visão japonesa, que enfatiza a importância do conhecimento tácito, ao contrário do pensamento ocidental, focado no conhecimento explícito. O conhecimento sobre reportagem igualmente articula-se nessa interação (entre conhecimento tácito e explícito), possibilitando sua criação e expansão.

Além do objetivo central, quatro objetivos específicos nos conduziram no processo. Em princípio, buscamos identificar modos de compreensão predominantes da reportagem na literatura sobre jornalismo. Para cumprir esta finalidade, apresentamos diferentes formas de conceber a reportagem no segundo capítulo desta tese, quando também discutimos algumas das principais noções teóricas que orientaram o percurso. Com a intenção de alcançar o segundo objetivo específico estabelecido no trabalho (contextualizar a história e a consolidação da reportagem), reunimos um panorama da trajetória da atividade no terceiro capítulo da tese. No quarto capítulo, descrevemos a construção metodológica adotada, com o detalhamento das principais decisões tomadas. A identificação dos sujeitos centralizou o quinto capítulo, quando procuramos expor a identidade e trajetória de cada profissional selecionado, com vistas a atender ao terceiro objetivo específico (conhecer como repórteres especiais no Brasil percebem e representam suas trajetórias e o que realizam). Por fim, no sexto capítulo, analisamos de que maneira se manifestam os conhecimentos tácitos sobre o reportar, contemplando as principais etapas implicadas no processo de produção da reportagem em profundidade, com foco no último objetivo específico (analisar e sistematizar as visões dos repórteres especiais sobre os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração, acionados por eles na produção da reportagem em profundidade).

Entendendo as teorias do jornalismo como muito restritas à notícia, propusemos um olhar para a reportagem em profundidade, não a tomando numa posição diferenciada, como categoria superior, mas considerando suas especificidades de produção, independentemente da plataforma midiática utilizada como suporte. A noção da reportagem como metodologia do

jornalismo serviu de guia (OSORIO VARGAS, 2017). A conclusão confirma a hipótese de que há uma metodologia subjacente que acompanha e orienta o percurso desse tipo de reportagem, apesar de repórteres não a enfatizarem em seus depoimentos muitas vezes, ou por atribuírem seus saberes a uma condição individual. Os relatos confirmaram certa dificuldade de explicitar o processo de tomada de decisão por repórteres, com a tendência de reduzi-lo a *insights* pessoais e percepções subjetivas e simplificadas como *fazeres naturais* ou *faro jornalístico*. Na conversão do conhecimento tácito em explícito, a partir dos relatos, foi possível identificar semelhanças que permitem nos aproximar de um método da reportagem em profundidade.

A presente tese identifica traços que confirmam uma metodologia subjacente às práticas individuais, mas que não apaga, contudo, a capacidade intuitiva, inerente ao percurso. Portanto, não se trata de negligenciar ou desprezar a intuição, presente em todo o processo desde o disparo embrionário com lampejos criativos (ARNHEIM; 2004 DAMÁSIO, 2012). Não se questiona sua relevância, como parte da apreensão imediata da realidade, além da intenção racional, na produção da reportagem, como em qualquer atividade intelectual que busca a originalidade. Mas a compreensão do processo limitada à intuição do repórter para explicar a reportagem muitas vezes a restringe ao improvisado. Esta tese demonstra como insuficiente o entendimento da reportagem como um resultado da inspiração e dedicação individual, ainda que tal noção seja predominante na cultura da comunidade profissional.

Compreendemos como a produção da reportagem em profundidade obedece a uma metodologia institucionalizada historicamente na tradição da profissão, mesmo quando não assumida, de maneira inconsciente ou conscientizada, por quem a produz. Modelos paradigmáticos servem de base para guiar o percurso produtivo dentro daquilo que se convencionou denominar como reportagem em profundidade no jornalismo. Ao analisarmos depoimentos de alguns dos repórteres mais destacados do país acerca de suas práticas, não quisemos aqui personalizar o exercício da reportagem a figuras com projeção. Ainda que repórteres especiais possam vir a se extinguir das redações no futuro, acreditamos que o conhecimento tácito acumulado por esses profissionais, com a sua explicitação e melhor compreensão, possa contribuir para melhores práticas jornalísticas.

Como define Groth (2006, p. 211) “[...] para o jornalismo, que produz e transmite bens intelectuais, qualquer tecnologia é impossível sem a dogmática que a fundamente, mesma que esta dogmática seja pressuposta de maneira bem ingênua e tácita e ainda careça de todo e qualquer desenvolvimento.” Entendendo a palavra método como caminho percorrido, uma organização de recursos e procedimentos da melhor maneira para atingir uma certa finalidade, e considerando que toda a prática social institucionalizada obedece a um sistema de regras,

defendemos que a reportagem em profundidade se constitui a partir de um método próprio de abordar a realidade social. Essa tese buscou contribuir no mapeamento de saberes do campo jornalístico, para se fazer a reportagem em profundidade. Saberes sedimentados historicamente na instituição jornalística e compartilhados pela comunidade profissional, de forma a caracterizar um método de abordar a realidade, próprio da reportagem em profundidade.

Um método que, ainda que seja comum aos repórteres, é suficientemente flexível para incorporar variações, dando espaço à criatividade dos que o utilizam. Reconhecer as dimensões afetivas, inconscientes, pessoais e não apenas racionais da reportagem é também colocá-la como um por vir aberto na possibilidade de criação e inventividade. Entretanto, atribuir a metodologia da reportagem apenas ao *feeling*, *faro* ou *intuição* significaria encará-la totalmente como improvisado, inspiração e particularidade de quem o realiza. Reduzi-lo à ideia de missão, vocação ou talento suspenderia a necessidade de um preparo e uma competência específica para exercitá-lo, como demonstramos que há. E, como a própria trajetória daqueles que alcançam a condição de repórteres especiais no jornalismo brasileiro também indica, com sinais de um treinamento formal e informal, incluindo, em geral, formação em universidades conceituadas, atividades nas principais e mais estruturadas redações do país, muitas vezes convívio profissional com jornalistas de referência, entre outros aspectos discutidos.

Reduzir a reportagem apenas a noções como *faro*, vocação, talento, instinto natural e “inato” de repórter é ilusório porque esconde um treinamento, uma preparação e um modo de agir desenvolvidos para atingir um propósito, um percurso guiado para alcançar dado objetivo. Além disso, a falta de reconhecimento de um método de reportagem contribui para fragilizar ainda mais a profissão. Seja por uma concepção restrita ao domínio puramente técnico que marca historicamente a forma como o jornalismo é compreendido em sua trajetória. Seja pelo limitado entendimento do jornalismo como sacerdócio ou vocação. Especialmente na reportagem, as noções de aprendizado na prática, com ênfase para as inspirações derivadas da experiência corporal e sensorial, são às vezes limitantes, como se essas vivências por si mesmas tornassem desnecessária uma orientação teórica capaz de conduzi-las. Reafirmamos que não se trata de negar “os saberes que circulam nas redações” (MAROCCO, 2016), incontestavelmente fundamentais.

As noções de vocação que prevalecem na área e o autodidatismo desconsideram a complexidade envolvida no processo de reportar, não problematizando-o. Quando restritas a fazeres individuais, essas interpretações limitam a dimensão reflexiva e a possibilidade de compreensão teórica da prática da reportagem, além de muitas vezes impedirem o reconhecimento do jornalismo como, de fato, profissão que exige um preparo e formação.

Às vezes, a celebração ao empirismo chega a desprezar a experiência acadêmica, desconsiderando sua importância: “Eu sou uma repórter mais da experiência do que de algum manual ou da academia. A minha construção é muito mais pela experiência, pela intuição” (BRUM apud MAROCCO, 2012b, p. 79). Quando partem de jornalistas com formação específica e trajetória consolidada, como no caso, essas falas categóricas se revelam ainda mais perigosas por darem a entender que o conhecimento é puramente tácito. Essa exaltação a um próprio modo de fazer reportagem, centrado no indivíduo, às vezes ignorando saberes consolidados na tradição profissional, parece resistir, mesmo sabendo que a existência de um método que oriente o trabalho de reportagem não significa o apagamento das nuances individuais nesse processo.

Quando levada ao extremo, a ênfase na empiria torna-se arriscada ao anular qualquer reflexão mais aprofundada acerca das decisões cotidianas na redação. Impregnada em alguns discursos, a visão que defende a prática como única ou mais importante instância de aprendizagem profissional reflete uma antiga dicotomia sobre que tipo de conhecimento seria mais verdadeiro – o tácito ou o explícito. Não há como descartar que parte dessa visão pode refletir a própria experiência individual negativa na formação acadêmica de quem a despreza. Tomar o ‘saber legítimo’ como aquele oriundo da vivência profissional precisa ser ponderado porque um conhecimento apenas prático sobre o exercício profissional não é capaz de alcançá-lo na sua integralidade, sendo o contrário também verdadeiro. Quando restrito ao conhecimento tácito e à empiria, o campo epistemológico jornalístico limita-se a não avançar, o que reforça os papéis complementares nessa relação.

Iniciantes aprendem com os mais experientes através da observação, imitação e tentativa de “cópia” das práticas de repórteres já consolidados no campo, fortalecendo a insuficiência da explicação de que cada um inventa o seu método a partir de um faro próprio. Há um percurso histórico desenvolvido em torno dos saberes profissionais. Mesmo sem a sistematização em normas e convenções, estes saberes atravessam os tempos a partir da experiência e direcionam um certo “modo de reportar”. Ainda que o método varie e que o jornalista recorra a técnicas próprias, desenvolvidas pela experiência pessoal, há indicativos de um caminho para chegar num resultado satisfatório e para seu trabalho ser reconhecido como reportagem. Mesmo quando o repórter recorre a métodos diferenciados de captação de informações, não pode se desviar totalmente de uma certa tradição profissional, sob o risco de deixar de fazer jornalismo. Mas, como vimos, dentro do método há sempre margem para estímulos e impulsos criadores.

Das três competências profissionais – reconhecimento, procedimento e narração – a metodologia se revela com mais força, sobretudo, no processo de apuração. Entretanto, não

quer dizer que também não se faça presente na pauta e na narração. Como exemplo do primeiro caso, podemos recuperar o modo como repórteres especiais recorreram à leitura de jornais para identificar possíveis pautas não abordadas satisfatoriamente pela imprensa. Certamente a reportagem não cabe num roteiro de padrão único a ser seguido, como garantia de qualidade final, mas também não parece ser o melhor caminho insistir numa dimensão meramente “natural”, ou espontânea e sem possibilidade de qualquer aferição. Além de contribuir para que a categoria profissional elabore mais profundamente seus próprios fazeres, pensá-la a partir de etapas e processos nos permite avançar também em novos estudos sobre o tema.

O reconhecimento e a sistematização de uma metodologia de como a reportagem se pratica revela um tensionamento entre o livre arbítrio e as regras estabelecidas no campo profissional. Podemos dizer que o repórter também é resultado desse tensionamento entre a singularidade própria, ou até um desejo anárquico pela inexistência de regras, e as normas institucionais, historicamente convencionadas. Sempre há margem para a criação individual, por isso do diálogo permanente e da fusão discutida aqui entre o método e a intuição, entre a emoção e a razão. A metodologia da reportagem precisa contemplar uma abertura para a imprevisibilidade, não podendo ser rígida, para que exista esse espaço de autoria e criação de quem a produz.

Ao refletir sobre depoimentos e experiências de profissionais consagrados, entendemos que os discursos acerca da produção da reportagem estão em disputa, mas há certos procedimentos e etapas primordiais e sobre os quais a reportagem não pode prescindir. Se houver violação dessas regras, a produção pode deixar de ser considerada e reconhecida como reportagem, seja pelo público ou pela comunidade profissional. Por isso, a transparência dos métodos adotados pelos profissionais da reportagem contribui para a legitimidade da prática (e do próprio jornalismo), ainda mais frente aos desafios da imprensa num contexto de desinformação e pós-verdade. O jornalismo se constituiu historicamente como uma instituição, e a reportagem se consolidou como prática de aprofundamento reflexivo em torno de diferentes temas, seus contrapontos e controvérsias.

O caminho até aqui nos permite afirmar que o processo jornalístico envolvido na produção da reportagem em profundidade inclui uma metodologia própria, que admite tanto a criatividade, podendo aproximar-se do potencial artístico, quanto a racionalidade, principalmente no processo de apuração. Mesmo que muitas vezes não se dê atenção a todas as etapas lógicas e que a intuição sempre esteja presente, o processo de produção é guiado por um método desenvolvido pelo próprio conhecimento profissional jornalístico. Esse método se sustenta sobretudo na confirmação e comprovação dos dados, na sistematização da informação,

uma competência essencialmente jornalística, consequência da junção dos três saberes desenvolvidos pelo grupo profissional. Sempre com etapas interligadas, da definição da pauta, passando pela pré-investigação, apuração, redação e edição final. Negar a existência de um método comum pode favorecer o relativismo, não reconhecendo critérios mínimos.

A explicitação de um método é importante principalmente para diferenciar o que é jornalismo daquilo que finge ser. Essa busca por extrair os fundamentos gerais para compor a sistemática da metodologia da reportagem reflete ainda uma maneira de conceber e interpretar o jornalismo como uma forma de conhecimento. A identificação de indicadores comuns revela a existência desse método. Mas, ao contrário da ciência positivista, que preconiza o emprego de um mesmo método para alcançar a repetibilidade de resultados, na reportagem esta lógica é inválida (impossível de se alcançar não só nas ciências humanas). Isso não anula, entretanto, a existência de processos comuns. O que distinguiria a reportagem senão um método próprio, marcado por processos e etapas capazes de assegurar confiabilidade? Esta parece uma questão da qual não se pode escapar, sobretudo quando se pensa na defesa do jornalismo profissional em um ambiente desafiado por desinformação, crenças religiosas e até anticientificistas.

Afinal, por quais razões o público deveria confiar na informação jornalística? O que faz com que esse tipo de conteúdo seja diferenciado em comparação com outras narrativas? A explicitação dos métodos adotados pelos profissionais da reportagem se torna urgente e ainda mais necessária frente aos desafios de transparência impostos à imprensa num contexto de desinformação e pós-verdade. O jornalismo se constituiu historicamente como uma instituição capaz de detectar as mentiras e a reportagem se consolidou como espaço mais adequado para o contraponto e a controvérsia. Futuras pesquisas podem explorar a metodologia da reportagem em outros aspectos. Os depoimentos de alguns dos maiores repórteres brasileiros da atualidade concedidos para esta tese são uma contribuição inestimável neste caminho. Esperamos que a leitura deles inspire novos estudos que contribuam para uma ainda melhor explicitação do método da reportagem.

REFERÊNCIAS

- A ATUALIDADE na teoria de Adelmo Genro Filho: encontro 1. Florianópolis: IELA UFSC, 2017a. 1 vídeo (112 min). Publicado pelo canal Iela UFSC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gSwUiVsuHmA>. Acesso em: 19 maio 2021.
- A ATUALIDADE na teoria de Adelmo Genro Filho: encontro 2. Florianópolis: IELA UFSC, 2017b. 1 vídeo (95 min). Publicado pelo canal Iela UFSC. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hp_2Hpe06WE. Acesso em: 19 maio 2021.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ABRAJJI. **Mulheres no jornalismo brasileiro**. São Paulo, [2018]. Disponível em: https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf. Acesso em: 2 jul. 2021.
- ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ADGHIRNI, Zélia Leal. O lugar do jornalismo na comunicação. **Líbero**, v. 9, n. 17, p. 51-62, jun. 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/O-lugar-do-jornalismo-na-comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- AMOROSO LIMA, Alceu. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990. (Clássicos do jornalismo brasileiro, 3).
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily.; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 2, n. 5, abr./jun. 2013.
- ARBEX, Daniela. Daniela Arbex: “Nunca fiz o que quis no jornal, mas jamais fiz o que não quis”. [Entrevista cedida a Isabella Alvim de Amorim. **Colab**, Belo Horizonte, 28 out. 2020. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/entrevista-daniela-arbex/>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- ARBEX, Daniela. JF Terra de empreendedores: Daniela Arbex, jornalista e escritora. [Entrevista cedida a] Mauro Morais. **Tribuna de Minas**, 28 maio 2017. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/28-05-2017/jf-terra-de-empreendedores-daniela-arbex-jornalista-e-escritora.html>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- ARBEX, Daniela. O jornalismo tem o papel de aproximar as histórias das pessoas. *In*: PAIXÃO, Patrícia (org.) **Mestres da reportagem**. Jundiaí, SP: In House, 2018. p. 129-150.
- ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e intelecto na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ASSUNÇÃO, Luis Fernando. **Jornalismo de beiradas: a transgressão no processo produtivo e criativo do jornalista João Antônio**. Covilhã: Labcom Edições, 2014. Disponível em: http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20141107-201406_luisassuncao_jornalismobeiradas.pdf. Acesso em: 25 jul. 2020.

ATO criativo: escrever a vida real. Porto Alegre: PUCRS, 29 set. 2020. 1 vídeo (94 min).
Facebook: @pucrsultura. Disponível em:
<https://www.facebook.com/pucrsultura/videos/2637733093153271/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

AULA inaugural "Jornalismo, reportagem e subjetividade" - PPGCOM/UFMS 2021/2.
[Campo Grande]: PPGCOM/UFMS, 2 ago. 2021. 1 vídeo (165 min.). Publicado pelo canal
Telejornalismo UFMS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z5fuBA2416w>.
Acesso em: 13 out. 2021.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**, volume 1. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2009.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Martins, 1964.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa no Brasil: 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARCELLOS, Caco. (Org.) **Profissão repórter 10 anos: grandes aventuras e grandes coberturas**. São Paulo: Planeta, 2016.

BARCELLOS, Caco. [Entrevista exclusiva]. Entrevista por Mycon Staehlin e Richard Amante. **Zero**, Florianópolis, p. 15-17, 2003.

BARCELLOS, Caco. Caco Barcellos. *In*: CORRESPONDENTES: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.

BARCELLOS, Caco. Caco em foco. [Entrevista cedida a Revista Imprensa]. **Imprensa**, n. 266, p. 34-39, abr. 2011.

BARCELLOS, Caco. Dedo na ferida. **Revista Caros Amigos**, v. 1, n. 2, maio 1997.

BARCELLOS, Caco. *In*: DRAUZIO entrevista: Caco Barcellos. [S. l.: s. n.]: 9 fev. 2017. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Drauzio Varella. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=IVTqB0rwHaw&t>. Acesso em: 14 set. 2021.

BARCELLOS, Caco. O repórter. [Entrevista cedida a] Marcos Cândido. **Ecoa**, 28 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/caco-barcellos-a-indignacao-me-da-energia-para-contar-historias/>. Acesso em: 16 out. 2021.

BARCELLOS, Caco. Prefácio. *In*: ARBEX, Daniela. **Os dois mundos de Isabel**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. *E-book*.

BARCELLOS, Caco. Repórter: profissão perigo. *In*: REZENDE, Sidney; KAPLAN, Sheila (org). **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 17-31.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. A história da polícia que mata. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS FILHO, Clóvis de. Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia. **Contracampo**, v. 7, n. 2, p. 157-183, 2002. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17341>. Acesso em: 19 fev. 2020.

BASTIN, Gilles; RINGOOT, Roselyne. Os livros de jornalistas: uma virada autoral no jornalismo? *In*: MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal (org.). **Mudanças e permanências no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 44-72.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareshi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969. (Mass-Media, v. 1).

BELTRÃO, Luiz. A informação no jornalismo. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2020. p. 25-39.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. *In*: TAVARES, Frederico Mello B.; SCHWAAB, Reges (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v17n2/a01v17n2>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BERGANZA-CONDE, Maria Rosa. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. *In*: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 15-32.

BERGER, Christa. A verdade histórica, poética e transcendente do jornalismo de KAPUŚCIŃSKI. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 178-185,

jan./jun. 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2194>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? *In*: FORACCHI, M. M., MARTINS, J. S. (org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-199.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

BERGER; Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1976.

BIANCHIN, Neila. **Romance-reportagem**: onde a semelhança não é mera coincidência. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

BIRD, Elizabeth S.; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e estórias: explorando as qualidades narrativas das notícias. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.

BOFF, Felipe. **Reportagem**: transgressão nas fronteiras do jornalismo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4484/FelipeBoff.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: ZOUK, 2007.

BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665/503>. Acesso em: 28 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969**. Dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. Brasília, 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0972.htm. Acesso em: 6 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 910, de 30 de novembro de 1938**. Dispõe sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas. Rio de Janeiro, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 6 jul. 2021.

BREED, Warren. Controlo social na redação: uma análise funcional. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Vega, 1999. p. 152-166.

BRIO: primeiros passos #003: Renan Antunes de Oliveira. [Locução de] Júlio Lubianco. [S. l.: s. n.], 6 maio 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://anchor.fm/brio-jornalismo/episodes/Primeiros-Passos-003---Renan-Antunes-de-Oliveira-e-lsmnh>. Acesso em: 14 set. 2021.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. Rio de Janeiro: Leya, 2014.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da vida real**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BRUM, Eliane. Prefácio: os loucos somos nós. *In*: ARBEX, Daniela. **O Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p. 13-17.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever de liberdade**. São Paulo: Contexto, 2009.

BUCCI, Eugênio. Prefácio: o jornalismo não pode esperar. *In*: GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão**. São Paulo: Summus, 2020. *E-book*.

BUCCI, Eugênio. **Sobre a ética e a imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BURKE, Peter. A impressão gráfica em seu contexto. *In*: BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

CACO BARCELLOS: perfil. Memória Globo, c2020. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/caco-barcellos/>. Acesso em: 29 set. 2020.

CANELLAS, Marcelo. Entrevista. *In*: SOUZA, Sidney Barbalho de. **Marcelo Canellas: por um jornalismo humanista**. Jundiaí: In House, 2015.

CANELLAS, Marcelo. Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia. *In*: CANELA Guilherme (org.) **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. São Paulo: Agência de Notícias dos Direitos da Infância; Cortez Editora, 2008, p. 105-114.

CANELLAS, Marcelo. O jornalismo tem uma natureza insubmissa. *In*: PAIXÃO, Patrícia (org.). **Mestres da Reportagem**: vol. I. Jundiaí, SP: In House, 2012. p. 323-340.

CANELLAS, Marcelo. Prefácio. *In*: KÖNIG, Mauri. **Nos bastidores do mundo invisível**. Editora Cursiva, 2007.

CARLSON, Matt. **Journalistic authority**: legitimating news in the digital era. New York: Columbia University Press, 2017.

CARRANCA, Adriana. "Às vezes só damos voz a quem tem armas na mão". Entrevista por Luiz Antônio Araújo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 nov. 2015. Em pauta ZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-em-pauta/adriana-carranca.html>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CARRANCA, Adriana. Adriana Carranca: nossas instituições estão muito desacreditadas. Entrevista a José Reinaldo Marques. **Jornal da ABI**, Rio de Janeiro, n. 324, dez. 2007. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=517275&pesq=%22Adriana%20Carranca%22&pasta=ano%20200&pagfis=1554>. Acesso em: 24 jul. 2021.

CARRANCA, Adriana. Dar voz à diversidade. *In*: CANELLA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. São Paulo: Cortez; Brasília: ANDI, 2008.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

CHALABY, Jean K. O Jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). **Media e Jornalismo**, n. 3, p. 29-50, 2003. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-03-Jean-Chalaby.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CHALABY, Jean K. **The invention of journalism**. London: Macmillan; New York: St. Martin's Press, 1998.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Como dizer e agir pelo texto**. São Paulo: Cia dos Jornalistas, 2019. *E-book*.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalismo: discurso em dois gêneros. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2020. p. 219-247.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

CHIARIONI, Bruno. **Jornalismo e narrativa na mídia televisiva: o programa Profissão Repórter**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/10-jornalismo-e-narrativa-na-m%C3%ADdia-televisiva.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar: objetividade e autoria na reportagem**. 2004. Tese (Doutorado em Jornalismo e Editoração) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Apresentação. *In*: CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (org.). **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Assinatura e impressões digitais: pela autoria no jornalismo. *In*: FURLANETTO, Maria M.; SOUZA, Osmar. **Foucault e a autoria**. Florianópolis: Insular, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel. (org.) **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012.

CUPANI, Alberto. **Sobre a ciência: estudos de filosofia da ciência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano**. Companhia das Letras: 2012.

DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: SENAC, 1998.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DERAKHSHAN, Hossein; WARDLE, Claire. Information disorder: definitions. *In*: UNDERSTANDING and Addressing the Disinformation Ecosystem. Philadelphia: Annenberg School for Communication at the University of Pennsylvania, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2018/03/The-Disinformation-Ecosystem-20180207-v2.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **Beyond Journalism**. Reino Unido: Polity Press, 2020.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus, 1986.

DIP, Andrea. "Aborto não passa", diz jornalista que investigou bancada evangélica. [Entrevista cedida a] Natacha Cortêz. **Universa**, 25 maio 2018. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/05/24/aborto-nao-passa-diz-jornalista-que-investigou-bancada-evangelica.htm>. Acesso em: 23 ago. 2021.

DIP, Andrea. Entrevista: Andrea Dip. [Entrevista cedida a] Helô D'Angelo. **Eu, tu, elas**, 25 mar. 2017b. Disponível em: <https://feminismonapratica.wordpress.com/2017/03/25/entrevista-andrea-dip/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

DONSBACH, Wolfgang. Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education. **Journalism**, Londres, v. 15, n. 6, p. 661-677, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884913491347>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EKSTRÖM, Mats; WESTLUND, Oscar. **Epistemology and Journalism**. *In*: OXFORD Research Encyclopedia. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-806>. Acesso em: 11 maio 2021.

ENTREVISTA com Andrea Dip: jornalismo independente. [S. l.: s. n]: 30 maio 2016. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Tvovo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eUktBe1p01g>. Acesso em: 8 nov. 2011.

ERICSON, Richard V.; BARANEK, Patricia M; CHAN, Janet B. L. **Visualizing deviance: a study of news organization**. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

ESTANTE Entrevista: Como os livros-reportagem preservam a história?, por Chico Felitti. [S. l.: s. n]: 26 out. 2020. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Estante Virtual. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eZchnU_EhnY&t=117s. Acesso em: 8 nov. 2021.

FABIANA Moraes: reporter especial do Jornal do Commercio. [S. l.: s. n.], 31 out. 2012. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Leokarcio. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1Eq0Xw2_cmo&t=92s. Acesso em: 14 set. 2021.

FAERMAN, Marcos. A longa aventura da reportagem. *In*: DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Ed. Senac, 1998.

FAERMAN, Marcos. **História da reportagem**. Texto escrito provavelmente em 1981, para um curso de 2 dias em uma Faculdade de Jornalismo de Minas Gerais e que o autor pretendia que se tornasse um livro. Disponibilizado à pesquisadora pelo sobrinho do autor, Henrique Faerman, por e-mail.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade 1966-1968**: empo de reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Ed. da Ulbra: AGE Editora, 1999.

FELITTI, Chico. “É uma baita história”, afirma Chico Felitti sobre caso João de Deus. [Entrevista cedida a] Clenon Ferreira. **O popular**, 11 jun. 2019. Disponível em:

FELITTI, Chico. Chico Felitti, colecionador de sussurros. [Entrevista cedida a] Sarah Azoubel. **Cochicho**, 17 set. 2021. Disponível em: <https://cochicho.org/chico-felitti-colecionador-de-sussurros/>. Acesso em: 13 out. 2021.

FELITTI, Chico. **Como escreve Chico Felitti**. [Entrevista cedida a José Nunes, para o site Como eu escrevo]. [S. l.]: Como eu escrevo, [2019]. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/chico-felitti/>. Acesso em: 6 nov. 2021.

FELITTI, Chico. Jornalista Chico Felitti escreve livro-reportagem sobre o líder espiritual João de Deus. [Entrevista cedida a] Kássia Nobre. **Portal Imprensa**, 30 mar. 2020. Disponível em: https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/83374/jornalista+chico+felitti+escreve+livro+reportagem+sobre+o+lider+espiritual+joao+de+deus. Acesso em: 13 out. 2021.

FLOSI, Edson. **Por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual da redação**: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. O acontecimento vivido e o noticiado: os limites do conhecimento do jornalismo. In: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). **Jornalismo e acontecimento**: volume 4, tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013. p. 223-247.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Um conceito para jornalismo: conhecimento singular ou senso comum? **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre. v. 8, n. 1, p. 171-182, jan./dez. 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/99845>. Acesso em: 17 jul. 2020.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 28-46.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade do jornalismo**: bases para sua delimitação teórica. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FUSER, Igor. **A arte da reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996.

GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão**: a segunda morte da opinião pública. São Paulo: Summus, 2020. *E-book*.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cheiro de goiaba**: conversas com Plínio Apuleyo Mendoza. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. El mejor oficio del mundo. **Chasqui**, Quito, n. 98, p. 26-31, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/160/16057434006.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Vivir para contarla**. Barcelona: Mondadori, 2002.

GARGUREVICH, Juan. **Géneros periodísticos**. Quito: Ediciones Ciespal, 2004.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012. (Jornalismo a rigor. v. 6.).

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GENRO FILHO, Adelmo. Sem título. *In*: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO, Porto Alegre, 1987. Gravação em áudio da palestra proferida durante o evento na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GENRO FILHO, Adelmo. Sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 160-163, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5984/5453>. Acesso em: 21 maio 2020.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GODINHO, Jacinto. Genealogias da reportagem. *In*: COELHO, Pedro; REIS, Ana Isabel; BONIXE, Luís (org.). **Manual de Reportagem**. Covilhã: LabCom, 2021. p. 33-53. Disponível em: http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/202105211432-202009_manualreportagem_pcoelhoireislbonixe.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRAJEDA, Arnoldo. D. Hacia la construcción del método periodístico, un análisis histórico multidisciplinario. *In: Simposio Internacional Comunicación y Cultura, 2., 2017, Colima. Anais [...].* Colima: Universidad de Colima, 2012. Disponível em: <https://simposiocomunicaca.wixsite.com/problemasydesafios/memorias-anaiss1>. Acesso em: 1 nov. 2021.

GRAJEDA, Arnoldo. D.; MALDONALDO, Perla A. R. Descifrando el método de los periodistas de investigación: una propuesta para el análisis de textos periodísticos. *In: ALVARADO, Alex Muñoz; MIYARES, Leonel Cosme Ruiz; SILVA, María Rosa Álvarez (org.). Comunicación Social: Lingüística, Medios Masivos, Arte, Etnología, Folclor y otras ciencias afines.* Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, 2019.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais.** Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.

GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência e da cultura. *In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). A Era glacial do jornalismo: vol. 1: teorias sociais da imprensa.* Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 182-306.

GUERRA, Josenildo. Instituição e organização jornalística: uma distinção conceitual. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais [...].* São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1725-1.pdf>. Acesso em 20 mar. 2020.

GUERREIRO NETO, Guilherme. O jornalismo como instituição social. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. Anais [...].* São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1793-1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

GUTIERREZ, Felipe. O poder emana do povo. *In: BARCELLOS, Caco (org.). Profissão Repórter 10 anos: grandes aventuras e grandes coberturas.* São Paulo: Planeta, 2016.

HALPERÍN, Jorge. **La entrevista periodística.** Buenos Aires: Aguilar, 2008.

HENN, Ronaldo Cear. **A pauta e a notícia: uma abordagem semiótica.** Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. *In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HERSH, Seymour M. **Repórter: memórias.** São Paulo: Todavia, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOYOS, Juan José. **La pasión de contar**: El periodismo narrativo en Colombia (1638-2000). Medellín: Hombre Nuevo Editores; Editorial Universidad de Antioquia, 2009.

<https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/%C3%A9-uma-baita-hist%C3%B3ria-afirma-chico-felitti-sobre-caso-jo%C3%A3o-de-deus-1.1818709>. Acesso em: 14 set. 2021.

interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

JORGE, Ana Maria Guimarães. **Introdução à percepção**: entre os sentidos e o conhecimento. São Paulo: Paulus, 2011.

JOSÉ Hamilton Ribeiro e Natália Viana – Série Repórter – Jogo de Ideias (2011) – parte 1/2. 1 vídeo (27 min.). [S. l.: s. n.], 2012. Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://youtu.be/v-59nU-cuxs>. Acesso em: 24 abr. 2021.

JOSÉ Hamilton Ribeiro: conheça a história do "repórter do século" (2017). [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (59 min.). Publicado pelo canal Assembleia de Minas Gerais. Disponível em: https://youtu.be/a7phfBM_AuA. Acesso em: 18 ago. 2021.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. **Minhas viagens com Heródoto**: entre a história e o jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. **Os cinco sentidos do jornalista**: estar, ver, ouvir, compartilhar, pensar. Tradução de Laura Toledo Daudén e Eduardo Meditsch. 2003. Título original: Los cinco sentidos del periodista. Tradução não publicada, cedida pelos tradutores.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KARAM, Francisco José Castilhos. Retórica, Grécia e Roma Antigas: vestígios da futura linguagem jornalística. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 109 -117, jul./dez. 2009. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu19_Karam.pdf. Acesso em: 13 ago. 2020.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil**: desvendando as variantes do gênero. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Itajaí, 2003.

KLAPPER, Joseph. **Behavioral sciences and the mass media**. New York: Russel Sage Foundation, 1968.

KÖNIG, Mauri. A imprensa é o facho de luz sobre a atuação de grupos políticos, criminosos e grandes corporações. In: PAIXÃO, Patrícia (org.). **Mestres da reportagem**: vol. 1. 3. ed. Jundiaí, SP: In House, 2012. p. 361-376.

KÖNIG, Mauri. A imprensa é o facho de luz sobre a atuação de grupos políticos, criminosos e grandes corporações. *In*: PAIXÃO, Patrícia (org.) **Mestres da reportagem**. Jundiaí, SP: In House, 2018. p. 361-376.

KÖNIG, Mauri. Prefácio. *In*: VIANA, Natalia. **Os bispos e seus tubarões**: uma reportagem sobre a deposição de Lugo no Paraguai. São Paulo: Agência Pública, 2014. *E-book*.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

KOTSCHO, Ricardo. O pipoqueiro e os filhos da pauta. *In*: DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora SENAC, 1998. p. 183 -197.

KOTSCHO, Ricardo. Apresentação. *In*: RIBEIRO, José Hamilton. **O repórter do século**. São Paulo: Geração Editorial, 2006. p. 13-15.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, profissão em extinção. **Carta Maior**, 2006. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Jornalismo-profissao-em-extincao/12/9368>. Acesso em: 22 maio 2021.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul: manual de comunicação. Tradução de Rafael Varela Jr. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2002.

KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

LABASSE, Bertrand. A epistemologia do jornalismo pode delimitar seu território discursivo? **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 6-28, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/675/530>. Acesso em: 11 maio 2021.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2001.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LAGO, Cláudia. **Burocráticos e românticos**: pontos para uma etnografia do campo jornalístico paulistano. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/76257/PASO0050-D.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 jul. 2020

LAURINDO, Roseméri. **Jornalismo em três dimensões**: singular, particular e universal. Blumenau: Edifurb, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIMA, Samuel Pantoja. Jornalismo investigativo: desafios, impasses e oportunidades na era digital. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., Recife, 2011. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/a-intercom>. Acesso em: 2 nov. 2011.

LIMA, Samuel Pantoja. Posfácio: insuficiências teóricas e desafios. *In*: CHRISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (org.). **Jornalismo investigativo e pesquisa científica**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2015. p. 169-183.

LIMA, Samuel Pantoja. Questões de métodos. *In*: CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (org.) **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012. P. 131-148.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Mil dias**: Os bastidores da revolução em um grande jornal. São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 10-29, 2015. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v11n2.2015.664>. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/664>. Acesso em: 11 maio 2021.

LLOMBART, Begonã Echeverría. **El reportaje periodístico**: una radiografía de la realidad: cómo y por qué redactarlo. Salamanca: Comunicación Social, 2011.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

LÜCKMAN, Ana. **A noção de contexto no jornalismo**: uma proposição a partir da Teoria da Complexidade. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212486>. Acesso em: 19 maio 2021.

LUZ, Cristina Rego Monteiro da. **A pauta jornalística e suas mediações**. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=12. Acesso em: 13 out. 2021.

MACDOUGALL, Curtis D. **Interpretative Reporting**. New York: Macmillan, 1972.

MACHADO, Elias. Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo: três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. **E-Compós**, Brasília, v. 1, 2004. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2>. Acesso em: 15 maio 2021.

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2086>. Acesso em: 15 maio 2021.

MAGALHÃES, Mário. Prefácio. *In*: KÖNIG, Mauri. **Narrativas de um correspondente de rua**. Curitiba: Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, 2008.

MAIOR, Marcel Souto. [Entrevista cedida ao Memória Globo]. *In*: MEMÓRIA GLOBO. Profissão Repórter. **Webdoc sobre o programa Profissão Repórter com entrevistas exclusivas de Caco Barcellos e Marcel Souto Maior ao Memória Globo**. 1 vídeo (12 min). [S. l.: s. n.]: 2008. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/profissao-reporter/>. Acesso em: 2 nov. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do Jornalismo**: teorias sociais da imprensa: v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MAROCCO, Beatriz. **Ações de resistência no jornalismo**: “livro de repórter”. Florianópolis: Insular, 2016.

MAROCCO, Beatriz. Entrevista como dispositivo de revelação do saber jornalístico. *In*: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012a.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**: entrevistas. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2012b.

MAROCCO, Beatriz. Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística. *In*: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **Ilha do Presídio**: uma reportagem de ideias. Porto Alegre: Libretos, 2008. p. 33-47.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARQUES DE MELO, José. Conceito, categorias e gêneros do jornalismo. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2020. p. 119-166.

MARQUES DE MELO, José. Os primórdios do Ensino do Jornalismo. **Revista de Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 73-83, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2074>. Acesso em: 24 jun. 2021.

MARQUES DE MELO, José. Prefácio. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 7-16.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luís. **Redacción Periodística**: los estilos e los géneros em la prensa escrita. Barcelona: A.T.E., 1974.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer afetos**: signos da relação. São Paulo: Casa da Serra, 2018.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008a.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008b.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Poética da interpretação. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2020. p. 82-92.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda de Araújo; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.

MEDINA, Cremilda de Araújo; LEANDRO, Paulo Roberto. A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2020.

MEDINA, Cremilda de Araújo; LEANDRO, Paulo Roberto. Jornalismo e interpretação. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2020. p. 63-81.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia P. S. (org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010a. p. 19-42.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é forma de conhecimento? **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Acesso em: 22 out. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. Profissão derrotada, ciência não legitimada: é preciso entender a institucionalização do campo jornalístico. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 97-113, 2010b. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v6n1.2010.249>. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/249>. Acesso em: 15 maio 2021.

MEDITSCH, Eduardo; SCHWAAB, Reges. Jornalismo (verbeta). *In*: CITELLI, Adilson *et al.* (org.). **Dicionário da comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014. p. 283-288.

MEYER, Philip. Por que o jornalismo precisa de doutores?. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 219-222, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n2p219>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n2p219>. Acesso em: 22 maio 2021.

MICK, Jacques.; ESTAYNO, Sabine. Jornalistas na crise: as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1497/890>. Acesso em: 14 set. 2021.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MIGUEL, Luiz Felipe. BIROLI, Flávia. Orgulho e preconceito: a "objetividade" como mediadora entre o jornalismo e seu público. **Opinião Pública**, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 22-43, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641396>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MIGUEL, Luiz Felipe. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, maio 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v11n1/v11n1a11.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONDADA, Lorenza. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e conversacional. **Rua**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 59-86, mar. 1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640619>. Acesso em: 13 ago. 2021.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. Para além do robô: a reportagem pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. *In*: MAIA, Marta; MARTINEZ, Monica (Orgs.) **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018, p. 99. Disponível em: https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Narrativas_midiaticas_contemporaneas_perspectivas_metodologicas.pdf

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Márcia. A objetividade jornalística tem raça e gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: https://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5LFXYWXMOTM6JSBQBBT_28_7677_20_02_2019_17_55_17.pdf. Acesso em: 1 jul. 2021.

MORAES, Vaniucha de. **A elite dos jornalistas brasileiros: estratégias de legitimação e simbolização entre o período ditatorial e os anos pós-redemocratização**. 2017. 481 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MORAES, Vaniucha. **Realidade (re)vista: o papel do intelectual na concepção de um projeto editorial revolucionário**. 2010. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MORETZSOHN, Silvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. **O Método 3: o Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre - RS: Editora Sulina, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Ed. UNB, 2013.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

NALDONI, Thaís; PIZA, Renata Toledo. Em nome da mãe, Renan decide ficar com o prêmio Esso. **Portal Imprensa**, 22 dez. 2004. Disponível em:

https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/3616/em+nome+da+mae+renan+decide+ficar+com+o+premio+esso. Acesso em: 18 ago. 2021.

NASCI ASSIM #5: Adriana Carranca e as coberturas de guerra. [Locução de] Leonie Gouveia e Marta Valim. [S. l: s. n.]: 13 jul. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/59hzy7u7wzazHpwGQzYauq>. Acesso em: 14 set. 2021.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PJOR0140-T.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: Já Editores, 2008.

OLIVEIRA, Dennis. **Iniciação aos estudos de jornalismo**. São Paulo: Abya Yala, 2020.

OLIVEIRA, Madalena. **Metajornalismo, quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso**. Coimbra: Grácio, 2010. *E-book*. Disponível em: <https://www.ruigracio.com/000pdf/0013Metajorprv.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2011.

OLIVEIRA, Renan Antunes de. Idiossincrático: entrevista exclusiva. **Zero**, Florianópolis, p. 10-11, 2006.

OLIVEIRA, Renan Antunes de. **Reportagens em carne viva com calda de chocolate**. Porto Alegre: Jornal Já, 2019.

OSORIO VARGAS, Raúl Hernando. **El reportaje como metodología del periodismo**: una polifonia de saberes. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.

OUTRO LADO. **Correio Braziliense**, Brasília, 3 maio 2006, p. 8.

PAIXÃO, Patrícia (org.). **Mestres da Reportagem**: vol. I. Jundiaí, SP: In House, 2012.

PAIXÃO, Patrícia (org.). **Mestres da Reportagem**: vol. II. Jundiaí, SP: In House, 2018a.

PAIXÃO, Patrícia (org.). **Mestres da Reportagem**: vol. III. Jundiaí, SP: In House, 2018b.

PARK, Robert Ezra. A história natural do jornal. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008b. p. 33-50.

PARK, Robert Ezra. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. *In*: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008a. p.51-70.

PARK, Robert Ezra. História de vida. *In*: VALLADARES, Licia do Prado. **A sociologia urbana de Robert E. Park**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2018.

PARK, Robert Ezra. News as form of knowledge: a chapter of sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 45, n. 5, p. 669-686, mar. 1940. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2770043>. Acesso em: 15 maio 2021.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PEREIRA, Fábio. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 139-149, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p139>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PEREIRA, Fábio. A perspectiva do interacionismo simbólico. *In*: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas- intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

PEREIRA, Fábio; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 29, p. 35-50, dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41898>. Acesso em: 17 ago. 2021.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>. Acesso em: 26 jul. 2021.

PHILLIPS, E. Barbara. Novidade sem mudança. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999. p. 326-331.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

PONTES, Felipe Simão. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo no Brasil: uma análise crítica**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30410996.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2021.

POST-TRUTH. *In*: OXFORD Dictionaries: Lexico. University Press, 2016. Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/post-truth>. Acesso em: 11 nov. 2021.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Vozes: Petrópolis, 2012.

PRIEST, Susanna Hornig. **Pesquisa de mídia: introdução**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2011.

PROFISSÃO REPÓRTER. [Estreia da temporada 2021]. *[S. l.]*, 21 fev. 2021. Twitter: @profreporter. Disponível em: <https://twitter.com/profreporter/status/1363503746274230272>. Acesso em: 2 nov. 2021.

QUEIROZ, Natalia Costa Cimó. **O auge de Nellie Bly: uma jornalista estadunidense no final do século XIX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107052/320608.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 ago. 2020.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. **História da imprensa**. Lisboa: Planeta, 1996.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. *In*: SILVA, Gislene *et al.* (org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011. p. 119-138.

RESENDE, Fernando. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. 2002. Tese (Doutorado em Jornalismo e Editoração) – Escola de Comunicação e artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

REYNAGA, Julio del Rio. **Periodismo interpretativo: el reportage**. Quito, Equador: Epoca Editorial, 1976.

RIBEIRO, José Hamilton. [Entrevista cedida à rádio CBN]. *In*: CBN GERAÇÕES: Contar histórias é 'ouvir para poder transmitir'. [Locução de] Cássia Regina Godoy. *[S. l.]*: CBN, 29 maio 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://m.cbn.globoradio.globo.com/media/audio/342163/contar-historias-e-ouvir-para-poder-transmitir.htm>. Acesso em: 1 nov. 2021.

RIBEIRO, José Hamilton. A realidade mágica brinca de sonho na prosa de um aprendiz de feiticeiro. [Entrevista cedida a] Aline Ayala *et al.* **Revista Entrevista**, Fortaleza, n. 18, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35805/1/2008_art_jhribeiro.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.

RIBEIRO, José Hamilton. Fórmula de reportagem. *In*: DANTAS, Audálio (org.) **Repórteres**. São Paulo: Ed. Senac, 1998.

RIBEIRO, José Hamilton. *In*: GOMES, Arnon. **O jornalista mais premiado do Brasil: a vida e as histórias do repórter José Hamilton Ribeiro**. Araçatuba, SP: Editora Eko Gráfica, 2015.

RIBEIRO, José Hamilton. Prefácio: Algumas questões do jornalismo. *In*: PAIXÃO, Patrícia (org.). **Mestres da reportagem: alunos de jornalismo da FAPSP**. Jundiaí, SP: In House, 2012. p. 15-18.

RIBEIRO, José Hamilton. Se eu fosse fazer outra coisa não seria feliz. *In*: PAIXÃO, Patrícia. (org.) **Mestres da reportagem: vol. 1. 3. ed.** Jundiaí, SP: In House, 2012b. p. 271 - 287.

RODRIGUES, Jacira Werle. **Reportagem impressa, estilo e manuais de redação: a construção da autoria nos textos do jornalismo diário**. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2003.

ROSSI, Clóvis. Apresentação. *In*: DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990b.

ROSSI, Clóvis; KNAPP, Wolfgang; BERNARDET, Jean-Claude. **O que é jornalismo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990a.

RÜDIGER, Francisco. **Origens do pensamento acadêmico em jornalismo: Alemanha, União Soviética e Japão**. Florianópolis: Insular, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SCHUDSON, Michael. A política da forma narrativa: a emergência de convenções noticiosas na imprensa e na televisão. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

SCHUDSON, Michael. **Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Portugal: LabCom Books, 2009. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf. Acesso em: 8 fev. 2021.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Gislene. Diferenciações, aproximações e complicações entre a prática jornalística e a prática científica. *In*: CHRISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (org.). **Jornalismo investigativo e pesquisa científica: fronteiras**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2015. p. 113-118.

SOARES, Rosana de Lima; GOMES, Mayra Rodrigues (org.). **Profissão repórter em diálogo**. São Paulo: Alameda, 2012.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999. p. 91-100.

SONIA Bridi: jornalismo, ciência e meio ambiente. Mossoró: HiperLAB UERN, 10 jun. 2020. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal HiperLAB UERN. Disponível em: <https://youtu.be/7dlnfMsSweA>. Acesso em: 15 maio 2021.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 31-46, jul./dez.2004. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071>. Acesso em: 15 maio 2021.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 25 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TAMBOSI, Orlando. Informação e conhecimento no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 31-38, jul./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2139/1851>. Acesso em: 23 jul. 2020.

TAVARES, Elaine. **Em busca da utopia**: os caminhos da reportagem no Brasil dos anos 50 aos anos 90. Florianópolis: Pobres e Nojentas, 2011.

TCHÉKHOV, Anton. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações**: como fazer uma reportagem. São Paulo: Martins, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1999

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: v. 1: por que as notícias são como são. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: v. 2: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: v. 2: a tribo jornalística: uma comunidade

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. rev. São Paulo: Summus, 2011.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.

TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no jornalismo e na antropologia: pesquisando jornalistas. *In*: MAROCCO, B. (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libreto, 2012, p. 15-30.

TUCHMAN, Gaye. Contando estórias. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999. p. 258- 262.

VALIM, Jaisson. Adeus a Geneton Moraes Neto, o devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Espanto. **GauchaZH Gente**, 27 ago. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2016/08/adeus-a-geneton-moraes-neto-o-devoto-de-nossa-senhora-do-perpetuo-espanto-7334359.html>. Acesso em: 1 nov. 2021.

VAN DIJK. Teun. Notícias e conhecimento. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 13-29, jul./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2138>. Acesso em: 11 maio 2021.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção da notícia. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25629>. Acesso em: 27 jul. 2020.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/118550>. Acesso em: 15 maio 2021.

VIANA, Natalia. *In*: JORNALISMO essencial: diálogos: Natalia Viana. *[S. l.: s. n.]*, 16 mar. 2021. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Abraji. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CU5eIho_D6U&t=2462s. Acesso em: 14 set. 2021.

VILAS BOAS, Sergio. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VOGEL, Daisi. A entrevista, um traçado aberto. *In*: MAROCCO, B. (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libreto, 2012, p. 101-116.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog journalism in South America: news, accountability and democracy**. Nova York: Columbia University Press, 2000.

WARDLE, Claire. Fake News: It's complicated. **First Draft News**, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>. Acesso em: 17 ago. 2020

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. *In*: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era social do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 34-44.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. *In*: TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 523-535.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZARZALEJOS, José Antonio. Comunicação, jornalismo e fact checking. **Uno**, São Paulo, n. 27, 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. **Revista de comunicação e linguagens**, Lisboa, n. 27, p. 33-61, 2000.

ZELIZER, Barbie. **What journalism could be**. Cambridge: Polity Press, 2017. *E-book*. Edição para Kindle.

APÊNDICE A – Questionário utilizado como consulta prévia**PESQUISA DE DOUTORAMENTO DE MAGALI MOSER
(PPGJOR/UFSC)**

Nome: _____

Gênero: _____

Idade: _____

Atual ocupação/empresa/instituição: _____

Formação/instituição: _____

Questões

1. O que é reportagem para você?
2. Há reportagens/repórteres que lhe inspiram? Quais? Por quê?
3. Como se orienta a sua prática de repórter? Existem métodos envolvidos?
4. Descreva dificuldades para a prática da reportagem.
5. Quais seriam as condições ideais para a realização da reportagem?
6. Você se define repórter?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa previamente intitulada “**A reportagem como método: o processo de investigação a partir da prática de ‘repórteres especiais’**”, parte dos estudos de doutoramento de Magali Moser, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

O estudo se volta para a compreensão das dimensões (cognitiva e técnica) do conhecimento tácito acumulado por “repórteres especiais”, como são chamados nas redações aqueles profissionais destacados pela experiência e competências múltiplas. Esse conhecimento tácito costuma ser traduzido como *insights* pessoais, intuições, palpites, inspirações e percepções consideradas “naturais” ou “faro jornalístico”. O desafio da pesquisa é explicitar essas noções.

Objetivo e justificativa da pesquisa:

Objetivo: Compreender a metodologia envolvida no processo de produção da reportagem (da pauta à edição final).

Justificativa: A reportagem assume um espaço diferenciado entre as práticas jornalísticas. Idealizada nos manuais de redação e no próprio imaginário profissional como “gênero nobre” ou “essência do jornalismo”, tornou-se consagrada para nosso *métier*. Mas, apesar do *status* que ocupa para o campo, é pouco discutida em termos de processo. As reflexões em torno das Teorias do Jornalismo costumam interpretar as notícias como objeto central. Assim, a reportagem enquanto processo é pouco estudada, embora considerada *metodologia do jornalismo*. Esta pesquisa busca avançar na compreensão deste fenômeno que caracteriza o exercício jornalístico. Afinal, o jornalismo carece da descrição/explanação de seus métodos e a reportagem precisa de um embasamento teórico, capaz de iluminar a sua práxis.

Participação no estudo (método de pesquisa):

Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo concedendo uma entrevista, a ser gravada em áudio. As entrevistas serão realizadas de modo individual, com questões formuladas de acordo com o perfil e a experiência de cada entrevistado(a). Terão duração em torno de 30 minutos. As questões se concentram no seu método de trabalho na prática como repórter e o formato da entrevista é aberta, quando as perguntas não são pré-determinadas, tendo como ponto de partida uma questão ampla. O/a participante expressará o seu livre consentimento em participar de forma voluntária, sem qualquer vantagem adicional, podendo desistir a qualquer momento. Será garantido o seu anonimato, se assim desejar. As informações colhidas serão usadas exclusivamente para fins científicos e acadêmicos. Data e local serão previamente agendados, considerando as conveniências dos(as) participantes. Paralelamente às entrevistas com “repórteres especiais” de diferentes redações, será feito um acompanhamento centrado na observação das práticas jornalísticas adotadas pela equipe do Programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, por se propor a mostrar os processos envolvidos nesse fazer. Do mesmo modo, a pesquisadora também realizará entrevistas com a equipe do programa, com intuito de identificar noções e valores reconhecidos pelo grupo no exercício da reportagem.

Possíveis riscos, ações mitigadoras e benefícios:

Deve-se alertar como riscos da pesquisa a possibilidade de desconforto ou constrangimento caso na entrevista seja abordado algum tema que lhe seja sensível.

Para minimizar os riscos, as entrevistas serão feitas em momento e local definidos pelo/a participante, que poderá, sem prejuízos, interromper a entrevista ou não concedê-la, se assim desejar. Na escrita do texto, o(a) participante será, prioritariamente, identificado(a) por nome e cargo/função, constando a identificação nominal, também, nas referências bibliográficas. Para isso, solicitamos que manifeste sua autorização ao final deste Termo. Destacamos, contudo, que poderá optar pela não divulgação de seu nome, neste caso, faremos menção apenas às informações de cargo/função de forma genérica, sem a identificação do veículo para o qual trabalha. No entanto, não é possível garantir o anonimato completo dos(as) entrevistados(as), dado o risco de identificação por quem tenha conhecimento da estrutura e das condições de trabalho de “repórteres especiais” e/ou do Programa *Profissão Repórter*. Para amenizar o risco de prejuízo ao participante, a pesquisadora observará a não utilização de informações coletadas que possam gerar prejuízo aos participantes.

A pesquisa não prevê benefícios diretos aos participantes. Entretanto, ressalta-se a importância da participação das diferentes esferas sociais na análise crítica dos espaços de construção de conhecimento, entre os quais enquadrados as produções jornalísticas. Igualmente, a pesquisa pretende contribuir para o estudo da metodologia da reportagem tanto pelo empenho na explicitação dos processos envolvidos nesse fazer quanto no esforço de desenvolvimento de estratégias teórico-epistemológicas.

Sigilo e privacidade

Durante e após o término da pesquisa, a pesquisadora se compromete a resguardar as informações de cunho pessoal de todos(as) os(as) participantes, tais como telefones e endereços. A pesquisadora zelará ainda pela confidencialidade das informações fornecidas, a privacidade e a proteção da identidade dos participantes que optarem pelo anonimato. Como anteriormente explanado, isso não descarta a possibilidade de identificação, visto que ela pode ocorrer pelo cruzamento de informações disponíveis, por exemplo, nas produções analisadas e nos ambientes de trabalho.

Assistência e acesso aos resultados da pesquisa

A pesquisadora garante todo o acompanhamento e a assistência necessária aos participantes durante toda a pesquisa, bem como o livre acesso a esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, pessoalmente ou pelos contatos fornecidos ao final desse Termo. O(a) participante também terá garantido o acesso aos resultados da pesquisa, resguardadas as condições de sigilo e privacidade anteriormente indicadas. Após seu término, a pesquisa será disponibilizada para acesso público no repositório institucional, no endereço eletrônico <https://repositorio.ufsc.br/>. Resultados parciais ou integrais poderão ser apresentados em encontros ou publicações científicas.

Ressarcimento e indenização:

A participação na pesquisa será gratuita e voluntária, de modo que não estão previstos custos ou compensação financeira e/ou de outra natureza. No entanto, os(as) participantes serão ressarcidos(as) caso tenham despesas extraordinárias comprovadamente em decorrência da pesquisa. Igualmente, poderão solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente, caso venham a sofrer prejuízo material ou imaterial em decorrência da mesma.

Liberdade de não participação ou de retirada do consentimento

Independente das informações prestadas pela pesquisadora pessoalmente ou por meio deste documento, o(a) participante poderá, a qualquer momento solicitar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa. Também o(a) participante pode se recusar a participar do estudo, bem como retirar seu consentimento, sem precisar justificar e

sem nenhum ônus ou penalização, bastando informar a decisão por meio dos contatos ao final desse termo.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)

A pesquisadora, por meio deste termo manifesta seu respeito à ética no desenvolvimento desta pesquisa. Esta pesquisa observa a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida para análise ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH. Vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, “O CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.” (<http://cep.ufsc.br/> para mais informações).

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH

Universidade Federal de Santa Catarina

Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Reitoria II

Trindade – Florianópolis, SC

Cep. 88040-400

Telefone: (048) 3721-6094 / email: cep.propesq@contato.ufsc.br

Contato com os pesquisadores

Magali Moser: (47) 99901 9306 [email: magali.moser@gmail.com](mailto:magali.moser@gmail.com)

Eduardo Barreto Vianna Meditsch: (48) 3721 6610 (PPGJor/UFSC) e [email: emeditsch@gmail.com](mailto:emeditsch@gmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Comunicação e Expressão

Campus Universitário – Trindade

Florianópolis, SC.

CEP: 88040-970

Declaração

Estando esclarecido(a) sobre os procedimentos e direitos acima descritos, eu _____, RG _____ aceito o convite e declaro meu consentimento em participar da pesquisa “**A reportagem como método: o processo de investigação a partir da prática de ‘repórteres especiais’**” integrante dos estudos de doutoramento de **Magali Moser**, sob orientação do Prof. Dr. **Eduardo Meditsch**, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Declaro, ainda, que () autorizo () não autorizo a divulgação de minha identificação nominal nos materiais resultantes da pesquisa. Para isso, rubrico e assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, também rubricadas e assinadas pela pesquisadora, sendo que receberei uma das vias e que a outra via ficará com a pesquisadora. Àqueles(as) que participarem por meio eletrônico, o documento será enviado pelo correio.

_____, ____ de _____ de 2019

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C – Os primeiros contatos com repórteres especiais

10/01/2020

Gmail - Encaminhamentos da pesquisa de tese



Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

Encaminhamentos da pesquisa de tese

Eliane Brum <elianebrum.coluna@gmail.com>
Para: Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

30 de dezembro de 2019 19:36

Olá, Magali

Desta vez é a Eliane que te escreve (e não a Luciana).

Luciana andou precisando de folgas prolongadas por conta dos trabalhos na faculdade e os emails ficaram sem resposta. Estou tentando pelo menos ver as pendências mais urgentes antes do final do ano e sei que vc já tentou muito falar comigo :)

Muito obrigada pelo convite para lançar meu livro em Santa Catarina. Infelizmente, só pude lançar meu livro em São Paulo e em Manaus. É isso só porque estava passando por São Paulo. Estou ficando pelo Norte, mesmo.

Acho que o mais viável para eu responder às tuas perguntas é por áudio. Se vc se comprometer a proteger meu celular, não repassando-o para ninguém mesmo, podemos fazer assim. O celular é o único meio de contato que consegui, até agora, preservar das ameaças. Se achar possível, preciso então que vc me passe seu whatsapp.

Não sei se vc já encaminhou as perguntas para a Luciana... De qualquer modo, pode reenviá-las?

Só te peço, por favor, para só fazer poucas perguntas e perguntas que eu ainda não tenha respondido nos meus livros. Eu realmente estou precisando fazer escolhas difíceis, o que me faz priorizar compartilhar conhecimentos e experiências nos meus livros, que podem ser acessados por quem quiser e assim tem uma dimensão coletiva mais ampla. Estou reduzindo muito as entrevistas privadas. Neste ano, que acaba amanhã, só a sua e uma outra que respondi hoje. Fico honrada por vc ter decidido dedicar sua pesquisa, seu tempo, uma parte importante da sua vida e de seus esforços ao meu trabalho. E sei o quanto isso é importante também pra mim, inclusive para me entender melhor. E te agradeço por isso. A dificuldade se deve aos tempos que vivemos, em que o momento exige da gente muito mais do que em qualquer outra época que vivi.

Vou então tentar te responder o melhor possível através de áudios que vou te enviando por whatsapp.

Pode ser?

Se te interessar, acho que uma das melhores entrevistas que fizeram comigo foi a do Córtex, feita pelo Bruno Torturra em novembro. Talvez possa ajudar você no seu trabalho.

Abraço

Eliane

Marielle, Presente!

twitter: @brumelianebrum

Facebook: @brumelianebrum

Instagram: @brumelianebrum

site: elianebrum.com

http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a/ (Português)

<https://mail.google.com/mail/u/0?ik=84ff7b1063&view=pt&search=all&permmsgid=msg-f%3A1654385976355258735&simpl=msg-f%3A16543859...> 1/2

03/02/2020

Gmail - pesquisa de tese



Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

pesquisa de tese

Eliane Brum <elianebrum.coluna@gmail.com>
Para: Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

25 de maio de 2019 10:25

Olá, Magali

Quem escreve a você é Luciana, assistente da Eliane.

Primeiro, peço desculpas pela demora na resposta. Assumi esse trabalho em março e tem sido muito difícil organizar a demanda. Seu email se perdeu. Falha minha. Um familiar dela me escreveu falando que vc havia enviado um WhatsApp, e então fiz uma busca aqui nos emails. Espero que esteja falando com a pessoa certa.

A Eliane não tem dado entrevistas neste ano porque está atrasada com vários livros. Além disso, ela se esforça para compartilhar seu processo de trabalho, reflexões, dilemas etc. publicamente, para que todos tenham acesso. Uma grande fonte é O Olho da Rua. Também há um texto sobre isso no posfácio de A Vida Que Ninguém Vê. E vários outros nas suas colunas. Assim como as entrevistas disponíveis no seu site (desacontecimentos.com).

Se você ainda tiver questões que ela não tenha abordado, podemos combinar três perguntas.

É o que consigo combinar neste momento. Recebemos em torno de 15 pedidos de entrevistas por mês, o que inviabilizaria ela fazer qualquer outra coisa. Em anos anteriores ela gastava horas respondendo às entrevistas, com a dedicação que ela tem em tudo o que faz. E todo o resto foi atrasando.

Fiz uma avaliação, e a maioria das perguntas repetiam coisas que ela já tinha respondido e que estavam disponíveis para todos. Então, tivemos que tomar uma decisão difícil, dada a demanda.

Espero que você compreenda.

Desculpa, mais uma vez, pela demora.

um abraço

Luciana

Marielle, Presente!

twitter: [@brumelianebrum](https://twitter.com/brumelianebrum)

Facebook: [@brumelianebrum](https://www.facebook.com/brumelianebrum)

site: desacontecimentos.com

http://brasil.elpais.com/autor/eliane_brum/a/ (em português)

http://elpais.com/autor/eliane_brum/a/ (em espanhol)

[Texto das mensagens anteriores oculto]

10/01/2020

Gmail - Profissão Repórter



Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

Profissão Repórter

Caco Barcellos <caco.barcellos@tvglobos.com.br>
Para: Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

11 de setembro de 2018 18:50

Olá Magali,

Tudo certo?

Conversei com o pessoal aqui do Profissão Repórter.

Posso garantir que você acompanhe o meu trabalho em todas as fases, mas a TV impõe algumas limitações... pequenas.... uma delas... proibir a entrada

De visitantes nos carros de reportagem.

Aqui na nossa redação, você terá que combinar com cada um da equipe o tipo de acompanhamento que deseja, ok?

Qual seria a melhor data para você?

Abraço e até breve.

Caco Barcellos

[Texto das mensagens anteriores oculto]

03/02/2020

Gmail - Profissão Repórter



Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

Profissão Repórter

Caco Barcellos <caco.barcellos@tvglobos.com.br>
Para: Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

22 de agosto de 2018 01:01

Olá Magali,
Muito obrigado por dar tanta importância ao meu trabalho.
Penso em ligar pra você nesta quarta-feira, no intervalo de minha reportagem aqui na Bahia, pode ser?
Até breve
Caco Barcellos

Enviado do meu iPhone
[Texto das mensagens anteriores oculto]

03/02/2020

Gmail - Profissão Repórter



Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

Profissão Repórter

Caco Barcellos <caco.barcellos@tvglob.com.br>
Para: Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

8 de novembro de 2018 02:18

Olá. Magali,
Enviei uma resposta mas devo ter errado alguma coisa no envio. Estou com telefone novo e na mudança de arquivo houve algumas perdas.
Escrevo do Rio . Não era isso onplanejado. Uma missão da OEA está no Brasil e decidimos acompanha-lá por vários estados.
Mas nada mudou com relação ao compromisso com você . Caso queira começar sem a minha presença fique à vontade. Preferiria apresentar você à equipe. Espero voltar domingo ou quando acabar a missão da OEA. Vamos falando por aqui., ok?

De: Magali Moser <magali.moser@gmail.com>

Enviado: quarta-feira, 7 de novembro de 2018 13:08:08

Para: Caco Barcellos

Assunto: Re: Profissão Repórter

[Texto das mensagens anteriores oculto]

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas

Nome do(a) repórter especial entrevistado(a):	Link de acesso:
Adriana Carranca	<u>Clique aqui</u>
Andrea Dip	<u>Clique aqui</u>
Armando Antenore	<u>Clique aqui</u>
Caco Barcellos	<u>Clique aqui</u>
Chico Felitti	<u>Clique aqui</u>
Daniela Arbex	<u>Clique aqui</u>
Fabiana Moraes	<u>Clique aqui</u>
Fábio Bispo	<u>Clique aqui</u>
José Hamilton Ribeiro	<u>Clique aqui</u>
Mauri König	<u>Clique aqui</u>
Natalia Viana	<u>Clique aqui</u>
Renan Antunes de Oliveira	<u>Clique aqui</u>

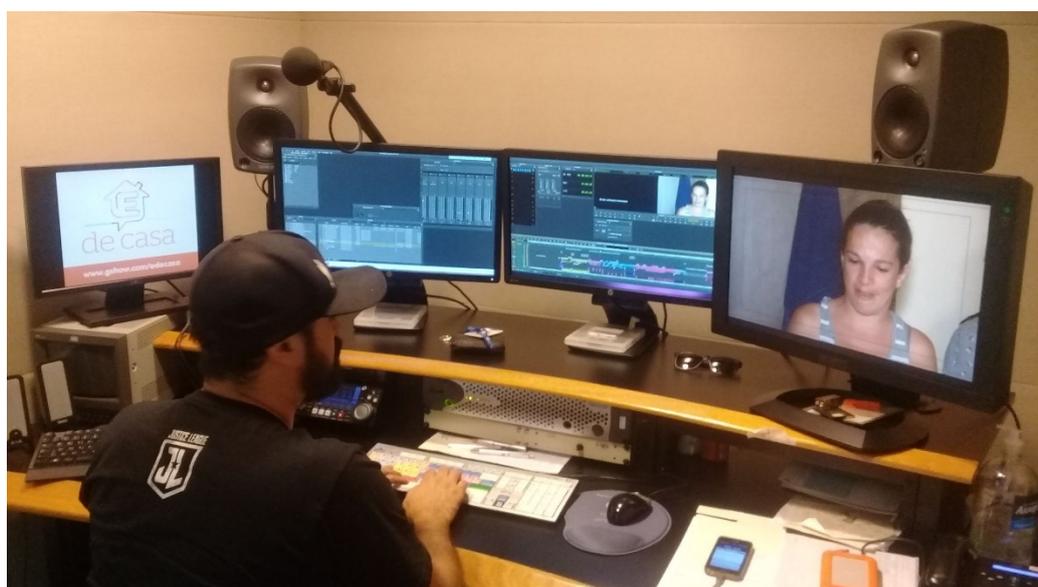
APÊNDICE E – Fotos do trabalho de campo no Profissão Repórter

Figura 2 – Redação do Programa Profissão Repórter, na sede da Rede Globo, em São Paulo



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

Figura 3 – Editor de imagem do programa, Júlio Inácio, integrante da equipe desde o início, numa das ilhas de edição



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

Figura 4 – Repórter Mayara Teixeira durante apuração de uma reportagem para o programa, em novembro de 2018



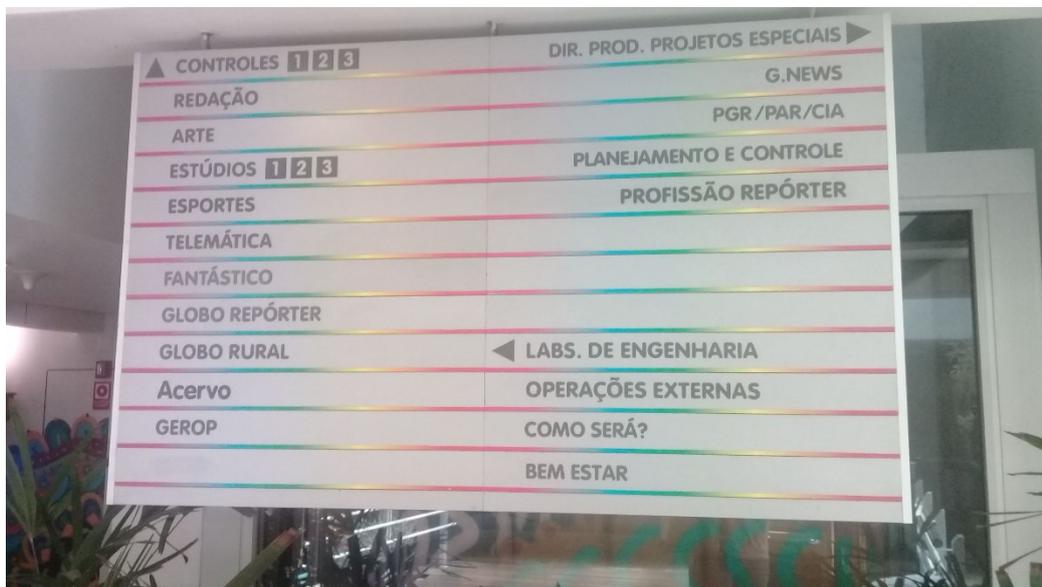
Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

Figura 5 – Caco Barcellos entre papéis, notas e anotações, na coordenação da equipe



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

Figura 6 – Anúncio de localização da sala do programa, nos corredores da sede da emissora



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

Figura 7 – Fachada de entrada do grupo reservada a visitantes (Rua Evandro Carlos de Andrade, Brooklin Novo)



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

Figura 8 – Editor-executivo do programa, Caio Cavechini, durante palestra na UFSC, em 2019



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2019)

Figura 9 – Vista panorâmica da redação dos telejornais da Globo



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2018)

APÊNDICE F – Processo de produção da análise

Quadro 10 – Sistematização de respostas sobre a pauta ou saber de reconhecimento

Saber de reconhecimento		
Nas palavras de repórteres entrevistados(as) para esta pesquisa	Características e atributos desse saber	Categoria definida - com base em Bardin (2016)
<p>“Intuição que resulta de sua experiência” (AC); “precisa ter um bom sexto sentido, sexto sentido não, mas uma ideia pra perseguir” (AD); “a gente vai aos poucos adquirindo um certo faro” (AD); “não sei te explicar... às vezes é ‘do nada’, acontece” (AA); “a intuição é tudo” (CB); “o Homem-Aranha tem um super-poder [...], consegue sentir quando algo vai acontecer, antes dessa coisa acontecer. E acho que cada repórter tem uma intuição parecida” (CF); “uma boa história demora meses para ser descoberta, mas é preciso confiar na primeira fagulha” (CF); “é um faro que a gente cheira a notícia, que a gente sente a notícia. Isto a gente tem e traz dentro da gente” (DA); “eu não saberia dizer o que é uma intuição ou uma percepção” (FM); “eu tenho uma espécie de radar [...] ligado” (FB); “nariz funcionando é boa arma do repórter [...], isto não está cheirando bem” (JHR); “você vai fazendo na tentativa de erros e acertos [...] no que intui” (MK); “é tudo muita intuição, repórter é muito intuitivo” (NV); “é uma sensibilidade que os anos trazem” (RAO); “não pergunte ao leão o que ele está fazendo [...] dando aquela farejada” (RAO)</p>	<p><i>Insights</i> derivados de uma função não consciente, baseada em processos intuitivos, uma sabedoria interna e experiências acumuladas, com dificuldade de explicitação</p>	<p>Dimensões intuitivas</p>
<p>“Pautas que surgem de uma inquietação pessoal” (AC); “sempre partem de uma preocupação pessoal” (AC); “é o que eu chamo de ‘a grande questão’” (AC); “O que eu faço? Primeiro, vem o ‘insight’. Depois, eu tenho a primeira conversa com a pessoa, pensando em transformar aquilo em algo” (AA); “Tem que ter inquietude intelectual, desejo, saber exercitar a curiosidade e não se conformar no primeiro obstáculo” (CB); “há uma coisa em comum no nascimento das grandes reportagens as quais me dedico: todas vêm de uma curiosidade” (CF); “A gente tem que ter curiosidade [...] algumas áreas tenho muito interesse de cobertura” (DA); “primeiro vem aquele... por que as coisas são assim?” (FM); “na reunião de pauta, você puxa pela sua vivência” (JHR); “aquilo que as</p>	<p>Escolhas que operam de modo subjetivo com base nas vivências individuais de cada repórter e nos conhecimentos acumulados a partir das experiências</p>	<p>Entre a curiosidade e as vivências pessoais</p>

<p>“pessoas têm o direito de saber que afeta de alguma maneira a sua vida” (MK); “é super subjetivo, quando é uma boa história” (NV); “o meu método [...] é muito pessoal” (NV)</p>		
<p>“As grandes reportagens sempre surgiram da rua” (AC); “você passar um tempo observando aquilo de alguma maneira é essencial para uma boa reportagem” (AD); “é tudo um espanto” (AA); “eu via eles lá sempre, mas teve um dia que eu falei: ‘Opa! Aqui tem uma história’” (AA); “sou um observador permanente” (CB); “praticamente, todas [as pautas surgem] da observação e da leitura.” (CB); “a observação da rua vai se encaixando nessas verdades do conhecimento alheio ou do conhecimento de especialistas, de outras vivências” (CB); “faço muita coisa que nasce da observação” (CF); “a maioria das grandes reportagens que eu fiz e que foram premiadas [...] nasceram de observações” (DA); “ir às ruas é fundamental. A tecnologia não substitui o contato, o olho no olho” (DA); “A observação é talvez o meu maior capital, digamos assim, eu observo, de fato, bastante” (FM); “eu fico procurando, na observação, ir além do meu senso comum” (FM); “Outra coisa que eu faço bastante é leitura do diário oficial” (FB); “a história dos respiradores surgiu de uma análise documental” (FB); “a partir da observação, do repórter perceber algo diferente, na abordagem” (MK)</p>	<p>Ideias favorecidas pela leitura de relatórios, diários oficiais, documentos em geral, além da observação, vivências e imersão nas ruas</p>	<p>Leitura da realidade</p>
<p>“acho que acabo indo de uma matéria à outra” (AC); “tem pautas que surgem de uma inquietação com alguma coisa que está acontecendo que não esteja recebendo um olhar mais profundo [...] Por exemplo, a matéria que eu fiz sobre a redução da maioria penal [...] eu não estava vendo uma reportagem que abordasse toda a complexidade daquele assunto” (AD); “sempre achava que havia brechas muito grandes” (CB); “o problema é o que a imprensa deixa de fazer” (CB); “eu li no meu jornal [...] começou assim” (DA); “cobrir diariamente [determinado assunto] vai nos dando ‘insights’ e nos municiando para fechar uma especial” (FB); “esse factual que me dá agora a oportunidade de oferecer uma especial [...], porque eu fiquei acompanhando diariamente” (FB); “quando eu estou precisando de história: pega um jornal, de cabo a rabo, você vai achar umas cinco histórias que rendem grandes reportagens ali” (NV); “eu bato o olho e falo: ‘nossa! Isso aqui é uma história!’” (NV); “pautas que pego da leitura de jornais” (RAO)</p>	<p>Pautas que surgem a partir da prática da leitura de jornais, coberturas diárias e repercussões, notícias não abordadas no jornalismo tradicional, questões tratadas superficialmente ou pouco exploradas na cobertura tradicional</p>	<p>Retroalimentação jornalística</p>
<p>“tem matérias que surgem em uma reunião de pauta [...] tem ideias que surgem de pessoas que vêm fazer denúncias” (AD); “a coisa vai nascendo da conversa, sempre” (AA); “mas é uma conversa informal, eu não anoto nada” (AA); “desde que o dossiê seja todo checado. Palavra por palavra dita ali” (CB); “eu não escolhi contar essa história,</p>	<p>Ideias que chegam aos repórteres por terceiros, incluindo sugestões, reuniões de</p>	<p>Trocas com jornalistas e o público em geral</p>

<p>acabou que eu fui escolhida, eu me sinto assim. Porque foi uma insistência de um colega, né?” (DA); “o Caso Kogi surgiu de uma conversa com um taxista!” (DA); “você vai, as peças tão todas espalhadas, desconectadas, você não consegue ver exatamente do que se trata” (DA); “[a reunião de pauta é] aquele caldeirão, de ideias, de vivências, de pontos de vista. E ia afunilando sabe a conversa e resultava numa proposta de pauta” (JHR); “recebendo aquele clássico material já documentado” (MK)</p>	<p>pautas, conversas informações e denúncias recebidas</p>	
<p>“coisas que afetam a vida das pessoas direta ou indiretamente” (AD); “assuntos que sejam interesse da maioria da população” (CB); “tem que evitar o que nós chamamos de um assunto que segmenta” (CB); “o dever de descobrir histórias de pessoas invisibilizadas” (CB; CF; DA); “uma informação com impacto social” (CF); “O meu método é: é útil? É útil. Tem interesse público? Tem interesse público. Então, eu vou fazer” (DA); “quem não se pauta é pautado, eu sempre me pautei [...] As histórias são construídas, as pautas não nascem prontas” (DA); “se você ficar esperando na redação, ou onde for, que chegue uma grande história pra você contar, você nunca vai contar uma grande história” (DA); “as grandes histórias começam pequenininhas” (DA); “O que norteou, o que gerou essas reportagens de prêmios é que elas tinham em comum a denúncia de alguma injustiça que estava sendo cometida por alguém ou por algum grupo” (MK); “durante décadas, cumpri poucas pautas pautadas por pauteiros” (RAO)</p>	<p>Resultado de uma motivação individual do repórter aliada a temas de forte interesse coletivo, focadas em direitos humanos e envolvendo grupos sociais invisibilizados, atendendo ao critério do interesse público</p>	<p>Iniciativa do(a) próprio(a) repórter</p>
<p>“Treinando o olhar” (AC); “partindo do pressuposto de buscar coisas novas [...] A indignação [...] me dá energia para continuar a contar histórias” (CB); “vejo uma tendência de gostar de olhar para pessoas marginalizadas pela imprensa (CF); “eu acho que começa assim, de você conseguir enxergar o que ninguém conseguiu” (DA); “o que é um assunto esgotado? A Kiss, em tese, seria um assunto esgotado” (DA); “precisa me trazer um desenho que traga novas respostas” (FM); “o que eu busco [...] às vezes não é exatamente o furo, mas o ineditismo daquela perspectiva” (FB); “sempre tem aqueles [repórteres] que põem a cabeça para cima da linha mediana e querem mais. E têm uma visão mais de longo alcance” (MK); “a gente só consegue corrigir um problema quando expõe aquele problema” (MK); “Farejo pautas fora do eixo [...] O assunto já estava esgotado, mas eu digo, não! Não está” (RAO)</p>	<p>Esforços no sentido de mudar o ângulo do olhar e evitar a naturalização do cotidiano, além de recusa de modelos estabelecidos</p>	<p>Insubordinação do olhar e perspectiva crítica ao próprio jornalismo</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 11 – Sistematização de respostas sobre o processo de apuração ou saber de procedimento

Saber de procedimento		
Nas palavras de repórteres entrevistados(as) para esta pesquisa	Características e atributos desse saber	Categoria definida - com base em Bardin (2016)
<p>“Depois do <i>insight</i>, você tem um mergulho [...] naquela história que geralmente traz mais perguntas do que respostas (AC); “pesquisar tudo o que já saiu a respeito, às vezes já saiu muitas coisas; às vezes, não” (AD); “eu faço o primeiro questionário sozinho e anoto no caderno todas as primeiras perguntas” (AA); “As primeiras informações da pesquisa são observações” (CB); “Eu fico absolutamente obcecado pelo assunto” (CF); “tentei reunir o máximo de informações possíveis sobre aquela empresa. Tô falando do [Caso] Koji, mas posso falar de outros. Primeiro, porque eu nem sabia como escrevia Koji! [...] uma coisa vai puxando a outra, você tem que ter paciência” (DA); “eu começo a cavoucar muito. Procuo por assuntos correlatos” (FM); “ah, o primeiro passo é a pesquisa, procurar se informar, [...] se colocar diante do assunto como um ignorante” (JHR); “às vezes, levava semanas pensando no planejamento de uma reportagem antes de ir a campo” (MK); “você começa com uma coisa muito pequena, e ela vai crescendo” (NV); “se você disser pra um editor: ‘tenho tchantchantchan, ele vai querer saber tudo antes de comprá-la [a pauta]’” (RAO)</p>	<p>Compilação de materiais relacionados com o tema da reportagem em questão, capazes de dar um suporte inicial para o planejamento da produção, revelar o que já se sabe sobre aquela abordagem e o que se busca trazer como informação nova, além de indicar possíveis caminhos</p>	<p>Pesquisa exploratória e planejamento preliminar</p>
<p>“Procuo ouvir todo mundo que foi testemunha ocular [...], penso que documentos isso gerou [...], sempre uso como referência a academia” (AC); “gosto muito de incluir acadêmicos nas minhas reportagens. Mesmo que eles não entrem como fonte” (AD); “eu prefiro esgotar o protagonista e pegar alguns personagens coadjuvantes, mas sem ter essa pretensão de ‘tapar todos os buracos’” (AA); “O ideal é sempre contemplar aquele que não deseja que você feche a história” (CB); “preciso tirar um dia pra conceber um esqueleto para a reportagem. [...] Se depender de vias oficiais, tem gente que não existe” (CF); “é ampliar ao máximo e aí ter criatividade pra você pensar: onde mais eu posso buscar?” (DA); “começar a procurar fontes e já ir naquilo que a gente pode chamar de fonte primária também” (FM); “encontrar as pessoas certas para falar” (FB); “tem que ter bom senso, capacidade de esforço [...] pra levantar informação” (JHR); “um planejamento, que implica em investir em quais</p>	<p>Mapeamento de possíveis fontes, documentais e testemunhais e que possam garantir melhor compreensão da temática (pode envolver também elaboração de um plano detalhado de ação sobre os métodos a serem usados)</p>	<p>Levantamento de fontes e plano de ação</p>

<p>métodos [...] seguir” (MK); “um foi me falando do outro. A matéria vai se abrindo para você” (NV); “Voltando ao tema das fontes: procurar por elas exige tenacidade” (RAO)</p>		
<p>“Precisa pensar tudo o que aquela história produziu de evidência” (AC); “você sabe que está indo pelo caminho certo da reportagem quando começa a se perder’ [...] porque está descobrindo coisas” (AD); “O ato eu acho que se aproxima mais da verdade que a fala [...] O contraditório é tudo” (CB); “eu anoto tudo [...] porque não confio na minha memória” (CF); “pra cada afirmação, eu tinha que ter uma documentação” (DA); “qualquer nome que eu cito, eu vou na base da Receita Federal para ver quantas empresas ele tem!” (FB); “não se pode acreditar em tudo o que se ouve” (JHR); “não é nem tanto conseguir as provas daquilo [...], é conseguir o tempo necessário” (MK); “que documentos e que dados podem me ajudar a entender essa história?” (NV)</p>	<p>Reunião de dados e documentos que servirão como embasamento da história</p>	<p>Busca por evidências, informações novas e pelo contraditório</p>
<p>“A reportagem, não é só aspa, são todos os sentidos” (AC); “O processo é sempre esse: uma conversa muito atenta, sem anotar, só gravando [...] é quase uma terapia mesmo, porque eu estou totalmente disponível para aquela pessoa” (AA); “Em média, a gente aproveita dois por cento, produz realmente para um livro ou filme. Mas é essencial essa imersão” (CB); “o teu olhar, ninguém, nada substitui” (DA); “a questão da observação [...] é uma forma de apuração, eu acho muito, enfim, incrível. Essa observação que se repete, né? Uma etnografia mesmo: Você observar uma questão uma vez e de novo e de novo” (FM); “Eu gosto de observar bastante também o entrevistado” (FB); “o jornalismo diário está muito dependente de apenas um sentido, o ouvido” (JHR); “captar informações não só vendo ou ouvindo, mas sentindo pelo olfato, pelo tato” (MK); “a observação precisa de tempo” (NV); “é uma profissão que depende dos olhos de cada um. Depende da maneira como você vê o mundo” (RAO)</p>	<p>Imersão, acompanhamento e observação direta na/da realidade</p>	<p>Imersão com todos os sentidos atentos e convivência</p>
<p>“A parte que eu mais gosto na reportagem é ouvir as histórias das pessoas. [...] Acho que o mínimo que eu posso fazer é tratar as pessoas com respeito” (AD); “o repórter precisa ter uma abertura genuína e profunda para a escuta e a observação” (AA); “O encanto maior do jornalismo é a incerteza de sair pra rua e encontrar a contradição em relação ao que você pensa. Ou a felicidade extrema de ter confirmado ali aquilo que você deseja” (CB); “é você ter interesse real pela história do outro” (DA); “Às vezes,</p>	<p>Coleta de interpretações num diálogo aberto, exercitando a capacidade de uma escuta empática e sincera, abrindo espaço para possíveis</p>	<p>Disposição à escuta sincera e abertura ao imprevisível</p>

<p>alguém fala algo que tem a ver com o nosso assunto, mas a gente [...] não abre os nossos ouvidos” (FB); “procuo estar desarmada [...], estabelecer uma relação com uma certa horizontalidade” (FM); “não adianta perguntar muito. É preciso deixar a pessoa bem à vontade e captar o que sai” (JHR); “para mim, a melhor coisa é parar e ouvir. Falar: ‘me explica’. Mesmo que eu saiba [...], vou, realmente, para ouvir as pessoas” (NV); “Eu já ouvi tanta bobagem pra chegar onde eu quero! A própria entrevista sobre Felipe Klein foi uma arte da entrevista [...] O segredo é ouvir” (RAO)</p>	<p>imprevistos e mudanças de rumo</p>	
<p>“você só fala assim: ‘ah, cheguei! Acabei minha pesquisa’ quando começa a dar voltas e vai voltando às mesmas fontes”(AC); “Eu estou muito interessado nas histórias de vida. [...] É claro que checo algumas coisas fundamentais, mas as outras são as pessoas contando a história dela.” (AA); “É imprescindível checagem de dados, a checagem, dá muito trabalho. Você tem que ter muita paciência pra ser esse garimpeiro. Para achar o ouro, você tem que garimpar muito” (DA); “É um problema que surge em toda reportagem. É muito difícil. A gente se faz essa pergunta: acaba aqui ou não acaba?” (FB); “Tem um momento em que as pessoas começam a falar as mesmas coisas. Você já sabe o que elas vão falar. Por mais que sejam pessoas diferentes, porque você já entendeu a história” (NV)</p>	<p>Avaliação final de todo o material coletado, checagem de dados e busca por possíveis falhas no processo de apuração</p>	<p>Cruzamento de dados, análises e checagem do material coletado</p>
<p>“o papel do jornalista é, apenas, de intermediário. Cabe a ele ouvir e tomar nota daquilo que a fonte tem a dizer, sem julgamentos” (AC); “ouvir as pessoas com respeito. Realmente ouvir as pessoas, estar disposta a ficar lá ouvindo o que as pessoas têm a dizer” (AD); “o método não define tudo. O que define é, antes de tudo, a postura, o que move primordialmente um repórter” (AA); “não tem técnica, não, tem respeito. Nunca, nunca, uma pessoa que me deu entrevista disse: ‘eu não disse isso’” (DA); “fiz muita infiltração [...] Tinha o cuidado de não ficar na falsidade ideológica, mas a gente omitia a nossa identidade profissional” (MK); “Na <i>Pública</i>, a gente orienta todo mundo a dizer que é repórter, mas, em alguns momentos, eu acho que é justificável, sim [a omissão da identificação], principalmente se a história é muito grave” (NV); “eu tenho dúvidas a cada momento, a cada matéria, a cada história” (RAO)</p>	<p>Valores e atitudes que acompanham todo o processo de produção, desde a concepção inicial da ideia à publicação / veiculação do material</p>	<p>Conduta ética</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 12 – Sistematização de respostas sobre o percurso de criação da narrativa

Saber de narração		
Nas palavras de repórteres entrevistados(as) para esta pesquisa	Características e atributos desse saber	Categoria definida – com base em Bardin (2016)
<p>“monto um roteiro esquemático: ‘Eu vou abrir assim e, para abrir assim, as informações estão aqui. Eu vou seguir assim’. Claro que, no caminho, vai mudando” (AA); “Se você pegar [o livro] <i>O Abusado</i>, é cinema ali. Eu pensei num roteiro de cinema, um roteiro de documentário de TV” (CB); “antes de começar, eu faço todo o esqueleto, eu nomeio os capítulos, raramente eu mudo o nome deles. E eu sei como eu vou começar e como eu vou terminar, porque se eu não souber, eu não consigo começar a escrever” (DA); “Eu sempre faço um ‘briefing’ da pauta tentando resumir a história em título e um parágrafo. Isso me ajuda tanto a convencer o editor sobre a pauta como para eu mesmo ter um norte” (FB); “eu faço um roteiro do texto” (JHR); “não escrevo uma reportagem sem refletir à exaustão sobre o tipo de texto [...] Planejamento é a palavra chave” (MK); “Geralmente faço um esqueminha: acho que essa história pode começar por aqui, por aqui ou por ali” (NV)</p>	<p>O processo de elaboração da narrativa inicia com um plano, esqueleto ou roteiro, estabelecendo as etapas gerais da estrutura narrativa</p>	<p>Planificação e roteiro</p>
<p>“a sua capacidade de contar uma boa história” (AC); “tinha certa resistência porque temia que os jornalistas acabassem fazendo ‘literatices’” (AA); “É uma coisa artesanal, seguida dos velhos românticos da literatura ou da reportagem [...] Tem que usar com criatividade, os seus limites” (CB); “juntar esses cacos de texto que já estão escritos, e fazer dele uma coisa única e fluida” (CF); “É uma linguagem diferenciada, é a surpresa, é a pessoa ser surpreendida, [...] É um texto cheio de emoção, sim, por que não?” (DA); “eu gosto da impressão, [...] de escrever o que está em mim. E depois eu vou olhar anotações” (FM); “com emoção, com vida, porque é uma história de vida” (FB), “Se você faz uma peça técnica, que não tenha emoção [...], ela perde, como Jornalismo, a sua essência [...] contexto e ambição literária” (JHR); “estratégias narrativas dependem muito das histórias [...] Nesse caso, coube melhor um texto mais literário” (MK); “Por melhor que seja a história, [...] o texto tem que segurar” (RAO)</p>	<p>A redação envolve a busca pela valorização da estética e da emoção, incluindo a busca por uma expressão artístico-literária</p>	<p>Valorização da emoção e de uma expressão artístico-literária</p>

<p>“As palavras têm o poder de aumentar ou diminuir tensões sociais e étnicas, mesmo que essa não seja a sua intenção” (AC); “Eu leio minha matéria pensando que quem pegar tem que conseguir ler. Meu filho tem que conseguir ler, a minha vó tem que conseguir ler” (AD); “tinha uma obsessão com a ideia da clareza. Eu precisava ser muito claro para qualquer pessoa entender” (AA); “É como se fosse fazer um longa, em cinema, né? Claro, mas com a camisa de força da realidade” (CB); “É difícil porque tem que ser fiel à realidade dos fatos [...], mas ter essa sedução, essa estética, é difícil, você casar tudo” (DA); “uma preocupação que tenho com o texto é de como ele vai compor uma história já prevendo a apresentação de dados e visualizações. Isso elimina textos desnecessários” (FB); “entender o assunto suficiente para escrever [...] com clareza, de modo que a pessoa que vai ler, e que possivelmente não entenda também deste assunto, seja capaz de entendê-lo” (JHR); “o texto que vai estabelecer esse diálogo né, ou a interação com o leitor.” (MK); “só quando você escreve, você percebe o significado” (NV);</p>	<p>Redigir envolve ainda a procura pelas palavras mais adequadas, na busca pela linguagem acessível, que atraia a atenção do público para torná-lo interlocutor</p>	<p>Foco na clareza e na exatidão das palavras</p>
<p>“O ‘Malala’, um livro-reportagem infantil, quem me pediu pra fazer isso foi a editora, e eu resisti muito porque eu nem sabia escrever em primeira pessoa, achava a coisa mais esquisita do mundo” (AC); “A gente tem que tomar cuidado com o ego de repórter também. Não é sempre que é preciso escrever em primeira pessoa” (AD); “é sempre sobre o Outro. Nunca é sobre o repórter” (AA); “uma cena, já que tem tanto isso no Brasil: um massacre, uma chacina. De 15, no escuro. Não tem nenhuma testemunha. A única testemunha é você [...] tem que dizer isso” (CB); “tem que tomar um cuidado pra gente não virar a notícia, porque a gente não é” (DA); “A gente teve isso muito forte no jornalismo, do repórter-herói, que se lança à aventura, desbrava os lugares e leva matéria” (FM); “repórter tem que ser personagem da sua história quando por algum acaso ele participa daquela história” (JHR); “O personagem tem múltiplas funções dentro do texto jornalístico” (MK); “o papel do repórter é tão pequeno, né? É muito raro o repórter ter que aparecer” (NV)</p>	<p>Considerando o não apagamento de quem reporta, há uma preocupação para que o repórter não assuma um lugar de protagonismo, focando sempre na humanização das personagens</p>	<p>Controle do autoprotagonismo e ênfase nas personagens</p>
<p>“No caso [do texto] da moradora de rua, eu li muitas coisas para ela antes de publicar [...] Só para quem pede ou para quem eu sinto que é importante. Eu não tenho o menor pudor em fazer isso” (AA); “Detesto revisar. Mas tive a sorte de me</p>	<p>A revisão final envolve o trabalho de evitar repetições de palavras por</p>	<p>Refinamento e revisão</p>

<p>cercar de gente muito boa pra ler e opinar.” (CF); “Eu sempre fiz isso [leitura do texto para os entrevistados], desde o meu primeiro livro [...] Nós não dominamos todos os assuntos” (DA); “eu colocava num modo onde só eu podia ver os textos [...], são as técnicas, são as sensibilidades ‘hackers’ também, que têm que existir” (FM); “Quando eu faço a leitura final do texto, normalmente, eu tiro muita coisa na edição” (FB); “Sempre fez parte da minha rotina de repórter, a vida toda, dar oportunidade para que minha fonte fizesse uma leitura prévia do que eu tinha escrito” (JHR), “um editor edita e faz comentários de coisas que precisam ser melhoradas” (NV)</p>	<p>exemplo (em alguns casos, a última checagem antes da publicação/veiculação pode contemplar ainda a submissão da narrativa a personagens citadas)</p>	
<p>“A maior dificuldade que eu tive e tenho até hoje sou eu mesmo” (AA); “Às vezes você tá emperrado, não avança, você desiste. ‘Putá, eu to uma merda, tenho que desistir dessa porra de escrever” (CB); “ele criticou, achou que eu ficcionalizei demais algumas passagens. E foi ótima essa crítica, porque me ensinou [...] a tomar cuidado, porque a ficcionalização pode tirar a credibilidade” (DA); “É muito desejável a crítica de outras pessoas, de pessoas interessadas e bem intencionadas” (JHR); “Eu já pedi muitas vezes opiniões ou ajuda mesmo de colegas jornalistas” (MK); “quando eu faço um texto, tenho um ciúme dele, eu não gosto que mexam muito no meu texto. Mas eu gosto de ter alguém me apontando os problemas do texto” (NV); “Quando decidi contar estas histórias tive que vencer um inimigo dentro de mim mesmo: o senso crítico” (RAO)</p>	<p>Disposição permanente para aprender e avaliação crítica, tanto de si com o próprio trabalho quanto do outro com suas produções</p>	<p>Aprendizado com as críticas e superação da autocrítica</p>
<p>“Já aconteceu de eu trabalhar em outros lugares como repórter que eu não quis assinar a matéria, porque, no final, ela estava tão desconfigurada” (AD); “Eu sempre quis ser autoral no jornalismo. Até hoje eu não entendo por que vários jornalistas não se importam com o texto. Para eles, o que importa é a informação” (AA); “cada segundo é [...] muito trabalho de edição. Pra não perder um minuto de audiência” (CB); “Eu só saía do jornal quando os computadores eram desligados. E eu via como a página estava. Eu nunca entreguei uma matéria e fui embora” (DA); “Como ‘freelancer’, a gente já faz uma reportagem pré-editada, porque a gente sabe que é isso o que eles procuram” (FB); “Eu tenho muita saudade da imprensa escrita. Porque no jornalismo escrito, você é mais dono dele, sabe? É mais autoral” (JHR)</p>	<p>Finalização do processo de elaboração da reportagem, com a edição, e quando se assume a autoria do trabalho desenvolvido, assinando aquela produção</p>	<p>Cuidado na edição final e reivindicação pela autoria</p>

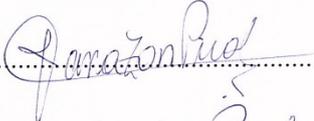
Fonte: Elaborado pela autora

ANEXO A – Autorização obtida junto à Rede Globo
(para o acompanhamento no Profissão Repórter)

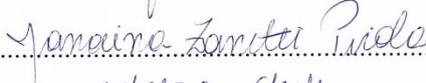
DECLARAÇÃO
(Programa Profissão Repórter, Rede Globo)

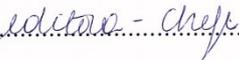
Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como editora chefe do programa Profissão Repórter, da TV Globo de São Paulo, eu, Janaína Pirola, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **A reportagem como método**: O processo de investigação a partir das práticas de “repórteres especiais”, sob responsabilidade de **Magali Moser** e cumprirei os termos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 04/10/2019.

ASSINATURA: 

Janaína Pirola
Editora Chefe

NOME : 

CARGO: 

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL

ANEXO B – Parecer consubstanciado do CEP/UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A reportagem como método: O processo de investigação a partir da prática de repórteres especiais

Pesquisador: EDUARDO BARRETO VIANNA MEDITSCH

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 23209719.6.0000.0121

Instituição Proponente: Centro de comunicação e expressão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.700.976

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de doutorado de Magali Moser, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Tem como objeto de estudo a reportagem e seu objetivo geral é compreender o processo de produção e a metodologia envolvida na reportagem a partir de suas etapas: da pauta à apuração, incluindo a narrativa levada ao público. A pesquisa parte de um corpus formado por reportagens assinadas pelos assim chamados “repórteres especiais, os quais também serão entrevistados. O programa televisivo Profissão Repórter, da Rede Globo, servirá como estudo de caso a partir de acompanhamento. Os procedimentos metodológicos tem ênfase na observação, entrevistas em profundidade e análise das narrativas dos entrevistados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a metodologia envolvida no processo de construção da reportagem (da pauta à edição final) tendo como base a prática de “repórteres especiais” e o programa Profissão Repórter, da Rede Globo.

Objetivos Secundários:

- Apresentar indicadores que possam sinalizar os processos envolvidos na prática da

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.700.976

reportagem, com base nas entrevistas em profundidade com “repórteres especiais”, na observação dos bastidores do Profissão Repórter e nas narrativas das próprias reportagens.

- Identificar a emergência da figura repórter no jornalismo e as diferentes noções para definir reportagem e repórter na trajetória histórica do jornalismo.
- Compreender as especificidades da prática de “repórteres especiais” e suas contribuições para pensar o fazer jornalístico.
- Explicitar os processos envolvidos, etapas e passos metodológicos envolvidos em todo o percurso da produção da reportagem a partir da prática desses repórteres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos elencados envolvem constrangimento, cansaço ou aborrecimento por ter que responder as perguntas da entrevista. Os pesquisadores assinalam que o risco de quebra de sigilo e privacidade também é alto pelo fato de que os participantes serem todos de uma mesma instituição. Inicialmente, pretendem divulgar o nome do jornalista entrevistado e ressaltam, no TCLE, que tal divulgação somente será feita com a expressão autorização registrada no TCLE em campo específico.

Quanto aos benefícios, os pesquisadores ressaltam que a pesquisa pretende contribuir para o estudo da metodologia da reportagem

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Com exceção do roteiro da entrevista, todos os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa em tela apresenta a seguinte pendência:

- 1 – Os pesquisadores devem anexar o roteiro da entrevista a ser realizada com os repórteres especiais participantes do estudo.

Esclarecemos que o CEPESH está sob fiscalização da CONEP e tem a obrigação de verificar se todos itens exigidos estão de acordo com a legislação, sob pena de sanções tais como suspensão ou

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.700.976

descredenciamento, o que seria extremamente prejudicial a toda a comunidade acadêmica da UFSC e de outras instituições que utilizam seu serviço.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1449151.pdf	08/10/2019 15:51:07		Aceito
Orçamento	orcamento.doc	08/10/2019 15:45:48	MAGALI MOSER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEDoutorado.pdf	08/10/2019 15:41:47	MAGALI MOSER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEPSH.pdf	08/10/2019 15:40:40	MAGALI MOSER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Autorizacao.pdf	08/10/2019 15:39:42	MAGALI MOSER	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostocomassinaturas.pdf	08/10/2019 15:36:04	MAGALI MOSER	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 12 de Novembro de 2019

Assinado por:
Maria Luiza Bazzo
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP/UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A reportagem como método: O processo de investigação a partir da prática de repórteres especiais

Pesquisador: EDUARDO BARRETO VIANNA MEDITSCH

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 23209719.6.0000.0121

Instituição Proponente: Centro de comunicação e expressão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.729.566

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de doutorado de Magali Moser, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Tem como objeto de estudo a reportagem e seu objetivo geral é compreender o processo de produção e a metodologia envolvida na reportagem a partir de suas etapas: da pauta à apuração, incluindo a narrativa levada ao público. A pesquisa parte de um corpus formado por reportagens assinadas pelos assim chamados “repórteres especiais, os quais também serão entrevistados. O programa televisivo Profissão Repórter, da Rede Globo, servirá como estudo de caso a partir de acompanhamento. Os procedimentos metodológicos tem ênfase na observação, entrevistas em profundidade e análise das narrativas dos entrevistados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a metodologia envolvida no processo de construção da reportagem (da pauta à edição final) tendo como base a prática de “repórteres especiais” e o programa Profissão Repórter, da Rede Globo.

Objetivos Secundários:

- Apresentar indicadores que possam sinalizar os processos envolvidos na prática da reportagem, com base nas entrevistas em profundidade com “repórteres especiais”, na observação dos

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 3.729.566

bastidores do Profissão Repórter e nas narrativas das próprias reportagens.

- Identificar a emergência da figura repórter no jornalismo e as diferentes noções para definir reportagem e repórter na trajetória histórica do jornalismo.
- Compreender as especificidades da prática de “repórteres especiais” e suas contribuições para pensar o fazer jornalístico.
- Explicitar os processos envolvidos, etapas e passos metodológicos envolvidos em todo o percurso da produção da reportagem a partir da prática desses repórteres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos elencados envolvem constrangimento, cansaço ou aborrecimento por ter que responder as perguntas da entrevista. Os pesquisadores assinalam que o risco de quebra de sigilo e privacidade também é alto pelo fato de que os participantes serem todos de uma mesma instituição. Inicialmente, pretendem divulgar o nome do jornalista entrevistado e ressaltam, no TCLE, que tal divulgação somente será feita com a expressão autorização registrada no TCLE em campo específico. Quanto aos benefícios, os pesquisadores ressaltam que a pesquisa pretende contribuir para o estudo da metodologia da reportagem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não Há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram devidamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os pesquisadores atenderam à solicitação do parecer anterior em relação à apresentação do roteiro de entrevista. Ressalta-se o zelo dos pesquisadores ao explicitarem em detalhes a técnica de entrevista a ser realizada, bem como fundamentarem teoricamente a justificativa, além de apresentarem a questão norteadora.

Portanto, somos pela aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	14/11/2019		Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.729.566

Básicas do Projeto	ETO_1449151.pdf	15:33:02		Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.pdf	14/11/2019 15:31:15	MAGALI MOSER	Aceito
Outros	Resposta_as_pendencias.pdf	14/11/2019 15:29:26	MAGALI MOSER	Aceito
Orçamento	orcamento.doc	08/10/2019 15:45:48	MAGALI MOSER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEDoutorado.pdf	08/10/2019 15:41:47	MAGALI MOSER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEPSH.pdf	08/10/2019 15:40:40	MAGALI MOSER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Autorizacao.pdf	08/10/2019 15:39:42	MAGALI MOSER	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostocomassinaturas.pdf	08/10/2019 15:36:04	MAGALI MOSER	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 27 de Novembro de 2019

Assinado por:
Maria Luiza Bazzo
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO D – Registros de repercussões midiáticas sobre o programa “Profissão Repórter”

Figura 10 – Registro sobre o programa Profissão Repórter no Jornal do Brasil em 11 de novembro de 2007



Fonte: Jornal do Brasil (11 nov. 2007)

Figura 11 – Registro sobre o programa Profissão Repórter no Jornal do Brasil em 11 de novembro de 2007

<p>Um quadro do <i>Fantástico</i> nasceu pequeno, cresceu rápido e já alçou vãos independentes. <i>Profissão repórter</i>, comandado pelo experiente jornalista da Rede Globo Caco Barcellos, tem o formato que resgata as grandes reportagens da TV. Autor de três livros – <i>Rota 66</i> (oito prêmios de direitos humanos), <i>Polícia militar de São Paulo</i> e <i>Abusado, o dono do Morro Dona Marta</i> – Caco teve a idéia de reunir 16 jovens, que passaram pelo estágio da emissora. Eles foram divididos em três equipes que apuram o mesmo assunto, com ângulos diferentes. O entusiasmo de todos é grande e, em cada etapa do programa, pode-se ver o <i>making of</i> do trabalho.</p> <p>“Um jornalista experiente nem sempre se surpreende em um julgamento, por exemplo. Com uma turma jovem, re-</p>	<p>que trabalha em uma redação separada da redação-cenário do <i>Jornal da Globo</i>, em São Paulo.</p> <p>Além dos 36 minutos semanais no <i>Fantástico</i>, a turma prepara especiais para o <i>Limba direta</i>, muito elogiado. O próximo vai ao ar no dia 13 de dezembro. Ao contrário do que acontece no corre-corre da TV, todos se envolvem na pauta, produção, gravação, como cinegrafistas e repórteres e, depois, na edição.</p> <p>“Quase sempre focamos no trabalhador brasileiro, sua vida e trabalho. Nosso objetivo é que eles tenham uma vida melhor”, resume Caco, que recebeu, em nome dos repórteres, o V Prêmio Jovem Brasileiro. Uma das reportagens mais importantes do <i>Profissão repórter</i> foi sobre um acidente de carro na Lagoa, no ano passado, e que levou à morte cinco jovens. A cobertura da maior tragédia da história</p>	<p>junho, e a que revelou a morte por exaustão dos bóias-frias, nas usinas de álcool e açúcar em São Paulo, também chamaram a atenção. Semana passada, os repórteres Felipe Gutierrez e Caio Cavenchini foram até o interior do Piauí para mostrar a seca no país, que já atinge 400 municípios. O sacrifício para conseguir uma lata d’água pretende fazer o grande público refletir sobre o país.</p> <p>Caco reitera que as reportagens não devem polemizar nem ser levianas. “Nunca fizemos acusações sem provas contundentes. Quando a reportagem envolve danos à honra de alguém, não podemos gerar polêmicas baseados apenas em entrevistas, declarações. Por isso, tem sido raro produzirmos matérias de denúncia”, afirma o jornalista.</p>
--	---	--

Fonte: Jornal do Brasil (11 nov. 2007)

Figura 12 – Repercussão em torno da estreia do programa, em 2006, no Correio Braziliense

TELEJORNALISMO
CACO BARCELLOS COMANDA O QUADRO **PROFISSÃO: REPÓRTER**, QUE ESTRÉIA HOJE NO **FANTÁSTICO**, MOSTRANDO OS BASTIDORES DA NOTÍCIA

PASSO A PASSO

MARIANA TRIGO
TV PRESS

Os bastidores da notícia viraram a pauta do dia. Principalmente a notícia que pode ser vista e des-
tinchada por diversos ângulos. É isso o que mostra **Profissão: repórter**, que estréia hoje no **Fantástico**. Comandado por Caco Barcellos, o quadro apresenta uma equipe de oito focas – como são chamados os jornalistas iniciantes – participando de todas as etapas da notícia na tevê, da sugestão de pauta à edição da matéria. “A estrela do programa é a reportagem, seus dramas, seus conflitos e os nossos erros. Isso nunca foi visto na televisão”, afirma Caco. “Será uma espécie de reality show sem eliminação e sem prêmios”, compara o diretor Marcel Souto Maior.

Felipe Gutierrez, William Santos, Caio Cavechini, Nádia Bochi, Júlia Bandeira, Ana Paula Santos, Nathalia Fernandes e Juliana Maciel, jornalistas em torno dos 25 anos, foram selecionados entre quase 9 mil candidatos, que se inscreveram para um programa de estágio da emissora. Segundo Marcel, o objetivo era reunir jornalistas sem experiência em televisão, com estilos de vida e experiências diversificadas. “Tem gente que estagiou nos Estados Unidos e outros que fizeram estágio no interior de São Paulo. Alguns são da periferia, outros de classe alta, do Rio e São Paulo”, descreve o diretor. “Tomara que o público se identifique com essa equipe. Minha intenção é apresentar novos caminhos para a reportagem”, complementa Caco, que há quatro anos sonhava com um projeto nesse formato.

Na verdade, o caminho do profissional de tevê no país segue para a multiplicidade de funções. “É um processo natural mesmo. Não queremos um repórter que não saiba produzir uma matéria, buscar um personagem”, diz Marcel. “Para mostrar esse novo perfil de jornalista, tivemos de confiar o quadro a um profissional respeitado como o Caco, que nos mostrou como é interessante mostrar os nossos bastidores para o público”, elogia Luiz Nascimento, diretor do **Fantástico**.
Patrícia Carvalho, editora do **Jornal da Globo**, de São Paulo, é a editora de texto do **Profissão: repórter** e participa do quadro desde a gravação do piloto. “Acho que o programa vai desconstruir a narrativa da reportagem e mostrar o ponto de vista de vários repórteres sobre o mesmo assunto na mesma pauta”, analisa a editora. “Vou sempre estar no local da notícia. Precisamos estar no cenário real do jornalismo”, entusiasma-se Caco. A equipe já gravou em São Paulo, Brasília e Maranhão.

OITO JORNALISTAS DE PERFIS VARIADOS FORAM ESCOLHIDOS PARA O PROJETO, IDÉIA ANTIGA DE CACO BARCELLOS (À FRENTE)



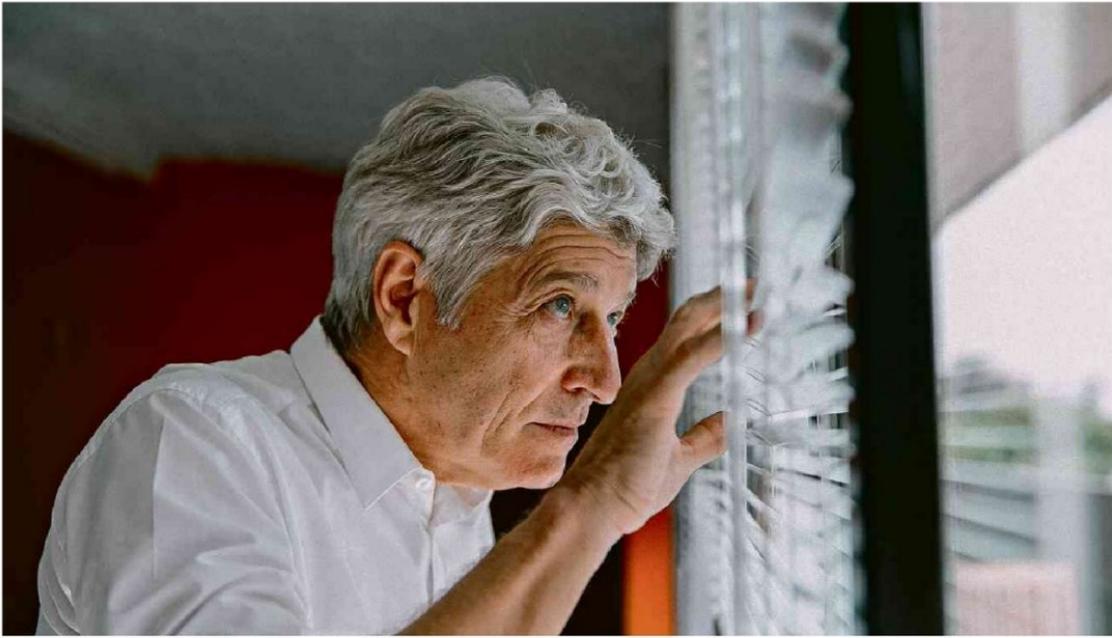
Fonte: Correio Braziliense (2006)

Figura 13 – Entrevista de Caco Barcellos para Mônica Bergamo em 29 de abril de 2018

C2 DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 2018 FOLHA DE S.PAULO ***

ilustrada

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br



O repórter na sede da produtora Boutique Filmes, com a qual trabalha em longa-metragem Gabriel Cabral/Folhapress

Caco Barcellos

Violência não é contra bandidos, mas contra os pobres

'Rota 66', livro do jornalista sobre brutalidade da polícia, será transformado em filme; 'Elites da sociedade organizada matam junto', afirma ele

João Carneiro

Caco Barcellos acena com a cabeça para responder que sim, ele já pensou em desistir de ser repórter.

"Eu fico indignado com a nossa pouca importância. A gente não representa nada. Representamos muito pouco em relação ao conjunto", explica ele. "Você não vai acreditar, mas é a absoluta verdade: eu achava que por meio da minha pesquisa eles iriam parar de matar. Eu tinha essa ingenuidade."

O jornalista se refere ao premiado livro "Rota 66 - A História da Polícia que Mata", lançado por ele em 1991, que revelou um grande número de assassinatos cometidos por membros das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota), grupo de elite da Polícia Militar de São Paulo.

A obra servirá de referência para um longa-metragem que começará a ser filmado neste ano. A trama, com um protagonista livremente inspirado em Caco, mostrará os passos de sua investigação sobre a atuação dos policiais. A produção é da Boutique Filmes.

Ele conta que se tornou jornalista por "muita sorte". Estudava para ser engenheiro, em Porto Alegre, quando se interessou na produção de um jornal do centro academi-

co do curso. "E os únicos que topavam fazer o jornal foram um grupo de hippies da universidade. No primeiro mês, já estava morando com eles e fazendo, na verdade, um jornal para a comunidade hippie", conta, rindo.

Mais tarde, um jornalista que viu a publicação o convidou para um estágio na redação de um diário da cidade, e Caco mudou de curso para seguir a carreira. Em 1982, entraria na Globo, onde hoje comanda o Profissão Repórter, programa de jornalismo investigativo com profissionais recém-formados. Ele agora vive em São Paulo.

Caco diz que concorda parcialmente com a afirmação, feita pelo jornalista Narciso Kallina apresentação de "Rota 66", de que ele seria um re-

pórter "que tem lado" - o "dos mais fracos, o das vítimas". "Acho que é dever do repórter estar sempre retratando o universo da maioria, e não o das minorias. Não é o que se vê, mas acho que é o nosso papel", afirma.

"Se eu estivesse morando na Suíça, eu tinha que estar mostrando o universo dos Jardins todo dia. Mas a gente mora numa grande Etiópia de mais de 100 milhões de pessoas pobres e miseráveis. E acho que eles têm que ter uma voz mais ativa, um retrato mais forte que as minorias que não passam de 1% da sociedade brasileira."

A relação de Caco com a polícia começou cedo. Em um capítulo do livro, ele narra sua própria fuga de uma viatura no bairro periférico em que

morava, em Porto Alegre. "Nada fiz de errado, mas sei que devo fugir", diz um trecho. "Antes de ser profissional, a informação batia na minha cara, no meu corpo, no dos meus amigos", comenta.

"Desde que eu comecei a ler, fui um admirador dos escritores que tinham uma vida intensa fora da atividade intelectual. Que levavam para as páginas de seu romance de não ficção o que viveram na pele. Por exemplo, Jack London, [Ernest] Hemingway. Talvez por influência deles, depois que virei repórter, fiquei tratando de estar muito perto dos acontecimentos."

A intenção inicial de Caco em "Rota 66" era demonstrar "o absurdo que é um país contrário à pena de morte praticada a cotidianamente contra

bandidos". Ele diz que ficou "extremamente assustado" ao constatar, após sete anos de investigação, que a violência se dava "não contra os bandidos, mas contra os pobres".

O jornalista conta que 63% das pessoas mortas que contabilizou nunca haviam cometido crime. "Estavam mortos, desqualificados moralmente pela imprensa. As famílias ofendidas pelo Estado, e a imprensa reproduz aquilo que o Estado diz", afirma. "Infelizmente, na área de segurança pública, o Estado brasileiro é inimigo dos mais pobres."

Ele critica os repórteres que reproduzem, sem apuração, as versões da polícia sobre supostos crimes. "Quem é o jornalista pra dizer que alguém é bandido? Que pretensão é essa? Que arrogância é essa? Não foi no local e chama: 'Bandido!'. É relato do coronel. Você não é coronel! Se quer fazer esse relato, que tire o microfone e pegue numa arma."

O Brasil, diz Caco, não tem pena de morte apenas "entre aspas". "É um Estado que não dá o menor respeito ao suspeito de algum ilícito. Antes da investigação, mata. E sempre diz: legítima defesa. Legítima defesa. E o Judiciário mata junto, o Ministério Público mata junto quando nem sequer investiga a maioria desses crimes. Arquivo. Arquivo. Arquivo. Milhares de vezes por ano."

"Claro que [a impunidade] contribui com a mentalidade corporativa, orientada pelos coronéis que dizem 'Mata, que tem tudo a nosso favor'. Quando eu falo do Estado, não tô querendo só apontar a polícia como sendo a filosofia da execução. Acho que as elites da sociedade organizada matam junto, nesse sentido figurado."

Caco faz questão de pontuar, em duas ocasiões da entrevista, que os autores de assassinatos na polícia são uma minoria e afirma que é "radicalmente defensor dos policiais corretos". "É uma sacanagem ficar acusando a polícia.

É um sistema que envolve todo mundo", afirma.

"Tem muita gente bacana atuando. [Também] no Ministério Público, juizes. Mas tem juizes como aquela do Rio de Janeiro que fez aquela desqualificação moral da Marielle Franco [referindo-se à desembargadora Mariella Castro Neves, que disse que a vereadora estava "engajada com bandidos"]. Olha o nível de uma mulher como essa! Vai ver o trabalho dela, como é que ela faz a caneta dela. Explica muito coisa."

Ele evita responder perguntas sobre a intervenção federal no Rio de Janeiro e o assassinato da parlamentar, dizendo que está trabalhando nos temas para a Globo. Afirma, porém, que a morte de Marielle faz parte "desse cenário de cultura da violência", e que o fenômeno da desmoralização de sua imagem após o ocorrido é "típico do matador".

Diz também que não consegue opinar sobre a prisão e posterior soltura, na quarta (25), de 137 supostos membros da milícia carioca, porque não investigou os fatos. "Eu não quero me misturar com opinião", diz ele em outro momento. "Se eu tenho alguma importância, é o que eu faço [jornalismo noticioso]."

"Uma vez, uma TV me convidou pra ser apresentador de um programa. Falei: 'Cara, como é que você me convidou pra ser apresentador? Não posso dizer que eu seja um grande repórter, mas não estou entre os piores. Agora, como apresentador, com certeza eu tô entre os piores!", diz. "Eu adoro a rua, e tem gente sabida dando opinião demais, e meus na reportagem."

Aos 68 anos, Caco continua fazendo matérias em condições adversas. Recentemente, viajava para o México para acompanhar, sob o sol, o périplo de imigrantes que tentam cruzar a fronteira americana - ele conta que as experiências são "uma alta diversão". "Eu não quero perder aquela chance de estar lá", diz.



Caco em sessão de autógrafos da obra, em 1991. Arquivo Pessoal

“Quem é o jornalista pra dizer que alguém é bandido? Que pretensão é essa? Não foi no local e chama: 'Bandido!'. É relato do coronel. Se quer fazer esse relato, que tire o microfone e pegue numa arma

Fonte: Folha de S. Paulo (29 abr. 2018)